UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RACHEL BARBOSA POLTRONIERI FLORENCE

MEDALHISTAS DE OURO NAS PARAOLIMPÍADAS DE ATENAS 2004:
reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado.

Campinas
2009

RACHEL BARBOSA POLTRONIERI FLORENCE

MEDALHISTAS DE OURO NAS PARAOLIMPÍADAS DE ATENAS 2004: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado.

Tese de doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientador: Paulo Ferreira de Araújo

Campinas
2009

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

F662m

Florence, Rachel Barbosa Poltronieri.
Medalhistas de ouro nas Paraolimpíadas de Atenas 2004: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado / Rachel Barbosa Poltronieri Florence. - Campinas, SP: [s.n], 2009.

Orientador: Paulo Ferreira de Araújo.
Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Esportes. 2. Esporte adaptado. 3. Educação física. 4. Jogos paraolímpicos. 5. Atenas. I. Araújo, Paulo Ferreira de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: Gold medal paralympic in the Athens 2004: reflections of their careers in adapted sport.
Palavras-chaves em inglês (Keywords): Sport. Adapted Sport. Physical Education. Paralympic Games. Athens 2004.
Área de Concentração: Atividade Física Adaptada.
Titulacão: Doutorado em Educacão Física.

RACHEL BARBOSA POLTRONIERI FLORENCE

MEDALHISTAS DE OURO NAS PARAOLIMPÍADAS DE ATENAS 2004:
reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de doutorado defendida por nome do autor e aprovada pela Comissão julgadora em: 28/05/2009.

Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo
Orientador

Campinas
2009

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo
Orientador

Profª. Drª. Beleni Salete Grando
Membro Titular

Profª. Drª. Marli Nabeiro
Membro Titular

Profª. Drª. Vera Aparecida Madruga
Membro Titular

Prof. Dr. José Luiz Rodrigues
Membro Titular

Dedicatória

Dedico com muito carinho,

Aos meus pais, Antonio Carlos e Maria José, com quem aprendi que o verdadeiro sentido da vida, para ser feliz, consiste em valorizar cada momento como único e principal e que para amar não existe tempo e nem distância! Obrigada por sempre guiarem meus passos com sabedoria e amor, tornando-me a pessoa que sou. Amo vocês!

À minha querida e amada "mana" Cláudia, pela nossa união e cumplicidade! Amo você!

Ao meu iluminado irmão Fábio, por sua sensibilidade e carinho, é um privilégio que me foi concedido por Deus nesta vida ser sua irmã! Amo você!

Ao meu marido, João Carlos, meu companheiro, amigo e amante, pelo carinho e compreensão nas minhas ausências e por me entender tão bem! Amo você!

A Deus, pela oportunidade da vida!

Agradecimentos

A todas estas pessoas, que de alguma forma ou momentos, contribuíram para esta fase de minha vida, faço meus agradecimentos:

À Profa. Dra.Vera Aparecida Madruga (pela convivência e pelo conhecimento na graduação e pós-graduação), à Profa. Dra. Beleni Salete Grando (a quem tive o privilégio de conhecer e me beneficiar este trabalho através de suas valiosas considerações), ao querido Prof. Dr. José Luiz Rodrigues (nestes 21 anos da Faculdade de Educação Física sempre presente com sua sabedoria e bom humor, admiro-o por seu caráter, profissionalismo e obrigada pela amizade) e Profa. Dra. Marli Nabeiro (pela realização e prazer em tê-la fazendo parte deste grande momento de minha vida), esta Banca Examinadora que tanto contribuiu com as valorosas orientações de forma a tornar este trabalho especial!;

Aos amigos, colegas e professores da Faculdade de Educação Física que sempre me acolheram tão bem, meu carinho e gratidão!;

Aos funcionários da Faculdade de Educação Física por sempre me receberem com carinho e atenção, em especial à Taninha, à Maria e a Simone da Pós-Graduação, ao Paulo do setor audiovisual, à Dulce da Biblioteca!;

A todos os professores das disciplinas do programa de doutorado que contribuíram com seus conhecimentos para a elaboração deste trabalho!;

À Profa. Dra.Maria da Conceição G. Cunha F. Tavares, pela convivência enriquecedora durante a disciplina “Atividade Física e Adaptação”!;

Aos alunos, professores e funcionários do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino de São João da Boa Vista – UNIFAE pela prazerosa e rica convivência durante parte deste processo, vocês foram muito importantes na minha vida!. Meu abraço especial à Célia, à Madalena e a à Sonia. Com muito carinho aos professores do curso de Educação Física; à rica aprendizagem que tive com a querida professora Rosa Helena Carvalho Serrano!;

Ao apoio e confiança que recebi do Reitor Professor Valdemir Samonetto durante minha permanência no UNIFAE;

Ao apoio, amizade e confiança que recebi do Vice-Reitor do UNIFAE, Professor Luiz Antonio de Souza;

Ao Centro Arco-Íris de Reabilitação Alternativa (CAIRA) através da professora Iara, pela valiosa colaboração na aplicação de questionários no momento da elaboração do instrumento;

Ao Instituto Sul Mato-Grossense para Cegos "Florivaldo Vargas" – ISMAC – Educação – Assistência e Trabalho, do município de Campo Grande-MS, através do presidente Geremias, pela atenção e gentileza na transcrição do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em Braille;

À Julia Cenzi, da Vídeo Artesanal, pela valiosa contribuição e prontidão auxiliando-me no contato com os atletas para a realização das entrevistas;

À assessora Cecília Kayo, pelo apoio na realização da entrevista com o atleta A18;

À Camila Cardoso da Hesse Comunicação LTDA, por apoiar e viabilizar entrevista com o atleta A9;

À Camila Benn, assessora de Marketing e Comunicação e ao Felipe Machado Costa Ernest Dias do Comitê Paraolímpico Brasileiro, pela gentileza e atenção das informações prestadas;

Ao técnico do time de Futebol de Cinco, Roderley Ferreira pela pronta atenção possibilitando as entrevistas com os atletas;

Em especial a todos os atletas que gentilmente cederam espaço em suas agendas me recebendo para as entrevistas com muito carinho e atenção, sem vocês este trabalho não seria possível, foi uma experiência única e um privilégio estar com cada um e conhecer um pouco sobre a vida de vocês. Cada entrevista foi única e especial! Muito obrigada!

Aos familiares dos atletas que me receberam com tanto carinho em suas casas, proporcionando-me tanta alegria e descontração para que as entrevistas pudessem se realizar de forma tão especial!

Aos amigos Luiz Seabra Junior, Marina Brasiliano, Moisés Lopes Sanches Júnior pelos momentos de apoio e contribuição acompanhados de carinho!;

À queridíssima Josiane Filus pelo constante sorriso na disponibilidade e auxílio nas transcrições das entrevistas e no pronto atendimento aos meus "socorros"!;

Aos familiares dos atletas que me receberam com tanto carinho em suas casas, proporcionando-me tanta alegria e descontração para que as entrevistas pudessem se realizar de forma tão especial!

Aos amigos Luiz Seabra Junior, Marina Brasiliano, Moisés Lopes Sanches Júnior pelos momentos de apoio e contribuição acompanhados de carinho!;

À queridíssima Josiane Filus pelo constante sorriso na disponibilidade e auxílio nas transcrições das entrevistas e no pronto atendimento aos meus "socorros"!;

À amiga Rita de Fátima da Silva, tão especial pra mim, por compartilhar amizade, conhecimento, generosidade e carinho, mesmo com a distância, obrigada pelas nossas conversas, pelo seu apoio e por ser um ser humano tão verdadeiramente leal!

Ao Dr. Anízio Bispo dos Santos e ao Dr. Miguel Vieira da Silva, da Procuradoria-Geral de Justiça do Estado de Mato Grosso do Sul, por sempre acreditarem na minha capacidade, acolhendo-me, oportunizando-me trabalho, valorizando-me, além de possibilitarem minhas ausências para a realização deste projeto!;

À Dra. Maria do Socorro Hozano de Souza da Procuradoria-Geral de Justiça do Estado de Mato Grosso do Sul, pelo apoio, compreensão e carinho, proporcionando minhas ausências!;

À Carol, da Fundação Escola Superior do Ministério Público de Mato Grosso do Sul, pela gostosa convivência e apoio durante parte deste processo!;

A todos os amigos da Procuradoria-Geral de Justiça do Estado de Mato Grosso do Sul, à Marilda, Fernanda, Cris, Tatiana e a Regina Célia, pelo acolhimento, em especial à Magaly, pelo carinho, compreensão e apoio nas nossas conversas e nos momentos saborosos do "café"!;

A todos os amigos da Procuradoria-Geral de Justiça do Estado de Mato Grosso do Sul, à Marilda, Fernanda, Cris, Tatiana e a Regina Célia, pelo acolhimento, em especial à Magaly, pelo carinho, compreensão e apoio nas nossas conversas e nos momentos saborosos do "café"!;

Aos meus amados "filhos" sobrinhos Camila e Rodrigo por me fazerem sentir uma "tia" muito feliz!

À Dona Irene pelas palavras de força e valorização deste trabalho!;

Aos meus enteados Fausto (pelo carinho e compreensão nos momentos de minhas ausências) Bruno e Luíza, por fazerem parte de minha vida!;

Ao meu cunhado Cláudio por entrar na nossa família de maneira tão serena!;

À Nelci, pela convivência acompanhada de carinho, fé e dedicação, proporcionando-me paz para que eu pudesse escrever e me ausentar!;

À minha madrinha, Tia Cida, por sempre me abençoar!;

À minha prima Vera, pelo colo, carinho e fortes abraços!;

À minha cunhada Cléa Áurea pelas palavras de otimismo, carinho e apoio na minha vida pessoal e profissional, você é muito, mas muito especial na minha vida!;

À minha "sobrinha de coração" Carla Daniela, pois você sabe que "titia" adora você";

Ao Ruy Celso e Sonia pelas conversas acompanhadas de carinho e compreensão!;

Aos meus cães Black José, Chico Luís, Elvis Antonio, Sweet Cristina e Branca Maria, pela companhia e carinho durante minhas jornadas madrugada adentro escrevendo este trabalho!;

E a todo leitor que porventura destinar parte de seu tempo para a leitura deste trabalho, que este lhe possa ser útil, afinal esta é a sua razão de ser!.

Agradecimento Especial

“O criador, tendo encerrado Sua exaustiva tarefa de moldar cada criatura de acordo com o modo como deveriam viver na Terra, chamou-as e explicou-lhes como agir nas suas novas moradas. A uma dotou de aguda visão e belas plumagens, a outra de poderosas garras; uma terceira usaria a velocidade para conquistar seu alimento diário, ao passo que um pequeno réptil seria capaz de se ocultar dos mais hábeis predadores. E assim, uma a uma, cada criatura foi recebendo seus legados naturais, que garantiriam sua sobrevivência, desde que nunca saíssem das regiões para elas designadas.

Uma dessas criaturas, no entanto, não recebeu nenhuma habilidade especial: não seria veloz, forte ou especialmente dotada de audição. Além disso, não lhe seria reservada na Terra qualquer região privilegiada para habitar. Somente um recurso particular lhe seria atribuído: seria capaz de aprender. Chegando ao mundo, todas as coisas lhe seriam desconhecidas, de tal maneira que tudo ela teria de aprender. Essa seria sua provação: sobreviver dependeria de aprender.

O tempo passou e a natureza na Terra mostrou-se muito rigorosa.

Quase todas as criaturas falharam na utilização de suas habilidades e desapareceram, substituídas por outras mais preparadas; ou porque mudou a natureza onde habitavam ou porque falhou o uso da habilidade em um determinado momento. A criatura, essa que não possuía nenhuma habilidade especial, aparentemente a menos dotada de todas, conseguiu sobreviver. É certo que chegou na Terra depois das outras, há pouco tempo, não mais do que 3 milhões de anos, mas tem aprendido razoavelmente a dar conta das novas situações que encontra a todo instante.

Agarrou-se tão fortemente a sua chance que nada a preocupa mais do que aprender. Tornou-se, essa criatura humana, por excelência, um aprendiz. E foi assim, com essa preocupação de ter de aprender a cada momento para garantir sua permanência neste mundo, que surgiu a pedagogia, a técnica e a arte de aprender e de ensinar, que leva cada criatura a transformar-se permanentemente. ”(Prefácio João Batista Freire in SCAGLIA, 2003, p. 7-8).

Desde a primeira vez que li este Prefácio maravilhoso escrito pelo querido João Batista Freire na obra de Scaglia (1989) não resisti em tomar-lhe as palavras emprestadas para expressar meu orgulho de ser professora, não somente pelo privilégio que me foi concedido de ensinar, mas sim

em **como** posso ensinar. E mais do que ensinar, sinto-me cada vez mais realizada pela capacidade de aprender. E foi essa capacidade de aprender que estimulou-me a realizar este trabalho. Durante o desenvolvimento deste, cada momento foi marcado de muita luta e principalmente aprendizagem; a cada entrevista realizada, era uma nova história de vida repleta de surpresas, alegrias e principalmente emoções. Foi com cada atleta entrevistado que realmente aprendi que a vida cada vez mais vale a pena e que com ela ainda tenho muito mais a aprender para continuar a ensinar.

Por isso registro aqui, minha gratidão, carinho e amizade ao meu querido orientador Paulo Ferreira de Araújo que sempre acreditou na minha capacidade de aprender e que sempre foi meu exemplo de como ensinar. Paulinho, forma carinhosa com que sempre o chamei nunca se furtou em preocupar-se para que eu aprendesse e dessa forma tivesse minha garantia de permanência no mundo. Competência, sabedoria e sensibilidade juntas, são habilidades que nem todas as criaturas humanas são dotadas, mas que por minha sorte, o destino fez com que elas me fossem apresentadas por você, meu amigo, professor e orientador nestes meus 21 anos de FEF! Obrigada Paulinho!

“A gente pode morar numa casa mais ou menos,
numa rua mais ou menos,
numa cidade mais ou menos,
e até ter um governo mais ou menos.
A gente pode dormir numa cama mais ou menos,
Comer um feijão mais ou menos,
Ter um transporte mais ou menos,
E até ser obrigado a acreditar mais ou menos no futuro.

A gente pode olhar em volta e sentir que tudo está mais ou menos...
TUDO BEM!

O que a gente não pode mesmo,
Nunca, de jeito nenhum...
É amar mais ou menos,
Sonhar mais ou menos,
Ser amigo mais ou menos,
Namorar mais ou menos,
Ter fé mais ou menos,
E acreditar mais ou menos.

Senão, a gente corre
O risco de se tornar
Uma pessoa mais ou menos”.
(Chico Xavier)

FLORENCE, Rachel Barbosa Poltronieri. **MEDALHISTAS DE OURO NAS PARAOLIMPÍADAS DE ATENAS 2004:** reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESUMO

As possibilidades de discutir o desporto praticado pelas pessoas em condições de deficiência são inúmeras: rendimento diante das possibilidades agregadas com a sistematização de propostas adequadas através do deporto; os ganhos com as adaptações e inovações metodológicas; a adequação de material; possibilidades pedagógicas; os recursos tecnológicos como forma de maximizar as possibilidades; as inúmeras possibilidades mediadas pelos diferentes métodos de avaliações. Neste contexto a percepção de ganhos com a prática do desporto está presente no campo da saúde, social, político, além dos aspectos relacionados ao crescimento de pessoas a partir da ampliação de participação na sociedade. O presente trabalho justifica-se pelo envolvimento pessoal da pesquisadora, em relação à contribuição para a área da Educação Física Adaptada e para a pessoa em condição de deficiência. Objetivou-se investigar as particularidades ocorridas durante a trajetória dos atletas de ouro nas Paraolimpíadas de Atenas 2004 e as percepções sobre o sucesso dos sujeitos envolvidos: foram dezoito atletas em condições de deficiência visual e física, e dois atletas não deficientes, nas modalidades do judô, futebol de cinco, natação e atletismo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso descritivo cuja técnica para coleta de dados utilizou-se a entrevista semi-estruturada com êxito na sua aplicação de 100% da amostra, em seis Estados brasileiros, a saber: Paraná, Santa Catarina, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Utilizou-se a Análise de Conteúdo como forma de análise dos textos observados através dos recortes das entrevistas, nas categorias: I. A trajetória dos atletas no segmento escolar, II. A participação dos atletas nas aulas de Educação Física Escolar, III. O envolvimento com o desporto adaptado, IV. O olhar da mídia, V. O apoio familiar, VI. A importância do apoio financeiro e VII. As possíveis contribuições para com o desporto adaptado. Desta forma, concluímos que a prática desportiva pelas pessoas em condições de deficiência adquirida tem sua iniciação, em sua grande maioria, dentro de um contexto de (re)construção de vida, ou seja, após tornarem estáveis as alterações decorrentes da deficiência nos níveis orgânicos e/ou psicológicos. É neste momento que o desporto adaptado ganha importância na vida destas pessoas, com a conquista da segurança, a recuperação da auto-estima, a ampliação das oportunidades e as percepções de potenciais, seja no campo social, nos benefícios orgânicos, nos benefícios familiares, nos benefícios sociais e nos benefícios financeiros.

Palavras-chave: Desporto. Desporto Adaptado. Educação Física. Paraolimpíadas. Atenas 2004.

FLORENCE, Rachel Barbosa Poltronieri. **GOLD MEDAL PARALYMPIC IN THE ATHENS 2004**: reflections of their careers in adapted sport. Thesis (Ph.D. in Physical Education), Faculty of Physical Education. State University of Campinas, Campinas, 2009.

ABSTRACT

Discuss the possibilities of the sport practiced by people in conditions of deficiency are numerous: income in front of possibilities combined with the systematization of proposals through Sport, the earnings for adjustments and methodological innovations, the adequacy of equipment, educational opportunities, resources technology as a way to maximize the possibilities, the endless possibilities mediated by the different methods of assessments. In this context the perception of gains to sport is present in health, social, and political aspects than the growth of people from the expansion of participation in society. This work is justified by the personal involvement of the researcher, for contribution to the field of Adapted Physical Education and the person on condition of disability. The objective was to investigate the features during the course of athletes from skateboarding gold in Athens 2004 and the perceptions about the success of the individuals involved: eighteen athletes were able to visually and physically, and two non-disabled athletes, in terms of judo , of five football, swimming and athletics. Thus, a type of qualitative research case study describing their technique for data collection using the semi-structured in its successful implementation of 100% of the sample in six Brazilian states, namely: Paraná, Santa Catarina, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro and Minas Gerais. Using the Content Analysis as a way of analyzing the texts seen through the clippings of interviews in the categories: I. The trajectory of the athletes in the school segment, II. The participation of athletes in the classes of Physical Education School, III. The involvement with the sport adapted, IV. The gaze of the media, V. The family support, VI. The importance of financial support and VII. Possible contributions to the sport adapted. Thus, we conclude that the sport by people in terms of disability has gained its start, in most, within a context of (re) construction of life, or become stable after the changes in levels of disability resulting from organic and / or psychological. It is now appropriate that the sport gained importance in the lives of these people, with the achievement of security, the restoration of self-esteem, the expansion of opportunities and perceptions of potential, whether in the social field in organic benefits in family benefits, in social benefits and financial benefits.

Key-words: Sport. Adapted Sport. Physical Education. Paralympic Games. Athens 2004.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FEF	Faculdade de Educação Física
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 31
2 CAMINHANDO PELA LITERATURA..... 37
3 EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES NO BRASIL..... 45
3.1 Educação Física e Esportes no Brasil: entendendo esta história..... 53
4 EDUCAÇÃO FÍSICA MEDIANTE AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS..... 61
5 FOCALIZANDO O DESPORTO ADAPTADO..... 79
6 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA..... 97
6.1 O contexto da pesquisa..... 97
6.2 O percurso escolhido para a realização da pesquisa de campo..... 99
6.3 A elaboração do instrumento..... 101
6.4 A exposição da coleta de dados..... 108
6.5 A análise de conteúdo..... 109
7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... 113
8 DISCUSSÃO DOS DADOS..... 157
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 175
REFERÊNCIAS..... 183
APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA..... 189
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... 193
APÊNDICE C: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA..... 195
APÊNDICE D: TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DAS ENTREVISTAS..... 197

Capítulo I

1 INTRODUÇÃO

Os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos se caracterizam por serem os maiores eventos esportivos que reúnem os melhores atletas do mundo, numa esfera de confraternização entre os países e que ocorrem a cada quatro anos. São estes grandes eventos que refletem o desenvolvimento do Desporto Moderno considerado como um fenômeno multifacetado cuja abrangência e visibilidade alcançam dimensão mundial.

Conferiu-se ao Desporto Moderno uma forma especial de competição que surgiu na Inglaterra e se difundiu até os Estados Unidos e a partir daí para a Europa Ocidental e por todo o planeta, graças às iniciativas do pedagogo e esportista francês Pierre Fredy, o Barão de Coubertin (1863-1937), que foram fundamentais para o processo de universalização da instituição esportiva produzindo desta forma o ressurgimento dos Jogos Olímpicos e conseqüentemente da criação do Comitê Olímpico Internacional (COI) no ano de 1896. Foi ao final do século XIX que Coubertin ao identificar-se com os valores pedagógicos do desporto contidos no modelo educacional inglês, utilizou-os para atingir seus objetivos da competição, estabelecendo o *fair play* (jogo limpo).

Coubertin compartilhava da idéia de que o desporto promovia a paz e seus ideais olímpicos deveriam estar presentes em todos os atletas participantes dos Jogos Olímpicos. A proposta do *fair play* idealizada por Coubertin ao resgatar o espírito olímpico se modificou em razão da mudança de um novo modelo de esporte, de alto rendimento, sobre o qual também se formou uma nova ética.

A evolução e o desenvolvimento do Desporto Moderno também caminham ao lado de fatores positivos que buscam a inovação de tecnologias, do entendimento subjetivo do atleta e da busca de novas possibilidades pedagógicas por parte dos profissionais atuantes, pois entende-se que cada atleta deve ser visto como único, que traz consigo sua própria personalidade,

que possui diferentes características físicas, que vive em diferentes meios sociais e que possui intelectualidade própria, portanto, atletas diferem entre si.

Esta esfera de novas possibilidades proporciona ganhos aos atletas e a sociedade, nos campos da saúde, do mercado de trabalho e social.

A prática do Desporto Moderno se caracteriza por promover a comparação de resultados obtidos nas competições, quer sejam individuais ou coletivos; sendo instituído por um conjunto de regras devendo possibilitar a todos os participantes iguais condições de oportunidades para competir e vencer.

Para que possamos estudar o Desporto Adaptado, não podemos perder de vista o Desporto Moderno, uma vez que as experiências desportivas são premissas para a formação de atletas. Daí nossa preocupação em abordarmos o desporto enquanto um referencial maior e o desporto adaptado como parte integrante deste universo.

O Desporto Adaptado aqui presente pretende ser entendido como uma prática que oportuniza a pessoas com deficiência deslumbrar sobre novos horizontes e perspectivas de vida, nos campos da saúde, social e financeiro. O sucesso a ser alcançado numa grande competição, considerada como a maior meta de um atleta, a Paraolimpíada, requer a harmonia de um conjunto de fatores que devem estar presentes em sua vida. O êxito no Desporto Adaptado apresenta-se com uma configuração na maioria das vezes diferente do que ocorre no Desporto Convencional.

O treinamento, a perseverança, sacrifícios realizados, superação de desafios, motivação intrínseca, apoios e oportunidades são elementos fundamentais presentes para o sucesso do atleta no Desporto Adaptado. Não que estes fatores também não se façam presentes no Desporto Convencional mas, na vitória de atletas de uma Paraolimpíada, estas vertentes apresentam-se de forma mais intensa.

O tema pessoa em condição de deficiência e a prática de atividade física fez parte de minhas ações enquanto aluna de graduação no curso de Educação Física da Faculdade de Educação Física – FEF, da Unicamp, especificamente porque era monitora da disciplina Educação Física Adaptada e 3ª Idade participando de projetos de extensão da FEF em relação ao tema.

No início de minha atuação profissional em razão da minha participação nos projetos de extensão da FEF, pela minha percepção e interesse no assunto, fui convidada pelos professores do projeto extensão: Paulo Ferreira de Araújo, Maria Isabel Ferreira, José Luis

Rodrigues, Edison Duarte e José Julio de Almeida Gavião, a participar no projeto do Governo Estadual "Centro de Convivência e Desenvolvimento Humano" – Estação Especial da Lapa, no município de São Paulo-SP. O local era destinado a cursos profissionalizantes sendo que do total das vagas oferecidas, 70% era destinada a pessoas em condições de deficiências e 30% para não deficientes. A Estação da Lapa contava também com o chamado setor de esportes, local este em que eu trabalhava. Foi quando vislumbrei a possibilidade de um trabalho de inclusão na área da Educação Física, pois participavam de nossas aulas pessoas em condições de deficiência (deficientes físicos, deficientes visuais, deficientes auditivos e deficientes mentais e não deficientes).

Dando continuidade a minha trajetória dentro da área da Educação Física Adaptada, no Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – UNIFAE, uma autarquia municipal localizada no município de São João da Boa Vista-SP, deparei-me com o desafio de ser professora universitária e, feliz por estar participando e colaborando do processo de formação de professores de Educação Física, tive neste local, a oportunidade de ser coordenadora do curso de graduação em Educação Física. A troca de experiências, bem como a preocupação em desenvolver estratégias para capacitarmos nossos alunos foram pontos essenciais nas discussões e planejamento do projeto pedagógico junto ao grupo de professores e direção.

Foi quando então ao cursar Pedagogia e estudar a nova Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que trazia consigo a proposta da inclusão, que intriguei-me, afinal a minha história com pessoas em condições de deficiência não se deu somente no campo profissional, mas também no pessoal (tenho um irmão deficiente mental em decorrência de uma anoxia no parto). Fábio, meu irmão, é a riqueza da minha vida.

Assim, tendo minha vida acompanhada pela convivência com pessoas em condições de deficiências, decidi pela elaboração de um projeto que investigasse o estabelecido pela legislação brasileira em relação ao processo de inclusão e o que estaria sendo feito na prática, em relação às aulas de Educação Física, concretizando-se com a realização do mestrado sobre Educação Física e o processo de inclusão[1]. Com isso, percebi que o estudo não estaria encerrado, que buscaria outras indagações em relação à pessoa em condição de deficiência e a

[1] FLORENCE, R.B.P. **A Educação Física na rede pública no município de São João da Boa Vista-SP e o portador de necessidades especiais**: do direito ao alcance. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2002.

Educação Física. Foi após a realização das Paraolimpíadas de Atenas em 2004 que um novo ponto foi vislumbrado: o do desporto adaptado.

Grandes eventos como as Paraolimpíadas são marcados por três momentos: o antes, caracterizado pela preparação dos atletas para a obtenção de um índice que garanta sua classificação; condições, disciplina e motivação nos treinamentos; a possibilidade de apoios financeiro, social e familiar e a participação de profissionais capacitados. O segundo momento, constituído por todo universo da competição e sua infra-estrutura, além da troca de cultura entre os atletas dos diferentes países, sendo a fase de maior visibilidade, e o depois, o qual reflete em como fica a vida destes atletas após passarem pelo sucesso. Assim, somente após terem sido realizadas as Paraolimpíadas de Atenas 2004, seria possível visualizar estas três fases.

A idéia de desenvolver um trabalho de doutorado tendo o Desporto Adaptado como elemento central do estudo, apresenta-se com o objetivo de investigar as particularidades ocorridas durante a trajetória desportiva dos atletas de ouro em Atenas 2004 e as percepções sobre o sucesso dos sujeitos envolvidos, através das histórias de vida dos atletas que nos trouxeram um entendimento sobre em que contexto se deu esta inserção esportiva e o real significado desta na vida desses atletas. Foram vinte entrevistas em diferentes locais deste Brasil: Guarujá-SP, São Paulo-SP, Campinas-SP, Uberlândia-MG, Joinville-SC, Curitiba-PR, Recife-PE e Niterói-RJ.

A importância da realização deste estudo deve-se por três aspectos: primeiramente no que se refere ao interesse da pesquisadora, uma vez que o tema pessoa em condição de deficiência permeia a vida da mesma.

Também, o presente trabalho justifica-se para a área em questão, da Educação Física. Pretendeu-se elaborar um subsídio teórico que contribuísse para a formação de professores e demais profissionais.

Considera-se também relevante para o público em questão, as pessoas em condições de deficiência, o trabalho se justifica na pretensão de divulgar a importância das oportunidades, dos apoios necessários, do comprometimento de profissionais, do conhecimento e do caminho para a participação deste público nas modalidades esportivas. Enfim, da possibilidade de que esse conjunto de fatores, aliado ao sentimento de perseverança, de motivação e desafios, poderão ser superados levando-se em consideração a realidade brasileira.

Em relação aos objetivos específicos propusemos: contextualizar o desporto e o desporto adaptado na história, contextualizar as abordagens pedagógicas da educação física no ambiente escolar em relação à pessoa em condição de deficiência, analisar as categorias eleitas: caracterização, envolvimento com a modalidade, apoios e perspectivas. Através destes objetivos específicos pretendeu-se contemplar o objetivo geral. São estas ferramentas descritas que nos proporcionaram meios para compreender e analisar este processo.

Com o intuito de organizar este estudo sobre a construção do desporto adaptado de atletas medalhistas ouro das Paraolimpíadas de 2004, optamos pela divisão em seções, conforme orientações estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.

Partindo do ponto que a primeira seção refere-se a esta Introdução já considerada como parte textual, na segunda, realizamos um caminho pela literatura cujo enfoque foi o desporto de forma a contextualizarmos a temática, para então abordarmos na terceira seção, uma breve história sobre a Educação Física e Desporto enquanto sinalizadores para o caminho do desporto adaptado, e na quarta seção abordamos o nosso foco que foi o desporto adaptado.

Na quinta seção, destacamos as principais abordagens pedagógicas da educação física, os principais autores e suas propostas, e a relação das mesmas com a pessoa em condição de deficiência, como forma a compreendermos as contribuições das diferentes correntes teóricas no processo de busca pela identidade da educação física escolar.

A sexta seção do estudo ficou reservada para a descrição de todo o procedimento metodológico, bem como os caminhos percorridos para a realização da pesquisa de campo.

Na sétima seção, realizamos a apresentação e análise dos resultados da pesquisa de campo mediante as respostas obtidas através das entrevistas. A oitava seção foi destinada para a discussão dos resultados e seguidamente, na nona seção realizamos a apresentação das considerações finais.

Capítulo II

2 CAMINHANDO PELA LITERATURA

Esta seção pretende abordar alguns conceitos e legislações eleitos como representativos para comporem o subsídio teórico com o propósito de nos situarmos no decorrer da história. Para iniciarmos destacaremos o que estabelece a Carta Magna do Brasil, a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988 a qual estabelece através do Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção III – Do Desporto, o Art. 217 que caracteriza como,

> dever do estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada, observados:
> II- a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento
> III- o tratamento diferenciado para o desporto profissional e não-profissional. (BRASIL, 1997, p.112).

Conforme o documento, a prioridade estabelecida consiste na promoção de desporto educacional e, em alguns momentos especiais, este fomento será aplicado no desporto de alto rendimento. Assim estabelece a lei. Promover a possibilidade esportiva nas escolas não significa garantia de um futuro desporto de alto rendimento, poderá ser uma conseqüência, mas sem dúvida alguma é importante.

Encontramos em Paes (2001, p.21) que "o Esporte é um fenômeno cultural, social e sua prática pode ter diferentes objetivos. Na escola, deverá ser enfocado como uma atividade para todos; no clube, os objetivos podem ser outros: recreação ou mesmo profissão".

Também consideramos como relevante destacar o conceito de esporte proposto por Betti (1991, p.24) sendo,

> [...] àquela modalidade de atividade física definida como uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base

> lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou determinar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrinsecamente como extrinsecamente.

Sem dúvida alguma, este conceito de Betti (1991), ao nosso entendimento, complementa a conceituação de Paes (2001), pois ressalta a institucionalização das regras no esporte que são importantes para promover a igualdade de participação e chances de vencer por parte dos oponentes. O êxito do atleta é um produto de sua habilidade e dedicação e fundamentalmente é a consagração de seu trabalho, de emoções que chegam com sua vitória, por si mesmo e pelo meio que o rodeia.

Kunz (2004, p.63) ao definir esporte apresenta que "o conceito de esporte que se vincula hoje à Educação Física é um conceito restrito, pois se refere apenas ao esporte que tem como conteúdo o treino, a competição, o atleta e o rendimento esportivo, este, aliás, é o conceito 'estrito' do esporte que considero".

Weineck (2003, p. 22) apresenta em sua análise que,

> Atividade física e esporte não podem ser na realidade separados, pois o esporte é uma atividade física caracterizada por uma modalidade esportiva específica e assim por uma variedade infinita de formas. Todo tipo de esporte tem o seu repertório típico de movimentos e seu perfil característico de exigências e, com isso, o seu efeito especial. O termo atividade física é portanto 'a forma básica do movimentar-se', como por exemplo no âmbito das atividades diárias. O esporte em contrapartida seria uma forma mais especial de 'movimentar-se'.

Podemos perceber que não há um conceito apenas quando tratamos de desporto, há autores que o tratam como conteúdo pedagógico a ser ensinado nas escolas, ou mesmo somente como alto rendimento, ou algumas vezes como uma forma especial de movimento. Todos são relevantes para esse estudo, contudo, entendendo que o universo do desporto abrange o desporto convencional e o desporto adaptado, como forma a contemplarmos nossa proposição, delimitaremos a vertente do desporto adaptado.

E para que possamos definir sobre qual desporto adaptado nos referimos, apresentamos a definição de Araújo (1997, p.5) como eleita para nossos estudos:

"Desporto Adaptado, para nós significa a adaptação de um esporte já de conhecimento da população. Este conhecimento está relacionado às regras estabelecidas e sua prática".

No entanto, uma vez que pretendemos chegar às raízes do tema, será necessário que aprofundemos nossas considerações sobre o desporto adaptado e, portanto utilizaremos para definir sobre qual seria o desporto adaptado que estamos tratando, ou seja, elegemos o conceito de Desporto Paraolímpico para permear as discussões deste estudo. Seguramente, entendemos que a definição proposta por Araújo (1997, p.64) "como sendo as modalidades esportivas praticadas por pessoas em condições de deficiência reconhecidas pelo Comitê Paraolímpico Internacional – IPC e apresentadas em eventos de sua promoção" será o referencial principal sobre o que entendemos por Desporto Paraolímpico. Neste trabalho, consideraremos que para que seja Desporto Paraolímpico é preciso que o atleta seja uma pessoa em condição de deficiência e que as modalidades praticadas por este sejam reconhecidas quer sejam pelo cumprimento de suas regras, pelo estabelecimento da respectiva classificação funcional e que sejam realizadas pelos comitês em questão: Comitê Paraolímpico Internacional – IPC e Comitê Paraolímpico Brasileiro – CPB.

Atualmente na estruturação da Política Brasileira para o Desporto Nacional, está a cargo do Ministério do Esporte a função de estabelecer ações e Política Nacional de Esporte, ou seja, ações na área esportiva que permeiam da recreação à competição de forma a atingir todas as manifestações presentes no Brasil.

Lembramos que o Ministério do Esporte foi criado durante o Governo de Fernando Henrique Cardoso em 1995, cuja temática tinha pasta própria e assessoria administrativa pela Secretaria de Desportos do Ministério da Educação, que posteriormente recebeu a denominação Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto (INDESP). Até então, o esporte estava vinculado ao Ministério da Educação, desde 1937. Durante o governo de Fernando Collor de Mello, houve uma Secretaria destinada ao esporte.

Em 31 de dezembro o turismo é acrescentado à pasta, passando a ser chamado de Ministério do Esporte e Turismo, com o INDESP vinculado a este. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2008).

Como forma a promover discussões que orientem de maneira qualitativa a Política Nacional do Esporte, foram realizadas a 1ª Conferência Nacional do Esporte, cujo objetivo era o

de definir diretrizes para uma política nacional no setor, realizada em Brasília –DF, no período de 17 a 20 de junho de 2004, e também a 2ª Conferência Nacional do Esporte, em Brasília, de 04 a 07 de maio de 2006.

Atualmente, no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, o Desporto é considerado como poderoso instrumento de inclusão social, além de sua contribuição para o desenvolvimento integral do ser humano em suas diferentes faixas etárias.

A Política Nacional de Esporte propõe quatro níveis, a saber,

> 1. Esporte social – instrumento de inclusão social (em todos os tipos de esporte, há o fator inclusão social, mas há, também, uma política específica para isto);
> 2. Esporte Educacional – complemento à atividade escolar (política global, que envolve o esporte além da disciplina Educação Física, e a revitalização dos jogos estudantis e universitários);
> 3. Esporte de alto rendimento – o esporte competitivo (com o esporte para milhões, produziremos muitos atletas – e estes servem de exemplo para a prática de esporte por milhões); e
> 4. Recreação e Lazer – Esporte como qualidade de vida: saúde e bem-estar físico e psicológico (incentivo à prática esportiva para todos, como parte do cotidiano). (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2008, p.1).

Para o atendimento a estes níveis, o Ministério do Esporte propõe ações que objetivam contemplar a sociedade brasileira no acesso à prática desportiva. São elas: Esporte e Lazer na Cidade, Pintando a Liberdade, Lei do Incentivo ao Esporte, Descoberta do Talento Esportivo, Projetos Esportivos Sociais, Segundo Tempo, Rede CEDES e Bolsa-Atleta.

O Programa Esporte e Lazer na Cidade considera o lazer como importante meio no fortalecimento do esporte e lazer enquanto direito social, cuja implementação se dá através do funcionamento de núcleos dessas áreas atendendo a todas as faixas etárias, incluindo-se também pessoas em condição de deficiência. As atividades são sistematizadas e realizadas através dos chamados agentes sociais com oficinas de esporte, dança, ginástica, teatro, música, orientação à caminhada, capoeira e outras dimensões da cultura local, assim como na organização da população na realização de eventos de lazer. Para isso, é preciso que haja a efetivação da parceria do Ministério do Esporte com a prefeitura/estado, ou entidade não-governamental, Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP ou Instituições de Ensino (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2009a).

O Programa Pintando a Liberdade promove a socialização de presos do Sistema Penitenciário através da fabricação de materiais esportivos. Este trabalho é possível através de

convênios firmados entre o Ministério do Esporte, Governo Federal e Instituições que administram os presídios. Parte do pagamento é repassada diretamente aos detentos e outra parte é depositada para então ser retirada após o cumprimento da pena. O salário é pago conforme a produção do detento. A inclusão do detento no projeto é uma decisão voluntária e os critérios de seleção são definidos pela administração do presídio. Os selecionados são capacitados por instrutores orientados pela Secretaria Nacional de Esporte. A maioria dos instrutores são ex-detentos que trabalharam no Pintando a Liberdade.

Além da profissionalização, os detentos reduzem um dia da pena para cada três dias trabalhados, dentre os materiais fabricados, destacamos como relacionado a este estudo na unidade do Programa Pintando a Liberdade em Feira de Santana (BA), a produção de bolas de futebol para cegos. As bolas contêm um guizo, que orienta os jogadores sobre sua localização na quadra. O material é o único reconhecido pela Internacional Blinder Association (IBSA), organização internacional que dirige o desporto para cegos, e é distribuído gratuitamente pelo Ministério do Esporte para entidades do Brasil e do exterior. Os detentos de Feira de Santana fabricam cerca de 5 mil bolas por ano. Cerca de 50 mil jogadores utilizam o material, por ano, em todo o mundo. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2009b).

O Programa Descoberta do Talento Esportivo objetiva identificar jovens e adolescentes que estejam matriculados na rede escolar e que apresentam níveis de desempenho motor compatíveis com a prática do esporte de competição e de alto rendimento, para então promover o desenvolvimento e o aprimoramento de jovens com talentos esportivos, com a finalidade de aumentar e dar qualidade à base esportiva nacional para um melhor desempenho nos esportes de competição. Fatores como a situação econômica da família ou do praticante da modalidade esportiva, número reduzido de equipes de alto rendimento, locais inadequados para o treinamento e a falta de oportunidade para que a criança ou o jovem conheça uma modalidade desportiva, são fatores dificultadores do acesso ao esporte de competição. Com o Programa, haveria melhores condições para o desenvolvimento no esporte por estes jovens e adolescentes, cuja ação nacional de identificação, detecção e encaminhamento desses talentos teriam as informações atléticas acessíveis a meios eletrônicos, para que entidades esportivas nacionais pudessem consultá-las. A finalidade é a de aumentar e dar qualidade à base esportiva nacional para um melhor desempenho nos esportes de competição. A metodologia utilizada pelo programa consiste na capacitação de Recursos Humanos (multiplicadores e avaliadores) onde através da

execução das avaliações, os dados coletados são lançados em um programa de computador que compara com as informações dos atletas campeões, em cada modalidade, apontando os possíveis talentos esportivos, sendo destacados os 2% melhores resultados e migrados para o banco de dados: Banco de Talentos. O Banco de Talentos será disponibilizado para confederações, federações, clubes e demais entidades que possuem equipes esportivas. A Rede CENESP fará o acompanhamento dos talentos absorvidos, pelo Banco de Talentos e pelo Passaporte Brasil. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2009c).

O Programa Projetos Esportivos Sociais objetiva fundamentalmente promover a inclusão social de crianças e adolescentes tendo como agente o esporte, cujos recursos para sua realização são oriundos da parceria entre o Ministério do Esporte e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – CONANDA, previsto no Art. 260 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Esta parceria permite a captação de recursos incentivados junto a pessoas físicas e jurídicas, as quais podem direcionar suas doações aos Projetos Esportivos Sociais aprovados de sua preferência, depositando em conta específica no Fundo Nacional para a Criança e o Adolescente, conforme previsto no artigo acima citado. Portanto, através da parceria firmada o programa viabilizou que os benefícios fiscais previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA pudessem contemplar projetos que utilizam o esporte como principal instrumento para inclusão social de crianças e adolescentes. Para sua realização, um roteiro para a elaboração do projeto, contendo critérios determinados pelo Ministério do Esporte, juntamente com as exigência contidas no Edital 2007-2008, a fim de que seja procedida a análise da Comissão de Chancela e o encaminhamento para aprovação final em Assembléia do CONANDA. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2009d).

O Programa Segundo Tempo, nos remete ao esporte na escola, propondo a democratização do acesso à prática esportiva, estendendo a permanência da criança e do adolescente na escola. Neste período adicional de permanência na escola, atividades esportivas são desenvolvidas sob a orientação de professores de educação física, monitores e estagiários. Desta forma, acredita-se ser uma das formas de democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte, promovendo a formação da cidadania e da qualidade de vida de crianças, adolescentes e jovens. O Programa Segundo Tempo, contando com as parcerias firmadas com diversos Ministérios do Governo Federal, têm por estratégia de funcionamento o estabelecimento de alianças e parcerias institucionais, mediante a descentralização da execução orçamentária e

financeira para Governos Estaduais, Governos Municipais, Organizações Não-Governamentais e entidades nacionais e internacionais, públicas ou privadas sem fins lucrativos. Por meio da celebração de convênios com o Ministério do Esporte, essas entidades se tornam responsáveis pela execução do Programa, que se dá por meio de Núcleos de Esporte Educacional. Um modelo de execução do núcleo interessado deve apresentar como proposta a programação de atividades a serem desenvolvidas no tempo adicional escolar sob orientação de professores e estagiários de educação física devidamente habilitados e capacitados para a função. Cada núcleo deve obedecer às exigência na quantidade mínima de alunos, nos recursos humanos envolvidos na implementação do programa, no espaço físico, no reforço alimentar, na oferta de atividades esportivas, na carga horária, nas atividades complementares e na distribuição de materiais esportivos, conforme estabelecido pelo Ministério do Esporte. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2009e).

A Bolsa-Atleta foi instituída por meio da Lei n° 10.891 de 9 de julho de 2004 pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva e permite uma sustentação pessoal mínima de atletas do esporte de alto rendimento, para que estes possam ter condições de se dedicarem ao treinamento esportivo e participação em competições, podendo então, desta forma, desenvolver suas carreiras esportivas. Mas essa ajuda de custo é direcionada somente para atletas que não possuem nenhum patrocínio. Este Programa prioriza esportes olímpicos e paraolímpicos, a fim de formar, manter e renovar periodicamente gerações de atletas com potencial para representar o Brasil nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2009f).

Além da Bolsa-Atleta contar como um apoio financeiro aos atletas paraolímpicos, também encontramos o patrocínio das Loterias Federais operacionalizadas pelo Banco CAIXA Econômica Federal, a chamada LOTERIAS CAIXA, cuja parte da arrecadação é destinada à entidades de prática esportiva, ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). Os recursos oriundos de Loterias Caixa representam hoje a garantia de realização do programa de fomento ao esporte paraolímpico, colocado em execução pelo CPB.

Também como forma a promover o desenvolvimento do esporte olímpico e paraolímpico no Brasil, foi sancionada, pelo então Presidente Fernando Henrique Cardoso, em 16 de julho de 2001, a Lei n° 10.264, conhecida como Lei Agnelo/Piva, em razão do nome de dois de seus autores, o então Senador Pedro Piva (PSDB-SP) e o então Deputado Federal e ex-ministro do Esporte Agnelo Queiroz (PC do B-DF). A referida lei estabelece que 2% da

arrecadação bruta de todas as loterias federais do país sejam repassadas ao COB e CPB. Do total de recursos repassados, 85% são destinados ao COB e 15% ao CPB.

O Prêmio Medalha foi um apoio financeiro publicado pela Portaria PRE/CPB/nº 002 de 14 de fevereiro de 2005 que definia critérios, valores e prazos para a premiação dos atletas brasileiros que foram medalhistas nos jogos de Atenas 2004. Inicialmente o custo deste prêmio seria financiado por meio de patrocinadores, ocorreu que, como isto não foi possível, a Diretoria do CPB decidiu por utilizar recursos próprios da Instituição. Destacamos que foi um apoio financeiro somente após a edição das Paraolimpíadas de 2004.

Capítulo III

3 EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES NO BRASIL

Nesta seção, pretende-se realizar uma revisão bibliográfica como forma a contextualizar, num primeiro momento, parte da temática a que se propõe este estudo, ou seja do Desporto e da Educação Física, haja vista que nosso foco é o desporto adaptado.

Como forma a um entendimento acerca dos caminhos percorridos pela educação física e pelo desporto, realizamos aqui uma breve compilação acerca do referido assunto, uma vez que não se constitui no foco central deste trabalho.

Conforme descreve em sua obra, Marinho [197-], a história inicia-se com o descobrimento do Brasil através de Pedro Álvares Cabral, denominando esta terra de Santa Cruz. Ao período compreendido entre os anos de 1500 a 1822, chamou-se de Brasil Colônia, mais especificamente, um início a partir deste descobrimento cujos habitantes que aqui estavam, viviam em completa ligação com a natureza.

Prevalecendo a seleção natural, a força física tornara-se indispensável para a sobrevivência do mais apto, a pesca, a caça, a natação, a canoagem e a corrida a pé, asseguravam a existência do homem. Eram tempos de lutas com animais e guerras pela terra.

Nesse período, os estudos apontam que em meados do século XVIII, ainda o Brasil como colônia de Portugal, encontramos o mais antigo documento cujo conteúdo era voltado para a Educação Física, escrito na língua portuguesa. Posteriormente a este estudo, mais três publicações referiram-se ao assunto. A primeira foi através do bacharel Luiz Carlos Moniz Barreto, que no ano de 1787, publicou o 'Tratado de Educação Física e Moral'[2], publicado em Lisboa, mas chegou ao Brasil como forma a acatar a situação do Brasil Colônia. Tratava-se de um documento cujos conteúdos eram distintos do significado da educação física dado atualmente.

[2] Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos de ambos os sexos traduzidos do francês em linguagem Portuguesa pelo Bacharel Luiz Carlos Moniz Barreto, Lisboa – MDCCLXXXVIII- Biblioteca Nacional, v-88-1-1-23.

Os assuntos abordados eram sobre a eugenia, a hereditariedade, alimentação, higiene, puericultura, concepção, gravidez e parto.

Com a chegada de D. João VI, em 1808, vieram as melhorias ao país como as criações: das Secretarias de estado, do Supremo Conselho Militar, da Fábrica de Pólvora da Lagoa Rodrigo de Freitas, da Imprensa Régia, da Academia de Marinha, da escola de Medicina, do Jardim Botânico, da Escola de Belas Artes, da Biblioteca Real, do Arquivo Militar, da Casa de Suplicação, da Academia de Ciências Físicas, Matemáticas e Naturais e do Banco do Brasil.

Seguindo o caminho da nossa história com Marinho [197-], com a proclamação da independência do Brasil em 7 de setembro de 1822, inaugurou-se um novo período: o Brasil Império, compreendido entre 1822 até 1889.

O fator independência trazia ao Brasil a necessidade do desligamento da nação aos laços que nos uniam a Portugal. Não somente era necessária a elaboração de uma nova constituição, mas também a necessidade de promover a chamada nacionalização da educação, uma vez que o número de analfabetos era muito alto. Era preciso melhorar as questões culturais do povo.

Durante o período do Brasil Império, destacaram-se principalmente os notáveis Pareceres de Rui Barbosa em relação às reformas do ensino primário e secundário, e enfatiza-se o parecer sobre o projeto 224- Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto no. 7.247 de 19 de abril de 1879, da Instrução Pública, na qual defendeu a inclusão da ginástica nas escolas e a equiparação dos professores de ginástica aos de outras disciplinas. Nesse parecer, ele destacou e explicitou sua idéia sobre a importância de se ter um corpo saudável para sustentar a atividade intelectual (SOARES, 1994).

Das idéias consideradas como fundamentais no campo da Educação Física por Rui Barbosa em 1882, destacamos por interesse deste trabalho:

“i) dispensa dos exercícios físicos somente para os alunos que, por inspeção médica, fossem declarados incapazes;”(MARINHO, [197-], p.28).

O fato de salientar-se somente esta idéia se justifica pelo fato que verifica-se através da mesma que não havia neste momento indícios de preocupação com relação à Educação

Física para pessoas em condições de deficiência, pelo contrário, havia uma certa discriminação em relação aos chamados incapazes ao serem dispensados dos exercícios físicos.

Por volta de 1860, há registros da implantação da ginástica alemã como método oficial do exército brasileiro, sendo que, ao redor de 1912, fora substituído pelo método francês.

Em relação às escolas brasileiras, o método alemão também é o primeiro a ser desenvolvido. Primeiramente com Rui Barbosa, sendo depois com Fernando Azevedo, foi combatido o referido método para que não houvesse seu desenvolvimento nas escolas, uma vez que consideravam que o método sueco dado ao seu caráter pedagógico fosse mais adequado às instituições de ensino. (SOARES, 1994).

Em 1888 foi publicado um "Manual Teórico Prático de Ginástica Escola", por Pedro Manoel Borges, com o objetivo de atender às escolas públicas, colégios, liceus, escolas normais e municipais". Neste manual, o autor explicita a importância da Educação Física, que se estende do berço até o indivíduo adulto e cita uma série de procedimentos higiênicos a serem observados nas sessões. (FLORENCE, 2002).

Gebara (2005) em seus estudos nos revela que através do manual elaborado por Borges, tivemos uma forma de abordagem para a conceitualização da Educação Física como ginástica escolar, sendo definida como uma proposta submissa aos conhecimentos da medicina, seu ensinamento era por meio da manutenção e restauração da saúde através de exercícios físicos. É fundamental citar que, já em fins do século XIX, a ginástica é pensada enquanto parte da área médica cujo objetivo era buscar, através de exercícios físicos, a conservação e a recuperação da saúde.

Já no ano de 1890, o mineiro e escritor, Dr. Francisco de Melo Franco, cuja formação era da Universidade de Coimbra, publica em Lisboa um Tratado da Educação Física dos Meninos para uso da Nação Portuguesa, composto por doze capítulos, que ao serem discorridos revelam a decepção do autor em relação ao distanciamento que fazemos da vida natural e aconselha que voltemos ao contato com a natureza. Em outras palavras, também descreve sobre a importância do exercício à saúde, comparando sua necessidade com a de comer, como forma a mantermos nossas vidas.

Versada, na língua portuguesa, foi umas das primeiras obras sobre o assunto Educação Física, que atualmente se encontra disponível na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cujo conteúdo na área médica, mais precisamente na pediatria. Trata-se de um conteúdo

que não corresponde à chamada Educação Física que entendemos atualmente, mas devido aos enfoques informativos e instrucionais que o documento apresenta, faz lembranças a forma pela qual muitas vezes o conhecimento na área da Educação Física tem sido veiculado.

Para Gebara (2005) a contribuição teórica e o conceito da Educação Física, passaram a conter não somente os conhecimentos da pediatria, como também passou a abordar questões da saúde pública, incorporada a denominação inadequada de higiene. O autor analisa que a obra de Melo Franco, abordava sobre os cuidados com a gestante, o parto, o recém-nascido, no entanto, esta ampliação de conhecimentos durante a segunda metade do século XIX, traria o estudo sobre fatores externos do corpo humano na área médica, agora também sendo indicados fatores mais próximos dos sociais para o entendimento da prática médica.

Resumidamente, a Educação Física estaria junto com as preocupações higiênicas e num capítulo da medicina, mais ainda, na pediatria, pois "remete a um conjunto de práticas necessárias para que a mulher e o feto/nascituro fossem melhor amparados pelo saber médico da época". (GEBARA, 2005, p.15).

Após o tempo de um ano, outro documento é encomendado em Lisboa, por ordem da Academia Real das Ciências, sobre o mesmo assunto. No entanto, Francisco José de Almeida atribui ao chamado 'Tratado'[3] a diferença existente entre movimento e exercício, foco desenvolvido atualmente pela mecanoterapia. "Assim, entende-se por movimento o que atualmente chamamos movimentos passivos e por exercício o que denominamos de movimentos ativos". (MARINHO, [197-], p.20). Indica a ginástica, a luta, o jogo das barras, o jogo da bola, as corridas, a dança e a equitação como formas de trabalhos físicos.

Neste período firmado após a proclamação da independência, as modalidades da esgrima, da equitação, da natação e da ginástica, foram consideradas como essenciais no desenvolvimento das atividades físicas principalmente nos estabelecimentos militares. Destaque para o remo como o desporto que mais atraiu jovens brasileiros no século XIX.

Durante os meados do Brasil República, compreendido entre os anos de 1889-1920, o chamado Primeiro Período caracteriza-se pela implantação da ginástica de origem alemã.

Os estudos descrevem que tal fato se deve primeiramente pelo número de famílias alemãs que aqui se instalaram, através das quais eram mantidas nas comunidades os costumes

[3] Tratado de Educação Física dos Meninos para uso da Nação Portuguesa publicado por ordem da Academia Real das Ciências por Francisco José de Almeida – Lisboa- MDCC.XCI – Biblioteca Nacional – v- 17-2-18 – 12-2-22.

alemães e dentre eles a ginástica de Jahn. Por outro lado, também haviam soldados e oficiais desta origem que ao comporem a Guarda Municipal não retornavam mais à sua cidade natal, fixando moradia aqui no Brasil, oferecendo muitas oportunidades, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Alguns se instalaram no interior do Estado do Rio de Janeiro, próximo às serras cujo clima apresentava-se mais agradável.

Havia o interesse por parte de D. Pedro sobre a vinda destes alemães ao Brasil, uma vez que o mesmo acreditava que os referidos imigrantes proporcionariam um aprimoramento de nossa raça. Esse processo imigratório teve sua possibilidade através do apoio de D. Maria Leopoldina Josefa de Habsburgo, que era arquiduquesa da Áustria e primeira imperatriz do Brasil, pois era esposa de D. Pedro, favorável em estimular a vinda de grupos alemães para o país.

As sociedades de ginástica que carregavam consigo suas próprias características e que foram criadas pelos alemães, permaneceram até 1938, sendo então, através do Decreto-lei n° 383, de 18 de abril de 1938, nacionalizadas.

A Escola Militar manteve a realização do método alemão oficialmente até 1912, quando então o substituiu pelo método francês.

Mediante a derrota sofrida pela Alemanha na Primeira Guerra Mundial (1914-18) juntamente com a chegada dos franceses ao Brasil, o método alemão foi perdendo a sua legitimidade, e obviamente que pelas influências da Missão Militar Francesa no Brasil, foi substituído pelo método francês. Em nosso país, mais especificamente no sul, as sociedades de ginástica ainda praticaram o método alemão por um longo tempo.

A ginástica de origem sueca teve suas primeiras sinalizações através dos Pareceres emitidos por Rui Barbosa. Marinho [197-] nos revela que a fase compreendida entre 1889 a 1920 o método alemão prevalecia fortemente nas instituições militares enquanto que o método sueco estava presente nas escolas civis.

Os estudos de Moreno (2003) apontam a Ginástica Sueca enquanto um método que surgiu em 1805 através de Per Henrick Ling (1776-1839), sueco, professor de esgrima que apresentava paralisia no braço direito e também com tendências para a tuberculose. Ao buscar um caminho de forma a lutar contra essa terrível doença, a tuberculose, o professor iniciou um trabalho de fortalecimento de seus pulmões através da movimentação de seus braços, conjugados com uma série de inspirações profundas.

Assim, originou-se a ginástica sueca que se fundamentava nas ciências naturais e que se estendeu por todo o país na busca de soluções para a regeneração do povo escandinavo. A intenção da aplicação deste método segundo o professor, era que este fosse, além de um modelo para uma vida melhor sob o aspecto biológico, também se fundamentasse em diversos conhecimentos como a biologia humana, as ciências naturais, morais e sociais e também a pedagogia. Desta forma, o método aproximou-se a uma doutrina que atuava na atenção e na vontade, influindo no comportamento moral e social do indivíduo.

Conforme esclarece Moreno (2003) a repercussão desse novo método ginástico em diversos países e inclusive no Brasil, dá-se a partir de 1813, quando o professor Ling funda o Instituto Central e Real da Ginástica em Estocolmo, tornando a idéia da ginástica racional conhecida.

Rui Barbosa com seu discurso foi quem mais divulgou sobre a importância do método sueco de ginástica. Em seu parecer intitulado Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instituição Pública, Rui Barbosa sugeriu que se introduzisse a ginástica sueca nas escolas em razão de suas características pedagógicas. Rui Barbosa foi o precursor da idéia da obrigatoriedade da educação física nas escolas. Para ele, a ginástica não podia ficar fora da escola.

A Ginástica Sueca era defendida por Rui Barbosa também por reunir princípios relacionados à formação moral, higiênica e disciplinadora, além de ser uma prática científica.

Moreno (2003, p. 57) nos elucida que "o papel da ginástica tocava em quatro importantíssimos pontos sociais: o higiênico, o moral, o estético e o econômico. Respeitadas como leis, esses pontos deviam estar em equilíbrio numa sessão de ginástica, pois favoreceriam a harmonia do corpo humano".

Soares, Taffarel e Escobar (2005) complementam em relação a ginástica sueca ao ilustrarem que se tratava de uma sistematização de exercícios com conteúdos científicos que tinham como base a anatomia. Objetivava extinguir os vícios que existiam na sociedade, o alcoolismo, por exemplo. Mas as autoras ainda apresentam a argumentação de que tais problemas de vício encontrados na sociedade e a utilização da educação física como forma a resolver todos os problemas que vão desde a marginalidade, vícios, até formas de prostituição, ainda permanece até nossos dias.

Foi um método considerado como inovador, uma vez que foi o primeiro a utilizar como base a ciência, e na escola a sistematização era desenvolvida através da ginástica, desta forma vindo a influenciar outras sistematizações que sob a influência da ciência exerceram uma pedagogia que refletiu nos conteúdos escolares, por todo século XIX.

Como já relatado por Marinho [197-], o remo desde o fim do Império até a Proclamação da República, era o desporto mais praticado. O século XIX se despede com uma série de clubes de remo que foram fundados até então.

Marinho [197-] também avança ao informar nos seus estudos que o fato de muitos clubes de remo terem sido fundados no início do Brasil República, confirma que os jovens escolheram como principal atividade física este desporto com característica marítima, uma vez que o Brasil apresenta uma costa imensa para o desenvolvimento desta atividade.

A prática desportiva do futebol acontece com Charles Miller, inglês, que chega ao Brasil no ano de 1894 "[...] e sob a inspiração deste, alguns ingleses e brasileiros educados na Europa começaram a praticar o futebol, que despertou o maior interesse em quantos o assistiam". (MARINHO, [197-], p.46).

As primeiras provas de modalidade como a natação foram noticiadas no ano de 1896, realizadas no Clube de Regatas e Natação, antiga Praia do Boqueirão.

O Basquetebol surgiu no Brasil através do professor August Shaw, no ano de 1898, que ao chegar dos Estados Unidos trouxe consigo uma bola adequada a esta modalidade para a sua prática, em São Paulo, mais especificamente para os alunos do Makenzie College.

A história da esgrima se inicia no período republicano, na data de 15 de julho de 1902, com a fundação da Escola de Esgrima, localizada na Brigada Policial de São Paulo.

A história do tênis no Brasil tem seus primórdios no ano de 1898, com a Fundação do Tennis Clube Walhala, em Porto Alegre, no dia 22 de outubro.

O Xadrez teve seu destaque também através da Fundação do Clube de Xadrez de São Paulo, no dia 12 de junho de 1902.

Gebara (2005) nos acrescenta relatando que em 1920 teríamos a chamada escolarização da Educação Física no Brasil que consistia na apresentação de um projeto educacional e na elaboração de uma legislação a qual tornaria obrigatória a prática da Educação Física nas escolas brasileiras. O projeto educacional espelhava-se nos estudos de Fernando

Azevedo, cuja formatação seria mais clara durante os anos 30, período em que a Educação Física colaborava com o processo de nacionalidade brasileira.

> Por outro lado, no nível da legislação, marcado permanentemente pela obrigatoriedade, fica clara a existência de um projeto legislativo precedente ao projeto pedagógico, interferindo no próprio conteúdo da disciplina, isolando-a do contexto das outras disciplinas, que compuseram os currículos escolares.. (GEBARA, 2005, p.22).

No Segundo Período, compreendido entre 1921-1945, o método alemão foi oficialmente substituído no Brasil a 27 de abril de 1921, pelo Decreto n° 14.784 que foi assinado pelo então Presidente da República Epitácio Pessoa e pelo Ministro de Guerra João Pandiá Calógeras. No mesmo ato também aprovaram o Regulamento de Instrução Física Militar, baseado no método de Hébert, adaptado às teorias de Joinville.

No dia 10 de janeiro de 1922, é criado através de Portaria Publicada no Boletim n°453, o Centro Militar de Educação Física, cuja instalação devido às circunstâncias se dá somente em 1929 com o funcionamento do Curso Provisório de Educação Física.

O método francês tem sua obrigatoriedade assegurada em todas as instituições de ensino secundário em 30 de junho de 1931, quando o Ministério da Educação ao despachar as diretrizes do curso fundamental do ensino secundário, inclui nestes programas a Educação Física e ordena que nela se adotem as mesmas regras utilizadas no Centro de Educação Física do exército, ou seja, que se adote o método francês.

Em 17 de abril de 1939 é criada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, integrando a Universidade do Brasil, presente em seu currículo a Metodologia da Educação Física e que através desta ensina-se o método francês, que imperou até a derrota da França na Segunda Guerra Mundial.

A Calistenia teve seu período de glória após a Segunda Guerra Mundial, ao ser adotada pelo Exército Nacional que, ao invés de praticar exercícios com os halteres, bastões ou massas, utilizavam os fuzis.

O período compreendido entre 1921 a 1946 evidencia a implantação e o desenvolvimento de diversas atividades esportivas. Sendo assim, em 14 de abril de 1941, o Decreto-lei n° 3.199, que estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país, cria o Conselho Nacional de Desportos, cuja presidência foi por muitos anos do Dr. João Lyra Filho.

No terceiro período (1946-1979) encontramos ainda a ginástica de origem francesa cuja origem deu-se através de diversas práticas esportivas as quais proporcionariam benefícios ao organismo e de forma que se exercitassem as qualidades ou capacidades físicas, ainda que se fossem realizados através de formas naturais.

A partir do ano de 1947, a Calistenia passa a ser ministrada nas escolas de Educação Física, pois eram tempos em que as escolas de Educação Física possuíam um perfil de ensino eclético.

"De 1946 a 1974, graças a um maior interesse das autoridades governamentais os desportos tiveram grande surto no país principalmente a partir de 1971, graças aos recursos provenientes da Loteria Esportiva". (MARINHO, [197-], p.106).

Interessante registrarmos que Marinho (1980) descreve o período de 1948 a 1973, compreendido pela realização de jogos olímpicos, jogos pan-americanos, e campeonatos mundiais (citando os desportos, as provas, as marcas, a colocação e nomes dos atletas), no entanto, sem nenhuma menção à realização de Jogos para Pessoas em Condição de Deficiência já realizados neste período, como abordaremos adiante.

3.1 Educação física e esportes no brasil: entendendo esta história

Conforme analisa Braid (2004) no decorrer da história, verificamos que a Educação Física enquanto disciplina nas escolas fundamentou-se por meio de leis e decretos. Portanto, conforme o discorrer da literatura, a autora observou que este fato influenciou sobre a prática da mesma ter permanecido por muito tempo vinculada ao Estado.

Castellani Filho (1994) também defende a assertiva sobre diversos papéis que a Educação Física exerceu no decorrer dos diferentes contextos históricos do Brasil, ou seja, cada papel, com seu significado próprio ao período em que se encontrava.

Seguindo esta idéia, Braid (2004) inicia suas análises partindo da origem da Educação Física, atribuindo-lhe seu nascimento em função de preocupações advindas dos médicos higienistas com um elevado grau de mortalidade da população branca do Brasil, em decorrência das péssimas condições básicas de higiene da população. Assim, a Educação Física

passou a ser obrigatória com a função de propiciar atividades saudáveis preparando tanto homens quanto mulheres para a geração de filhos fortes e saudáveis e que também zelassem pela família. Esta função higienista prolongou-se por todo o século XIX.

Com o século XX veio o avanço da tecnologia, principalmente dos meios de transporte, houve um processo de sedentarização da sociedade. Mas, a Educação Física ainda continuava com seu objetivo anterior de formar homens fortes para o bem da pátria. Este século caracterizou-se pela passagem de três períodos: o chamado estado novo, a ditadura militar e a pós-ditadura ou abertura política.

Durante o estado novo, a Educação Física ainda servia aos interesses do poder vigente, acrescentando-se como objetivos: a manutenção da segurança nacional perante os perigos considerados internos, que eram caracterizados pelas revoltas no país, e, por perigos externos, uma vez que registrava-se a participação do Brasil na 2ª Guerra e também no fornecimento de mão-de-obra que atendesse ao interesse somente no aspecto físico, que estivesse adestrada e capacitada de forma a manter o momento de implantação da industrialização que se iniciava no país. Castellani Filho (1998) reforça esta idéia ao esclarecer que a Educação Física atendia aos modelos político e econômico presentes naquele contexto e que se caracterizava pela industrialização e capacitação física. Objetivava-se capacitar o indivíduo sob a forma de adestramento, ou seja, a preocupação em se produzir um corpo que fosse saudável e forte que servisse a defesa da nação. À Educação Física cabia o papel de disciplinadora dos homens, adestrando-os de forma a não permitir qualquer tipo de questionamento.

Com o término do período do estado novo, iniciou-se uma série de discussões acerca do tema Educação, e de forma mais acentuada em relação à Educação Física enquanto componente curricular. Os debates resultaram na proposta de uma nova visão para esta disciplina, inserindo-a sob o viés educativo no âmbito da rede pública de ensino.

Mas a chegada da ditadura militar veio acompanhada de uma vontade por parte do governo em incentivar a Educação Física, principalmente, o esporte. Portanto, este período foi fortemente caracterizado pela massificação esportiva e pela divulgação intensiva das conquistas dos atletas de alto nível, que foram considerados como “heróis da pátria”. Os estudos registram que o que se pretendia na verdade, era que o desporto tivesse o papel de “analgésico” frente aos movimentos sociais que porventura ocorressem.

O período da ditadura militar foi enfático ao determinar a necessidade da prática da Educação Física em todos os níveis de ensino, inclusive instituindo sua obrigatoriedade no Ensino Superior. Na realidade, esta obrigatoriedade tinha a segunda intenção de ocupar o tempo livre do estudante, desta forma, levando-o a isolar-se de movimentos sociais relevantes que ocorriam na época.

Castellani Filho (1994) afirma categoricamente em seus estudos que a Educação Física Brasileira teve no decorrer de sua história, a influência e a relação com o as Instituições Militares, as quais se identificavam sensivelmente com a filosofia positivista. A formação de homens considerados "fortes e saudáveis" através da Educação Física esteve presente desde o século XIX, mas esta compreensão que relacionava a Educação Física com o físico e com a saúde corporal não resulta somente dos militares; mas também da grande influência médica. A Educação Física passaria, através dos higienistas, a desempenhar além do papel de produzir um corpo forte e saudável, o mesmo corpo deveria ser vigoroso e harmonioso organicamente; reforçando a proliferação do racismo e de preconceitos, uma vez que este "tipo de corpo" elege os brancos como a pura raça. Havia o interesse dos higienistas em associar a Educação Física com a Educação. Desta forma, concordamos com o autor que as reinterpretações da história não a tornam uma verdade absoluta, e sim um processo.

A partir de meados do século passado, o Brasil vai se desenvolvendo e com isto vão ocorrendo problemas de ordem urbana, principalmente no Rio de Janeiro. Os problemas na organização social geraram desequilíbrios da distribuição de rendas e como conseqüência tivemos a ocupação irregular do espaço urbano, levando à formação de focos de insalubridade e submoradias, havendo, portanto, a necessidade de se tomar medidas técnicas, tanto na área da engenharia quanto na área da saúde pública. (GEBARA, 2005).

A última década de XX trouxe consigo uma época repleta de discussões sobre a Educação Física, quando então as pesquisas apontavam por uma crise de identidade da mesma ao negar os padrões existentes e pela ausência de novos que os substituíssem. Este período caracterizou-se pela busca de mudanças nos campos filosóficos, didáticos e metodológicos. (GEBARA, 2005).

Braid (2004) atribui a Educação Física, em relação ao decorrer da história, um papel de alienante em razão de sempre estar a serviço da ideologia dominante vigente. O processo de alienação era atribuído ao fato de serem excluídas crianças e adolescentes, que eram

consideradas inaptas e/ou sem habilidades específicas, em função do esporte de alto nível. Quanto ao ponto elitista, era porque tratava o corpo do aluno como um objeto manipulável, sendo apenas aceito quando compatível com os padrões estabelecidos para o esporte de alto rendimento.

Um alerta é feito pela referida autora ao denunciar que ainda permanecem trabalhos de profissionais que carregam esta busca somente pela ótica do físico, da produção de homens considerados fortes e saudáveis, herança de tempos do higienismo do período colonial ou mesmo também com profissionais voltados para a disciplina mecânica, fruto do militarismo do Estado Novo; e também àqueles voltados para o adestramento, uma preocupação excessiva na perfeição e realização de gestos técnicos, oriundos da ditadura militar.

Por outro lado, felizmente, também há a busca de profissionais em promover um tratamento mais humano às práticas corporais. Há uma série de estudos voltados para o desenvolvimento de práticas pedagógicas da Educação Física com olhares críticos sobre os corpos dos alunos, distinguido-se dos modelos mecânicos e tecnicistas.

A visão de corpo pode se dar sob diferentes ângulos, e ao citar a contribuição de Piaget como um importante educador suíço, define:

> Para ele, o desenvolvimento da criança e do jovem, está relacionado ao processo de construção do pensamento. E o pensamento lógico é atingido, após a elaboração das experiências sensoriais e motoras, as primeiras que a criança tem ao entrar em contato com a vida. Assim, a experiência corporal é tomada com princípio básico, para o desenvolvimento da inteligência. Pensar e agir interligados, indissociáveis. (BRAID, 2003, p.55).

Gebara (2005) destaca que o mais importante que considera em seu trabalho, é a busca de um referencial que compreenda o homem brasileiro. Mudanças nos níveis político, educacional e cultural passam a construir o homem no Brasil. São tempos em que ocorre o fortalecimento das instituições políticas, das fronteiras brasileiras e do próprio Estado Nacional. É neste cenário que a Educação Física passa a ser compreendida de forma mais conceitual.

Durante o século XX, a relação entre a prática de exercícios e o saber da medicina foi explicitamente reivindicada pela Educação Física.

Com a chegada dos desportos no Brasil, no início do século XX uma nova definição da Educação Física enquanto área de conhecimento abrangeria os esportes modernos e o conceito da educação física.

O processo de escolarização da Educação Física, marcado fortemente, prorrogou-se até os anos 60 quando então o movimento Esporte Para Todos - EPT e a consolidação da Educação Física no Ensino Superior (principalmente na configuração de pós-graduação), levou a Educação Física a um novo patamar no desenrolar de sua história.

Podemos perceber que no decorrer da história, houveram diferentes interesses conforme os contextos políticos, onde a Educação Física atendia às ideologias vigentes: disciplina, nacionalismo, força e "saúde". Nesta lógica atribuída aos corpos que atendam a padrões pré-estabelecidos, prevalece uma seleção dos mais bonitos, dos mais aptos e dos mais fortes. Foram décadas onde o papel da Educação Física escolar priorizava as vertentes tecnicistas, esportistas e biologicistas.

A Educação Física que aqui queremos abordar e a que compôs parte de nossa entrevista semi-estruturada aplicada nos atletas paraolímpicos, é a Educação Física que entendemos como uma disciplina que faz parte do projeto pedagógico da escola, e como tal, deve abordar não somente a visão biológica do aluno, mas principalmente incorporar os aspectos afetivos, cognitivos e socioculturais do mesmo. É preciso que esta disciplina realmente faça parte do contexto da escola, que considere a vivência de cada aluno lançando estratégias para que todas as atividades estejam ao alcance de todos os alunos. Ao nosso entendimento, as aulas de Educação Física devem incluir atividades de jogos, brincadeiras, esportes, propiciar vivências motoras e lúdicas, sem perder de vista as características e necessidades de cada aluno. Não se trata de uma tarefa fácil, mas acreditamos ser realmente importante que o professor de Educação Física na escola não perca de vista que o nosso aluno quando chega, traz consigo uma bagagem cultural, motora e afetiva. E é esta Educação Física que entendemos e que, ainda aliada à preocupação em desenvolver a cidadania (direitos e deveres) do aluno, favorece a possibilidade dele se colocar no mundo respeitando e sendo respeitado pela sociedade.

E é a esta Educação Física na escola que nos referimos e que consideramos como uma das maiores portas de entrada das pessoas para a iniciação desportiva. Sobre esta questão que envolve a iniciação desportiva no desporto tradicional e no desporto adaptado, recorreremos as análises realizadas por Araújo (2007) que apresentam duas células que sintetizam sobre este assunto: iniciação desportiva.

Na primeira célula, o autor nos explica que de maneira geral, existem para as pessoas alguns caminhos a serem trilhados para a iniciação desportiva. Tendo a sociedade a

característica de ser multifacetada, esta vai se refletir na sua aproximação com o desporto, ou seja, também observaremos esta característica da sociedade multifacetada na iniciação desportiva, através da pluralidade. Assim exemplifica: pensemos numa criança cuja estrutura familiar apresenta-se financeiramente estável. Desde cedo, esta criança terá acesso a clubes ou escolhinhas de judô, futebol, balé, natação entre outros. Assim sendo, para estas pessoas, com esta estrutura, o ingresso na vida desportiva ocorrerá de forma espontânea. Por outro lado, a iniciação desportiva também poderá ter sua porta de entrada através de atividades como jogar futebol no terreno baldio ou mesmo na rua do bairro onde ela mora.

Também colaboram para o ingresso desportivo os trabalhos promovidos por voluntários em associações e grêmios comunitários por intermédio de algumas Organizações Não-Governamentais (ONGs).

Neste universo de possibilidades, também existe o caminho para o desporto através de orientações de profissionais de saúde: nutricionistas, médicos e psicólogos, todos estes utilizando-se do desporto para promoção do bem-estar físico e mental de seus pacientes.

No entanto, é no desporto enquanto conteúdo da disciplina Educação Física Escolar que a iniciação esportiva encontra seu maior aliado, atingindo uma maior população.

Desta forma, entendemos e concordamos com Araújo (2007), pois entendemos que o esporte a ser abordado na escola precisa contar com um planejamento pedagógico cujas atividades propostas sejam voltadas para a acessibilidade de todos os alunos, não que a competição não deva ser desenvolvida, mas que o objetivo não seja somente esse. Não é objetivo da escola a busca por talentos esportivos, mas sim proporcionar vivências das diferentes modalidades e então, como conseqüência, poderemos descobrir esses novos talentos. Caberá aos clubes o desenvolvimento dos talentos descobertos e assim o desenvolvimento de treinamentos específicos que promovam o êxito e a motivação dos atletas.

Importante destacarmos que Araújo (2007) nos alerta sobre o fato de que, por muitas vezes, as atitudes das escolas frente aos alunos no que se refere à sua participação e na aprendizagem nas aulas de Educação Física poderão ser positivas ou negativas.

Essas atitudes a que nos referimos ocorrem quando o conteúdo do desporto é desenvolvido de forma fragmentada, visando à formação de atletas e à promoção de talentos desportivos, conforme relata Araújo (2007, p. 26, grifo do autor),

> Objetivamente afirmamos que o esporte deve ser entendido como conteúdo de uma área de conhecimento e sua proposta de ensino deve ser cuidadosamente planejada e organizada, uma vez que por intermédio da intervenção do professor ou profissional de Educação Física poderá acontecer uma nova atitude do aluno em relação ao seu estilo de vida, portanto, não apenas a aquisição de uma habilidade **esportiva motora ou técnica.**

Conforme ainda o referido autor, felizmente, a pedagogia do movimento que atualmente assume a identidade de Pedagogia Esportiva, tem delineado ações neste quadro da iniciação desportiva. Esta linha de aprendizagem defende a importância da promoção de experiências motoras de forma diversificada com a intenção de promover o envolvimento do aluno e como conseqüência o seu desenvolvimento. Esta nova perspectiva de trabalho, juntamente com as discussões e estudos em torno da inclusão, estão contribuindo substancialmente para a transformação deste cenário, as pessoas em condições de deficiências, que até então atuavam como meras espectadoras das aulas de Educação Física, que se abstiveram de oportunidades que promovessem o seu crescimento e desenvolvimento físico, motor, emocional e social das experiências motoras mais globais, principalmente relacionadas à participação efetiva nas aulas de Educação Física, começam a vislumbrar novos horizontes de oportunidades.

No que se refere ao perfil da célula identificada por Araújo (2007, p. 25), em relação à iniciação desportiva, os caminhos para a iniciação desportiva na ótica das pessoas em condições de deficiências se apresentam de uma forma um pouco mais complexa.

Segundo o autor, a pessoa em condição de deficiência adquirida, inicia-se na prática desportiva a partir de um (re)começo de sua vida, para entendermos melhor: esta busca ocorre após a estabilidade das alterações conseqüentes da sua deficiência, quer seja nos aspectos orgânicos ou psicológicos.

Estas novas possibilidades que foram abertas se refletem no campo social e no campo do desporto, surgindo então a busca pela ampliação das pessoas com deficiências na vida como um todo.

Com as descobertas das novas possibilidades em suas vidas, estas percebem que as conquistas estão mais próximas do que elas imaginam: sensações de segurança, recuperação da auto-estima, novas oportunidades, quer seja no campo social ou nos benefícios orgânicos, a questão é que por meio deste novo olhar, em como agir e viver, as pessoas em condições de

deficiências encontram uma nova forma de se posicionarem mediante a vida. Daí o papel fundamental e positivo que a Educação Física pode e deve fazer.

A forma positiva pela qual a Educação Física pode se manifestar, depende da maneira como esta intervenção acontece, podendo gerar benefícios ou não. Um trabalho de intervenção voltado pela busca de um ideal de corpo visando o desempenho, poderá eminentemente reforçar pontos negativos, uma vez que a busca pelo ideal poderá desviar do que se é na verdade, ou seja, de seu corpo real. A busca por um corpo ideal poderá desviar de seu verdadeiro corpo real.

"Esta é uma realidade não apenas com relação à PCD, mas a toda pessoa que se deparar com profissionais que desenvolvam intervenções desligadas dos valores, das sensações e dos desejos daqueles que estão sobre a sua responsabilidade em trabalhos na área da Educação Física". (ARAÚJO, 2007, p. 29).

Se perguntarmos para um grupo de pessoas que freqüentaram a escola bem como as aulas de Educação Física, talvez uma maior parte delas tenha suas lembranças como momento de alegria, de prazer, de brincadeiras, de desafios, de competição, enfim, são lembranças que podemos considerar como positivas. Mas podemos também encontrar, o que não será difícil, uma boa parte destas pessoas que trazem consigo sentimentos de frustração, vergonha, incompetência, rejeição, discriminação, enfim, não são boas lembranças das aulas de Educação Física na escola.

Mediante as contribuições das abordagens pedagógicas, defendemos uma Educação Física na escola que, para que cumpra o objetivo de atender a pessoa em condição de deficiência, deve ter como proposta buscar a promoção de diferentes atividades lúdicas e/ou desportivas, objetivando-se a valorização do aluno como ser único, respeitando-se suas individualidades, tornando-o crítico mediante a sociedade, promovendo a sua auto-estima através dos desafios propostos. Deve ser constituída por professores comprometidos em utilizar estratégias necessárias para promover o respeito à diversidade entre os alunos.

Capítulo IV

4 EDUCAÇÃO FÍSICA MEDIANTE AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS

No início da década de 1980, a Educação Física passou a ser estudada por um conjunto de diferentes abordagens sob os ângulos científicos e filosóficos, cujos objetivos consistiam na proposta de mudanças das práticas docentes, era preciso repensar novas reflexões sobre a ação pedagógica dos professores mediante o quadro tecnicista e biológico existente. As abordagens se diferenciavam em princípios curriculares como os objetivos, os conteúdos, as estratégias e a avaliação. Dentre todas as abordagens que foram propostas no presente trabalho, optou-se por destacar àquelas que consideramos como de maior representatividade na educação básica, uma vez que um dos objetivos a que se propôs esse trabalho é o de verificar qual foi a influência da Educação Física na vida escolar dos atletas paraolímpicos. A intenção de apresentarmos essas abordagens compõe parte do subsídio teórico proposto como forma a compreendermos a educação física escolar contextualizando-a em nossa temática do desporto adaptado. A busca pela fundamentação científica da Educação Física é um ponto em comum entre todas as abordagens.

Esclarecemos aqui, que em diversos momentos das diferentes abordagens, o termo vivência será utilizado. Por isso, emprestaremos a idéia de Betti (1992) para nos posicionarmos sobre o assunto entendendo vivência como sendo a importância e a necessidade da criança em experimentar, em praticar as diferentes formas de movimento, quer sejam no campo desportivo ou não, percebendo ainda que possíveis conhecimentos afetivos e culturais podem ser adquiridos com a prática destes movimentos.

Compartilhamos com a definição de Educação Física Escolar que muito nos agrada apresentada por Fonseca e Muniz (2000, p.81) que relatam:

> Pensamos a educação física escolar como uma prática social voltada para o desenvolvimento do corpo e da competência motriz da criança, sem o intuito de performance, possibilitando a vivência de diversas experiências culturais que

> fazem parte do universo infantil. Nesta perspectiva, as aulas de Educação Física devem ser vislumbradas como espaço que possibilite promover a autonomia da criança, a segurança na realização das atividades, o desenvolvimento da criatividade, da imaginação. Do domínio corporal, do prazer e principalmente, da ludicidade.

Iniciemos nossas explanações pela proposta Construtivista-Interacionista que tem como representante das idéias Freire (1994). O autor defende sua idéia de que o período da infância é marcado pela atividade motora e pela fantasia. Ocorre que as crianças ao entrarem na escola acabam sendo submetidas a uma imobilidade que é considerada como forma de aprendizagem. Essa falta de liberdade da criança descaracteriza o período de intensa atividade motora pela qual ela vivencia, mas mesmo assim, ela aprende, por menor que seja o espaço para a liberdade, ela aprende. Um dos papéis desenvolvidos pela escola é o de formar cidadãos capazes de intervirem na sociedade para que esta seja mais justa e democrática. Portanto, uma sociedade que se traduz como livre não pode se formar através de escola que não conceda a liberdade às pessoas.

No período escolar, as crianças deveriam aproveitar a riqueza dos jogos e das fantasias como conhecimentos do conteúdo escolar. A Educação Física enquanto componente curricular poderia aproveitar ao máximo o brincar através de atividades lúdicas e da cultura infantil.

Nem toda aprendizagem acontece nos momentos de agitação, também é preciso a vivência dos momentos de imobilidade e de silêncio; mas a dosagem destes momentos ainda não está clara nem para os professores de sala de aula e nem para os professores de educação física.

Segundo Freire (1994, p. 13-24) “corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar”.

O autor defende uma educação física nova e transformadora e que o corpo inteiro do aluno seja matriculado na escola. Defende a necessidade e a valorização por parte do professor de educação física do brincar que a criança traz de sua cultura, pois somente ela é quem realmente conhece o brinquedo.

Para Freire (1994, p.14) “sem viver concretamente, corporalmente, as relações espaciais e temporais de que a cultura infantil é repleta, fica difícil falar em educação concreta,

em conhecimento significativo, em formação para a autonomia, em democracia e assim por diante".

Daolio (2004) analisa a obra de Freire (1994) como um trabalho que vai além do conceito de desenvolvimento, não negando o aspecto motor, mas que acrescenta o desenvolvimento cognitivo e afetivo. O conceito de cultura não é tratado ao longo dos textos, mas encontramos ênfase em relação à importância de se resgatar o universo da cultura infantil através de jogos e brincadeiras. O professor de Educação Física, ao planejar as suas aulas deve considerar o universo de brincadeiras que as crianças trazem consigo. Os jogos e brinquedos são considerados facilitadores e não como uma herança cultural a ser garantida a todos os alunos. A cultura é vista como uma característica intrínseca que se reflete nas ações sociais, de dentro da criança para fora. O autor analisa que Freire faz inúmeras críticas ao trabalho realizado pelas escolas, as quais dissociam o corpo e a mente, daí a proposta de uma educação de corpo inteiro.

Defende a importância de incluir nas escolas o desenvolvimento do universo da cultura infantil, que carrega consigo a riqueza de jogos, movimentos, fantasia e brinquedo, o que, aliás, a criança é uma especialista. Desta forma acredita na aprendizagem com liberdade e criatividade, desprezando as formas de imobilidade e disciplina. Por fim completa sua análise,

"Em João Freire, a cultura infantil internalizada nas crianças corresponderia à ordem natural, e a escola, com a função de preservar essa condição natural, corresponderia à ordem social. Daí ser possível afirmar que o homem considerado por João Freire é primordialmente um *homem psicológico*". (DAOLIO, 2004, p. 120, grifo do autor).

Darido (2003) em sua obra descreve que trata-se de uma abordagem que atualmente encontra-se presente nas escolas, quaisquer que sejam as diferentes fases. A referida proposta é uma alternativa metodológica apresentada em oposição à linha mecanicista, lembrando que esta última se caracterizava pelo máximo resultado, pela homogeneização dos indivíduos, não se considerando as experiências vividas pelos alunos.

A linha mecanicista selecionava os alunos mais habilidosos para participarem das competições e do esporte de alto nível. A abordagem construtivista-interacionista baseia-se nas idéias e trabalhos de Jean Piaget e tem como proposta que o conhecimento é construído através da interação indivíduo-mundo, e que aprender e ensinar estão embutidos nesta relação de uma forma muito mais ampla, o conhecimento se dá através dos constantes processos de reorganização presentes nos esquemas de assimilação e acomodação.

Se por um lado vantajoso esta abordagem propicia a interação entre a Pedagogia e a Educação Física nos primeiros anos da escola, por outro lado acaba por resultar na perda da especificidade da Educação Física.

"Nesta visão o que pode ocorrer, com certa freqüência, é que conteúdos que não têm relação com a prática do movimento em si poderiam ser aceitos para atingir objetivos que não consideram a especificidade do objeto, que estaria em torno do eixo corpo/movimento". (DARIDO, 2003, p.7). Para a autora o que de fato não está esclarecido é qual seria exatamente o conteúdo a ser desenvolvido pela prática dessa Educação Física. Se não houver um conhecimento definido e sim o de outras disciplinas, a Educação Física passa a ser simplesmente um instrumento auxiliar na aprendizagem de outros conteúdos, ou seja, corre o risco de perder a sua identidade.

A interdisciplinaridade na escola é muito importante, e também é significativa para a Educação Física, mas desde que tanto a escola quanto o professor tenham claramente definidos as finalidades desta Educação Física.

Na obra de Freire (1994) o movimento é utilizado como forma a facilitar a aprendizagem de conteúdos do aspecto cognitivo, exemplificando-se a matemática, a escrita e a leitura.

A importante contribuição de Freire (1994), segundo Darido (2003), foi considerar a relevância que a Educação Física tem na escola ao relacionar com o conhecimento anteriormente adquirido da criança, afinal somente ela é quem sabe o que é um brinquedo, pois o referido autor propõe um resgate do universo cultural da criança como agente de suas próprias brincadeiras de ruas, jogos com construção de regras, rodas cantadas num processo de ensino-aprendizagem constante.

Outro aspecto importante dos estudos de Freire (1994), conforme Darido (2003), relata que ao se interagir com o meio, o aluno ao resolver seus problemas resulta na construção de conhecimentos. O jogo na proposta construtivista é o principal instrumento pedagógico, afinal a criança que brinca ou joga, aprende. A avaliação não acontece de forma punitiva, mas sim se destacando o processo de auto-avaliacão.

Paes (2001) também expressa suas observações quanto a proposta de Freire (1994) que propõe a igualdade no desenvolvimento da mente e do corpo, ou seja, de uma educação de corpo inteiro. O autor concorda que a melhor forma de se direcionar pedagogicamente a

Educação Física nas escolas se dá com o resgate da cultura infantil por meio de jogos e brincadeiras. Este trabalho dever ser priorizado principalmente no período escolar compreendido pelas quatro primeiras séries, quando então o autor defende a importância de se trabalhar o movimento corporal que incorporando ações físicas e ações mentais contribuirá para o desenvolvimento do aluno. A escola ao elaborar seu plano pedagógico deve considerar o conhecimento adquirido pela criança anteriormente, toda sua experiência já vivida e ainda vivida, pois desta maneira, os aspectos motores, cognitivos e afetivos ao serem considerados refletem positivamente no processo de aprendizagem. Certamente, desta forma, o ensino do esporte tornar-se-á uma atividade prazerosa, premissa considerada relevante para a aprendizagem do aluno.

Paes (2001, p.32) por esta proposta afirma que, "dessa forma, entendemos que a pedagogia do esporte, para o ensino fundamental, deve ser pensada tendo em conta as habilidades que o aluno, até mesmo de forma natural, adquiriu fora da escola".

O autor também destaca sobre as considerações feitas por Freire (1994) que relatam a riqueza adquirida pelo aluno quando o professor, durante o processo ensino/aprendizagem, provoca desafios, são as chamadas condições de desequilíbrio que ao serem confrontadas pelos alunos, geram a aprendizagem. Vivenciando o desconhecido, o aluno aprende.

Assim também concorda o referido autor que também defende a idéia de que essas condições de desequilíbrio, ao serem relacionadas com a temática do esporte através da vivência nos jogos, promove seu contato com situações novas e assim o professor alcança seu objetivo de ensinar o esporte na escola.

Entendemos, portanto, que esta proposta pode atender a Pessoa em Condição de Deficiência uma vez que percebendo que a aquisição do conhecimento é um processo que ocorre ao longo da vida, considerando a bagagem de experiências individuais que cada pessoa traz, não importa o **quanto** o corpo pode fazer, mas tudo o que ele **pode e poderá** fazer a partir de sua interação com o mundo. Cada movimento, cada conhecimento que a Pessoa em Condição de Deficiência absorve, aliado ao que ela traz consigo, reflete no seu desenvolvimento.

A construção deste conhecimento se reflete positivamente na vida destas pessoas no momento em que propicia que ela possa ser agente de suas brincadeiras, e para isso não importa que condições apresentem seu corpo-objeto no passado considerado, mas seu corpo como meio que absorve ações físicas, mentais e afetivas, contribuindo para sua inclusão na sociedade.

Prosseguimos com Daolio (2004) que nos ilustra que até a década de 1980, predominava uma visão estritamente biológica da Educação Física, o esporte era considerado como mera distração ou então em sua dimensão competitivista, ou seja, a busca pelo alto rendimento.

Foi justamente a partir desta década, que tivemos o início de debates que levantaram a questão da educação física sob o olhar sociocultural. A dimensão exclusivamente biológica predominante começava a dividir o espaço com as ciências humanas.

A cultura, conforme esclarece o autor, é a base fundamental para a educação física, pois as diferentes formas de expressão corporal ao longo da história refletem os diversos contextos vivenciados por grupos culturais específicos.

O papel do professor de Educação Física não consiste em trabalhar com a modalidade em si mesma, seja ela qual for. "Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica". (DAOLIO, 2004, p.2-3).

Se a ação corporal deve receber o tratamento pedagógico da Educação Física, vai depender da análise desta manifestação cultural em relação ao contexto em que ela se encontra.

Ao enfocar uma abordagem que tenha como conteúdos os jogos, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas, através de vivências e contextualizações como procedimentos estratégicos para o desenvolvimento destas temáticas, entendemos que a Pessoa em Condição de Deficiência também tem o seu espaço, afinal, lançar mão destes procedimentos para a realização das aulas de Educação Física, não é uma tarefa a ser realizada do professor para alguns alunos, mas a todos os alunos, quaisquer que sejam as suas condições. O espaço é para todos.

Também ressaltamos a abordagem progressista proposta por Ghiraldelli Júnior (1988) que considera cinco tendências da Educação Física brasileira, sendo a primeira a Educação Física Higienista que até 1930 era caracterizada pela preocupação intensa com a saúde, era preciso a formação de homens e mulheres fortes e saudáveis como forma a atuarem nos combates. Para que isto fosse possível, as atividades físicas eram desenvolvidas de forma disciplinar, banindo-se toda e qualquer forma de atividade que deteriorasse a saúde e a moral. Desta forma, Ghiraldelli Júnior (1988, p.20) ainda nos acrescenta que:

> A robustez corporal da parcela da juventude que sofre poucas privações é colocada como paradigma para toda a juventude. Independente das

> determinações impostas pelas condições de existência material, o indivíduo, pela atividade física, pode e deve adquirir saúde. Nessa ótica, a Educação Física funciona como agente de saneamento público, para uma sociedade livre de doenças e vícios.

O autor também considera sobre a Educação Física Militarista que predominou no período de 1930 a 1945, estabelecia a prática de exercícios estereotipados como padrões a serem utilizados pela sociedade. O desenvolvimento desta concepção ocorria nas aulas de educação física, objetivando-se a formação dos jovens para que fossem capazes de enfrentar e suportar as lutas e as guerras.

Nem todos os jovens eram selecionados, cabia somente aos chamados de mais fortes a aptos. Cabia a ginástica, aos jogos e ao desporto, a eliminação de fracos e incapacitados e a promoção de fortes e corajosos, via disciplina exagerada.

A Educação Física Pedagogicista compreendida entre 1945 e 1964 interveio em relação às tendências anteriores sob o enfoque do valor educativo da Educação Física, até então ignorado. Além das atribuições de promotora da saúde e da disciplina, esta concepção defendia a Educação Física com o papel de gerar a educação integral através do movimento. Considerava que a ginástica e os esportes deveriam ser exercidos pelos alunos no meio escolar, desta modo utilizando as regras como forma para a convivência democrática, despertando na juventude sentimentos de altruísmo e nacionalidade. A Educação Física passava a ter uma função social.

Continuando com a obra de Ghiraldelli Júnior (1988) a Educação Física Competitivista, pós 1964, refletiu os anseios de uma sociedade moderna que objetivava a competição e a superação individual. Ressaltava-se o atleta como a figura de um atleta-herói, reduzindo a educação física somente a prática de desporto de alto nível. Para que atletas fossem descobertos, houve a chamada massificação da prática desportiva, onde a ginástica, os desportos, e os jogos recreativos são submetidos ao desporto de elite. O apogeu da Educação Física era fortemente destacado pelos meios de comunicação de massa, estimulados pelos desportos espetáculos.

Com exceção da Educação Física Militarista que se baseava no fascismo, as demais tendências citadas utilizavam-se do pensamento liberal dominante das épocas.

A Educação Física Popular chega neste momento, contrapondo-se ao pensamento dominante, destacando as questões de ludicidade, a solidariedade e formas de orientação para os

trabalhadores na busca por uma sociedade democrática. E Ghiraldelli Júnior (1988, p. 21) acrescenta que,

> A Educação Física Popular não se pretende 'educativa', no sentido em que tal palavra é usada pelas demais concepções. Ela entende que a educação dos trabalhadores está intimamente ligada ao movimento de organização das classes populares para o embate da prática social, ou seja, para o confronto cotidiano imposto pela luta de classes.

Portanto, ao avaliar os diferentes momentos históricos e sociais que influenciaram a Educação Física Escolar, o autor pauta sua proposta pela necessidade de que se tenha uma Educação Física crítico-social dos conteúdos, que haja uma reformulação que caminhe desde os professores até a proposta das atividades sempre promovendo a apreciação crítica dos conteúdos.

Entendemos que o professor de Educação Física deve pensar em seu trabalho levando em conta estes momentos pelos quais a Educação Física passou. Primava-se pela seleção dos corpos mais fortes, dos mais saudáveis, dos mais rápidos e dos melhores, excluindo-se os chamados incapacitados e fracos. Não deixemos que estes critérios, quer sejam de forma implícita ou explicita, componham o conteúdo das aulas de Educação Física. Entendermos e refletirmos sobre o passado se faz necessário para transformamos ações presentes e futuras e pensarmos que nestas ações a participação da Pessoa em Condição de Deficiência é uma realidade a ser tratada.

Moreira (1991) através de sua obra,acredita que o pesquisador na área de humanas não deve ficar no campo da neutralidade das idéias, argumentando que é preciso estar presente como forma de homem e não como forma neutra. Para o autor, o pesquisador deve privilegiar a experiência de um mundo-vivido em relação a um mundo-científico, pois a experiência implica no científico. O chamado mundo-vivido é aquele das vivências do cotidiano, do mundo caracterizado pelas relações humanas, daí o enfoque da pesquisa em ciência humana.

Defende uma concepção que descreve a ação do professor de Educação Física na escola sob uma ótica fenomenológica da pesquisa qualitativa na área da Psicologia, ou seja, a explicação de como os fenômenos se apresentam e de como eles são experimentados, e não apenas como no mundo das idéias.

"Em síntese: o fenômeno Educação Física Escolar, neste trabalho, será observado do ponto de vista do corpo encarnado do ser-no-mundo, através da ciência na psicologia, em uma

abordagem fenomenológica, dentro da objetividade da descrição dos problemas do mundo-vivido". (MOREIRA, 1991, p.48).

O autor opta pela abordagem fenomenológica assim como concordamos plenamente que especialmente esta abordagem realiza e descreve experiências com as coisas, ou seja, no caso da Educação Física o corpo não responde somente enquanto cabeça, tronco e membros, mas porque existe uma procura pela essência deste corpo, pelas experiências que uma pessoa passa com este corpo. Trata-se de descrever os fenômenos que ocorrem com este corpo que é ligado ao mundo, que se relaciona com outros e que interpreta as coisas.

A Pessoa em Condição de Deficiência é este mundo vivido e como tal é possível encontrarmos uma série de dificuldades para o seu entendimento. Mas, mais do que conhecimento científico, é preciso que o professor de Educação Física passe pela rica experiência de ter um aluno em Condição de Deficiência, para que possa remeter novos olhares às relações humanas.

A Pessoa em Condição de Deficiência na Educação Física escolar, atualmente é um fenômeno, e não mais uma idéia. A resistência por parte de alguns professores por se considerarem não aptos a trabalhar com estas Pessoas, em acreditarem não possuírem conhecimento científico suficiente, cai por terra ao vivenciarem a rica experiência do chamado mundo-vivido que tem como parte a Pessoa com Deficiência que é um ser-neste mundo.

Fundamentalmente, entendemos a importância desta abordagem em relação à Pessoa com Deficiência, por buscar a essência do corpo, pela relevância que é atribuída às diferentes e valorosas experiências que esta Pessoa passa com este corpo.

Outro estudo relevante a ser destacado refere-se ao Coletivo de Autores (1992) como sendo uma obra que explicita, reflete e discute aspectos teórico-metodológicos da Educação Física enquanto matéria escolar e que aborda pedagogicamente os temas da cultura corporal tais como jogos, ginástica, lutas, acrobacias, mímica, esporte e outros, propondo a abordagem crítico-superadora.

Os autores acreditam que os temas acima citados necessitam ser o conhecimento da Educação Física e que os professores de Educação Física, de forma consciente, deveriam relacioná-lo com os seus próprios conhecimentos e também com as suas experiências diárias.

Para isto, são apresentados dois elementos considerados como básicos: o primeiro refere-se sobre a importância de se elaborar uma teoria pedagógica, a qual discorreria sobre formas pedagogica e didaticamente adequadas para se trabalhar o conhecimento na escola.

O segundo elemento básico a ser considerado consistiria na importância de se elaborar um programa específico voltado para cada um dos chamados graus de ensino, cabendo-lhe a função de organizar, sistematizar e selecionar os conhecimentos para cada grau de ensino. Ambos os elementos, teoria e programa, acabariam por relacionarem-se entre si.

Conforme fundamentam os autores, o Brasil é constituído por uma sociedade de classes que se caracteriza por movimentos provocados pela luta dos interesses dessas classes. Com isto acaba por acontecer uma crise, afinal os interesses da classe trabalhadora são imediatos e se referem à manutenção de suas necessidades vitais como alimentação, moradia, saúde, transporte e educação. Por outro lado, os interesses imediatos da classe proprietária diferem-se da classe trabalhadora, preocupam-se com formas de aumento de suas rendas, de patrimônio, de riqueza, garantindo assim a manutenção no poder.

Enquanto a classe trabalhadora preocupa-se em manter a sobrevivência, a classe proprietária preocupa-se em manter o poder, e através deste, promover a disseminação de sua ideologia, de seus valores, de sua ética, como se estes fossem critérios universais. Trata-se do domínio da classe detentora do poder.

A situação de uma sociedade capitalista causa um choque de interesses: de um lado a classe trabalhadora que luta pela transformação da sociedade e, de outro lado, a classe dominante que luta pelo interesse individual. E é essa luta de interesses de cada uma das classes sociais que gera a crise, de onde nascem as pedagogias descritas como teorias e métodos. A crise gera a pedagogia e quando esta não mais atende aos diferentes interesses, surgem outras pedagogias construídas refletidamente, até mesmo para a manutenção de uma hegemonia.

Esta abordagem acredita que a melhor forma de aprendizagem não consiste nos aspectos de como ensinar, mas sim na forma de como adquirimos este conhecimento, valorizando a contextualização dos fatos e o resgate histórico. Essa forma de olhar como os conhecimentos são adquiridos, é importante na medida em que o aluno compreende que para cada fase da história, existe uma produção do homem que se reflete naquele momento e que mudanças ocorrem de tempos e tempos. (DARIDO, 2003).

Ainda segundo a autora, encontramos suas apreciações em relação à abordagem crítico-superadora como sendo uma pedagogia considerada diagnóstica, porque recebe os fatos, a realidade, interpreta-os e julga-os. Este juízo é feito sob o olhar de quem julga, considerando como ética os interesses de uma classe social que os represente. É considerado como um projeto político-pedagógico, pois o político se deve ao fato de propor formas intervencionistas e o pedagógico que leva o homem a refletir sobre as suas ações na realidade, definindo seus objetivos. Para a organização do currículo propõe que os alunos diferenciem o senso comum do conhecimento cientifico, como forma de ampliarem seus conhecimentos. Acredita no ensino simultâneo dos conteúdos, ou seja, que os mesmos conteúdos possam ser ensinados de forma mais complexa e profunda, a medida que as séries vão aumentando. Assim a proposta de um ensino através de etapas é descartada, o que conseqüentemente dispensa os pré-requisitos.

Daolio (2003) em suas análises ilustra que a pedagogia crítico-superadora proposta pelo Coletivo de Autores (1992) defende uma forma crítica da Educação Física que tinha sua fundamentação baseada na análise das estruturas de poder e dominação que compõem a nossa sociedade. Para o autor, o Coletivo de Autores (1992) apresenta proposta de uma abordagem crítico-superadora cujos objetivos se diferem em relação à abordagem desenvolvimentista de Tani et al (1988) e de Freire (1994). A valoração desta proposta deve-se ao fato de que propõe a transferência de foco da educação física escolar de dentro para fora do aluno. Desta forma a composição de um programa de educação física não seria restrito ao desenvolvimento motor, cognitivo ou afetivo do aluno, mas contemplaria a expressão corporal enquanto linguagem, como conhecimento universal criado pelo homem.

A proposta para os conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física nesta abordagem é a de que "se considere a relevância social dos conteúdos, sua contemporaneidade e sua adequação às características sócio-cognitivas dos alunos". (DARIDO, 2003, p.9).

Temas como o jogo, a ginástica, esporte e a capoeira são partes de um conhecimento denominado de cultura corporal e que é desenvolvido pela disciplina Educação Física. (DARIDO, 2003).

Com os olhos voltados para a cultura, Daolio (2003, p.120, grifo do autor) encerra:

> Esse patrimônio cultural, composto por jogo, ginástica, esporte e dança - elementos da chamada cultura corporal-, deve ser garantido a todos os alunos

> de forma que eles possam compreender a realidade social como dinâmica e passível de transformações. Essa abordagem trata explicitamente do conceito de cultura, embora falte a esse trato a dimensão simbólica. [...].Enfatizando a dimensão social, a abordagem crítico-superadora deixa de considerar o indivíduo e sua subjetividade. Daí ser possível afirmar que o homem da abordagem crítico-superadora é visto principalmente como *homem social*.

Consideramos importante esta abordagem sob a ótica da Pessoa com Deficiência utilizando a análise de Paes (2001) que se identifica com a proposta do Coletivo de Autores (1992), pois acredita que o ensino do esporte deve se dar enquanto um conteúdo de uma disciplina, abordando pedagogicamente em sua organização as diversas possibilidades do esporte.

É a chamada sistematização do ensino da Educação Física na escola. É justamente esse tratamento que Paes (2001) pretende dar ao ensino do esporte, ou seja, enquanto um conteúdo de uma disciplina que aborda em sua proposta pedagógica vastas possibilidades de se atuar sobre o fenômeno.

Sendo este um trabalho voltado para o desporto adaptado, acreditamos ser esta uma forma de se abordar o desporto nas aulas de Educação Física escolar, possibilitando seu acesso às Pessoas em Condições de Deficiência.

Desde sua primeira edição em 1982, Medina (2006) propõe a necessidade da existência de uma crise como forma de progressão da Educação Física. Defende que mediante as crises, atitudes e mudanças são realizadas e que para que se tenha a transformação, é preciso que as pessoas se disponham efetivamente em modificar. As mudanças nas instituições serão possíveis quando as pessoas que ali estiverem se modificarem.

Define que a consciência, instrumento que nos diferencia dos demais seres vivos, pode ser entendida no momento em que o corpo passa a perceber sua própria existência e o que também lhe cerca. O autor defende a idéia de que a consciência trata-se de um elemento corporal concreto, ao invés de uma questão abstrata, como alma, mente ou espírito. As manifestações se dão na dimensão corpórea, daí o tratamento dimensão humana.

Desta forma, o autor opta pela Educação Física revolucionária e defende sua idéia ao explanar que a considera como uma proposta ampla, pois não considera nenhum fenômeno isolado sendo o homem compreendido por todas as suas dimensões e em suas relações com outros e com o mundo.

A Educação Física revolucionária pode ser definida por Medina (2006, p.81-82) como “a arte e a ciência do movimento humano que, por meio de atividades específicas, auxiliam

no desenvolvimento integral dos seres humanos, renovando-os e transformando-os no sentido de sua auto-realização e em conformidade com a própria realização de uma sociedade justa e livre".

Para utilizar-se desta idéia, os professores atuantes deverão estar dispostos a renovar e transformar a sociedade, ponto este que consideramos essencial para a participação das Pessoas em Condição de Deficiência na Educação Física escolar.

Um dos pontos mais importantes que colaboram para uma sociedade mais justa e livre, é que os professores da Educação mediante a presença de conflitos, crises, busquem novas estratégias. Portanto o empenho do professor de Educação Física é condição ímpar para enfrentar os desafios propostos para transformar a sociedade em mais justa e livre, portanto numa sociedade que entenda e atenda a Pessoa em Condição de Deficiência.

Não conseguiremos abrir as escolas às diferenças e a acessibilidade, onde todos devem ser bem vindos se não estivermos dispostos a repensar nossos valores e costumes, procurando pela tão almejada sociedade mais justa e igualitária. A Educação Física revolucionária, em relação à Pessoa em Condição de Deficiência, será somente mais uma abordagem caso não haja mudança de atitudes principalmente, ao nosso entendimento, dos professores desta área.

Kunz (2004) objetivamente pretende com a concepção crítico-emancipatória desenvolver o ensino dos esportes na escola através da construção e contextualização dos movimentos, os quais deverão ser compatíveis com a realidade, possibilidade e necessidade do aluno. Propõe o ensino não somente das técnicas e do treinamento das habilidades, mas também dos aspectos da integração social e da linguagem. Daí uma grande contribuição às Pessoas em Condições de Deficiências.

A proposta da obra consiste na reflexão sobre formas de se ensinar os esportes por meio de uma "transformação didático-pedagógica", ou seja, dar um novo tratamento ao conteúdo esporte enquanto um conhecimento pedagógico transmitido na escola pela Educação Física. De forma a contemplar esta proposta, apresenta, portanto, uma teoria crítico-emancipatória cuja sustentação prática dá-se acompanhada do desenvolvimento de uma didática comunicativa.

Kunz (2004, p.37) explica que ao trabalhar a interação social, "que acontece em todo processo coletivo de ensinar e aprender, mas que deve ser tematizado enquanto objetivo educacional", tem-se como resultado um trabalho cujo perfil delineia-se pela responsabilidade, cooperação e participação. Este trabalho coletivo fundamentado pela didática comunicativa

resultará em outro elemento fundamental que é a linguagem, não somente verbal, mas também corporal.

"A linguagem no esporte não é apenas a linguagem que se expressa pelo se-movimentar dos participantes, mas o próprio falar sobre as experiências e os entendimentos do mundo dos esportes". (KUNZ, 2004, p. 42)

Através do movimento, o indivíduo se relaciona com o mundo. Propõe que o conteúdo dos esportes deva conter a prática e a problematização dos mesmos tornando-se transparente. Para tanto, os esportes devem ser compreendidos de forma crítica e tematizado nas suas diferentes formas.

Assim, entendemos que ao criticar o esporte, desenvolvemos nos alunos a sua autonomia para que ele atue na sociedade de forma racional. Este processo torna-se condição fundamental para a inserção e permanência das Pessoas em Condições de Deficiência na sociedade. A relação com o esporte, traz a estas pessoas uma nova forma de se posicionarem na vida, não apenas pela prática desportiva, mas pelo processo que esta envolve, pois, "[...] um processo educacional crítico-emancipatório que não se resume, apenas num *saber-fazer*, mas inclui o *saber-pensar* e o *saber-sentir"*. (KUNZ, 2004, p.75, grifo do autor). Talvez para muitas Pessoas em Condições de Deficiências, isto seja fundamental para a reconquista de sua auto-estima, respeito e cidadania.

Ao brincar, a criança se interage, se comunica e se expressa com o mundo através da exploração e da criatividade dos movimentos. Não importa se a criança tem talento ou não para uma determinada modalidade esportiva, o importante é que seja oportunizada a ela experiências com o movimento nos esportes.

"É isso exatamente que torna o esporte tão atrativo e que deve permanecer no ensino dos esportes. Assim, também é possibilitado a todo aluno o *acesso* às modalidades esportivas tradicionais". (KUNZ, 2004, p. 128, grifo do autor).

O professor de Educação Física deve identificar quais os elementos significativos centrais de cada esporte. Ao exemplificar através da modalidade atletismo, teríamos como elementos centrais a serem identificados o correr, saltar, arremessar e lançar.

> [...] conceber arranjos materiais e sugestões de aprendizagem que envolvam esses elementos de significado central do esporte. Assim deverá acontecer que, em vez de apenas copiar as possibilidades preestabelecidas do movimento nos

> esportes, professores e alunos são desafiados a *transformar didático-pedagogicamente o esporte*. (KUNZ, 2004, p. 129, grifo do autor).

A apreciação em relação ao esporte de rendimento apresentada por Kunz (2004) também encontra reforço por parte de Paes (2001) ao entender que esta forma de esporte citada pode interferir no esporte escolar, mas que não compete a escola centralizar-se no esporte de alto nível, mesmo porque a realidade existente nas escolas, principalmente as públicas, não possuem estrutura física adequada, material didático e nem tampouco, professores devidamente capacitados para desenvolver o esporte nesta amplitude.

"Entendemos que o esporte de alto nível está profissionalizado e que o que ocorre efetivamente nas escolas é a atividade esportivizada. Essa sim pode ser um fator determinante na Educação Física escolar". (PAES, 2001, p.31).

Para Daolio (2003) a proposta de Kunz (2004) critica a expressão cultural, preferindo cultura do movimento.

Tanto a escola quanto o professor de Educação Física estão envolvidos na arte de educar e para tal é preciso atender as necessidades que são pertinentes a esse processo: biológicas, psicológicas, sociais e culturais, quer sejam Pessoas em Condições de Deficiência ou não.

A obra de Tani et al (1988) propõe uma fundamentação teórica nos processos de crescimento, de desenvolvimento e de aprendizagem motora, através da abordagem desenvolvimentista, destinada à Educação Física Escolar e especificamente para a faixa etária de quatro a quatorze anos. Se o objetivo educacional é o de atender às reais necessidades da criança, então as compreensões destes processos relacionados às faixas etárias compõem elementos que visam à estruturação do plano de trabalho da Educação Física escolar.

Consideramos como ponto fundamental desta abordagem em relação à Pessoa em Condição de Deficiência a preocupação de que um projeto pedagógico que não considere as características das crianças em suas respectivas faixas etárias, acompanhadas pelos processos acima citados, acarretará numa Educação Física desinteressante e desmotivante, face aos métodos, objetivos e conteúdos elaborados de forma inapropriada.

O objetivo apresentado para a realização deste trabalho é definido pelo conceito de movimento humano, o qual segue de maneira vasta a sua discussão no decorrer da obra. O

movimento humano é "considerado o objeto de estudo e aplicação da Educação Física, [...]". (TANI et al, 1988, p.2).

Tani et al (1988) discutem a Educação Física baseada em elementos do desenvolvimento motor e de que formas o indivíduo pode aprender as habilidades e tarefas motoras requisitadas à sua vida. "O homem na abordagem desenvolvimentista é tomado principalmente como *homem motor.*" (DAOLIO, 2003, p.119, grifo o autor).

> [...]; as aulas de educação física deveriam propiciar condições para a aprendizagem de movimentos dentro de padrões sugeridos pelas fases determinadas biologicamente; os conteúdos de ensino seriam definidos com base nos conhecimentos sobre processos de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem motora; haveria relação direta entre as fases normais do desenvolvimento infantil e as tarefas propostas às crianças. (DAOLIO, 2004, p.20).

Representada por Betti (1991), a abordagem sistêmica considera a teoria dos Sistemas como conteúdo para o currículo da Educação Física, trabalhando com os conceitos de hierarquia, tendências auto-afirmativas e auto-integrativas.

A função da Educação Física não consiste somente no ensino de habilidades motoras e no desenvolvimento de capacidades físicas, é parte de seus objetivos, mas também na forma satisfatória em aprender, de forma que este indivíduo possa usufruir na sua cultura e na sua vida. O referido autor difere suas idéias em relação aos conteúdos que são oferecidos na escola, pois ele defende a utilização da vivência do esporte, do jogo, da dança e da ginástica.

Explica que esta vivência é representada pela experimentação dos movimentos em situação prática, despertando desta forma o conhecimento cognitivo e a afetividade.

Pela primeira vez, tivemos com Betti (1991) através o princípio da não-exclusão e exclusão, referências diretas das pessoas com relação à prática da Educação Física. Extremamente importante, descreve que o aluno não pode ficar excluído de qualquer que seja a atividade realizada durante as aulas de Educação Física. É um princípio que garante a acessibilidade de todos os alunos a todas as atividades desenvolvidas pela Educação Física.

> [...] o princípio da diversidade propõe que a Educação Física na escola proporcione atividades diferenciadas e não privilegie apenas um tipo, por exemplo, futebol ou basquete. Além disso, pretende que a Educação Física escolar não trabalhe apenas com um tipo de conteúdo esportivo. Garantir a diversidade como um princípio é proporcionar vivências nas atividades

> esportivas, atividades rítmicas e expressivas vinculadas à dança e atividades de ginástica. A importância da aprendizagem de conteúdos diversos está vinculada ao uso do tempo livre de lazer, oportunizando o alcance da cidadania. (DARIDO, 2003, p.10 - 12).

Desta forma, o papel do professor é fundamental na elaboração das atividades, deve estar atento às formas pedagógicas de intervenção, atendendo aos princípios da inclusão e da diversidade. Com a participação e o envolvimento dos alunos nas atividades, mesmo que às vezes de forma parcial, no caso das Pessoas em Condições de Deficiências, os professores de Educação Física se certificam de que os problemas não são tantos como se pensava e que as suas práticas e experiências dão conta das situações de aprendizagem. As necessidades de adaptações são sinalizadas pelo próprio aluno, desta forma, os professores vão se conscientizando de que os alunos seguem caminhos diferentes na realização das atividades e isto sim é que é normal.

Capítulo V

5 FOCALIZANDO O DESPORTO ADAPTADO

Cabe inicialmente neste momento o esclarecimento de que desporto adaptado aqui tratado refere-se ao desporto praticado atualmente pelas Pessoas em Condições de Deficiências (PCD). O referencial que utilizaremos para um breve resgate acerca da origem do desporto adaptado baseia-se nos estudos de Araújo (1997) e (2007) em razão de sua representatividade e valor teórico contemplado a área e, portanto, pertinente aos nossos estudos.

Segundo o autor, a origem do Desporto Adaptado não se posiciona claramente na bibliografia, mas se o delimitarmos em relação àquele praticado por pessoas portadoras de deficiência, nos remeterá após a II Grande Guerra Mundial, ponto de referência adotado por este trabalho.

Winnick (1990) já definia com objetividade e clareza o Desporto Adaptado como sendo:

> experiências esportivas modificadas ou especialmente designadas para suprir as necessidades especiais de indivíduos. O âmbito do esporte adaptado inclui a integração de pessoas portadoras de deficiência com pessoas 'normais', e lugares nos quais que se incluem apenas pessoas com condições de deficiência.

Assim, Araújo (1997, p.64) prossegue ampliando sua definição acerca do desporto adaptado esclarecendo-nos que considera ser o conceito de Desporto Paraolímpico "como sendo as modalidades esportivas praticadas por pessoas em condições de deficiência reconhecidas pelo Comitê Paraolímpico Internacional – IPC e apresentadas em eventos de sua promoção".

Araújo (2007) através de seus estudos encontrou registros sobre a realização de atividades físicas e de práticas esportivas por pessoas portadoras de deficiências através da educação física corretiva no período de 1920 a 1950. O objetivo da Educação Física corretiva definia-se por corrigir alterações do aparelho locomotor que fossem provenientes de insuficiências e complicações do aparelho respiratório ou de outros.

Para que pudéssemos introduzir ao leitor um breve histórico sobre a origem do Desporto Adaptado, utilizaremos uma linha do tempo a seguir que expõe didaticamente uma seleção de fatos que foram considerados essenciais por Strohkendl (1996[4]), Araújo (1998[5], 2003[6], 2006[7]) e Castellano (2001[8]) apud Araújo (2007, p. 66), na efetivação do desporto adaptado para pessoas em condição de deficiência no mundo.

1944	1º. Momento – Criação do Centro Nacional de Lesionados Medulares do Hospital de Stoke Mandeville (Inglaterra).
1945	Fim da II Guerra Mundial.
1946	Surgimento do basquetebol em cadeira de rodas – EUA.
1948	Criação dos Jogos de Stoke Mandeville (Inglaterra).
1950	Marca o Intercâmbio das linhas de intervenções propostas pelo Dr. Guttmann e de Mr. Limpiton.
1957	A realização da 6ª. Edição dos Jogos de Stoke Mandeville, a partir disto passam a ser de caráter internacional.
1960	Os jogos de Stoke Mandeville foram realizados no mesmo local dos Jogos Olímpicos e marcam o início de uma busca a qual sonhava o Dr. Guttmann que era a aproximação com o evento Olímpico.
1964	Os Jogos de Stoke Mandeville foram realizados em Tóquio.
1966	Dr. Guttmann busca recurso para a construção de um Ginásio de esporte totalmente adaptado para ser o centro de referência de esporte.
1976	Neste ano os jogos de Stoke Mandeville foram realizados na cidade Heideberg na Alemanha e as Olimpíadas em Munique. Esta edição marca a participação de atletas brasileiros no evento como também das duas primeiras medalhas no evento Paraolímpico.
1982	Iniciam estudos para a implantação de um sistema de classificação baseado no movimento e padrões de habilidades que são determinados pela permanência de potências funcionais dos jogadores.
1988	Marca a realização da primeira Paraolimpíada em Seul na Coréia do Sul.

[4] STROHKENDL, H. et al.. **The 50th Anniversary of Wheelchair Basketball**. New York: Waxmann, 1996.
[5] ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **A Educação Física para Pessoas Portadoras de Deficiências**. Nas instituições especializadas de Campinas. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
[6] ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **O Desporto Adaptado no Brasil**: onde tudo começou. In: Desafiando as diferenças. Simpósio SESC de Atividades Físicas Adaptadas. São Carlos, 2003.
[7] ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **Desporto para Pessoas em Condições de Deficiências**: desenvolvimento e perspectivas – "Uma visão acadêmica". In ANAIS do I Simpósio Paranaense de Educação Física e Esporte Adaptado. UNIPAR, Universidade Paranaense, 2006.
[8] CASTELLANO, Márcia Lameu. **Classificação funcional no basquete sobre rodas:** critérios e procedimentos. 217f. Dissertação de mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas,UNICAMP, 2001.

O primeiro momento destacado foi no ano de **1944** quando o Desporto Adaptado consistia na reabilitação dos soldados atingidos que estavam envolvidos na II Grande Guerra Mundial e que traziam consigo seqüelas decorrentes dos traumatismos causados pelos combates.

O desporto como reabilitação trouxe não somente sua importância terapêutica, mas também o descobrir de novas possibilidades em suas vidas.

O desporto traria a pessoa com deficiência – PCD – de volta à sociedade cuja condição passaria de "deficiente" a "eficiente". Assim, Adams et al (1985, p.52) descreve:

"Graças às atividades recreativas, os deficientes físicos encontraram a motivação necessária para participarem da comunidade mais ampla, de produzir, de trabalhar e de assumir papéis de liderança na comunidade".

A reabilitação era considerada como um fator essencial a ser desenvolvido pelos governos dos países que se encontravam envolvidos nas guerras, pois existia por parte dos mesmos a necessidade de se prestar contas à sociedade de que se estaria fazendo algo para minimizar as ocorrências geradas pela guerra; assim como pela classe científica, uma vez que os estudos se voltavam para a preocupação no que se referia à expectativa e a qualidade de vida desta população.

Neste sentido, em fevereiro de 1944, como uma das primeiras providências a serem tomadas, o governo britânico convidou o médico alemão, de origem judaica, exilado na Inglaterra, Sir Ludwig Guttmann, neurologista e neurocirurgião, para fundar o centro de reabilitação destinado a causa de tratamento dos soldados lesionados medulares no hospital de Stoke Mandeville, cuja localização era próxima a cidade de Aylesbury. Castellano (2001, p. 9) relata que:

> Guttmann, um esportista dedicado e praticante, especialmente esgrima, conhecedor da enfraquecida condição moral dos paraplégicos naquelas circunstâncias particulares, procurou inserir o esporte como um instrumento, um recurso da fisioterapia, por apreciar as qualidades e benefícios do mesmo nos aspectos emocionais, fisiológicos e sociais. Guttmann acreditava na premissa de que estes jogos reconstruíam vidas e sempre tentava difundir a idéia quando mencionava as perspectivas que ele vislumbrava para os paraplégicos quando aliavam, ao tratamento terapêutico, as atividades esportivas".

O Dr. Guttmann desenvolveu seu trabalho de reabilitação em pessoas acometidas por traumatismos raquimedulares durante o período de 1943 até 1980. O resultado deste trabalho

foi considerado muito importante, uma vez que até então a expectativa de vida desta população era imprevisível. Estudos registram que complicações decorrentes dos traumatismos levavam 80% destas pessoas à morte, pois a medicina ainda não se encontrava preparada o suficiente para o restabelecimento.

Um segundo momento destacado por Araújo (2007) ocorre quando o esporte passa a ser desenvolvido como fator reabilitador para usuários de cadeira de rodas. Este início deu-se no Hospital de Stoke Mandeville em **1945**, além da finalidade de trabalhar com o tronco e os membros superiores, também diminuir a tristeza e melancolia que a vida hospitalar trazia aos acometidos pela guerra.

Segundo Winnick (1990) no ano de **1946**, tivemos através de Mr. Benjamin H. Lipton[9] um movimento que atraiu a curiosidade da sociedade para o esporte em cadeira de rodas. Esta foi uma conseqüência da iniciativa ao programa de esporte de Lipton que se deu na América do Norte. Um grupo formado por ex-combatentes, uniu-se como uma equipe de atletas de cadeira de rodas. Surgida na Califórnia, a equipe que era conhecida como "Flight Wheels", ou seja, rodas voadoras, difundiu o esporte pelo país. Como conseqüência dessa divulgação esportiva, outros ex-combatentes tiveram seus interesses despertados. O basquete definia suas regras adaptadas e se destacava em cena.

Mas Lipton foi além, no período de 1946 a 1948, ao associar-se com o professor Timothy Nugent[10] se empenharam no desenvolvimento de treinamentos de equipes de basquete em cadeira de rodas.

Nugent, possuidor de um perfil de atitudes e entusiástico foi quem subsidiou pedagogicamente o trabalho médico do Dr. Guttmann. (CASTELLANO, 2001).

O produto deste trabalho fez com que a prática deste esporte fosse de interesse não apenas dos ex-combatentes de guerra, mas também de civis que eram considerados incapacitados, pois eram portadores de paraplegia, poliomielite, amputações e outros.

Um terceiro momento é caracterizado em 28 de junho de **1948** quando então, são realizados os primeiros Jogos de Stoke Mandeville comandados pelo Dr. Guttmann, o qual almejava este momento que para muitas pessoas era considerado impossível. Isto porque se tratava de um público considerado pela sociedade como infelizes e sem perspectivas de viver. Dr.

[9] Lipton era nos Estados Unidos, diretor do Joseh Bulova School of Watchmaking, responsável pelo início de um trabalho que propunha a formação e o treinamento de deficientes para o mercado de trabalho.
[10] Professor Timothy J. Nugent, diretor e técnico do time Gizz Kids, de Illinois.

Guttmann queria a realização de uma olimpíada especial onde fosse possível reunir todas essas pessoas que eram desacreditadas nos seus potenciais. No entanto, o que parecia ser um sonho, começava a se concretizar. Foram 16 atletas ingleses que participaram dos jogos, mais especificamente nas modalidades de tiro-ao-alvo, arremesso de dardo e arco-e-flecha. Segundo a obra de Adams (1985) este sonho foi realizado no jardim do National Spinal Injures Center of England, simultaneamente à realização das Olimpíadas de Londres.

Os estudos de Bedbrook (1987) analisados por Araújo (2007) indicavam que no ano de 1949, através da organização do prof. Nugent, havia sido realizada uma primeira excursão nacional de basquete nos Estados Unidos. Compunham a referida excursão 8 a 10 equipes e desta forma fundou-se a National Whellchair Basketball Association, com direção do próprio professor Nugent.

A edição de um jornal através de Guttmann, na Inglaterra, neste mesmo momento, trazia como notícia que os Jogos de Stoke Mandeville teriam caráter internacional cujo valor se igualaria aos dos Jogos Olímpicos, contribuindo desta forma para o desenvolvimento do esporte competitivo, mas também na divulgação junto aos lesados medulares.

Em **1950**, conforme a linha do tempo, um quarto momento é considerado por Araújo (2007) como o início do intercâmbio entre a Inglaterra e os Estados Unidos, através de um de seus maiores idealizadores: Dr. Guttmann vai até Lipton unindo idéias que favoreceram o desenvolvimento do desporto adaptado em cadeira de rodas.

Durante o encontro Dr. Guttmann convida uma equipe norte-americana para participar dos Jogos de Stoke Mandeville, que passaram a ser realizados anualmente. A partir de 1956 o Comitê Olímpico Internacional passa a reconhecer de forma oficial os Jogos de Stoke Mandeville.

Na realização de sua sexta edição em **1957**, os Jogos de Stoke Mandeville elevam-se à categoria de competição internacional no continente europeu, sendo então em 1958 denominado de Jogos Internacionais de Stoke Mandeville. Tudo isso graças ao trabalho, esforço e dedicação do Dr. Guttmann em proporcionar aos jogos uma forte infra-estrutura. Neste ano, além destes jogos terem sido realizados em Aylesbury, também aconteceu em Bruxelas, cuja abertura foi realizada pela rainha Elizabeth.

Em **1960**, tivemos o sexto momento: os Jogos de Stoke Mandeville tiveram o mesmo reconhecimento que o de uma Olimpíada, afinal já era um sonho que o Dr. Guttmann

nutria desde o ano de 1948. Assim, em sua nona edição os jogos forma realizados em Roma, na Itália, após o término dos Jogos Olímpicos de Roma. Foi um salto positivo que muito contribuiu para o movimento paraolímpico.

Foi a primeira vez que uma Paraolimpíada tinha sua realização no mesmo local que a Olimpíada. Este acontecimento foi possível devido a uma proposta de Antonio Maglio[11], amigo do Dr. Guttmann, para que os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville fossem realizados em Roma após a XVI Olimpíada de Roma. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a).

Participaram da chamada Olimpíadas dos Portadores de Deficiência cerca de 400 atletas em cadeira de rodas, oriundos de 23 países, pois observaremos que até o ano de 1972 participavam das Paraolimpíadas somente os esportistas cadeirantes. Aliás, o termo "Paraolimpíada" somente foi utilizado oficialmente no ano de 1984.

Modalidades que compuseram as competições: snooker, arremesso, lançamento, basquete em cadeira de rodas, natação, tênis de mesa, arco e flecha e pentatlo.

O Papa João Paulo XXIII além de tecer elogios ao Dr. Guttmann pelo seu trabalho, também recebeu em audiência exclusiva todos os participantes desta edição. Em primeiro lugar nas competições tivemos a Itália, seguida da Inglaterra e depois Estados Unidos. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a).

Em **1964** os jogos foram realizados em Tóquio e contou com as presenças do príncipe Akahito e da princesa Michiko do Japão. Neste mesmo ano, surge a segunda organização internacional para dirigir o desporto aos deficientes: Organização Internacional de Desporto para Deficientes. Nesta edição, o número de atletas participantes foi menor em relação a Roma, foram 375 esportistas de 22 países.

Além das provas realizadas em Roma no ano de 1960, também tivemos a corrida em cadeira de rodas para homens e mulheres pela primeira vez na modalidade de 60m rasos. Também tivemos nesta edição a inversão em relação ao quadro de medalhas: Estados Unidos, Inglaterra e Itália. . (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a).

A denominação paraolímpico surge nesta época e passa a ser adotada pelo comitê dos jogos, fato este que não acontecia até então.

Os Jogos de Stoke Mandeville continuam a ser realizados anualmente, mas com a nova denominação de Stoke Mandeville Games, que conta com o apoio das Organizações

[11] Diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia.

Internacionais. Era crescente o número de participantes nos jogos a cada nova edição. Assim o Dr. Guttmann idealizou a construção de um estádio que fosse totalmente adaptado para a realização deste evento, através da parceria com amigos, sociedade e do recebimento de verbas externas, principalmente da Holanda. Seu objetivo era que o complexo esportivo se destacasse como um centro de referência esportiva.

Durante a realização dos Jogos Olímpicos no Japão em 1964, os organizadores da próxima Olimpíada foram chamados a realizar as Paraolimpíadas seguidamente à realização dos Jogos Olímpicos. Ocorre que, após o tempo de dois anos, os organizadores mexicanos alegaram que não possuíam condições técnicas e financeiras para sediarem as Paraolimpíadas. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a).

Em **1966,** Dr. Guttmann busca recurso para a construção de um ginásio de esporte totalmente adaptado para ser o centro de referência de esporte.

Assim, no ano de **1968**, por problemas gerados por parte do comitê mexicano, responsável pela realização das Olimpíadas na cidade do México, os Jogos de Stoke Mandeville não foram realizados no mesmo local e sim na cidade de Tel Aviv, em Israel.

Dr. Guttmann, não querendo quebrar a tradição da realização das Paraolimpíadas após as Olimpíadas, aceitou a proposta advinda dos Israelenses para que os Jogos fossem realizados na cidade de Tel Aviv. Para que os jogos fossem realizados, construiu-se o primeiro complexo esportivo adaptado do mundo, contando com a participação de 730 atletas de 29 países. (ARAÚJO, 2007).

Nestes Jogos tivemos esportes como: atletismo, natação, halterofilismo, tênis de mesa, arco e flecha, sinuca, basquetebol, esgrima e bocha. Os Estados Unidos continuaram na supremacia e a Inglaterra em segundo. Surpresa mesmo foi o terceiro lugar de Israel. . (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a).

Outro marco nesta época, foi a inauguração do estádio esportivo de Stoke Mandeville, pela rainha Elizabeth da Inglaterra, em agosto de 1969. A estrutura esportiva estava totalmente adaptada para paralisados e demais deficientes.

Os Jogos Olímpicos de **1972** foram sediados na cidade de Munique, na Alemanha e por questões políticas não reveladas, as paraolimpíadas foram realizadas na cidade de Heidelberg, também na Alemanha. A justificativa aparentemente dada foi a de que as dependências da vila dos atletas não estariam adaptadas aos atletas paraolímpicos após o final da

realização das Olimpíadas. Então foi a cidade de Heildelberg que se dispôs a receber os atletas, sendo que o próprio Dr. Guttmann se deslocou até o local para verificar as condições estruturais. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a). Nestes jogos paraolímpicos, destacam-se pela primeira vez a participação de atletas brasileiros, sem medalhas para o Brasil, mas sendo Cláudia Araújo, classe 4, eleita como a melhor jogadora de basquete do mundo. (ARAÚJO, 2007). A cerimônia de abertura contou com a presença do Presidente da República Federal Alemã, Dr. Gustav Heineman. Participaram mais de 1000 atletas de 44 países nas modalidades que se fizeram na edição anterior, adicionando-se o goalboal e a prova de 100m rasos aos atletas deficientes visuais, sob a forma demonstrativa. Como resultados tivemos em primeiro lugar a Inglaterra, depois Estados Unidos e África do Sul. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a).

Os documentos pesquisados por Araújo (2007) também revelam que não foram divulgados os reais motivos dos quais, novamente, o local das paraolimpíadas e das Olimpíadas do Canadá, em **1976,** não foi o mesmo. Os Jogos Olímpicos foram realizados em Montreal e as Paraolimpíadas em Toronto.

Esta edição das Paraolimpíadas da cidade de Toronto, no Canadá, inaugurou a era das transmissões de jogos ao vivo. Os atletas foram acomodados nos alojamentos dentro das adaptações necessárias a cada tipo de deficiência. As provas mantiveram a formatação anterior sendo que as corridas para cadeirantes foram ampliadas, incluindo-se as provas de 200, 400, 800 e 1500m. Nesse evento tivemos um importante acontecimento: a inclusão de atletas cegos e paralisados cerebrais nas provas.

Foi nesta Paraolimpíada de Toronto que o Brasil ganhou suas duas primeiras medalhas na modalidade de bocha, com Robson Sampaio de Almeida e Luís Carlos Curtinho. Lideraram o quadro de medalhas: Estados Unidos, Holanda e Israel. (ARAÚJO, 2007; COMITÊ PARAOLÍMPICO, 2008a).

Os jogos Olímpicos de **1980** foram realizados em Moscou, na União Soviética e os jogos Paraolímpicos, mais uma vez, foram realizados em outro local, na cidade de Amheim, na Holanda. (ARAÚJO, 2007)

Os organizadores dos jogos olímpicos eximiram-se de realizar os dois eventos. Assim, se candidataRam a realizar as Paraolimpíadas a Dinamarca e a África do Sul.

Foi então que na cidade de Amheim, na Alemanha que tivemos o maior acontecimento voltado para as pessoas com deficiência da época: mais de 1900 atletas de 42 países. Incluiu-se pela primeira vez no programa oficial das competições o voleibol, goalboal e as competições para paralisados cerebrais. No quadro de medalhas: Estados Unidos, Alemanha e Canadá. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a).

Foi a última vez que o Dr. Guttmann participou desses jogos vindo a falecer no dia 18 de março do mesmo ano.

Em **1982**, mediante a necessidade, iniciaram-se estudos para a implantação de um sistema de classificação baseado no movimento e padrões de habilidades que são determinados pela permanência de potência funcional dos jogadores.

Anteriormente ao estabelecimento e utilização da classificação funcional observava-se que o desporto adaptado acabava por selecionar atletas menos comprometidos em níveis sensorial e motor, em detrimento de atletas mais severamente comprometidos. Desta forma, ocorria uma elitização do desporto adaptado.

A elaboração de critérios a partir da Classificação Funcional foi fundamental na prática das modalidades esportivas proporcionando o nivelamento nas competições, garantindo direitos e condições de igualdade entre seus praticantes, com isso pôde-se diminuir as questões relativas a possíveis injustiças. (CASTELLANO, 2001).

Segundo Araújo (2007, p.73-74),

> Este fato se torna o grande diferencial entre o Desporto Convencional e o Desporto Adaptado, pois a prática do Desporto Adaptado estava sendo restringida aos atletas que apresentavam menos limitações. A Classificação Esportiva primeiramente baseada na Classificação Funcional no esporte adaptado surgiu da necessidade de se garantir igualdade de participação dos atletas Portadores de Deficiência. Assim, criou-se uma Classificação Funcional para cada esporte, como por exemplo: Basquete sobre rodas, Natação, Atletismo, e outras modalidades, desta forma, a Classificação Funcional vem amenizar as diferenças entre as diversas categorias e graus de Deficiência e tornar acessível ao atleta o seu ingresso no esporte transformando suas limitações em potencial, garantindo uma participação mais justa, a técnica como diferencial permanece e não a sua condição de deficiência.

Castellano (2001, p.31) avalia a relevância que o sistema de classificação funcional propiciou ao desporto adaptado, quando relata que “portanto, o sistema de classificação funcional emergiu quebrando barreiras, preconceitos e resistências e teve uma ampla aceitação na

comunidade esportiva. No entanto, esse sistema também passou por reformulações desde a sua criação e tem buscado uma evolução constante".

Com a evolução das modalidades esportivas e suas classificações, com o crescimento dos jogos, a comissão responsável pela organização dos jogos Paraolímpicos sentia a necessidade de se estabelecer uma nova formatação para estes eventos, fundando então, no ano de 1982 o Comitê Coordenador Internacional de Organizações Esportivas para Deficientes a nível Mundial (ICC).

Em **1984**, as Olimpíadas foram realizadas em Los Angeles, nos Estados Unidos e os jogos Paraolímpicos dentro da nova formatação, deveria ser realizado em Illinois, mas por razões dos organizadores em viabilizar o evento naquele local, os atletas participantes que eram Pessoas com Deficiência em cadeira de rodas, foram transferidos para a cidade de Aylesbury na Inglaterra e os demais participantes que eram cegos, paralisados cerebrais e amputados, foram recebidos na cidade de Nova York.

A abertura da cerimônia foi feita pelo Presidente dos Estados Unidos que na época era Ronald Regan. Foram mais de 1700 atletas de 45 países. O resultado contou com a seguinte ordem: Estados Unidos, Inglaterra e Suécia. Sem dúvida alguma, os Estados Unidos e a Inglaterra despontavam na superioridade nos esportes para pessoas com deficiência.

Entre o período de 22 de julho a 1º de agosto, realizou-se os Jogos de Stoke Mandeville com a participação somente de atletas cadeirantes, num total de 1100 esportistas de 41 países, nas modalidades: arco e flecha, atletismo, basquete, esgrima, bocha paraolímpica, tiro, sinuca, natação, tênis de mesa e halterofilismo. Pela primeira vez tivemos a maratona para cadeirantes. (ARAÚJO, 2007).

Em **1988,** na cidade Seul, na Coréia do Sul, tivemos a retomada da realização dos jogos no mesmo local das Olimpíadas, pois até então este acontecimento só havia se realizado em Roma no ano de 1960 e em Tóquio, 1964, ainda sob a denominação de Jogos Internacionais de Stoke Mandeville. Participaram mais de 3.000 atletas de 61 países em 16 modalidades. Houve uma cobertura mais ampla da mídia em relação ao evento, onde a sociedade podia acompanhar algumas provas pela televisão. O Brasil conquistou 27 medalhas, sendo destas, 4 de ouro, 10 de prata e 13 de bronze. Luís Cláudio Pereira foi o destaque do Brasil, pois nos trouxe 3 medalhas de ouro nas provas de disco, dardo e peso, além da quebra de três recordes, sendo dois mundiais

no dardo e peso e um paraolímpico no disco. No quadro de medalhas: EUA, Alemanha e Inglaterra. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a).

Em 22 de setembro de 1989, foi criado oficialmente o Comitê Paraolímpico Internacional (IPC) que se caracterizou não somente por uma mudança de nome, mas também pelos seus objetivos:

> Dar assistência na coordenação dos Jogos Paraolímpicos; dar assistência na coordenação e supervisão de Jogos regionais, Mundiais e Campeonatos, como a única organização de múltiplas deficiências. Em complemento a isso busca: coordenar o calendário de competições regionais e internacionais; integrar esportes para atletas com deficiência com movimentos internacionais de esporte para atletas não deficientes ligados ao Comitê Olímpico Internacional e dar assistência e encorajar programas educacionais e de reabilitação, pesquisas e atividades promocionais. (ARAÚJO, 2007, p.76).

Em **1992**, as Paraolimpíadas foram realizadas na cidade de Barcelona, na Espanha e contou com o mesmo comitê dos Jogos Olímpicos e sob o comando do Comitê Paraolímpico Internacional (CPI). Tivemos a participação de 3.000 atletas de 83 países. A cerimônia de abertura teve a presença de diversas televisões que fizeram a cobertura do evento ao vivo para que o mundo pudesse acompanhar. O Brasil não obteve o mesmo desempenho que na edição de 1988: foram 7 medalhas, sendo 3 de ouro e 4 de bronze. Destacaram-se na delegação brasileira: Suely Guimarães e Luiz Cláudio no atletismo que quebraram recordes mundiais sendo o de Suely no lançamento de disco e o de Luís Cláudio no arremesso de peso. Nesta paraolimpíada tivemos a brilhante participação de Ádria Santos, que se iniciava como velocista e que conquistou sua primeira medalha de ouro. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a).

A partir desta data, o acontecimento que era conhecido como Jogos Paraolímpicos teve sua nova denominação para Paraolimpíadas. Mudança esta que não ocorreu apenas em sua nomenclatura, mas também na adoção de uma estrutura próxima a das Olimpíadas.

Em **1996,** as Paraolimpíadas ocorrem em Atlanta, nos Estados Unidos tiveram os mesmos moldes de Barcelona. O destaque desta Paraolimpíada foi a participação dos deficientes mentais que foram convidados pela primeira vez neste evento, em caráter competitivo. Foram mais de 3.200 atletas de 103 países que competiram em 20 modalidades. O quadro de medalhas ficou por conta dos EUA, Austrália e Alemanha. O Brasil conquistou 21 medalhas, sendo 2 de

ouro, 6 de prata e 13 de bronze. Presença marcante também da mídia. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a).

A Paraolimpíada de **2000** foi na cidade de Sydney, na Austrália, sendo considerada por sua estrutura o segundo maior evento esportivo do mundo, perdendo apenas para as Olimpíadas. Foram 3.800 participantes de 122 países. Mediante um quadro de participação de público e euforia, nossos atletas brasileiros tiveram o seu melhor desempenho, conquistando 6 medalhas de ouro, 10 de prata e 6 de bronze. No quadro de medalhas tivemos a Austrália, a Inglaterra e a Espanha. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008a).

Em **2004,** em Atenas, na Grécia, foi adotada de forma inédita um comitê organizador único, que teve a responsabilidade de coordenar as ações dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, ou seja, ambos os Jogos foram considerados como um evento único e compartilhado. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008b).

As delegações compunham-se de mais 2.000 pessoas. Em relação à mídia[12] tivemos um número até então nunca visto, de mais de 3.000 profissionais fazendo a cobertura dos Jogos.

Atualmente, não há como discutir sobre o desporto sem relacioná-lo com a influência dos meios de comunicação de massa, para os quais utilizaremos o que Betti (1998) define genericamente pelo termo "mídia". O autor nos explica que desde 1960, com a disseminação das transmissões realizadas ao vivo dos eventos esportivos, surgiu um novo personagem nesta história do desporto: o telespectador. Desta forma, esse telespectador transformou o desporto num espetáculo como produto a ser consumido, a busca por um entretenimento estimulante, sendo cada vez maior a indústria do lazer, cujo agente fundamental desse processo dentro da mídia é a televisão. A televisão, é um meio de comunicação de massa que abrange a maioria das pessoas, seja ela de qual classe social pertencer. O discurso da mídia prevê a indissociabilidade entre a informação, o entretenimento e a publicidade. A lógica da mídia é a de que tudo é mercadoria, portanto tudo é passível de ser consumido.

"A televisão modificou a audiência do esporte em todo mundo, e forçou-o a um papel de dependência conforme o tornou menos capaz de subsistir com espectadores ao vivo,

[12] "Por 'mídia' (do latim *media*, plural *médium*, que significa 'meio'), entendemos os meios de comunicação de massa como rádio, televisão, jornais e revistas, que permitem a um número relativamente pequeno de pessoas comunicar-se, rápida e simultaneamente, com um grande número de pessoas". (BETTI, 1998, p.31).

dependendo do patrocínio resultante das transmissões televisivas". (MIDWINTER[13], 1986 apud BETTI, 1998, p.32). Desta forma, entendemos que com a proliferação da televisão ao divulgar os eventos desportivos, o número de espectadores presentes nestes eventos passou a ter um papel secundário, pois o que realmente determina a transmissão dos jogos não é a presença deste espectador, mas sim o patrocínio incidente. O dinheiro aplicado pela televisão no mundo desportivo, através dos patrocinadores é um fator decisivo no desenvolvimento do profissionalismo no esporte. Patrocínio e profissionalismo no desporto caminham de mãos dadas.

O desporto profissional depende, e muito, da existência de injeção financeira dos patrocinadores.

Betti (1998) também nos lembra a respeito da televisão sobre como ela promove e estimula o consumo de produtos esportivos, que vão desde roupas esportivas a equipamentos de última geração. O desporto através da publicidade vende marcas.

A televisão em Atenas 2004 apresentou mais de 300 horas de cobertura das competições.

Também em Atenas 2004, a estruturação física foi determinante, quase todos os locais destinados à competição que foram utilizados nas Olimpíadas, também foram os mesmos das Paraolimpíadas, exceto o local do futebol que foi alterado em razão das diferenças nas medidas do campo. Até os pontos turísticos, prédios públicos e área urbana foram revistos e reestruturados para que barreiras arquitetônicas fossem eliminadas, não somente em Atenas, mas também em outras cidades que receberam atletas para competições. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008b).

Desde a edição que começou em 1960, em Roma, com a presença então de 400 atletas de 23 países, em Atenas os números aumentaram: foram mais de 4.000 atletas de 143 países que disputaram 19 modalidades: arco e flecha, atletismo, basquete em cadeira de rodas, bocha, ciclismo, esgrima, futebol de cinco, futebol de sete, goalboal, halterofilismo, hipismo, judô, natação, rugby em cadeira de rodas, tiro, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, vela e voleibol.

Dentre todas modalidades o goalboal e o hipismo foram os esportes que nunca haviam sido realizados em outras edições, já as modalidades de basquete e o tênis em cadeira de

[13] MIDWINTER, Eric. **Fair game**: Myth and reality in sport. Londres: Allen andUnwin, 1986.

rodas entraram para competir, pois até então eram apenas participantes como convidados. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2008c).

No caso que se refere este estudo, abordaremos aqui as modalidades das quais o Brasil obteve suas medalhas de ouro: judô, natação, atletismo e futebol de cinco, como forma a situar o leitor para que possamos analisar posteriormente os atletas por meio das entrevistas.

O judô é a única arte marcial das Paraolimpíadas desde o ano de 1988. Nos Jogos de Atenas 2004, tivemos pela primeira vez a participação das mulheres. A modalidade tem como filosofia a ética, o respeito ao adversário e às regras, proporcionando aos praticantes equilíbrio estático e dinâmico, importantes para vida diária dos deficientes visuais.

Para a realização da modalidade, judocas das três categorias oftalmológicas[14] , B1[15], B2[16] e B3[17], lutam entre si e o atleta cego (B1) é identificado com um círculo vermelho em cada ombro do quimono. As regras são as mesmas da Federação Internacional de Judô – I.J.F., contendo as referidas adaptações: interrupção da luta quando os competidores perdem contato e não há punição dos judocas quando saem da área de combate. Atletas surdos também podem participar. O sistema de pontuação é igual ao sistema olímpico. O Judô pode ser competido entre deficientes visuais e não-deficientes. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS, 2009a; COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2009d).

A natação é a modalidade que compõe o quadro de competições de Paraolimpíadas desde Roma em 1960, com a participação de homens e mulheres. Atletas com os tipos de deficiência física e visual participam das diversas provas que são divididas nas categorias masculino e feminino, seguindo as regras do IPC Swimming, que é o órgão responsável pela natação no Comitê Paraolímpico Internacional. As adaptações realizadas consistem nas largadas, viradas e chegadas. A largada também pode ser feita pelo atleta na água, no caso de pertencer a classes mais baixas (conforme classificação funcional), que não conseguem sair do bloco. A organização das baterias baseia-se no grau e no tipo de deficiência. No Brasil, a modalidade é administrada pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro. Para a realização da clasificação funcional, o atleta é submetido à apreciação da equipe responsável por essa ação, que procederá a análise de

[14] Os atletas são divididos em três categorias que começam com a letra B *(blind*, que significa cego em inglês). O parâmetro é o mesmo para homens e mulheres.
[15] B1 – Cego total: de nenhuma percepção luminosa em ambos os olhos até a percepção de luz, mas com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção.
[16] B2 – Lutadores que já têm a percepção de vultos. Da capacidade em reconhecer a forma de uma mão até a acuidade visual de 2/60 ou campo visual inferior a 5 graus.
[17] B3- Os lutadores conseguem definir imagens. Acuidade visual de 2/60 a 6/60 ou campo visual entre 5 e 20 graus.

resíduos musculares por meio de testes de força muscular, mobilidade articular e testes motores, os quais são realizados dentro da água. A regra é a de que quanto maior a deficiência, menor será considerado o número da classe. As classes começam com a letra S[18] (de swimming) e o atleta pode ter classificações diferentes para as provas do nado peito (SB) e do medley (SM). (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2009e).

No caso dos deficientes visuais, poucas foram as adaptações, uma vez que as regras se baseiam nas normas da FINA – Federação Internacional de Natação.. Somente em 1988, durante as Paraolimpíadas de Seul que a natação para pessoas em condição de deficiência passou a compor o quadro paraolímpico. No Brasil as competições relativas aos deficientes visuais são unicamente administradas pela CBDC – Confederação Brasieira de Desportos para Cegos. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS, 2009b).

O Atletismo conta com as provas: corridas, saltos, lançamentos e arremessos que acontecem mediante as especificidades de acordo com a deficiência dos atletas. Nas corridas, dependendo do grau de deficiência visual do atleta, ele poderá ser acompanhado por um atleta-guia. Este atleta-guia corre ao lado do atleta ligado a ele por uma cordinha presa às mãos e sua função é a de direcionar o atleta na pista, mas não podendo puxá-lo, sob a pena de desclassificação. O atleta deve estar sempre à frente do atleta-guia. As provas são divididas por grau de deficiência visual através da classificação visual[19] (B1[20], B2[21] e B3[22]) e as regras são adaptadas para os atletas B1 e B2. A estes atletas permite-se a utilização de sinais sonoros e do atleta-guia. As modalidades dos atletas B3 seguem as mesmas regras do atletismo regular. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS, 2009c).

As competições seguem as regras da Federação Internacional de Atletismo (IAAF), com certas adaptações como o uso de próteses, cadeira de rodas ou a possibilidade do

---

[18] S1 a S10 / SB1 a SB9 / SM1 a SM10 – nadadores com limitações físico-motoras.
S11, SB11, SM11 S12, SB12, SM12 S13, SB13, SM13 – nadadores com deficiência visual, cuja classificação é a mesma do judô e futebol de cinco.
S14, SB14, SM14 – nadadores com deficiência mental.

[19] As classificações visuais deverão considerar os dois olhos, com melhor correção, ou seja, caso o atleta use lentes de contato ou lentes corretivas, deverá usá-las para classificação, mesmo que pretendam usá-las ou não para competir.

[20] B1 – de nenhuma percepção luminosa em ambos os olhos até a percepção de luz, mas com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção.

[21] B2 – da capacidade em reconhecer a forma de uma mão até a acuidade visual de 2/60 e/ou campo visual inferior a 5 graus.

[22] B3 – da acuidade visual de 2/60 a acuidade visual de 6/60 e/ou campo visual de mais de 5 graus e menos de 20 graus.

atleta ser acompanhado por um guia, desde que não apresente vantagem em relação aos demais competidores. No Brasil, esta modalidade é organizada pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2009f). No atletismo, os atletas passam por uma avaliação que consiste na realização de testes que analisam o desempenho do atleta, sendo então categorizados. Para as provas de campo, utiliza-se a letra F[23] (*Field* = campo) e nas provas de pista a letra T[24] (*Track* = pista). Esta classificação é válida para os sexos masculino e feminino, no entanto, os pesos dos implementos utilizados no arremesso de peso e nos lançamentos de dardo e disco, variam de acordo com a classe de cada atleta. (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2009g).

O Futebol de cinco, que também é conhecido como futebol de cegos é uma modalidade adaptada do futsal tradicional. As regras obedecem às oficiais da Fifa com as seguintes adaptações: apesar das medidas da quadra serem as mesmas, as laterais são cercadas pelas chamadas bandas, que são proteções destinadas a evitar que as bolas saiam da quadra, tornando o jogo mais dinâmico. Só há cobrança na lateral com os pés, caso a bola passe essas bandas. Caso contrário, segue-se o jogo normalmente.

A bola no futebol de cinco também é igual a do futsal, contudo, possui guizo dentro da mesma para que os jogadores possam localizá-la. Todos os jogadores devem usar a venda nos olhos pois alguns jogadores B1 (cegos) podem ter uma leve percepção da luz, levando vantagem sobre outros. Com a venda nos olhos todos são equiparados às mesmas condições visuais. O goleiro, que enxerga, utiliza uma área reduzida para a defesa das bolas, não podendo sair da mesma, o que implicaria em pênalti. A equipe também possui o "chamador", que fica

[23] F11 a F13 – deficientes visuais
F20 – deficientes mentais
F31 a F38 – paralisados cerebrais (31 a 34-cadeirantes e 35 a 38-ambulantes)
F40 – anões
F41 a F46 – amputados e *Les autres* (atletas que não são classificados como deficientes físicos e nem como deficientes motores, mas que requerem atenções especiais observando as condições decorrentes de artrogripose, artrose, paralisia cerebral (alguns tipos), as condições da espinha bífida, esclerose múltipla e distrofia muscular progressiva. Les Autres também incorpora anão atleta sob a sua classificação.
F51 a F58 – competem em cadeiras (seqüelas de poliomelite, lesões medulares e amputações)

[24] T11 a T13 – deficientes visuais
T20 – deficientes mentais
T31 a T38 – paralisados cerebrais (31 a 34-cadeirantes e 35 a 38- ambulantes)
T41 a T46 – amputados e *Les Autres*
T51 a T54 – competem em cadeiras (seqüelas de Poliomelite, lesões medulares e amputações)

localizado atrás do gol do adversário, orientando o ataque dos jogadores. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS, 2009d).

A organização nestes jogos vem sendo mantida, desde Seul em 1988, no mesmo local das Olimpíadas. Araújo (2007, p.8) expressa seu parecer sobre a realização deste evento ao explicar que “isso mostra que se estabilizou enquanto movimento parte do movimento esportivo mundial e que os próximos países candidatos a sede das Olimpíadas têm que prever este evento com o mesmo glamour e integrado ao movimento Olímpico, para serem aceitos como candidatos a sediar os Jogos Olímpicos”.

Capítulo VI

6 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta seção se refere à parte instrumental do trabalho, pretende descrever todos os passos percorridos para a realização da pesquisa de campo considerada como primordial nesse estudo.

6.1 O contexto da pesquisa

Objetivou-se investigar as particularidades ocorridas durante a trajetória dos atletas de ouro nas Paraolimpíadas de Atenas 2004 e as percepções sobre o sucesso dos sujeitos envolvidos. Este estudo foi dividido em três etapas: a realização de uma revisão de literatura que tem por finalidade o conhecimento de diferentes formas de contribuição científica sobre o estudo em questão, nos permitindo uma contextualização do tema de forma a obter subsídios teóricos que confrontem com a realidade da coleta de dados através das entrevistas. Não é possível interpretar, explicar e compreender uma realidade sem um referencial teórico.

A segunda etapa caracterizou-se pela realização destas entrevistas possibilitando mergulhar na visualização da construção do desporto adaptado de nossa amostra. Por fim, na terceira etapa procurou-se através das análises das entrevistas junto ao referencial teórico pesquisado, a produção de um embasamento teórico geral sobre o assunto que contribuísse para a temática da construção do Desporto Adaptado no Brasil.

Inicialmente apresentaremos uma visão geral, uma caracterização dos atletas, como meio para elucidar o leitor sobre de que atletas estamos falando.

Destacamos aqui, dentre os vinte atletas entrevistados, dois deles não são pessoas em condições de deficiência, são os goleiros do futebol de cinco, mas que estão incluídos na amostra em razão desta ser composta de todos os atletas que foram medalhistas ouro nas

Paraolimpíadas de Atenas 2004, portanto estarão em apresentações separadas, para melhor visualização do leitor.

Caracterização dos atletas em condições de deficiências

Atleta	Modalidade	Deficiência	Classificação funcional
A1	Futebol de cinco	DV	B1[25]
A2	Futebol de cinco	DV	B1
A3	Futebol de cinco	DV	B1
A4	Futebol de cinco	DV	B1
A5	Futebol de cinco	DV	B1
A6	Futebol de cinco	DV	B1
A7	Futebol de cinco	DV	B1
A8	Futebol de cinco	DV	B1
A9	Natação	DF	S4[26]
A10	Natação	DF	F6[27]
A11	Natação	DF	F6
A12	Natação	DF	F5[28]
A13	Natação	DV	B1
A14	Atletismo	DV	B3[29]
A15	Atletismo	DF	T46[30]
A16	Atletismo	DF	F56[31]
A17	Atletismo	DV	B1
A18	Judô	DV	B1

[25] B1: de nenhuma percepção luminosa em ambos os olhos até a percepção de luz, mas com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção. Cabe aqui ressaltarmos que todos os atletas do futebol de cinco, com exceção dos goleiros que enxergam, independente de serem B1, B2 ou B3, em jogo, todos se tornam B1 mediante o uso da venda. Daí a classificação funcional de todos serem B1.
[26] S4 – nadadores com limitações físico-motoras.
[27] F41 a F46 – amputados e *Les Autres.*
[28] F5 – competem em cadeiras (seqüelas de poliomelite, lesões medulares e amputações).
[29] B3 – da acuidade visual de 2/60 a acuidade visual de 6/60 e/ou campo visual de mais de 5 graus e menos de 20 graus.
[30] T46 – amputados e *Les Autres.*
[31] F56 – competem em cadeiras (seqüelas de poliomelite, lesões medulares e amputações).

Conforme apresentação acima, os atletas estão representados pela letra A, de Atleta e seguidos por uma numeração de 1 a 18 de forma a facilitar a organização e identificação dos mesmos. Também consideramos como prudente a exposição de cada modalidade, tipo de deficiência, bem como a classificação funcional respectiva de cada atleta. Nosso universo foi composto por atletas nas modalidades: futebol de cinco, atletismo, judô e natação. Para identificar a deficiência de cada um, utilizamos a identificação, a saber: DV, para os deficientes visuais e DF para os deficientes físicos.

Caracterização dos atletas não deficientes

Atleta	**Modalidade**	**Função**
A19	Futebol de cinco	Goleiro
A20	Futebol de cinco	Goleiro

6.2 O percurso escolhido para a realização da pesquisa de campo

O caminho escolhido para o desenvolvimento deste estudo foi a elaboração de uma pesquisa caracterizada como sendo qualitativa do tipo estudo de caso descritivo.

Recorremos a Ludke e André (1986) e Trivinos (1987) que descrevem em seus estudos, as cinco características da pesquisa qualitativa propostas pela obra de Bogdan e Birten[32] (1982), a saber:

1. O ambiente natural (o mundo real) como fonte da coleta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento na coleta de dados, sem interferir;
2. A presença de uma forma descritiva na apresentação dos dados coletados, que intenta captar não somente a aparência do fenômeno, mas também a sua essência;
3. O foco de preocupação do pesquisador sendo o processo, e não somente o produto;
4. O significado que os sujeitos dão às suas coisas e à sua vida merecem destaque especial pelo pesquisador;

[32] Para saber mais consulte BOGDAN, Robert C. & BIRTEN, S. K. **Qualitative research for education; an introduction for to theory and methods**. Boston, Allyn and Bacon, 1982. 253 p.

5. A análise dos dados com tendência à indução, sendo esta descritiva e interpretativa.

Thomas e Nelson (2002) em seus estudos apresentam uma análise sobre as referidas características que envolvem a pesquisa qualitativa. Os autores acreditam que o cunho interpretativo em detrimento da preocupação somente com o procedimento é considerado o ponto fundamental que norteia a pesquisa qualitativa. Também descrevem que estudo de caso, eleito por esta pesquisadora, compõe o quadro da pesquisa qualitativa, incluindo-se observações de campo, etnografia e relatos narrativos.

De acordo com Thomas e Nelson (2002) a pesquisa qualitativa prima-se pela busca da essência do fenômeno. A visão de mundo modifica-se de acordo com a percepção de cada um, sendo profundamente subjetiva. Os objetivos se estabelecem primeiramente pela descrição, pela compreensão e pelo significado. O pesquisador não manuseia as variáveis pela experimentação, mas interessando-se mais pelo processo do que pelo produto, assim como uma das características acima citadas analisadas por Ludke e André (1986) e Trivinos (1987).

Thomas e Nelson (2002) também destacam que a pesquisa qualitativa enfatiza a indução, justificando esta assertiva através do fato que na ausência de hipóteses pré-concebidas, a referida pesquisa esforça-se no desenvolvimento de hipóteses a partir das observações. Por fim, os autores também consideram que o pesquisador é o principal agente na coleta e análise dos dados, sendo também este processo muito subjetivo.

Para Trivinos (1987) o estudo de caso pode ser um dos tipos mais representativos da Pesquisa Qualitativa, constituindo-se numa importante tendência da pesquisa educacional,

"[...] é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma *unidade* que se analisa aprofundadamente". (TRIVINOS, 1987, p. 133, grifo do autor). Essa afirmativa estabelece características notadas em razão de duas circunstâncias: por um lado pela natureza e abrangência da unidade, ou seja, podemos considerar um sujeito com todos seus fatores de vida (econômico, social, profissional, familiar), podemos considerar uma turma específica de uma escola, ou somente uma escola, uma determinada comunidade, enfim uma unidade a se considerar, e em nossos estudos a unidade a se considerar é o conjunto de atletas medalhistas ouro das Paraolimpíadas de Atenas 2004. Por outro lado, a complexidade do estudo de caso está determinada pelos suportes teóricos que servem de orientação ao investigador, ou seja, para que possamos estudar profundamente uma determinada unidade, é necessário que se pesquisem bases teóricas gerais sobre o assunto em questão até afunilarmos no caso específico, na unidade.

O Estudo de Caso é caracterizado como um estudo singular, que contém seu próprio valor como demonstra Ludke e André (1986, p.17): "o estudo de caso é o estudo de *um* caso, (...). O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular".

Thomas e Nelson (2002) reforçam esta idéia de que no estudo de caso existe um empenho absoluto do pesquisador em compreender profundamente uma única situação ou fenômeno. Apesar do Estudo de Caso promover uma análise rica, detalhada e rigorosa de um único caso, este estudo poderá ser representativo a outros casos. Por meio do estudo intensivo de um único caso, pode-se alcançar uma compreensão maior de casos similares. Trivinos (1987, p. 110) em relação a generalização esclarece que,

> No estudo de caso, os resultados são válidos só para o caso que se estuda. Não se pode generalizar o resultado atingido no estudo [...]. Mas aqui está o grande valor do estudo de caso: fornecer o conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada que os resultados atingidos podem permitir e formular hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas.

Thomas e Nelson (2002) definem que há três tipos de estudos de caso: estudos descritivos, estudos interpretativos e estudos avaliativos. A escolha desta pesquisa pelo estudo de caso descritivo se baseia no entendimento dos referidos autores que analisam sendo este formado por uma descrição detalhada dos fenômenos que não pretende testar ou mesmo construir modelos teóricos, assim como no propósito de alcançar um melhor entendimento da situação presente. Assim sendo, nosso estudo de caso descritivo pretende apresentar uma descrição rica da unidade composta somente por atletas que foram medalhistas ouro nas Paraolimpíadas de Atenas.

6.3 A elaboração do instrumento

Segundo Thomas e Nelson (2007) para a realização da pesquisa qualitativa, o pesquisador exerce papel fundamental na coleta e análise de dados, sendo ele o principal meio para que estes processos ocorram. Portanto, faz-se fundamental que o pesquisador esteja

corretamente preparado para tal. As diferenças percebidas entre os atletas, durante o processo de construção e elaboração de um instrumento que fosse adequado aos 20 sujeitos da amostra, foram fundamentais para o êxito da pesquisa.

Após a elaboração de um primeiro roteiro que contemplaria as investigações desse estudo, passamos à realização de estudo piloto para assegurar uma previsão de como conduzir a pesquisa e evitar possíveis imprevistos, propiciando-se maior segurança ao trabalho e destacando-se a testagem da técnica para a coleta de dados empregada, ou seja, a entrevista semi-estruturada.

Segundo os estudos de Barros e Lehfeld (1999), apreciar com validade, confiança e precisão depende de uma ação que seja segura na escolha da técnica de coleta de dados, sendo que a validez do instrumento é produzida por meio de sua eficiência em medir o que se busca.

Desta forma, procedemos com cuidado na realização dos estudos pilotos e no procedimento de validação que passaremos a descrever.

Foram realizados três estudos pilotos. No primeiro deles, a formulação do roteiro deu-se durante a participação da disciplina Atividade Física e Adaptação em cumprimento aos créditos do programa de doutorado no ano de 2005, sob a orientação dos Professores Doutores Paulo Ferreira de Araújo e Maria da Conceição G. Cunha F. Tavares sob a forma de um questionário com perguntas cuja aplicação foi feita em atletas do basquete em cadeira de rodas.

A amostra consistiu de seis atletas, dentro de um universo de quinze atletas. Este fato ocorreu em razão dos oito atletas que não responderam ao questionário estarem trabalhando, conforme relatou a técnica do time em relação ao treinamento: “não há regularidade em função do trabalho”.

O questionário foi aplicado no local de treinamento do time: Clube União do Sargento, localizado na Praça das Araras, na cidade de Campo Grande - MS. O instrumento aplicado foi classificado em quatro eixos temáticos, categorizados em quatro quadros respectivamente: Caracterização da População Alvo, Histórico da Prática Desportiva, Caracterização da Prática Desportiva e Caracterização do Apoio Afetivo-Financeiro, como forma a possibilitar de maneira ordenada a interpretação dos dados coletados.

Para complementação das informações obtidas colaborando para um traçado do perfil do grupo em questão, relataremos de forma sucinta, subsídios fornecidos pela técnica do time durante a entrevista semi-estruturada por telefone.

A professora de Educação Física está como técnica desde 1998. Treina o grupo de atletas, que é composto de quinze pessoas, mas no momento contava com apenas seis, pois não há constância e regularidade em função do trabalho de cada um. O time de basquetebol em cadeira de rodas é associado ao Centro Arco-Íris de Reabilitação Alternativa (CAIRA), que é uma Organização Não-Governamental (ONG) fundada em 1986 no município de Campo Grande-MS. Além do esporte, o CAIRA promove assistências sociais e psicológicas, encaminhamento para o mercado de trabalho e mantêm convênios de cursos para qualificação profissional. O CAIRA tem assentamento no Conselho Municipal da Pessoa Portadora de Deficiência (COMPED) e também no Conselho Estadual da Pessoa Portadora de Deficiência (CONSEP).

O CAIRA atende portadores de deficiência física: paralisados cerebrais. Neste local são desenvolvidas as seguintes modalidades desportivas: atletismo, basquetebol em cadeira de rodas, halterofilismo, futebol de paralisados cerebrais e tiro paraolímpico.

A aplicação do instrumento no referido grupo evidenciou dificuldades de precisão e objetividade, que também foram apontadas por especialistas nesta primeira tentativa da elaboração. As falhas apresentadas eram em relação a certos pontos, a saber: as questões contidas no questionário eram fechadas, portanto acabavam delimitando as respostas dos atletas. Nota-se que inicialmente, o que pensávamos facilitar ao atleta, ou seja, as perguntas fechadas, não contemplaram às nossas necessidades.

Mediante as dificuldades sentidas, reformulado o roteiro passando a modificá-lo como entrevista semi-estruturada, era preciso um instrumento que proporcionasse um clima descontraído e confiável propiciado por este tipo de técnica para que pudéssemos realizar a comunicação e a coleta das mensagens com êxito, correspondendo às expectativas da proposta deste estudo.

Um segundo estudo piloto, em 2007, foi a aplicação do roteiro de entrevista semi-estruturada em três atletas: a primeira era cega da modalidade de judô e a segunda era portadora de paralisia cerebral da modalidade atletismo, ambas estavam já classificadas para participarem nos Jogos Para Pan-Americanos realizados no Rio de Janeiro no mesmo ano. O terceiro atleta, cego também, era da modalidade do judô, mas não havia sido classificado para o referido evento.

As entrevistas com os atletas cegos foram previamente agendadas e realizadas no Instituto sul mato-grossense para Cegos “Florivaldo Vargas” – ISMAC – Educação – Assistência e Trabalho, do município de Campo Grande-MS, local esse que desenvolve atividades

pedagógicas e esportivas para cegos, inclusive no trabalho de transcrição de textos para o braille por profissionais. Serviço esse que foi utilizado para que fosse transformado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em braille aos atletas deficientes visuais, parte da amostra dessa pesquisa. Após a apresentação a um grupo formado por um especialista na área da Educação, uma mestre na área de Pedagogia e dois especialistas na área da Educação Física Adaptada, além do orientador desta pesquisa, houveram dificuldades apontadas: as questões estariam sendo realizadas de forma muito direta, seria necessário modificar a forma em como abordar os atletas. Não bastava somente aplicar o roteiro, era preciso modificar a forma de aplicar esse roteiro. Por exemplo, quando abordávamos sobre a trajetória escolar, ao indagar da forma "você freqüentou a escola", o atleta apenas nos informava que "sim", ao contrário da nova proposta, iniciávamos essa questão: "Você freqüentou a escola? Como é que era na escola, você se lembra? Você tinha Educação Física, como ela era, as atividades, você participava? Como foi a sua vida escolar de forma geral?". Ou também em outras ocasiões era exemplificado através de situações reais que foram vividas pela pesquisadora. Desta forma, percebam que a pergunta do roteiro passava a ser inserida dentro de um contexto deixando o atleta descontraído e mais à vontade nos respondendo de forma mais espontânea.

Esta forma de entrevistar realizada pelo pesquisador, afirma-se através de Thomas e Nelson (2007, p.301) que descrevem que "ele tem de usar palavras que sejam claras e compreensíveis para o entrevistado e ser capaz de formular perguntas de modo que o entrevistado compreenda o que está sendo perguntado. Acima de tudo, o entrevistador tem de ser um bom ouvinte".

Mesmo assim, quando a resposta não contemplava às nossas expectativas, retomávamos os pontos que não estavam claros. Em muitos momentos, a ordem das questões do roteiro, bem como o acréscimo de palavras e/ou comentários foram estratégias utilizadas tanto neste momento da elaboração do estudo piloto quanto nas entrevistas com os atletas Paraolímpicos de Atenas 2004. Thomas e Nelson (2007, p. 301) nos apóiam neste sentido ao afirmarem que "com freqüência, o entrevistador faz as mesmas perguntas a todos os participantes, mas a sua ordem, as palavras exatas e o tipo de questões de acompanhamento podem variar consideravelmente".

Desta forma passamos a uma reformulação do instrumento: mas um fator estava confirmado, a utilização da entrevista semi-estruturada como forma a obtenção dos dados.

O terceiro estudo piloto buscou uma amostra que mais se aproximasse da amostra dos sujeitos deste estudo, esta aplicação contou com a colaboração de atletas do futebol de sete, paralisados cerebrais, que foram medalhistas prata nas Paraolimpíadas de Atenas 2004, também pertencentes ao CAIRA de Campo Grande-MS, instituição esta já citada e caracterizada. Ao apresentar ao grupo citado, as respostas foram consideradas satisfatórias, ainda com pequenos ajustes, e a elaboração do instrumento estava aprovada. Esta foi a importância deste instrumento considerando-se a diversidade.

Um dos motivos pelo qual optamos pela escolha da Pesquisa Qualitativa justifica-se ao compartilharmos da idéia de Trivinos (1987, p.137) que "o processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques". Trata-se de um processo dinâmico que retroalimenta-se, reformulando-se e tornando-se um veículo para a busca de novas informações.

Assim sendo, as informações obtidas pelo entrevistador sobre os sujeitos, seguidamente analisadas e interpretadas, poderão indicar novos encontros com outros sujeitos ou até os mesmos, explorando-se mais o assunto ou demais aspectos que julgar relevante para o entendimento e esclarecimento do problema inicial que despertou o interesse na realização do estudo.

O universo da pesquisa constituiu-se de 20 (vinte) atletas, em outras palavras, um estudo com seu próprio valor, particular e singular, cujo critério de inclusão da amostra se deu somente para atletas que tivessem obtido medalha de ouro, e nas Paraolimpíadas de Atenas. Os critérios de exclusão da amostra foram: medalhistas de prata e bronze nas Paraolimpíadas de Atenas. Com a amostragem delimitada, partimos para a coleta de dados utilizando a entrevista semi-estruturada com a elaboração prévia de um roteiro (APÊNDICE A).

Kerlinger (1979), Ludke e André (1986) aconselham o uso de um roteiro de entrevistas que oriente o investigador através dos tópicos principais a serem coletados de maneira que ele não perca de vista o núcleo central da pesquisa.

As entrevistas não tinham um período de tempo pré-estabelecido, variaram de 30 min a 90 min de duração. Tal procedimento seguiu as orientações de Trivinos (1987) ao esclarecer que o tempo de duração da entrevista varia de acordo com o teor do assunto.

Trivinos (1987) também recomenda a utilização do gravador para o êxito na análise do conteúdo das entrevistas, assim sendo, como forma a gravar os depoimentos utilizou-

se um minigravador cassete de 60 minutos e também um aparelho MP3, garantindo assim a segurança das informações.

Trivinos (1987) e Thomas e Nelson (2002) revelam que a utilização de um gravador na entrevista pode causar certo desconforto e insegurança inicialmente, mas que no decorrer da mesma desaparecem, assim tivemos o cuidado de não iniciarmos a entrevista tão logo estávamos com o atleta, e sim através de uma conversa informal, para "quebrar o gelo", era realizada anteriormente aos questionamentos. Além da explicação acerca do estudo antes da realização das entrevistas, fornecemos a todos os atletas uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). Aos atletas cegos, foi providenciada a via no sistema Braille. A segunda via devidamente assinada pelos mesmos, ficou em posse da pesquisadora, garantindo o anonimato conforme estabelecido.

Cabe aqui destacarmos que o projeto de Pesquisa deste estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Campinas verificado através do Parecer CEP: 997/2007 e CAAE- 0734.0.146.000-07 (ANEXO I), assim como a aprovação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornecido aos entrevistados.(APÊNDICE B).

Os autores também recomendam que anotações durante as entrevistas sejam positivas, e assim o fizemos levando sempre aos encontros lápis e caderno em mãos. A explicação sobre o objetivo do estudo também foi claramente fornecida ao entrevistado, de forma a sensibilizá-lo, mostrando o quanto era significativo e importante a sua cooperação no fornecimento das respostas. Um clima amigável e de confiança permeou as entrevistas, assim, com os entrevistados à vontade foi possível assegurar de certa forma as informações necessárias.

O uso de uma linguagem compreensível nas entrevistas despertava nos atletas a sensação de que ele fazia parte de projeto, estabelecendo assim uma relação colaborativa. O respeito ao entrevistado também se traduziu na garantia do anonimato e sigilo. (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Além do caráter de interação que permeou a entrevista e a reciprocidade entre entrevistador e entrevistado, esta foi flexível, permitiu intervenções, esclarecimentos e adaptações de forma a permitir uma melhor eficiência para a coleta de informações que se desejava. Assim confirmam Thomas e Nelson (2007, p.301),

"O pesquisador deve ficar alerta a mensagens tanto verbais quanto não-verbais e tem de ser flexível para reformular as perguntas e perseguir determinadas linhas de questionamento".

Adotamos como recurso metodológico a entrevista semi-estruturada, por serem na pesquisa qualitativa, um dos principais meios que o investigador tem para a coleta de dados e também um dos mais adequados. Neste sentido, Trivinos (1987, p.146) afirma que:

> Podemos entender por entrevista semi-estruturadas, em geral, aquela que partem de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, frutos de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Laville e Dionne (1997, p.188), em relação às entrevistas semi-estruturadas enfatizam como "uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas que na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento".

Selltiz, Wrightsman e Cook (1987) apontam como vantagens da entrevista:

a) a produção de uma melhor amostra da população em estudo, ao contrário dos questionários que nem sempre são respondidos, a entrevista face a face desperta o espírito de cooperação das pessoas ao se sentirem prestigiadas por serem ouvidas pelo que pensam;

b) o fato de existir a inabilidade de muitas pessoas em responder de forma adequada um questionário, afinal, falar pode ser mais agradável do que escrever para diversos segmentos da população;

c) a forte capacidade do uso da entrevista para a correção de enganos dos informantes, ou seja, nos questionários pode haver uma interpretação errônea das questões, mas na entrevista existe a possibilidade de esclarecer as questões antes de serem registradas;

d) maior elasticidade na duração;

e) o uso de recursos visuais ou artifícios.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos atletas, em locais e datas sugeridos pelos mesmos. Inúmeras foram as viagens realizadas para o encontro com os atletas, bem como o tempo disponibilizado para permanência com os mesmos. "O

pesquisador tem de ter acesso ao ambiente de campo para realizar o estudo qualitativo. Além disso, ele deve ser capaz de observar e entrevistar os participantes no tempo e no local apropriados". (THOMAS; NELSON, 2007, p. 300).

O acesso aos atletas ou respectivos técnicos, foram fornecidos pela pessoa responsável por contatos de atletas, Julia Cenzi, da Vídeo Artesanal, localizada na cidade do Rio de Janeiro, que até o ano de 2008 era a empresa responsável pela produção de vídeos e assessoria de imprensa do Comitê Paraolímpico Brasileiro. A partir dos números de telefone e/ou e-mails fornecidos, procedeu-se o agendamento com o próprio atleta, ou com sua assessoria, ou mesmo com o técnico. As fitas e gravações originais foram guardadas em posse da pesquisadora como documentos das memórias. Um contato com atleta por meio do Comitê Paraolímpico Brasileiro (quando então já não contavam com a empresa Vídeo Artesanal) também foi prontamente atendido.

Após a gravação das entrevistas, estas foram transcritas na íntegra para posterior utilização e análise. Cabe aqui esclarecermos que nem todo conteúdo das entrevistas será utilizado no trabalho. Foi realizado um recorte dos principais trechos das mesmas que elucidavam os objetivos desse trabalho. Outrossim, a busca deu-se pelas particularidades das respostas para contemplar as categorias que foram propostas.

6.4 Exposição da coleta de dados

Os recortes das falas, transcritos das entrevistas conforme as categorias eleitas, foram apresentados de forma a proporcionar ao leitor uma visão geral de cada categoria, objetivando ilustrar nossas análises que foram subsidiadas pelo recurso de citações de autores.

6.5 A análise de conteúdo

Nesta pesquisa, procuramos identificar a construção do desporto na vida dos atletas, em que momento se deu o acesso ao desporto, como a Educação Física contribuiu para o sucesso desportivo e qual a relação entre suas histórias e o esporte.

Para a investigação proposta, consideramos como adequado o método análise de conteúdo dos estudos de Bardin (2002), conforme a análise de Trivinos (1997) que considera precisamente importante o referido método no campo da pesquisa qualitativa.

Bardin (2002, p. 42) define a análise de conteúdo como,

> um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de conteúdo é uma metodologia de análise de textos, que incide sobre várias mensagens, dentre estas a entrevista, como aqui ocorre. A pesquisadora objetiva construir um conhecimento através da disposição e dos termos utilizados pelos locutores, no caso, os atletas.

A comunicação é caracterizada como o intercâmbio entre os sujeitos, conforme Bardin (2002, p.32) "qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder se escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo" e a mensagem consiste no objeto da comunicação.

Portanto utilizaremos da análise de conteúdo no tratamento das mensagens e revelando pontos interessantes a respeito da vida dos atletas.

Para a concretização do caminho metodológico, Bardin (2002) aponta três etapas consideradas como básicas para a elaboração do trabalho com a análise de conteúdo: a pré-análise, a descrição analítica e a interpretação inferencial.

A pré-análise constitui-se basicamente na organização do material. Em nosso caso queremos realizar um estudo sobre a construção do desporto adaptado em atletas paraolímpicos medalhistas de ouro em Atenas 2004. O objetivo geral consolidou-se mediante a idealização das

questões que foram construídas no início e aperfeiçoadas no decorrer da construção do trabalho. “Embora o pesquisador possa mudar a direção e modificar as questões de acordo com o andamento do trabalho, o total abandono das questões originais é menos provável”, descrevem Thomas e Nelson (2007, p.299).

Por isso, optamos pela apresentação de questões baseando-nos nos estudos de Thomas e Nelson (2007, p. 299, grifo dos autores) que nos afirmam que,

“Houve tempo em que era comum, entre os que faziam pesquisa qualitativa, não apresentar nem hipóteses nem questões. Nos últimos anos, tem se tornado mais usual o estabelecimento de *questões* que serão o foco do estudo”. São questões, que segundo estes autores, fornecem grande quantidade de informações sobre o direcionamento do foco da pesquisa.

Mediante tais orientações, propusemos as seguintes questões:

1. Como se deu a trajetória dos atletas no segmento escolar?
2. Houve influência das aulas de Educação Física Escolar no sucesso dos atletas?
3. De que forma se deu o envolvimento do atleta com o desporto adaptado?
4. Qual foi o engajamento do trabalho na mídia?
5. Que papel exerceu o apoio familiar na construção do desporto adaptado do atleta?
6. Qual a influência que o apoio financeiro exerceu quando o atleta conquistou uma medalha de ouro?
7. Com o sucesso conquistado, o atleta pensa em algum projeto social que envolva a pessoa em condição de deficiência?

Neste caso, a técnica utilizada foi a entrevista semi-estruturada, obtendo-se um material a ser estudado pela análise de conteúdo o qual consistiu nas respostas coletadas dos atletas às entrevistas semi-estruturadas. Mas a pesquisa não se desenvolve somente baseada nesses aspectos, é preciso a realização da chamada leitura flutuante (primeiras leituras de contato com o texto) proposta por Bardin (2002) que permitiu a pesquisadora formular o objetivo geral da pesquisa, as hipóteses mais amplas e delimitar o campo no qual deva prender a sua atenção.

Bardin (2002, p. 34) apresenta como a segunda etapa para a análise de conteúdo a descrição analítica que “funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

A descrição analítica já se inicia na pré-análise objetivando submeter a um estudo aprofundado o material de documentos que inicialmente fora orientado pelas questões e referenciais teóricos. Este estudo se baseia nos procedimentos de codificação, classificação e categorização. Após toda esta análise realizada brotaram as apresentações das respostas que, neste caso, foram os pontos de vista dos atletas sobre as questões abordadas durante a realização das entrevistas semi-estruturadas. Mas durante a realização da análise descritiva observada nos recortes das entrevistas, não se restringiu somente nesse plano geral e análogo de opiniões, ela avançou no interior das mensagens captadas "na busca de sínteses coincidentes e divergentes de idéias, ou na expressão de concepções 'neutras', isto é, que não estejam especificamente unidas a alguma teoria". (TRIVINOS, 1987, p. 161-162).

A terceira etapa, apresentada como fase de interpretação referencial, apoiada nas mensagens desde a etapa da pré-análise, ampliou-se. Neste momento foram realizadas as reflexões apoiadas nos embasamentos teóricos, estabelecendo-se relações, a entender:

CATEGORIAS:

I. A trajetória dos atletas no segmento escolar;
II. A participação dos atletas nas aulas de Educação Física Escolar;
III. O envolvimento com o desporto adaptado;
IV. O olhar da mídia;
V. O apoio familiar;
VI. A importância do apoio financeiro;
VII. As possíveis contribuições para com o desporto adaptado.

Para a interação dos materiais, Trivinos (1987) esclarece que, para que a pesquisa seja interessante, se faz necessário que o pesquisador vá além de sua análise no conteúdo manifesto dos documentos. "Ele deve aprofundar sua análise tratando de desvendar o *conteúdo latente* que eles possuem", explica Trivinos (1987, p. 162, grifo do autor). Entendemos desta forma que se restringirmos as análises somente baseadas nos conteúdos apresentados pelas respostas das entrevistas, haverá somente denúncias da realidade sob a ótica dos atletas em relação a sociedade, o que poderá gerar uma visão estática da situação, ao passo que se formos

analisar abrindo, sem excluir os dados, mas desvelando as tendências e o que há por trás das falas dos atletas, o conteúdo obtido passará a ser dinâmico.

Capítulo VII

7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O presente estudo pressupõe um importante processo da coleta de dados, que considerou a participação dos atletas nas entrevistas como um dos principais elementos para a construção teórica e científica deste trabalho. As respostas obtidas através dos relatos constituíram a fonte primária e essencial na elaboração da pesquisa.

As mensagens transportadas em histórias da vida dos atletas, através das entrevistas semi-estruturadas, foram realizadas com o intuito de que,

> possam representar uma determinada coletividade, e que possam ainda, a partir do método proposto, transformar as linguagens manifestadas pelos entrevistados, ingênuos em relação à pesquisa, mas conhecedores de seu ambiente, em linguagem acadêmica e que confrontem e dialoguem com as teorias que compões a proposta deste estudo. (MONTAGNER, 1999, p.73).

Para que possamos entender nossos atletas, apresentamos abaixo o histórico da deficiência de cada um deles através de recortes de seus relatos durante a realização das entrevistas:

- **Histórico da deficiência**

Atleta	Deficiência	Idade	Histórico
A1	DV	29 anos	*Na verdade eu nasci com a visão normal, tive uma doença chamada, com três anos de idade, dois anos e onze meses, chamada princípio glorioso ou corpo selvagem que são bolhas escuras e, ao mesmo tempo secas, e elas estouram e ficam em carne viva. Essas bolhas andam o corpo inteiro em função de duas coisas, primeira coisa a própria doença mesmo, ela é meio selvagem mesmo, meio que atropela tudo, e diagnóstico errado que a médica pensô que fosse catapora aplicô a injeção e saíram bem mais é, é ...bolhas.*
A2	DV	33 anos	*É, eu perdi a minha visão aos 16 anos, foi um acidente com arma de fogo. É isso aí.*

A3	DV	28 anos	*Eu fiquei deficiente aos 7 anos de idade devido a um glaucoma que atacou nesta época, e por um erro de cirurgia, alguma coisa mau controlada, eu perdi a visão totalmente. Eu nasci enxergando um pouco.*
A4	DV	37 anos	*É, ela foi adquirida. A causa do meu problema visual foi retinoblastoma, é um tumorzinho no olho e de um passou para o outro. Mas eu perdi totalmente mesmo a visão do olho quando eu tinha quase 5 anos. Foi detectado nessa época mesmo, eu tive um problema num dos olhos com uns 4 anos, e no outro tive o mesmo problema com quase 5 anos.*
A5	DV	27 anos	*Ah, eu nasci com glaucoma congênito.*
A6	DV	30 anos	*Eu nasci cego, depois de quatro cirurgias voltei a enxergar, é, parcialmente. Logo depois por um problema de um deslocamento de retina que não existe explicação médica. Perdi a visão totalmente e aí desde os 13 anos que eu sou cego.*
A7	DV	25 anos	*A minha deficiência, eu já nasci com problema de visão, com glaucoma. Só que aí, que eu enxergava bastante, só que eu fiz 3 cirurgias e através dessas cirurgias que eu fiz foi que ocasionô mais a minha cegueira. E com meus 16 anos eu ceguei geral, fiquei cego. Aí não vejo nada mais hoje em dia. Só claridade, nem coisa, nem nada, só claridade mesmo.*
A8	DV	26 anos	*Eu sou deficiente por hereditariedade. A família da minha mãe, ela tem alguns parentes distantes, né, alguns primos que tem deficiência, no caso da gente é glaucoma. Eu tenho mais dois irmãos e na época quando a gente nasceu a tecnologia era muito, a medicina era difícil, não era desenvolvida o quanto ela é hoje. Então, a gente só tinha um pouco de visão, eu tenho o resíduo visual que chama, né. A gente ia fazer a cirurgia para tentar combater, só que a gente não fez por conselho médico. O médico disse que a gente, com 15 anos, ia perder o resto da visão, é isso que o glaucoma faz. Eu tenho um irmão, por exemplo, que agora ele tá com 12 anos, que ele é considerado um B3. Ele já fez 3 cirurgias mas ele não corre o risco de perder mais. Então é isso, é congênito, o glaucoma.*
A9	DF	29 anos	*Nasci com paralisia cerebral, falta de oxigenação durante o parto, até os 2 anos de idade eu não andava, né, minha mãe foi descobri tardiamente a paralisia cerebral...*
A10	DF	34 anos	*Bom, eu me acidentei com 17 anos de idade, trabalhava na construção civil e cai de um galpão de sete metros de altura, fraturei a coluna.*
A11	DF	26 anos	*Uhum. Bom, é termo que dizem é amputação congênita porque eu já nasci deficiente, mas o certo mesmo seria má formação porque não foi uma amputação foi uma má formação dos meus dois membros*

			inferiores, minhas pernas e minha mão.
A12	DF	42 anos	*Pesquisadora, a minha deficiência eu adquiri aos 9 meses. Eu tive pólio...*
A13	DV	27 anos	*Então, na verdade eu nasci prematura, de 6 meses e meio, aí eu fiquei na encubadora, né. Assim, vamos dizer assim, antigamente as pessoas falavam "Ah, erro médico, ah, foi erro médico". Mas assim, hoje já se tem estudos que eu tenho a chamada retinoplatia da prematuridade. Hoje se tem estudos que falam que o oxigênio ele ajuda, afeta a deficiência, por nascer prematura, ter falta de oxigênio, a retina ela acaba não conseguindo ser formada inteira, fica tipo uma pele, como se fosse uma cicatriz, uma queimadura, e assim, hoje em dia já tem campanhas, né, pra tudo. Porque até os três meses de vida, assim, 3 meses já nascido, se for tratada ela pode ser amenizada muito! Mas quando minha mãe descobriu já tinha o que, quase 4 meses, né. E também, na época não...*
A14	DV	27 anos	*A minha é congênita, né. Desde que eu nasci já foi se agravando, foi evoluindo. Não sei se era 6 ou 7 graus.*
A15	DF	36 anos	*É, aos 17 anos de idade, morando em Redenção do Burguês, cidade do Piauí, interior, eu sofri um acidente, trabalhador de roça, produtor rural, né, e foi uma fatalidade que realmente eu não esperava na vida, mas aconteceu. ... depois de um acidente fazer uma amputação.*
A16	DF	51 anos	*É, eu acho que minha vida, assim, foi, meu problema foi na infância, né, 7 anos de idade, e eu tive as duas pernas amputadas, né, e nesse acidente a pessoa tava embriagada, jogou o carro em cima de mim, e da minha amiga de infância. E aos 7 anos de idade, foi no dia do meu aniversário, quando eu perdi as duas pernas, né, fiquei amputada,...*
A17	DV	34 anos	*Eu já nasci com deficiência visual, na minha família tem 4 com deficiência visual, eu e mais 3 irmãos e eu sou mais nova de todos. E minha mãe teve 9 filhos, 4 com deficiência visual e 5 não. Eu tenho retina dispigmentada, astigmatismo e seratoconia e quando eu nasci, até os meus 18 anos, eu enxerguei mais ou menos uns 10 a 12% e com 18 anos eu perdi. Foi assim, 8 meses que eu comecei a perder e depois de 8 meses já não conseguia ver mais, só a percepção de claridade, sei quando é dia ou noite. Mas ultimamente eu sinto que até isso está piorando, né. Antes quando tinha uma luz acesa eu via e agora não, às vezes, eu tenho dificuldade para ver dentro de casa se eu estou com a luz acesa ou não. É só assim que eu vejo, né, eu não vejo tudo escuro, isso não, mas não vejo você, não consigo ver seu rosto, infelizmente. Tu quer que acende a luz?*
A18	DV	37 anos	*Adquirida. Eu fiquei com deficiência no olho esquerdo com 13 anos brincando com estilingue e a mamona e do olho direito eu fiquei completamente cego por um deslocamento de retina provocado por infecção alérgica. Estilingue e a outra de infecção alérgica.... Brincando de estilingue no meio do mato acabaram acertando uma*

> *mamonada no meu olho e eu acabei ficando deficiente.*
> *... aos 19 anos... porque eu estava ficando cego da outra vista por um deslocamento de retina provocado por uma infecção alérgica.*

Inicialmente, gostaríamos de apresentar as duas formas referentes à condição de deficiência: a deficiência adquirida é aquela que a pessoa adquire a partir de diferentes situações, de caráter transitório ou permanente e a deficiência congênita apresenta-se como uma condição de deficiência com a qual a pessoa nasce. (ARAÚJO, 2007).

Conforme podemos observar, dos 18 atletas entrevistados, 11 tiveram a deficiência adquirida e 7 a deficiência foi congênita. Dos atletas que tiveram a deficiência adquirida, esta predominantemente ocorreu no período da infância entre 4 meses a 7 anos, outros atletas a deficiência foi adquirida no período da adolescência, no intervalo dos 13 aos 17 anos. Desta forma entendemos que os atletas cuja deficiência adquirida foi um pouco mais tardia, estes tiveram que readaptar suas novas condições à suas novas vidas. Nos atletas A5, A11, A14 e A17 a deficiência foi congênita, o que também não significa que não se tenha a necessidade de adaptação, tanto pela família quanto pela vida em sociedade.

Os dados selecionados para nossa análise são partes dos conteúdos extraídos das entrevistas que estão integralmente no apêndice C e obedecem aos seguintes critérios e ordem: conteúdo relacionado ao segmento, ênfase que o entrevistado atribui para si, traços de importância que tem na formação do entrevistado e período de permanência no segmento como: a trajetória escolar; a sua participação nas aulas de educação física escolar; o envolvimento com o desporto adaptado; o olhar da mídia; o apoio familiar; o apoio financeiro e as possíveis contribuições para com o desporto adaptado. Além do rigor metodológico estabelecido na organização destes conteúdos, outro ponto para nossa justificativa desta forma de apresentação foi o destaque na organização das oportunidades que os segmentos ou temas selecionados tiveram na formação das pessoas envolvidas na pesquisa.

I. A TRAJETÓRIA DOS ATLETAS NO SEGMENTO ESCOLAR

Os atletas ao serem indagados sobre as suas trajetórias no segmento escolar, os conteúdos que eclodem de suas respostas podem ser assim destacados:

A1 DV *Freqüentei, freqüentei o instituto Benjamin Constant, da alfabetização a quarta série e continuei por lá mesmo porque depois eu fiz o segundo grau lá na cidade, que é longe da minha casa e eu era interno também. Eu tinha bolsa, né, era chamado de bolsista. Os alunos que terminam a oitava série continuam por lá, pra dormir, almoçar e jantar e eu fiquei no Benjamin Constant de 1990 a 2001.*

A2 DV *Freqüentei. Aí eu voltei e fui estudá num instituto em Campina Grande. No instituto em Campina Grande, certo tempo que morei lá, mas depois vim morá num instituto em João Pessoa...*

A3 DV *...porque na verdade, assim, eu fui para o internato muito novo, com 8 anos, né. Com 8 anos eu já fui deixado no internato lá pra ficar 6 meses lá, longe dos meus pais, em Belo Horizonte. Fiquei ao todo, na minha vida em internato, eu vivi 18 anos. Que foi a minha escola, a vida, né. Eu fiquei no internato 18 anos, na escola até os 17, depois eu fui ser interno numa entidade que amparava deficientes em Belo Horizonte. Depois eu fui para um instituto em Mato Grosso, também num internato. Aí fiquei até os 24 anos foi onde eu tomei a decisão que não queria mais morar em internato.*

A4 DV *E acabei vindo pra Curitiba e ficando no internato em Curitiba, um lugar chamado Asa Branca, que é um lar de amigos dos deficientes visuais. E ali fiquei toda a minha infância, eu ia pra casa 2 vezes por ano, e o restante fiquei em Curitiba e a minha vida foi praticamente aqui, estudando, né. Não, eu só freqüentei escola especializada no início, mas bem no começo mesmo, pra eu aprender o braille. E quando eu aprendi o braille, eu já em seguida fui pra um colégio de crianças normais de visão.*

A5 DV *Ah, eu estudei no colégio pra pessoas com deficiência visual, né. Então na realidade eu tive uma infância normal dentro de uma escola que procura atender esse tipo de pessoas. Então a gente brincava com as pessoas, nessa escola, também com a mesma deficiência que eu, e fora de casa, quer dizer, perto de casa, a gente brincava com meus amigos de lá e por eles terem crescido comigo, né, inicialmente eles nem sabiam que eu tinha deficiência, entendeu? Eu fiz o meu primeiro grau inteiro. Depois eu fui pra uma escola pública, normal, onde eu fiz segundo grau e faculdade.*

A6 DV *Na realidade, eu estudei num colégio chamado Padre Chico grande parte do meu ensino fundamental. É uma escola exclusivamente para pessoas cegas.*

A7 DV *Só depois que eu comecei a estudá, conheci, que fui pro estudo, em 94, daí eu comecei, graças a Deus, a ter uma melhora de vida, entendeu? Instituto dos cegos lá, entendeu?*

A8 DV *...nesse caso na escola que eu fui estudar foi escola mesmo para deficiência...Então, era especializada.*

A9 DF *Essa coisa da inclusão... não, na realidade sempre que eu estudei, eu participava depois de...de muito persistir porque não havia nada. Quando eu comecei a estudá, eu estudava em escola especial, porque tinha uma, tinha aquela lei pra que... pessoas com deficiência tinham que ser separadas, tinham que estudar com pessoas com deficiência, e pessoas ditas normais com normais, mas o meu pensamento hoje, 'tem que havê alguma diferenciação?' Tem, mas também tem que havê bom senso, né. Eu acho que principalmente bom senso. Porque na realidade, uma pessoa com a deficiência um pouco mais comprometida, realmente vai precisá de uma atenção especial e se ela ficar numa escola regular, uma escola convencional, não vai ter essa atenção especial. Talvez acabe prejudicando os alunos, os outros e principalmente ela, porque não vai ter essa atenção. Mas... outro caso, comigo, eu sempre gostei muito de estudar, apesar de nascê com paralisia cerebral, muitos acham, muitos acham que compromete a intelectualidade tudo, em alguns casos sim, mas a maioria não, né, e eu, eu poderia tá estudando em escola regular normalmente, né, então tem que haver esse, essa coisa de bom senso, tá.*

A10 DF *Eu quando sofri o acidente tinha 17 anos e estava fazendo a quinta série do primeiro grau. Então isso foi em 1990, ..., eu passei 5 anos pra depois voltar a estudar novamente. Isso foi em 90, eu voltei a estudar em 95 aí conclui a quinta série, sexta, sétima, oitava, terminei o segundo grau, com muitas dificuldades, ...*

A11 DF *Bom, minha infância foi boa, eu considero boa, porque eu tive mais 2 irmãos e sempre fui tratado como uma pessoa normal, nunca tive diferença. Muitas vezes eu esquecia que eu era deficiente e foi legal assim sempre pratiquei muito esporte, sempre joguei bola, sempre a gente ia pro clube e ficava o dia todo na piscina, praticava voleibol, basquete, tudo que tinha direito. Sempre foi, na escola também.*

A12 DF *Aí vim, em 80, e comecei a, no ano seguinte, fui estudá num colégio lá próximo a minha residência,...*
É engraçado, eu fui a escola mas era meio precário meus estudos. Como eu falei pra você, eu saí lá do interior e não estudava porque era difícil, meus irmãos não estudavam. Mas por eu ser deficiente físico tinha só ônibus à noite pro pessoal mais adiantado, e eu não...fui faze minha escolarização aqui, lá em Natal, foi muito difícil, foi meio tardia,...

A13 DV *Então, eu fui alfabetizada na Pró-visão primeiro, né, até os 7 anos. Junto com a Pró-visão, entrei com o que, 3 anos e meio, eu estudava no maternal, escola normal, no Catatau, aqui de Campinas. Eu estudava lá e na época a Pró-visão funcionava numa sala do colégio Batista, e quando eu entrei no pré, já não tinha mais no Catatau, o colégio Batista abriu espaço pros deficientes que tavam, que freqüentavam o Pró-visão pra poder estudar lá. Então eu estudava em classe normal, tinha acompanhamento da professora, né, da professora de braille, e foi assim.*

A14 *Era ensino fundamental, né, no início a gente é obrigado a fica lá,...*

DV

A15 *Olha a gente, antes eu fui, a partir dos 9 anos que eu comecei a freqüentar a escola. Morava num rio que era aterrado, lá em ..., quando eu retornei pro lado de cá, que era mais próximo, que tinha mais proximidade, tinha uma escola do interior ...aí comecei a entrá, entrei na 1ª série, uma luta. Comecei a escrevê, comecei a lê, que na época que tinha MOBRAL, eu cheguei até a fazê MOBRAL também a noite. Os mais velhos ia estudà de noite, a noite era aquele butijão de gás e tinha um lampião à álcool que ligava e ficava umas 4 horas estudando naquele MOBRAL. E eu era pequeno e lá no meio daquele pessoal, aí fui aprendendo a lê com essa história, até o 3º ano. Na 4ª série foi que eu passei pra cidade, isso foi em 80, acho que foi em 82 ou 83, uma coisa assim foi. Eu tava na 4ª série, tava atrasado,...fiz 4ª, 5ª, 6ª, na 6ª série que foi em 87, foi em 88, não em 87, no finalzinho, em dezembro que eu sofri o acidente, que foi na 5ª, daí quando foi em 88, no ano seguinte, eu voltei a estudá, que eu já tinha sofrido acidente. No colégio também não tinha, era na cidade, não tinha pessoas com deficiência, essas coisas.*

DF *Aí, acho que eu fiquei uns dois mês só, aí eu tava com dificuldade pra escrevê.*

A16 *Freqüentava, eu acredito que sim. Eu acho até que minha mãe parô até de dizer isso, mas eu acho que sim. Aos 7 anos de idade eu já frequentava,...E na escola, quando meu convívio a minha volta (PESQUISADORA: Depois do acidente...), foi natural, eu não senti dificuldade. Senti sim, quando vim a enfrentá uma capital, né, depois de já grande, moça, quando vim embora pra Recife, isso foi o que, em 1975, né, quando eu vim enfrentá o vestibular, né, e daí eu senti assim, nas pessoas.*

DF

A17 *Eu freqüentei uns anos o Instituto São Rafael, em Belo Horizonte. E lá era muito gostoso, eu ficava o dia todo no colégio e tinha aula normal e tinha aula de artesanato, tinha aula de tricô. Eu tinha 7 mais não deixaram. Eu estudava com a minha irmã, minhas duas irmãs foram, mas eu eles não deixaram porque não tinha nada adaptado na escola, né. Então eu não fui Isso, aí eu fui para o instituto e lá normal, né.*

DV

A18 O atleta não comentou sobre o assunto.

DV

Neste aspecto que levantamos a trajetória escolar dos atletas, verificamos que dentre todos os deficientes visuais, somente o A14 estudou em escola regular, talvez pelo tipo de sua deficiência, a miopia que era progressiva e com o uso de óculos, possibilitava ao mesmo a freqüência na escola regular. Os demais deficientes visuais, freqüentaram, pelo menos inicialmente, escolas especializadas para cegos. Já no caso dos deficientes físicos, com exceção do A9 que estudou em escola especializada, os demais estudaram em escolas regulares.

No caso de A18, a resposta ficou em branco, pois, em razão de questões pessoais do atleta, esta pergunta não lhe foi feita objetivamente.

Cabe aqui ressaltarmos que o contexto vivido pelos atletas era o da integração, uma vez que o processo de inclusão inicia-se a partir do ano de 1996.

A trajetória dos atletas não deficientes

A19 *Escola regular*

A20 *Escola regular*

Em razão dos atletas não serem pessoas em condições de deficiência, os goleiros estudaram em escolas regulares.

II. A PARTICIPAÇÃO DOS ATLETAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Nas respostas dos atletas, ao serem indagados sobre suas participações nas aulas de Educação Física Escolar, são destacados os seguintes conteúdos:

A1 *No Benjamin Constant sim, fora do Benjamin Constant não.*

DV

A2 *Bem, com certeza. Porque lá na escola foi onde eu comecei. Como eu te falei, pra você*
DV *aprendê a se adaptar a jogar o esporte futebol de cego, sozinho, assim, você não pega uma bola e vai lá. Você precisa de ajuda das pessoas, na aula de educação física. Como eu também já pratiquei a natação, o goalboal.*

A3 *Contribuiu porque foi através dela que um treinador me descobriu e graças a Deus eu tô a*
DV *10 anos na seleção, hoje eu acho que ...*
Hoje, por exemplo, eu acho que sou o atleta que mais tem convocações pela seleção. Então é graças a essa educação física.

A4 *E a gente fazia tudo normalmente, pedia ajuda pros amigos,..., os professores também*
DV *bem disponíveis, né, então a gente acabava superando bastante.*

A5 *Na especializada tinha. Na outra, na estadual, normalmente os professores queriam sempre me passar trabalho, uns trabalhinhos. "Não, faz um trabalhinho sobre vôlei"*

DV *"Faz um trabalhinho sobre...". Normalmente sim, mas no meu primeiro ano eu até participei, eu pedi pra participar, eu participei...Agora no meu segundo ano eu não participei porque, porque as aulas eram no sábado e eu não queria perdê tempo saindo de casa no sábado. Era melhor ser dispensado.*
Com certeza. Não, esportivo, mas pessoal inclusive. Porque a Educação Física pra pessoa com deficiência, ela te dá, ela te faz conhecer os limites do seu corpo, te faz ganhar confiança, te faz ter mais desenvoltura, te possibilita se proteger. Então eu acho que, na realidade, assim, existem uma série de ganhos que a gente não só traz pro esporte, mas traz também pra vida pessoal. Ao andar na rua, por ter feito uma atividade física, a gente tem aquela capacidade de se proteger, a desenvoltura pra andar com mais tranqüilidade, com mais, mais mole, né, não aquela coisa dura, parecendo um robô.

A6 *A educação física na escola para mim contribuiu muito mais numa questão de postura,*
DV *porque eu realmente contribuí diretamente com o futebol. Porque o futebol eu sempre gostei de fazer porque, na realidade, o futebol que sempre me levava para educação física, era o contrário. Depois que eu fui para educação física aí contribuiu porque que aí os professores me orientavam e tudo, né, basicamente foi isso.*

A7 *...no instituto eu tinha o costume de pegá umas pedras e colocá numa garrafa.*
DV *Com certeza teve. E muito, influencia muito a você tá no auge, por exemplo, que eu tô hoje, porque se não fosse...*

A8 *De educação física não. Sempre fiz educação física em escola, é, especial, né, ... e após*
DV *a quarta série a gente estudou em colégio regular. As atividades a gente fazia lá e o pessoal mandava as notas para o colégio. Atividade física não, a gente sempre fez no colégio mesmo, que é o instituto.*
Eu acho que sim, porque os professores lá eram qualificados, eles adaptavam as maneiras, eles eram professores também de escolas regulares e eles adaptaram as regras, eu digo que eles adaptaram. E eles nunca deixaram de dar as aulas para gente, dar as aulas normais, nunca deixaram de, a gente estudava outros esportes, a gente tinha aula de outros esportes, mesmo que a gente não jogasse, por exemplo, voleibol, eles explicavam as regras e a gente fazia tipo simulado.
Eu acho que os professores da educação física, eles me deram um apoio muito forte e a família.

A9 *Ah, então era mais por isso, pela minha persistência e pelo que os outros meninos falarem*
DF *que eu pudia, né, infelizmente naquela época também, é, o desconhecimento do professor de Educação Física pra sabe se pudia fazê ou não aquela atividade. Mas como eu te falei, eu acho que tudo é bom senso, tem que haver essa distinção aí.*

A10 *Eu acho que não, sabe. Tinha educação física no colégio mas eu era sempre liberado*
DF *porque eu estudava muito e eu tinha que trabalhar durante o dia e em escola pública realmente ninguém é praticamente obrigado a participar da educação física e comigo não era diferente não. Quer dizer, eu acho que praticamente eu nem participei das aulas de educação física, mas pelo conhecimento que eu tinha na época, a educação física de colégio público é muito fraca, hoje é totalmente diferente as pessoas estão mais incutidas com a educação física não é à toa que vou ser um futuro educador e quero passar para as*

pessoas que através do esporte a pessoa pode ser um grande ser humano.

A11 DF *Eu, muitas vezes tive que brigar para participar das aulas porque muitas vezes "Ah, não, A11, você tá dispensado". E muitas vezes eu reclamava com o meu pai e muitas vezes ele tinha que ir na diretoria para dizer que eu queria, e eu queria participar mesmo, mesmo que eu não conseguisse fazer todos os movimentos, fizesse perfeito, eu queria estar lá integrado com o pessoal e sempre foi essa luta. Sempre fiz questão de fazer educação física.*

Isso. "O senhor dá toda aula, faz o que tem que fazer e o que eu não conseguir eu vô chega pro senhor e vou falar 'eu não consigo fazer isso'". E assim foi até na natação o começo foi assim.

Acho que sim, eu conheci o esporte, conheci os benefícios que ela traz, de gostar de fazer movimentos, de participar. Acho que foi importante, acho que a gente só sabe quando a gente faz. Eu acho que foi fundamental, com certeza.

A12 DF *Não, não, nem existia em escolas regulares. Foi difícil realmente.*

A13 DV *...o colégio Batista abriu espaço pros deficientes que tavam, que freqüentavam o Pró-visão pra poder estudar lá. Então eu estudava em classe normal, tinha acompanhamento da professora, né, da professora de Braille, e foi assim.*

Tinha, né!

É o que eu falo, a iniciativa nunca era dos professores, eram dos alunos. Era tudo bem engraçado assim, que eu, o pessoal acha engraçado, mas é verdade, porque se fosse pelo professor ficava sentada lá, sem fazer nada, meus próprios amigos que me chamavam pra participar da aula.

Olha, pra te falar a verdade, pra mim não, né (risos).

A14 *Na escola não. Eu sempre participei da Educação Física.*
DV *Com certeza, eu sou 100% atleta fruto dessa Educação Física escolar.*

A15 DF *Educação Física tinha no 1º ano quando, em 87 eu completei um ano na cidade, aí precisava de material pra fazê Educação Física,...*

Porque eu precisava ajudá a minha vó no trabalho de roça, roçada. Aí eu gostava de ajudá, chegava plantá na roça, aquele sol quente, tinha como colhê nada quando era sol matava tudo, quando não era seca era água demais.

A16 *Por mim.*
DF *Não pelas aulas de Educação Física.*

E eu participava, entendeu? Existia isso daí, então quando veio o esporte pra, quando o Brito trouxe, preparô 3 atletas que foi eu, a Jolene e o Valter, e o Fernando, 4, e quando levo a gente pra esse campeonato. Então foi daí que eu me integrei ao esporte pra deficiente, que naquela época ninguém ouvia falá, ninguém dizia nada.

Na escola? Não, vamos dizer assim, como o tênis de mesa, tudo que eu pudia competir junto com eles eu competia.

Eu nadava porque, eu gostava de fazer tudo aquilo que uma pessoa normal faz. Eu fui criada numa família que tudo eu pudia fazer. Então o que mais contribuiu aí também foi a minha família, né.

A17 DV *Instituto especial, escola especial para cegos só para deficientes visuais. E lá tinha aula de educação física e eu sempre gostei, eu adorava fazer. Às vezes tinha piscina, às vezes tinha trabalho na quadra, a gente fazia gincana.*

A18 DV *Não, não tinha não, porque naquele tempo não era obrigatório. Então, eu não tinha muito contato, mas também não gostava de futebol não, porque eu era muito ruim.*
Era o que tinha e não gostava muito.
...eu não tenho vontade nenhuma de seguir a carreira de educação física.
Não, pra mim não.

Os principais pontos levantados nas respostas dos atletas referentes às aulas de Educação Física na escola:

- para a maioria dos atletas, o significado da Educação Física na escola está relacionado ao desporto; poucos foram os atletas que tiveram a oportunidade de participar de outras atividades que não fossem desportivas; no caso dos deficientes visuais do futebol de cinco, enquanto estudavam na escola especializada, tinham e participavam das aulas de Educação Física (digamos assim, que consideravam a prática de desportos como futebol, handebol, atletismo, goalboal), num segundo momento quando estudavam na escola regular estes alunos eram dispensados das aulas de educação física, poderiam fazer "trabalhinhos para serem dispensados" ou mesmo participavam por estímulos próprios e/ou de seus colegas, e não pelo professor;
- A percepção por parte dos atletas sobre a insegurança e falta de conhecimentos do professor de Educação Física para lidar com a pessoa em condição de deficiência;
- Em outros casos, na escola regular, como a Educação Física não era obrigatória, não faziam;
- Também existia o caso em que não tinha a Educação Física na escola;
- Os diferentes papéis do professor como agentes da prática da Educação Física da pessoa em condição de deficiência nas escolas especializadas e regulares;
- Atletas que não atribuem à Educação Física seu sucesso esportivo;
- Atletas que atribuem à Educação Física seu sucesso esportivo, mas porque associaram esta à prática do desporto.

A participação dos atletas não deficientes nas aulas de educação física escolar

A19 *Não, era, vamô dizê, em 87, 86, 85 era poucas crianças que tinha alguma deficiência ou visual ou física, e eram muito poucos os que faziam o colégio sem ser o adaptado, né! Os colégios não tinham esse trabalho. Hoje a gente já vê que em vários colégios garotos com alguma deficiência fazem também os que não tem nenhuma deficiência.*

A20 *..., mas na escola tinha Educação Física, tinha esporte, mas sempre treinava esporte, o desporto já.*

Entre os atletas sem deficiência, sobre suas aulas de Educação Física, entendemos que o gosto pelo desporto por parte dos mesmos já era constante e que também havia nas escolas o trabalho da aprendizagem relacionada ao desporto. Percebemos que desde esta época, os atletas já tinham o acesso ao desporto convencional por meio de equipes e de clubes. Assim também reforçamos nosso entendimento de que eram tempos, que o contato com pessoas em condições de deficiência eram mais difíceis, eram tempos de integração, havia a preferência de que estas pessoas freqüentassem as escolas especializadas.

III. O ENVOLVIMENTO COM O DESPORTO ADAPTADO

Os atletas ao serem indagados sobre o envolvimento com o desporto adaptado, os conteúdos que eclodem de suas respostas podem ser assim destacados:

A1 *Não, na verdade como te falei, desde pequeno, mesmo cego, eu falava de jogar no Flamengo, eu queria ser jogador do Flamengo de futebol*
E quando eu fui pro Benjamin eu descobri que existia a possibilidade de eu virar um atleta realmente conhecido, aí eu comecei a jogar bola, comecei a fazer atletismo...

A2 *Como eu falei, sempre minha mãe me apoiou em tudo, graças a Deus, ela que me falava bastante dos deficientes quando ela ia pra Campina, pro instituto, saber que que você vai fazer. E quando eu assisti esse jogo, realmente eu vi que não era coisa do outro mundo. Eu vi que dava pra levá minha vida normal de novo, estudando, jogando bola, o que eu gostava de fazê, foi onde eu comecei a ir pra quadra com meus colegas, os mininos me mostrando os melhores momentos de chuta a bola, essas coisas.*

A3 *Aconteceu que eu tô falando. No futebol, por exemplo, aconteceu nos jogos de menino que o treinador me descobriu, eu comecei a praticar aos 16 anos. Em 96, onde eu fui para um campeonato brasileiro e, em 97, eu já atingi a seleção.*
Não, eu tava olhando o jogo dos mininos.

A4 *Bom, eu devia ter cerca de uns 13 anos, mais ou menos, e eu fiquei sabendo, né, que a seletiva ia ser aqui, de futebol, do pessoal que era deficiente visual.*
...E aí quando eu fiquei sabendo que a gente podia jogar futebol sem problema nenhum, aí foi que me interessou bem mais, a gente fez contato com eles, ficamos conhecendo e fomos convidados, uma vez, pra participar. E aí passá a treiná no time que ele jogava, né.

A5 *Na verdade eu não decidi, né. Por a gente fazer Educação Física na escola especial, então a gente convivia com o desporto semanalmente, 2, 3 vezes por semana. E eu sempre gostei de futebol, então na realidade, a questão de eu sair da Educação Física pra uma atividade mais supervisionada de Educação Física foi realmente um passo bem curto, né. Eu já estava na beira já.*

A6 *A partir do momento que eu soube que existia, o dia que eu fiquei sabendo que eu podia jogar bola o meu maior objetivo era jogar bola.*
Foi, exatamente, eu perdi a visão foi muito difícil para mim. Eu perdi a auto-estima, eu perdi a vontade de viver, foi uma fase terrível. Foi quando eu fui para o instituto Padre Chico, conhecendo a escola, eu estava conhecendo as dependências colégio foi quando eu ouvi um barulho de um monte de pessoas brincando e tal e eu perguntei o que era aquilo e me disseram que era futebol e eu questionei "Mas não é escola de cego?E me disseram: "Sim, são eles que estão jogando futebol". E a partir daí eu soube que era possível, resgatei minha auto-estima isso influenciou em todos os lados da minha vida acadêmica, profissional.

A7 *É o seguinte, sempre assim, os amigos, sabe. Eu na realidade quando eu comecei a jogar bola mesmo, eu comecei pelas peladas dos caras, entendeu? Em 98, os caras, tudo mais velho que eu, tudo, vamô dizê, profissional, bem prático, tudo técnico, tudo bem preparado. Eu ia pras peladas, né! Aí devagarinho fui conquistando espaço, chegava na partida fazia um gol, dois, três. O pessoal foi gostando de mim, né. O Zé Antônio, que é o vice-presidente da CBDC, e agora vice-presidente lá do meu clube em João Pessoa, e daí esse treinador também aqui, o Pádua, treinador da seleção, gostô do meu futebol, foi gostando, daí em 98 eu vim pra cá, pra o Rio, em Copacabana, pra um paradesportivo que teve, só entrei um minuto, até hoje dá vontade de rir quando eu lembro, joguei um minuto. Aí em 99, eu não tirei nota boa pra ir, tinha que tirá uns 7, não, tirei 7 aí a presidente do instituto não deixou eu vim, porque naquele tempo eu era interno, né. Aí em 99 eu não vim, e em 2000 me encaixaram na equipe aí.*

A8 *Logo que eu comecei a estudar, que eu comecei a brincar com outras pessoas, que eu me enquadrei e que eu vi que eu não podia realmente participar de um esporte que a gente chama normal, né.*
É, para mim foi gratificante porque eu tinha consciência que eu não podia jogar, fazer um esporte normal, que eu tinha que jogar de acordo com as minhas necessidades. Eu achei

bom porque eu ia jogar dia-a-dia, ser de igual para igual já que quando jogava no meio de pessoas não tinha igualdade sabia que eles não me aceitavam por causa que eu não via.

A9 *Pois é, eu comecei a reabilitação em 96, é..Natal é o pólo paraolímpico, Natal sempre teve atletas que participaram de paraolimpíadas, e pra você tê uma idéia, desde 92, na paraolimpíada de Barcelona que Natal serve atletas pra seleção brasileira e ganha medalhas, nem desde 92, 96 e 2000...e eu sabia disso porque eu via os atletas, e sempre eu via, né, na televisão dando entrevistas isso e eu achava super legal. Só que como eu tava em escola e eu nunca tinha nadado, não sabia nadá, eu ficava e falava 'poxa, que legal, né', só isso, mas não tinha o sonho de ser atleta. Em 96, quando eu fui, é, realmente pra essa coisa da reabilitação, por coincidência ou não, não sei, no mesmo lugar que eu tava fazendo a reabilitação, pela manhã, a tarde, a equipe de atletas treinavam lá, de pessoas com deficiência. E eu fiquei sabendo logo que entrei, e aí eu comecei: 'poxa, por que não? por que eu não posso participá da equipe', né, a princípio eu pensei só em tá participando e vê no que que dava. Então, como eu nadava de na terça e quinta pela manhã, só como reabilitação, eu tentava me mostrá de qualquer jeito pro técnico pra ele tentá fazê esse convite. Só que passô o ano todo de 96, é, passo a metade de 97, eu sempre falava com a pessoa que dava aulas pra mim: 'poxa, é... será que eu não posso participá da equipe?' Ele falava:' não, ah, eu vô falá', e nunca falava, né. E no meio de 97, eu fui fazê um curso de datilografia, cheguei pra moça e falei...a moça falô 'Olha, A9, nós temos 2 períodos, manhã e tarde, qual que você escolhe?' Eu: 'Ah, coloca na manhã'. A moça da datilografia me colocô pela manhã, e assim o que fiz, fui na secretaria do clube, né, de.. da natação, e falei: 'Olha, moça, vô começá um curso a próxima semana de datilografia mas infelizmente só tem no período da manhã, teria como a senhora me colocá a tarde antes da equipe de natação?' Ela falô: 'Olha, temporariamente eu te coloco a tarde, mas assim que acabá seu curso você volta pra manhã'. Eu: 'Tudo bem'. Comecei a treiná, né, a tarde antes da equipe, mas sempre que a equipe, é, chegava e o treinador... quando eu via o treinador tentava me mostra de qualquer jeito, ia pra lá, ia pra cá, sempre que a equipe entrava pra começa o treino era pra eu saí mas eu sempre dava um jeitinho de ficá ali pra nadá com eles. Uma semana depois, tava saindo da piscina, e o técnico dessa equipe, ele chegô pra mim e falo: 'A9, vi você nadando, acho que você tem futuro, e gostaria de fazê o convite pra você participá da equipe aqui do estado'. Eu até falo isso 'Ah, legal', tal, fiz aquela cara de surpresa, mas foi uma coisa assim meio premeditada, por isso eu sempre digo, oportunidades aparecem para todos, mas, as vezes, a oportunidade demora muito, você tem que cria sua oportunidade. Então foi isso que eu fiz e começô ali. Em 97 entrei pra equipe, né, criando minha própria oportunidade.*

A10 *Assim, eu realmente não escolhi ser atleta, tudo começou assim porque na época já existia muito atleta de renome a nível local, nacional e até internacional no meu estado e quando eu sofri o acidente, o interessante é que eu fazia fisioterapia. A fisioterapeuta falou para mim desse pessoal e eu já tinha visto antes na televisão e ela falou para mim que ia conseguir uma vaga para mim, para mim conseguir fazer natação, ela perguntô se eu sabia nadá, e eu não sabia nadar com a técnica que tem a natação na piscina, sabia nadar porque eu nadava em praia mas não tinha técnica, e essa fisioterapeuta... Naquela época era época de carnaval e minha fisioterapeuta falou: "A10, eu vou conseguir uma vaga para você, vou falar com o dono da academia". E eu fiquei ansioso, cheguei em casa, falei*

pro pessoal que ia nadar e ela foi pro carnaval, voltou e parece que tinha esquecido. Eu cheguei pra ela: "E aí, a senhora conseguiu a vaga para mim?" "Ah, tá tudo lotado, não dá para conseguir não". Aquilo foi uma tristeza para mim porque eu já tava empolgado já para nadar junto com o pessoal. Também aí, certa vez, eu ia passando e o dono da academia me parou e me perguntou se eu tinha interesse em fazer parte do grupo, em fazer reeducação. Eu falei que tinha e comecei na terça e na quinta-feira nesta academia e comecei a me destacar junto as outras pessoas que estavam começando. Aí comecei, teve essa competição onde eu me destaquei aí eu comecei a treinar junto com a delegação e aí surgiu A10 aí, com bons resultados, mas isso se deve graças a Deus, a grande força de vontade que eu tive porque nada cai do céu a não ser que você corra atrás, Deus tá sempre ao lado das pessoas então você tem que correr atrás e ter muita força de vontade e comigo não foi diferente.

A11 *E assim foi até na natação o começo foi assim. Eu comecei pelo colégio tinha escolinha depois da aula e eu tinha que ficar esperando minha irmã que fazia balé para voltar junto. Aí o professor falou: "Olha, eu nunca trabalhei com deficiente físico e eu não sei o que trabalhar contigo". E eu falei até brincando com ele que faz qualquer coisa como todo normal que eu vou fazer e eu falei para ele "Oh, me põe dentro da água que eu vou tentar chegar do outro lado eu só peço um favor, se eu tiver morrendo afogado me tira" e foi assim.*

Eu comecei a, eu sempre praticava mais por recreação, né, nunca como atividade física regular. Sempre tava brincando, sempre gostei de participar, de brincar, mas nunca levava a sério, nunca tinha um treino nunca tinha... e assim no começo foi bem fácil de adaptar foi a escolinha mesmo. Eu comecei nem sabia que existia, é, esporte adaptado não tinha idéia, não era as minhas pretensões de chegar.

A12 *Na realidade, por incrível que pareça eu não comecei na natação, comecei no basquete, que eu acho que é até um esporte complicado porque é um esporte que depende de vários fatores, não só você ser talentoso, mas de toda a equipe.*

Aí enfim, comecei e vi como era dificil a questão da logística, do transporte, basquete é um esporte complicado, mas é complicado, você precisa de espaço, de boas cadeiras, entrosamento,...

E o incrível é que como esporte basquete, como a equipe precisava de atleta pra montá uma de natação, eu fui pela natação também. Acho que nadava, ia nadá era 50 livre e 200 livre uma coisa assim. Foi uma coisa bem, uma experiência fantástica, meu primeiro evento e sempre fica a lembrança bem marcante. E de lá pra cá as coisas foram acontecendo a questão física foi melhorando.

A13 *Então, na verdade eu comecei porque a Pró-visão tinha uma parceria com a academia Catarina de Campinas.*

E eles abriram espaço pra Pró-visão levar os alunos.

Então, como abriu esse espaço, minha mãe falou "Vô levá, né, pra aprender a nadar, sei lá, ajudar na coordenação motora". Eu fiz bastante coisa que me ajudou bastante, né. Até chegar a atleta que eu sou hoje. Porque além de nadar eu fiz aula de dança rítmica, eu fiz aula de piano, de flauta, então são coisas assim que me ajudaram pra meu desenvolvimento, né.

Aí, sim, eu aprendi os 4 estilos, meus irmãos nadavam.

Aí, até o que, até 92 eu nem sabia que existia esporte pra deficiente. Não sabia mesmo. Aí, a gente conheceu o Neno, né.
Conheci o Neno, ele falo "Ah, vai ter uma competição brasileira aí na UNICAMP", falou pra minha mãe, "Você não quer levar sua filha?". Minha mãe ficô pensando...
Aí chamou, eu fui lá, eu fui assim, quer dizer, meio sem entender nada, não sabia que tinha classificação, não sabia nada. Fui lá, aí que eu comecei, né. Como eu acabei ganhando as provas que eu nadei, que eu também nem, aí eu comecei. Só que assim, o que contribuiu muito pra mim mesmo foi eu treina com uma equipe normal, que eu acho que isso foi muito importante pra mim, porque na época o desporto pra deficiente não tinha quase competições né. Eu participava em competições normais, às vezes eu chegava em último, mas pra mim o que importava era tá junto com o pessoal, então era uma coisa assim que me animô a ir pra frente, porque senão eu acho que não ia não.

A14 *Eu já tava praticando o atletismo convencional há 2 anos, não, um ano. Comecei em 96, com 15 pra 16 anos, e em 97, um professor que trabalhava com atletas cegos e de baixa visão na mesma pista onde eu treinava, ele falô do alto grau e da deficiência que eu tinha. E me perguntou, né, se eu não queria participar de provas paraolímpicas, de baixa visão, porque na época não era conhecido, 97. Aí, ele falô dos problemas, das competições a mais, "Não, não me importo". Aí ele me filiou, mas eu não participava de associação, não tinha recursos, deu uma parada, aí, aconteceu de eu não começá ainda no desporto. Daí em 99, uma outra professora que trabalhava também com cegos em Porto Alegre, a Fabiana Smenstorm, ela era professora na escola de 2º grau onde eu ganhei minha bolsa, e os professores de Educação Física comentaram com ela que tinha atleta e que eu tinha um grau alto de deficiência visual. Ela se interessou, ela viu meus resultados e prontamente ela já me procurou pra fazer uma seletiva pros jogos para-panamericanos que iam acontecê na cidade do México.*

A15 *Quando foi em 98, eu tava em Brasília, conheci o futebol, conheci algumas pessoas que já lidavam com o esporte adaptado, isso já via desde as paraolímpiadas em 96, 92. Aí jogava de futebol, aquela coisa, e na empresa que eu trabalho o pessoal gostava de fazer atletismo e corrida de rua. Aí vieram correndo, aquela coisa, e me chamaram pra fazer o esporte adaptado, pra pessoas com deficiência, sem braço, sem perna, com amputação, desporto adaptado. Aí, eu conheci o professor Ulisses nessa época, em 98, aí eu fiz um teste com ele e ele falô: "Bora, você tem jeito pra velocista". Fui pra uma corrida de 400 metros, ganhei, daí parece que começô aquela coisa.*

A16 *Era, então, na minha escola. Aí depois foi que eu me integrei a um professor de Educação Física, quando realmente a gente entrô, ele viu e pegô 3 atletas, professor Brito, ele foi professor aqui do Norte e Nordeste, professor de Educação Física, Severino Brito, que foi meu primeiro técnico, que quando eu comecei a participar de campeonatos. Quer dizer, só se falava São Paulo, Rio de Janeiro.*
Olha, foi justamente quando eu participei desse brasileiro e eu fui, né, ganhei as 9 medalhas, da qual, das primeiras competições que eu competi foi o meu primeiro campeonato brasileiro, em 1981, em Curitiba, e da qual eu trouxe 9 medalhas, que ao chegar aqui na minha cidade eu entrei com o esporte, com o que eu fazia na escola, em termos assim, competitivo, né. Isso daí eu sempre gostei, eu sempre fiz na minha vida.

A17 *A ADEVIBEL que é a associação dos deficientes visuais de Belo Horizonte.*
É, por essa professora, que ele foi no colégio para conversar com ela e se tinham alguns alunos que estavam interessados, e teve outros alunos que foram também, só que eu comecei e já vim me destacando. Na primeira competição que foi em Curitiba já bati o record brasileiro que era 200m.
No começo, para mim, eu não via a importância que alguns anos depois eu fui vendo, né. A importância do esporte na minha vida, o que eu podia conquistar no esporte, né. No começo eu não via isso, como você falou do Luiz Silva. No começo a gente fica meio, assim, até sem entender o que está acontecendo, né, porque veio muito rápido tudo na minha vida. Com 14 anos eu fui para Seul, uma viagem internacional, com 14 anos, e eu não sabia a importância que tinha. Era importante, mas eu, muito novinha, então. E depois quando eu fui para Barcelona, já com mais idade, Atlanta, aí eu fui vendo o que o esporte estava significando na minha vida, o que estava mudando e que eu podia conquistar mais no esporte.

A18 *E era muito arteiro e o judô chegou muito cedo para mim também, chegou aos 7 anos de idade já tava, por intermédio do meu pai, no círculo dos meninos patrulheiros da onde que iniciei o judô. E aos nove anos de idade, eu comecei a praticar o judô competitivo na Volkswagem Club e comecei a competir. E aos 13 anos sofri a minha primeira deficiência do olho esquerdo, mas não parei, continuei a fazer a prática de judô como competidor regular e no judô regular obtive vários títulos: campeão paulista, campeão regional, campeão brasileiro e outros que eram do judô regular e aos 19 anos me vi obrigado a parar porque eu estava ficando cego da outra vista por um deslocamento de retina provocado por uma infecção alérgica.*
E fiquei parado um ano e meio e vim a conhecer o desporto paraolímpico, a competir novamente, totalmente cego, no judô regular em 1993. Em 1993, eu conheci um professor chamado Fernando da Cruz que me chamou para estar competindo para ele o brasileiro, no Rio de Janeiro. Dali em diante, eu comecei a competir com os judocas que eram cegos ou deficientes visuais e comecei a obter títulos e, ...
Eu fui descoberto por acaso, por um professor que tava assistindo um campeonato. Do judô regular. Num clube. Então eu fui descoberto por acaso.

Os atletas em condições de deficiência em relação ao acesso ao desporto adaptado:

- Tiveram a oportunidade nas escolas especializadas, os chamados Institutos para cegos: A1, A2 , A5, A6 e A8;
- Souberam que havia algum tipo de seleção e precisavam compor o quadro da equipe: A4 e A12;
- Estava praticando a modalidade, em local não institucional, sem compromisso profissional quando foi percebido por pessoas que consideraram o talento: A7, A13 e A15;
- Através da reabilitação: A13;

- Através da reabilitação percebeu que poderia ser um grande atleta e criou oportunidades pra isso: A9;
- Não escolheu ser atleta, aconteceu: A10;
- Praticando a modalidade, em local institucional, mas ficava em desvantagem em relação às outras pessoas, descobrindo uma associação: A11;
- Na escola regular, através de um professor de Educação Física: A14 e A16;
- A partir da escola especializada, Instituto para Cegos, foi indicada para uma associação dos Deficientes Visuais: A17;
- Praticando a modalidade em competição convencional foi chamado para praticar a modalidade no desporto adaptado: A 18.

O envolvimento com o desporto adaptado dos atletas não deficientes

A19 *Aí aceitei o convite, fui pro campeonato brasileiro que foi em Paulínia, lá, no qual fui campeão brasileiro e fui convocado pra seleção brasileira pela primeira vez em 98, joguei pela seleção, fui campeão do mundo e fui eleito o melhor goleiro do mundo, né, em 98. E eu tô desde 98 jogando futebol de cegos, nunca deixei de jogá e só quando for pra pára de jogá que eu paro mesmo.*

A20 *Eu sempre participei de esporte convencional, futsal. Joguei em Recife já com a equipe de profissionais lá, mas quando eu passei no vestibular que fui pra universidade aí tinha um professor lá na área de adaptada que me convidou para participar de uma equipe lá da minha cidade de Campina Grande e eu fui lá no centro e nem conhecia e estranhei, né. Eu joguei sempre convencional, sempre competição de nível, assim, não é que o nível não é... é que eu não conhecia, aí eu dizia: "Agarrá pra cego no futsal?", "É, é, venha aqui", amistoso que teve entre uma equipe de João Pessoa e de Campina. Aí eu fui e por sinal perdi até o jogo e tomei dois gols. Eu ficava brincando "Eu vô levar gol de cego? Não vô levar gol de cego!", eu ficava brincando, mas depois que eu vi eu achei interessante. Aí depois deste jogo lá na universidade foi muito rápido a minha projeção pra chegar na seleção, foi muito rápido. Depois desse jogos eu vim pro Baruero e passei por Campina, achei interessante vim pro Baruero daí fui convocado, aí dentro de um ano já cheguei na olimpíada, né, na para-olimpíada.*

Nosso entendimento é que A19 pouco ou quase nada tinha de conhecimento sobre a área da adaptada, mesmo que estivesse terminando o curso de Educação Física e que, pelo ano de 1998 já estava incluída a disciplina de Educação Física Adaptada nos currículos de Graduação da Educação Física. Se este atleta, que era quase um professor de Educação Física iria ver para

ver como é, imaginemos como existe a falta de profissionais qualificados para o desenvolvimento deste trabalho. O mesmo entendemos ter ocorrido com A20, que apesar de ter na época ingressado no vestibular, no curso de Educação Física, acreditamos que o conhecimento sobre as possibilidades do desporto compusesse parte de seus conhecimentos.

IV. O OLHAR DA MÍDIA

Os atletas, ao serem indagados sobre seus olhares em relação à mídia, os conteúdos que eclodem de suas respostas podem ser assim destacados:

A1 *Infelizmente a mídia é uma m..., porque a liga é uma m.... A mídia só aparece na hora alta só aparece quando você, próximo de competições. A gente imaginou que a nossa medalha, por ser a única medalha no futebol no Brasil, no caso ninguém tem essa medalha, nem o Ronaldinho, ninguém tem. A gente imaginou que o futebol seria um ponto grande de partida, infelizmente não foi. A mídia só aparece na hora dos campeonatos grandes. A gente organiza o campeonato e não aparece ninguém para estar informando, pra tá notificando. Melhorou sim, se pensá antes e depois dessa olimpíada aí a mídia fica mais em cima, cobre um pouquinho mais, mas infelizmente ainda tem muito preconceito ainda da parte da própria mídia porque eu acho que é a mídia que faz e acontece, se a mídia quisesse, ...*
Caiu no esquecimento. Infelizmente caiu no esquecimento. Mas nós estamos aí, tamos com o bicampeonato do mundo, a melhor equipe do mundo de futebol, estamos aparecendo no atletismo, nós temos recordistas mundiais no atletismo dos 100, dos 200, dos 400 metros no Brasil. Temos recordistas na natação, temos recordistas em tudo que é canto e a mídia infelizmente tem preconceito.

A2 *Com certeza, eu acho que ele tá, já deu assim uma melhora bastante, melhorô bastante depois das medalhas lá de Atenas. E tem muito a melhorar ainda.*
Eu acho que ela tinha que, assim, meio que melhorá mais, divulgá mais, chamá mais os deficientes pra sociedade, mostrá que os deficientes são capazes, que eles fazem mais, essas coisas.

A3 *Infelizmente, a baita cobertura foi em Atenas.*
Pô, mas não é fantástico para eles apresentar o dia-a-dia de um deficiente visual, o treinamento dele, isso não é fantástico, entendeu.
Ela tem matéria quando o comitê ou a Caixa vai lá e paga para fazer matéria, né. Então, isso posso te falar, que a gente ficou quase na mesma, agora vai ter uma cobertura boa de novo em Pequim porque, porque o comitê ainda vai pagar para ir para lá para cobrir.

A4 *Porque é extremamente importante não só pra mostrá do que a gente é capaz, mas principalmente pra divulgá pras pessoas que não praticam. Porque é extremamente importante porque ainda existe muita gente nas suas casas, pessoas que não sabem da própria capacidade, que não sabem também que a pessoa portadora de deficiência pode desenvolver um esporte sem problema. Então, a mídia, nesse ponto, em termos de divulgação, ela é extremamente importante.*
...pra fazer com que pessoas lá de uma cidadezinha do interior pudessem saber que nós temos a nossa capacidade e podemos estar desenvolvendo o nosso esporte normalmente e podemos tá conquistando medalhas pro nosso país também.
É porque às vezes não atingi a pessoa com deficiência, mas a mídia pode tá atingindo os parentes dessas pessoas, e essas pessoas podem tá levando pra esses parentes deles, que tem alguma deficiência, tanto o valor, como a capacidade e eles mesmo tem e podem praticar um esporte, se desenvolver e futuramente tá conseguindo medalhas. Isso é muito importante porque hoje em dia ainda existem muitas pessoas que ainda não sabem e a mídia ajuda exatamente essas pessoas.

A5 *Não, de fato, a mídia até aumentô devido a resultados, com certeza. Agora, de fato, é uma mídia muito, assim, muito temporal. Realmente, ela tá muito com a gente quando tem competições importantes, como para-pan, paraolimpíada. Fora isso a gente não tem a, nem de perto, o mesmo reconhecimento, as mesmas condições de status que a gente tem nesses períodos de competições.*

A6 *Eu acho que não mudou infelizmente, eu acho que, na realidade, a gente só tem o apoio da mídia quando nós temos aí competições como paraolimpíada ou algumas matérias provocadas, né. Na realidade, eu acho que imprensa é fundamental para a consolidação do nosso esporte. É, eu não tenho dúvida que o futebol de cegos além de um elemento de sociabilização, uma das maiores ferramentas de inclusão social, ele pode ser tranquilamente um produto, né, que pode ser tranquilamente trabalhado no mercado porque o que as empresas buscam e o que o mercado do marketing, ele busca, é exatamente a visibilidade do seu produto. E ficô mais que demonstrado na paraolimpíada de Atenas, o canal Sportv 2 transmitiu a integralidade dos jogos, 168 horas de transmissão, que ela registrou na época a segunda maior audiência de sua história, só perdendo para os jogos olímpicos. Então isso mostra que se mostrar as pessoas vêem e a nossa esperança, a nossa expectativa, é de uma maior massificação, de um reconhecimento por parte da sociedade civil e acho que isso só vem com o apoio da mídia que ainda é muito pequeno, muito apático, é muito tímido, só acontece quando tem grandes eventos, infelizmente.*

A7 *Bom, em termos da mídia eu acho que cresceu agora muito, né, com a mídia em cima de nós. O deficiente, o desporto para o deficiente, o paradesporto. Eu acho que deveria crescer mais um pouco, assim, né, em cima de todas as modalidades porque quando tá competição a mídia tá em cima, tranqüilo, mas depois passo um mês acabô. Acho que, tem que ter mais um pouco de apoio, entendeu, da mídia, porque terminô campeonato, pronto acabô. Ah, você vê, o esporte dos videntes, que enxergam aí, é o tempo todinho, se um cara faz um gol agora ou é campeão, tem o resto do ano todinho e nós deficientes não. Mostram só coisa momentânea, viu.*

A8 *A mídia ainda tem dado muito pouca atenção. Eu acredito que até mesmo nos esportes, obviamente a mídia trabalha com a parte financeira, eles trabalham com dinheiro. Então como nosso esporte, não que seja amador, mas ainda é uma coisa que não tem, assim, um certo valor, eu acho que para mídia, porque eles trabalham muito com a parte financeira, então, se você quer passar uma reportagem você tem que pagar, então a mídia, ela depois dos jogos ela abriu um pouco de espaço. Para você ter uma idéia, aqui no Brasil ano passado, a gente, nós tivemos o para-pan e poucas pessoas no Brasil, do próprio Brasil, sabiam que estava acontecendo aquela competição, então as nossas competições ainda não tá sendo valorizada.*
Desde que ela contribua com o desporto ela está abrindo as portas para muitas pessoas até mesmo que vivem em campos isolados que possam ver pela televisão e possam dizer: "Ah, esse atleta tem esse problema e ele chega onde tá, porque que eu não posso?", ela pode contribuir.

A9 *Olha, o que acontece, em 96, em Atlanta, 2000, já houve um trabalho pequeno em relação a mídia e todo mundo, toda a sociedade brasileira, ouvia falá que os atletas paraolímpicos iam para as Paraolimpíadas e ganhavam medalhas, batiam recordes mundiais, mas só ouviam falá, né. Em Atenas, eles passaram a vê, e eu sempre digo, nós éramos campeões muito antes de Atenas, e as pessoas ouviam, e ouvi é diferente de vê, né, então quando você vê, você tem outro pensamento, pensamento de profissionalismo, que são atletas como qualquer outro. Então, eu sempre imagino, né, pô, se a competição é no mesmo lugar, a medalha é a mesma, o hino nacional é o mesmo, pra que havê distinção, né, e com a paraolimpíada de Atenas, quando todo mundo passô a vê, é... o pessoal começô a respeitá, começô a vê a pessoa com deficiência não como uma pessoa incapaz, pelo contrário, como uma pessoa capaz, uma pessoa que pode superá os seus limites basta a ter oportunidade como qualquer outra pessoa...*

A10 *É, assim, infelizmente a mídia ela sente dificuldade de acompanhar o esporte paraolímpico, assim, principalmente a natação porque tem várias categorias e muitos repórteres ainda não tem conhecimento realmente de como funciona o esporte para pessoas com deficiência, mas, assim, tem melhorado bastante. Eu costumo dizer que o esporte paraolímpico cresceu mais depois de Sydney, depois de Sydney realmente e antes a gente ia para competição e as pessoas não tinham conhecimento que nós íamos para competição só viam quando a medalha chegava mas não tinham conhecimento, mas hoje com o apoio do governo e de grandes empresas como a Caixa Econômica e as loterias Caixa que está investindo alto no esporte paraolímpico através da mídia. Então hoje antes da competição a gente faz matéria, faz matéria ao vivo, as pessoas até ligam pra a gente, hoje a gente não precisa mais ligar para a mídia pra o pessoal fazer matéria com a gente. Então isso é bastante gratificante, a gente faz uma reportagem quando chega, sai a reportagem, então a tendência é cada vez mais a mídia cada vez mais apóie e graças a Deus tem melhorado bastante assim realmente o apoio da mídia. Eu espero que agora em Pequim não seja diferente, espero que as grandes emissoras cubram o esporte paraolímpico não é porque eu seja uma pessoa com deficiência, um atleta paraolímpico, mas é tão emocionante quanto os jogos olímpicos, a paraolimpíada.*

A11 *Tô vendo com bons olhos porque muitas vezes a gente ia pros campeonatos e muita gente, como eu mesmo, não sabia do esporte adaptado e desde Atenas, quando a gente teve a*

transmissão, teve essa repercussão enorme que teve aqui no Brasil ajudou muito porque a gente ficava lá e a gente não tinha idéia de como tava acontecendo, a gente não acreditava lá em Atenas.
E desde Atenas acho que mudou muito, mudou cento e oitenta graus, completamente. E acho que os próprios atletas, as confederações não tava preparada pra isso não, esse salto tão grande como foi, mas acabou sendo bom porque veio mais investimentos, patrocínios. Uma coisa que a gente não tinha é campeonatos regulares, a gente não tinha um calendário fixo, a gente muitos anos passou sem ter um brasileiro e acho que isso ajudou, a gente tem certeza que em cada ano vai ter uma competição e isso é muito importante.

A12 *Ah, mudô. Mudô muito. Hoje em dia nós chamamos de diferença de público, mas mudô muito. Hoje em dia as pessoas já sabem. Começô em Sydney, Sydney foi bem, teve uma coisinha assim, outra ali, mas em Atenas. Mas em Atenas foi quando explodiu mesmo, foi louco, acho que o Brasil foi o segundo ou primeiro, uma coisa assim, em termos de cobertura.*
A questão da mídia foi muito, a cobertura em jornais, pra você ter uma idéia eu fiz uma reportagem minha, eu tenho 400 e poucas páginas, eu capturei da internet, só do meu nome.
O André foi descoberto agora, depois de Atenas. O Daniel, o mais rápido que tem agora, o Felipe, lá de João Pessoa, descobriu através da mídia. Isso não é só pro deficiente competí, mas sinceramente, você não precisa ser deficiente pra ser atleta, você tem obrigação de ser atleta. Eu tenho um amigo que todo deficiente que ele vê na rua ele pede pra ser atleta. Não, cara, não é assim, não é porque você é deficiente que você é atleta não. Tem gente que não tem aptidão. Mas independente disso, em relação à mídia, do status que tem filhos que não são atletas mas podem fazer isso, você pode não ser atleta mas pode ser um bom aluno, um bom profissional em qualquer área. Então, sair de casa, procurar uns rumos diferentes. Isso é bom pras pessoas verem o deficiente, é coitadinho? Não, a gente não precisa disso não. Eu também já conversei com gente ruim, com gente boa, deficiente, gente que não tem caráter, é do ser humano. Não é porque é deficiente que vai ser, é assim mesmo, não tem bicho de 7 cabeças não. E tem que divulgá, tá divulgando, no outro dia tava vendo o telejornal aqui em Uberlândia, eu tava vendo que hoje e amanhã que tá acontecendo. Eu acho legal, eu acho muito legal, os outros tão sabendo o que ta acontecendo, eu acho interessante. É complicado você ver o deficiente sem braço, sem os dois braços, a força da superação é incrível. Porque o ser humano não nasceu pra nadar, Pesquisadora, é uma adaptação do ser humano, quem nasceu pá nadá foi peixe. Apesar que quando tava lá dentro da barriguinha tava cheio d'agua mas não, a proposta dela não era essa, nadá, né.

A13 *Olha, melhorô bastante. Antigamente o comitê que tinha que ir atrás da mídia, né. Hoje a mídia já vai atrás dos atletas. É claro que ainda é um pouco ruim porque ainda dão muita, muito destaque só pros atletas que ganham medalha de ouro, né. Que eu acho que isso é errado. Eu acho que você tando numa paraolimpíada, não importa se você ganhô medalha ou se você não ganhô medalha, é uma coisa importante, né, que ainda precisa ser mudado na cabeça do brasileiro.*

A14 *Hoje, tudo foi resultado de um esforço muito grande do comitê paraolímpico brasileiro. Eles levaram uma equipe de jornalistas de emissoras e pagá pra eles irem, pra eles*

mostrarem o que é as paraolimpíadas. Como o Brasil tava se comportando nas paraolimpíadas, pra mostrá pro povo brasileiro como os atleta é numa paraolimpíada. Hoje já é uma realidade, hoje já tem a procura da imprensa, não precisa ficá, já tá o espaço na mídia. A gente tem um espaço bem maior, a visibilidade aumentou, muito em relação ao que se tinha no passado. Então a credibilidade veio bem legal, na tv brasileira, ainda não é o ideal, né. Com as conquistas a gente vai ganhando nosso espaço.

A15 *Acho muito bom, eu acho que a gente faz muito, os atletas, ...pô, vai fazê turismo pra isso, não o trabalho da diretoria é que fez com que a gente, fez por merecer, ter patrocínio, acho isso...sei que não foi fácil, através dele também que nós temos tudo hoje. Essa diretoria trabalha muito bem.*

A16 *Olha, eu posso falá que depois da paraolimpíada mudô. Hoje nós temos até mais uma condição melhor perante a mídia, mas eu vou te dizer, em 81, quando eu participei do brasileiro, né, quando tinha cartazes e manchete das 12 medalhas, aquilo me chocou, acho que isso que fez eu chegá no esporte e ser a atleta que sou hoje, mas mudou um pouco, mas por que a mídia só vê o deficiente, o atleta portador de deficiência de 4 em 4 anos, numa paraolimpíada*

Tem que mostrá daquilo que a gente é capaz, aquilo que a gente supera. Então tem umas certas coisas que eles escondem muito, que devia ter, assim, o atleta como ícone, como uma coisa boa, pra você poder passar auto-estima praquelas pessoas, e saber que você luta, que você quer uma sociedade mais justa, uma sociedade sem preconceito, né, eu acho que até melhoraria. E a gente vê de várias pessoas da sociedade que hoje eles falam que torcem muito mais pelos atletas paraolímpicos do que os olímpicos e chegam a compará, quando não devia existir comparação. Eu acho que tudo é atleta, a mesma bandeira, o mesmo hino nacional e a gente tem que ser uma coisa, que é ser respeitado. Então é isso daí que eu discordo muito. Você não tem que compará se o atleta olímpico trouxe medalha, se o paraolímpico foi que mais trouxe medalha de ouro, é como aquilo que no início eu te falei, a medalha é uma conseqüência. É tanto que o momento que às vezes o momento que você passa numa paraolimpíada, ele é tão importante, quanto emoções tão diferentes, e a medalha é aquele momento e depois aquela medalha tá guardada. O bom é aquele momento que você tá, é muito bom a gente conquistá a medalha, porque é o que a mídia quer, né, a mídia só quer a medalha, um atleta que não traz a medalha, pra eles ali não interessa, pra eles interessa o atleta que é medalhado, e medalhado ouro, principalmente o nosso país. No nosso país um atleta que traz prata, bronze não tem valor nenhum, só o que traz ouro. E você vê, nos outros países é diferente. A gente vê um atleta lá chorando porque trouxe uma medalha de bronze, né, um atleta se emocionando porque trouxe uma medalha de bronze e o país vibra porque aquele atleta trouxe a medalha de bronze. No nosso país não tem valor, e digo por esse tempo que eu sou atleta, por esse tempo que eu tenho representado o meu país, uma medalha de bronze, uma medalha de prata, pro nosso país não tem valor, e nem pro nosso povo brasileiro. Tem pra nós, atletas, que lutamos pra chegar e ganhar a medalha de prata ou bronze, ou ouro, mas só tem valor ouro. Mas isso eu acho que é educação, eu acho que isso, a mídia contribui pra isso, né. A mídia não fala, digamos, de um atleta que ganha medalha de ouro, o atleta que ganhô a medalha de ouro, o atleta que ganha medalha de prata e bronze pra eles não tem valor. Então é isso que eu quero do meu país diferente, nesse sentido, da mídia poder ver o atleta aí como um lutador, como um herói, até que tire o sétimo, quinto lugar é

importante, porque se não fosse os outros só ganha três. Então a gente não ia fazer uma prova, um campeonato com 3 atletas, são vários atletas. Isso aí tem que mudar, é a partir de nós, atletas que podemos também rever essa situação pra que a mídia veja que não é a medalha de ouro, entendeu? Infelizmente, isso que acontece, em outros países eles dão valor até quem tira quarto lugar, quinto, sexto, sétimo. Só em ir pra uma paraolimpíada já é uma conquista. Então são coisas assim que a gente precisa educar o nosso povo, e que a mídia veja o atleta a figura maior e não a medalha.

A17 *Olha, hoje, começou em Sydney, né, a divulgação, mais divulgado em Sydney e depois veio Atenas, que teve um canal só para divulgar as paraolimpíadas. E hoje os jornalistas procuram os atletas, há alguns anos isso não acontecia como eu, o Clodoaldo que já somos mais conhecidos que já temos uma história, os jornalistas procuram e quantas vezes a gente ia para competição e ninguém sabia. Hoje você vê que sempre está saindo alguma coisa "Ah, os atletas paraolímpicos foram para tal competição". Das paraolimpíadas já estão falando e isso a mídia ajuda muito para os atletas, até para os atletas estarem conseguindo patrocínio. Porque sabe, com a divulgação da mídia, as empresas tem interesse de estar botando sua marca, né, e é assim, só que tem mídia que também ajuda e como também tem que cuidar muito da mídia que tem cuidar o que você fala porque as vezes você fala uma coisa e eles colocam outra, e as vezes tem canal que tu tem uma marca, eles escondem, não deixa aparecer. Tem essas coisas também, não é só o lado bom, né. Mas esse salto que deu da divulgação do esporte paraolímpico foi muito bom, não só para gente que está a mais tempo como para atletas que estão vindo.*

A18 *Olha, a mídia, eu sou sincero pra te dizer assim, a mídia, se você não leva o conhecimento da mídia, não tem como ela saber também. Eu garanto pra você que não tem ninguém sabendo que a gente tá treinando aqui. Por quê? Porque falta comunicação. Comunicação é minha? Não é minha, eu não tenho que ficar ligando pra repórter. Tem que ter uma parte específica lá dentro do comitê paraolímpico que faça essa parte de comunicação, né. Então se eles não sabem, como é que quer tá na mídia? Se eles não pagam o espaço, como é que eles podem pôr seus atletas na mídia? "Pô, não pode pagar espaço na televisão com dinheiro do governo". Então acha um mecanismo pra pagá, acha um patrocinador que possa se vincular, né. Eu não jogo a carga disso na mídia, não jogo mesmo porque a mídia tá lá, só que ela precisa também, nem tudo vem de graça, né. Acho que tem que ter uma parte gratuita, acho que tem que ter uma parte gratuita, mas tem que ter uma parte que tem que ter investimento de empresários, do comitê paraolímpico, cê entendeu? Pra divulgar essa situação. O comitê tem que ter um pessoal específico que hoje eu acho que tá tendo, né. O pouquinho que aparece é pelo trabalho competente do cara, o Malafaia, tá fazendo. É muito pouco, é muito pouco, mas antigamente não se tinha nada.*
Melhorô bastante! Então vamos esperar agora em Pequim o que que vai ser feito disso, né. Se eles vão continuar divulgando a gente, se vai só passar flashes na televisão. Eu acho que vai só passar flash, né, e na Sportv pode passar direto, né.
Passava na Sportv. É porque o nosso produto também é rendável, nosso produto, quando o investidor lá, a parte econômica investe, ela tem um retorno. Ela tem um retorno de exposição de imagem muito grande. A gente foi o país que mais gerou horas de televisão em Atenas. E quando, tá certo que o nosso país ainda é aquelas pessoas que vê hoje e esquece amanhã, o acontecido. Mas muitas pessoas aprenderam a respeitar os portadores de deficiência depois de Atenas. Vê com outros olhos que é capaz, né, de realização, a

capacidade de realização do portador de deficiência. Agora, se pegá Ádria, vamô pegá a Ádria, vamô pegá o Clodoaldo, e pegá outros ícones que tão aparecendo dentro do esporte, e vamô vê o que eles estão fazendo hoje, né. Clodoaldo hoje só vive do esporte, a Ádria só vive do esporte.

Entendimento dos atletas em relação à mídia:

- A mídia é considerada como televisão para todos os atletas;
- A maioria dos atletas entende que a mídia só aparece nos grandes eventos e jogos, como paraolimpíadas e para-panamericanos;
- A mídia de certa forma colaborou para melhorias na divulgação do desporto adaptado;
- O papel da mídia já melhorou em relação a outras edições de jogos paraolímpicos;
- O destaque pela mídia em relação somente às conquistas das medalhas de ouro, em detrimento das medalhas de prata e bronze;
- A mídia trouxe o sucesso e o reconhecimento dos atletas para a população;
- A mídia divulga do que os atletas são capazes;
- A diferença de tratamento dado pela mídia em relação à Olimpíada e Paraolimpíada (apenas flashes das medalhas de ouro nos canais abertos e 24 horas nos canais fechados por assinatura);
- Todos os atletas concordaram com a idéia de que a cobertura da mídia já aumentou, mesmo que caminhando a passos curtos, a partir de Atenas 2004, a contribuição para o movimento paraolímpico está melhor do que antes.

O olhar da mídia dos atletas não deficientes

A19 *É, depois das paraolimpíadas de 2004, realmente quando a gente voltô a gente até pensô que ia ser melhor, depois da competição aquela festa toda, foi recebido pelo presidente e tudo, mas eu posso dizê a você que, é, não melhorô tanto assim, só quando chega mais próximo das competições.*

A20 *Em tudo. Mas já deu uma melhorada. A gente já vê saindo hoje em mídia nacional, a gente não via, né, mas tá melhorando. Sem dúvida mais perto das competições, de eventos grandes, como olimpíadas, como para-pan que foi no Rio. Nesse lado aí deixa a desejar porque quando a gente ganha a medalha de ouro, 2, 3 meses ninguém fala mais, espera mais um título de 4 anos. Então nesse lado eu acho que deixa a desejar.*

Assim como observado nos atletas anteriores, A19 e A20 também entendem que o papel de divulgação da mídia já melhorou em relação ao que era, no entanto ainda não foi o suficiente. Também concordam que o aumento se deve somente nos grandes eventos como paraolimpíadas e parapan-americanos.

V. O APOIO FAMILIAR

Os atletas, ao serem indagados sobre o apoio familiar, os conteúdos que eclodem de suas respostas podem ser assim destacadas:

A1 *Sempre, sempre. Tinha preocupação de mãe que é uma preocupação normal, né, eu tinha 12 anos e jogava com atletas iniciantes também que tinha 20, 25 anos então eu era bem franzino mesmo, e por tá todo mundo iniciando era muita trombada, muita pancada. Então chegava em casa com a canela inchada, com dor, minha mãe reclamava, falava "Tá ficando doido! Isso não é pra você! Procura outro esporte, rapaz!" Mas eu: "Ó, mãe, meu negócio é futebol". E é só mais preocupação mesmo de mãe mesmo. Quando eu ia sair também, primeira vez que eu ia saí na rua eles não quiseram deixá, funciona como interno, né, o pai vai lá assina sua saída só, na sexta-feira deu a hora de ir embora você pode sair sozinho ..o problema também que minha mãe e meu pai não queriam assiná a saída, mas eu sempre fui determinado, né, e falei: "Ah, mãe, eu acho que a senhora trabalha, meu pai trabalha, a minha mãe vai ter que sair do trabalho, cansada, ir lá no Benjamin Constant me buscá, é longe de casa pra caramba, chega em casa quase 21:00h da noite".... E eu sei andar meus amigos que tem isso, e isso é um fator muito bom que ajuda você a ser independente , meus amigos que tem minha idade saem sozinho porque eu não posso sair sozinho? Meu irmão tinha 11 anos de idade e já saia sozinho, "A senhora confia nele e não vai confiar em mim só porque eu não enxergo?" "Não, não é assim..." A gente tem que enfrentar as dificuldades! E minha mãe é mais corajosa que meu pai, a primeira vez foi no carro e ficou atrás de mim e na sexta-feira eu tava em casa normalmente aí eu comecei a sair pra outros cantos e foi assim que eu aprendi a sair. Hoje eu fui em Madureira, hoje eu fui não sei a onde , mas com quem fui: sozinho. Aí depois comecei a conhecer, comecei a viajar pra fora do estado e viram que tinha realmente responsabilidade, sabia realmente sair e é isso aí não tem como segurar, né!*

A2 *Como eu falei, sempre minha mãe me apoiou em tudo, graças a Deus, ela que me falava bastante dos deficientes quando ela ia pra Campina, pro instituto, saber que que você vai fazer.*

A3 *Pois é, a minha vida social, depois de Atenas mudou porque eu pude bancar a minha vida.*

Eu pude bancar minha roupa, pude bancá o meu tênis, meu calçado, entendeu? Uma companheira que por ventura eu tivesse, mas isso era depois de 2004. Infelizmente, o futebol não me trouxe muitas coisas sociais, depois de 2004 não. Até hoje é um pouquinho esquecida ainda, o futebol é uma das modalidades que menos tem competição. Então, quer dizer, você acaba ficando um pouco desmotivado uma certa hora.
Minha família depois que me deixou no internato, com 8 anos de idade, eles ficaram um pouco distantes, nós não temos essa ligação tão grande. Tem orgulho por ter um filho que aparece na televisão, que é cidadão honorário da cidade lá, que eu fui cidadão honorário da minha cidade, mas nada mais que isso. Para eles não tem essa... A inocência deles, de pessoa do interior, realmente não deixa que eles tenham a total dimensão do que é isto.
Eu, hoje tem algumas pessoas que ... minha ex-namorada, minha namorada, estão presentes na minha vida, meu filho, porque eu tenho um filho, que são pessoas que estão presente na minha vida e que eu faço tudo pensando no exemplo de vida delas. Mas não tenho uma pessoa assim que realmente me acompanha que realmente tá comigo, que realmente ...

A4 *Foi maravilhoso, né. A família incentiva e sempre incentiva, tá sempre dando uma força, "Vai mesmo, você tem capacidade". E é a palavra essencial nas nossas vidas, né. Ela é essencial, o apoio, o fato de você dizer: "Vai que você consegue", isso é maravilhoso, te dá uma força muito grande e é uma coisa que te lança pra você atingir seus objetivos.*

A5 *Não, pra mim na realidade assim, a representação foi bem pequena frente aquilo que ela representou pro movimento em si, né. Óbvio que pra mim foi importante, principalmente por eu ter alcançado um sonho, uma vontade de estar numa paraolimpíada. Então a conquista da medalha foi a concretização daquele sonho maior. Mas eu acho que foi muito mais importante para o movimento paraolímpico, pro futebol de cegos do que pra mim. Acho que a gente ganhou muito mais respeito, muito mais visibilidade na mídia, e isso não foi por mim, né, foi por toda a equipe, todos que participaram, né.*

A6 *A minha família sempre teve ao meu lado, sempre me deu total autonomia e liberdade, exceto no começo que, para sair sozinho, eu acabei tendo que fugir de casa porque jamais minha mãe poderia imaginar um cego andando sozinho. Então com 14 anos eu fugi de casa para jogar bola.*
E eu acredito que se eu não tivesse fugido na época eu teria, por muito tempo, me privado do meu próprio desenvolvimento.
Na realidade minha mãe não sabia nem que eu tinha bengala, bengala é uma coisa que a gente usa para se locomover e o que eu fiz, eu levava o dinheiro pra comprá lanche no colégio, eu guardei esse dinheiro por alguns meses e comprei escondido da minha mãe a bengala que, claro, permaneceu escondida dela até o dia que eu sai escondido. (risos).

A7 *Em questão de família, graças a Deus, a família me dá apoio, entendeu? Sempre quando eu tô meio assim, de cabeça baixa, minha mãe ou minha irmã me chama pra um canto "Vamô rapaiz, vamô simbora! Você tem que treiná muito mesmo, pra gente vê você lá em cima". E eu percebi também que realmente tá certo, entendeu, porque já que tem família minha que não tem condições nenhuma, eu acho que eu me comprometi, eu disse que eu iria ajudar, não só pensando em ser só em mim, entendeu?*

Não, é com questão de sucesso com minha família graças a Deus todo mundo hoje em dia me vê com outros olhos, né. Porque quem era eu no passado e quem sou eu hoje, no presente. Eles sempre toca nesse item, entendeu? E graças a Deus eu me dou bem com a minha família, todo mundo também, tem pessoas na minha família que também não vivem a mesma vida que viviam antes, né! Por exemplo, quando meu próprio tio, entendeu, é uma das pessoas que eu ajudo bastante ele. Vive comigo no dia-a-dia, ou no ruim ou no bom, entendeu?

A8 *É, no campo familiar trouxe alegria para a família, trouxe alegrias e também eles ficam felizes por eu viajar e por ser uma forma de eu conhecer o mundo através de fotos, alegra muito eles.*

A9 *Porque... porque eu recebia um carinho muito grande dos meus amigos, principalmente da minha família, da minha mãe que quando, às vezes, por algum motivo eu ficava triste, ela falava: 'Olha, você não é diferente de ninguém, você pode fazê o que você quisé basta querê'... né, então ela sempre, é...fazia essa coisa da auto-estima inconscientemente, como eu falei ela nunca teve oportunidade de estudá, nunca teve essa oportunidade de ser uma...conhecê a coisa da psicologia, mas mesmo inconscientemente ela me motivava, né, ela usava essa coisa da psicologia: 'você pode', 'você consegue basta querê' e ela sempre me motivava e eu cresci com isso na cabeça e tenho até hoje, basta eu querê, basta eu me dedica que eu vô consegui os meus objetivos.*

A10 *Mas no começo era muito difícil porque eu não tinha condições financeira para me locomover pros treinamentos, meus irmão tinha que levá eu no quadro da bicicleta, mas graças a Deus eu consegui superar tudo isso aí com apoio do meu irmão juntamente com a minha mãe, da minha esposa que na época, eu, com 17 anos, já era casado e graças a Deus eu devo isso a ela, a minha mãe, aos meus irmãos.*
E em relação à família, a minha família, assim, eu sou o orgulho da família mesmo sendo uma pessoa com deficiência e minha mãe, meu pai, meus irmãos então, quer dizer, eu sou realmente o espelho da família e isso desperta realmente a muita força de vontade que eu tive, a superação que eu tive e porque não a minha deficiência. Quer dizer, hoje realmente eu sou feliz em ser deficiente porque se eu pudesse escolher entre a vida que eu vivia antes e vida que eu vivo hoje, eu tô muito feliz com a vida que eu vivo hoje porque tudo que eu consegui foi através da deficiência. Eu consegui conhecer vários países, eu consegui estudar, a falar inglês, hoje em dia eu não preciso que ninguém fale por mim, então realmente eu sou um atleta hoje que ...

A11 *É, o técnico fica feliz porque conseguiu atingir o objetivo, a família fica feliz porque ganha e na questão dos amigos assim sempre tem aqueles aproveitadores, mas se souber, é, lidar com isso, vai bem.*

A12 *Sim, sim, mudô. Atenas foi um grande feito, não só meu, de ter essa medalha de ouro. É*

uma coisa que eu sempre busquei, né. Que o atleta quer, né, não basta só competir. Chega uma hora que não só você mas as pessoas em volta de você, os familiares, os amigos, eles querem isso, é difícil essa questão.
É, a família é fundamental. Mamãe, papai, dona Inês, seu Darci, pessoas maravilhosas, meus irmãos. É família, família, mas é um pessoal meio calado, acho que pela própria criação deles, eu vejo meus pais, descobri isso depois que eu ganhei a medalha em Atenas, em Sydney, quando eu fui pra paraolimpíada, a preocupação dela comigo. Eu não sabia, aquela festa enorme lá em casa. Você viaja e nos bastidores as pessoas ficam naquela agitação, aí quando cheguei em casa que descobri que eu era tão...Aí hoje em dia vô viajá e fica preocupado, mas eu to trabalhando pra conquistá a vaga, né. Mas é bacana, eu acho que família é tudo realmente. É muito bacana.

A13 *Fora algumas coisas que tiveram que adaptar, mas a minha família aceitou bem, graças a Deus, eu tive muita sorte, né. Meu irmão mais novo, como ele já cresceu comigo assim, nasceu, conviveu comigo desde pequeno, então ele, tudo que ele ia fazer ele me levava junto, eu falo junto porque eu tenho muitos primos, né. Eu vivia no meio dos meninos, andava de bicicleta com eles, nos lugares que eu não conhecia, então pra mim foi bem tranqüilo assim.*
Tanto é que meu professor de musculação também foi assim, ele falo "Nossa, quando você chegou aqui a primeira semana eu, e agora o que vou fazer? Mas vamos lá!" Então isso que foi legal. Então meu irmão começô a me treiná, aí eu comecei a mudar meus horários também, e mas assim, minha família, é que meus irmãos nadavam, né!
Ah, sim, a família, é o que eu falo, a família é o alicerce, né. Se a família não apoia, como você vai contra a família a vida inteira, né? Não tem como não.

A14 *A família sempre me apoiou, belíssima carreira. Ela vinha com desconfiança porque eu precisava trabalhá pra ajudá em casa, aí ela viu que eu já tava conseguindo bolsa numa escola particular, e ela deixava, né, mas ela achava que tinha que continuá tentando, conseguí um trabalho. Tinha certeza que eu ia conseguí um trabalho. Aí depois começô a ter um retorno e eu a ajuda em casa, sempre foi com família e amigos...*

A15 *"Você sabia que conseguiu a vaga pra Sydney?"."Ah, consegui?"*
Talvez eu não poderia bater outra vez na porta, mas a oportunidade não tem data, então eu fui, competi, ganhei essa medalha. Quando eu sai de Brasília ninguém acreditava em mim, o pessoal da empresa lá, mas ganhei, saiu nos jornais, no início dos jogos paraolímpicos que levo os jornalistas, uma coisa que, nossa, a primeira medalha, e foi indo assim. A gente não tinha apoio, família pobre, amigos viam no jornal que tinha ganhado medalha. Quando cheguei realmente foi...

A16 *Ah, mãe, fala…Fale mamãe, como a senhora me acha como atleta...*
MÃE: Como atleta ela é muito boa, né!
MÃE: Sempre ao lado dela, dando apoio, né...
IRMÃ: A gente acha que ela é uma lutadora, uma vencedora em tudo e sempre a família com ela, não deixa um momento.

A17 **...,** *mas hoje a minha filha, graças a Deus, sempre estudou numa boa escola. Às vezes, ela brinca "Ah mãe, meu colégio está atrasado". E eu digo: "Não importa mas eu pago", mas o apoio que não tive da minha mãe pela educação que ela teve, né. Então até nem culpo ela por isso, mas uma coisa que eu sempre me preocupei é de dar um bom estudo para minha filha. E agora eu falo, ela está com 18 anos terminando o segundo grau, né, e sempre estudou em bons colégios. Então hoje eu posso dar, eu já tenho a minha casa, eu já tenho meu carro e isso tudo foram frutos do esporte e eu conquistei isso através da minha dedicação e da minha determinação que é como eu te falei, por muitos anos sem ganhar nada.*

A18 *No campo social se a gente for ligar com o campo financeiro, né, no campo social não há muita mudança, né. No campo social, você ainda é discriminado todo o tempo, como todo portador de deficiência é. Portador de deficiência, se você tiver com um cego na rua, a pessoa nunca vai se referir a você, ele vai se dirigir a outra pessoa que tiver com você, nunca vai se dirigir ao cego, pode ser quem for.*
..., meu pai que escolheu essa modalidade pra mim e eu dei prosseguimento porque eu gostei.

Observamos através dos relatos que:

- A figura da mãe foi considerada por muitos atletas como fator fundamental no apoio a carreira desportiva;
- Para outros atletas o reconhecimento e admiração da família veio somente após a conquista da medalha de ouro;
- Atletas que constituíram famílias se agarram ao sucesso como forma a serem exemplos para seus filhos e a busca por oferecer aos mesmos melhores condições de vida;
- O fator financeiro e o apoio familiar estão relacionados entre si.

O apoio familiar em relação aos atletas não deficientes

A19 *A família também, porque quando a gente viaja a família fica longe da gente, cobra da gente. Muita gente não sabia da seriedade do nosso esporte, futebol de cegos, pensava que era brincadeira.*

A20 *É, no começo, no caso da minha família, o medo era de eu perder o emprego no brasileiro, no caso no campeonato brasileiro, eu nem pedi dispensa.*
É, eu trabalhava com futsal lá também, num clube lá. Aí quando eu vim para o primeiro brasileiro, ia passar uns 15 dias fora porque nós vinha de ônibus, vinha e voltava da competição, meus pais estranhavam: "Mas, A20, você vai perder o emprego". Acharam meio estranho, eles não conheciam também a prática e eu vim com o coração. E a competição assim, hoje eu vejo o futebol, o futsal adaptado, para mim eu levo muito a

sério tanto que eu tô jogando hoje 90% a mais de futebol adaptado que de convencional.

Tornamos a ressaltar em relação ao preconceito existente aqui das famílias. O que colocamos como preconceito refere-se ao desconhecimento da situação, ou seja, da existência do desporto adaptado. Também observamos no caso de A20, a preocupação com a questão financeira.

VI. O APOIO FINANCEIRO

Os atletas ao serem indagados sobre o apoio financeiro, os conteúdos que eclodem de suas respostas podem ser assim destacados:

A1 *Na verdade, assim, representou um sonho, poder estar como atleta na Espanha e entrar numa olimpíada, no nosso caso paraolimpíada, representou também que o trabalho foi bem feito na verdade, financeiramente ele ajudou bastante também porque a gente teve bolsa do governo, embora não seja bolsa permanente, mas ajuda bastante.*
Tinha, mas não esportivo. Eu tinha ganho porque na parte de fisioterapia eu fazia massagem corpórea, eu atendia na aulas de remo do Botafogo. Sempre me virei, sempre corri atrás, sempre quis ter meu dinheiro e, tipo, ano passado tive a lesão no joelho e optei por deixar de fazer alguns trabalhos para fora e o médico foi me atendê... eu tô deixando de fazer um monte de coisa pra poder sonhar com bicampeonato e ir para os jogos de novo.

A2 *É, mudou assim, entende, que a gente ficou mais, assim, o pessoal viu mais que a gente, não é, não tem muito a desejar do pessoal que enxerga, né, que mudou que a gente ficou mais reconhecido na...trouxe mais apoio pra nós, financeiro, que deu uma, que essa medalha de ouro nos deu uma vida boa com esse apoio que o governo está dando.*
A gente tinha assim, eu recebia o diário da CBDC, certo. A gente tinha esse apoio já da CBDC. E depois da paraolimpíada fico esse apoio do governo que me dá uma bolsa.

A3 *Acho que mudou bastante porque foi aí que a gente teve a sensação de atleta profissional, a gente começou a ganhar para isso, começou a ter alguns incentivos pra praticar o esporte.*
Não, não, não. Na maioria das vezes o atleta tinha que pagar para jogar, foi o caso também.
Depois da paraolimpíada acho que não só eu, mas todos atletas que estão aqui.

A4 *Bom, logo depois que eu cheguei de Atenas, tinha um projeto, né, do governo, acho que você já deve conhecer, que é o bolsa-atleta, e um pouquinho depois de Atenas veio a concretizá. Então, tem um tempo, né, contrato determinado, e a cada ano você vai renovando e tem um tempo até na próxima paraolimpíada, no caso.*
No início, quando eu entrei pra seleção, a rotatividade era muito grande, né, inclusive pra confederação praticamente não tinha apoio nenhum, o pessoal trabalhava muito com a questão do patrocínio, corria atrás de quem queria patrociná, né, as nossas viagens a nível nacional como a nível internacional. Era muito mais através de patrocínios. Aí tempos depois que o governo começou a distribuir lá uma verba, que ajudava essa confederação e a confederação repassava pros atletas e foi a partir disso que começou o apoio financeiro pra nós, facilitô bastante a nossa vida, a prática esportiva.
Exatamente, até surgir o bolsa-atleta que veio dar um apoio bastante grande pra gente.

A5 *Não, na realidade eu sempre trabalhei, né. Então, assim, o bolsa-atleta obviamente que me acrescenta, acrescenta e muito, mas ele não é a única renda que eu tenho e nem poderia ser. Agora, antes disso a gente não tinha nenhum recurso, né. Com certeza o fato de termos ganhado a bolsa-atleta foi importante, mas é aquilo como eu tava te falando, acho que não foi a nossa medalha de ouro que iniciou, que garantiu o bolsa-atleta. O bolsa-atleta já tava bem antes, tanto que independente de ter ganho medalha, todos os que foram em Atenas tão ganhando o bolsa-atleta, no mesmo valor da gente que ganhô medalha de ouro. Então, assim, a medalha de ouro realmente valeu mais pro movimento do que realmente pra nós, pessoalmente. Pelo menos eu penso dessa forma.*

A6 *Não, nenhum, nenhum, nenhum. Na verdade o único apoio financeiro que nós tivemos foi a partir da instituição da bolsa-atleta que é o apoio do governo federal, um incentivo do governo federal, um custo mensal de 2500 reais para todos jogadores que foram para paraolimpíada independente de medalha. É claro que foi importante, mas obviamente que não garante o sustento, não supri todas as necessidades da gente. Então precisa ter uma atividade paralela, por isso que você pode dizer que parte das pessoas aqui, dos jogadores, trabalham e até por necessidade disso.*
Eu advogo.

A7 *E em questão financeira, com certeza, a cada dia que se passa o futebol do paradesporto vai melhorando, né, em questão financeira. Porque a partir daí, de Atenas, nós tivemos um, com essa bolsa federal, né, e eu acho que não só pra mim mas pra todos que, que, tá na seleção, que pratica o esporte, o desporto, eu acho tá tendo uma melhora de vida, e por enquanto agora, eu mesmo tô vivendo do esporte, entendeu?*
Não, não, antes de eu receber qualquer bolsa eu já tinha meu benefício, né, daí tem que abri mão depois que você recebe bolsa. Eu vivia com o benefício e trabalhava lá no hospital Barão de Lucena em Recife, radiologia. Depois, em 2003, fui convocado pra ir pra Colômbia, e daí passo a ganhá uma bolsa do comitê, ajuda de custo de 170 reais,...

A8 *Não tinha.*
Isso e ainda recebo.(bolsa-atleta).

A9 *...e quando eu cheguei de Sydney, 3 pratas e um bronze, não era o resultado que eu esperava, mas...poxa, era um resultado excelente. Eu fico imaginando, 'poxa, eu vô chega*

no Brasil, vô chega em Natal, ter patrocinadores, ter pessoas que me apóiam', isso e aquilo. Cheguei lá e não foi realmente o que eu esperava, coisa de patrocínio, coisa de apoio e eu tinha uma empresa, é, drogaria Amadeus, que é uma farmácia lá em Natal que me apoiava desde 99 e como lá em casa tava passando por dificuldades, o que não era muito raro, é e eu era a única pessoa que não trabalhava, eu, poxa, 'eu vô ter que trabalhá'. E essa farmácia, o proprietário da farmácia me deu o emprego, tá, comecei a trabalhá como auxiliar de escritório e de 2000 até o finalzinho de 2001 foi muito complicado porque, porque eu acordava às 5 da manhã, pra tá no emprego às 7h, ao 12 e 30h tava na piscina treinando, às 15 e 30 estava de volta ao emprego, às 19h ia pro cursinho pré-vestibular e só chegava em casa às 23h, 23 e 30h, no dia seguinte fazia a mesma coisa, né...

E continuava, trabalhava, estudava e treinava e em 2001 saiu o incentivo pra o comitê olímpico e paraolímpico através das bilheterias Caixa, né, e dava 2% de tudo que a bilheteria arrecadava para o esporte olímpico e paraolímpico, sendo que 85% era pro olímpico e 15% para o paraolímpico, e o comitê paraolímpico brasileiro começô a dá uma ajuda de custo para os atletas medalhistas em paraolimpíadas, e como eu tinha sido medalhista em Sydney, eu comecei a recebê uma ajuda de custo que cobria, é, o meu salário que eu recebia na drogaria, né. Então sai da drogaria, passei então a só estudá e treiná, comecei a sê profissional, isso no finalzinho de 2001.

E quando eu sai de Sydney, eu sai com o pensamento, 'poxa, eu quero melhorá minhas marcas, eu quero me sai bem melhor em Atenas em 2004 do que sai em Sydney'.

É, na realidade, o que acontece... não eram as loterias que patrocinavam os atletas, pela...pela...por essa lei de incentivo, lei Agnelo Pinto, obrigatoriamente as loterias tinham que destina esse recurso pra o comitê olímpico e paraolímpico. Mas, em 2003 e 2004, as loterias começaram a patrocina o comitê paraolímpico brasileiro, mas não os atletas, né. E hoje, é a mesma empresa patrocina o comitê e patrocinam alguns atletas, né. Eu não estou dentro porque, porque eu tenho os meus patrocinadores que são a Fijan, que é lá do Rio de Janeiro, Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, e tem a Nutriben, que é uma empresa lá em Natal, que é uma empresa de alimentos, né. Então o esporte paraolímpico hoje tá muito mais protecional que antes. Mas eu acho que o meu grande diferencial dos outros atletas foi, é...querer realmente ser profissional porque como eu te falei, é...em Sydney, antes de eu ir pra Sydney eu tinha uma idéia que não era profissional, mas depois que eu vi realmente o que era, eu falei: 'Poxa, se eu quero ganhar dos caras, eu tenho que ser mais profissional que eles'.

A10 *Eu acho que realmente começou a melhorar as condições financeiras para o atletas paraolímpicos depois da lei Piva, 2001, que os atletas que conseguiram resultados em Sydney tinham 3 valores específicos era ouro, prata e bronze, cada caso tinha um valor diferenciado, mas realmente, melhorou realmente bastante depois de Atenas que a loterias Caixa entrou e começou a patrocinar atletas individualmente com valor até melhor e começou a valorizar e começou a colocar realmente os atletas na mídia e não é a toa que hoje o esporte paraolímpico, cada competição que a gente vá, seja campeonato regional, seja campeonato nacional tá surgindo novos atletas, tá havendo uma mudança cada vez mais de novos atletas e assim vai.*

Não, antes eu não precisei trabalhar não, mas eu passei muita dificuldade no começo da minha trajetória e hoje eu posso contar com o apoio das loterias Caixa, posso contar com o apoio do governo do meu estado, o governo do estado, posso contar também com a

empresa que me patrocina, mas no começo era realmente muito difícil, muito, muito difícil como é difícil para as pessoas que estão iniciando hoje, mas é um difícil que pode se tornar fácil, basta correr atrás e treinar.

A11 *Bom, mudou mais em questão de reconhecimento para um medalhista de ouro.*
Sim, do governo do estado de Pernambuco.
Desde Sydney.
Isso, isso, no começo foi mais "paitrocínio", né, meus pais que me ajudavam, ajudando nas passagens e tudo mais.

A12 *Eu acho que foi bacana pra mim financeiramente sim, mudou, foi legal, foi legal, o status...*
A gente, eu tive o patrocínio das loterias Caixa.
Até porque existe hoje a bolsa-atleta, a gente ganha um valor, 1800 reais, foi legal isso. E depois de Atenas eu fiquei com o patrocínio das loterias Caixa, e perdi, devido o problema físico e não quero mais também não. Eu acho que era muito melhor o bolsa-atleta, a Caixa é muito show business, muita coisa, entrevista, é não sei o que, não gosto mais dessa coisa, é muito pessoal mesmo. Eu não acho que isso aí é querer pouco, não.
Não, não, eu tenho a bolsa-atleta.
É, eu perdi por causa do rendimento, por causa do rendimento. E acho que agora quando eu voltar eles vão me incluí, porque eu vô trazê medalha e o bolsa-atleta é uma coisa mais, é porque todo ano muda,...

A13 *Ó, é claro que no financeiro acabou ajudando um pouquinho porque, infelizmente, no Brasil, a gente tem que dá resultado pra gente consegui alguma coisa, né. Senão eu não teria conseguido o patrocínio que eu tenho hoje,... , então pra mim é mais esse significado do que tanto social, é, mídia, pra mim...*
Não, eu tenho as Loterias Caixa, né, que é o patrocínio, patrocínio financeiro, e a Speedo que é o material esportivo.

A14 *No início eu tinha ajuda do meu primeiro técnico, o Rubem Oliveira, comecei a trabalhá no atletismo com ele. Ele cuidava, trabalhô muito com um grupo de jovens e ele que arranjava dinheiro pra gente viaja, alimentação, se a gente precisasse de alguma cosia, sapatilha. Meu primeiro incentivo foi como atleta ainda juvenil, pelo Estado do Rio Grande do Sul que eu era juvenil, fui um dos melhores convencionais a nível nacional, tive uma bolsa estudantil pelo estado. Aí, depois em 99, quando eu tava saindo do juvenil, entrando no adulto, começando a carreira paraolímpica, veio posteriormente a paraolimpíada de Sydney, a gente...no Rio de Janeiro, e depois do comitê paraolímpico incentivô.*
É a Caixa.

A15 *..., e o dinheiro que eu ganhei com um mês, uma semana, por exemplo, era o dinheiro que você trabalhava dois, três meses.*
Então, aí quando foi 2002, teve o primeiro mundial depois das paraolimpíadas, aí tava com patrocínio do Banco do Brasil, parece.
Eu tive a parceria com o Banco do Brasil e passei a receber parece que por medalha.
.Aí foi o mundial e desse mundial, 2002, e daí teve o Parapan que foi na Argentina. Aí em

2003, quando foi, a loterias já começô em 2003, só que tava patrocinando não individualmente. Foi 2004 que começô a patrocinar individualmente pelas medalhas de ouro, pelas de prata, tem um valor, aquela coisa, e hoje se não fossem as loterias o que seria do esporte paraolímpico e os atletas também. Hoje as loterias dão um patrocínio, se o atleta já tá maduro mesmo, tem um número de atletas que conheço que tem contrato com mídia. Uma coisa melhorô muito essa medalha minha de 2004, a gente hoje tá bem mais estruturado. Aí foi 2004, 2004, acho que 2006 a gente conseguiu o número de vagas, maior agora. Muitos atletas novos surgiram também, a tendência é surgir. A parceria Loterias, a UNIMED, planos de saúde, pagando hotéis, estadia.

A16 *Não, não tenho patrocínio, por incrível que pareça, depois dessa longa história minha, de 5 paraolimpíada, 7 mundiais e 7 parapan-americanos.*
Barcelona eu ganhei medalha também, Atlanta, merecia, né. Sydney, Pequim que houve as misturas das categorias também, como também houve em Atenas. Mas em Atenas, foi uma mudança que eles fizeram depois de Atenas. Então quando a categoria é misturada, é impossível você trazer medalha, mas o que que eu posso fazer.
Tinha, eu fui patrocinada pela Caixa, como disse a você que houve essa situação e até isso perturba o psicológico do atleta, você sabe disso. Quando eu fui pra Pequim eu tava sem a Caixa, que eu tive depois da medalha. Porque infelizmente as empresas só querem o atleta prontinho, quando você ganha uma medalha.
Não, só por um tempo, foi renovando, renovando, depois foi cancelando.

A17 *Porque Sydney foi uma competição onde tudo deu certo, né. Eu estava muito bem preparada, tanto no lado psicológico quanto no lado físico. Então foi o meu melhor resultado, de toda minha carreira, foi em Sydney, né. Então lá já começou a mudar a minha vida. Quando eu voltei foi uma situação complicada, assim, porque eu voltei com o recorde mundial, medalha de ouro e não tive apoio nenhum. A gente até passou um pouco de dificuldade, morava eu e ela no Rio de Janeiro, e teve fase assim que eu não tinha nem dois reais para poder gastar a mais porque não tinha de onde tirar. Aí veio logo depois o comitê começou aquela lei, a lei Piva e deram uma bolsa para os medalhistas, aí na época foi de 3 mil reais e para mim já mudou completamente, né.*
Isso, mas quase um ano depois.
Não, não, o único apoio que eu recebia quando eu fui para o Rio de Janeiro, eu ganhava 100 reais da Sabesp que era uma associação de apoio só que eles me davam casa, ela tinha escola particular, eu tinha tudo e depois nós conseguimos um apoio do bingo lá do Rio que era mais 400 reais. Eu recebia 500 reais e isso aí, depois de Sydney, que eu voltei com todo aquele resultado, eu fiquei um ano e tinha só tinha esses 400 reais e mais um, e eu pagava aluguel.
Eu só fui ter alguma ajuda em dinheiro em 96 quando eu fui para o Rio de Janeiro, de 88 até 96 eu não recebia nada.
E era atleta e nunca deixei de treinar, de competir por isso, né. Depois que eu fui pegando amor pelo esporte, é uma coisa que eu faço porque eu gosto, porque alguma dificuldade que já passei se eu fosse olhar isso eu já tinha parado. Então de 2001 para cá, aí sim eu fui conseguindo, o lado financeiro foi melhorando, aí veio Atenas, eu consegui a medalha. Eu esperava um resultado melhor em Atenas, mas uma semana antes eu tive uma lesão forte na coxa e acabou prejudicando meu resultado. Mas consegui a medalha de ouro e o comitê deu prêmio de medalha em Atenas e foi esse dinheiro que eu fui juntando quando

eu vim para cá para poder comprar minha casa, né, aqui em Joinville. E agora a 2 anos, vai para 3 anos que eu consegui um patrocínio com a Mizuno que é material esportivo. Estou há dois anos com a Gol, né, mas isso você vê quantos anos depois, quase 20 anos de carreira para eu poder, não digo para você que eu recebo milhões, não é o que eu gostaria, ...
PESQUISADORA: Foram quantos anos sem receber, foi após Sydney que você recebeu do governo?
Após Sydney foram 3 anos. Hoje essa bolsa que tem do Ministério eu nunca recebi.
Isso, porque eu tenho patrocínio e quem tem patrocínio não pode receber essa bolsa.
Do comitê, que na época o comitê paraolímpico é que pagava os atletas.
Era bolsa de incentivo aos atletas medalhistas de Sydney e agora em Atenas eles só deram o prêmio de medalhas para os atletas.
Prêmio de medalha e esse ano já disseram que não vai ter.
Agora você, não que, eu já competi muitos anos, viajei, fui pra mundial e pras olimpíadas sem ganhar um centavo, mas eu acho injusto. Em Atenas teve o prêmio de medalhas que não foi muito mas teve, e agora que o esporte está crescendo, o salto que deu o esporte paraolímpico e os atletas não receberem nada. A diária vai ser bem menos que a diária que nós recebemos em Atenas, menos que a metade. Então eu acho que não poderia acontecer isso, né!
Nesse aspecto regrediu e aumentou a quantidade de atletas porque em Atenas foram 93 e agora está indo com 190 e poucos atletas, não me lembro agora. Então cresceu muito, e muitos atletas vão, de repente conseguem medalha, e eles não vão ter e a diária também não vai ser a mesma.
É uma diária, por exemplo, agora é 50 reais por dia. Então ficava um mês fora. Só que em Atenas eles deram 4 mil reais de diária para todo mundo.
Os patrocínios do comitê e é o comitê paraolímpico que repassa aos atletas, aos dirigentes.
Isso é um dinheiro que a gente às vezes usa lá, né, às vezes compra lembrancinha.
Isso, na verdade como eu estava conversando com os outros atletas, a gente acaba que gasta muito, por exemplo, eu tenho a minha filha e eu tenho que deixar o dinheiro para ela, tenho que deixar a compra de um mês para não faltar as coisas. Então a gente tem um gasto muito grande quando faz essas viagens e acaba você tendo um retorno muito pequeno.

A18 *Eu tenho Caixa Econômica Federal e o IBDD. Eu sou um dos 18. Instituto Brasileira de Direitos da Pessoa com Deificiência. Então eu tenho esses 2 patrocinadores que me suprem, cê entendeu?*
Com a Caixa eu vou fazer 3 anos que eu estou com a Caixa. Com o IBDD eu tenho uma relação de quase 9 anos.
E é isso. Esses 2 patrocínios é lógico que deveriam ter outros patrocínios ligados a esses, mas eu também não sou muito de querer ficar de árvore de Natal, todo enfeitado, cê entendeu? Eu acho que eu tenho 2 patrocinadores fortes que me bastam. Eu querer fazer uma viagem ele tá lá pra me ajudar.
Pra me dar as condições que eu tenho que ter. Então esses dois patrocinadores são bons pra mim.
Depois de Atenas.
Olha, quando eu voltei de Atlanta eu perdi todos os meus patrocínios, fiquei até 1999 sem

nenhum apoio, nenhum apoio mesmo.
Eu tinha Pátria 3 Irmãos, Valdir Cartola. Eu tive várias sequências de patrocínio, eu tive uns 3 ou 4 patrocinadores. Só que como eles não viram também resultado das paraolimpíadas, que não foi divulgada as paraolimpíadas, que não trazia resultado, aÍ foi se acabando.

Principais pontos levantados em relação ao apoio financeiro:

- O apoio financeiro vem somente após a conquista de resultados;
- Manter o apoio financeiro requer que o atleta continue mostrando resultados;
- A maioria dos atletas vivem do provento bolsa-atleta do Governo Federal;
- Há atletas que além do bolsa-atleta também trabalham, como forma a complementar seus recursos financeiros e por temerem o fim do provento, desta forma viverão com o salário do trabalho;
- Atualmente o apoio do Governo Federal é visto como fator estimulante e positivo para a realização do desporto paraolímpico;
- Para a maioria dos atletas, receber o bolsa-atleta significa autonomia em sua vida, independência financeira, desta forma melhorando a auto-estima e condições de vida.

O apoio financeiro em relação aos atletas não deficientes

A19 *Bolsa atleta federal, desde 2005, eu recebo bolsa atleta federal. Eu saí do trabalho, trabalhava na Unimed, saí pra prioriza o parapan, que foi no Rio, e agora eu não voltei a retorná nem a dá aula nem onde eu trabalhava porque, a gente visando a paraolimpíada, pensamento é ir para a paraolimpíada, entendeu? E hoje eu vivo da bolsa-atleta federal, né, se não fosse ela era meio difícil, a gente ia ter que tá trabalhando mesmo.*

A20 *Hoje no financeiro, na área financeira não dá pra viver só da seleção. Hoje tem uma ajuda de custo tem uma bolsa-atleta aí, não dá para viver, não tem como deixar meu trabalho lá.*
Essa bolsa atleta eu tô ganhando, a gente foi campeão em 2004, eu tô ganhando, começô em 2006 porque eu fui uma segunda remessa, eu fui medalha de ouro, mas saiu um grupo aqui e tem em média 3 atletas recebendo a 2, 3 anos em média recebendo vai fazer 3 anos agora.

O fator financeiro está diretamente ligado ao fator familiar, e aqui com A19 e A20 não foi diferente. Ocorre que a partir do momento em que se ganhou a medalha de ouro, os

proventos oriundos do Governo Federal, deram um novo sentido em relação à participação dos mesmos numa equipe de Futebol de Cegos. Assim como ocorreu com os demais atletas em condições de deficiência, o fator financeiro foi um agente que fez com que a família desse ao atleta o seu apoio, e neste caso também a credibilidade de um trabalho.

VII. AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA COM O DESPORTO ADAPTADO.

Os atletas ao serem indagados sobre suas possíveis contribuições para com o desporto adaptado, os conteúdos que eclodem de suas respostas podem ser assim destacados:

A1 *Esse era uns dos projetos que eu tinha na minha vida, trabalhar na associação, poder correr atrás de projetos, dar coisas pra eles que eu não tive. E é isso e também, né, um sonho meu é, posteriormente, vir trabalhar na área de fisioterapia, trabalhar numa clínica, tô estudando pra isso.*

A2 *Eu penso em abrí uma associação lá na minha cidade, chamá mais os deficientes pra debate, sabê o que eles precisam mais, lutá pra conseguí as coisas.*

A3 *Olha, se eu tivesse uma renda legal eu investiria até na formação de alguns atletas. Ajudaria alguns atletas para, sei lá, dá material para eles montando uma instituição. É difícil, mas daria força para uma instituição que eu estivesse agregado a ela para ela ter, sei lá, que eu pudesse bancar o treinador para ir treinar outras pessoas, sei lá, eu investiria um pouquinho nisso sim.*

A4 *Não, ultimamente eu não tenho participado não, mas eu tenho planos. Até falei com a minha esposa, de a gente montar aqui em Curitiba e lá, inclusive onde meus pais moram... Aqui no Paraná mesmo. E fazer um trabalho específico em relação a isso, tanto de divulgação e um pouco de prática esportiva. E quem sabe tá formando aí novos atletas, né, e incentivando também. Então, eu tenho esse objetivo.*

A5 *Então, na realidade eu tenho uma vontade muito grande de poder contribuir e muito, nesse sentido inclusive, que eu tava falando pra senhora da questão até mesmo de conscientizar os atletas hoje do que vai ser a vida deles depois. Eu acho que infelizmente que a gente tem muitos atletas que hoje vivem do bolsa-atleta e acham que aquilo ali vai ser pra sempre. Mas não só isso, eu visito muitas escolas, eu vô em muitas escolas dá palestra, a gente conversa muito com as crianças, da necessidade de estudar, da necessidade de praticar um esporte, não somente pra ser um atleta, mas pra ocupar o espaço vazio e não se meter em outras coisas mais complicadas, né, de drogas e tudo o mais. Eu sempre fiz esse trabalho e ele muito me facilitou pós Atenas porque após Atenas*

você já vai realmente com um cartaz, né, "Poxa, esse aqui é o medalha de ouro em Atenas". Antigamente eu chegava lá como o A5, deficiente e atleta. Hoje não, hoje é o A5 atleta paraolímpico medalha de ouro, atleta parapan-americano medalha de ouro, entendeu? Tudo isso soma-se muito e acrescenta muito as pessoas. A gente chega lá tem uma imagem a mostra, "Olha, isso aqui, a gente chegô a paraolimpíada, você também pode, mas você também não pode se disfarçar no esporte". São os papos que a gente sempre tenta fazer. Eu por mim, se eu realmente ganhasse bem mesmo, eu me dedicaria a criar um projeto social meu mesmo. Um projeto social que eu pudesse trabalhar não somente com pessoas com deficiência, mas também com outros, fazendo a inclusão, na área de crianças, reabilitação, eu gosto muito dessa área, é uma área que muito me agrada.

A6 *Veja, eu trabalho, eu faço parte hoje da Associação Brasileira de Cegos que é uma instituição que trabalha em defesa dos direitos das pessoas com deficiência no Brasil, na União Americana de Cegos que também trabalha na mesma linha no continente latino-americano e eu sou do comitê, também, executivo da União Mundial de cegos que ela trabalha na mesma situação mas em âmbito mundial, ela é ligada a ONU, e enfim eu, e na CBDC, na Confederação Brasileira de Desporto para Cegos, que é quem organiza as modalidades aqui no Brasil. Então eu trabalho já em algumas dessas organizações que eu te disse e aí o que acontece com isso eu ainda não tenho condições e estrutura para pensar em um projeto próprio nesse sentido, mas eu acredito que sem dúvida um dia se eu tiver oportunidade...*
Então, no caso uma delas são sobre execução de políticas como é o caso da CBDC, Confederação Brasileira de Desporto para Cegos, da própria União Latino-Americana de Cegos e a União Brasileira de Cegos que também trabalham nessa linha de execução de políticas que envolve a pessoa com deficiência e o trabalho da União Mundial que é uma entidade eminentemente política que trabalha apenas na propositura de políticas voltadas a pessoas com deficiência e obviamente na defesa dos direitos delas também. Então, na realidade, são duas características, né, duas naturezas de organização: uma de natureza de execução de políticas e o outro na propositura de políticas.

A7 *Não.*

A8 *É, eu já pensei em formar um grupo de amigos e sair pelas cidades divulgando o esporte e fazendo demonstrações, que as pessoas podem estudar como eu estudei.*
Eu pretendo fazer isso, isso é uma coisa minha, pessoal, um projeto que eu pretendo ter para levar, assim, para as pessoas como eu estudei inclusive quando eu fiz o curso de pedagogia era esse o meu, as minhas constantes, era poder contribuir com pessoas que não tinham acesso a informações de maneira nenhuma, que viviam isoladas do mundo, da sociedade.

A9 *... porque o que acontece, é, a oportunidade de morar no Rio aconteceu no ano de 2006, né, entraram em contato comigo pra me patrociná e fizeram 2 propostas irrecusáveis. A primeira era pra ser o embaixador do pan, parapan-americano que aconteceu ano passado. Mas a segunda, que realmente foi irresistível, foi trabalhá com projetos sociais lá da cidade. E eu adoro isso, adoro crianças, adoro trabalhá com projetos sociais, porque são geralmente essas pessoas que estão dentro desses projetos são pessoas muito*

carentes, que se não houvessem esses projetos, nunca iam ter oportunidade de tá numa piscina, tá fazendo um esporte, né, pessoas carentes mesmo. No meu ponto de vista, é podê contribuí nesses projetos sim, quem sabe sê atletas, ótimo, mas principalmente pra dá o pensamento de consciência, de dignidade, realmente aquela coisa de cidadão, né. Então, eu adoro isso!
...o, o pensamento do instituto começo desde 2004, quando eu voltei de Atenas, 3 medalhas de ouro e uma de prata, e eu comecei a vê uma identificação muito grande que as crianças tinham comigo, né, eu fiquei imaginando "Poxa, o que que eu tinha pra essas crianças se identificarem tanto comigo?", né, crianças com deficiência, principalmente, crianças sem nenhuma deficiência, né, e poxa, "eu tenho que fazê alguma coisa, eu tenho que, né"... Já conseguimos o terreno pra um instituto lá em Natal, né, mas o instituto não está criado. Mas lá no Rio eu tenho o projeto Brasil Social de natação que são 600 crianças, 60 sem deficiência e tem todo esse trabalho. Então fico muito feliz em podê tá contribuindo nessa parte solidária e isso, isso, é o que me motiva, é o que me dexa muito feliz.
E hoje eu participo dos Atletas para a cidadania, que é uma entidade que o único atleta com deficiência sou eu. Essa ONG quem teve o pensamento, a princípio, de tá juntando grandes nomes, grandes atletas do Brasil, foi o Raí, ex-jogador do São Paulo. Então hoje, dessa entidade participa o Raí, a Hortência, o Oscar, vários grandes atletas, vários nomes brasileiros e nós temos...e o mais legal são tudo isso, grandes atletas... e o mais legal é que eles não falam só de esporte, eles não brigam pra melhoria do esporte e sim de todas as causas sociais. E a primeira delas, estamos brigando pela lei do aprendiz. A lei do aprendiz é uma lei que desde 2000 ela existe mas não é levada, é... na prática. Então nossa principal bandeira é colocá jovens aprendizes, conscientizá as empresas e os empresários a tá contratando esses aprendizes, tá incluindo no mercado de trabalho, praí podê tá dando mais oportunidades a esses jovens.

A10 *Eu sempre que posso e que tenho conhecimento de alguma pessoa, que de algum jovem que sofreu algum acidente e se tornou uma pessoa com deficiência eu me interesso em visitar essa pessoa e passar a experiência já vivida por mim pra ajudar essas pessoas. Recentemente agora eu tive com um rapazinho novo que sofreu um tiro e ficou deficiente e eu fui lá dar uma força porque é a experiência de vida e incentivá a praticar esporte, tudinho. E hoje eu participo de um clube que na maneira do possível o que puder ajudar a pessoa com deficiência a gente ajuda e incentivar, dar apoio, dar força e até mesmo na delegação essa garotada que está chegando aí e dizer como realmente é, e apoiar sabe assim estou sempre a disposição do meu estado, da minha cidade e fazer com que as pessoas com deficiência saia de casa, mostre a sua cara e que procure o esporte também como eu e outros atletas paraolímpicos descobrimos como tipo de ajuda.*

A11 *Já, já pensei sim, mas são tantas coisas que eu tenho que administrar hoje que eu até tenho uma idéia superficial, mas detalhe assim de como fazer como, isso eu não tenho ainda. Mas tenho planos para o futuro de poder apoiar e desenvolver o esporte adaptado principalmente a base que acho que o de alto nível já está bem desenvolvido, falta muito a base, o desenvolvimento da base acho que tá muito capenga, os clubes, as associações tá muito é bagunçado.*

A12 *Eu penso em fazê, mas depende de recurso, depende de negócio pra ajudá os deficientes*

mesmo, não de esporte, mas mais pra qualificá-lo, assim, lá em Natal. Mas tá só na cabeça ainda, não pus no papel, mas eu penso. Mas é muito difícil, as coisas só acontecem com recurso e pra tá pedindo, pedindo, é complicado isso. Eu penso sim, como eu falei pra você, eu provavelmente, provavelmente vai ser minha última como atleta, e eu não sei o que fazê, eu acho difícil pára, porque pára é tão difícil, é esquisito, todo mundo...

A13 *Olha, eu não sei ainda, porque eu falo que as coisas ainda no Brasil são muito complicadas.*
O problema é assim, nome a gente tem, só que assim, é, muitas pessoas usam muito nossos nomes, né. Então pra você fazer um projeto social, pra você fazer uma coisa tem que pensar muito bem porque muitas vezes o retorno pode não vir pra você, vem pra outras pessoas. Então você fala assim "Peraí, eu construí uma vida, tentei fazer alguma coisa pra sociedade, e no fim outra pessoa que levou tudo". Então é uma coisa assim, que a gente tem que pensar muito bem, é uma coisa que tem que ter uma estrutura de vida muito boa. Não é nosso caso, né! Mas assim, é legal sim, eu acho muito bacana, mas tem que se pensar muito!

A14 *Não, eu sou convidado, mas eu penso, eu penso no futuro não só trabalhá um projeto pra crianças deficientes, mas com crianças carentes, crianças excluídas da sociedade. Quero mostrá que através da educação, seguramente, ou usá a educação pra crianças carentes, e possivelmente trabalhá com o esporte também, né, com essa prática.*

A15 *Se a gente pára e pensa, isso é fácil, desenvolvê um projeto aquela coisa, mas a gente em Brasília acho que era, quando você tá assim no auge, vê pessoas de um lado, cara novo, aquela coisa, pô quer fazê pra que? Mas tem que vê que falá é fácil, mas tem coisa que tem que planejá, tem tanta burocracia que, então infelizmente, até desiste, né. Mas a gente tem uns pedaço, lá no lugar que eu moro, como sei que sô professor de Educação Física, que vô, ainda vô ter uma função de ter um projeto com crianças, com jovens, pra fazê alguma coisa lá. Tem um campinho lá que eu compro bola pros moleque joga bola, assim, tem uns 15 menino lá, eu não tô assim treinando eles, mas eu já indico pra um professor que eu já joguei bola com ele e mando ele. E quanto tem um espaço lá perto de mim, eu vô construí uma arena, tanto pro pessoal novo como o pessoal de idade e o campo de areia. Só que tá difícil porque o projeto da cidade só ta sendo pra quadra de esporte, mas ta na planilha e quem sabe futuramente, que era para construí uma pista de carro na cidade também, não sei porque não construíram, foi a mudança de governo. Mas no momento eu tô mais assim, até o momento que eu tenho dois, três anos correndo, acho que a preocupação é treiná e tá em boa forma pra trazê meus objetivos.*

A16 *Penso, penso. No DETRAN foi assim, eu não trabalhava na gerência médica, eu trabalhava na ouvidoria, e como eu tenho a forma assim de receber bem o usuário, de conversa com o usuário, de convencê o usuário, então as pessoas chegavam na gerência médica muito revoltadas, e tem muito deficiente que usa sua deficiência pra podê conseguí aquilo e dizer eu quero porque eu sou deficiente. Você sabe que existe isso. Então quando eu fui pra lá, faz pouco tempo que eu tô ali, eu acredito que faz um ano e um mês, um ano de dois meses, que eu tô ali naquela gerência médica. Então, quando a gerente me chamou ela disse: "A16, a gente te conhece, sabe da tua história, sabe da tua auto-estima, que você passa pras pessoas, então eu gostaria muito que você viesse trabalhá comigo, porque*

tanto vai ajudá você, na tua prática esportiva vô deixa você aqui mais livre, tudo, a hora que você quiser sair", que eu não ia ter problema nenhum porque na ouvidoria eu também não tinha, eu era liberada. Se eu tinha um evento pra ir eu era liberada, quer dizer, tudo isso o meu trabalho me ajudou muito nisso daí, pra eu poder conciliar as suas coisas.
..., às vezes o deficiente não tinha nem condições de comprá um carro, né, com isenção do IPI, então eu é que entrego os laudos, eu é que informo como ele deve proceder e eu é que ligo pra dizer qual é o dia que eles me liguem pra saber o dia que está pronto, então eu faço esse trabalho de relações públicas na gerência médica, entendeu?
Então foi justamente a causa de eu tá ali, hoje, na gerência médica. Justamente por causa disso. E o meu trabalho social, eu tenho é uma espécie, não é termos assim de ter dinheiro, que é onde eu treino, onde a gente pega pessoas portadoras de deficiência que leva pra Universidade Federal, prepara ele pra uma sociedade, entendeu? E aquelas pessoas, como eu sô do interior, nordestina, né, do sertão mesmo, então tem muitas pessoas deficientes lá que não sai nem de casa, procuro ir a casa deles.

A17 *Eu penso sim, quando eu parar, não agora porque quando o atleta tá em atividade não dá para pensar em muita coisa, eu falo na minha modalidade, né, ou você treina ou você se dedica atrás dos resultados ou você pensa em outras coisas porque não dá. Mas quando eu parar, eu penso sim, viu, eu adoro crianças, eu adoro. Eu vim de uma família simples e adoro ajudar as pessoas, as coisas que eu não tive, eu fico feliz em poder estar ajudando, como ali na pista, tem as crianças e eu fico imaginando quando eu comecei e fico pensando quando eu parar eu quero muito trabalhar em algum projeto com crianças e poder estar ajudando essas crianças a crescer, né, e a melhorar sua qualidade de vida, eu penso nisso tudo.*

A18 *A gente tem um projeto que desenvolve ali, nós temos ali cerca de 10 portadores de deficiência treinando.*
No Ibirapuera. Então eu já desenvolvo um projeto social, só que eu não ligo pra isso, sabe. Eu acho que é um trabalho que eu tenho que fazer, né. É um trabalho comum, tem um escritório dentro do ginásio, entendeu? E a gente desenvolve nosso trabalho ali, mas é parte mesmo da circunstância da medalha. Onde que eu trouxe medalha, então eu tenho que trazer pessoas adeptas a minha modalidade, né. Divulgá a minha modalidade, estruturá a minha modalidade do jeito que eu posso fazer.

Em relação a realização de projetos sociais, utilizando a fama conquistada por meio da medalha de ouro, os atletas:

- Pensam em realizar algum projeto social ou formas de divulgação sobre o desporto adaptado: A2, A4, A8, A11, A14 e A16;
- Pensam em realizar algum projeto social, mas encontram obstáculos financeiros: A3, A12 e A15;
- Colaboram de alguma forma, projeto social, fundaram seu próprio projeto social: A1, A6, A9, A10, A17 e A18;

- Aproveitaram o sucesso para divulgar o desporto adaptado: A5;
- Não: A7;
- Não sabe: A13.

As possíveis contribuições ao desporto adaptado dos não deficientes

A19 *Se eu já pensei? Tem o projeto Segundo Tempo, que é do governo, tem outros projetos que às vezes a gente até pensa em fazê também, tanto no, fora estado e prefeitura, fazê em escolas particulares também. É meu pensamento fazê, ser professor, meu pensamento é esse. E na própria escola tem como se tivesse uma aula, por exemplo, pra se mostrá os esportes que tem que deficiente faz. Pra aquelas pessoas, tem muita gente que não sabe, só sabe quando sai na televisão. E alguns colégios sabem que a gente tem o futebol de cegos, que tem nosso treinador, Roderlei, que é professor de alguns colégios sabem, mas tem outros que "Ah, vocês jogam? Como é?" Não sabem. E como a Educação Física, como é o estudo tá se aprimorando cada vez mais, acho que também tem que ter no colégio uma matéria que os alunos pudessem ver que tem uns esportes para pessoas com alguma deficiência. Seria muito melhor, porque mais pra frente, se por ventura eles possam a ser um educador físico, possam já chegá pra trabalhá junto com pessoas que tem alguma deficiência sem dificuldade, né. Porque muitas pessoas que vão trabalhar com deficiente têm muitas dificuldades, porque nunca trabalhô e fica muito difícil realmente pra quem nunca trabalhô com deficiente*.

A20 *Já, já trabalhei até lá na minha cidade com ... que eu comecei no grupo ... iniciação treinamento de futsal com iniciação de crianças, mas devido alguns... Tudo tem seus contratempos tem algum pessoal que fecha os olhos outros... Aí teve alguns problemas dentro da minha instituição lá, aí eu tive que dar um tempo, tive que dar um tempo, não teve como eu continuar este trabalho. Mas eu não entendo porque lá na minha cidade a minha equipe que eu comecei ela ... eu tinha vários clubes me chamando por todo o Brasil, clube adaptado de futsal, mas eu não ia, eu ia ficar lá porque foi onde me projetou. Eu ia ficar lá, mas teve alguns problemazinhos pequenos tanto que hoje eu não tô jogando na equipe minha lá, tô jogando numa equipe do Rio aqui, mas esse trabalho lá eu dei um tempo, mas eu penso de aos poucos eu tô voltando lá. Eles viram que não foi culpa minha, eles se precipitaram um pouco, quiseram fazer uma estratégia lá que talvez eles pensaram que não ia voltar e, eu não voltei, mas hoje eu já estou recuperando esse espaço e eu penso em continuar. Tanto que eu tenho uma vantagem porque essa é minha área, essa parte, né, e eu gosto muito, me identifico muito com eles, são pessoas maravilhosas, pessoas normais só não tem a visão, mas é muito interessante e eu acho que pela pouca experiência que eu já peguei indo pra uma olimpíada e se Deus quiser prestes a disputar uma outra vaga pra outra olimpíada, eu tenho muito que contribuir principalmente lá na minha cidade que eu tô morando, contribuir com crianças, com pessoas em iniciação e eu penso em trabalhar nesta área de futsal também.*

Quanto a A19, entendemos que talvez por seu desconhecimento, não há a necessidade de se ter nas escolas uma disciplina sobre pessoas em condições de deficiência, pois já se encontrava dentro do período da inclusão, portanto as próprias aulas de Educação Física já teriam que dar conta desta questão. Também teríamos como ferramentas aos professores de Educação Física na escola para o assunto, as abordagens pedagógicas que pensam nas pessoas em condições de deficiência e que foram intensamente discutidas nos anos 80, fator este que também deveria estar presente na sua formação superior. Não nos cabe aqui, e nem é nossa proposta, discutir a qualidade e a formação dos professores de Educação Física nas diversas instituições, no entanto cabe-nos alertar para a qualidade e capacitação destes profissionais que encontram-se no mercado de trabalho.

O que nos interessou aqui também foi a modificação da visão em relação ao Futebol de Cegos: o que até então era “agarrar bola pra cego”, neste relato, após a convivência, a aprendizagem e a conquista de uma paraolimpíada com os demais atletas, sua opinião modificou-se, hoje essa é a sua área a qual ele se identifica.

Capítulo VIII

8 DISCUSSÕES DOS DADOS

A presença da deficiência quer seja de forma congênita ou adquirida, implica numa nova reestruturação de vida, quer seja no campo familiar, quer seja no campo de sua vida na sociedade. Novas formas, novos entendimentos, novas maneiras de se enfrentar e perceber a vida são quesitos fundamentais para que esta pessoa perceba sobre suas novas potencialidades. Para a deficiência adquirida, trata-se de um corpo que se reconhece também como novo e, para a deficiência congênita, este é o corpo.

Somente após a identificação da deficiência, existe o momento da conscientização desta sua nova condição, nesta nova vida, neste novo corpo.

Quando nos referimos a essa nova vida, destacamos que na maioria destes atletas este processo deu-se também no aspecto psicológico. Foram muitos os atletas que com a deficiência, tiveram dificuldades inicialmente em aceitar a si mesmo, aceitar sua nova condição e dentro desta descobrir suas novas possibilidades, descobrir do que poderiam ser capazes. Essa forma de conscientização pede que num primeiro momento, a pessoa em condição de deficiência se descubra sobre quais são suas reais potencialidades para que assim possa assegurar-se das possibilidades que ela tem. Isto significa que é preciso que ela busque sobre o que sabe, sobre o que faz, sobre o que necessita saber e fazer e o que poderá vir a saber e a fazer. E foi no desporto que muitos encontraram um dos mecanismos para o despertar deste descobrimento. Perceberam que através do desporto outros caminhos poderiam ser abertos e de fato assim foi, conforme podemos verificar através de depoimentos de alguns atletas:

Não, porque quando você é criança você não tem esses problemas, né!. Acho que quando eu cheguei na adolescência eu tive um baquezinho de ... descobri algumas coisas...eu sabia que eu era diferente , mas vê as dificuldades... que criança, a gente só brinca tal, só faz as bagunças , então quando eu cheguei na adolescência senti um pouquinho de dificuldade. No início da adolescência com 11, 12 anos , mas depois o esporte, ele ajuda muito pra você se integrar, pra você se socializar essas coisas assim. (A1).

Aí três dias depois ele me deu um tiro, foi onde eu perdi minha visão. Passei quase 2 anos dentro de casa, sem querê sabê de nada, foi aonde eu vi, quer dizer, eu era um dos que não acreditava que cego jogava bola. Como eu gosto muito de bola, de esporte, eu escutando um jornal, certo final de semana lá, eu vi que ia ter uma apresentação de um time deficiente visual numa cidade lá chamada Serra Grande. Aí meu cunhado chegô e me chamô pra ir assistir, eu ainda não tava acreditando, mas assim mesmo eu fui e foi aí que eu voltei pra vida de novo, né. (A2).

Foi, exatamente, eu perdi a visão, foi muito difícil para mim. Eu perdi a auto-estima, eu perdi a vontade de viver, foi uma fase terrível. Foi quando eu fui para o instituto Padre Chico, conhecendo a escola, eu estava conhecendo as dependências colégio foi quando eu ouvi um barulho de um monte de pessoas brincando e tal e eu perguntei o que era aquilo e me disseram que era futebol e eu questionei "Mas não é escola de cego?" E me disseram: "Sim, são eles que estão jogando futebol". E a partir daí eu soube que era possível, resgatei minha auto-estima isso influenciou em todos os lados da minha vida acadêmica, profissional. (A6)

Para mim foi uma época muito difícil da minha vida porque eu estava na flor da idade, como adolescente, mas eu descobri o verdadeiro sentido da vida depois que comecei a competir esporte.(A10).

Desta forma, reafirmamos os estudos de Araújo (2007) que nos traz que o início da prática desportiva para as pessoas em condições de deficiência adquirida, muitas vezes ocorre dentro de um contexto de re(construção) de caminhos, ou seja, após tornar estáveis às alterações decorrentes da deficiência, sejam elas relativas aos níveis orgânicos ou psicológicos. As novas oportunidades por meio do campo desportivo surgem quer seja pela dificuldade em conviver em espaços comuns a todos; ou pela busca de fazer parte de um grupo com as mesmas necessidades, ou pela busca de serviços especializados (reabilitação) ou então pela busca de conhecimento sem a deficiência. Desta forma conforme os relatos:

Logo que eu comecei a estudar, que eu comecei a brincar com outras pessoas, que eu me enquadrei e que eu vi que eu não podia realmente participar de um esporte que a gente chama normal, né. (A8).

É, para mim foi gratificante porque eu tinha consciência que eu não podia jogar, fazer um esporte normal, que eu tinha que jogar de acordo com as minhas necessidades. Eu achei bom porque eu ia jogar dia-a-dia, ser de igual para igual já que quando jogava no meio de pessoas não tinha igualdade sabia que eles não me aceitavam por causa que eu não via. (A8).

Foi depois, acho que de uns 6 ou 7 meses, eu já tava praticando e eu comecei a querer competir e eu levava muita desvantagem do pessoal, eu participava das competições internas do colégio

mas por mais força que eu fazia não consegui ganhar e pode falar que participar é importante, mas o bom é ganhar. (A11).

...mas não tinha o sonho de ser atleta. Em 96, quando eu fui, é, realmente pra essa coisa da reabilitação, por coincidência ou não, não sei, no mesmo lugar que eu tava fazendo a reabilitação, pela manhã, a tarde, a equipe de atletas treinavam lá, de pessoas com deficiência. E eu fiquei sabendo logo que entrei, e aí eu comecei: 'poxa, por que não?. (A9).

Outro ponto que observamos nas entrevistas em relação ao desporto adaptado, foi em relação às experiências motoras não institucionais identificadas como um dos acessos às pessoas que não estão em condições de deficiências.

Aqui, identificamos alguns atletas que foram chamados por amigos ou pessoas influentes, em espaços fora da escola,

Também aí, certa vez, eu ia passando e o dono da academia me parou e me perguntou se eu tinha interesse em fazer parte do grupo, em fazer reeducação. Eu falei que tinha e comecei na terça e na quinta-feira nesta academia e comecei a me destacar junto as outras pessoas que estavam começando. (A10)

Não, eu tava olhando o jogo dos mininos.(A3)

Lá na UNICAMP. Aí não sei como é que, sei lá, acho que o pessoal ficou sabendo, aí acabou sendo divulgado, aí acabei participando de mais competições, aí as convocações foram vindo, né. (A13).

Fazendo uma análise paralela, os caminhos para a iniciação ao desporto convencional elaborado por Araújo (2007), nos trazem que este se dá através de diferentes mecanismos, haja vista estarmos numa sociedade multifacetada, a saber: através de clubes, de organizações não governamentais, da escola regular, de experiências motoras não institucionais, através de escolinhas esportivas, associações e grêmios, prefeituras, departamentos e secretarias de esporte.

O acesso ao desporto tradicional em clubes compõe-se uma realidade vivenciada por diversas famílias, consideradas como bem estruturadas, trata-se de um caminho muitas vezes espontâneos para este tipo de desporto. Mas, infelizmente, este acesso ainda não é considerado como uma oportunidade para as pessoas em condições de deficiência,

...eu tinha facilidade com o futebol também, mas não pudia freqüentá o clube por causa da visão. Então o atletismo...Não permitiam. Depois fui treiná atletismo, eu ganhei lentes de contato, mas não pudia.(A14).

Mas, eis que surge somente um atleta em condição de deficiência, dentre todos os entrevistados que foi revelado graças ao trabalho de clubes, a saber:

Primeiro eu fui pro Guarani, eu fiquei um ano no Guarani, 89. Aí, minha irmã começou a ter alergia, teve que mudar de clube. Aí, eles vieram aqui pro Tênis, aí que eu comecei a nadar, assim, porque na época era uma coisa muito difícil aceitar um deficiente numa escolinha, né. Eu tive essa sorte deles aceitarem.(A13).

Concordamos que iniciação desportiva por meio da escola regular ganha mais adeptos quando o desporto passa a ser um dos conteúdos da Educação Física Escolar. E mais uma vez destacamos que, procuramos uma Educação Física que respeite e trabalhe com o corpo real e não com o corpo ideal, que não busque somente o desporto, o rendimento, mas sim que possibilite diferentes experiências motoras. E infelizmente, não foi esta Educação Física que encontramos com os diferentes atletas em suas fases escolares: se de um lado a Educação Física acontecia, esta era somente voltada para o desporto; se eram realizadas outras atividades, o professor não estimulava o aluno em condição de deficiência. Percebíamos que o incentivo da pessoa em condição de deficiência em diferentes momentos das aulas de Educação Física na rede regular provinha dos próprios colegas. Predominantemente através das entrevistas, percebemos que esta Educação Física, não contribuiu para a trajetória dos atletas, pelo fato da maioria das vezes os atletas terem sido excluídos.

Assim, também entendemos que para a maioria dos atletas, principalmente para os deficientes visuais que praticam o futebol de cinco, o significado da educação física na escola é de desporto. Poucos atletas consideraram a educação física como forma importante para o desenvolvimento de atividades motoras que contribuíssem por melhores condições que os auxiliassem no cotidiano, ou mesmo na suas relações com a sociedade. Acreditamos que este fato tenha acontecido em função da falta de entendimento que os atletas tem sobre o trabalho da Educação Física em formar a base para o desenvolvimento das habilidades.

Gostaríamos de registrar que a visão de Educação Física que temos não corresponde a da maioria dos atletas: da supervalorização do desporto. Não estamos dizendo que a competição através das práticas desportiva não seja saudável, mesmo porque o clima

competitivo é parte de situações vividas pelos indivíduos na sociedade atual. Viver em tempos modernos demanda na utilização de habilidades e competências que são utilizadas pelas pessoas com sucesso ou com fracasso. Vencer ou perder não são situações exclusivas do desporto. O que o desporto pode e deve fazer é desenvolver estratégias através do mesmo que preparem o aluno que se encontra no processo de formação na sua vida, para tentar, poder, entender e saber lidar com as diferentes situações de sucesso e de fracasso, e desta forma aplicá-las no seu dia-a-dia.

Assim percebemos através do relato,

Eu acho, o esporte espelha um pouco o que acontece na sociedade, a forma de ser, o comportamento, tudo. Então eu acredito que eu competindo de forma leal, eu acho que a gente tem muito a fazer, por exemplo, no momento em que o atleta tem oportunidade de falar deve aproveitar para mostrar para as pessoas que o esporte não é simplesmente uma competição mas ele é muito mais do que isso. Ele é o reconhecimento de vitória, é o reconhecimento de derrota, ele é a sensação da vitória e isso reflete certamente na vida de cada um e cada um reflete aquilo que é dentro do campo de jogo. E eu acho que, acima de tudo, como cego pode evoluir e contribuir com nosso segmento principalmente mostrando, as pessoas cegas mostrando a sociedade que consegue e é plenamente capaz, que o cego pode produzir, que o cego pode tranquilamente exercer a sua cidadania e como qualquer outra pessoa ser feliz e conviver de uma forma muito natural no seu meio social. (A6).

Acreditamos que o desporto deve compor o quadro de atividades das aulas de Educação Física, mas não somente este, pois ao serem furtados da oportunidade de outras vivências, o processo ensino/aprendizagem apresentará suas falhas. E recorremos a literatura com Freire (1989) que também estabelece sobre a riqueza adquirida pelo aluno quando o professor durante o processo ensino/aprendizagem provoca desafios, são as chamadas condições de desequilíbrio que ao serem confrontadas pelos alunos, geram a aprendizagem. Vivenciando o desconhecido, o aluno aprende.

Não vivenciando outras atividades, os alunos deixam de vivenciar novos desafios e perdem por isto.

As considerações que aqui temos são próximas às propostas de Betti (1991) que se refere ao princípio da não-exclusão, ou seja, de que nenhuma atividade deve ser excluída de qualquer aluno nas aulas de Educação Física. Esse princípio nos remete à questão da diversidade que objetiva garantir o acesso de todos os alunos nas atividades da Educação Física, através de atividades diferenciadas que não visem somente o foco desportivo.

Daí entendemos a importância do papel do professor de Educação Física em utilizar estratégias para tornar as aulas de Educação Física prazerosas, que sejam significativas e que estejam contextualizadas no universo da criança, pois só assim conseguiremos a aprendizagem. Fato este que, infelizmente também não aconteceu na maioria dos casos dos atletas. Nesse aspecto recorremos a autores que nos reforçam essa idéia:

O respeito ao aluno tem sido um forte componente presente em projetos pedagógicos nas escolas, mas ainda não se constitui em regra no sistema educacional. (FREIRE; SCAGLIA, 2003). Consideramos esse ponto como fundamental a ser priorizado pelo professor de Educação Física, ou seja o respeito ao aluno e isto significa que no planejamento das aulas, deve-se levar em conta a individualidade de cada criança., caso contrário, o aluno será somente mais um. Assim explica Freire (2005, p.115),

> Quase ninguém aprende nada de significativo, apesar de tanto tempo na escola. E as pessoas não aprendem aquilo que está declarado nos programas pedagógicos porque aquele é um ensino que não se dirige a pessoas, principalmente quando se trata de crianças. É um ensino que se dirige a crianças ideais e não crianças reais.

Tal questão foi ilustrada através do atleta A10,

...a educação física de colégio público é muito fraca,...

Portanto, ensinar exige respeito ao aluno, exige conscientização da realidade e compromisso para elaboração das tarefas, pois aprendemos não somente para nos adaptar, mas também para que possamos transformar a sociedade e nela intervir, caso contrário estaremos reduzidos meramente ao adestramento, desta forma retrocedendo ao que a história da Educação Física nos trouxe: a busca por corpos saudáveis, pelo rendimento e pelo mais apto. Não é essa a nossa proposta, que se baseia exclusivamente na busca pelo belo e perfeito, mas a nossa proposta considerada por àquela que objetiva proporcionar desafios por meio de diferentes atividades promovendo a diversidade. Defendemos uma Educação Física na escola que promova as diferentes atividades quer sejam lúdicas e/ou esportivas que atendam e valorizem a individualidade de cada aluno, que o aprecie enquanto ser humano, que desenvolva suas capacidades e habilidades para que este possa estar inserido em sua comunidade como agente de suas ações, que torne-o crítico nas suas ações, que promova a sua auto-estima, e por que não,

resultando na formação de um atleta. Aprender deverá ser um processo prazeroso que tenha a parceria do professor de Educação Física e do aluno, como afirma A7,

Aí foi quando eu comecei a fazer educação física, depois dessas brincadeiras que eu falei pra você agora, e daí eu comecei, a professora de educação física adaptou uma bola com guizo, e começamô a jogá basquete. Só que ela colocava uma cestazinha assim, de uma caixa de papelão em cima da trave, né, pra vê quem acertava. Mas era bom demais! "Quem acertá ganha um bombom, vai passeá". Mas era bom! Ia pra piscina, ia tomá banho, ia a praia, isso incentiva nós a fazê educação física, né. Tinha uns bambolêzinhos pra podê brincá, aí um dia tinha uma partida de futebol, eu não sabia nem chutá a bola direito, chutava as canela dos cara. (risos).

Assim, encontramos na educação física também o seu papel de agente formador. A contribuição de profissionais com as estratégias necessárias a serem adotadas nos momentos certos de intervenções são imprescindíveis.

"Por isso, somos os únicos em que *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente a *lição dada*.". (FREIRE, 1999, p.77, grifo do autor).

Portanto, a Educação Física precisa também exercer seu papel de ensinar ao aluno aquilo que ele pode relacionar com a vida, com os seus problemas, com as suas necessidades e com os seus desejos. (RODRIGUES, 1991).

Em muitos momentos das entrevistas, percebemos que os atletas nos relatam sobre a falta de conhecimento por parte dos professores de Educação Física para lidarem com deficiências, são inseguros, mas acreditamos que com a participação e o envolvimento dos alunos nas atividades, mesmo que às vezes de forma parcial, os professores se certificam de que os problemas não são tantos como se pensava e que as suas práticas e experiências dão conta das situações de aprendizagem. As necessidades de adaptações são sinalizadas pelo próprio aluno, desta forma, os professores vão se conscientizando que os alunos seguem caminhos diferentes na realização das atividades e isto sim é que é normal.

O estímulo e a vontade em participar das aulas de Educação Física por parte de muitos atletas também foi outro aspecto encontrado nas entrevistas, porém não havia este sentimento por parte do professor, quer fosse na sua exclusão das aulas, em "ser dispensado", quer substituindo por outras atividades como "trabalhinhos" e "relatórios". Assim como neste relato,

Com raiva, ficava com muita raiva que eu não gostava de fazer relatório, eu gostava de praticar esporte sempre gostei e, de não poder participar, às vezes, as pessoas me botavam para ajudar a apitar e eu não sabia direito apitar então acabava não fazendo nada e até nos jogos internos também todo mundo "Ah, não sei o que, A11, o fulaninho vai fazê o que, fulaninho vai para o basquete", aí eu levantava "E eu? Eu também quero participar". E aí era aquela briga, "Ah, porque você não pode não sei o que". Não eu tô estudando eu acho que eu sou capaz, mesmo para ficar no banco, eu quero participar. Aí eu sempre tive que brigar.(A11).

Entendemos que por muitas vezes é o medo e a ignorância, no sentido de incapacidade de planejar, o medo do desafio, de aprender, que leva a exclusão. Por exemplo, os professores mais abertos aprenderam com os alunos, mesmo sem "formação". Outros ainda "criaram" as condições para incluir nas atividades planejadas (formação e consciência política do papel de professor).

Não queremos dar continuidade a figura do professor de Educação Física conforme relatado por alguns atletas que nos remetem aos tempos que foram marcados pela biologização, pelo busca ao chamado corpo objeto, desta forma prevalecendo somente o aspecto físico, não levando em conta a afetividade e as necessidades do aluno.

Deixemos completamente para trás a preocupação excessiva com o físico saudável, harmônico, forte e moral, mas, não com o intuito de enterrarmos a História da Educação Física, mas para que sempre nos alerte sobre esta forma segregativa que já tivemos.

Reforçamos, portanto sobre a necessidade que temos, de cada vez mais, capacitar este professor para que ele contribua de maneira consciente na construção de uma escola de qualidade para todos os alunos serem bem vindos, principalmente na sua aula.

Somente o conhecimento aliado às práticas, propiciará o aprimoramento do professor de Educação Física no sentido dele ser um agente de práticas desportivas, lúdicas e corporais, melhorando o acesso das pessoas em condições de deficiência.

O saldo positivo das discussões e produções dos diferentes autores da década de 80 devem refletir num novo olhar para a área da Educação Física: a totalidade do aluno, respeitando-se e desenvolvendo-se os aspectos cognitivos, psico-sociais, afetivos e psicológicos, através de atividades que sejam diversificadas em seus conteúdos e desta forma valorizando-se a relação do processo ensino-aprendizagem, cuja figura central deve ser o aluno.

Urgentemente, a Educação Física, através da figura do professor, precisa se comprometer a buscar nas convergências e divergências das abordagens pedagógicas, os meios

para auxiliar a pessoa em condição de deficiência a descobrir suas potencialidades e assegurar suas possibilidades.

Desta forma, reforçamos nossa idéia de que o professor atualmente encontra-se no processo de inclusão, é considerado como a mola fundamental para o êxito dos alunos. Cabe a ele a sensibilidade e o conhecimento para lançar mão e promover estratégias criativas e interessantes.

Concordamos com Rodrigues (1991, p.71) que já nos alertava para a importância do perfil deste novo profissional:

> Esse novo profissional, mais comprometido educacionalmente com o aluno como um ser total, menos elitista, menos preocupado com a busca de talentos, que respeita a individualidade, sem, contudo desmerecer o contexto grupal em que seu aluno está inserido, certamente contribuirá para estreitar as relações entre a Educação Física e as pessoas portadoras de deficiência.

Esta compreensão de Rodrigues (1991) sobre a questão da importância do papel do professor de Educação Física em relação à diversidade foi brilhantemente exposta pelo autor em tempos onde não havia o processo de inclusão, eram tempos ainda da integração. Somente foi concretizada a inclusão sob a forma de lei, especificamente em 20 de dezembro de 1996, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394.

Portanto, em relação a presença ou não das aulas de Educação Física, bem como a obrigatoriedade das mesmas é preciso lembrar que a escola há muito tempo vem desempenhando não apenas o seu papel de ensino. A escola abriu seu leque na realização de ações sociais e educativas. Reduzir o papel da escola somente ao ensino é pensar o professor somente dentro da sala de aula. A questão da Educação Física nas escolas vem caminhando ao longo da história, presente ou não nos textos das leis, em conseqüência dos momentos políticos e econômicos pelos quais o Brasil passou.

Dado o contexto histórico dos atletas, cuja obrigatoriedade das aulas de Educação Física não se faziam presentes e que também eram tempos de integração, entendemos que predominantemente a origem destes atletas não se deu mediante o caminho da Educação Física na escola regular, como entendemos como possibilidade em ocorrer no desporto convencional.

Ao entendermos o contexto da vida escolar destes atletas, referimo-nos ao período da integração que contava com a escola integrativa caracterizada por dois tipos de alunos: os

considerados normais, que eram aqueles sem deficiência identificada e mesmo problemas diversos como de comportamento e fracasso escolar; e os alunos especiais que tinham a deficiência identificada, portanto, recebiam atendimentos especiais, separados dos ditos "normais.

Mas foi a escola integrativa que teve seu importante papel em alertar a escola tradicional no que se refere a diferença. Foi um primeiro passo em busca da inclusão, posto que não conseguiu de fato integrar todos os alunos, mas alunos com alguns tipos de deficiência. O fato deste objetivo maior de integração não ter sido realizado em toda a sua perfeição, deve-se talvez ao fato de que a escola focalizou somente as suas intervenções com o aluno e não com o sistema escolar, afinal não é o aluno que precisa ser mudado, e sim o conceito homogeneizador da escola tradicional (RODRIGUES, 1991).

Neste sentido, Mantoan (2001, p.51), também relata sobre a busca das escolas pela "pseudo-homogeneidade" que sob o pretexto em proporcionar qualidade, não sabendo lidar com as diferenças, discrimina e isola estes alunos em classes especiais. Até mesmo porque, como se referem os atletas, nesta escola ajudaram a ensinar professores promovendo a inclusão nas aulas de Educação Física.

Neste entendimento em relação às concepções de inclusão e integração esclarecemos que na fase da integração, as escolas que se propunham ao papel de integradora eram definidas por serem escolas comuns que aceitavam receber alunos com deficiência (assim chamados) em classes regulares.

Mas somente eram considerados integrados os alunos que se adaptavam ao ambiente comum apresentado, ou seja, não haviam modificações desta escola para receber estes alunos. A educação integradora exigia a adaptação dos alunos ao sistema escolar, excluindo aqueles que não conseguiam adaptar-se ou acompanhar os demais alunos.

Foi somente então a partir da atual Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996, que reservou um capítulo destinado à educação especial, que o processo de inclusão iniciou-se.

E entendemos a inclusão das pessoas em condições de deficiência através da realização da parceria entre a individualidade do aluno com estratégias educacionais, as quais se utilizam de todos os recursos adaptativos que contribuem para a aprendizagem desta população.

São as práticas pedagógicas para atender à diversidade deste alunado no contexto de uma escola para todos. É um processo de construção da cidadania, de todos os alunos, quer sejam pessoas em condições de deficiências ou não.

Contudo, apesar da proposta de inclusão pela Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, observamos que permanecem as chamadas instituições especializadas, como estas que nossos atletas freqüentaram. Retomamos o conceito de Januzzi (1985, p.16) ao esclarecer o que seja instituição especializada:

> Por instituição especializada entendo instituições separadas da rede comum de ensino, que contam com pessoal mais treinado no campo (autodidatas ou orientados por médicos, no período estudado) e também com recursos mais adequados para a educação dessas crianças.

Apesar de serem consideradas sob aspecto segregativo, as instituições especializadas permanecem em razão de nossa realidade brasileira com a função de atender alunos com deficiências mais graves, os quais ainda não possuem condições de se incluírem às escolas comuns.

Outro papel também desempenhado por estas instituições se constitui nos serviços considerados como complementares, os quais se destinam aos alunos integrados na rede regular de ensino, conforme entende Carvalho (1998). Assim, acreditamos ser este papel o mais adequado que deveria ter sido desenvolvido pelas instituições especializadas, especialmente no caso dos cegos que freqüentavam os chamados Institutos dos Cegos, onde os atletas muitas vezes ficavam sob o regime de internato, portanto, conforme relatos de entrevistados, não houve durante esse período chamado de internação, a convivência com demais pessoas em condições de deficiência ou não, o que podemos entender que, de certa forma, houve perdas significativas de convivência, de troca de experiências e de oportunidades. Importante ressaltarmos que esta nossa conclusão em relação aos Institutos dos Cegos com regime de internato, foi buscada referindo-se aos dados coletados.

Entendemos como processo saudável a chamada inclusão, esse que promove a desaceleração do atendimento generalizado na educação especial e estimula a aceleração na educação regular, para que essa, gradativamente, possa dar conta da diversidade humana, ainda que em alguns momentos, necessite do apoio especializado.

Sob a ótica da inclusão, consideramos interessante comentar sobre o depoimento,

Essa coisa da inclusão... não, na realidade sempre que eu estudei, eu participava depois de...de muito persistir porque não havia nada. Quando eu comecei a estudá, eu estudava em escola especial, porque tinha uma, tinha aquela lei pra que... pessoas com deficiência tinham que ser separadas, tinham que estudar com pessoas com deficiência, e pessoas ditas normais com normais, mas o meu pensamento hoje, 'tem que havê alguma diferenciação?" Tem, mas também tem que havê bom senso, né. Eu acho que principalmente bom senso. Porque na realidade, uma pessoa com a deficiência um pouco mais comprometida, realmente vai precisá de uma atenção especial e se ela ficar numa escola regular, uma escola convencional, não vai ter essa atenção especial. Talvez acabe prejudicando os alunos, os outros e principalmente ela, porque não vai ter essa atenção. Mas... outro caso, comigo, eu sempre gostei muito de estudar, apesar de nascê com paralisia cerebral, muitos acham, muitos acham que compromete a intelectualidade tudo, em alguns casos sim, mas a maioria não, né, e eu, eu poderia tá estudando em escola regular normalmente, né, então tem que haver esse, essa coisa de bom senso, tá.(A9).

Desta forma, entendemos por meio do relato do atleta, que há pessoas que precisam de atendimento além da escola (a procura por outros serviços de apoio como fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos, dentre outros); pensamos que esta é a idéia do "bom senso"; até para que as pessoas possam ir melhor na escola.

Com Karagiannis; Stainback ; Stainback (1999) encontramos argumentos que defendem o ensino inclusivo como forma positiva a proporcionar benefícios para os alunos, para os professores e para a sociedade. Para os alunos, os referidos autores relatam que o ambiente de sala de aula com a inclusão leva-os a se ajudarem, a se respeitarem, a se compreenderem e também a aprenderem mais, mediante a diversidade. Concordamos plenamente com a idéia dos autores e a ela acrescentamos que não somente no ambiente da sala de aula, mas principalmente no momento das aulas de Educação Física.

E reforçamos esses estudos com o relato:

Eu acho que quando a gente começar, as crianças, a conviver mais com o portador de deficiência, começar a escola ser preparada para portadores de deficiência, quando eu falo a escola, os professores ser preparados pra portadores de deficiência, ver que o garoto que esta lá ele tem que ser cobrado no mesmo nível que o outro garoto que está lá. Aí sim a gente vai ter um nível social melhor para o deficiente, só que isso nunca vai acontecer, nem aqui e nem em lugar nenhum do mundo. (A18).

Apenas discordaremos do atleta que *isso nunca vai acontecer, nem aqui e nem lugar nenhum do mundo,* acreditamos que esta convivência é um processo e que tende a cada vez mais se consolidar, principalmente através de estudos, como este trabalho, que pretende divulgar

a importância do papel da pessoa em condição de deficiência na sociedade. Estudos e discussões sobre o tema colaboram no sentido de quebrar barreiras através da conscientização e conhecimento das pessoas. Acreditamos realmente no processo da inclusão como possível, tanto quanto relatam vários entrevistados, como,

Meu irmão mais novo, como ele já cresceu comigo assim, nasceu, conviveu comigo desde pequeno, então ele, tudo que ele ia fazer ele me levava junto, eu falo junto porque eu tenho muitos primos, né. Eu vivia no meio dos meninos, andava de bicicleta com eles, nos lugares que eu não conhecia, então pra mim foi bem tranqüilo assim.(A13).

As oportunidades de experiências aliadas aos apoios educacionais adequados propiciam ganhos na aprendizagem escolar. Acreditamos que o ambiente inclusivo possa gerar um maior número de experiências e possibilidades que favoreçam a vida social. As experiências vivenciadas na escola refletem em habilidades a serem vivenciadas na comunidade em que se está inserida. Enfim, a convivência entre pessoas em condições de deficiência ou não contribui para o desenvolvimento escolar e da vida, uma vez que a diversidade implica em respeito, troca de experiências, sensibilidade e cooperação através da diferença.

Entendemos que, se ainda hoje, após 13 anos da proposta da inclusão, encontramos dificuldades por parte das escolas, professores, alunos, pais e comunidade, mas com os estudos, debates, divulgação através dos meios de comunicação, encontros, enfim, hoje progredimos muito, falamos sobre a pessoa em condição de deficiência em sua totalidade.

Divulgar o desporto adaptado nos reporta a mídia. Sendo assim, inicialmente nos posicionaremos sobre o nosso entendimento do que consideramos mídia: o conjunto de meios de comunicação que atingem a massa, e que mais especificamente neste trabalho, em razão dos relatos, consideramos a televisão como a maior divulgadora dos espetáculos desportivos, que atualmente passaram à condição de produtos a serem consumidos. O que move atualmente a mídia (entende-se televisão) é o fator financeiro.

A prática do desporto paraolímpico ainda enfrenta contradições entre o valor do que é divulgado e o valor real.

Sem dúvida alguma, a mídia é considerada como um fator fundamental no desporto. Assim o consideramos por uma série de razões. Primeiramente em função da divulgação do desporto paraolímpico, conforme percebemos através dos relatos dos atletas, e aqui, especificamente o veículo de maior divulgação é a televisão, o que concordamos com Betti

(1998), pois passamos desta forma a ter um novo determinante neste processo: o espectador. É a audiência determinada por este espectador que determina a transmissão dos jogos, pois através desta é que são feitos os patrocínios. Profissionalismo no desporto depende fundamentalmente de patrocínio, pois atualmente este telespectador transformou o espetáculo em um produto a ser consumido, divulga-se aquilo que será rentável para a emissora. Portanto, a televisão passa aquilo que proporciona retorno financeiro, quer seja em matérias pagas, quer seja em matérias que impliquem na injeção de patrocinadores. O mercado televisivo implica no consumo de produtos, portanto é movido pelos patrocinadores, que por enquanto não consideram o desporto adaptado como uma fatia a ser explorada pelo mercado.

Outro ponto muito importante levantado pelos atletas foi sobre não somente a divulgação do desporto paraolímpico para pessoas em condições de deficiência, mas também para àqueles que não estão em condições de deficiência. O estímulo por parte destes colabora para que levem o conhecimento e atitudes às pessoas em condições de deficiência que jamais imaginariam ser capazes de algo. Não que todos sejam necessariamente atletas, conforme observamos no relato de A12, mas que é possível que esta pessoa saia de dentro de sua casa e procure formas de praticar o desporto adaptado. Pensar o desporto adaptado somente com o olhar de desporto paraolímpico é como pensar uma Educação Física escolar voltada somente para o alto rendimento. É pensar a Educação Física que procura o ideal ao invés do real, portanto, estaríamos provocando um processo elitista dentro do desporto adaptado também.

Isso é mentira, não há inclusão social através do esporte do alto rendimento, não há! Você faz Educação Física, não é isso? Você nunca vai ver que nunca há integração social através do esporte de alto rendimento. Esporte de alto rendimento é cobrança 24h, se você me der resultado eu te patrocino, se você não dá você tá fora. Esporte social é quando você tá na base, aí você faz esporte social, que ninguém te cobra nada e você não é obrigado a dar resultado pra ninguém.(A18).

Concordamos com A18, vemos o esporte adaptado como “esporte social”, que promove a inclusão e interação.

O que queremos dizer é que a divulgação através da televisão pode e deve estimular pessoas em condições de deficiência a procurarem diferentes formas de vivência desportivas que lhes dêem razões, que lhes proporcionem um novo olhar sobre sua vida, quer no

aspecto físico e afetivo. É preciso conscientizar a sociedade sobre do que a pessoa em condição de deficiência é capaz e a televisão é uma poderosa forma para isto.

Todo atleta busca em sua carreira o auge, que é considerada a medalha de ouro. Registramos aqui que nosso pensamento é o de que toda classificação é importante, toda medalha é importante, pois a superação em estar numa paraolimpíada já é ouro, pois, atleta é atleta, quer seja pessoa em condição de deficiência ou não. A vontade de superar a si mesmo, de melhorar cada vez mais, de conquistar, é do ser humano, conforme afirmam os entrevistados.

Assim como também temos nossos ídolos no desporto olímpico, também temos ídolos no desporto paraolímpico: são atletas que se destacam pelo trabalho e pela conquista de suas medalhas. Ícones desportivos são importantes em qualquer esfera do esporte, pois inspiram as pessoas a iniciar no desporto.

A conquista da medalha de ouro, trouxe para os atletas apoios financeiros oriundos do Governo Federal: loterias Caixa, Bolsa-Atleta e as variações com patrocínios. Atualmente o apoio financeiro mais utilizado pelos atletas é a bolsa-atleta e que para a maioria dos mesmos foi considerado como um avanço, como uma conquista ao desporto paraolímpico.

O apoio financeiro é compreendido pelo atleta como uma forma de se posicionar perante a sociedade e aos familiares, conforme relato de A10,

Como eu falei anteriormente eu pra ir treinar meu irmão tinha que me levar na bicicleta, no quadro da bicicleta, eu me lembro muito bem, até meu irmão mais novo, minha mãe ficava "Não, ele não pode porque daqui a pouco vai ficá doente também". Tava sempre reclamando, mas graças a Deus eu consegui comprar um carrinho com uma indenização do meu antigo trabalho e comprei um fusquinha, meu primeiro carro foi um fusquinha, fiz uma adaptação rústica mas assim com o carro se torna mais independente e não tem nada melhor que você se tornar uma pessoa independente sem precisar de ninguém, sem aborrecer ninguém para onde você quer ir você vai..

Ter a autonomia financeira significa ter a autoridade para escolher a condução de sua vida. Receber financeiramente para ser atleta, representa também fortes laços com a família, uma vez que da condição inicial de pessoa em condição de deficiência, que necessitava de cuidados especiais despertando em diversos momentos a preocupação, despesas financeiras, a condição de estar atleta, transforma este quadro, passando o atleta a ser o provedor da família. É a sua nova configuração de pessoa em condição de deficiência ativa passando a ser a prioridade mediante a família.

No entanto este apoio familiar não ocorre sempre, parte dele também só foi reconhecido com a conquista da medalha de ouro. Em algumas famílias a admiração e o respeito vieram através do sucesso dos atletas. O que até então, era visto como um problema passou a ser motivo de orgulho, mesmo porque, para muitas famílias, o atleta ao ganhar a medalha de ouro, além da fama, começou a receber para ser atleta e desta forma passou a colaborar e até mesmo sustentar a família.

Também há os atletas que a partir do apoio financeiro recebido, transformaram o apoio familiar na constituição de uma nova família: mulher, marido, filhos. Para estes, esta nova família é o seu verdadeiro estímulo na busca em ser o melhor para proporcionar melhores condições de vida e de educação, principalmente aos filhos.

E quando eu cheguei no orfanato, sem dúvida, quando eu olhei eu e minha eu falei pega essa aí, então não tem realmente assim coisa melhor hoje ela é o xodó da família, ela é realmente amada e é uma filhota mesmo, realmente filha do coração e eu assim falo para ela que dela que eu jamais vou esconder dela que ela é uma filha adotiva e que eu vou dar para ela o que meus pais não conseguiram dar para mim, não na parte de amor assim condições que infelizmente minha mãe e meu pai não tinham e hoje graças a Deus através do esporte eu tenho e eu vou dar para ela e ela vai ser bastante feliz. (A10).

Mas eu tô feliz, muito feliz mesmo. Não tenho muito do que reclamar não. Não sou uma pessoa triste, todos me querem bem, em geral a turma. As duas coisas, financeiramente bem, se eu estabilizá assim tô feliz, não tem muito. Eu quero, quando meu filho crescê eu quero dá uma qualidade de vida a ele bem melhor da que eu tive, vai ter estudos bons, vai se formá.(A12).

Quer seja a deficiência congênita ou adquirida, a família passa por um processo de reformulação no seu modo de compreender e viver a vida. Nem todos estão preparados para isto, leva-se tempo, a aceitação e o entendimento são construídos através da convivência diária com as dificuldades de uns com os outros.

Foi quando eu vim pra Brasília, sai de lá 5 hs da manhã, num carro bom, 5hs da tarde tava em Brasília. Não que eu virei as costas pro meu pai e pra cidade deixei o povo na cidade lá, sofri muito nas mãos dele lá, mas não tenho ódio de ninguém, mas vim atrás de coisa melhor, nunca mais voltei lá também, faz mais de 20 anos. (A15).

Esta dificuldade não está só na família, mas na sociedade, nos valores que usam o atleta como mercadoria, cuja estética do corpo e o belo sobrepõem a pessoa.

Apresentando o relato a seguir,

E eu queria ver um mundo melhor sim, um mundo melhor pra esses atletas que tão indo pra Pequim, queria ver todos bem, não queria ver eles dependendo de uma bolsa-atleta, cê entendeu, pra sobreviver. É porque, poxa, o governo tá fazendo uma coisa maravilhosa, que nenhum governo do Brasil fez, de dar uma ajuda de custo, né, de ter essa bolsa-atleta, lindo! Maravilhoso isso! Muito bom mesmo! Nós temos que lembrar que não é o governo que tem que fazer esse papel, não é o governo, não faz parte do governo fazer esse papel não. Faz parte dos nossos empresários reconhecer e fazer o mesmo papel que os olímpicos, cê entendeu? Tirar dos olhos deles o preconceito que há com o paraolímpico. É muitas vezes eu falo também que os jogos paraolímpicos não deveria se chamar paraolímpicos, porque parece uma coisa paralela, e tudo que é paralelo não fica bem, você colocaria uma peça paralela no seu carro? Sendo que você poderia comprar e patrocinar a original? Então, eu acho que deveria trocar esse nome de paraolímpico, cê entendeu? Porque são coisas que vem ao decorrer de muito tempo, em décadas e décadas de desporto paraolímpico, que eles não se deram conta. Nós não fazemos atividade paralela, nós fazemos a mesma atividade com adaptações. E isso as pessoas não enxergam, não vêem. Quando você chega pra um empresário pra vender um cara na cadeira de rodas o cara, o empresário coça a cabeça, olha pro lado (risos). É verdade, como é que você vai pôr um agasalho da Nike num cara que não tem perna, vai ficar ridículo, não vai? Você acha que a Nike vai querer patrocinar? Não vai, não vai mesmo. Agora se tiver um, eu não sei o nome, como é que chama aqueles caras que desenha roupa lá, designer, que produza pro cadeirante, que é amputado de perna, um design bonitinho, que chega com uma proposta de trabalho, que mostra lá pro empresário "Olha, tá aqui, a gente quer um agasalho dessa forma aqui, nós queremos isso aqui". O cara vai chegar lá com o trabalho pronto, não vai chegar lá pro cara desenhá e fazer alguma coisa pra gente. Ai, há outro interesse, entendeu? A gente tem que ter essas pessoas no nosso meio, tá faltando isso, não é? Quando você chega pra vender o A18 lá, pro Banco do Brasil, vamos supor, pra Petrobrás, pô, vão vincular a força do judô com a força da nossa Petrobrás que é a maior potência, hoje, da América Latina de petróleo, cê entendeu? Vamos chegar com o slogan diferente lá, pro cara não ter que coçar a cabeça, olhar pro lado e jogar o projeto na gaveta e esquecer. O que acontece é isso. É tudo bonitinho na hora, mas depois, cê virô as costas (risos). É esquecido o projeto, é esquecido na gaveta. (A18).

Concordamos com o atleta de que não caberia somente ao Governo este tipo de apoio, mas também aos empresários que ultrapassassem seus preconceitos e percebessem que o desporto adaptado pode ser uma fatia rentável no mercado de consumo.

No entanto, percebemos que poucos são os atletas que de fato preocupam-se com o seu futuro financeiro, de que forma sobreviverão após não apresentarem mais resultados e assim não receberem mais o bolsa-atleta.

Quando questionados sobre o futuro e se trabalhariam com o desporto adaptado, vários se remeteram a projetos/atividades que possam inserir a pessoa em condição de deficiência no mercado de trabalho. Alguns já têm profissão e estudo, no entanto, não é uma realidade de todos.

Analisamos que muitos atletas permanecem acomodados financeiramente nos apoios governamentais, e que o fato de pensarem em algum projeto social ou formas de divulgação do desporto adaptado, significa que, de certa forma, não pretendem se desligar do desporto adaptado, uma vez que foi este desporto adaptado que os acolheu e que lhes proporcionou uma nova forma de viver.

Capítulo IX

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desporto, considerado como um fenômeno social, multifacetado, conforme observamos no decorrer da história, carrega consigo mudanças nos campos políticos, sociais, econômicos e educacionais. Também gera a seus praticantes, mudanças de atitudes e de comportamentos que levam a ampliação do universo, buscando sua transformação.

A prática do desporto pelas pessoas em condições de deficiência quando transformada em desporto paraolímpico implica na interface de algumas necessidades que são inerentes a todo ser humano: alimentação, moradia, vestuário, recursos financeiros e afetividade. Assim entendemos que uma das dificuldades para a iniciação no desporto é o fator financeiro, inclusive, pois as roupas e o transporte são custeados pela família ou através de outros trabalhos realizados pelos atletas, conforme A11 "..., *no começo foi mais "paitrocínio", né, meus pais que me ajudavam, ajudando nas passagens e tudo mais"*.

Ao tentar visualizar a trajetória dos atletas em condições de deficiência que conquistaram a medalha de ouro nas Paraolimpíadas de Atenas 2004, tivemos que nos atentar e entendermos o contexto em que se deram estes caminhos, a fim de que através do histórico de cada um, pudéssemos entender o real significado do desporto na vida destas pessoas.

Concluímos que a prática desportiva pelas pessoas em condições de deficiência adquirida tem sua iniciação, em sua grande maioria, dentro de um contexto de (re)construção de vida, ou seja, após tornarem estáveis as alterações decorrentes da deficiência nos níveis orgânicos ou psicológicos. A estabilização dos problemas imediatos a esta condição inesperada, possibilita novas tentativas. Estas por sua vez podem acontecer no campo social e no desporto, emergindo dentro de uma busca de ampliação da participação da pessoa deficiente na vida como um todo. Este primeiro momento busca estabelecer o mundo da descoberta na situação nova vivenciada por aquele corpo que se reconhece também como novo.

Em relação à deficiência congênita, a prática desportiva também possibilitou novas oportunidades, uma vez que estes atletas encontraram seu espaço na sociedade.

Quer seja na deficiência adquirida ou na congênita, o momento posterior foi o da conquista, da segurança, da recuperação da auto-estima, ampliação das oportunidades, percepções de potenciais, seja no campo social, nos benefícios orgânicos, nos benefícios familiares, nos benefícios sociais e nos benefícios desportivos. É neste momento que o desporto adaptado ganha importância na vida destas pessoas.

Com dificuldades para se chegar ao desporto as quais foram percebidas através dos relatos dos atletas, deixamos a nossa visão de que os atletas medalhistas ouro de Atenas 2004, estão na condição de atletas, o que significa ser diferente de afirmarmos em serem atletas, ou seja, não há um reconhecimento de que o desporto paraolímpico seja uma prática cotidiana, pois basicamente o apoio financeiro que os atletas recebem: a bolsa-atleta e loterias Caixa, dependem de bons resultados, assim relata A13 *"é claro que no financeiro acabou ajudando um pouquinho porque, infelizmente, no Brasil, a gente tem que dá resultado pra gente consegui alguma coisa, né"*.

O atleta ainda não tem uma rotina de atleta profissional, a qual estabelece fases, pois estas estão atreladas às condições financeiras e aos eventos realizados. Existe diferença entre o patrocínio do paraolímpico e do olímpico conforme observamos com A9 que *"...em 2001 saiu o incentivo pra o comitê olímpico e paraolímpico através das bilheterias Caixa, né, dava 2% de tudo que a bilheteria arrecadava para o esporte olímpico e paraolímpico, sendo que 85% era pro olímpico e 15% para o paraolímpico"*.

A medalha de ouro valorizou o desporto paraolímpico mais do que o apoio financeiro dos atletas, a bolsa-atleta é para todos que foram às Paraolimpíadas, assim descreve

A5 que *“ ..., acho que não foi a nossa medalha de ouro que iniciou, que garantiu o bolsa-atleta. O bolsa-atleta já tava bem antes, tanto que independentemente de ter ganho medalha, todos os que foram em Atenas estão ganhando o bolsa-atleta, no mesmo valor da gente que ganhô medalha de ouro. Então, assim, a medalha de ouro realmente valeu mais pro movimento do que realmente pra nós ...”.*

Quer seja da nossa vontade ou não, o fator financeiro é essencial no desporto paraolímpico porque é essencial para viver em nossa sociedade: movimenta os atletas, que movimentam a mídia, que movimentam os patrocinadores, que movimentam os produtos desportivos, que movimentam o espectador, que movimenta a audiência, que movimenta dinheiro: que movimenta os atletas...

A melhoria do fator financeiro ocorreu aos atletas e se reflete beneficamente nas relações familiares; na autonomia e independência, mas no “social”, não é tão simples, o preconceito ainda permanece, vejamos com A18 que *“no campo social se a gente for ligar com o campo financeiro, né, no campo social não há muita mudança, né. No campo social, você ainda é discriminado todo o tempo, como todo portador de deficiência é”*.

Outro exemplo a ser considerado é em relação aos familiares dos não deficientes em relação ao desporto adaptado, há certo “desconhecimento” que verificamos com A19 *“ Muita gente não sabia da seriedade do nosso esporte, futebol de cegos, pensava que era brincadeira”* e também com A20 “ ..., *meus pais estranhavam, ...você vai perder o emprego. Acharam meio estranho, eles não conheciam também a prática e eu vim com o coração”*.

Desta forma, ao nos reportarmos ao objetivo central a que se dispôs este trabalho, destacamos: a escassez do apoio financeiro privado, a instabilidade do apoio governamental ocasionando um não reconhecimento do desporto paraolímpico como uma prática cotidiana; afinal, observamos que o apoio financeiro do governo e após a conquista da medalha de ouro trouxeram o reconhecimento social para os atletas conforme A2 que relata *“...é assim, mudou assim, entende, que a gente ficou mais assim, o pessoal viu mais que a gente, ..., que mudou que a gente ficou mais reconhecido na... nos deu uma vida boa com esse apoio que o governo está dando”;* o preconceito e a discriminação gerados pelo desconhecimento das pessoas em geral; a falta de professores de Educação Física que estejam capacitados para trabalharem com pessoas em condições de deficiência; o não reconhecimento da mídia, e neste caso especificamente da

televisão em valorizar o desporto adaptado, bem como o desporto paraolímpico que só tem sua cobertura a cada quatro anos, nos canais por assinatura e somente flashes nos canais abertos; a não divulgação do desporto adaptado deixa de favorecer que o conhecimento sobre os benefícios da mesma não chegue as demais pessoas em condições de deficiências que vivem, por muitas vezes na mais absoluta ignorância de suas capacidades e potencialidades. O envolvimento com o desporto adaptado chega pela informação, contato com o técnico , ou como afirmou o atleta A9 "*às vezes você cria sua oportunidade"*, daí a importância da informação da mídia.

Os eventos, a projeção, a participação, a mídia, são fatores que promovem a inclusão e trazem os atletas ao esporte, como exemplo temos A12 " *como eu acabei ganhando as provas que eu nadei, que eu também nem, aí eu comecei*" , ou mesmo quando continua em seu relato *" eu participava em competições normais, às vezes eu chegava em último, mas pra mim o que importava era tá junto com o pessoal"*.

Outro fator demonstrado por A15, A16 e A17 foi a competição com premiação, que leva os atletas a se reconhecerem no desporto, foi o "despertar para o desporto". Para A17, a maturidade também ajudou a compreender o significado, *" com 14 anos eu fui para Seul, uma viagem internacional, com 14 anos, e eu novinha, então"*.

Também observamos que no caso de A18, o desporto visto como continuidade de uma vida que ocorre antes da deficiência, "*... o judô chegou muito cedo para mim, chegou aos 7 anos de idade"*.

O desporto adaptado trouxe para a vida destes atletas a conscientização da sua pessoa em condição de deficiência, possibilitando seu crescimento pessoal, financeiro e social, transformando em condições que resgataram seu bem-estar, sua auto-estima, suas condições orgânicas de forma geral; ampliando as relações sociais; ampliando as oportunidades, renovando e retomando o orgulho de si mesmo e da família.

Para tanto, é preciso que os diferentes segmentos da sociedade: governo, comunidades, associações, federações, clubes e escolas, implementem ações de política de inclusão e do direito da pessoa em condição de deficiência, para que possam atingir a todos os interessados. Que expressem que o acesso ao desporto não significa necessariamente ao desporto paraolímpico: é preciso manter a atitude de se ensinar o desporto vinculado à formação de cidadãos, que também tenham a clareza de suas ações motoras e de quais formas elas poderão

beneficiá-los na sua vida diária. Desta forma, finalizamos com depoimento de um atleta cujos relatos muito contribuíram para nossa aprendizagem neste trabalho,

Eu só acho assim, quando o Brasil tiver consciência que o pouco que vem é muito pra gente. A gente fala assim que 15% da Lei Agnelo Piva não é nada. É muita coisa, o desporto paraolímpico é um ovo, muito pequeno, o desporto olímpico é uma melancia, assim, entendeu? E a gente saber trabalhar essas condições, saber que o trabalho de base tem que ser de clube, que o trabalho de clube tem que passar pela federação, o trabalho da federação tem que passar por uma confederação, o trabalho da confederação tem que chegar no comitê paraolímpico. A última ação é do comitê paraolímpico. Quando a gente começar a respeitar esse segmento dentro do Brasil, as coisas começam a andar diferente pro desporto paraolímpico, ou senão você vai ver sempre isso aqui, ó, a gente tá passando pra Pequim, os trabalhos começaram tarde, a preparação muito tardia. A gente vai chegar em Londres, vai ser a mesma correria, e vai gerando isso. Enquanto a gente não tiver consciência que a gente não pode queimar etapa, vai ser isso. (A18).

Portanto, poucas pessoas em condições de deficiência têm acesso ao desporto adaptado, e destas poucas, outras menos ainda a este tipo de desporto visando o alto rendimento. Para os presentes atletas, estar no desporto paraolímpico muitas vezes foi obra do acaso, poucos foram àqueles que de fato já tinham o conhecimento sobre o assunto. Os não deficientes já eram atletas, porém, com poucas chances no esporte de nível nacional/internacional. Não tinham contato com pessoas com deficiências, mostrando-nos que o preconceito pode mudar.

Por isso, defendemos aqui a importância desta temática ser de fato um conteúdo de formação de profissionais na área da Educação Física. Percebemos a importância do papel do professor de Educação Física, exemplificando através do atleta A11 que por duas vezes refere-se ao desafio do professor que mesmo não sabendo "lidar com sua deficiência" e tanto o "aluno" como o professor ousaram entrar na relação do aprender juntos.

Não podemos mais pensar numa Educação Física que não contemple a diversidade humana, na qual, tanto a pessoa em condição de deficiência, como qualquer outra possa receber o mesmo tratamento.

A Educação Física deve estar a frente como uma área a ser respeitada e contribuir para o bem-estar da sociedade ela não poderá se furtar em solidificar este conhecimento enquanto conteúdo para formação de profissionais para que efetivamente atuem com competência.

A Educação Física fortalecida por este conhecimento, também poderá atuar como um fator de divulgação acerca do desporto adaptado quer seja através da mídia quer seja no dia-a-dia nos diferentes segmentos pelos quais a Educação Física atua.

Entendemos que a divulgação do desporto adaptado por meio da mídia ainda seja um desafio perante a superação dos preconceitos da sociedade, e aqui basicamente representado por empresários, os quais são os principais agentes deste mercado. Acreditamos que a mídia poderia ser uma poderosa forma de promover o desporto adaptado de alto rendimento, enquanto um dos meios de comunicação para a população, mostrando a pessoa em condição de deficiência, cuja condição de doente, anteriormente, passou a ser de atleta, reconhecendo-se desta forma os benefícios trazidos por esta nova condição, a de atleta, nesta nova vida e neste corpo que se reconhece como novo, embora na mesma sociedade, reflete não somente para a pessoa em condição de deficiência, mas também no universo de pessoas que estão ao seu lado: família, cônjuges e amigos, pois observamos que o apoio da família e o receio da mesma, nos demonstraram a necessidade de uma maior divulgação da mídia, ajudando na formação da confiança e no apoio especificamente das mães, através do relato de A6 quando explica *"...minha mãe poderia imaginar um cego andando sozinho. Então com 14 anos eu fugi de casa para jogar bola",* e mais a frente nos esclarece que *"...se eu não tivesse fugido na época, eu teria, por muito tempo, me privado do meu próprio desenvolvimento".* Se este atleta teve que fugir para jogar futebol, por outro lado A2 teve a presença da mãe que o incentivou, uma vez que a mãe tinha conhecimento sobre o assunto porque freqüentou um Instituto (o que nos traz também que este integra a família com o conhecimento), como demonstrado por A2 *"..sempre minha mãe me apoiou em tudo, graças a Deus, ela me falava bastante dos deficientes quando ela ia pra Campina, pro Instituto, saber que você vai fazer".*

O desconhecimento da família sobre a limitação também gerou abandono, assim a mídia poderia colaborar para reverter este quadro, conforme A3 *"minha família depois que me deixou no internato, com 8 anos de idade, eles ficaram um pouco distantes"* e ainda *" a inocência deles, de pessoa do interior, realmente não deixa que eles tenham a total dimensão do que é isto".*

Desta forma, reafirmamos que a mídia é importante para divulgar e incluir outras pessoas do interior do nosso país, de familiares que passam a ver que é possível o desporto para a pessoa em condição de deficiência, conforme A4 "*porque é extremamente importante porque ainda existe muita gente nas suas casas, pessoas que não sabem da própria capacidade, que não sabem que a pessoa portadora de deficiência pode desenvolver um esporte sem problema. Então, a mídia, nesse ponto, em termos de divulgação, ela é extremamente importante",* e

complementando ainda " *...pra fazer com que pessoas lá de uma cidadezinha do interior pudessem saber que nós temos a nossa capacidade...*".

Esta quebra de barreiras por parte da mídia, ainda que não muito expressiva, poderá ser estimulada no momento em que a própria sociedade também reconhecer que qualquer lugar que se vá, qualquer consumo que se faça, ali também se fará presente a pessoa em condição de deficiência. Reforçamos nossa idéia de que somente através da convivência com pessoas em condições de deficiência as oportunidades serão abertas para se aprender e para se enriquecer com as diferenças.

> *O PARADESPORTO FOI E É A LUZ QUE POSSIBILITA MUITAS CONQUISTAS PARA AQUELES QUE POR UMA RAZÃO TIVERAM SEU POTENCIAL REDIRECIONADO DEVIDO AS LIMITAÇÕES DECORRENTES DA DEFICIÊNCIA. NO ENTANTO, ESTAS PESSOAS DEVEM TER GARANTIDO O DIREITO DE DESENVOLVER SUAS CAPACIDADES.*
>
> *(ARAÚJO, 2009)*

REFERÊNCIAS

ADAMS, R. C. et al. **Jogos, esportes e exercícios para o deficiente**. Barueri: Manole, 1985.

ARAÚJO, P. F. **Ações e Reações na Construção do Desporto Adaptado no Brasil.** 121f. Tese (Livre Docência em Educação Física, Adaptação e Saúde) – Universidade Estadual de Campinas –UNICAMP, Faculdade de Educação Física-FEF, Campinas, 2007.

_____. 2009.

_____. **Desporto Adaptado no Brasil**: Origem, Institucionalização e Atualidade.Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1997.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. de S. **Projeto de Pesquisa**: propostas metodológicas. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BETTI, M. **Educação e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

_____. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n.2, p. 282-287, 1992.

_____. **A janela de vidro**: Esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.(Coleção Fazer/Lazer).

BRAID, L. M. C. **Educação Física na escola**: uma proposta de renovação. RBPS, 2004, 16 (1/2), p.54-58.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 16.ed. Atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 1997. (Coleção Saraiva de legislação),

CARVALHO, R. E. **A Nova LDB e a Educação Especial.** 2. ed. Rio de Janeiro : WVA, 1998.

CASTELLANI FILHO, L. **A Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Motricidade).

CASTELLANO, M. L. **Classificação funcional no basquete sobre rodas**: critérios e procedimentos. 217F. Campinas, 2001, dissertação de mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2001.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO. **Números**. Disponível em: http://www.cpb.org.br/paraolimpiada/integra.asp. Acesso em: 10 de jan. de 2008a.

_____. **Informações gerais**. Disponível em: http://cpb1.locaweb.com.br/atenas2004/informacoes_introducao.php. Acesso em: 10 de jan. de 2008b.

_____. **Delegação**. Disponível em: http://cpb1.locaweb.com.br/atenas2004/delegacao.php . Acesso em: 10 de jan. de 2008c.

_____. **Judô**. Disponível em: http://www.cpb.org.br/area-tecnica/classificacao-funcional/judo. Acesso em 7 de mar. De 2009d.

_____. **Natação**. Disponível em: http://www.cpb.org.br/area-tecnica/modalidades/natacao. Acesso em: 7 de mar. De 2009e.

_____. **Esportes Paraolímpicos**. Disponível em: http://www.cpb.org.br/area-tecnica/modalidades/esportesparaolimpicos. Acesso em 7 de mar. De 2009f.

_____. **Atletismo.** Disponível em: http://www.cpb.org.br/area-tecnica/classificacao-funcional/atletismo. Acesso em: 7 de mar. De 2009g.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS. **Judô**. Disponível em: http://www.cbdc.org.br/novo_site/index.php?idmenu=23&codtipoconteudo=4. Acesso em: 7 de mar. De 2009a.

_____. **Natação**.Disponível em: http://www.cbdc.org.br/novo_site/index.php?idmenu=22&codtipoconteudo=4. Acesso em 7 de mar. De 2009b.

_____. **Atletismo**. Disponível em: http://www.cbdc.org.br/novo_site/index.php?idmenu=20&codtipoconteudo=4. . Acesso em 7 de mar. De 2009c.

_____. Futebol B1 (atletas cegos). Disponível em: http://www.cbdc.org.br/novo_site/index.php?idmenu=34&codtipoconteudo=4. Acesso em: 7 de mar. De 2009d.

DAOLIO, J. **A ordem e a (des)ordem na Educação Física brasileira**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte digitalizada. RBCE digitalizada. Campinas, v. 25, n.1, p.115-127, set. 2003.

_____. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FONSECA, I. F.; MUNIZ, N. L. O brincar na Educação Física Escolar: em busca da valorização de diferentes perspectivas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte digitalizada**. 21(2/3), Jan./maio 2000. v. 21 n (2/3).

FLORENCE, R. B. P. **A Educação Física na rede pública no município de São João da Boa Vista-SP e o portador de necessidades especiais**: do direito ao alcance. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2002.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro**: teoria e prática da educação física. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. Métodos de Confinamento e Engorda (como fazer render mais porcos, galinhas, crianças...) Capítulo 2. In :GEBARA, A. et al. Wagner Wey Moreira (org). **Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2005. (Coleção Corpo & Motricidade).

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003. (Pensamento e ação no magistério).

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GEBARA, A. Educação Física e Esportes no Brasil: perspectivas (na história) para o século XXI. Cap. 1. In: GEBARA, Ademir et al. Wagner Wey Moreira (org). **Educação Física & Esportes**: Perspectivas para o século XXI. 12. ed. Campinas: Papirus, 2005. (Coleção Corpo & Motricidade).

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira. São Paulo: Loyola, 1988.

JANUZZI, G. **A Luta pela Educação do deficiente Mental no Brasil**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1985. (coleção educação contemporânea)

KARAGIANNIS, A., STAINBACK W., STAINBACK S.. Fundamentos do Ensino Incluso. Cap. 1. In: STAINBACK, S.; STAINBACK, W.. **Inclusão:** Um Guia para Educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999. Trad. Magda França Lopes.

KUNZ, E.. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Unijuí, 2004 (Coleção Educação Física).

LÜDKE, M., ANDRÉ, E.D.A . **Pesquisa em Educação:** Abordagens Qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MARINHO. I. P. M.. **História da Educação Física no Brasil**: exposição – bibliografia – legislação. São Paulo: Brasil, [197-].

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo... e "mente".**21. ed. Campinas: Papirus, 2006. (Coleção Krisis).

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Uma Política Nacional de Esporte.** Disponível em http://www.esporte.gov.br/boletim_email)boletim_política_nacional.asp. Acesso em: 2 de abr. de 2008.

_____. **Programa Esporte e Lazer da Cidade**. Disponível em: http://portal.esporte.gov.br/snde/esporte_lazer/. Acesso em 23 fev. 2009a.

_____. **Pintando a Liberdade**. Disponível em: http://portal.esporte.gov.br/pintando/default.jsp . Acesso em 23 fev. de 2009b.

_____. **Talento Esportivo**. Disponível em: http://portal.esporte.gov.br/snear/talento_esportivo/default.jsp . Acesso em 23 fev. de 2009c.

_____. **Projetos Esportivos Sociais**. Disponível em: http://portal.esporte.gov.br/snee/esportesocial/default.jsp . Acesso em 23 de fev. de 2009d.

_____. **Segundo Tempo**. Disponível em: http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/default.jsp . Acesso em 23 de fev. de 2009e.

_____. **Programa Bolsa Atleta**. Disponível em: http://portal.esporte.gov.br/snear/bolsa_atleta/default.jsp . Acesso em 23 de fev. de 2009f.

MONTAGNER, P. C. **A Formação do Jovem Atleta e a Pedagogia da Aprendizagem Esportiva** .Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1997.

MOREIRA, W. W. **Educação física escolar**: uma abordagem fenomenológica. Campinas: Editora da Unicamp. 1991. (Série Teses).

MORENO, A. **O Rio de Janeiro e o Corpo do Homem Fluminense**: o "não-lugar" da ginástica sueca. Revista Brasileira de Ciências do Esporte.RBCE digitalizada. Campinas, v.25, n.1, p.55-68, set. 2003.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Editora da ULBRA, 2001.

RODRIGUES, J. L.. **A Educação Física no contexto Interdisciplinar e a Pessoa Portadora de Deficiência.** Campinas, 1991. 109p. Tese (Mestrado) Unicamp – FEF, 1991.

SCAGLIA, A. J. et al. **Pedagogía dos esportes.** Vilma Lení Nista Piccolo (org.). Campinas: Papirus, 1999. p. 7-8. (Coleção Corpo & Movimento).

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W.. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Organizadora da 4ª. edição Americana: Louise H. Kidder. Coordenadores da 2ª. edição brasileira: José Roberto Malufe e Bernardete A. Gatti. 2. ed. São Paulo: EPU, 1987.

SOARES, C. L.. **Educação Física**: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M.O.. A Educação Física Escolar na Perspectiva do Século XXI. Sexta parte. Perspectivas na Educação Física Escolar. Cap. 2. In: GEBARA, Ademir et al. Wagner Wey Moreira (org). **Educação Física & Esportes**: Perspectivas para o século XXI. 12. ed. Campinas: Papirus, 2005. (Coleção Corpo & Motricidade).

TANI, G. et al**. Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU/ EDUSP, 1988.

THOMAS, J. R., NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física.** Tradução Ricardo Petersen... (et al.). 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física.** Tradução Denise Regina de Sales, Márcia dos Santos Dornelles. 5.ed. Porto Alegra: Artmed, 2007.

TRIVIÑOS, A. N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** A pesquisa qualitativa em educação**.** 1 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A ., 1987.

WEINECK, J. **Atividade Física e Esporte: Para quê**?. Barueri: Manole, 2003.

WINNICK, P. J. **Adapted Physical Education and Sport. Champaign**: Human Kinectics, 1990.

APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA

BLOCO I - Caracterização dos atletas.

Nome completo
Idade
Sexo
Ocupações
Grau de escolaridade
Aspectos relacionados a sua deficiência? História

- Congênita ou Adquirida
- Causa da deficiência

BLOCO II - Histórico

O atleta ouro de hoje e todo seu sucesso nós conhecemos, queria saber um pouco de seu passado, como foi a sua infância?

- Brincava, com quem, do quê
- Relação com os amigos, com a família, namorada
- Sentiu em algum momento algum tipo de discriminação alguma vez?
- Você freqüentou a escola?
- Como era na escola? Você se lembra?
- Tinha aulas de educação física?
- Como eram, conta um pouco.
- Que atividades eram realizadas?
- Você participava? Por você ou por estímulo do professor?
- Sentiu alguma vez preconceito ou foi discriminado?
- Você acha que a educação física na escola contribuiu para seu sucesso esportivo?

Em que momento da sua vida você decidiu que queria praticar o desporto adaptado?

Quando você entrou para a seleção brasileira?

Quem te chamou pra seleção, quem te deu notícia, onde você estava?

BLOCO III – Modalidade Atual

O que representou a medalha de ouro nos Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004 na sua vida?

- Campo social
- Campo afetivo – no amor
- Campo financeiro
- Campo familiar

Ainda sobre a sua modalidade esportiva atual:

- Por que razão você escolheu esta modalidade esportiva?

Há quanto tempo você pratica essa modalidade?

Comente sobre seu treinamento atualmente, ou seja, como é sua rotina do dia a dia como atleta.

- Quantos dias na semana
- Quantas horas
- Local de treinamento
- Orientação de profissionais: papel dos técnicos se há outros profissionais envolvidos e com que freqüência eles participam dos treinos.
- Fatores facilitadores como: transporte, adaptação do local, apoio da família, materiais para treinamento, alimentação
- Fatores que dificultam o treinamento:

(transporte, adaptação do local, materiais, alimentação)

- Nas viagens, que condições são apresentadas?
- Como você vê a mídia no esporte adaptado principalmente depois dos jogos de Atenas 2004?
- Em razão de seu sucesso, hoje você já pensou em algum projeto social ou grupo de discussões em relação ao deficiente?
- Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar

esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

BLOCO IV- Apoios

Atualmente, você recebe apoio financeiro? De onde?

Desde quando recebe este apoio financeiro? Antes ou depois de Atenas

Como era antes esse apoio? (materiais como sunga, óculos, tênis etc.)

Apoio familiar

Você tinha alguma dificuldade antes dos jogos de Atenas que hoje você não tem mais?

BLOCO VI – da Intimidade

Você se sente realizado? Quer algo mais? Tem algum sonho?

Vai se aposentar? E depois, qual sua projeção na vida?

Qual a contribuição que você, enquanto atleta quer fazer para a sociedade, para ser humano, e para o esporte?

Se você tivesse que dizer algo para uma pessoa que quer ser atleta, o que você diria? que conselhos daria?

Gostaria de fazer algum comentário?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROJETO DE PESQUISA: MEDALHISTAS PARAOLÍMPICOS ATENAS 2004: a trajetória do desporto adaptado e reflexões

Responsável pelo projeto: Professora Mestre Rachel Barbosa Poltronieri Florence rp.florence@uol.com.br

1ª. Via – Pesquisadora 2ª. Via – Atleta

Eu,

_____,

_____anos de idade, RG _____,

voluntariamente concordo em participar no projeto de pesquisa acima mencionado, como será detalhado a seguir.

É de meu conhecimento que será desenvolvido em caráter de pesquisa científica e objetiva estudar a construção do desporto adaptado de atletas medalhistas ouro da Paraolimpíadas de Atenas 2004.

Estou ciente que será aplicado pela pesquisadora uma entrevista semi-estruturada.

Não vai haver nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que com a participação na pesquisa não terei nenhum gasto.

Não estão previstos riscos ou desconfortos postas as características desta pesquisa. Os benefícios constituem na divulgação da importância do desporto adaptado na vida da pessoa portadora de necessidades especiais.

Li e entendi as informações precedentes, bem como, é de meu conhecimento que posso desistir de colaborar a qualquer momento, sendo que dúvidas futuras, que possam ocorrer, poderão ser prontamente esclarecidas, bem como o acompanhamento dos resultados obtidos durante a coleta de dados.

Autorizo a publicação dos dados coletados somente para fins pertinentes à pesquisa, no entanto, exijo sigilo quanto à identificação de meu nome.

_____, de _____ de 2007.

APÊNDICE C-APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

CEP, 18/12/07.
(Grupo III)

PARECER CEP: N° 997/2007 (Este n° deve ser citado nas correspondências referente a este projeto)
CAAE: 0734.0.146.000-07

I - IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: **"MEDALHISTA PARAOLÍMPICOS ATENAS 2004: AS REFLEXÕES DA TRAJETÓRIA DOS ATLETAS NO DESPORTO ADAPTADO".**
PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Raquel Barbosa Poltronieri Florence
INSTITUIÇÃO: FEF / UNICAMP
APRESENTAÇÃO AO CEP: 11/12/2007
APRESENTAR RELATÓRIO EM: 18/12/08 (O formulário encontra-se no *site* acima)

II - OBJETIVOS

Desenvolver um estudo sobre a construção do desporto adaptado dos atletas paraolímpicos medalhistas de ouro nos jogos de Atenas 2004. Por objetivo específico, estudar a origem das paraolimpíadas: resgatar a trajetória desportiva dos medalhistas de ouro e suas implicações sociais, financeiras e afetivas e, por fim, apontar a educação física escolar e a inclusão como agentes para o acesso ao desporto adaptado.

III - SUMÁRIO

Os Jogos Paraolímpicos de Atenas, em 2004, marcaram um novo capítulo na história do esporte adaptado. O Brasil participou com sucesso nesta olimpíada com bons resultados no total de medalhas. Tal estudo, além do interesse pessoal da autora no assunto, será feito através de uma pesquisa qualitativa do tipo descritivo, utilizando a coleta de dados de entrevistas semi-estruturada dos atletas medalhas de ouro nesta olimpíada.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

O projeto apresentado está dentro dos padrões formais de um projeto de pesquisa. Aspectos éticos da pesquisa, resumo, introdução, justificativa, objetivos, bibliografia, cronograma e orçamento são apresentados. A metodologia é explicativa e esclarecedora quanto aos sujeitos e métodos a serem aplicados. Tem Termo de Consentimento adequado, respeitando a liberdade de participação e identidade dos sujeitos.

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem

restrições o Protocolo de Pesquisa, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa supracitada.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII - DATA DA REUNIÃO

Homologado na XII Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 18 de dezembro de 2007.

Profa. Dra. Carmen Silvia Bertuzzo
PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RACHEL BARBOSA POLTRONIERI FLORENCE

MEDALHISTAS DE OURO NAS PARAOLIMPÍADAS DE ATENAS 2004: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado

APÊNDICE D: TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DAS ENTREVISTAS

Campinas
2009

As transcrições das entrevistas que seguem constituem-se parte da tese MEDALHISTAS DE OURO NAS PARAOLIMÍADAS DE ATENAS 2004: reflexões de suas trajetórias do desporto adaptado, uma vez que foram realizadas pessoalmente pela pesquisadora, obedecendo - se criteriosamente às orientações do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP, a qual detêm as originais.

O período de realização das entrevistas ocorreu entre março de 2008 a fevereiro de 2009, percorrendo-se os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Recife.

Entrevistado
A1

PESQUISADORA: Idade?

A1: 29 anos

PESQUISADORA: Ocupações?

A1: Eu tenho várias: presidente da associação foreste pós-cultura, monografia de faculdade de fisioterapia, tá anotando?

PESQUISADORA: Tô, eu estou gravando, meu anjo, desculpa, esqueci de falar.

A1: Então vamos mais rápido, pós-graduação em trauma-ortopedia com ênfase em terapia manual e treinamento de futebol são as minhas ocupações.

PESQUISADORA: Grau de escolaridade?

A1: Então, ensino superior praticamente completo, só tá faltando entregar a monografia agora, e pós-graduando.

PESQUISADORA: Em que mesmo?

A1: Então, é, Faculdade de Fisioterapia e pós-graduando em trauma-ortopedia.

PESQUISADORA: Você é fisioterapeuta?

A1: Sô.

PESQUISADORA: Fala um pouco pra mim, A1, do histórico da tua deficiência.

A1: Na verdade, eu nasci com a visão normal, tive uma doença chamada ..., com três anos de idade, dois anos e onze meses, chamada princípio glorioso ou corpo selvagem que são bolhas escuras e, ao mesmo tempo secas, e elas estouram e ficam em carne viva. Essas bolhas andam o corpo inteiro em função de duas coisas, primeira coisa a própria doença mesmo, ela é meio selvagem mesmo, meio que atropela tudo, e diagnóstico errado que a médica pensô que fosse catapora, aplico a injeção e saíram bem mais é, é ...bolhas.

PESQUISADORA: Essa coisa de médica ... o meu irmão teve a anoxia no parto, mas foi em decorrência de parto prematuro. *(A1: Hum, ta!)* Ele teve a anoxia e hoje ele tem a deficiência mental, mas ele nunca vai ser um menino independente, entendeu? Independência ...

A1: Então daí a gente ... com dois anos e onze meses fiquei internado, entrei em coma, né *(PESQUISADORA: Sei...).* No período de três, quatro anos, fiquei internado acho que duas vezes no mesmo hospital direto *(PESQUISADORA: Nossa!).* Em coma, entre a vida e a morte, mas ai a gente passou por essa etapa, foi a pior etapa, eu não lembro mas deve ter sido a pior etapa, eu tava em coma, né ... e foi isso a doença... A cegueira, no caso, foi causada por essas doenças ai. Tive glaucoma também em função de muitos medicamentos, tomei muita sulfa, então tive uma doença chamada síndrome de Steve Jhonson que resseca o canal lacrimal. E é mais ou menos isso a minha história da doença, né, foi essa a causa da doença.

PESQUISADORA: E você já tem uma, um conhecimento muito grande por você ser um fisioterapeuta, né, então você já enfrentou bastante isso...

A1: Estudei muito...

PESQUISADORA: Fez muito bem. A parte sua de participações em jogos, por exemplo, a gente acessa na internet e é comum a gente ver, né, é divulgado muito. A minha intenção aqui é resgatar um pouquinho da trajetória de vocês revendo o passado, eu queria saber assim: como era você, o atleta, na infância... Brincava? Brincava do quê?

A1: Então, na verdade eu sempre gostei de futebol, tanto que a gente pegava lá meus tios, meus irmãos pra eu podê me integrar com eles e poder participar normalmente do futebol, eles colocavam uma sacola na bola pra bola fazer barulho e eu poder jogar. Tinha seis anos e já brincava de bola no quintal da minha casa e eu me sentia ali uma criança normal . Eu brincava de tudo, brincava de bola, brincava de pique na rua.

PESQUISADORA: Amigos, família, sempre teve uma relação?

A1: Sempre, sempre ... subia em árvore, caía, brigava na rua, morava na baixada fluminense.

PESQUISADORA: Sentiu em algum momento algum tipo de discriminação, alguma vez ?

A1: Não, porque quando você é criança você não tem esses problemas, né!. Acho que quando eu cheguei na adolescência eu tive um baquezinho de ... Descobri algumas coisas...

Eu sabia que eu era diferente , mas vê as dificuldades... Que criança, a gente só brinca tal, só faz as bagunças, então quando eu cheguei na adolescência senti um pouquinho de dificuldade. No início da adolescência com 11, 12 anos , mas depois o esporte, ele ajuda muito pra você se integrar, pra você se socializar, essas coisas assim.

PESQUISADORA: É, você freqüentou a escola?

A1: Freqüentei, freqüentei o instituto Benjamin Constant, da alfabetização a quarta série e continuei por lá mesmo porque depois eu fiz o segundo grau lá na cidade, que é longe da minha casa e eu era interno também. Eu tinha bolsa, né, era chamado de bolsista. Os alunos que terminam a oitava série continuam por lá , pra dormir, almoçar e jantar e eu fiquei no Benjamin Constant de 1990 a 2001.

PESQUISADORA: Em todos esses lugares tinham aulas de Educação Física nas escolas que você freqüentou?

A1: Na verdade as escolas que eu freqüentei tinham, assim, segundo grau, mas eu não fiz porque eu me apeguei no que eu podia fazer. Porque quando você é atleta, você tem automaticamente liberações de aula de Educação Física. Então eu como, assim, a aula de Educação Física entre um ... minha aula começava as sete, Educação Física era assim, meus três anos lá, era oito e quarenta, no banheiro lá era muito pequeno, colégio estadual, era muita confusão, então, eu preferi não fazer.

PESQUISADORA: Então você não participava?

A1: Não, não, no primeiro grau não.

PESQUISADORA: Com isso, você acha que a Educação Física na escola influiu em algo no seu sucesso esportivo?

A1: No Benjamin Constant sim, fora do Benjamin Constant não.

PESQUISADORA: Não. Em que momento, A1, você decidiu que queria praticar o esporte adaptado?

A1: Não, na verdade como te falei, desde pequeno, mesmo cego, eu falava de jogar no Flamengo, eu queria ser jogador do Flamengo, de futebol. Eu fui estudar no Benjamin com 11 anos de idade porque antes disso os médicos não queriam deixar eu estudar em colégios para cego, né. Então, na verdade, eu ficava em casa, estudava em escolinhas perto de casa, aprendia a fazer conta, sabia fazer as letras. Então essas coisas, hoje eu esqueci bastante, mas eu sabia fazer as letras, estudar geografia , mas sem nenhuma graduação, né, sem nada de grau, sem nada. Escolas mesmo que ficam assim, perto de casa. E quando eu fui pro Benjamin eu descobri que existia a possibilidade de eu virar um atleta realmente conhecido, ai eu comecei a jogar bola,comecei a fazer atletismo...

PESQUISADORA: É, você fez outros esportes antes ou conjuntamente?

A1: Não. Antes do futebol, pra disputar campeonatos, a primeira vez que eu disputei acho que foi quando eu tinha 13 anos ou 12, não lembro, e foi arremesso de pelota. Depois eu fiz atletismo, eu fiz 800 e 1500 metros, eu tinha quinze anos, acho que foi em 1995, isso, que eu disputei o primeiro campeonato oficial.

PESQUISADORA: Então esporte entrou na sua vida nesse ...

A1: No Benjamin Constant, na verdade, fazendo e depois começaram a montar as viagens que eles viajavam e pra mim foi assim muito bom, né, porque você se integra, conhece novas culturas.

PESQUISADORA: Quem te chamou pra seleção, quem te deu a notícia, onde você estava?

A1: Primeira vez, você fala?

PESQUISADORA: Primeira vez, quando você entrou para a seleção?

A1: A primeira vez foi 1995, eu praticava outra modalidade o goalboal. (*PESQUISADORA: Ah, tá, o goalboalboal!).* Goalboal, e daí assim, pra mim, eu iria para seleção só que na época tinha a ... tava sem grana, as coisas tavam bem, bem piores do que hoje. E ao invés de levarem seis atletas iam levar quatro. Eu achava que entre esses quatro eu não ficava, porque entre esses quatro tinha uns cara mais antigo, e eu moleque novo ainda. Mas me chamaram mesmo assim e eu fiquei muito feliz, felicíssimo mesmo, nem acreditei na hora e lá nesta competição para minha surpresa e satisfação me chamaram também para jogar futebol lá ... eram dois jogos e me chamaram pra compor a equipe de futebol, eu fiquei felicíssimo.

PESQUISADORA: O que representou pra você a medalha nos jogos paraolímpicos de Atenas no campo social, amigos, financeiro, amor, família?

A1: Na verdade, assim, representou um sonho, poder estar como atleta na Espanha e entrar numa olimpíada, no nosso caso paraolimpíada, representou também que o trabalho foi bem feito na verdade, trabalho muito bem feito e financeiramente ele ajudou bastante também porque a gente teve bolsa do governo, embora não seja bolsa permanente, mas ajuda bastante.

PESQUISADORA: Antes você não tinha nenhum...

A1: Tinha, mas não esportivo. Eu tinha ganho porque na parte de fisioterapia eu fazia massagem corpórea, eu atendia na aulas de remo do Botafogo *(PESQUISADORA: Você se virava!).* Sempre me virei, sempre corri atrás, sempre quis ter meu dinheiro e, tipo, ano passado tive a lesão no joelho e optei por deixar de fazer alguns trabalhos para fora e o médico foi me atendê... eu tô deixando de fazer um monte de coisa pra poder sonhar com bicampeonato e ir para os jogos de novo. E é uma coisa que as pessoas... Então para mim também é a volta por cima, eu tive uma lesão grave no joelho esquerdo nos ligamentos, então eu quero dar a volta por cima estando novamente nos jogos paraolímpicos.

PESQUISADORA: E a escolha do futebol é porque você gosta mesmo?

A1: Ah, futebol tá no sangue!

RACHEL: Fala um pouquinho pra mim como é o seu treino, o seu dia-a-dia de treino.

A1: Meu dia-a-dia de treino, eu realmente de manhã faço as partes da associação, trabalho de manhã e no período da tarde eu vou treinar, de segunda a sexta, e de vez em quando sábado também.

PESQUISADORA: No treino você tem orientação sempre de técnico, tem outros profissionais?

A1: Tem, tem um que trabalha comigo na parte de futebol, tem outro que trabalha na preparação física.

PESQUISADORA: Você considera algum fator que atrapalha o seu treino? Tem algum?

A1: Hoje tem a minha recuperação de joelho, porque se eu tivesse bem estaria treinando mais forte desde janeiro e chegaria aqui bem melhor do que eu tô hoje.

RACHEL: Um fator que facilita o seu treino?

A1: A motivação de ir para os jogos paraolímpicos, a motivação da família que me motiva todo dia, dos amigos também que tão ai confiando em mim e pelo fato de eu ser presidente da associação e ao mesmo tempo ser atleta ... porque... tem pessoas ali que se, de repente, você falhar, as pessoas podem se desestimular também, então, você tem que estar lá.

PESQUISADORA: Nas viagens, quando vocês vão aos jogos, as condições são adequadas de estadia, treino, enfim?

A1: Assim, pela seleção sim *(PESQUISADORA: Pela seleção!)*. Agora a nível nacional não, pela falta de verba. Muitas vezes já tive que dormi em colchonete, mas como eu venho lá de 1995, então, a gente não pode se acostumar ao ruim mas adapta a colchonete pra gente tá sempre com amigos, tá jogando. A gente, o futebol, supera esses problemas todos.

PESQUISADORA: Como você vê a mídia do esporte adaptado, principalmente depois dos jogos de Atenas porque houve um maior número de medalhas, você acha que aumentou a mídia do desporto em Atenas ?

A1: Infelizmente a mídia é uma merda, porque a liga é uma merda. A mídia só aparece na hora alta, só aparece quando você... próximo de competições. A gente imaginou que a nossa medalha, por ser a única medalha no futebol no Brasil, no caso, ninguém tem essa medalha, nem o Ronaldinho, ninguém tem. A gente imaginou que o futebol seria um ponto grande de partida, infelizmente não foi. A mídia só aparece na hora dos campeonatos grandes. A gente organiza o campeonato e não aparece ninguém para estar informando, pra tá notificando. Melhorou sim, se pensa antes e depois dessa olimpíada, ai a mídia fica mais

em cima, cobre um pouquinho mais, mas infelizmente ainda tem muito preconceito ainda da parte da própria mídia porque eu acho que é a mídia que faz e acontece, se a mídia quisesse, por exemplo, estaria cheio de pessoas aqui querendo saber quem é o Ricardinho, que é o melhor do mundo, quem é o João e o Mizael, e quem é o Anderson que está tentando dar a volta por cima. Então infelizmente a mídia ...

PESQUISADORA: Mas na verdade, o que trouxe de Atenas, essa mídia, foi a divulgação, o sucesso em termos financeiros, o bolsa-atleta, mais nada?

A1: Caiu no esquecimento. Infelizmente caiu no esquecimento. Mas nós estamos ai, tamos com o bicampeonato do mundo, a melhor equipe do mundo de futebol, estamos aparecendo no atletismo, nós temos recordistas mundiais no atletismo dos 100, dos 200, dos 400 metros no Brasil. Temos recordistas na natação, temos recordistas em tudo que é canto e a mídia infelizmente tem preconceito. Eu falo isso porque na rua milhares de pessoas me perguntam porque não passa futebol adaptado na televisão "Porque eu vi e fiquei emocionado!";"Eu vi e adorei e vocês jogam bola mesmo"; "Porque antes na nossa cabeça era aquele futebol de trombada, de porrada o tempo inteiro mas não, tem passe, tem gol, pô vocês sabem jogar bola, vocês são craques!" e perguntam porque não passa mais isso.

PESQUISADORA: Em razão do seu sucesso, você já pensou em algum projeto social, porque grupo você já participa, você é o presidente, né?

A1: Esse era um dos projetos que eu tinha na minha vida, trabalhar na associação, poder correr atrás de projetos, dar coisas pra eles que eu não tive. E é isso e também, né, um sonho meu é, posteriormente, vir trabalhar na área de fisioterapia, trabalhar numa clínica, tô estudando pra isso.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A1: Caminho? Primeiramente, procurar uma instituição de respeito, que você possa saber quem são os profissionais que tem lá dentro. Talvez seja esse o primeiro caminho.

PESQUISADORA: Talvez amenizasse alguma coisa que você, por exemplo, já passou de dificuldades, procurando um centro, algumas dificuldades seriam diminuídas?

A1: Com certeza.

PESQUISADORA: Pra terminar agora, você é casado?

A1: Não, solteiro... não tenho filho.

PESQUISADORA: Algum apoio financeiro... Sua família, você falou que sempre esteve presente... Você se sente realizado, quer alguma coisa mais? Tem um sonho ?

A1: Tenho o sonho de casar, ter filhos... casar, 2 filhos.

PESQUISADORA: Vai se aposentar do futebol?

A1: Não, depois que eu der essa volta por cima ai, eu tinha o propósito de jogar até 2008 mas já mudei. 2016 vai ser aqui no Rio de Janeiro, e sou carioca, e até em 2016 vô estar com 38 anos e dá pra jogar ainda, e eu gosto de treinar, e então eu acho que tudo colabora.

PESQUISADORA: Qual a contribuição que você, enquanto atleta, quer fazer para a sociedade, ser humano, e para o esporte, você enquanto atleta?

A1: Eu, enquanto atleta? Eu moro em Belfor Roxo, baixada fluminense, eu vejo muitos potenciais lá que estão nas ruas, pra drogas, falta de instrução. E eu queria muito, no futuro, quando eu pudesse, tá colaborando lá montando algum centro mesmo desportivo, né. Tem muitas pessoas que fala que "Se você quiser ser candidato a vereador eu ...". Já pensei algumas vezes, realmente entrar porque acho que seria uma coisa facilitadora, né, se eu fosse vereador fica muito mais fácil de mudar, né, mas ao mesmo tempo a política é muito suja, ela é muito podre e ... mas penso também de alguém tá me ajudando ou até mesmo apoiando algum político, neste aspecto, na parte esportiva dele lá.

PESQUISADORA: Você tinha alguma dificuldade antes dos jogos de Atenas que hoje você não tem mais?

A1: Alguma dificuldade?

PESQUISADORA: É, alguma dificuldade que você tinha antes e depois de Atenas não tem mais?

A1: Não, não. Depois até a gente começô a fala mais, mas fala muito é o meu forte, eu gosto muito de fala, até pela área que escolhi, fisioterapia, tem que saber falar com o paciente muito bem, ter paciência, cuidar bem do psicológico dele (*PESQUISADORA: Exatamente, exatamente.).* Acho que não só a lesão, a parte psicológica também tem que ser muito bem trabalhado, ele tem que confiar muito em você, se ele não confiar em você ele nunca vai melhorar.

PESQUISADORA: Sua família sempre esteve do seu lado, né, desde antes de você treinar ela sempre apoiou você nas decisões?

A1: Sempre, sempre. Tinha preocupação de mãe que é uma preocupação normal, né, eu tinha 12 anos e jogava com atletas iniciantes também que tinha 20, 25 anos. Então eu era bem franzino mesmo, e por tá todo mundo iniciando era muita trombada, muita pancada. Então chegava em casa com a canela inchada, com dor, minha mãe reclamava, falava "Tá ficando doido! Isso não é pra você! Procura outro esporte, rapaz!" Mas eu: "Ó, mãe, meu negócio é futebol". E é só mais preocupação mesmo de mãe mesmo. Quando eu ia sair também, primeira vez que eu ia sai na rua eles não quiseram deixa, funciona como interno, né, o pai vai lá assina sua saída só, na sexta-feira deu a hora de ir embora você pode sair

sozinho . O problema também que minha mãe e meu pai não queriam assina a saída, mas eu sempre fui determinado, né, e falei: “Ah, mãe, eu acho que a senhora trabalha, meu pai trabalha, a minha mãe vai ter que sair do trabalho, cansada, ir lá no Benjamin Constant me busca, é longe de casa pra caramba, chega em casa quase 21:00h da noite”.... E eu sei andar meus amigos que tem isso, e isso é um fator muito bom que ajuda você a ser independente , meus amigos que tem minha idade saem sozinho porque eu não posso sair sozinho? Meu irmão tinha 11 anos de idade e já saia sozinho, “A senhora confia nele e não vai confiar em mim só porque eu não enxergo?” “Não, não é assim...” A gente tem que enfrentar as dificuldades! E minha mãe é mais corajosa que meu pai , a primeira vez foi no carro e ficou atrás de mim e na sexta-feira eu tava em casa normalmente ai eu comecei a sair pra outros cantos e foi assim que eu aprendi a sair. Hoje eu fui em Madureira, hoje eu fui não sei aonde , mas com quem fui: sozinho. Ai depois comecei a conhecer, comecei a viajar pra fora do estado e viram que tinha realmente responsabilidade, sabia realmente sair e é isso ai não tem como segurar, né!

PESQUISADORA: Tem alguma coisa que você quer falar e deixar registrado?

A1: Não, é só aquilo que eu falei no começo mesmo, né, eu acho que todo atleta no período da sua carreira encontra muitas dificuldades, algumas dificuldades na vida e a dificuldade que eu pude percebe agora, que aconteceu comigo, é a lesional, né. Ai dizem; “Ah, tá acabado pro esporte!”. Igual dizem do Ronaldinho: “Ah, machuco o joelho, tá acabado!”. Mas não tá não! Ele vai volta a joga porque ele quer volta a joga, determinado, porque a volta por cima é o principal que você pode ter pra sua vida, a volta por cima mostra pra você mesmo que, em linguagem forte, você é foda, que você pode, e nunca tá perdido nada, nunca tá perdendo na vida. Acho que a determinação, acho que é a alma do negócio.

PESQUISADORA: A1, queria te agradecer, obrigado, viu!

A1: De nada...

Entrevista
A2

PESQUISADORA: Primeiro lugar, muito obrigada, viu! Por me receber. Fico emocionada de ficar perto de atletas, né, chique, medalhistas. Você sabe que eu vou ver vocês na televisão e vou falar: "eu já conheço!" *(risos).* Bom, vamos lá. Ocupação?

A2: Atleta.

PESQUISADORA: Grau de escolaridade?

A2: Tenho o primeiro grau.

PESQUISADORA: Aspectos relacionados a sua deficiência, conta um pouquinho da história da tua deficiência.

A2: É, eu perdi a minha visão aos 16 anos, foi um acidente com arma de fogo. É isso ai!

PESQUISADORA: Hoje você está com que idade?

A2: 33.

PESQUISADORA: Eu li mesmo, na internet conta um pouquinho da sua história. Conhecendo aqui o atleta ouro, hoje aqui com todo o seu sucesso, eu vou resgatar um pouquinho, eu quero saber do teu passado. Você atleta, é, como foi a sua infância, do que você brincava, com que brincava, relação com os outros amigos, se tinha namorada, e talvez, se você puder, conta um pouquinho como foi essa questão da passagem depois do acidente, a sua relação com tudo isso. A sua relação com a escola, a sua relação com a família. Como você se sentia, era na escola, era no bairro, enfim, conta um pouco dessa questão pra mim. Porque todo mundo conhece você o atleta, na verdade o que eu quero resgatar de vocês é um pouquinho dessa história de vida. Vamos lá!

A2: É, pela infância. Eu sou do interior da Paraíba, né, uma cidade chamada Cabaceiras, onde eu estudava e a minha maior ocupação quando criança era brinca de bola. E todos os dias eu brincava de bola lá. Quando eu perdi meu pai eu comecei a me disvirtua um pouquinho da vida, fazê outras coisas lá. Então eu, lá no interior como não tem muito o que fazer, eu comecei a trabalha logo cedo pra pude ter as minhas coisas que eu queria compra sem precisar ter ninguém assim pra me ajudar. Não que minha mãe não me ajudasse, tudo que eu precisasse ela sempre tava do meu lado, me ajudando. E por ai, a minha infância foi isso ai, é, foi difícil lá no interior, porque só quem trabalhava era minha mãe, pra sustenta 6 filhos, a gente passô momentos difíceis, onde eu pensei: vô trabalha cedo pra ajuda.

PESQUISADORA: Você, de pequeno, freqüentava a escola?

A2: Freqüentei.

PESQUISADORA: Você tinha aula de Educação Física? Você lembra?

A2: Não, não tinha não.

RACHEL: E mesmo depois do seu acidente, você continuou freqüentando a escola?

A2: Então, quando eu trabalhava numa fazenda, onde houve uma confusão lá entre eu e um rapaz, por causa de uma menina, e onde que ele quis bater em mim e ele não conseguiu porque tava eu e meus irmãos e a gente, ao contrário, terminô batendo nele e ele me jurô. Ai três dias depois ele me deu um tiro, foi onde eu perdi minha visão. Passei quase 2 anos dentro de casa, sem querê sabê de nada, foi aonde eu vi, quer dizer, eu era um dos que não acreditava que cego jogava bola. Como eu gosto muito de bola, de esporte, eu escutando um jornal, certo final de semana lá, eu vi que ia ter uma apresentação de um time deficiente visual numa cidade lá chamada Serra Grande. Ai meu cunhado chegô e me chamô pra ir assistir, eu ainda não tava acreditando, mas assim mesmo eu fui e foi ai que eu voltei pra vida de novo, né.

PESQUISADORA: E depois do acidente então, você não chegou a voltar pra escola?

A2: Voltei, voltei.

PESQUISADORA: E você sentia a diferença? E aí não tinha a Educação Física mesmo? Quando você voltou?

A2: Aí eu voltei e fui estudá num instituto em Campina Grande. Lá já tinha Educação Física, é como eu...lá onde eu estudava tinha Educação Física só que eu não...

PESQUISADORA: Não fazia. *(A2: Isso.).* E depois do acidente, você passou a participar da Educação Física?

A2: Passei. No instituto em Campina Grande, certo tempo que morei lá, mas depois vim morá num instituto em João Pessoa foi aonde, aonde eu comecei mesmo, assim, a fazer Educação Física com os professor lá.

PESQUISADORA: Você lembra de que atividades eram feitas? Você participava? Porque ter aulas de Educação Física é uma coisa, você participar é outra.

A2: Eu participava sim, lá no instituto em João Pessoa.

PESQUISADORA: Por que você gostava ou você tinha algum estímulo do professor?

A2: Eu gostava e tinha o estímulo do professor.

PESQUISADORA: Você sentiu, alguma vez, algum preconceito? Já foi discriminado?

A2: Já, bastante.

PESQUISADORA: Como é que você reagia?

A2: No começo eu me sentia muito mal, né. Por eu ser uma pessoa que enxergava e, de uma hora pra outra, o pessoal começa a me vê com outros olhos. Mas isso com certo tempo eu fui me acostumando com isso, com essas coisas e graças a Deus, hoje não...

PESQUISADORA: Na escola você sentiu isso ou você não teve problema?

A2: Não, na escola não.

PESQUISADORA: Você acha que, pra hoje, o sucesso que você tem, essa escolha da modalidade, enfim, você acha que a Educação Física da escola contribuiu pro seu sucesso esportivo?

A2: Bem, com certeza. Porque lá na escola foi onde eu comecei. Como eu te falei, pra você aprendê a se adaptar a jogar o esporte futebol de cego, sozinho, assim, você não pega uma bola e vai lá. Você precisa de ajuda das pessoas, na aula de Educação Física. Como eu também já pratiquei a natação, o goalboal.

PESQUISADORA: E ai parou, essas outras modalidades você parou? Só futebol?

A2: Parei porque o futebol é o esporte que eu gosto mais, né.

PESQUISADORA: E as outras fez um pouquinho e parou?

A2: Foi.

PESQUISADORA: Em que exato momento você decidiu que queria praticar o desporto adaptado? Por quê? Como que aconteceu? Por quê o esporte entrou na sua vida, quem te apoiou de coração mesmo, que acreditava em você? Foi sua a escolha das modalidades, conta um pouquinho da sua entrada no desporto.

A2: Como eu falei, sempre minha mãe me apoiou em tudo, graças a Deus, ela que me falava bastante dos deficientes quando ela ia pra Campina, pro instituto, saber que que você vai fazer. E quando eu assisti esse jogo, realmente eu vi que não era coisa do outro mundo. Eu vi que dava pra levá minha vida normal de novo, estudando, jogando bola, o que eu gostava de fazê, foi onde eu comecei a ir pra quadra com meus colegas, os mininos me mostrando os melhores momentos de chutá a bola, essas coisas.

PESQUISADORA: De coração mesmo a sua mãe, então?

A2: Isso.

PESQUISADORA: Quem te chamou pra seleção? Como é que foi seu primeiro dia, os colegas, onde você estava? Como é que você recebeu essa notícia?

A2: Falá, assim, da minha primeira convocação?

PESQUISADORA: Isso, como você entrou para a seleção brasileira?

A2: Se eu não tiver enganado foi em 2002. Eu participei de um brasileiro aqui na Ambef mesmo, pela minha equipe. Depois eu fui, a primeira vez que eu fui convocado foi pelo professor ....e eu recebi a notícia através de um colega meu lá de João Pessoa e ele ligou pra mim no momento que ele soube e eu, claro, fiquei muito feliz.

PESQUISADORA: Fala um pouquinho da modalidade atual, o que representou a medalha de ouro nos jogos paraolímpicos de 2004? De forma geral, né, que eu queria saber, no campo social, no campo afetivo, até mesmo no afetivo-família, amor, é, profissionalmente, em relação ao teu...o que mudou em face da medalha de ouro?

A2: É, mudou assim, entende, que a gente ficou mais, assim, o pessoal viu mais que a gente não é, não tem muito a desejar do pessoal que enxerga, né, que mudou que a gente ficou mais reconhecido na...trouxe mais apoio pra nós, financeiro, que deu uma, que essa medalha de ouro nos deu uma vida boa com esse apoio que o governo está dando.

PESQUISADORA: Como que, especificamente, está sendo dado...porque antes das paraolimpíadas de Atenas você tinha algum apoio financeiro?

A2: A gente tinha assim, eu recebia o diário da CBDC, certo. A gente tinha esse apoio já da CBDC. E depois da paraolimpíada ficô esse apoio do governo que me dá uma bolsa.

PESQUISADORA: O bolsa-atleta você recebe? Depois da medalha?

A2: Isso. Exatamente.

PESQUISADORA: Por que razão você escolheu essa modalidade esportiva? Foi a única opção, você gostava? Foi orientação médica?

A2:: Não, não, não teve orientação médica. Eu escolhi porque, como eu te falei antes, é o esporte que eu gosto mais, eu já pratiquei goalboal e natação, mas o esporte que eu gosto mais, por amor mesmo, é o futsal.

PESQUISADORA: Você pratica mesmo desde quando a modalidade, o futebol?

A2: Desde quando você tá falando, quando eu perdi minha visão ou antes?

PESQUISADORA: Você já fazia antes de perder a visão?

A2: Já.

PESQUISADORA: Dessa forma mais como profissional, como modalidade?

A2: Desde os 18 anos que eu pratico o esporte.

PESQUISADORA: Vamos falar um pouquinho de treino, né, como todo atleta, frente a uma competição, todo dia é a mesma coisa. Levantar cedo, vai treinar o dia inteiro, faça chuva, faça sol, é entediante? Como é que é esse treino? Quantos dias por semana, quantas horas? O local? No caso seu do futebol.

A2: Eu treino, assim, 9 treinos. A gente treina de segunda a sexta.

PESQUISADORA: Lá que você diz é em?

A2: João Pessoa.

PESQUISADORA: João Pessoa, tá.

A2: A gente treina todos os dias à noite. Agora sendo de segunda, quarta e sexta à tarde a parte física e na terça e quinta goalboal. Só que nisso ai também eu faço musculação, à tarde, de segunda a sexta também. Vô pra academia todos os dias e alguns sábados, outros não, a gente treina com bola. Só não treino, tenho descanso, sábado e domingo.

PESQUISADORA: Como você vê a orientação dos profissionais? Técnicos, há outros profissionais que estão envolvidos e com que freqüência eles estão ajudando no seu treino?

A2: Lá eu tenho o treinador Reginaldo, o professor lá. *(PESQUISADORA: Reginaldo?).* Isso. É o treinador da nossa seleção lá. Ele tá com a gente todos os dias.

PESQUISADORA: Tem mais algum profissional que tá envolvido ou só o treinador?

A2: Só o treinador.

PESQUISADORA: Tem algum fator que dificulta seu treinamento, por exemplo, transporte, adaptação, material?

A2: Não. O transporte a associação transporta, leva e vai buscá. Material, assim, como a gente .... tem que investir no esporte, certo! E nisso ai, cada um tem o seu material. E eu tenho todos os materiais do meu treino do dia-a-dia.

PESQUISADORA: Você não é casado?

A2: Sou casado.

PESQUISADORA: Essa verba que você recebe, então, vamos dizer, ela supre todas as necessidades de você, enquanto homem da casa.

A2: Aham.

PESQUISADORA: As viagens, as condições de viagem são sempre boas? Ou não?

A2: São boas.

PESQUISADORA: A sua família, em relação ao seu sucesso, né, ela foi um elemento que facilitou, ou você achou que eles...enfim, atrapalharam um pouco? Porque tem família que fica mais preocupada...

A2: Não, eles sempre me deram apoio.

PESQUISADORA: Como você vê a atuação de jornais, televisão, rádio, enfim, você acha que houve um aumento da mídia no desporto adaptado, na divulgação? Você acha que isso se deve ao fato de um grande número de medalhas de Atenas 2004?

A2: Com certeza, eu acho que ele tá, já deu assim uma melhorá bastante, melhorô bastante depois das medalhas lá de Atenas. E tem muito a melhorar ainda.

PESQUISADORA: O que você acha que, por exemplo, a mídia do desporto adaptado, né, pode estimular os deficientes, você acredita que ela colabora? Ou ela só divulga na época dos jogos, ela poderia divulgar mais? Ela promove uma inclusão ou ela exclui mais? O que você acredita como intenção da mídia?

A2: Eu acho que ela tinha que, assim, meio que melhorá mais, divulgá mais, chamá mais os deficientes pra sociedade, mostrá que os deficientes são capazes, que eles fazem mais, essas coisas.

PESQUISADORA: Na mídia na questão social, né, porque quando vocês passam a ser atletas paraolímpicos e receberem medalhas, vocês são conhecidos, são mais conhecidos, vocês têm uma fama. Principalmente, após a medalha de Atenas, o acesso até você ficou mais difícil? Você acha?

A2: Não.

PESQUISADORA: Assim, como é que você convive com as pessoas, assessores, pessoas que gerenciam sua vida, ou não tem isso?

A2: Não, eu convivo bem, normal, do jeito que eu era antes. Eu convivo do mesmo jeito, pra mim não ficou diferente.

PESQUISADORA: Em razão do seu sucesso, você já pensou em algum projeto social ou em algum grupo de discussões em relação ao portador de deficiência?

A2: Eu penso em abrí uma associação lá na minha cidade, chamá mais os deficientes pra debate, sabê o que eles precisam mais, lutá pra consegui as coisas.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A2: É, eu acho assim, se ele é obstinado no que ele quer, é o esporte, ele tem que ir procurando um profissional da área lá do esporte...e fazer tudo que o professor mandá, eu acho que isso ai já é um bom começo pra ele. Um atalho bom já dele começá no esporte.

PESQUISADORA: Então o caminho que você me sugeriria é procurar um profissional?

A2: Um profissional.

PESQUISADORA: Tá. Bom, você disse que atualmente recebe o bolsa-atleta, né, que você recebe da associação. Hoje você, falando um pouquinho do sucesso, né, passou a ter mais pessoas ao seu redor, e você tinha seus amigos anteriores. Como você consegue perceber os verdadeiros amigos dos oportunistas que chegaram até você quando o sucesso chegou?

A2: Eu sei quem são meus verdadeiros amigos, na hora que eu mais preciso é onde eu posso contá com eles que é onde que eu vejo que eu posso contá com eles. Não se afastam de mim quando vêem que eu tô precisando de alguma coisa, seja o que for. Ai que você sabe onde tá seus verdadeiros amigos.

PESQUISADORA: E em relação a sua família? Como é que foi o sucesso? Como a sua família viu o seu sucesso? Como você ficou com sua família depois do sucesso? Qual a participação da família no teu sucesso?

A2: Assim, minha família como não poderia ser, me ajudou bastante. Porque eu sai, assim, depois de eu ter perdido a minha visão e ter chegado onde eu cheguei hoje, ai já foi uma vitória muito grande pra mim e pra minha família que me deu muito apoio. E pra eles, onde eu estou hoje, eu estou mais pelo apoio deles mesmo.

PESQUISADORA: Você se sente realizado?

A2: Sinto.

PESQUISADORA: Algum sonho?

A2: Tenho, tenho um grande sonho e vô em busca dele agora que é conquistá o bi-campeão da paraolimpíada.

PESQUISADORA: Se aposenta?

A2: Não.

PESQUISADORA: E depois, qual vai ser sua projeção na vida?

A2: Sim, eu pretendo abrí umas coisas pra mim lá em João Pessoa pra mim pode trabalhá no comércio.

PESQUISADORA: Que contribuição você acha que você, enquanto atleta, você pode passar para o mundo, para a sociedade, pra sua comunidade, né?

A2: É, assim, bastante.

PESQUISADORA: O que, por exemplo? Concretamente, o que você acha que pode contribuir? A associação que você quer, o projeto, enfim, o que você acha que pode contribuir como atleta?

A2: Contribuir como atleta? Mostrando assim os deficientes, o esporte.

PESQUISADORA: Você disse que se fosse pra dizer algo pra uma pessoa que quer ser atleta você diria àqueles conselhos que você falou, procurar um técnico.

A2: É, procurar um técnico, se dedicar e ter amor.

PESQUISADORA: Como é que faz pra achar um técnico, porque não é tão fácil achar um técnico. De onde ele parte?

A2: Primeiro ela tem que procurá uma instituição, uma associação. Porque pelo menos eu acredito que todo instituto aí pelo Brasil tem um profissional da área.

PESQUISADORA: Bem, gostaria de fazer algum comentário?

A2: Não.

PESQUISADORA: Nadinha? Não quer comentar nada mesmo? Você tem algum e-mail ou telefone, pra caso eu precisar, alguma dúvida.

A2: Tem o meu celular...

Entrevista
A3

PESQUISADORA: Idade?

A3: 28.

PESQUISADORA: Ocupações, A3.

A3: Atleta.

PESQUISADORA: Grau de escolaridade.

A3: Terceiro incompleto.

PESQUISADORA: Fala um pouquinho pra mim do aspecto relacionado à sua deficiência, da sua história, da sua deficiência.

A3: Eu fiquei deficiente aos 7 anos de idade devido a um glaucoma que atacou nesta época *(PESQUISADORA: Hum, ta!)*. E por um erro de cirurgia, alguma coisa mal controlada, eu perdi a visão totalmente. Eu nasci enxergando um pouco.

PESQUISADORA: É, a parte sua de jogos e medalhas a gente conhece pela literatura. Eu quero saber mais, assim, de você, queria um pouco do teu passado, você o atleta, enquanto gente, como foi a tua infância?

A3: Antes de ser atleta, eu sou... Parece até uma demagogia, todo atleta quando alcança a meta, a gente alcançou um status de atleta semi-profissional porque você não ganha tanto para isso, mas todo atleta que alcança um status, esse status, cê vai falar: "Não, eu vim de origem humilde". Essa coisa que todo atleta vai falar, não só atleta, como pessoa que cresce na vida. E a minha história por ironia do destino não é diferente. A gente veio do interior de Minas, de família que não tinha tantos recursos para mi manter lá, então eu fui estudar, com 8 anos, em Belo Horizonte onde eu iniciei toda a minha vida tanto acadêmica quanto esportiva quanto minha vida profissional quanto... minha vida intelectual na verdade.

PESQUISADORA: Quando você era criança, você brincava normalmente com as crianças *(A3: Brincava.).* Tinha entrosamento?

A3: Tinha, porque na verdade, assim, eu fui para o internato muito novo, com 8 anos, né. Com 8 anos eu já fui deixado no internato lá pra ficar 6 meses lá, longe dos meus pais, em Belo Horizonte.

PESQUISADORA: Pra estudar?

A3: Pra estudá. Então, quer dizer, você já aprende a lidar com a vida cedo.

PESQUISADORA: Nesse internato, você já tinha tido o glaucoma?

A3: Já tinha perdido. Você aprende a lidar com a vida cedo, aprende a sofrer, a sorrir, a chorar, cedo já, né. Você não tem tua mãe lá pra te ampara ou teu pai para te amparar para falar "não, não chora" ou "tá chorando por motivo besta". Não, eu que tive que entender isso sozinho porque às vezes eu sorria por motivo besta e chorava por motivo besta ou então eu sorria por motivo bom ou chorava por motivo bom.

PESQUISADORA: E quanto tempo você ficou nesse internato, A3?

A3: Fiquei ao todo, na minha vida em internato, eu vivi 18 anos.

PESQUISADORA: Que foi a sua escola?

A3: Que foi a minha escola, a vida, né. Eu fiquei no internato 18 anos, na escola até os 17, depois eu fui ser interno numa entidade que amparava deficientes em Belo Horizonte. Depois eu fui para um instituto em Mato Grosso, também num internato. Ai fiquei até os 24 anos foi onde eu tomei a decisão que não queria mais morar em internato. Eu queria ter uma vida livre, uma vida, a vida que eu sempre tive, né, eu definir meus caminhos, eu definir minhas escolhas então ...

PESQUISADORA: No internato, além de estudar, você tinha aula de Educação Física?

A3: Eu comecei Educação Física sério mesmo depois do ginásio, no ginásio, né. Quando eu tava com meus 14 para 15 anos, ai eu comecei mesmo a minha vida. Porque antes, na realidade, era só brincadeira na piscina com os amigos, era só um futebol porque eu não tinha nenhuma perspectiva de ser jogador de futebol. Comecei novo, com 12 anos, 11 anos, no atletismo, correndo, né. Ai eu fui nadar também porque na escola tinha piscina. Então fui nadar um pouquinho, ao ponto que com 18 anos eu fazia os 3 esportes: natação, atletismo e futebol simultâneos, disputava campeonatos dos 3, isso foi até os 26, 25 anos.

PESQUISADORA: Você, dessa Educação Física que você teve na escola, né, você acha que ela contribuiu de alguma forma para o seu sucesso esportivo?

A3: Contribuiu porque foi através dela que um treinador me descobriu e graças a Deus eu tô a 10 anos na seleção, hoje eu acho que ...

PESQUISADORA: Era uma escola regular ou era uma escola especializada?

A3: Especializada.

PESQUISADORA: Especializada, não era o Benjamin Constant não, né?

A3: Não, não, era o instituto São Rafael, em Belo Horizonte. Hoje, por exemplo, eu acho que sou o atleta que mais tem convocações pela seleção. Então é graças a essa Educação Física. Antes era o Mizael mais ai como ele não foi nesses últimos 2 anos, ele não foi para os campeonatos, eu alcancei essa ...

PESQUISADORA: Pontualmente, em que momento da sua vida você decidiu que queria praticar o desporto adaptado? Como isso aconteceu? Como o esporte entrou na sua vida?

A3: Aconteceu que eu tô falando. No futebol, por exemplo, aconteceu nos jogos de menino que o treinador me descobriu, eu comecei a praticar aos 16 anos. Em 96, onde eu fui para um campeonato brasileiro e, em 97, eu já atingi a seleção.

PESQUISADORA: Mas ai você já tinha feito outras modalidades, mas quis ficar no futebol?

A3: Quis por causa da, do incentivo.

PESQUISADORA: Você já tinha feito outras modalidades?

A3: Tinha, tinha.

PESQUISADORA: O atletismo e a natação?

A3: Isso.

PESQUISADORA: Quem te chamou para seleção foi esse professor que está te treinando?

A3: Não, não, não.

PESQUISADORA: E como é que, ele chegou e te chamou? Deu a notícia?

A3: Não, eu tava olhando o jogo dos mininos.

PESQUISADORA: Foi ai que você entrou na seleção brasileira?

A3: Foi.

PESQUISADORA: O que representou a medalha de ouro nos jogos paraolímpicos de Atenas 2004 na sua vida?

A3: Acho que mudou bastante porque foi ai que a gente teve a sensação de atleta profissional, a gente começou a ganhar para isso, começou a ter alguns incentivos pra praticar o esporte.

PESQUISADORA: Até então você não tinha nenhum apoio financeiro?

A3: Não, não, não. Na maioria das vezes o atleta tinha que pagar para jogar, foi o caso também.

PESQUISADORA: Então você passou a ter o apoio financeiro?

A3: Depois da paraolimpíada acho que não só eu, mas todos atletas que estão aqui.

PESQUISADORA: Bolsa-atleta também?

A3: Foi, foi só depois.

PESQUISADORA: E no social? Na vida social?

A3: Pois é, a minha vida social, depois de Atenas mudou porque eu pude bancar a minha vida. Eu pude bancar minha roupa, pude bancá o meu tênis, meu calçado, entendeu? Uma companheira que por ventura eu tivesse, mas isso era depois de 2004. Infelizmente, o futebol não me trouxe muitas coisas sociais, depois de 2004 não. Até hoje é um pouquinho esquecida ainda, o futebol é uma das modalidades que menos tem competição. Então, quer dizer, você acaba ficando um pouco desmotivado uma certa hora.

PESQUISADORA: E a tua família antes e depois da medalha de ouro?

A3: Mesma coisa. Minha família depois que me deixou no internato, com 8 anos de idade, eles ficaram um pouco distantes, nós não temos essa ligação tão grande *(PESQUISADORA: Certo.)*. Tem orgulho por ter um filho que aparece na televisão, que é cidadão honorário da cidade lá, que eu fui cidadão honorário da minha cidade, mas nada mais que isso. Para eles não tem essa... A inocência deles, de pessoa do interior, realmente não deixa que eles tenham a total dimensão do que é isto.

PESQUISADORA: Quem é, realmente, uma pessoa que sempre te acompanhou, te estimulou, te apoiou já que você não teve seus pais? Teve alguém assim na sua vida?

A3: Não, eu.

PESQUISADORA: Sempre sozinho.

A3: Eu, hoje tem algumas pessoas que ... minha ex-namorada, minha namorada, estão presentes na minha vida, meu filho, porque eu tenho um filho, que são pessoas que estão presente na minha vida e que eu faço tudo pensando no exemplo de vida delas. Mas não tenho uma pessoa assim que realmente me acompanha que realmente tá comigo, que realmente ...

PESQUISADORA: Quando você falou que fez outros esportes, porque você acabou escolhendo o futebol, essa modalidade?

A3: É porque foi onde eu me destaquei mais.

PESQUISADORA: Quanto tempo você está praticando esta modalidade?

A3: 11 anos.

PESQUISADORA: 11 anos. Você podia contar um pouquinho como é a rotina de treinamento, do dia-a-dia de um atleta como você?

A3: Minha rotina é praticamente... como eu desisti de tudo, eu parei de estudar um tempo, agora a minha rotina é muito comum. Realmente é uma rotina mesmo: é casa-local de treinamento, local de treinamento-casa, não passa disso, entendeu? Não tem...

PESQUISADORA: Você treina todos os dias?

A3: Quase todo. É que eu faço outros esportes complementares para ajudar no futebol. Então eu faço natação, faço taekwondo, faço jiu-jitsu.

PESQUISADORA: Quantas horas mais ou menos, por dia, você acha que você treina?

A3: Assim, se eu falar que eu treino 3 horas por dia eu teria que chegar aqui arrebentando. Então eu não tenho uma base. Tem dia que eu treino, tem dia que eu não treino, tem dia que eu não vou, haja vista essa perspectiva de não ter muita competição de não ter ...

PESQUISADORA: Você treina lá em...

A3: Aqui no Rio, agora.

PESQUISADORA: E quem te orienta nos treinamentos?

A3: Eu tenho um professor, que é o professor Ramon, ele que nos orienta.

PESQUISADORA: Tem outros profissionais presentes?

A3: Tem, tem, tem sim.

PESQUISADORA: São constantes ou só em época de jogos?

A3: Não, não, são constantes. No treinamento são constantes porque eles visam o campeonato brasileiro ou regionais, quando tem.

PESQUISADORA: Quais são? É o técnico?

A3: O técnico, físico e o tático.

PESQUISADORA: Tático?

A3: É, né, o pessoal que ajuda, né, os auxiliares.

PESQUISADORA:Ah, tá, entendi. Não tem nutricionista, tem o preparador físico, o auxiliar, essas coisas?

A3: Não, não, não tem.

PESQUISADORA: Não tem, né, certo. Tem algum fator que você considera que dificulta seu treino?

A3: Vários fatores, eu acho. É, por exemplo, futebol é um esporte coletivo, então nem sempre tem o número adequado de atletas para treinar porque, por exemplo, quem ganha o futebol, nós os atletas paraolímpicos que ganham com o futebol. Os outros atletas não ganham nada. Então, quer dizer, como é que eu vô obriga uma pessoa que não ganha nada a treinar, né? Eu vou basear em que para obrigá-lo a ir treinar? Então, quer dizer, quando não vai...

PESQUISADORA: Que mais é fator que você acha que atrapalha?

A3: Eu acho que o fator financeiro conta muito, embora a gente tenha bolsa-atleta, mas eu acho que o governo deveria pagar um pouco mais. Não é um valor, assim, que eu possa me dedicar totalmente a ela, quer dizer, eu não posso me dedicar totalmente a bolsa-atleta, ao ter a bolsa-atleta.

PESQUISADORA: Não é suficiente para cobrir os gastos de uma família?

A3: De um atleta não. Porque de um atleta eu vou gastá quase ela com a... sendo atleta.

PESQUISADORA: A parte de transporte, material, alimentação, adaptação do local é tranqüilo?

A3: Não, tudo isso tem dificuldade.

PESQUISADORA: Tem dificuldade?

A3: Tem dificuldade. Não dá pra te citar, as dificuldades são muitas. Desde transporte, alimentação, material, material a gente tem que ter o nosso próprio. A seleção dá, mas ai é uso exclusivo da seleção quase. Por exemplo, eu não posso usar minha camisa no meu dia-a-dia de treinamento senão ela rasga e quando eu voltar eu vou usar o que? É, então, praticamente não tem assim uma ...

PESQUISADORA: Tem algum fator que facilita *(risos)*, que facilita seu treinamento?

A3: Minha vontade.

PESQUISADORA: Nas viagens, quando vocês fazem, vocês têm encontrado boas condições?

A3: Não, isso aí temos. Acho que o pessoal, na medida do possível, dentro das condições deles, eles dão uma qualidade legal para gente.

PESQUISADORA: Como é que você, com Atenas, por que em Atenas nós tivemos uma baita de uma cobertura da mídia, né! Até pode ser mesmo em razão do grande número de

medalhas, como é que você vê a mídia do desporto adaptado principalmente depois de Atenas?

A3: Infelizmente, a baita cobertura foi em Atenas. Por exemplo, hoje, por exemplo, a Globo, vamos citar em off aqui a Globo, por exemplo. A Globo, ela cita que o, sei lá, o atleta de vôlei foi não sei aonde. Por exemplo, é fantástico, no Fantástico, por exemplo, a Fernanda Montenegro ir na casa dos avós dela, isso para eles é fantástico. Pô, mas não é fantástico para eles apresentar o dia-a-dia de um deficiente visual, o treinamento dele, isso não é fantástico, entendeu. Eu tenho que achar fantástico por exemplo, uma coisa impressionante, a Fernanda Montenegro ir na casa do avós na Itália, na Sardenha. Então quer dizer, assim, a mídia foi uma cobertura em Atenas em alguns dias que seguiram Atenas, sei lá, 1 mês, 2, mas depois a mídia ficou normal. Ela tem matéria quando o Comitê ou a Caixa vai lá e paga para fazer matéria, né. Então, isso posso te falar, que a gente ficou quase na mesma, agora vai ter uma cobertura boa de novo em Pequim porque, porque o Comitê ainda vai pagar para ir para lá para cobrir.

PESQUISADORA: Você acabou tendo fama por ser um medalhista ouro, isso influenciou tua vida? Esse sucesso teve dificuldade de pessoas chegarem até você?

A3: O que influenciou minha vida foi o seguinte, que eu acho que me ajudou muito ao meu convívio com meus colegas de televisão, me deu uma certa... não tranqüilidade, mas pra mim uma certa vontade de trabalhar mais para manter, pra me manter neste posto, medalha ouro, é ... quando eu chego nas pessoas, falo eu sou medalha ouro em Atenas, ai muda um pouquinho o tratamento.

PESQUISADORA: Entendi. Isso muda. Em razão do teu sucesso hoje, você já pensou em algum projeto social ou um grupo de discussões em relação a deficiência?

A3: Olha, se eu tivesse uma renda legal eu investiria até na formação de alguns atletas. Ajudaria alguns atletas para, sei lá, dá material para eles montando uma instituição. É difícil, mas daria força para uma instituição que eu estivesse agregado a ela para ela ter, sei lá, que eu pudesse bancar o treinador para ir treinar outras pessoas, sei lá, eu investiria um pouquinho nisso sim.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A3: Aceitar sua deficiência. Acho que o primeiro passo que a pessoa tem que fazer para se dar bem em alguma coisa é aceitar que ele é deficiente, que ele não é eficiente em alguma coisa. Isso é o ponto principal, você aceitar que você vai ter dificuldade, que você não pode dirigir porque você não tem a visão, você não pode correr na rua sozinho porque você pode tropeçar e se machucar. Você aceitando isso acho que você vai tornar as coisas muito mais fáceis para você.

PESQUISADORA: Conseqüentemente eu chego ao desporto adaptado, né?

A3: Com certeza. Acho que primeiro você vai aceitar: “Pô, hoje eu não enxergo mais”. Então eu vou deixar com que alguém me ensine a andar com a minha bengala para baixo e para cima, eu vou aceitar que alguém me dê uma instrução pra como ir ao ponto de ônibus, entendeu? Isso faz parte do aceitar a deficiência.

PESQUISADORA: Você acha que o sucesso, como você falou, você teve um número maior de amigos ou oportunistas, ou você sabe diferenciar? Enfim, como é essa fama?

A3: Acho que eu sei diferenciar um pouco. Eu acho que aprendi a diferenciar um pouco amigos e oportunistas que pensam assim: “Poxa, ele foi para Atenas então ele tá ganhando bem. Então vamos juntar a ele para tomar uma cervejinha no final de semana, vamos chegar perto dele”. Então eu já aprendi a bloquear um pouquinho esse tipo de... Infelizmente isso tem, esse tipo de pessoas existem na nossa vida, infelizmente existem.

PESQUISADORA: A3, você se sente realizado? Quer algo mais, tem algum sonho?

A3: Até agora me sinto sim, mas eu, como não tenho uma formação acadêmica ainda não consigo me manter sozinho. Pretendo lutar para ir para Pequim para que eu tenha tempo, para que eu ganhe tempo, para que eu possa me manter nos próximos 4 anos, para que possa procurar uma formação acadêmica melhor, um concurso público para que eu possa passar ou particular, sei lá. Para que possa me manter pós-olimpíada porque eu tenho pouco tempo de futebol, eu tenho consciência disso que eu tenho no máximo mais uma ou duas paraolimpíadas.

PESQUISADORA: É, ai você se aposenta?

A3: Não me aposento, mas eu paro de jogar. Paro de jogar porque eu não vou ter mais futebol para acompanhar o pessoal novo que está chegando. Por exemplo, nós temos os caras que tem 17, 18, 19 anos, então...

PESQUISADORA: Qual contribuição você, enquanto atleta, quer fazer para o mundo, o mundo que eu falo é não só para ser humano mas para o esporte.

A3: Acho que já conseguimos. Ter conquistado Atenas, ter mostrado no para-pan ano passado algumas coisas. Acho que muitas das pessoas que viram, as que viram, elas vêem os deficientes hoje com outros olhos. Hoje, por exemplo, uma empresa tem coragem de patrocinar um deficiente que se destaca, por exemplo, tem a Bombril, a Fijan, a Caixa Econômica. Tem várias empresas patrocinando os deficientes que se destacam, por exemplo. Então eu acho que nós fazemos parte dessa abertura, desse desmatamento, dessas coisas ai.

PESQUISADORA: Tem algo que você queira registrar, comentar para encerrar?

A3: Não, não ... o seu trabalho.

Entrevista
A4

PESQUISADORA: Bom, em primeiro lugar eu queria te agradecer, sua disponibilidade, a generosidade em me receber aqui na sua casa, e olha, realmente, pra mim é uma honra, né. Muito obrigada!

A4: Eu que agradeço e estamos à disposição mesmo.

PESQUISADORA: Idade?

A4: 37.

PESQUISADORA: Ocupações?

A4: Eu sou massagista e durante muito tempo servi a seleção brasileira, e agora eu tô só ajudando a auxiliar a equipe. Eu parei com a seleção, tive que passá por uma cirurgia, fiquei muito tempo afastado, né, e agora tô voltando aos poucos, né, vamô vê o que vem ai pela frente.

PESQUISADORA: Grau de escolaridade?

A4: 2º grau.

PESQUISADORA: Com relação a tua deficiência, eu queria que você contasse um pouco da tua história. Se ela foi congênita, adquirida, a causa.

A4: É, ela foi adquirida. Eu tive um problema relacionado a glaucoma e essa foi realmente a causa da minha deficiência. Mas eu perdi totalmente mesmo a visão do olho quando eu tinha quase 5 anos.

PESQUISADORA: Quando foi detectado você tinha que idade, você se lembra?

A4: Foi detectado nessa época mesmo, eu tive um problema num dos olhos com uns 4 anos, e no outro tive o mesmo problema com quase 5 anos.

PESQUISADORA: O atleta medalha de ouro, né, na época também acompanhamos pela mídia, e tudo o mais. Agora o que eu queria saber é do seu passado, como foi a tua infância? Você brincava? Relação com seus amigos, enfim, queria que você contasse como foi a sua infância.

A4: Lembrá assim não é muito fácil, mas eu tive uma infância muito boa. Logo que eu perdi a visão, nós morávamos aqui no interior do Paraná, numa região ali próximo a Foz do Iguaçú, e até devido a esse problema que eu tive nos olhos, eu tive que ir pra tratamento. Então, a minha mãe me trazia pra tratamento, né, e aqui fiquei sabendo que a pessoa deficiente visual podia fazer tudo, estudá, se formá, ter uma vida absolutamente normal. E acabei vindo pra Curitiba e ficando no internato em Curitiba, um lugar chamado Asa

Branca, que é um lar de amigos dos deficientes visuais. E ali fiquei toda a minha infância, eu ia pra casa 2 vezes por ano, e o restante fiquei em Curitiba e a minha vida foi praticamente aqui, estudando, né. Então eu consegui, com várias pessoas, porque logo que eu perdi foi muito difícil, foi difícil pra mim aceitá, né, eu achava que era só eu que tinha aquele problema, mas daí quando eu vim pra cá eu comecei a conviver com outras pessoas que também tinham o mesmo problema e daí eu aceitei mais facilmente e vi que podia ser bem normal.

PESQUISADORA: E na infância, você brincava com todas as crianças ou só com as que também tinham problemas visuais?

A4: Não, foi bem normal. Onde eu estava era só pra deficientes visuais, mas onde eu estudava era colégio normal, como diz, né, para pessoas normais de visão, e eu brincava, corria, pulava, brincava, fazia coisa de moleque, então a minha infância foi bem normal, bem boa mesmo.

PESQUISADORA: É, esse era o próximo ponto, né, se você freqüentou a escola, como era na escola, você tinha aula de Educação Física?

A4: A minha vida foi bem, eu não tive nenhum problema em relação a escola.

PESQUISADORA: Ela era especializada ou era regular?

A4: Não, eu só freqüentei escola especializada no início, mas bem no começo mesmo, pra eu aprender o braille. E quando eu aprendi o braille, eu já em seguida fui pra um colégio de crianças normais de visão.

PESQUISADORA: De escola pública, regular?

A4: Exatamente. Na escola que eu estudava tinha só eu e mais um amigo com deficiência visual. E a gente fazia tudo normalmente, pedia ajuda pros amigos, né, aqueles amigos que se interessavam a ajudar a gente a correr, né. Então, algumas dificuldades a gente tinha, mas a gente acabava superando com as amizades que tinham no colégio, os professores também bem disponíveis, né, então a gente acabava superando bastante.

PESQUISADORA: As aulas de Educação Física, então, você sempre participava?

A4: Quando era relacionado principalmente a atletismo eu participava, eu só não jogava vôlei ou futebol no meio do pessoal que enxergava, ai eu não participava, mas quando era relacionado ao atletismo eu participava.

PESQUISADORA: E você considerava, assim, que os professores estimulavam a sua participação de forma geral?

A4: A maioria deles. Sempre tinha um ou outro assim que era, eu acho que não tinha muita noção de como dar aula pra gente, né, uma preparação. Mas a maioria se importava, procurava de alguma forma incentivar a gente a fazer aquela atividade.

PESQUISADORA: Você já sentiu, alguma vez, o preconceito ou foi discriminado?

A4: Eu acho que sim, poucas vezes, mas sim. São algumas coisas que eu sentia assim que ficava de lado, né. Eu não tinha muito apoio, mas às vezes é aquela falta de preparo um pouco das pessoas, mas foram poucas vezes. Eu não vou dizer pra você que não teve, teve sim, mas poucas vezes.

PESQUISADORA: Você acha que a Educação Física que você teve na escola, de alguma forma contribuiu pro seu sucesso esportivo?

A4: Ah, sem dúvida, sem dúvida. Foram vários motivos que me incentivaram, né, e o fato também de eu gostar muito do esporte que eu vim a praticar, o futebol. Eu gostava de praticar e um dia eu descobri que nós, pessoas com deficiência visual, podíamos praticar o futebol e isso que me incentivou ainda bem mais.

PESQUISADORA: Em que momento da sua vida você decidiu que queria entrar de cabeça no desporto adaptado?

A4: Bom, eu devia ter cerca de uns 13 anos, mais ou menos, e eu fiquei sabendo, né, que a seletiva ia ser aqui, de futebol, do pessoal que era deficiente visual. E como eu já gostava de futebol porque desde criança eu já vivia chutando, né, chutando lata e outras coisas, aquelas coisas de criança mesmo, né. E no primário, eu jogava futebol com o pessoal, eles colocavam uma sacolinha na bola, tinha a necessidade de ouvir o barulho da bola, né. A gente colocava a sacolinha plástica na bola e daí ela emitia aquele barulhinho e a gente podia jogar com os amigos. E isso que facilitava pra gente jogar com os amigos e tinha sempre aqueles amigos que incentivavam, que sempre queriam jogar com a gente. Então, foi isso que sustentou essa vontade de jogar futebol. E ai quando eu fiquei sabendo que a gente podia jogar futebol sem problema nenhum, ai foi que me interessou bem mais, a gente fez contato com eles, ficamos conhecendo e fomos convidados, uma vez, pra participar. E ai passá a treiná no time que ele jogava, né.

PESQUISADORA: Foi um amigo seu que divulgou esse espaço de treinamento, como é que você soube?

A4: Na realidade, eu me inspirei pra ser jogador de futebol com o Mário Sérgio. Quando eu comecei, ele jogava a bastante tempo e ele era bom de bola, o pessoal elogiava muito ele e tal. E ele me incentivou bastante também, quando ele me viu jogando futebol ele me disse que eu tinha chance no futebol, e ai me incentivou bastante. Ai, a partir disso eu conheci outros amigos que jogavam também, e eu me interessei muito, e foi tudo isso que me influenciou pra eu ser o atleta profissional que sou hoje.

PESQUISADORA: Quando você entrou pra seleção brasileira? Quem te chamou, quem te deu a notícia, onde você estava? Você se lembra desse dia?

A4: A minha primeira participação em seleção brasileira foi em uma viagem pra Espanha, foi em 87. E eu fiquei extremamente feliz quando eu, a princípio, ouvi um comentário de

que o meu nome estava numa lista pra seleção, né. E eu fiquei apreensivo, né, poxa vida, será? Na época eu ainda tinha 16 anos, né. Então, fiquei assim super apreensivo, e um tempo depois veio essa confirmação. Então pra mim foi algo maravilhoso e principalmente inesquecível, a minha primeira convocação pra seleção.

PESQUISADORA: E foi alguém que te ligou? Que telefonou e falou: "Olha, A4, você tá convocado!"?

A4: Foi exatamente esse rapaz que eu falei, o Mário Sérgio, na época, além de jogador ele era coordenador dessa confederação. Na época, era daqui de Curitiba, mas ele já era presidente da confederação brasileira.

PESQUISADORA: Vamos falar um pouquinho agora da sua modalidade, né! Medalha de ouro nos jogos paraolímpicos de Atenas, 2004, na sua vida o que representou no campo social, no campo afetivo, no financeiro, no familiar?

A4: Essa medalha pra mim é algo assim inesquecível, né. Eu não consigo nem descrever concretamente o que representou essa medalha pra mim. Eu acho que participar de uma competição como essa, uma competição paraolímpica, eu acho que é o auge de todo atleta, é o sonho de todo atleta. E pra mim não foi diferente. Eu já tinha participado de campeonatos mundiais, campeonatos nacionais vários, e mais algum campeonato internacional, mas o que eu realmente queria era ter participado de uma paraolimpíada. Então, graças a Deus, eu consegui atingir esse objetivo, né. Até porque, né, foi a primeira vez, em Atenas foi a primeira vez que o futebol teve a participação numa paraolimpíada. Até então não tinha o futebol para deficientes visuais. E até pra participação do futebol tiveram que mudar algumas coisas, mudaram regras, tiveram que fazer algumas adaptações pra que o futebol pudesse ser incluído. E além da medalha, uma coisa eu tenho comigo, que marcô muito a minha vida, o fato de ter feito o primeiro gol na história do futebol na paraolimpíada. Então, é uma coisa assim que pra mim é maravilhoso, né, que tá guardado aqui no meu coração como uma recordação maravilhosa, por ter feito o primeiro gol na história do futebol na paraolimpíada.

PESQUISADORA: Uma coisa que eu queria saber, por que você escolheu essa modalidade, por que o futebol?

A4: O futebol é como eu te falei, eu já gostava desde criança, né, e também tive o incentivo de vários amigos, que viam que eu levava jeito e tal, e fui me desenvolvendo e com o passar do tempo passei a jogar razoavelmente bem. E através também do elogio dos amigos, do incentivo, foi que eu decidi pelo futebol, porque na verdade eu comecei mesmo com o atletismo. Então, minha primeira participação numa competição foi com o atletismo, eu fazia prova de velocidade. Eu já gostava e eu acho que se eu continuasse eu teria me desenvolvido bem também. Na época, os professores já diziam que eu ia bem, que eu tinha bastante velocidade, mas não era uma coisa que eu consegui levá adiante. Quando apareceu o futebol eu acho que eu me identifiquei mais e acabei gostando bem mais do futebol.

PESQUISADORA: Atualmente, você tem alguma rotina como atleta? Hoje você está com um time?

A4: Eu estou com o time, né, mas como eu te falei, eu passei por uma cirurgia e fiquei muito tempo afastado, então tô voltando aos poucos. Mas eu já voltei a treinar.

PESQUISADORA: Como é essa rotina? Eu vejo assim, eu fiz natação, e o tempo, aquela rotina na água, vai de um lado, vai pra outro, faz chuva, faz sol. Como é a sua rotina? Quantos dias, quantas horas, que local, se você tem profissionais que te orientam, quem são? Que fatores ajudam, que fatores atrapalham, conta sobre o seu treino.

A4: É, no tempo que antecede uma competição, é claro, que a freqüência de treino aumenta um pouco. E quando ela é bem programada a gente tem o dia específico de condicionamento físico, e mais 2 ou 3 dias com bola. E o técnico dá a parte tática, a parte técnica, mas geralmente a gente tem o dia específico pra parte física. E quando passa a competição, daí é claro que a gente dá uma tranqüilizada, daí a gente começa a bate bola entre amigos, mas daí é uma, no máximo 2 vezes por semana, mas daí já tem compromisso. Mas geralmente no tempo que antecede uma competição, a freqüência é maior, a gente tem dias e horários já determinados pra esses tipos de treinos, parte física, parte tática e parte técnica.

PESQUISADORA: E na questão ao treino, tem algum fator que te desmotive, que te atrapalhe? Alguma coisa assim, por exemplo, a questão de transporte, adaptação, apoio da família, materiais ? O que favorece e o que atrapalha?

A4: Hoje em dia as coisas estão bem, tem melhorado um pouco. Eu acho assim, quando os treinos são mais retirados, então a própria associação dá o transporte pra nós, um veículo pra tá levando a gente. Quando é bem central, daí não, todo mundo já sabe o local direitinho, vai pra lá, treina e cada um vai pra sua casa, né. Então, só quando os lugares são bem retirados que o pessoal dá uma força ai no transporte.

PESQUISADORA: A4, como você vê a mídia no esporte adaptado, principalmente depois dos jogos de Atenas, ou durante e depois os jogos de Atenas?

A4: Hoje, eu acho que pro nosso esporte, assim, em geral, é extremamente importante. Claro que nós tivemos, assim, bastante dificuldade pra chegar onde chegou, na questão de divulgação. Porque é extremamente importante não só pra mostrá do que a gente é capaz, mas principalmente pra divulgá pras pessoas que não praticam. Porque é extremamente importante porque ainda existe muita gente nas suas casas, pessoas que não sabem da própria capacidade, que não sabem também que a pessoa portadora de deficiência pode desenvolver um esporte sem problema. Então, a mídia, nesse ponto, em termos de divulgação, ela é extremamente importante. Inclusive, até nas entrevistas que eu dava, tanto nos momentos que antecederam nossa ida pra Atenas, no momento que a gente tava lá e até depois mesmo, a gente acabô dando muita entrevista sobre a questão das pessoas participarem, que era a questão da divulgação, pra fazer com que pessoas lá de uma cidadezinha do interior pudessem saber que nós temos a nossa capacidade e podemos estar desenvolvendo o nosso esporte normalmente e podemos tá conquistando medalhas pro nosso país também.

PESQUISADORA: É uma das fortes razões e justificativas do meu trabalho.

A4: Exatamente, é muito importante!

PESQUISADORA: Começamos a divulgar através da experiência de vocês que é possível o caminho, até depois eu pergunto mais pra você. Então eu acho muito importante mesmo, não só mas também pra outras pessoas que não tem as necessidades especiais, que elas também saibam que isso é possível.

A4: Exatamente, exatamente. É porque às vezes não atinge a pessoa com deficiência, mas a mídia pode tá atingindo os parentes dessas pessoas, e essas pessoas podem tá levando pra esses parentes deles, que tem alguma deficiência, tanto o valor, como a capacidade e eles mesmo tem e podem praticar um esporte, se desenvolver e futuramente tá conseguindo medalhas. Isso é muito importante porque hoje em dia ainda existem muitas pessoas que ainda não sabem e a mídia ajuda exatamente essas pessoas.

PESQUISADORA: Queria saber se você pensa, em razão do seu sucesso, ou já pensou, em algum projeto social ou participa de algum grupo de discussões, ou algo semelhante.

A4: Não, ultimamente eu não tenho participado não, mas eu tenho planos. Até falei com a minha esposa, de a gente montar aqui em Curitiba e lá inclusive onde meus pais moram...

PESQUISADORA: Aqui no Paraná mesmo?

A4: Aqui no Paraná mesmo. E fazer um trabalho específico em relação a isso, tanto de divulgação e um pouco de prática esportiva. E quem sabe tá formando ai novos atletas, né, e incentivando também. Então, eu tenho esse objetivo.

PESQUISADORA: Ótimo, porque vocês têm uma experiência, uma bagagem, uma garra, principalmente porque vocês abriram o caminho, vocês estão abrindo o caminho para os que estão chegando, e é uma forma de estimular mesmo, né.

A4: É verdade, é verdade. E até logo que eu voltei de Atenas, eu andei indo em várias escolas dando entrevista e falando, principalmente dessa divulgação que é necessária.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A4: Eu acho que em primeiro lugar você tem que tentar procurar, na sua cidade, uma associação voltada pro esporte pra deficientes. Se, porventura, nessa cidade não tiver, porque geralmente tem uma filial da APAE, né, então eles podem tá indicando outras cidades que possam ter uma associação que trabalha especificamente com o esporte. E se não tiver nessa cidade uma associação específica, pode tá procurando também o pessoal da APAE porque às vezes não tem uma associação que trabalha só com isso, mas o pessoal da

APAE também tem essa iniciativa. Eles, geralmente, os professores são orientados pra essa fase inicial. E daí é como eu falei, se por acaso na cidade não tiver, professores ali mesmo vão tá orientando uma cidade mais próxima que trabalhe especificamente com o esporte. E a partir disso, depende muito mais da vontade própria, né.

PESQUISADORA: Daí vai da garra de cada um, né!

A4: Da garra de cada um, exatamente!

PESQUISADORA: Perseverança e tudo o mais.

A4: Hoje em dia existe essa facilidade, né, as portas estão abertas. E com a mídia ajudando também, tá se tornando mais fácil e depende da gente ir atrás e poder começar a prática de esporte.

PESQUISADORA: Você sabe que eu tenho um irmão especial? meu irmão teve anoxia no parto, ele teve, acarretou numa deficiência mental, né. Ele não tem toda independência, é um menino de ouro, xodó da nossa casa, mas nunca vai se tornar uma pessoa independente, né, sempre vai ser assim, em algumas vezes, um criação. E ele é maravilhoso!

A4: Poxa vida, que coisa boa! Cê sabe que isso é bom, porque às vezes acontece de que as pessoas tomam um tipo de iniciativa, até mesmo de uma coisa que elas vêem, uma forma mais fácil, e elas vão na luta mesmo pra poder ou ajudar ou então tá criando outra forma de desenvolver alguma coisa que facilite a vida daquela pessoa. Isso é tão importante, tua vida é muito bonita, viu! Isso é bem louvável mesmo, a disponibilidade das pessoas. E esse trabalho que você faz é muito importante, essa questão de divulgação é uma, eu tenho certeza que nós vamos chegar numa época ainda onde todos, até esse pessoal do interior ai, vai tá praticando, vai tá formando muitos outros atletas e até o nosso país vai ser levado ainda muito mais, né. Futuramente eu tenho certeza disso!

PESQUISADORA: É porque quando eu fiz o mestrado, foi na área da inclusão, a questão da Educação Física nas escolas. E quando eu vi as paraolimpíadas, aquele sucesso, uma coisa assim tão, meu Deus, como é que esse pessoal chegou até lá? Eu fiquei intrigada, eu queria saber da vida de vocês, o que vocês passaram pra chegar, enfim, e uma forma de modelo pra que outras pessoas tenham essa perseverança que vocês tem ou que te deram, né. Então isso é importante pra que a gente cada vez mais mostre pra sociedade.

A4: E todo atleta tem a sua história, né. E no início, os meus pais também eram de cidade extremamente pequena, moravam no sítio, né, e na época era um candidato, era um político que estava passando na região fazendo campanha, e a gente morava num lugar bem retirado mesmo, bem difícil mesmo, né, questão assim de 40, 50km de cidades um pouquinho maiores. Daí ele passou lá, e falou com meu pai e meu pai falô pra ele que eu era cego, que eu não enxergava e ele prometeu pro meu pai que se ele ganhasse ele ia voltá e ajudá meu pai a me trazer pra Curitiba, pra uma escola. E foi exatamente o que aconteceu. Ele ganhô naquela região e um dia, sem mais, sem menos a gente espera ele apareceu por lá e falo pro meu pai: “eu vim cumprí o que eu prometi”. E foi ele quem me encaminhô pra Curitiba. E ai foi a iniciativa da minha trajetória.

PESQUISADORA: Apoio: atualmente, você recebe apoio financeiro? De onde?

A4: Bom, logo depois que eu cheguei de Atenas, tinha um projeto, né, do governo, acho que você já deve conhecer, que é o bolsa-atleta, e um pouquinho depois de Atenas veio a concretizá. Então, tem um tempo, né, contrato determinado, e a cada ano você vai renovando e tem um tempo até na próxima paraolimpíada, no caso.

PESQUISADORA: Desde que você entrou na seleção, como é que foi essa questão do apoio financeiro? Já vinha antes de Atenas ou foi somente depois da medalha de ouro?

A4: No início, quando eu entrei pra seleção, a rotatividade era muito grande, né, inclusive pra confederação praticamente não tinha apoio nenhum, o pessoal trabalhava muito com a questão do patrocínio, corria atrás de quem queria patrociná, né, as nossas viagens a nível nacional como a nível internacional. Era muito mais através de patrocínios. Ai tempos depois que o governo começou a distribuir lá uma verba, que ajudava essa confederação e a confederação repassava pros atletas e foi a partir disso que começou o apoio financeiro pra nós, facilitô bastante a nossa vida, a prática esportiva.

PESQUISADORA: Então tinham alguns patrocinadores que davam dinheiro pra federação, que repassava pros atletas, até surgir o bolsa-atleta.

A4: Exatamente, até surgir o bolsa-atleta que veio dar um apoio bastante grande pra gente.

PESQUISADORA: E o apoio familiar? Como foi o apoio familiar na sua vida, na sua carreira?

A4: Foi maravilhoso, né. A família incentivô e sempre incentiva, tá sempre dando uma força, “vai mesmo, você tem capacidade”. E é a palavra essencial nas nossas vidas, né. Ela é essencial, o apoio, o fato de você dizer: “vai que você consegue”, isso é maravilhoso, te dá uma força muito grande e é uma coisa que te lança pra você atingir seus objetivos.

PESQUISADORA: Você acha que tinha alguma dificuldade antes de Atenas que hoje você não tem mais?

A4: Você diz em relação ao futebol?

PESQUISADORA: A você, ao futebol, ou financeiro, ou familiar, ou enfim…

A4: É claro que, em termos financeiros, a partir do bolsa-atleta ajudou muito. Com certeza isso ai não se pode negar. Um projeto maravilhoso que o governo montou, e sem dúvida foi um marco tanto pra ajudar como pra auxiliar no desenvolvimento. Então, eu tenho que agradecer muito mesmo esse incentivo do governo e eu tenho certeza que se continuar vários outros atletas vão poder tá se desenvolvendo como tá conquistando também medalhas, não só no nosso caso como no olímpico também. Isso é maravilhoso! É a verdadeira cultura, né!

PESQUISADORA: A4, você se sente realizado? Tem algum sonho, quer algo a mais?

A4: Eu tenho, eu acho que eu tive assim uma fase muito boa na minha vida praticando esse esporte, jogando futebol que é a minha modalidade, e eu tenho um sonho sim, de comandá. Eu acho que agora é quero passar um pouco da minha experiência, né, e como eu te falei, eu tenho planos de ir pro interior, de fazer alguma coisa, montar uma associação exclusivamente esportiva, né, voltada pro esporte. Não pra montá uma equipe de futebol, mas pra tá incentivando os iniciantes. Isso pra qualquer modalidade, não só pro futebol.

PESQUISADORA: E a aposentadoria, você pensa? *(risos)*

A4: É uma questão de tempo, acredito que com o futuro a gente vai aguardá, né.

PESQUISADORA: Bom, a contribuição que você tem, enquanto atleta, pra sociedade é esse projeto então, né?

A4: Exatamente.

PESQUISADORA: Para o ser humano, para o esporte.

A4: Exatamente. Tem esse projeto e, se Deus quiser, um dia eu vou poder botar em prática pra tá ajudando outras pessoas.

PESQUISADORA: A4, você gostaria de comentar alguma coisa?

A4: Não, só que eu gostaria de dizer que a mídia continue dando essa força, né, porque nós tivemos muita dificuldade pra ter essa força da mídia. Então, que a mídia continue ajudando, divulgando, cada vez mais, cada vez mais mesmo, pra de repente tá atingindo outras pessoas, ajudando outras famílias e só realizando outros sonhos aí e que nós continuemos nos desenvolvendo, praticando e conquistando mais medalhas olímpicas.

PESQUISADORA: Que bom! Olha, muito obrigada, eu agradeço mais uma vez sua generosidade em me receber aqui.

Entrevista
A5

PESQUISADORA: Idade.

A5: 27.

PESQUISADORA: Ocupação?

A5: Sou funcionário público do Estado.

PESQUISADORA: Ah, é? De São Paulo?

A5: Daqui do Rio.

PESQUISADORA: Grau de escolaridade?

A5: Superior completo.

PESQUISADORA: Você se formou em que?

A5: Analista de sistemas.

PESQUISADORA: Ah é? Jóia. Fala um pouquinho do seu histórico da deficiência. Como é que foi?

A5: Ah, eu nasci com glaucoma congênito.

PESQUISADORA: Glaucoma congênito. A parte sua de medalhas a gente vê da internet (*A5: hã? O que?).* Da internet. (*A5: Ah! Isso aí tem.*). Então, na verdade o meu trabalho é mais voltado para como foi a sua infância, brincava, brincava do que?

A5: Ah, eu estudei no colégio pra pessoas com deficiência visual, né. Então na realidade eu tive uma infância normal dentro de uma escola que procura atender esse tipo de pessoas. Então a gente brincava com as pessoas, nessa escola, também com a mesma deficiência que eu, e fora de casa, quer dizer, perto de casa, a gente brincava com meus amigos de lá e por eles terem crescido comigo, né, inicialmente eles nem sabiam que eu tinha deficiência, entendeu?

PESQUISADORA: Você sentiu alguma vez algum tipo de preconceito quando você brincava na rua ou em algum outro lugar?

A5: Ah, o tempo inteiro, né. Porque por mais que a criança não tenha maldade, mas ela solta as coisas. Então, aquela coisa de "Não, coloca ele como café-com-leite", então isso pra mim já é um preconceito.

PESQUISADORA: E a sua reação?

A5: Ah, na realidade, assim, eu não gostava tanto mas pra brincá a gente acabava aceitando porque a gente sabia que de fato a gente tinha, a gente não tinha as mesmas condições.

PESQUISADORA: Até quando você estudou na escola especializada?

A5: Eu fiz o meu primeiro grau inteiro.

PESQUISADORA: E depois?

A5: Depois eu fui pra uma escola pública, normal, onde eu fiz segundo grau e faculdade.

PESQUISADORA: E você tinha aula de Educação Física? Na especializada tinha? E era tranqüilo?

A5: Na especializada tinha. Na outra, na estadual, normalmente os professores queriam sempre me passar trabalho, uns trabalhinhos. "Não, faz um trabalhinho sobre vôlei", "Faz um trabalhinho sobre.." (*PESQUISADORA: Estava dispensado?*). É, então.

PESQUISADORA: Você nem participava?

A5: Normalmente sim, mas no meu primeiro ano eu até participei, eu pedi pra participar, eu participei.

PESQUISADORA: Porque você quis também, né?

A5: Isso. Agora no meu segundo ano eu não participei porque, porque as aulas eram no sábado e eu não queria perde tempo saindo de casa no sábado. Era melhor ser dispensado.

PESQUISADORA: E nessa, quando você pedia para participar, que tipo de atividades tinham?

A5: Ah, eu fiz de tudo, viu. Futebol com bola envolvida em saco plástico, fiz handebol com bola envolvida em saco plástico, onde a bola podia, na minha mão podia quicar, podia fazer tudo. Eu pudia sair conduzindo a bola, quase futebol americano. Fiz alongamento, tudo essas coisas eu fazia. Só essas coisas de vôlei, basquete que não...

PESQUISADORA: Porque você fazia, mas não pelo estímulo do professor, né?

A5: Não , não, eu que pedia.

PESQUISADORA: Você acha que a Educação Física, na escola, hein, contribuiu pro seu sucesso esportivo?

A5: Com certeza. (*PESQUISADORA: Por quê?*). Não, esportivo, mas pessoal inclusive. Porque a Educação Física pra pessoa com deficiência, ela te dá, ela te faz conhecer os

limites do seu corpo, te faz ganhar confiança, te faz ter mais desenvoltura, te possibilita se proteger. Então eu acho que, na realidade, assim, existem uma série de ganhos que a gente não só traz pro esporte, mas traz também pra vida pessoal. Ao andar na rua, por ter feito uma atividade física, a gente tem aquela capacidade de se proteger, a desenvoltura pra andar com mais tranqüilidade, com mais, mais mole, né, não aquela coisa dura, parecendo um robô.

PESQUISADORA: Em todas as escolas que você estudou, você tinha o esporte?

A5: Não, na realidade, como eu falei, só estudei em uma escola especial, que foi no Instituto Benjamin Constant, aqui na Urca, aqui no Rio, e no segundo grau onde aconteceu isso que eu já te falei.

PESQUISADORA: Em que momento da sua vida você decidiu que queria praticar o desporto adaptado? Como é que aconteceu isso?

A5: Na verdade eu não decidi, né. Por a gente fazer Educação Física na escola especial, então a gente convivia com o desporto semanalmente, 2, 3 vezes por semana. E eu sempre gostei de futebol, então na realidade, a questão de eu sair da Educação Física pra uma atividade mais supervisionada de Educação Física foi realmente um passo bem curto, né. Eu já estava na beira já.

PESQUISADORA: Você já começou pelo futebol ou tiveram outras modalidades?

A5: Ah, eu fiz outras modalidades. Fiz atletismo, fiz goalboal que é uma atividade voltada pra deficientes visuais também. E aí, eu fiquei no futebol mesmo.

PESQUISADORA: Porque era o que você mais gostava?

A5: Porque é o que eu gosto, né.

PESQUISADORA: Quem que te chamou pra seleção? Como é que foi o primeiro dia? Quem te deu a notícia?

A5: Na realidade, minha primeira convocação pra seleção foi de um professor, que hoje ele é professor do Benjamin Constant, na época ele também era, o professor Ramon Pereira que foi o primeiro técnico da seleção brasileira, em 1997. Eu tinha 16 anos nessa época e foi ele quem fez a primeira convocação minha. Então ele me deu a notícia um dia que a gente tava treinando, “Oh, treina forte que eu vô te convocá, vai saí no início do ano que vem e eu vô te convocá e você tem que...”. Mas também foi isso, não teve grande...

PESQUISADORA: Qual foi o ano que você entrou na seleção brasileira?

A5:: 1997, foi a minha primeira convocação.

PESQUISADORA: O que representou a medalha de ouro nos jogos paraolímpicos de Atenas? Campo social, afetivo, financeiro, familiar, amor, namorada? Mudou alguma coisa?

A5: Não, pra mim na realidade assim, a representação foi bem pequena frente aquilo que ela representou pro movimento em si, né. Óbvio que pra mim foi importante, principalmente por eu ter alcançado um sonho, uma vontade de estar numa paraolimpíada. Então a conquista da medalha foi a concretização daquele sonho maior. Mas eu acho que foi muito mais importante para o movimento paraolímpico, pro futebol de cegos do que pra mim. Acho que a gente ganhou muito mais respeito, muito mais visibilidade na mídia, e isso não foi por mim, né, foi por toda a equipe, todos que participaram, né.

PESQUISADORA: Até antes da, eu sei que depois da conquista do ouro, depois de Atenas, vocês tiveram o bolsa-atleta, você tem também, né? (*A5: Eu tenho*.). Antes disso, você tinha algum apoio financeiro?

A5: Não, na realidade eu sempre trabalhei, né. Então, assim, o bolsa-atleta obviamente que me acrescenta, acrescenta e muito, mas ele não é a única renda que eu tenho e nem poderia ser. Agora, antes disso a gente não tinha nenhum recurso, né. Com certeza o fato de termos ganhado a bolsa-atleta foi importante, mas é aquilo como eu tava te falando, acho que não foi a nossa medalha de ouro que iniciou, que garantiu o bolsa-atleta. O bolsa-atleta já tava bem antes, tanto que independente de ter ganho medalha, todos os que foram em Atenas tão ganhando o bolsa-atleta, no mesmo valor da gente que ganhô medalha de ouro. Então, assim, a medalha de outro realmente valeu mais pro movimento do que realmente pra nós, pessoalmente. Pelo menos eu penso dessa forma.

PESQUISADORA: Queria que você comentasse comigo o treinamento seu. Como é que é o dia-a-dia de um atleta? Quantos dias da semana, quantas horas?

A5: Isso é complicado, porque eu não sou exatamente um atleta (*PESQUISADORA: Você não treina? Como que é a tua rotina então?*). Então, eu treino bem cedo, eu treino das 7 as 10 da manhã. (*PESQUISADORA: Aqui mesmo no Rio, né! Certo!*). Depois eu fico no meu trabalho, onde eu fico até as 7 da noite, 8 da noite. Então, na realidade assim, eu não tenho aquele tempo, aquela carga de treinamento que todo atleta deveria ter. (*PESQUISADORA: Entendi.).* É pra mim uma carga muito pesada, porque eu já chego no meu trabalho cansado, sabe, aquela vontade de dar uma descansada, mas não, tem que agüentar mais 8 horas ali. E assim vai seguindo, a gente vai indo até quando dá.

PESQUISADORA: Você tem algum fator, assim, que você acha que favoreça seu treino, ou que atrapalhe seu treino?

A5: Olha, vou te dizer que o meu trabalho atrapalha o meu treino. Agora eu te digo que a, eu acho que assim, que a minha força de vontade, minha paixão pelo futebol é que me favorece, porque qualquer outra pessoa nas mesmas condições que eu estou já tinha, sabe, pedido aposentadoria da seleção e seguido pra uma vida profissional que é de fato aquilo que eu acho que é mais importante pra gente. Porque pós-atleta, pós-bolsa-atleta, é, infelizmente a gente não sabe, né. Infelizmente, a gente não sabe quantas pessoas, quantos

atletas vão continuar vivendo. Hoje a política de esporte paraolímpico no Brasil é uma política extremamente problemática nesse sentido, porque a gente tem hoje atletas ganhando fortunas muito grandes mas a gente não sabe se esse atletas estão fazendo as devidas precauções financeiras pra se manter pós-vida atlética.

PESQUISADORA: As viagens, quando vocês fazem tem boas condições de estada?

A5: Então, em nível de seleção, normalmente sim.

PESQUISADORA: Que você acha do papel da mídia, a partir de Atenas, né, você acha que ela aumentou por causa do número de medalhas, que ela já vinha aumentando? Ou só na época de jogos?

A5: Não, de fato, a mídia até aumentô devido a resultados, com certeza. Agora, de fato, é uma mídia muito, assim, muito temporal. Realmente, ela tá muito com a gente quando tem competições importantes, como para-pan, paraolimpíada. Fora isso a gente não tem a, nem de perto, o mesmo reconhecimento, as mesmas condições de status que a gente tem nesses períodos de competições.

PESQUISADORA: Você ficou famoso, né, com a (*A5: Com Atenas*). Então, você acha que não ficou difícil o acesso de pessoas, aquela questão de amigos, oportunistas, você não teve esse tipo de problema com a fama?

A5: Olha, eu vou ser bem sincero, na realidade eu acho que não. Porque primeiro eu acho que a primeira grande coisa a ser corrigida é que a gente não ficou tão famoso assim, né. A gente, obviamente, que teve muitas pessoas que passaram a conhecer a gente e coisa e tal, mas eu pelo menos não tive esse assédio de novos amigos, não. Muito pelo contrário. Acho que os meus amigos, que eram antes, a gente continua amigo, somei muitos amigos em virtude de faculdade, em virtude de trabalho mas não foi exatamente pela fama, pelo esporte.

PESQUISADORA: Tem razão, mas na verdade tem um sucesso, né. Você já pensou em algum projeto social, grupo de discussão sobre deficiente?

A5: Então, na realidade eu tenho uma vontade muito grande de poder contribuir e muito, nesse sentido inclusive, que eu tava falando pra senhora da questão até mesmo de conscientizar os atletas hoje do que vai ser a vida deles depois. Eu acho que infelizmente que a gente tem muitos atletas que hoje vivem do bolsa-atleta e acham que aquilo ali vai ser pra sempre. Mas não só isso, eu visito muitas escolas, eu vô em muitas escolas dá palestra, a gente conversa muito com as crianças, da necessidade de estudar, da necessidade de praticar um esporte, não somente pra ser um atleta, mas pra ocupar o espaço vazio e não se meter em outras coisas mais complicadas, né, de drogas e tudo o mais. Eu sempre fiz esse trabalho e ele muito me facilitou pós Atenas porque após Atenas você já vai realmente com um cartaz, né, "Poxa, esse aqui é o medalha de ouro em Atenas". Antigamente eu chegava lá como o A5, deficiente e atleta. Hoje não, hoje é o A5 atleta paraolímpico medalha de ouro, atleta para-panamericano medalha de ouro, entendeu? Tudo isso soma-se muito e acrescenta muito as pessoas. A gente chega lá tem uma imagem a mostra, "olha, isso aqui, a

gente chegô na paraolimpíada, você também pode, mas você também não pode se disfarçar no esporte". São os papos que a gente sempre tenta fazer. Eu, por mim, se eu realmente ganhasse bem mesmo, eu me dedicaria a criar um projeto social meu mesmo. Um projeto social que eu pudesse trabalhar não somente com pessoas com deficiência, mas também com outros, fazendo a inclusão, na área de crianças, reabilitação, eu gosto muito dessa área, é uma área que muito me agrada.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A5: Olha, eu acho que o melhor caminho é, infelizmente ainda é, procurar um centro que trabalhe exclusivamente com o desporto adaptado. Como no caso da ANDEFE, aqui no Rio, aqui em Niterói, o instituto Benjamin Constant.

PESQUISADORA: Por que você acha infelizmente?

A5: Porque na minha opinião eu acho que em todo lugar onde se pratica esporte, vilas olímpicas, deveria atender todas as deficiências, não só atletas com deficiência, mas sem deficiência também, da mesma forma. Então deveriam estar qualificadas pra atender esse tipo de atleta. Infelizmente isso não acontece, por isso que eu acho que, infelizmente, o melhor lugar ainda é nesses centros. E isso é muito triste porque às vezes você acaba tendo que se deslocar 2, 3 horas de ônibus, pra praticar o esporte e isso é uma das coisas que acaba inviabilizando a prática do esporte, né, por pessoas com deficiência. Se você procurar um centro que trabalhe com a sua deficiência, é distante, é trânsito, então tudo isso atrapalha muito.

PESQUISADORA: Bom, deixa eu ver aqui, foi o financeiro, família...Você se sente realizado? Tem algo mais? Tem algum sonho?

A5: Ah, eu sempre tenho sonho, cara, se eu parar de sonhar eu paro de viver. Para mim superô um, alcançou um, busca o outro, alcançô o outro vai buscando, porque senão não tem lógica. A vida, você tem que continuar sonhando e conquistando.

PESQUISADORA: Você falou que vai, se aposentando, vai continuar investindo na sua carreira, né, no seu trabalho. Qual contribuição sua, de atleta pra ser humano e pro esporte, que você quer deixar?

A5: Na realidade assim o que a gente passa muito pro pessoal que treina com a gente é a questão da gente usar o esporte pra gente formar sempre muitos amigos, né. Porque são, de fato, os amigos que vão, na hora que a gente mais precisar, vão ser eles que vão nos ajudar. Então eu sempre falo isso pro pessoal que não adianta você considerar o seu adversário dentro de quadra um inimigo seu porque, na realidade, hoje você joga contra e amanhã você pode estar junto com ele numa seleção ou então você pode precisar dele para alguma coisa, pra um deslocamento na cidade onde ele mora. Então para mim eu acho que o

importante é sempre estar somando o máximo de amigos possível. Isso que eu tento passar para o pessoal é a questão da amizade, a questão da união, a questão de você fixar sua vida não somente no seu ponto esportivo, mas buscar também as outras vertentes da vida na questão profissional, na questão educacional para aqueles que não estudaram, que não tiveram oportunidade ou não quiseram continuar os estudos por outros motivos.

PESQUISADORA: Quer comentar alguma coisa?

A5: Não, acho que falei demais já.

Entrevista
A6

A6: ... doutorado de?

PESQUISADORA: No desporto adaptado. Eu vou falar sobre a trajetória dos atletas paraolímpicos que foram medalhistas ouro de Atenas. Então eu vou ver entre vocês o que existe em comum na trajetória de todos atletas e o que tem de diferente na construção dessa entrada do desporto na vida de vocês, entendeu? Então, hoje eu tô aqui com você, eu já entrevistei um, vou entrevistar outro, quase todos os que foram medalhistas ouro. Podemos... Vamos lá.

PESQUISADORA: Idade?

A6: 30.

PESQUISADORA: Ocupações?

A6: Sou advogado.

PESQUISADORA: Você é advogado?

A6: Sou.

PESQUISADORA: Que delícia! Era próxima faculdade que eu queria fazer. Fala para mim, nos aspectos relacionados à sua deficiência, fala um pouquinho do histórico da sua deficiência.

A6: Eu nasci cego, depois de quatro cirurgias voltei a enxergar, é, parcialmente. Logo depois por um problema de um deslocamento de retina que não existe explicação médica perdi a visão totalmente e aí desde os 13 anos que eu sou cego.

PESQUISADORA: Bom, a parte toda do sucesso seu, né, a gente vê lá na internet, tem foto de vocês, tem tudo sobre os jogos que vocês participaram. Na verdade, o meu trabalho vem para resgatar um pouquinho do atleta gente, do atleta antes, até chegar ao sucesso. Assim, a gente conhecendo o atleta ouro de hoje e todo seu sucesso, eu queria saber um pouco do teu passado, o atleta A6, o gente A6, né, como foi a sua infância? Você brincava? Com o quê?

A6: Brincava, sempre tive um convívio social muito bom, e principalmente o futebol. Desde quando pequeno, até hoje eu me lembro, eu sempre gostei, sempre quis jogar futebol.

PESQUISADORA: Basicamente, é, por exemplo, você tinha, chegou a ter algum problema de preconceito, discriminação no bairro?

A6: Isso todos nós temos, acredito, né. Muitas coisas inclusive a gente não percebe. São preconceitos um tanto velados, mas de toda forma eu acho que eu superei bem, preconceito

eu acho que não é produto da maldade ou da intenção, mas sim, na maior parte das vezes, desconhecimento, né. Então eu acho que o preconceito a gente sempre enfrentou e sempre vai enfrentar e eu acho que a principal lição que a gente pode tirar do preconceito é a lição e é o objetivo de poder orientar e poder passar conhecimento pras pessoas para que outras, outros cegos não venham a sofrer o que a gente já sofreu.

PESQUISADORA: Você, na escola, você se lembra de você na escola?

A6: Sim, me lembro.

PESQUISADORA: Mas você tinha aula de Educação Física?

A6: Tinha, tinha e invariavelmente eu faltava.

PESQUISADORA: *(risos)* E me conta um pouco como era essa sua Educação Física na escola, sua participação.

A6: Na realidade, eu estudei num colégio chamado Padre Chico grande parte do meu ensino fundamental. É uma escola exclusivamente para pessoas cegas.

PESQUISADORA: Ah, é uma escola especial.

A6: Infelizmente, eu tinha lá vários professores que tinham uma noção e enfim que eram profundos conhecedores do trabalho com cegos, mas não tinha futebol e eu não gostava muito de participar.

PESQUISADORA: E do pouco, vamos dizer, do que você participava, você participava por você ou pelo estímulo de professor?

A6: Não, por mim.

PESQUISADORA: Por você. Na escola, bom como você foi da especial, mas enfim, teve algum problema de preconceito?

A6: Não, não, não.

PESQUISADORA: Nenhum?

A6: Não.

PESQUISADORA: E quando você tinha algum problema, como é que você reagia?

A6: Que tipo de problema?

PESQUISADORA: Quando você falou que ...

A6: Às vezes eu dava porrada.

PESQUISADORA: Ah tá, já entendi. *(risos).*

A6: Não tem o que falar, às vezes dava porrada, às vezes chorava. Se a pessoa fosse mais forte chorava, se fosse mais fraca dava porrada ou às vezes apanhava, dependendo do tamanho do problema, então...

PESQUISADORA: É, no caso aqui seria mais assim, alguma forma de preconceito, eu tô perguntando isso, por exemplo, porque eu tenho um irmão que teve anoxia no parto e ele tem deficiência mental e eu tive muito problema com ele de preconceito. Eu sempre ficava brava, né, as pessoas tiravam sarro dele, normalmente era na piscina e eu queria afogar, mas tudo bem. *(risos).* É por isso que tô te perguntando. É, você acha que a Educação Física na escola contribuiu pro seu sucesso esportivo?

A6: Bom, assim, assim não acho que foi tanto não, mas acho que contribuiu sim.

PESQUISADORA: Por quê?

A6: Por que contribuiu?

PESQUISADORA: Isso, o que você acha que ela pôde contribuir?

A6: A Educação Física na escola para mim contribuiu muito mais numa questão de postura, porque eu realmente contribui diretamente com o futebol. Porque o futebol eu sempre gostei de fazer porque, na realidade, o futebol que sempre me levava para Educação Física, era o contrário. Depois que eu fui para Educação Física aí contribuiu porque ali os professores me orientavam e tudo, né, basicamente foi isso.

PESQUISADORA: Em que momento exato você decidiu na sua vida que queria praticar o desporto adaptado?

A6: A partir do momento que eu soube que existia, o dia que eu fiquei sabendo que eu podia jogar bola o meu maior objetivo era jogar bola.

PESQUISADORA: Isso é uma coisa que preciso saber, como você soube disso, por quê?

A6: Foi, exatamente, eu perdi a visão foi muito difícil para mim. Eu perdi a auto-estima, eu perdi a vontade de viver, foi uma fase terrível. Foi quando eu fui para o instituto Padre Chico, conhecendo a escola, eu estava conhecendo as dependências colégio foi quando eu ouvi um barulho de um monte de pessoas brincando e tal e eu perguntei o que era aquilo e me disseram que era futebol e eu questionei "Mas não é escola de cego?" e me disseram: "Sim, são eles que estão jogando futebol". E a partir daí eu soube que era possível, resgatei minha auto-estima isso influenciou em todos os lados da minha vida acadêmica, profissional.

PESQUISADORA: Percebe-se que pela sua forma de ser que você é super bem resolvido. Você já chegou a fazer outras modalidades?

A6: Já, já fiz goalboal, já corri, já treinei judô quando eu tinha tempo, isso muito tempo atrás.

PESQUISADORA: Mas aí resolveu ficar só com o futebol?

A6: Não, o futebol eu comecei porque eu quis, porque eu gostei, fazia as outras porque tinha lá no clube e eu não tinha nada para treinar, faltavam pessoas eu entrava. É no goalboal até eu cheguei ser convocado para seleção brasileira, mas aí...

PESQUISADORA: Por que parou?

A6: Porque aí chegou um momento que não tem como conciliar o trabalho, a faculdade, porque eu trabalho desde os 14 anos, então trabalho com escola e com treinamento. Então só com o futebol já ficou difícil, aí não deu para fazer mais absolutamente nada a nível de outras modalidades.

PESQUISADORA: Quem que te chamou para a seleção, como é que foi o primeiro dia?

A6: Foi o primeiro campeonato que eu participei, na verdade, como titular, que eu joguei e aí...

PESQUISADORA: Como é que você soube dessa notícia? Quem te deu?

A6: Então, na verdade foi o seguinte, foi o presidente da confederação que chegou para mim e me disse: "Olha, A6, você foi convocado para a seleção de futebol e de goalboal". Eu já fui para as duas seleções convocado, ao mesmo tempo, conseqüentemente na primeira competição que eu disputava pelas duas, e aí eu tive que optar e obviamente que eu optei pelo futebol.

PESQUISADORA: O que representou a medalha de ouro nos jogos paraolímpicos de Atenas 2004 na sua vida?

A6: Representou muita coisa.

PESQUISADORA: No campo afetivo, financeiro...

A6: Na verdade representou muita coisa, principalmente, é, representou o reconhecimento de um trabalho porque na verdade eu jogo futebol desde 1992, tem 16 anos e o futebol só passou a ser paraolímpico no ano de 2004. Então foram 12 anos de luta, de reivindicação, de nós que somos atletas. Um grande sonho nosso era de transformar o futebol de salão num esporte paraolímpico e nós reivindicamos, nós questionávamos a coordenação. Enfim, nós fizemos o que estava ao nosso alcance para buscar esse reconhecimento do comitê paraolímpico internacional para a nossa modalidade. Então, o reconhecimento pelo trabalho, pela luta, depois o reconhecimento de todo um esforço, que não foi fácil, pra chegar a ganhar uma medalha de ouro que é o prêmio mais cobiçado do mundo em toda e qualquer modalidade, é, isso exigiu um esforço bastante grande. Então foi um

reconhecimento também por isso, foi extremamente gratificante por poder levar o nome do país ao local mais alto do pódio até porque foi a primeira medalha de ouro paraolímpica em esportes, em modalidades coletivas e a primeira medalha de ouro em qualquer tipo de modalidade de futebol participando de jogos olímpicos e paraolímpicos. Então foi uma medalha extremamente importante, extremamente significativa, representativa e o reconhecimento de tudo isso que eu pude dizer.

PESQUISADORA: E sua família nesse sucesso?

A6: A minha família sempre teve ao meu lado, sempre me deu total autonomia e liberdade, exceto no começo que, para sair sozinho, eu acabei tendo que fugir de casa porque jamais minha mãe poderia imaginar um cego andando sozinho. Então com 14 anos eu fugi de casa para jogar bola.

PESQUISADORA: E aí?

A6: E aí cheguei em casa tinha dois carros de polícia, todos os vizinhos na rua *(risos)* e minha mãe desesperada. Mas, enfim, se eu não fosse, certamente não teria participado do primeiro campeonato brasileiro que eu participei e que claro contribuiu de forma decisiva para minha primeira convocação e lógico que para minha trajetória, né. E eu acredito que se eu não tivesse fugido na época eu teria, por muito tempo, me privado do meu próprio desenvolvimento. Então eu acredito que para mim tenha sido bastante importante essa situação, e lógico que na época foi bastante constrangedor, eu cheguei já tinha gente no meio da rua. "Ah, meu irmão chegou!", foi aquela gritaria: "Onde você tava, onde você tava". Na realidade minha mãe não sabia nem que eu tinha bengala, bengala é uma coisa que a gente usa para se locomover e o que eu fiz, eu levava o dinheiro pra compra lanche no colégio, eu guardei esse dinheiro por alguns meses e comprei escondido da minha mãe a bengala que, claro, permaneceu escondida dela até o dia que eu sai escondido. *(risos).*

PESQUISADORA: Terrível você, hein, e o campo financeiro?

A6: Financeiramente não...

PESQUISADORA: Porque, antes de Atenas, você tinha algum apoio?

A6: Não, nenhum, nenhum, nenhum. Na verdade o único apoio financeiro que nós tivemos foi a partir da instituição da bolsa-atleta que é o apoio do governo federal, um incentivo do governo federal, um custo mensal de 2500 reais para todos jogadores que foram para paraolimpíada independente de medalha. É claro que foi importante, mas obviamente que não garante o sustento, não supri todas as necessidades da gente. Então precisa ter uma atividade paralela, por isso que você pode dizer que parte das pessoas aqui, dos jogadores, trabalham e até por necessidade disso.

PESQUISADORA: Você trabalha aonde, quando você não está jogando?

A6: Eu advogo.

PESQUISADORA: Ah tá, então você exerce a profissão, eu trabalho também numa Escola de Ministério Público.

A6: Ah, que legal.

PESQUISADORA: No Mato Grosso do Sul *(A6: Bacana!)*, como eu sou pedagoga também, a escola lá é de Promotores e Procuradores de Justiça e eu organizo cursos.

A6: É eles são meus algozes ai. Na verdade eu, *(risos,)* o Ministério Público tem vários deuses. Tive atrito várias vezes, com vários ...

PESQUISADORA: Bom, voltemos a modalidade, porque você escolheu o futebol?

A6: Porque eu sempre gostei desde que eu me lembro, até onde eu me lembro quando eu era criança, eu sempre gostei de futebol.

PESQUISADORA: Você pratica a 16 anos, é isso, a modalidade?

A6: Quando eu era criança eu lembro o tempo todo eu chutava bola, eu gostava de bola, meu sonho era jogar no São Paulo, um grande sonho meu, jogar na seleção brasileira.

PESQUISADORA: Conta para mim como que é a rotina do atleta, não é entediante não, tem hora? Faz chuva, faz sol, você tem que tá lá todo dia, tantas horas por dia?

A6: Principalmente o futebol, você vai entrevistar várias outras pessoas ainda, mas ela tem algumas peculiaridades, né. Por exemplo, tem muita gente que faz o trabalho que é atleta e dá o máximo de si, pra ela muitas vezes aquela competição é um sofrimento. Pra nós não, jogar futebol é uma alegria, você chega aqui, por exemplo, você vai lá no atletismo que o cara faz? Correr, correr, tanto faz, tem que fazer um tiro de 100 metros de todo jeito ele está correndo. Aqui não, aqui é diferente porque você chega aqui o cara fala: "Não, você vai fazer um condicionamento físico, faz com bola tem que botá a bola pra rolá" Por quê? Porque aqui tem criatividade. É lógico que você precisa dar o máximo de si como nas outras, tem que dar o máximo do seu corpo, tem que correr, a sua musculatura tem que dar o máximo de si, aqui a imaginação, a estratégia, a habilidade, cê entendeu? É uma série de fatores, então o futebol é um esporte diferenciado e isso leva os atletas a agüentarem muita carga de muito exercício físico e os profissionais que trabalham com a gente o professor Carlos pode falar, é claro, ele de forma muito competente consegue fazer com que a gente desenvolva essa parte de uma forma tranqüila, mas invariavelmente o atleta não gosta de como dizem colocá o melhor no centro e rolá ele para o lado, entendeu? Então, para nós é ainda mais complicado essa rotina sem dúvida nenhuma.

PESQUISADORA: Quando vocês não estão reunidos, que nem agora vocês estão treinando porque vem a para-olimpíada, mas no seu dia-a-dia, onde você treina?

A6: Ah, academia, pista ou em quadra.

PESQUISADORA: Quantos dias na semana?

A6: Depende, a gente varia demais porque eu trabalho também.

PESQUISADORA: E, e normalmente a seleção tem toda uma estrutura tem técnicos, tem os avaliadores, mas no seu treinamento, na sua cidade, quando não é época, assim, qualquer treinamento, tem orientação de outros profissionais?

A6: Tem, tem, tem que ter porque, por exemplo, se você vai correr numa pista não tem jeito de correr sozinho, numa quadra é mais difícil sempre tem alguém para apoiar.

PESQUISADORA: Fora técnico, tem algum outro tipo de profissional?

A6: Tem, por exemplo, quando vai fazer pista a gente tem os guias para correr junto porque não consegue sozinho.

PESQUISADORA: Nutricionista, psicólogo tem?

A6: Nutricionista, psicólogo, é. Alguns têm psiquiatra, depende da complexibilidade do problema.

PESQUISADORA: Tem algum fator que dificulta seus treinos?

A6: Eu agora até mudei de São Paulo um pouco pra conseguir treinar. Eu tava meio fora de forma porque não tava conseguindo treinar, minha rotina tava muito complicada das 6 da manhã até as 10 da noite trabalhando. Então eu tive que recuar um pouco aí, investir um pouco mais no futebol até porque eu não tenho muito mais tempo, já tô aí com as minhas últimas oportunidades de disputar um campeonato como a paraolimpíada. Então eu acabei abrindo mão de muita coisa profissional em São Paulo e fui embora para o Paraná para ter condições de treinar, mas lá também tava com uma rotina bem difícil com relação a questão do treinamento.

PESQUISADORA: Tem algum fator que você acha que facilita para você treinar?

A6: Tem, a vontade de estar aqui.

PESQUISADORA: As viagens, nas viagens, vocês quando viajam, as condições são boas, enfim porque às vezes quem tem dificuldade no deslocamento...

A6: Não, não, hoje isso melhorou bastante. Hoje as organizações já amparam a acessibilidade, já apresentam as condições mínimas de convivência e sobrevivência para as pessoas com deficiência, né. Então hoje a gente já tem estruturas melhores, a gente já tem maior reconhecimento por parte da sociedade até por imposições legais. Hoje, por exemplo, se você chegar em cidades evoluídas você tem elevadores com marcação em braile, com orientações sonoras, enfim, você tem toda essa estrutura obviamente proporcionada pelo desenvolvimento da sociedade.

PESQUISADORA: Olha, como você vê a situação jornal, mídia, televisão, rádio, enfim, você acha que isso aumentou por causa de Atenas, mudou alguma coisa?

A6: Eu acho que não mudou infelizmente, eu acho que, na realidade, a gente só tem o apoio da mídia quando nós temos aí competições como paraolimpíada ou algumas matérias provocadas, né. Na realidade, eu acho que imprensa é fundamental para a consolidação do nosso esporte. É, eu não tenho dúvida que o futebol de cegos além de um elemento de sociabilização, uma das maiores ferramentas de inclusão social, ele pode ser tranquilamente um produto, né, que pode ser tranquilamente trabalhado no mercado porque o que as empresas buscam e o que o mercado do marketing, ele busca, é exatamente a visibilidade do seu produto. E ficô mais que demonstrado na paraolimpíada de Atenas, o canal Sportv 2 transmitiu a integralidade dos jogos, 168 horas de transmissão, que ela registrou na época a segunda maior audiência de sua história, só perdendo para os jogos olímpicos. Então isso mostra que se mostrar as pessoas vêem e a nossa esperança, a nossa expectativa, é de uma maior massificação, de um reconhecimento por parte da sociedade civil e acho que isso só vem com o apoio da mídia que ainda é muito pequeno, muito apático, é muito tímido, só acontece quando tem grandes eventos, infelizmente.

PESQUISADORA: Na mídia, né, com relação a questão social, você acaba sendo mais conhecido, tendo mais fama, conhece mais pessoas. Principalmente depois de Atenas, o acesso das pessoas até você ficou mais difícil?

A6: Não, não, não, não cheguei nesse... se falar aí de Clodoaldo que tem uma visibilidade maior até que sim, mas para mim por exemplo não ficou não.

PESQUISADORA: Você sabe reconhecer, consegue reconhecer os verdadeiros amigos, os oportunistas?

A6: Não chegou oportunistas, ainda. No meu caso não. *(risos).*

PESQUISADORA: Não chegou a ter?

A6: Não, não.

PESQUISADORA: Você, em razão do seu sucesso, você já pensou em algum projeto social, algum grupo de discussão?

A6: Veja, eu trabalho, eu faço parte hoje da Associação Brasileira de Cegos que é uma instituição que trabalha em defesa dos direitos das pessoas com deficiência no Brasil, na União Americana de Cegos que também trabalha na mesma linha no continente latino-americano e eu sou do comitê, também, executivo da União Mundial de Cegos que ela trabalha na mesma situação mas em âmbito mundial, ela é ligada a ONU, e enfim eu, e na CBDC, na Confederação Brasileira de Desporto para Cegos, que é quem organiza as modalidades aqui no Brasil. Então eu trabalho já em algumas dessas organizações que eu te disse e aí o que acontece, com isso eu ainda não tenho condições e estrutura para pensar em um projeto próprio nesse sentido, mas eu acredito que sem dúvida um dia se eu tiver oportunidade...

PESQUISADORA: Como é que é, rapidinho, esse trabalho que você faz nesses lugares, é de discussão sobre a questão da deficiência?

A6: Então, no caso, umas delas são sobre execução de políticas como é o caso da CBDC, Confederação Brasileira de Desporto para Cegos, da própria União Latino-Americana de Cegos e a União Brasileira de Cegos que também trabalham nessa linha de execução de políticas que envolve a pessoa com deficiência e o trabalho da União Mundial que é uma entidade eminentemente política que trabalha apenas na propositura de políticas voltadas a pessoas com deficiência e obviamente na defesa dos direitos delas também. Então, na realidade, são duas características, né, duas naturezas de organização: uma de natureza de execução de políticas e o outro na propositura de políticas.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A6: Não entendi, você é uma deficiente?

PESQUISADORA: Concretamente, eu sou uma deficiente que quero praticar esporte, o que você diria?

A6: Bom, primeiro, a primeira coisa que você vai ter, claro, em você é a vontade e a certeza de que é possível, é a primeira questão, né, pra você ter convicção das suas atitudes. Depois buscar um clube, hoje em dia pesquisando na internet, claramente próximo a sua localidade, entre em contato com as confederações, então certamente você vai encontrar alternativas para iniciar a prática esportiva.

PESQUISADORA: Tá certo. Já estou acabando. Você se sente realizado, quer algo mais, tem algum sonho?

A6: Me sinto realizado, quero algo mais porque a realização eu acho que ela só vem quando ainda se tem objetivo. Na realidade, realização sem objetivo é estagnação, então, eu tenho objetivos sim. Eu quero ir para paraolimpíada, acredito que, como eu te disse, a minha última oportunidade de participação importante pela seleção brasileira.

PESQUISADORA: Aí você se aposenta?

A6: Aí eu me aposento e vou, certamente, me dedicar mais a questão funcional do meu trabalho, das minhas coisas, né. Tenho esse objetivo sim, agora de ter sucesso na vida profissional, felizmente as coisas caminham bem, e na realidade eu tenho vários sonhos, sonhos não faltam. Eu acho que é o que mais tem dentro do esporte principalmente é a consolidação da nossa modalidade. Eu acredito que existe merecimento, que existe qualidade, existem elementos que podem levar a essa consolidação, ao reconhecimento da sociedade, do mercado, do marketing, enfim, para que as pessoas possam se dedicar

exclusivamente ao esporte desde o princípio da sua prática, o que para mim infelizmente não foi possível, né. Então a gente já atingiu várias evoluções e essa consolidação eu acredito que certamente seja possível daqui a um tempo e eu espero tranquilamente ver e quem sabe até contribuir com isso um pouco mais do que o que a gente já conseguiu dentro de quadra, mas aí já fora de quadra.

PESQUISADORA: E o que você acha que seria a sua contribuição, você enquanto atleta, pro mundo, o mundo do ser humano e pro mundo esportivo?

A6: Como foi?

PESQUISADORA: Como, né, que você acha que você pode, como atleta, contribuir para o mundo do ser humano, como no mundo do esporte?

A6: Eu acho o esporte espelha um pouco o que acontece na sociedade, a forma de ser, o comportamento, tudo. Então eu acredito que eu competindo de forma leal, eu acho que a gente tem muito a fazer, por exemplo, no momento em que o atleta tem oportunidade de falar deve aproveitar para mostrar para as pessoas que o esporte não é simplesmente uma competição mas ele é muito mais do que isso. Ele é o reconhecimento de vitória, é o reconhecimento de derrota, ele é a sensação da vitória e isso reflete certamente na vida de cada um e cada um reflete aquilo que é dentro do campo de jogo. E eu acho que, acima de tudo, como cego pode evoluir e contribuir com nosso segmento principalmente mostrando, as pessoas cegas mostrando a sociedade que consegue e é plenamente capaz, que o cego pode produzir, que o cego pode tranquilamente exercer a sua cidadania e como qualquer outra pessoa ser feliz e conviver de uma forma muito natural no seu meio social.

PESQUISADORA: A6, o coração tem dono? É casado?

A6: Não, sou solteiro, não tem dono. *(risos).*

PESQUISADORA: Deixa eu te falar, se eu tiver alguma dúvida no tratamento de dados porque eu vou sentar com o orientador, tem algum telefone que eu posso te ligar?

A6: Tem sim.

Entrevista
A7

PESQUISADORA: Idade?

A7: 25 anos.

PESQUISADORA: Ocupações ou ocupação? O que você faz?

A7: Por enquanto só faço só jogá futebol mesmo.

PESQUISADORA: Certo. Seu grau de escolaridade?

A7: Parei no primeiro. *(PESQUISADORA: Primeiro?).* Acho que não terminei o primeiro não, parei na oitava.

PESQUISADORA: Na oitava?

A7: Era pra eu fazer, mas não fiz.

PESQUISADORA: Fala pra mim um pouco, gostaria de saber do histórico relacionado a sua deficiência.

A7: A minha deficiência, eu já nasci com problema de visão, com glaucoma. Só que aí, que eu enxergava bastante, só que eu fiz 3 cirurgias e através dessas cirurgias que eu fiz foi que ocasiono mais a minha cegueira. E com meus 16 anos eu ceguei geral, fiquei cego. Aí não vejo nada mais hoje em dia. (*PESQUISADORA: Certo*). Só claridade, nem coisa, nem nada, só claridade mesmo.

PESQUISADORA: Só claridade?

A7: É.

PESQUISADORA: É o seguinte, o que eu vou conversar um pouco com você, né, é que a questão da, dos jogos que você participou, né, enfim, dessa questão do desporto a gente acha, né, na literatura. O que eu vou tratar e querer um pouquinho de você é você como atleta, mas o atleta como pessoa, essa trajetória da tua vida como pessoa também, entendeu? E aí lendo sobre você, né, de como atleta ouro e o seu sucesso, eu vou querer saber um pouquinho do seu passado, do atleta, você gente, como foi a sua infância? Então veja bem, como era a sua infância, se você brincava, onde você brincava, com quem você brincava? A sua relação com seus amigos, a sua relação com a sua família, se você depois tinha namorada? Quando você se percebia deficiente? Você se sentia deficiente em algum lugar, no bairro, na escola, os amigos? Eu queria saber um pouco da tua infância, fala um pouquinho da sua infância pra mim.

A7: Na realidade a minha infância não foi muito legal não. Eu não gostei muito da minha infância não porque a minha infância foi difícil pra mim, passei por um monte de

dificuldades porque quando eu morava no interior, ainda aí meu pai adoeceu, e nós tivemos que ir pra capital, que era João Pessoa, né. E daí começô a passá necessidade e meu pai teve que vende tudo pra comprá medicamento, pra tentá segurá mas não teve jeito. Eu fui um cara que já cheguei até a pedí esmola pra comê, no tempo que meu pai tava doente, que não pudia me mantê. Não fui criado com a minha mãe e eu conheci minha mãe, bem dizê, em 2000, no final de 2000, fiquei o tempo todo com meu pai. Eu acho que na minha infância eu não tive tantos amigos, tantas felicidades não. Só depois que eu comecei a estudá, conheci, que fui pro estudo, em 94, daí eu comecei, graças a Deus, a ter uma melhora de vida, entendeu? Meu pai mesmo ele doente, mas ele me colocô lá, e falo pra mim que era bom, que era legal, pra ele procurá a melhora dele eu teria que tá longe dele. Eu senti um pouco mas hoje em dia, graças a Deus, eu superei tudo isso, né, como você sabe que na minha infância eu era muito criticado, "É o cego" que não sei o que, "Tá pedindo esmola". Às vezes, até hoje tem pessoas que lembram, entendeu, fala assim: "Ah, quem era A7? Tá aí hoje, no auge, cresceu, superou". Pessoas da minha própria infância, entendeu? Que infelizmente não teve condições de crescê igualmente feito a minha pessoa, de superá, ter as mesmas condições que eu tô tendo hoje, entendeu!

PESQUISADORA: É, eu entendo. E, o tempo que você foi pra escola, que você freqüentou a escola, você tinha aula de Educação Física?

A7: Tinha aula de Educação Física.

PESQUISADORA: Tinha? Como era? Você gostava? Participava?

A7:: Gostava, não eu comecei, na realidade eu comecei meu futebol, quando eu cheguei no instituto eu tinha o costume de pegá umas pedras e colocá numa garrafa.

PESQUISADORA: Instituto, era o quê?

A7: Instituto dos cegos lá, entendeu?

PESQUISADORA: Ah, tá! Tá, entendi.

A7: Aí nós colocávamos umas pedras, aquelas britazinhas, sabe? Uma garrafa de água sanitária, garrafa de coca-cola, começava a brincá. Um chutava pro outro, que chutava pro outro, daí a pouco um saía machucado, o bico da garrafa batia na cabeça, furava, *(risos).* Furava a cabeça de um, daqui a poco batia na canela de outro e saía também. Aí depois começamos a colocar roupas em sacos plásticos, fazia bola. Aí depois foi evoluindo, nós comprava saco colocava a bola dentro, bola essa bola de campo mesmo. Aí foi quando eu comecei a fazer Educação Física, depois dessas brincadeiras que eu falei pra você agora, e daí eu comecei, a professora de Educação Física adaptou uma bola com guizo, e começamô a joga basquete. Só que ela colocava uma cestazinha assim, de uma caixa de papelão em cima da trave, né, pra vê quem acertava. Mas era bom demais! "Quem acertá ganha um bombom, vai passeá". Mas era bom! Ia pra piscina, ia tomá banho, ia a praia, isso incentiva nós a fazê Educação Física, né. Tinha uns bambolêzinhos pra podê brincá, aí um dia tinha uma partida de futebol, eu não sabia nem chutá a bola direito, chutava as canela dos cara. *(risos).* Colocaram meu nome de Futcega, lá no instituto, eu era, eu batia muito. Aí, daí essa

professora saiu e eu continuei com o professor, aí comecei a dominá a bola, domínio de bola. Aí, tinha umas peladinhas que eles faziam conosco, daí graças a Deus eu aprendi todas as técnicas do futebol, também eu passei pelo goalboal, goalboal cê conhece, né! (*PESQUISADORA: Goalboal? É, aham).* Joguei goalboal também, aí me destaquei no goalboal, fui pra seleção brasileira de goalboal também. Daí eu tive que opta ou o goalboal ou o futebol. Aí eu vim pro futebol e graças a Deus me dei bem, até hoje tô aqui. Já faz...

PESQUISADORA: E por que você resolveu deixar o goalboal e optar pelo futebol?

A7: Foi porque na CBDC você teria que opta o esporte…

PESQUISADORA: E aí você gostava mais do futebol?

A7: Gostava mais do futebol. *(PESQUISADORA:Ah, tá! Foi por gosto, então?).* Porque no goalboal eu era meio preguiçoso, não ia no treino, faltava.

PESQUISADORA: Certo.

A7: Aí a CBDC mandô optá por uma modalidade, né. Daí eu optei pelo futebol, né! Até hoje, graças a Deus, é o futebol. Já faz, vai fazer 8 anos que eu tô na seleção brasileira.

PESQUISADORA: 8 anos? Nossa!

A7: Sim, graças a Deus.

PESQUISADORA: Você acha que esse seu sucesso de 8 anos na seleção teve alguma contribuição da sua Educação Física da escola ou não?

A7: Com certeza teve. E muito, influencia muito a você tá no auge, por exemplo, que eu tô hoje, porque se não fosse...

PESQUISADORA: E como você acha que ela influenciou?

A7: Porque se não fosse a Educação Física eu acho que eu não estaria aqui, porque faz a gente se desenvolvê mais, entendeu?

PESQUISADORA: O professor te estimulava ou era você que se sentia estimulado?

A7: Não, eu me sentia estimulado, entendeu? Quando ele fala por exemplo hoje "amanhã de manhã tem Educação Física", era a maior festa do mundo. Vamô pra Educação Física, vamô brincá, vamô jogá bola, entendeu?

PESQUISADORA: Você foi discriminado em algum momento nas aulas de Educação Física? Teve algum momento que você foi discriminado? Ou passou por algum preconceito?

A7: Não, não.

PESQUISADORA: Não?

A7: Não. Só, a única discriminação que tenho no mundo do esporte, hoje em dia, até hoje, foi só quando a gente morava no instituto tinha um colega meu que tá aqui também, que ele falo "Ah, você nunca vai jogá na seleção brasileira não". Eu digo:"Tá bom, quem sabe, eu tô treinando não tô nem pensando em seleção brasileira não, quero chegá no clube". Aí hoje ele tá aqui junto comigo.

PESQUISADORA: É, quando que foi, em que momento da sua vida você decidiu que queria fazer o desporto adaptado? Como é que aconteceu isso, como é que esse esporte entrou na sua vida mesmo? Quem apoiou você de coração? Quem acreditava em você?

A7: É o seguinte, sempre assim, os amigos, sabe. Eu na realidade quando eu comecei a jogar bola mesmo, eu comecei pelas peladas dos caras, entendeu? Em 98, os caras, tudo mais velho que eu, tudo, vamô dizê, profissional, bem prático, tudo técnico, tudo bem preparado. Eu ia pras peladas, né! Aí devagarinho fui conquistando espaço, chegava na partida fazia um gol, dois, três. O pessoal foi gostando de mim, né. O Zé Antônio, que é o vice presidente da CBDC, e agora vice-presidente lá do meu clube em João Pessoa, e daí esse treinador também aqui, o Pádua, treinador da seleção, gostô do meu futebol, foi gostando, daí em 98 eu vim pra cá, pra o Rio, em Copacabana, pra um paradesportivo que teve, só entrei um minuto, até hoje dá vontade de rir quando eu lembro, joguei um minuto. Ai em 99, eu não tirei nota boa pra ir, tinha que tira uns 7, não, tirei 7 ai a presidente do instituto não deixou eu vim, porque naquele tempo eu era interno, né. Aí em 99 eu não vim, e em 2000 me encaixaram na equipe aí.

PESQUISADORA: Quem te chamou pra seleção?

A7: Pra seleção brasileira foi o Sol, lá de Minas Gerais.

PESQUISADORA: Como foi o primeiro dia, o pessoal, quem te recebeu? Como é que você teve essa notícia?

A7: Eu tive a notícia que chegou um e-mail lá pra associação, eu nem sabia, eu nem pensava em seleção, entendeu? Meu primeiro campeonato mesmo foi em 2000, né, fui campeão brasileiro lá em Minas Gerais. Aí, chegô a convocação pra mim pra ir pra Atenas, pra ir jogar futebol. Daí foi o Sol que me chamou, me convocou, entendeu? Juntamente com outra pessoa, não lembro, era o, parece que era o Ulisses, acho que era, não lembro mais.

PESQUISADORA: Vamos falar um pouquinho da sua modalidade atual, do seu sucesso, o que representou a medalha de ouro nos jogos paraolímpicos de Atenas 2004 na sua vida? Queria, assim, que você me falasse no campo, assim, social, no afetivo, no financeiro, no familiar, no profissional, em relação a sua deficiência, no amor, enfim, conta pra mim.

A7: Depois da paraolimpíada de Atenas *(PESQUISADORA: Você veio com uma medalhona, né! Então...).* É, pra minha pessoa eu tive bastante conhecimento, através das

tvs que passavam nós jogando, aí um fiquei muito conhecido, mais popular, né! Toda vez que você passa: "Ah, fulano que fez gol". E pára pra conversá, pedia autógrafo também. E em questão financeira, com certeza, a cada dia que se passa o futebol do paradesporto vai melhorando, né, em questão financeira. Porque a partir daí, de Atenas, nós tivemos um, com essa bolsa federal, né, e eu acho que não só pra mim mas pra todos que, que, tá na seleção, que pratica o esporte, o desporto, eu acho tá tendo uma melhora de vida, e por enquanto agora, eu mesmo tô vivendo do esporte, entendeu?

PESQUISADORA: Tá, antes dessa bolsa de Atenas, vocês recebiam? Como era tua questão financeira, você tinha algum apoio?

A7: Não, não, antes de eu receber qualquer bolsa eu já tinha meu benefício, né, daí tem que abrí mão depois que você recebe bolsa. Eu vivia com o benefício e trabalhava lá no hospital Barão de Lucena em Recife, radiologia. Depois, em 2003, fui convocado pra ir pra Colômbia, e daí passô a ganhá uma bolsa do comitê, ajuda de custo de 170 reais, aí começô daí, entendeu? Assumí bolsas daí.

PESQUISADORA: Certo. Isso foi no ano de...

A7: 2003.

PESQUISADORA: 2003. Você joga há 8 anos, é isso?

A7: Aham.

PESQUISADORA: E ainda da tua modalidade…

A7: Em questão de família, graças a Deus, a família me dá apoio, entendeu? Sempre quando eu tô meio assim, de cabeça baixa, minha mãe ou minha irmã me chama pra um canto "Vamô rapaiz, vamô simbora! Você tem que treina muito mesmo, pra gente vê você lá em cima". E eu percebi também que realmente tá certo, entendeu, porque já que tem família minha que não tem condições nenhuma, eu acho que eu me comprometi, eu disse que eu iria ajudar, não só pensando em ser só em mim, entendeu?

PESQUISADORA: E no amor? Começou a chover namorada? Ah, agora pegou!

A7: Ah, desde o tempo do instituto.

PESQUISADORA: Você é casado?

A7: Não, não, solteiro.

PESQUISADORA: O que você ganha é pra você e você ajuda tua família?

A7: É, ajudo. Tenho duas gurias, viu!

PESQUISADORA: Você tem duas gurias? Valha-me Deus!

A7: Mas não moram comigo não, moram com a mãe.

PESQUISADORA: E essa ajuda, esse apoio que você recebe, dá pra bancar as despesas, tuas filhas...

A7: Dá porque as mães também tem condições, né, mas eu não deixo de arcá com a minha parte não, viu!

PESQUISADORA: Certíssimo! Por que que você escolheu o futebol, hein?

A7: Eu escolhi o futebol porque eu me sinto bem, é, bem a vontade, entendeu? É, eu queria conhecê novas pessoas, meu sonho era viajá bastante pra conhecê outros estados, outros países. Um sonho grande que eu tinha era, quando eu era adolescente, era andá de avião, eu pensava: "Será que eu dia eu vô andá nesse bicho?". Ai, graças a Deus eu tive a felicidade de me integrá ai no meio do pessoal, né, dos colegas e graças a Deus eu tô aqui hoje e vô fica por muitos e muitos anos.

PESQUISADORA: Profissionalmente você pratica então a 8 anos essa modalidade, né?

A7: É. Porque 99 antes eu não conto não, foi só uma viagem, não joguei nada, só um minuto. Eu estourei mesmo em 2000.

PESQUISADORA: Ah, muito bom. Treinar, treinamento é aquilo, né, todo dia mesma coisa, levantar cedo, vai treinar, faça chuva, faça sol, não é entediante seu treino? Como é que é o seu treino? Como é a sua rotina de treinamento?

A7: A minha rotina de treino é todo dia, só não agora na sexta que nós tamo procurando espaço pra treiná, mas é segunda, terça, quarta, quinta, aí na sexta que não vai, vai no sábado *(PESQUISADORA: Certo!).* Por enquanto não tamo jogando nem na sexta, nem no domingo.

PESQUISADORA: Quantas horas você treina por dia? E onde?

A7: Ah, treino no Pio XI, no Bessa, no colégio Pio XI, treino no Instituto também, e treino na praia.

PESQUISADORA: Quantas horas por dia?

A7: Uma hora e meia.

PESQUISADORA: E com relação a orientação de profissionais, né, o papel dos técnicos, há outros profissionais que estão envolvidos e com que freqüência isso, eles participam dos seus treinos?

A7: Fora da seleção, né?

PESQUISADORA: É. No seu treinamento do dia-a-dia.

A7: Então, nós temos o nosso treinador, é o Reginaldo, e três goleiros que enxergam que ajudam nós também, né, que treinam conosco e ao mesmo tempo ajuda, entendeu?

PESQUISADORA: Deixo ver se eu entendi, cada um treina na sua cidade, no seu instituto. Vocês são convocados pra se juntarem pra montarem a seleção? E aí tem o técnico da seleção? E junto com o técnico da seleção tem o preparador físico, os avaliadores, como o Gorla que vem, o professor Fausto, é isso? No seu dia-a-dia você tem só o técnico, no estado onde você treina? E não tem mais nenhum outro profissional que não seja o treinador?

A7: Não.

PESQUISADORA: Não tem um preparador físico, um psicólogo, tem um nutricionista, ou é só o treinador, no seu treino do dia-a-dia?

A7: No treino do dia-a-dia só tem o treinador, psicólogo não tem psicólogo, não tem nutricionista.

PESQUISADORA: Tem algum fator que você acha que dificulta seu treino?

A7: Não, eu acho que não, viu. *(PESQUISADORA: Não?).* Não, eu não trabalho, não faço nada, só treiná, treiná e treiná.

PESQUISADORA: Algum fator que você ache que facilite seu treino?

A7: É como eu falei, acho que pra mim todos os dias se for treinar pra mim, se for de manhã, de manhã, se for de tarde, de tarde, não me atrapalha não.

PESQUISADORA: As viagens, elas são tranqüilas, são facilitadas? Vai tudo bem? Ou não? Às vezes as condições da viagem não são muito boas, o lugar pra ficar não é bom?

A7: Ah, já aconteceu muito isso. Hoje em dia, graças a Deus, com o crescimento do esporte, o esporte para deficiente cresceu muito, então mudou muito.

PESQUISADORA: Como você vê os jornais, a televisão, o rádio, você acha que o aumento da mídia, né, se deve ao fato do grande número de medalhas que foram, que vocês tiveram em 2004? Ou seja, como é que você vê a mídia com relação a essa questão do número de medalhas? O que mudou, se mudou, apoio, mídia e desporto adaptado?

A7: Bom, em termos da mídia eu acho que cresceu agora muito, né, com a mídia em cima de nós. O deficiente, o desporto para o deficiente, o paradesporto. Eu acho que deveria crescer mais um pouco, assim, né, em cima de todas as modalidades porque quando tá competição a mídia tá em cima, tranqüilo, mas depois passô um mês acabô. Acho que, tem que ter mais um pouco de apoio, entendeu, da mídia, porque terminô campeonato, pronto acabô. Ah, você vê, o esporte dos videntes, que enxergam aí, é o tempo todinho, se um cara

faz um gol agora ou é campeão, tem o resto do ano todinho e nós deficientes não. Mostram só coisa momentânea, viu. Eu acho que deveria crescer mais, ter um pouco mais de destaque em cima do esporte.

PESQUISADORA: Você acha que depois que você ficou famoso, principalmente depois de Atenas, o acesso das pessoas até você ficou mais difícil? É mais difícil chegar perto de você, conversar com você agora do que antes?

A7: Não, não, mais fácil.

PESQUISADORA: Mais fácil? Por quê?

A7: Até porque, por causa da mídia, da imprensa, você fica um pouco mais conhecido, né. Então se você quer, por exemplo, se você qué conseguí alguma coisa, ou qualquer coisa assim, seja qualquer coisa que for, então você, já se torna mais fácil porque você já ficou mais um pouco conhecido, né. Se torna mais fácil.

PESQUISADORA: É, em razão do teu sucesso, você já pensou em algum projeto social ou grupo de discussões em relação ao deficiente?

A7: Não.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A7: Bom, é o seguinte, tem muitos deficientes visuais por aí que não sabe nem o que é o, por exemplo, o futebol, a natação, entendeu? Judô, esses negócios, tem gente que nem sabe. Por quê? Não tem oportunidade de ir pra uma cidade grande, vivi mais no interior, os pais não consente sair de casa, entendeu? Eu acho que teria que ter mais um pouco assim, de divulgação do, bastante mesmo, principalmente no interior onde surgem muitos deficientes não só visual, mas físico, entendeu, auditivo, essas coisas assim. Eu acho que...

PESQUISADORA: Você falaria o que pra mim? Olha eu queria ser atleta, o que você falaria pra mim?

A7: Eu acho que teria como não você não passá pelo, você não iria passar pelos mesmos sofrimentos que eu, mas ia ralá um bocado pra chegá até o...

PESQUISADORA: Onde eu começo?

A7: Teria que começá do zero teria que começá primeiro pela Educação Física, né, de onde começa tudo, né. Como é que você quer ser um atleta se você quer começá logo pelo esporte? Você tem que passá pela Educação Física, depois pela comissão de base, depois,

entendeu? Pra chegá até se encaixa no clube, depois pensá em outra coisa.*(PESQUISADORA: É*). Ajudá eu ajudaria, né, a passa algumas informações.

PESQUISADORA: Então, que informações você acha que me ajudariam?

A7: Eu diria que, por exemplo, um domínio de bola eu teria que passá pra você, a técnica, entendeu? Conversá, assim.

PESQUISADORA: Você me indicaria algum lugar?

A7: Sim, o mesmo local onde eu comecei.

PESQUISADORA: Certo. Você sabe, com o sucesso, você falou que está mais fácil chegar perto de você, você consegue perceber os verdadeiros amigos ou quando alguém é oportunista? O que realmente mudou o sucesso na tua vida?

A7: Ah, esse negócio de amigo é muito pouco, é raro hoje em dia. Então eu acho que pra mim, assim, sucesso na minha vida eu acho que achamos assim como você falô de amigos, de oportunidade, como cê falô, de oportunidade? Chamô de oportunista, né? Eu acho que pra mim, eu não sei, cara, não tenho muito amigo assim que era...tem poucos pra mim chegá assim e falá " fulano é isso pra mim", entendeu? Por exemplo, se eu tivé precisando de alguma coisa na cidade ou coisa assim tem poucos *(PESQUISADORA: Tem uns que querem ser seu amigo só porque...).* Com certeza tem, como você falou, os oportunistas, tem sim. Tem amigo que só quer saber quando você tá com dinheiro no bolso, quando tá no auge mesmo, entendeu? Eu mesmo já fiz um teste já pra vê como é que é, entendeu? E é verdade mesmo. O pessoal quer dar uma de amigo, né!

PESQUISADORA: E a sua família? Com o seu sucesso, como é que ficou essa relação? Você teve muita dificuldade, né, como é que a sua família participou nesse teu sucesso, o lugar da tua família no sucesso da tua vida?

A7: Não, é, com questão de sucesso com minha família graças a Deus todo mundo hoje em dia me vê com outros olhos, né. Porque quem era eu no passado e quem sou eu hoje, no presente. Eles sempre toca nesse item, entendeu? E graças a Deus eu me dou bem com a minha família, todo mundo também, tem pessoas na minha família que também não vivem a mesma vida que viviam antes, né! Por exemplo, quando meu próprio tio, entendeu, é uma das pessoas que eu ajudo bastante ele. Vive comigo no dia-a-dia, ou no ruim ou no bom, entendeu?

PESQUISADORA: Ali sempre, né!

A7: Tá ali sempre, sempre presente. Sempre me dá conselho, é um dos que me dá conselho pra caramba. " Vá treina, você não pode querê ficá sem treina, vá simbora!". Às vezes, vai pro treino comigo, vem do interior, de longe, pra olhá eu treiná. Então pra mim é um motivo, entende?

PESQUISADORA: Você se sente realizado, A7?

A7: Sinto.

PESQUISADORA: Quer algo mais? Tem algum sonho?

A7: Acho que meu sonho, todos que tão aqui tem, querem *(risos)*...

PESQUISADORA: Qual, vamos?

A7: Ah, primeiro eu me sinto realizado só em estar aqui, no meio do, da seleção, em tá convocado, tá na lista, em estar aqui presente no meio de vocês e o sonho pra mim eu quero, eu quero dá o bastante de mim, chega em Pequim e ser campeão, pra ser bi. Meu sonho é esse.

PESQUISADORA: Você se aposenta?

A7: Aposentá nada *(risos).* Não, quero jogar mais.

PESQUISADORA: E depois de tudo, sua projeção de vida, que você uma hora, tudo bem, não tão cedo, você se aposenta, mas depois que você parar de jogar, você tem alguma projeção na vida?

A7: Tenho, tenho. *(PESQUISADORA: E...)*. Eu tenho mas eu não quero expor não.

PESQUISADORA: Tá certo. Enquanto atleta, que contribuição você pode trazer pra sociedade, com esse seu sucesso todo?

A7: Eu acho que eu posso trazer pra sociedade, eu acho que eles têm que entender que o deficiente, entendeu, em geral, é gente, entendeu? Ser humano como qualquer pessoa e tem capacidade de fazer todas as coisas que pessoas que enxergam, que não tem nenhum tipo de deficiência, faz. Eles têm que entender que nós podemos fazer também, da mesma forma, do mesmo jeito.

PESQUISADORA: A7, você gostaria de fazer algum comentário? Fale o que você quiser.

A7: Não, eu não tenho nenhum comentário a fazer não.

Entrevista
A8

PESQUISADORA: Eu tô fazendo um trabalho sobre os medalhistas ouro das paraolimpíadas de Atenas. Então são todos os atletas que foram... Então tem vocês do futebol, enfim todos que foram medalhistas ouro, tá. Eu quero trazer na minha tese todo aquele histórico de vida de vocês porque, na verdade, muitas coisas as pessoas sabem de vocês, mas é o que todo mundo sabe: onde vocês participaram, que provas foram. Agora, a história de vida de vocês até vocês chegarem a esse sucesso é o que a gente quer levantar, para saber o que há de comum entre vocês e o que há de diferente entre vocês, tá. E para toda pesquisa científica, como é a minha, existe um termo de consentimento livre e esclarecido, o qual você permite que eu te entreviste, que você consente a utilização dos dados pra fim de pesquisa. Ele está aqui escrito e eu também tenho em braile, como você prefere? Você prefere ler em braile ou que eu leia e você assine?

A8: Não, você pode ler.

PESQUISADORA:: Tá bom. O projeto de pesquisa são "Os medalhistas paraolímpicos de Atenas 2004: a trajetória do desporto adaptado e reflexões", eu, no seu caso A8..

PESQUISADORA: Quantos anos?

A8: 26.

PESQUISADORA: Jóia! Bom, eu, A8, voluntariamente concordo em participar do projeto de pesquisa acima mencionado como será detalhado a seguir. É de meu conhecimento que será desenvolvido em caráter de pesquisa cientifica e objetiva estudar a construção do desporto adaptado de atletas ouro na para-olimpíada de Atenas de 2004. Estou ciente que será aplicado pela pesquisadora uma entrevista semi-estruturada, a pesquisadora sou eu. Não vai haver nenhuma forma de reembolso em dinheiro já que com a participação na pesquisa não terei nenhum gasto. Não estão previstos riscos ou desconfortos, postas as características desta pesquisa. Os benefícios constituem na divulgação na importância do desporto adaptado na vida da pessoa portadora de necessidades especiais. Li e entendi as informações precedentes bem como é de meu conhecimento que posso desistir de colaborar a qualquer momento sendo que futuras dúvidas futuras me possam ocorrer poderão ser totalmente esclarecidas bem como o acompanhamento dos resultados obtidos durante a coleta de dados. Autorizo a publicação dos dados coletados somente para fins pertinentes a pesquisa, no entanto exijo sigilo quanto a identificação do meu nome. Alguma dúvida?

A8: Não.

PESQUISADORA: Tudo ok?

A8: Quer dizer que meu nome não vai ser revelado?

PESQUISADORA: Seu nome não vai ser revelado, tá?

A8: Tá.

PESQUISADORA: Eu vou colocar os dados da pesquisa, né, mas eu não vou colocar lá: "Olha o A8 disse isso, isso e isso", não. Vão ter todas as suas idéias, agora, posteriormente, A8, vamos supor, se você tiver vontade de ter uma obra publicada, alguns atletas gostariam que eu fizesse um livro publicando a biografia de vida, se aí esse for seu interesse, a gente volta a conversar e escreve seu livro, certo, com a história da sua vida. Você assina aqui para mim, por favor. Acho que vai dar tempo de eu terminar tudo hoje, será que dá?

A8: Você tá marcando aí? Quais já foram?

PESQUISADORA: Já foi um , dois , agora três e quatro . Vamos ver, senão vou ter que voltar para atormentar vocês ainda. Vamos começar, idade?

A8: 26.

PESQUISADORA: Ocupações?

A8: No momento eu estudo e jogo futebol.

PESQUISADORA: Estuda. O que é que você estuda, A8?

A8: No momento eu estudo um curso de inglês.

PESQUISADORA: Ai, que bom.

A8: Eu tava na faculdade, mas desisti.

PESQUISADORA: Desistiu? E tava fazendo faculdade do que?

A8: Pedagogia.

PESQUISADORA: Ai, jura! Eu sou pedagoga também, sabia?

A8: Mas eu desisti.

PESQUISADORA: Ah, desistiu! Ah, é tão bom, A8!

A8: Eu tava no segundo período já.

PESQUISADORA: Ai, que dó! Volta depois. Eu sou pedagoga, além de professora de Educação Física, adoro ser professora!

A8: Eu pretendo fazer outros cursos. Pretendo fazer outros vestibulares.

PESQUISADORA: Ah, faz mesmo. Não deixe de fazer, é muito bom. Oh, A8, conta um pouquinho da história da sua deficiência.

A8: Eu sou deficiente por hereditariedade. A família da minha mãe, ela tem alguns parentes distantes, né, alguns primos que tem deficiência, no caso da gente é glaucoma.

PESQUISADORA: Ah, tá.

A8: Eu tenho mais dois irmãos e na época quando a gente nasceu a tecnologia era muito, a medicina era difícil, não era desenvolvida o quanto ela é hoje. Então, a gente só tinha um pouco de visão, eu tenho o resíduo visual que chama, né.

PESQUISADORA: Ah, tá.

A8: A gente ia fazer a cirurgia para tentar combater, só que a gente não fez por conselho médico. O médico disse que a gente, com 15 anos, ia perder o resto da visão, é isso que o glaucoma faz. Eu tenho um irmão, por exemplo, que agora ele tá com 12 anos, que ele é considerado um B3. Ele já fez 3 cirurgias mas ele não corre o risco de perder mais. Então é isso, é congênito, o glaucoma.

PESQUISADORA: Bom, sobre a sua trajetória de medalhas, essa parte toda histórica de esporte, a gente tem ai nos arquivos do Comitê Paraolímpico, tudo mais. Então, a gente conhece você, um atleta de ouro. Agora eu queria saber um pouco, do A8 no passado, né, do atleta A8. O atleta que foi gente, do seu passado, como era na sua infância, do que você brincava, com quem, do que, a relação com seus amigos, a relação com sua família. Como era a sua relação no bairro, conta um pouco da tua infância para gente.

A8: A minha infância, eu não sofri tanto assim, porque além dos amigos eu tinha outro irmão que era como eu, também deficiente. E a relação com a minha família era muito boa. Eles nos ajudavam, eles falavam que a gente era deficiente, não podia enxergar aquilo que outras pessoas viam, mas eles eram muito felizes com a gente e a gente não causava tristeza para eles, coisa e tal. E já com os amigos era um pouco diferente porque a infância da criança ela brinca muito, se diverte e uma das coisas que a criança usa muito é a visão, mas a gente brincava com eles, não tinha a visão mas a gente fazia outras brincadeiras que a gente pudesse participar. Eles mesmo reconheciam que a gente não podia participar. Então isso para mim foi muito gratificante, por exemplo, subir no pé de árvore, a gente subia em pé de árvore mesmo com cuidado de outras pessoas. A gente corria, a gente tomava banho de rio. Na minha infância, morava um pouco distante da cidade mesmo, era num canto onde tinha rio, tinha muita árvore mesmo, tinha muita coisa.

PESQUISADORA: Tinha um bom relacionamento de amigos então?

A8: Isso tinha.

PESQUISADORA: E você teve, em alguma situação, algum problema, vamos supor, de preconceito? Já foi discriminado?

A8: É, preconceito, a forma de se discriminar, assim, na época eu não entendia mas hoje eu até entendo que é até mais por uma falta de conhecimento que eles talvez não tivessem o

conhecimento, mas, assim, as únicas coisas que eu enfrentava era, do tipo, não podia jogar com as pessoas que enxergavam porque não podia contribuir da forma que eles queriam, então eu não podia jogar com eles.

PESQUISADORA: E como é que você reagia nessas horas, A8?

A8: Eu ficava, assim, um pouco como a gente chama meio escanteado, mas, assim, até que dava uma de metido, participava sem eles quererem, eles me excluíam, assim, do time. Quando faziam o time, assim, não me chamavam, mas eu ia, entrava lá, contribuía, fazia o que dava para mim fazer. No meu caso, como eu tenho um pouco de visão dava ainda para eu me locomover, correr, enxergava, assim, a bola numa certa distância, dava para contribuir do meu jeito.

PESQUISADORA: A8, é, você freqüentou a escola, lógico.

A8: Isso.

PESQUISADORA: Como era na escola, você tinha aula de Educação Física?

A8: Na escola, desde os 6 anos, que eu tenho aula de Educação Física, geralmente duas vezes por semana, às vezes, 3.

PESQUISADORA: E como elas eram? Que atividades eram feitas? Se você participava, ou não participava? Por estímulo do professor ou você participava por você? Conta um pouco a sua relação com as aulas de Educação Física.

A8: Eu participava das aulas, fazia as atividades, nesse caso na escola que eu fui estudar foi escola mesmo para deficiência, então já comecei.

PESQUISADORA: Então era uma escola especializada?

A8: Então, era especializada. Eu já comecei a me enquadrar as pessoas com deficiência e fazia todas as atividades, assim, esportivas, nunca deixei de participar.

PESQUISADORA: De escola regular você nunca participou?

A8: De Educação Física não. Sempre fiz Educação Física em escola, é, especial, né, que chama, que é para deficientes, mesmo quando eu fui, na escola eu estudava, a gente só fazia até a quarta série e após a quarta série a gente estudou em colégio regular.

PESQUISADORA: Ah tá, isso.

A8: As atividades a gente fazia lá e o pessoal mandava as notas para o colégio. Atividade física não, a gente sempre fez no colégio mesmo, que é o instituto.

PESQUISADORA: Ah, então na escola propriamente dita, onde você estudava, você não fazia Educação Física, você fazia só no instituto?

A8: É, no instituto eu fiz Educação Física até a quarta série porque no colégio regular quando a gente vai estudar é exigido como uma matéria comum a Educação Física. Então a gente fazia Educação Física no instituto e lá os professores enviavam as notas para escola.

PESQUISADORA: Ah tá, entendi. Então você não participava da aula de Educação Física na escola, você fazia no instituto e as notas do instituto mandavam para escola.

A8: Isso, mandavam para o colégio.

PESQUISADORA: Então na escola mesmo você não participava de Educação Física?

A8: Não.

PESQUISADORA: Era porque você não queria ou porque a escola propôs isso?

A8: O instituto, ele propôs isso para escola e eles acharam melhor porque assim, na escola, como era todo mundo junto era muita gente. Então eu acho que os professores acharam que para gente tinha que ser um atendimento especial e o professor não podia, por ser um professor pra toma conta de cento e poucos alunos, porque o professor usa muito gestos, o professor de Educação Física usa muitos gestos para dar aula de natação, para dar aula de alguma coisa assim, de esporte, como handebol, eles usam muito gestos e lá no instituto o pessoal já tava apto a trabalhá com os alunos.

PESQUISADORA: E em que ano era mais ou menos isso, você se lembra?

A8: Era 97, 98.

PESQUISADORA: Agora você acha que então a Educação Física, você não teve a Educação Física na escola, você teve Educação Física no instituto?

A8: Isso.

PESQUISADORA: Você acha que ela contribuiu para o seu sucesso esportivo?

A8: Eu acho que sim, porque os professores lá eram qualificados, eles adaptavam as maneiras, eles eram professores também de escolas regulares e eles adaptaram as regras, eu digo que eles adaptaram. E eles nunca deixaram de dar as aulas para gente, dar as aulas normais, nunca deixaram de, a gente estudava outros esportes, a gente tinha aula de outros esportes, mesmo que a gente não jogasse, por exemplo, voleibol, eles explicavam as regras e a gente fazia tipo simulado.

PESQUISADORA: Em que momento da sua vida você decidiu que queria praticar o desporto adaptado?

A8: Logo que eu comecei a estudar, que eu comecei a brincar com outras pessoas, que eu me enquadrei e que eu vi que eu não podia realmente participar de um esporte que a gente chama normal, né.

PESQUISADORA: E como que o esporte adaptado entrou na sua vida? Como é que foi essa passagem, o ponto de entrada, exatamente, o ponto de entrada?

A8: É, para mim foi gratificante porque eu tinha consciência que eu não podia jogar, fazer um esporte normal, que eu tinha que jogar de acordo com as minhas necessidades. Eu achei bom porque eu ia jogar dia-a-dia, ser de igual para igual já que quando jogava no meio de pessoas não tinha igualdade sabia que eles não me aceitavam por causa que eu não via.

PESQUISADORA: Que idade você tinha quando você decidiu mesmo ser um atleta do desporto adaptado, você lembra?

A8: Eu acho que de 14 para 15 anos.

PESQUISADORA: Lá no instituto?

A8: Isso.

PESQUISADORA: Quem que te apoiou de coração, que acreditava mesmo em você?

A8: Eu acho que os professores da Educação Física, eles me deram um apoio muito forte e a família.

PESQUISADORA: Você já fez outros esportes ou começou pelo futebol ou já fez outros esportes que você desistiu e porque desistiu?

A8: Olha, eu sempre gostei da coletividade, de opiniões, e eu já fiz outros esportes: natação, já fiz atletismo, e o que eu me encaixei realmente, até hoje eu fico pensando como eu fui pára aqui, foi o futebol porque eu acredito que todo o atleta ele gosta do sucesso, não é isso? Então como comecei a jogar futebol com paixão, profissionalmente muito cedo, eu senti que eu tinha sucesso para ele já que nos outros esportes eu não conseguia, o que me impulsionou realmente foi que eu tinha participado de outros campeonatos e no primeiro campeonato que eu fui com o futebol eu fui reconhecido profissionalmente e neste mesmo ano eu já participei do campeonato mundial e já fui campeão e foi isso que me trouxe de ... é aqui no futebol que eu obtive o meu sucesso e é aqui que eu vou continuar, nos outros esportes eu não obtive sucesso.

PESQUISADORA: Lá no instituto, você fazia... qual esporte você fez antes?

A8: Eu fiz atletismo, eu fiz natação, goalboal.

PESQUISADORA: E não deu certo, não gostou muito?

A8: Não, não.

PESQUISADORA: Tá certo, parou porque não gostou, não se adaptou, gostou mais do futebol?

A8: É, e porque alguns me traziam danos, por exemplo, a natação me trazia danos de ouvido.

PESQUISADORA: Quem te chamou para a seleção? Como é que foi seu primeiro dia? Quem te deu a notícia? Onde que você tava, como é que foi esse dia?

A8: Foi em 98, né. Eu participei do campeonato brasileiro e naquela mesma hora que eu tava sendo campeão, recebendo a medalha, muito feliz por ter sido campeão, e divulgaram a lista dos atletas que iam ser convocados pra o primeiro campeonato mundial que ia ser aqui no Brasil e eles fizeram a divulgação ainda na quadra. Aquela caloria toda, gente cantando, comemorando e quando eu ouvi meu nome até mesmo não acreditei por ser tão jovem, na época acho que 15 para 16 anos, por ser tão jovem, de início assim eu não acreditei muito mas aí fui, né. Fui chamado, fui campeão. A lista quem divulgou foi o próprio técnico da seleção na época e realmente eu vim e correspondi as expectativas dele.

PESQUISADORA: Vamos falar um pouquinho, então, da atualidade sua, o que representou a conquista da medalha de ouro nos jogos paraolímpicos de Atenas na sua vida? No campo social, no campo afetivo, no financeiro, no familiar, profissionalmente, com relação a deficiência, em tudo na sua vida, A8?

A8: Primeiramente, no campo financeiro foi que eu vim tê a primeira ajuda desde 10 anos que eu jogava futebol. A gente teve a ajuda financeira, participamos da bolsa-atleta federal que, para mim, foi a primeira ajuda financeira que eu tive.

PESQUISADORA: Antes da paraolimpíada de 2004, você não tinha apoio financeiro nenhum?

A8: Não tinha.

PESQUISADORA: Nunca recebeu nenhum apoio? Você recebeu a partir da medalha a bolsa-atleta e ainda recebe?

A8: Isso e ainda recebo.

PESQUISADORA: E você é casado? Tem filhos?

A8: Sou casado, mas ainda não tenho filhos.

PESQUISADORA: E esse apoio que você recebe, você considera um apoio, de certa forma, suficiente?

A8: É, no momento pra o que eu vivo é suficiente.

PESQUISADORA: E no campo social da sua vida?

A8: No campo social eu pudi mostrar para muitas pessoas que até mesmo não acreditavam, né, não sei se por falta de conhecimento, depois desse campeonato acho que a mídia deu mais um pouco de atenção, mais reportagem nacional e até mesmo internacional e muitas pessoas, que até mesmo não conhecia, hoje quando a gente tá na rua pára e pergunta, quando você tá na sua cidade o pessoal pergunta: "Foi você que participou daquele campeonato?" "Foi eu". E hoje eles tão reconhecendo, a gente tá dando palestras em colégios, a gente tá com mais um pouco de atenção através deles, a gente tá participando de palestras em colégios e podendo falar, né, um pouco, que antes não sei se por falta de conhecimento não sei ...

PESQUISADORA: Certo, e no campo familiar?

A8: É, no campo familiar trouxe alegria para a família, trouxe alegrias e também eles ficam felizes por eu viajar e por ser uma forma de eu conhecer o mundo através de fotos, alegrá muito eles.

PESQUISADORA: Profissionalmente, alguma coisa que você fazia antes, depois mudou, alguma mudança profissional com o sucesso?

A8: É, nesse caso na parte de treinamento que antes eu levava pouco a sério, não sei se por falta de segurança que eu não tinha, mas hoje é uma parte que eu levo muito a sério, para mim hoje, no caso, é meu trabalho, no momento. Um trabalho que tem que ter as pontualidades, as horas certas.

PESQUISADORA: Por que você escolheu o futebol?

A8: Exatamente por isso, por ser um esporte, uma modalidade coletiva onde eu gostava de ouvir opiniões de outras pessoas e de dar minha opinião.

PESQUISADORA: Você pratica há 10 anos, né?

A8: Isso.

PESQUISADORA:: Fala um pouquinho para mim agora, porque normalmente a gente tem a idéia de treino, o pouco que eu fui atleta de natação, então, aquela rotina todo dia, treinar o dia inteiro, faça chuva, faça sol, né. É entediante seu treino? Qual é a rotina do seu treinamento? Como é o dia-a-dia do atleta?

A8: É, quando o atleta faz uma coisa que ele gosta ele... eu mesmo, na minha parte, eu me sinto feliz ao ponto que, às vezes, quando eu perco um treino, quando passa uma semana de treinamento, meu corpo, meu organismo, ele já sente aquela necessidade de treinar. Então, para mim, é muito gratificante, um momento de atenção total, eu fico ligado no que as pessoas passam para mim, tento assimilar da melhor forma.

PESQUISADORA: Quantos dias você treina na semana?

A8: Atualmente nós treinamos 4 dias. São 5 dias mas tem um dia que eu não posso.

PESQUISADORA: Quantas horas por dia?

A8: Geralmente de duas a três.

PESQUISADORA: E o local, onde você treina?

A8: Nós treinamos na praia, em quadra e geralmente a gente treina em ginásio, né, ou na praia. *(PESQUISADORA: Na cidade de....)*. João Pessoa.

PESQUISADORA: Você tem orientações de profissionais no seu treino lá?

A8: Tenho.

PESQUISADORA: Quem são?

A8: Professor de Educação Física, nutricionista.

PESQUISADORA: Eles estão envolvidos em todos os treinos, constantemente?

A8: Tão.

PESQUISADORA: O professor de Educação Física e o nutricionista?

A8: É.

PESQUISADORA: Olha, isso é bom! Tem algum fator que dificulta seu treinamento?

A8: Eu creio que não. Na minha cidade uns dos fatores que dificulta, no caso do futebol mesmo, a única dificuldade que eu sinto que seja grande é a dificuldade de eu não poder treinar numa própria quadra. Por exemplo, numa quadra. A quadra para o deficiente tem as regras de treinar, tem a banda lateral, que a gente chama, que a bola bate e não sai, não tem lateral no esporte, no futebol. Então, na quadra que a gente treina o acesso não é dos melhores, mas também não é dos ruins.

PESQUISADORA: Então, o que dificultaria mais seria o local, o material não tem problema, condução, transporte, seria mais a adaptação do local mesmo?

A8: É.

PESQUISADORA: E as viagens, quando você tem, assim, jogos vai tudo ok? As condições são boas ou não, como é que é?

A8: É, tá melhorando.

PESQUISADORA: Tá melhorando?

A8: Tá melhorando.

PESQUISADORA: E a mídia? Como você vê mídia relacionada com o desporto adaptado? Você acha que a mídia aumentou depois que veio um número grande de medalhas nos jogos? Como é que você está relacionando isso, como é que você tem percebido a mídia, a atenção que a mídia tem dado ao desporto adaptado?

A8: A mídia ainda tem dado muito pouca atenção. Eu acredito que até mesmo nos esportes, obviamente a mídia trabalha com a parte financeira, eles trabalham com dinheiro. Então como nosso esporte, não que seja amador, mas ainda é uma coisa que não tem, assim, um certo valor, eu acho que para mídia, porque eles trabalham muito com a parte financeira, então, se você quer passar uma reportagem você tem que pagar, então a mídia, ela depois dos jogos ela abriu um pouco de espaço. Para você ter uma idéia, aqui no Brasil ano passado, a gente, nós tivemos o para-pan e poucas pessoas no Brasil, do próprio Brasil, sabiam que estava acontecendo aquela competição, então as nossas competições ainda não tá sendo valorizada.

PESQUISADORA: Você acha que ela talvez divulgue um pouco mais na época só dos jogos?

A8: Isso, quando passa a época dos jogos são raros.

PESQUISADORA: Mas você acha que ela colabora com a divulgação do desporto adaptado, que ela tem colaborado?

A8: Eu acho que ela tem colaborado, inclusive vem melhorando, né.

PESQUISADORA: Mas ela poderia ser melhor, né?

A8: É, isso, poderia ser melhor.

PESQUISADORA: Você acha que dessa forma ela estimula outros deficientes a participarem, a conhecerem o desporto adaptado, a mídia pode fazer isso?

A8: Pode.

PESQUISADORA: E você acha que ela está fazendo?

A8: Desde que ela contribua com o desporto ela está abrindo as portas para muitas pessoas até mesmo que vivem em campos isolados que possam ver pela televisão e possam dizer: “Ah, esse atleta tem esse problema e ele chega onde tá, porque que eu não posso?”, ela pode contribuir.

PESQUISADORA: Com a fama, né, que você teve com Atenas e com a medalha, né, ficou mais difícil o acesso até você das pessoas? Por exemplo, eu consegui vir aqui através da

UNICAMP, e tudo mais. Agora você acha que ficou mais difícil as pessoas chegarem até você?

A8: É, eu acho que não. Eu acho que as pessoas, quando elas viram, eu acho que até mesmo as pessoas que tem a intenção de fazer trabalho de pesquisa como o seu, eu acho que eles facilitaram porque eles viram, né, e foi uma das contribuições poder ter visto e acreditarem mais um pouco.

PESQUISADORA: Você convive com pessoas, com assessores que gerenciam a sua vida como atleta?

A8:Como assim?

PESQUISADORA: Existem pessoas ou outras pessoas que interferem na sua vida, na organização da agenda da sua vida?

A8: Não, não.

PESQUISADORA: Você que faz sua própria agenda?

A8: A minha agenda é de acordo, no meu caso, com os treinamentos e as outras coisas que tem eu tomo conta, como estudar. Eu sei que na hora que eu vou treinar eu não posso estudar então tem que ver as melhores formas.

PESQUISADORA: Em razão do seu sucesso hoje, né, você já pensou em algum projeto social ou algum grupo de discussões em relação ao deficiente?

A8: É, eu já pensei em formar um grupo de amigos e sair pelas cidades divulgando o esporte e fazendo demonstrações, que as pessoas podem estudar como eu estudei.

PESQUISADORA: Atualmente não, né, atualmente você só é atleta. Você pretende fazer isso?

A8: Eu pretendo fazer isso, isso é uma coisa minha, pessoal, um projeto que eu pretendo ter para levar, assim, para as pessoas como eu estudei inclusive quando eu fiz o curso de pedagogia era esse o meu, as minhas constantes, era poder contribuir com pessoas que não tinham acesso a informações de maneira nenhuma, que viviam isoladas do mundo, da sociedade.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A8: Olha, principalmente as pessoas que perderam a visão depois de grande. Eu conheço, assim, muitas pessoas, então nesse caso, nessa simulação se você fosse uma pessoas eu ia

perguntar a você pra sabê: "Como você perdeu a visão?", "Você já teve problemas?", "Você gostaria de que, como é que você gostaria de fazer algum esporte?". Aí se você me dissesse: "Mas eu sei que eu não posso". Então aí eu ia tentar te convencer, ia te mostrar, mostrar pra você o material e ia tentar passar pra você aquilo que eu aprendi. Eu tentaria dizer a você "Olha é assim que a gente chuta a bola, tal, tal! É assim que a gente entra numa piscina". A gente não vai chegar na piscina e vai pular dentro, a gente vai chegar na piscina e vai conhecer ela, vai entrar pela escada e vai conhecer as repartições dela.

PESQUISADORA: E para que eu fosse uma atleta profissional, que caminho eu teria que fazer?

A8: Então, eu ia lhe dar, eu ia fazer *(risos)*. Como na minha tradição, eu ia lhe dar o anzol para você pescar. Eu não ia chegar com o peixe e lhe dar logo. Eu ia chegar para você e ia dizer: "Olhe, você realmente quer?", se é que realmente você quer ser profissional, então o sucesso é você próprio que conquista. Eu vou lhe dar os métodos, eu vou lhe dar os conhecimentos básicos que eu sei, que eu não posso realmente lhe ensinar tudo. Posso lhe dar uma iniciativa, dizer a você que você corre com o guia, que você tem o guia para lhe ajudar, dizer que você vai ter treinamento e que no início você não vai poder fazer o que eu faço porque você não conhece, mas você pode chegar lá através de que, de treinamentos.

PESQUISADORA: Você, depois que ficou com a fama, além dos seus amigos muitos amigos devem ter aparecido. Você consegue perceber os verdadeiros amigos ou você sabe quando eles são oportunistas? O que realmente mudou depois do sucesso com relação aos amigos?

A8: Eu tenho amigos que realmente depois dessa minha fama eles aprenderam a confiar mais em mim que antes eles não confiavam tanto e aprenderam mais a confiar em mim. E tem outras pessoas que eu vejo, assim como você falou ai, oportunismo, né. Eu vejo que, por exemplo, na sociedade que nós vivemos nós sabemos que tem pessoas que, realmente, não são todas que tem boas intenções.

PESQUISADORA: E quando você percebe essas pessoas oportunistas, o que você faz?

A8: Olha, eu tento, eu não me enrolo com aquela pessoa, eu tento realmente mostrar para ela a história verdadeira, tento mostrar pra ela: "Olhe, você tem que ralar para conseguir o que eu consegui mesmo da sua maneira", e levo para frente. Eu não me abalo muito com essas pessoas apenas tento mostrar para elas.

PESQUISADORA: Você se sente realizado hoje, A8?

A8: Eu, graças a Deus, me sinto.

PESQUISADORA: Quer algo mais, tem algum sonho?

A8: Porque eu sou uma pessoa feliz, as coisas que eu queria a maioria delas eu consegui, acho que nem todas e o meu sonho, meus planos, é, terminar uma faculdade e trabalhar.

PESQUISADORA: Faculdade lá da pedagogia mesmo ou outro curso?

A8: Pedagogia mesmo não é aquela que eu realmente queria porque, na verdade, eu fiz ela como segundo plano. O primeiro plano não deu certo e ela eu fiz até mesmo pelo impulso de pessoas, eu fiz. Na realidade meu curso mesmo era História ou Letras, mas como não deu certo... Pedagogia ficou em segundo plano, mas eu pensava em terminar o curso de Pedagogia sim, no início eu achei muito ruim mas logo depois eu comecei a estudar a educação mesmo e por falta de oportunidade perdi muitas aulas com viagens.

PESQUISADORA: Você faria depois da aposentadoria, depois de você se aposentar ou ainda jogando?

A8: Não, se eu tiver oportunidade de fazer um vestibular e passar, eu vou tentar conciliar os dois, o esporte e ...

PESQUISADORA: Qual a contribuição que você acha que você, enquanto atleta, pode deixar para o mundo, né, o ser humano, que contribuição você acha que você pode dar para sociedade, pro mundo do ser humano e mundo do esporte?

A8: Isso, eu acho que eu posso contribuir com ajudas. Eu acho que eu posso ter conversas com muitas pessoas, é, discutir, posso ajudar até mesmo a sociedade, posso contribuir dando alegrias pra eles no jogo, posso contribuir trazendo uma medalha para o Brasil e ajudando mesmo o pessoal lá da Paraíba que a gente quando vai fazer um campeonato a gente leva o nome do pessoal e é nesse modelo, dando alegrias, compartilhando com as pessoas.

PESQUISADORA: Você gostaria de fazer algum comentário, A8, tem alguma coisa que você queira registrar?

A8: Algum comentário?

PESQUISADORA: É, alguma coisa que você queira registrar?

A8: Eu só gostaria de agradecer a vocês, eu acredito que são uma forma de reconhecimento. Eu acredito que isso vai trazer benefício pra vocês e pra gente principalmente e eu fico feliz que estas pessoas, elas vem nos procurar porque de qualquer maneira é uma forma que eles acreditaram na gente.

PESQUISADORA: Tem algum telefone que se eu precisar, eu possa te ligar, eu posso te ligar?

A8: Tenho, tenho.

PESQUISADORA: Às vezes tem alguma dúvida na hora de formatar aos dados?

A8: Jóia.

PESQUISADORA: A8, olha queria te agradecer imensamente, muito obrigada.

MARCOS: Muito obrigado! Espero que dê tudo certo essa pesquisa que você tá fazendo, é doutorado.

PESQUISADORA: É, doutorado na Unicamp.

A8: Ok, tá jóia.

PESQUISADORA: Eu ainda vou combinar de trazer para mostrar para vocês, tá bom! Obrigada, viu!

Entrevista
A9

PESQUISADORA: Idade?

A9: 29 anos, Natal, Rio Grande do Norte, aquário, 1º de fevereiro de 79, ainda tamo em fevereiro, se quiser me dá presente ainda tô aceitando...*(risos).*

PESQUISADORA: A9, fala uma coisa pra mim, é...como é que foi a questão da história da tua deficiência...

A9: Nasci com paralisia cerebral, falta de oxigenação durante o parto, até os 2 anos de idade eu não andava, né, minha mãe foi descobrí tardiamente a paralisia cerebral porque, porque minha mãe sempre foi uma batalhadora, né, e nunca teve a oportunidade de podê estudar, de podê ter uma cultura maior e até então ela não conhecia a minha deficiência porque tenho quatro irmãos, além de mim, e eles não tiveram nada. Eu sou o quinto filho, sou o caçula, e naquela época também foi um momento muito difícil. E aos 2 anos de idade também o meu pai se separô dela, aí então você vê, uma mulher com 5 filhos pra podê criá, então ela foi nosso pai e nossa mãe ao mesmo tempo e tinha que trabalhá dia e noite pra podê nos sustentá...como eu te falei, foi descoberta tardiamente a paralisia cerebral, e depois ela começô a ir em busca de tratamento, em busca de uma melhora, e tive ajuda de meus irmãos, tive a ajuda de pessoas, é... meus irmãos que me carregavam nas costas, porque até os 7 anos de idade eu não andava, então o meu irmão e as minhas irmãs me carregavam nas costas pra onde eu tinha que í, pra í a praia, pra í a piscina, pra í a creche, pra habilitação é eles que me levaram, né, então... daí depois eu comecei a fazer várias cirurgias, no total eu fiz 4 cirurgias pra podê... porque minhas pernas eram cruzadas e dobradas, elas eram mais assim... daí teve que fazer 2 cirurgias na virilha pra podê descruzá e logo fiz, é... atrás do joelho pra podê esticá-las, né. Então todas essas cirurgias acabaram aos 16 anos de idade e começô a me dá, é, uma independência maior, comecei a andar de muleta também, né, pra lugares mais próximos, a cadeira de rodas eu uso pra lugares mais distantes e aos 16 anos terminei essas cirurgias e comecei a nadar. *(PESQUISADORA: Ah, tá...).* Então foi por prescrição médica, né, orientação médica pra eu começar a nadar, pra eu... servia mais como reabilitação, como fisioterapia, não foi nada intencionalmente, 'ahh, A9, vai nadá que você vai ser um campeão, vai ganhá medalha de ouro'...pelo contrário, foi 'A9, pode nadar porque vai te trazer uma reabilitação maior, uma independência pra você, né, você vai conhecer muito mais sobre o seu corpo, então a natação começo aí, mas é...

PESQUISADORA: Você chegou a experimentar algum esporte antes?

A9: Cheguei, é...antes d'eu começá a nadá, fazia futebol, fazia volei, é..na escola, né, quando a gente estudava. Mesmo com essa deficiência, é claro que havia alguma discriminação da minoria, havia, mas a maioria me aceitava naturalmente, me aceitava normalmente e isso era que me dava força pra podê continuá a tá ali, ao lado deles, querendo fazê as mesmas coisas que eles. Então, minha primeira medalha foi... foi no futebol, né, é foi uma...foi uma medalha assim, que chegamos em 6º lugar, mas foi uma medalha de honra ao mérito que até hoje eu tenho que eu olho e fico 'poxa, que legal', fico lembrando daquela... aquela turma, daquelas pessoas que me acolhiam, que me acolheram,

né, então eu fico muito feliz e não deixei de fazer nada na minha infância, na minha adolescência por causa da deficiência. Ia a festas, é...ia a praia, né, e o que eu fico mais feliz com tudo isso é porque naquela época o A9 era apenas uma pessoa com deficiência num grupo de pessoas ditas normais, que tinha uma... é, uma facilidade bem maior do que a minha, mas mesmo assim eles faziam questão de tá me levando pra os lugares que eles freqüentavam, né. Então, nunca deixei de fazer nada na minha infância e na minha adolescência por causa da deficiência. Porque, porque eu recebia um carinho muito grande dos meus amigos, principalmente da minha família, da minha mãe que quando, às vezes, por algum motivo eu ficava triste, ela falava: 'olha, você não é diferente de ninguém, você pode fazê o que você quisé basta querê'... né, então ela sempre, é...fazia essa coisa da auto-estima inconscientemente, como eu falei ela nunca teve oportunidade de estudá, nunca teve essa oportunidade de ser uma...conhecê a coisa da psicologia, mas mesmo inconscientemente ela me motivava, né, ela usava essa coisa da psicologia: 'você pode', 'você consegue basta querê' e ela sempre me motivava e eu cresci com isso na cabeça e tenho até hoje, basta eu querê, basta eu me dedica que eu vô consegui os meus objetivos.

PESQUISADORA: Essa, essa questão, é...de, de...da história da deficiência é interessante porque eu tenho um irmão que teve anoxia no parto. *(A9: Uhum...)*. Hoje ele tem 35 anos, meu irmão, mas o dele o resultado ele, é, acabou tendo um comprometimento mental, então hoje, isso que eu falei, ele mexe muito bem com coisas é...técnicas, né. Então computador...ele mexe nessas coisas melhor que eu, mas ele tem, vamos dizer assim, jamais vai ter a independência de viajar sozinho, de morar sozinho, ele não tem conhecimento de dinheiro, né, mas é a paixão da minha família, né, é o xodó da casa, *(A9: Legal!)* ... É... e assim da minha família também, sempre, onde a gente ia... o médico não contou que ele tinha tido problemas no parto, minha mãe que veio descobrir depois de 3 meses, depois de 3 meses ela soube que teve um comprometimento, né, e aí que ela começou também toda...e imagino como deve ter sido com a sua mãe, porque se a minha mãe teve o apoio do meu pai, que éramos 3 filhos só, imagino ela com 5 e sem seu pai *(A9: uhum....)*. Né, então...

A9: Complicado...

PESQUISADORA: É...

A9: Qual a idade do seu irmão hoje?

PESQUISADORA: Hoje ele tem 35, ele faz 36 em setembro, dia 15, nós temos 4 anos de diferença *(risos)*... 37 faço eu, virginiano, virginiana ali ó...Deixo te pergunta uma coisa, na sua infância, né, o que você lembra, com as crianças, você brincava bastante, você brincava do quê, você falou que tinha um relacionamento bom com seus amigos, né, você, você não se sentia, não se percebia, não se sentia deficiente e você percebia que as pessoas também não, você brincava na rua, como é que foi um pouquinho da infância do A9...

A9: Porque o que acontecia, minha família foi muito, era muito humilde, muito simples, né, então logo no meu início assim, é, desde que eu nasci até os 7, 8 anos de idade, nós não tínhamos nem uma televisão, não tínhamos um aparelho de som, não tínhamos nem sofá pra sentá, né, e eu tinha duas alternativas, ou eu ficava em casa sem fazer nada, né, porque

não tinha nada pra fazê, nada pra vê, ou escolhia a segunda alternativa que era ir pra rua, mesmo com a deficiência, tentá, é... passá o meu tempo. Escolhi a segunda alternativa e mesmo no início, acontecendo aquela coisa das pessoas não quererem, porque criança não tá acostumada a lidá com uma pessoa que tem uma deficiência, que tem uma limitação, aí, é...na hora assim, elas botam de lado, mas como eu falei, eu não queria ficá em casa, porque não tinha nada pra fazê, então ia pra rua e mesmo com aquela coisa, eu ia, fazia e quando eles viam que mesmo se eu não conseguisse mas eu tentava, eu me esforçava pra fazê, aquilo passava por cima, passava por respeito, por admiração, né, deles comigo e acabavam me aceitando no grupo deles.

PESQUISADORA: Você lembra mais ou menos do que vocês brincavam na rua?

A9: Ah, jogávamos bola, ou...o esporte carro-chefe era jogar bola, né, porque como eu era muito pobre naquela época, tudo, e os meninos também, então a bola era o carro-chefe. Brincávamos de esconde-esconde, é...acampávamos no quintal, então naquela época era muito boa porque ainda tinha essa coisa de...das crianças brincarem na rua, hoje não existe mais, infelizmente, né. Então, fazíamos, fazíamos de tudo e como eu sempre passava muito tempo em um bairro, crescia uma amizade muito grande, uma cumplicidade, né, eu me lembro que, é.. eu participei de um time de futebol lá e todo dia nós íamos treina e como era muito distante e eu não tinha nem cadeira de rodas, nem muletas, os meninos, crianças ainda, 7, 8 anos, chegavam lá em casa, é, faziam a cadeirinha com as mãos e me levavam até o campo de futebol, né. Então, são esses momentos aí que eu guardo até hoje com muita alegria, né, e fico imaginando, pô, A9 naquela época não era conhecido, não era nada, era como o A9 e são essas pessoas que até hoje eu dô valor, alguns eu ainda tenho contato, sabe, então, hoje eu conheci muita gente porque eu sô o A9, tipo, mas não esqueci deles porque eles são pessoas que eu dô muito mais valor, porque, porque conheceram o A9 com todas as dificuldades, né. Então são essas pessoas, são as nossas origens que a gente sempre tem que tá ali sempre, prestigiando.

PESQUISADORA: É, isso é uma, uma questão interessante mesmo, até depois a gente ia abordar, mas aproveitando esse gancho seu, desse sucesso todo seu, né, da mídia, o sucesso que você...ao mesmo tempo que você ficou uma pessoa conhecida, é, pra alguns, assim, em alguns momentos existe até uma acessibilidade mais difícil, por exemplo, eu sei o quanto foi difícil *(risos)* chega em você, quer dizer, como é que você gerencia também, A9, a sua vida sendo gerenciada por assessores, né, e você, A9, você consegue hoje distinguir verdadeiros amigos, os oportunistas, isso é uma coisa que pelo jeito é bem clara pra você, né...

A9: Bem clara, porque o que acontece eu dô...num é que eu deixo de dar valor as pessoas que eu conheço hoje, mas pela minha origem, pela educação que eu tive e ainda tenho na minha casa, é e até mesmo pela minha consciência, eu dô muito valor aquelas coisas lá atrás, né, é claro que por eu ser atleta, por eu ser conhecido, eu conheço pessoas maravilhosas. Depois desse aparecimento de A9, né, e a gente consegue distingui tudo isso, até mesmo porque, graças a Deus, eu tenho comigo pessoas boas que chamam pessoas boas, né, e ao longo da minha carreira só conheço pessoas maravilhosas, né. Então, sô uma pessoa muito tranqüila quanto a isso, o que eu gosto de fazê é treiná, treiná e treiná, então, é... não gosto dessa coisa de festas, de badalação, isso e aquilo, então quando você não

segue essa linha de noitada, badalação, então a probabilidade é bem menor de essas pessoas oportunistas aparecerem na sua vida, né, então eu tenho essa, essa, essa coisa e como eu te falei, desde que o A9 apareceu como atleta realmente, pessoas maravilhosas apareceram na minha vida, tudo, né, e graças a Deus, espero que continue assim, espero que possa continuá.

PESQUISADORA: Vai esfriar o teu leite, hein, pode comer sossegado...

A9: Não, fica tranqüilo...

PESQUISADORA: Outra coisinha que eu estava, queria assim, puxando um pouquinho mais pra área da Educação Física, hoje nós temos, né, as novas leis, a LDB, questão da inclusão, que de certa forma, na lei, na lei, já tinha essa coisa da inclusão. *(A9: Na teoria...)*. É. Você, no seu tempo, A9, no seu tempo de escola, você se lembra, você tinha Educação Física, você participava, como é que eram as atividades, era...enfim, se você participava...

A9: Essa coisa da inclusão... não, na realidade sempre que eu estudei, eu participava depois de...de muito persistir porque não havia nada. Quando eu comecei a estudá, eu estudava em escola especial, porque tinha uma, tinha aquela lei pra que... pessoas com deficiência tinham que ser separadas, tinham que estudar com pessoas com deficiência, e pessoas ditas normais com normais, mas o meu pensamento hoje, 'tem que havê alguma diferenciação?' Tem, mas também tem que havê bom senso, né. Eu acho que principalmente bom senso. Porque na realidade, uma pessoa com a deficiência um pouco mais comprometida, realmente vai precisá de uma atenção especial e se ela ficar numa escola regular, uma escola convencional, não vai ter essa atenção especial. Talvez acabe prejudicando os alunos, os outros e principalmente ela, porque não vai ter essa atenção. Mas, outro caso, comigo, eu sempre gostei muito de estudar, apesar de nascê com paralisia cerebral, muitos acham, muitos acham que compromete a intelectualidade tudo, em alguns casos sim, mas a maioria não, né, e eu, eu poderia tá estudando em escola regular normalmente, né, então tem que haver esse, essa coisa de bom senso, tá. E na Educação Física, por exemplo, eu tinha que... engraçado, eu tinha que ir lá e por eu conhecer bem antes os meus colegas tudo, o professor: 'não, você não pode fazer isso e isso e isso', e os colegas que falavam 'não, ele pode, porque ele faz isso diariamente'. Ah, então era mais por isso, pela minha persistência e pelo que os outros meninos falarem que eu pudia, né, infelizmente naquela época também, é, o desconhecimento do professor de Educação Física pra sabê se pudia fazê ou não aquela atividade. Mas como eu te falei, eu acho que tudo é bom senso, tem que haver essa distinção ai.

PESQUISADORA: Não, eu concordo com você na questão do bom senso, porque quando eu fiz o meu mestrado eu acabei levantando isso, né, que uma das coisas importantes também pra que isso aconteça é o professor, né, o professor tem que fazer acontecer. O meu irmão, ele, na época, também não tinha essa coisa de escola regular, mas ele só conseguiu se alfabetizar, A9, quando ele foi pra uma escola especial em Campinas, o ITARD. *(A9: Uhum...).* Porque quando ele foi pra classe especial, uma época, ali no Carlos Gomes, aquele menino sumia, virava um canudo na escola porque ali eles punham é,diversos, é, graus de dificuldade, e ele tinha, além de tudo, ele tinha problema gástrico muito grande, né, ele tinha muita diarréia, enfim, coitado, teve hidrocefalia, então não era fácil sabe, e ele

só foi mesmo... quando ele foi pra escola especial. É, e na verdade talvez a Educação Física não tenha contribuído muito pro seu sucesso esportivo atual *(risos)*...

A9: É porque na realidade eram coisas totalmente diferentes, é claro que a Educação Física ela me deu uma consciência, muito novo, do trabalho de equipe, liderança, auto-estima, então isso veio daquela época realmente. Porque eu sempre, sou uma pessoa que teve uma auto-estima muito grande, né, e por eu ter essa auto-estima, graças a minha família, a minha mãe, que era minha psicóloga inconsciente, que eu cresci com isso, né, que foi muito legal porque tudo que eu aprendi lá atrás eu levo pra minha vida hoje, né. E também aquela coisa quando eu comecei a nadá, meus amigos é, sempre me motivando, sempre 'pô, vai lá', faz isso e aquilo. Isso, isso contribuiu pra minha vida, em relação, como eu te falei, a auto-estima, a tá com o grupo, né, a tá comprometido, tê uma cumplicidade e tudo, então coisas que eu levo até hoje, levo até hoje. Acabô a fita, não, né?

PESQUISADORA: Não, ainda não, i, tenho mais viu! *(risos).* Preciso aproveitar de você aqui, bem, não brinca...*(A9: Tô aqui.).* Tem que aproveitar de você, senão, chegar e ainda conversar com o orientador. Em que momento da tua vida você decidiu que queria praticar, é, você falou que no desporto adaptado você começou com a natação, mas assim, como é que de fato foi essa sua entrada...*(A9: Quero ser atleta...)*. Isso, quero ser atleta, né...

A9: Pois é, eu comecei a reabilitação em 96, é, Natal é o pólo paraolímpico, Natal sempre teve atletas que participaram de paraolimpíadas, e pra você tê uma idéia, desde 92, na paraolimpíada de Barcelona que Natal serve atletas pra seleção brasileira e ganha medalhas, nem desde 92, 96 e 2000, e eu sabia disso porque eu via os atletas *(ALGUEM DESCONHECIDO: Nos encontramos já!),* e sempre eu via, né, na televisão dando entrevistas isso e eu achava super legal. Só que como eu tava em escola e eu nunca tinha nadado, não sabia nadá, eu ficava e falava 'poxa, que legal, né', só isso, mas não tinha o sonho de ser atleta. Em 96, quando eu fui, é, realmente pra essa coisa da reabilitação, por coincidência ou não, não sei, no mesmo lugar que eu tava fazendo a reabilitação, pela manhã, a tarde, a equipe de atletas treinavam lá, de pessoas com deficiência. E eu fiquei sabendo logo que entrei, e aí eu comecei: 'poxa, por que não? por que eu não posso participá da equipe?', né, a princípio eu pensei só em tá participando e vê no que que dava. Então, como eu nadava de terça e quinta pela manhã, só como reabilitação, eu tentava me mostrá de qualquer jeito pro técnico pra ele tentá fazê esse convite. Só que passô o ano todo de 96, é, passô a metade de 97, eu sempre falava com a pessoa que dava aulas pra mim: 'poxa, é... será que eu não posso participá da equipe?' Ele falava: 'não, ah, eu vô falá', e nunca falava, né. E no meio de 97, eu fui fazê um curso de datilografia, cheguei pra moça e falei ..a moça falo 'Olha, A9, nós temos 2 períodos, manhã e tarde, qual que você escolhe?' Eu: 'Ah, coloca na manhã'. A moça da datilografia me coloco pela manhã, e assim o que fiz, fui na secretaria do clube, né, de, da natação, e falei: 'Olha, moça, vô começá um curso a próxima semana de datilografia mas infelizmente só tem no período da manhã, teria como a senhora me colocá a tarde antes da equipe de natação?' Ela falô: 'Olha, temporariamente eu te coloco a tarde, mas assim que acabá seu curso você volta pra manhã'. Eu: 'Tudo bem'. Comecei a treiná, né, a tarde antes da equipe, mas sempre que a equipe, é, chegava e o treinador, quando eu via o treinador tentava me mostra de qualquer jeito, ia pra lá, ia pra cá, sempre que a equipe entrava pra começá o treino era pra eu saí mas eu sempre dava um jeitinho de fica ali pra nadá com eles. Uma semana depois, tava saindo da piscina, e o

técnico dessa equipe, ele chegô pra mim e falô: 'A9, vi você nadando, acho que você tem futuro, e gostaria de fazê o convite pra você participá da equipe aqui do estado'. Eu até falo isso 'Ah, legal', tal, fiz aquela cara de surpresa, mas foi uma coisa assim meio premeditada *(*PESQUISADORA: *Você investiu, né).* Por isso eu sempre digo, oportunidades aparecem para todos mas, às vezes, a oportunidade demora muito, você tem que criá sua oportunidade. Então foi isso que eu fiz e começô ali. Em 97 entrei pra equipe, né, criando minha própria oportunidade. Em 98, participei do meu primeiro campeonato brasileiro, que foi lá no Rio de Janeiro, quando consegui 3 medalhas de ouro, né, em 99, comecei, participei do meu primeiro campeonato internacional, meus 2 primeiros campeonatos internacionais, e em 2000 minha primeira paraolimpíada. A carreira surgiu aí, criando minha própria oportunidade.

PESQUISADORA: Olha muito interessante você viu, que legal! Faz tempo que você tá praticando a natação?

A9: Comecei em 96, mas eu, oficialmente com a equipe, eu digo que foi no início de 98 porque, porque no meio de 97 eu comecei a competí, mas não participei pra competição nenhuma, não participei pra competí. Comecei a participá em 97 mais pra ter consciência do que era a equipe, ter, pegá uma bagagem a mais, né, aí 98 realmente eu comecei pra valê.

PESQUISADORA: Eu já fui atleta de natação, né. Quando eu morava em Campinas fazia natação e fazia balé, adorava, nadava pelo Guarani, time de futebol. Naquele tempo eu era ainda mirim depois subi pra petis, né, mas daí quando eu era petis eu larguei porque aí a natação com o balé não tava combinando muito, e aí acabei indo...o técnico foi atrás de mim, lá na minha casa não queria deixar eu parar, nunca tive gosto pelo Guarani, eu sou Ponte Preta, e meu pai era roxo, né...*(A9: O arqui rival)*. Dai eu me lembro, que no meu tempo não tinha ainda piscina aquecida, daí, você veja, treinar, treinamento é aquela coisa, todo dia, faça chuva ou faça sol, e eu estudava de manhã, treinava toda tarde, de segunda a sexta, na época não tinha piscina aquecida com condições de treino não eram... *(A9: Adequadas).* É, é, como você vê todo esse seu trabalho de treinamento, às vezes não cansa, essa coisa do treinamento, a tua rotina?

A9: Pois é, desde 2001, na realidade quando eu voltei da paraolimpíada de Sydney em 2000, é naquela época foi um período assim, negro, mas ao mesmo tempo motivador pra mim. Porque, porque em 2000, na primeira paraolimpíada fui lá sem conhecê nada, e fui lá com um pensamento e saí de lá com outro. O meu pensamento antes de Sydney era que, era uma coisa que não era muito competitiva, era uma coisa que eu ia chegá lá e ganhá tudo, eu porque me achava muito bom, né, por eu não ter esse conhecimento. E cheguei lá e ganhei 3 pratas e um bronze. Resultado excelente? Resultado excelente, mas eu esperava mais de mim quando eu cheguei lá, eu esperava mais de mim porque, porque eu tinha uma consciência errada do esporte paraolímpico. E chegando lá aí eu fui vê, poxa, são atletas, pessoas que se dedicam realmente, que são profissionais e se eu quisé ser atleta eu tenho que ser mais profissional que os outros, né. Então na hora foi tudo estranho mas depois foi motivante porque aquilo me motivou a podê tá treinando 4 a 5 horas por dia na piscina, tá fazendo trabalho de academia, e quando eu cheguei de Sydney, 3 pratas e um bronze, não era o resultado que eu esperava, mas, poxa, era um resultado excelente. Eu fico

imaginando, ‘poxa, eu vô chega no Brasil, vô chega em Natal, ter patrocinadores, ter pessoas que me apóiam’, isso e aquilo. Cheguei lá e não foi realmente o que eu esperava, coisa de patrocínio, coisa de apoio e eu tinha uma empresa, é, drogaria Amadeus, que é uma farmácia lá em Natal que me apoiava desde 99 e como lá em casa tava passando por dificuldades, o que não era muito raro, é e eu era a única pessoa que não trabalhava, eu, poxa, ‘eu vô ter que trabalhá’. E essa farmácia, o proprietário da farmácia me deu o emprego. Tá, comecei a trabalhá como auxiliar de escritório e de 2000 até o finalzinho de 2001 foi muito complicado porque, porque eu acordava às 5 da manhã, pra tá no emprego às 7h, as 12h e 30min tava na piscina treinando, às 15h e 30min estava de volta ao emprego, às 19h ia pro cursinho pré-vestibular e só chegava em casa às 23h, 23h e 30min, no dia seguinte fazia a mesma coisa, né. Então, é, fazia isso por mais de 1 ano e meio. Muitas vezes tava cansado, ficava até, ‘poxa, o que eu quero é a natação mas não tenho apoio nenhum’, mas vinha aquela vozinha no subconsciente ‘A9, se você quer, persista’. Sabe eu sempre tive aquilo comigo, nunca vô conseguí nada fácil, eu vô conseguí sempre na dificuldade que foi, é como eu sempre consegui as coisas, né, e eu lá persistindo e tava muito feliz porque, é, eu tinha o que fazê e a pior coisa é a pessoa não tê o que fazê nada, e o meu dia todo, era exaustivo, era, mas pelo menos eu me senti capaz, né, e se tava fazendo tudo aquelas coisas, eu me sentia capaz de as pessoas saberem que eu era capaz de tá fazendo tudo aquilo, e isso é uma coisa maravilhosa, né. E continuava, trabalhava, estudava e treinava e em 2001 saiu o incentivo pra o comitê olímpico e paraolímpico através das bilheterias Caixa, né, e dava 2% de tudo que a bilheteria arrecadava para o esporte olímpico e paraolímpico, sendo que 85% era pro olímpico e 15% para o paraolímpico, e o comitê paraolímpico brasileiro começô a dá uma ajuda de custo para os atletas medalhistas em paraolimpíadas, e como eu tinha sido medalhista em Sydney, eu comecei a recebê uma ajuda de custo que cobria, é, o meu salário que eu recebia na drogaria, né. Então sai da drogaria, passei então a só estudá e treiná, comecei a sê profissional, isso no finalzinho de 2001. E no finalzinho de 2002, apenas um ano treinando, fui participar do campeonato mundial, meu primeiro campeonato mundial, e lá consegui 3 recordes mundiais. Consegui ganhar dos atletas que eu não tinha ganhado em Sydney, apenas, né, em um ano de profissional. E aí começô a batê recorde em cima de recorde e, mas faltava a paraolimpíada, né, faltava, e quando eu sai de Sydney, eu sai com o pensamento, ‘poxa, eu quero melhorá minhas marcas, eu quero me sai bem melhor em Atenas em 2004 do que sai em Sydney’. E pra isso contratei um treinador, fui bem profissional e falei, sentei com ele no finalzinho da paraolimpíada de Sydney e falei: ‘Claúdio, eu quero isso, isso e isso em Atenas’. Ele: ‘Ah, legal, tranquilo’, né. E começamos a treiná e isso então foi uns 5 paraolímpicos, né, muitos pensam que a gente treina um ano antes, dois anos antes, mas não, tem todo um ciclo paraolímpico, começamos por esse ciclo. 2000, 2001 era um ano mais leve porque, porque o corpo tinha que se condiciona a descansa pra 2002 a 2004 pegá pesado, né. Em 2002, muito treino. Em 2003, muito mais treino ainda. Em 2004, foi o mais do mais do mais. Em 2004, foi uma rotina assim que eu não pensava em nada, só em água, tinha sonhos e pesadelos com água. Então eu acordava às 4h da manhã, às 4h e 30min já pegava o primeiro ônibus, pra chegá até o treinamento eu tinha que pegá 2 ônibus pra chegá, né, às 6h da manhã eu já começava a academia, às 8h já estava dentro da piscina, saia de lá só às 10h e 30min, 11h. Pra voltá eu pegava os 2 ônibus novamente e a tarde fazia esse mesmo percurso, ficava na piscina das 5h as 7h, né. E só quem realmente tinha essa dedicação total era eu, né, porque eu tinha muitos amigos que muitos amigos eu tinha entre aspas, eu ficava triste porque o pessoal, alguns condenavam meu treinamento. ‘Pô, você é maluco! é... Vai

acaba maluco por treiná tanto'. Isso e aquilo. Mas não era uma coisa que eu acreditava, era uma coisa que eu não tava fazendo irracionalmente, né, porque eu tinha um objetivo. E também muitas vezes, às 4 da manhã, acordá todos os dias era meio complicado, às vezes tava chovendo, tava fazendo frio e eu ainda tava todo dolorido, cansado do dia anterior. Eu ficava me perguntando 'poxa, meu Deus, será que tudo isso vale a pena? Será que toda essa dedicação, vou ter uma recompensa?' E o que me motivava era quando eu subia no ônibus, as pessoas chegavam 'poxa, campeão, vai lá, porque com certeza você vai ganhá, você vai tê a recompensa'. Então eram nessas pessoas que eu tinha a minha motivação. Eram nessas pessoas que diariamente eu encontrava que fez eu continuá. E chegando em Atenas, daí eu tive que fazer vários sacrifícios também lá. Eu me lembro que, até hoje, que as únicas fotos que eu tenho de Atenas são dos meus amigos, que eu peguei, que eles me mandavam por e-mail, gravavam no computador, né, pra mim, num CD pra mim, porque eu num sai pra conhecê a cidade. E me lembro que um dia, eu, nós treinamos e teve um dia de folga justamente pra conhecê a cidade, né, pra pudê é, esse dia de descanso. E eu cheguei pro coordenador técnico da natação e falei: 'Não, num vô porque eu vô treiná'. E é, tivemos até uma discussão, uma divergência lá, ele falo: 'Não, não precisa treiná, você já treinô tudo que tinha que treiná, e porra, vai ser legal...'. E eu só falei: 'Não, eu quero fazê isso, eu quero treiná, decidi e blablabla'. Então, eu me lembro que nesse dia só tinha eu do Brasil, eu fui pro parque aquático, cheguei e a piscina ainda não tava liberada e eu tava um pouco cansado, né, e deitei na arquibancada lá sozinho e acabei durmindo. E quando eu me acordo tinha um monte de americanos lá ao lado, só eu de brasileiro. Então essa cena, eu me lembro até hoje, que só tava eu ali do Brasil, né, com um monte de americanos que iam treiná, acabei treinando com eles, tudo, tenho vários amigos lá, né, e eu não sei se isso contribuiu pra que eu ganhasse todas as medalhas de ouro em Atenas, mas eu tenho certeza que não prejudicô, né, que isso não prejudicô, e eu acho que é isso, se a gente tem um objetivo, se a gente qué uma coisa, qué muito uma coisa, tem que se dedicá, tem que sê profissional.

PESQUISADORA: E você conseguiu, né, nesse intervalo de Sydney até Atenas se profissionalizar, e nesse período todo, você conseguiu esse patrocínio da Caixa, das loterias?

A9: É, na realidade, o que acontece, não eram as loterias que patrocinavam os atletas, pela, pela, por essa lei de incentivo, lei Agnelo Pinto, obrigatoriamente as loterias tinham que destiná esse recurso pra o comitê olímpico e paraolímpico. Mas, em 2003 e 2004, as loterias começaram a patrociná o comitê paraolímpico brasileiro, mas não os atletas, né. E hoje, é a mesma empresa patrocina o comitê e patrocinam alguns atletas, né *(PESQUISADORA: Alguns atletas, isso!)*. Eu não estou dentro porque, porque eu tenho os meus patrocinadores que são a Fijan, que é lá do Rio de Janeiro, Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, e tem a Nutriben, que é uma empresa lá em Natal, que é uma empresa de alimentos, né. Então o esporte paraolímpico hoje tá muito mais protecional que antes. Mas eu acho que o meu grande diferencial dos outros atletas foi, é, querer realmente ser profissional porque como eu te falei, é, em Sydney, antes de eu ir pra Sydney eu tinha uma idéia que não era profissional, mas depois que eu vi realmente o que era, eu falei: 'Poxa, se eu quero ganhar dos caras, eu tenho que ser mais profissional que eles'. Então o que me motiva muitas vezes, eu adoro treiná quando tá chovendo, quando tá as piores condições possíveis, aí isso que me motiva treiná. Porque, porque eu sei que eu tenho vários

adversários, e eu sei que essas condições tiverem as piores pra eles também pelo menos um vai dexá de treiná naquele dia. Então, né, isso que me motiva. Porque eu vô tá fazendo a minha parte e pelo menos um não vai tá, então eu já ganho.

PESQUISADORA: O que você considera como uma coisa que desmotive a treinar?

A9: Como assim?

PESQUISADORA: É, aí hoje isso, por exemplo, que nem você falou, o atleta, ele falou: 'hoje eu não vou treinar', o que você considera que sejam fatores que desmotivam.

A9: Pois é, às vezes é o próprio cansaço, né, o próprio cansaço, ali diariamente, e principalmente a natação, a natação porque é um esporte muito solitário, é individual, você e você. Você que nadô tá melhor do que isso. Poxa, às vezes faz 12, 13 mil pra lá e pra cá, então qual a motivação daquele atleta? Então, primeiro do que tudo, você tem que gostá, você tem que amá o que faz. E é o que eu faço. Eu acho que se fosse obrigação eu já teria parado. Então muitos me perguntam: 'A9, quando é que você vai pára de nadá', né, e eu falo, olha só, enquanto houvé esse prazer de tá treinando todo dia, de tá encontrando meus amigos, tá nadando, eu num sei te dissê quando eu vô pára, mas no dia que for obrigado, "poxa, vô ter que ir por causa disso, por causa daquilo", aparecê esse sentimento amanhã ou depois, daí sim eu tenho que pára porque os resultados não vão mais aparecê.

PESQUISADORA: Você treina lá no Rio de Janeiro mesmo?

A9: Treino no Rio de Janeiro, lá no Sesc Clube de lá, mas eu fico fazendo uma ponte aérea Rio –Natal, Natal-Rio, *(risos)* porque o que acontece, é, a oportunidade de morar no Rio aconteceu no ano de 2006, né, entraram em contato comigo pra me patrociná e fizeram duas propostas irrecusáveis. A primeira era pra ser o embaixador do pan, para-panamericano que aconteceu ano passado. Mas a segunda, que realmente foi irresistível, foi trabalhá com projetos sociais lá da cidade. E eu adoro isso, adoro crianças, adoro trabalha com projetos sociais, porque são geralmente essas pessoas que estão dentro desses projetos são pessoas muito carentes, que se não houvessem esses projetos, nunca iam ter oportunidade de tá numa piscina, tá fazendo um esporte, né, pessoas carentes mesmo. No meu ponto de vista, é podê contribuí nesses projetos sim, quem sabe sê atletas, ótimo, mas principalmente pra dá o pensamento de consciência, de dignidade, realmente aquela coisa de cidadão, né. Então, eu adoro isso!

PESQUISADORA: Foi ai que você foi...E ai, esse instituto hoje seu, começou daí?

A9: Isso, o pensamento do instituto começô desde 2004, quando eu voltei de Atenas, 3 medalhas de ouro e uma de prata, e eu comecei a vê uma identificação muito grande que as crianças tinham comigo, né, eu fiquei imaginando 'poxa, o que que eu tinha pra essas crianças se identificarem tanto comigo?', né, crianças com deficiência, principalmente, crianças sem nenhuma deficiência, né, e poxa, 'eu tenho que fazê alguma coisa, eu tenho que, né'. Já conseguimos o terreno pra um instituto lá em Natal, né, mas o instituto não está criado. Mas lá no Rio eu tenho o projeto Brasil Social de natação que são 600 crianças, 60

sem deficiência e tem todo esse trabalho. Então fico muito feliz em podê tá contribuindo nessa parte solidária e isso, isso, é o que me motiva, é o que me dexa muito feliz.

PESQUISADORA: É porque no final é importante porque você acabou aproveitando essa questão do seu sucesso, a sua influência e exercendo um papel na sociedade, né. A9, eu acho isso super importante!

A9:: E hoje eu participo dos Atletas para a cidadania, que é uma entidade que o único atleta com deficiência sou eu. Essa ONG quem teve o pensamento, a princípio, de tá juntando grandes nomes, grandes atletas do Brasil, foi o Raí, ex-jogador do São Paulo. Então hoje, dessa entidade participa o Raí, a Hortência, o Oscar, vários grandes atletas, vários nomes brasileiros e nós temos, e o mais legal são tudo isso, grandes atletas, e o mais legal é que eles não falam só de esporte, eles não brigam pra melhoria do esporte e sim de todas as causas sociais. E a primeira delas, estamos brigando pela lei do aprendiz. A lei do aprendiz é uma lei que desde 2000 ela existe mas não é levada, é, na prática. Então nossa principal bandeira é colocá jovens aprendizes, conscientizá as empresas e os empresários a tá contratando esses aprendizes, tá incluindo no mercado de trabalho, praí podê tá dando mais oportunidades a esses jovens.

PESQUISADORA: Esse questão de sucesso hoje, a gente sabe, está muito relacionado com a mídia, a televisão, o rádio. Você acha, A9, que a paraolimpíada de Atenas, de 2004, ela teve um destaque maior na mídia em função do grande número de medalhas conquistadas?

A9: Olha, o que acontece, em 96, em Atlanta, 2000, já houve um trabalho pequeno em relação a mídia e todo mundo, toda a sociedade brasileira, ouvia falá que os atletas paraolímpicos iam para as Paraolimpíadas e ganhavam medalhas, batiam recordes mundiais, mas só ouviam falá, né. Em Atenas, eles passaram a vê, e eu sempre digo, nós éramos campeões muito antes de Atenas, e as pessoas ouviam, e ouví é diferente de vê, né, então quando você vê, você tem outro pensamento, pensamento de profissionalismo, que são atletas como qualquer outro. Então, eu sempre imagino, né, pô, se a competição é no mesmo lugar, a medalha é a mesma, o hino nacional é o mesmo, pra que havê distinção, né, e com a paraolimpíada de Atenas, quando todo mundo passo a vê, é... o pessoal começô a respeitá, começô a vê a pessoa com deficiência não como uma pessoa incapaz, pelo contrário, como uma pessoa capaz, uma pessoa que pode superá os seus limites basta a ter oportunidade como qualquer outra pessoa.

PESQUISADORA: Pra você, a mídia, ela colaborou, e muito, para o desporto adaptado?

A9: É, foi fundamental porque passaram a vê, e eu tive oportunidade, tive o privilégio de, em Atenas, ganhá 6 medalhas de ouro, né, ser o destaque do Brasil nas paraolimpíadas, e depois dali realmente o A9 ficô sendo o ícone do esporte paraolímpico. Então aquilo começo a ter o reconhecimento, as pessoas começaram a respeita mais o A9 e também os deficientes físicos e ali começô a aparecê oportunidades pra eu tá me divulgando e divulgando o esporte paraolímpico, conquistando prêmios, i... é, conquistava prêmios e concorria com atletas olímpicos, né, com Robert Scheid, Ronaldinho Gaúcho, recebi prêmios também com Ronaldinho Gaúcho e Ronaldinho Fenômeno. Então tudo isso veio pra divulgá o esporte paraolímpico, mas tudo começô realmente em Atenas.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A9: Eu acho que em primeiro lugar, que era meu pensamento, meu pensamento, eu não queria ser um grande atleta, eu não queria nem ser atleta, meu pensamento a princípio era estudá, pra fazê uma faculdade, né, de Educação Física ou Psicologia, até hoje eu tenho essa...(*PESQUISADORA: Essa dúvida?).* Essa dúvida! *(PESQUISADORA: Educação Física, vai ..rsrs)*. Até hoje tô pensando em Educação Física e mais a frente fazê uma especialização em Psicologia do Esporte, né, então, meu primeiro pensamento era estudá e fazê uma faculdade, primeiro pensamento era sê um cidadão, porque, porque eu sempre tive a consciência que ser um atleta e principalmente um grande atleta exige muita dedicação, muito treinamento e disciplina, e muitas vezes a maioria das pessoas é um grande atleta e não tem tudo isso, porque, porque precisa de talento e nem todos nós temos esse talento, né. Então, vai acontece naturalmente, vai, mas você precisa dessa dedicação toda mas principalmente, eu acho que você tem que ser cidadão, tem que investir nos estudos, né, tem que estar de bem com você mesmo... pra podê fazê as coisas fora desse âmbito esportivo e você fazendo isso, e estando de bem com a vida, você vai fazê o esporte e ...porque às vezes a gente cria muita expectativa, 'ah, eu quero ser um grande atleta', 'eu quero ganhá várias medalhas de ouro', e quando isso não acontece, na maioria das vezes, você se frustra. Então se você coloca prioridade na sua vida de ser um cidadão, e você vai conseguí isso, e no esporte podê fazê, você vai fazê e talvez não seja um grande atleta, mas não vai se frustrá, porque você já fez um alicerce que não é vida esportiva, porque sua prioridade é ser cidadão, é estudá.

PESQUISADORA: E você acha que essa prioridade em ser cidadão, hoje, onde exerceria isso?

A9: Pois é, hoje a consciência, infelizmente, não é essa, né, são outras exatamente pelas coisas que a gente vê no nosso país que nos frustra tanto, mas eu acredito que esse é o caminho. Porque eu sempre vô pra uma competição e por mais que às vezes eu seja favorito a ganhá a medalha de ouro, a ser badalado, eu sempre vô tranqüilo, olha, vô lá, fazê o meu melhor, isso não significa que vai me dá medalha de ouro, que vai dá recorde mundial, tá, mas eu fico muito tranqüilo porque quando eu vô pra essas competições porque eu sei que independente do resultado positivo ou negativo lá, vô chega em casa e minha família vai me tratá da mesma forma, com carinho, com a mesma alegria e meus amigos também. Não meus amigos que conheceram o A9 vencedor, mas meus amigos que me carregavam nas costas muitas vezes pra ir a praia, pra ir a um campo de futebol, né, e eu acho que a consciência fica aí... a consciência... fica o apoio familiar isso é fundamental para qualquer pessoa que tenha uma ambição maior, tendo apoio familiar você vai longe.

PESQUISADORA: É verdade, eu me lembro, nós tivemos uma vez, uns jogos sociais na UNICAMP, eu ajudava, eu era monitora do orientador, e tinha o grupo da adaptada, e nós fizemos um, eram 12 cidades na época, sabe, o meu irmão foi com essa escola, e eu não

esqueço até hoje, ele fazia natação, como ele tinha dificuldade com a respiração ele só nadava de costas e não encostava a cabeça, e o danadinho não é que foi bem, ficou em primeiro lugar, até hoje ele lembra, A9...nossa, você está com horário, né...*(A9:: É, eu tenho as 11hs um...)*..É deixa eu ver...*(A9: Teria algum problema da gente fazê lá no apartamento onde eu tô, porque eu tô com um as 11hs com um pessoal?)*. Não eu vou fechar com você. Você já falou pra mim que tem um sonho que quer fazer Psicologia ou Educação Física.

A9: Hoje tá mais pra Educação Física e me especializa na Psicologia do esporte.

Entrevista
A10

PESQUISADORA: A10, em primeiro lugar, obrigado por ter me recebido, eu sei que você está em época de competição. A idade?

A10: 34 anos.

PESQUISADORA: Ocupações?

A10: Atleta paraolímpico de natação.

PESQUISADORA: Grau de escolaridade?

A10: Tô fazendo faculdade de Educação Física para dar continuidade que eu comecei como futuro técnico da seleção, primeiro do meu estado Rio Grande do Norte e futuramente técnico da seleção brasileira.

PESQUISADORA: Falar em, é lá mesmo, no Rio Grande do Norte, a faculdade?

A10: Rio Grande do Norte, Natal.

PESQUISADORA: É, fala para mim um pouco, eu li, né, na internet sobre a questão do histórico da sua deficiência, mas eu queria que você contasse um pouquinho da questão da história da sua deficiência.

A10: Bom, eu me acidentei com 17 anos de idade, trabalhava na construção civil e cai de um galpão de sete metros de altura, fraturei a coluna. Para mim foi uma época muito difícil da minha vida porque eu estava na flor da idade, como adolescente, mas eu descobri o verdadeiro sentido da vida depois que comecei a competir esporte. Comecei a ter consciência e comecei a nadar com dedicação e me destaquei numa competição a nível local. Daí então comecei a nadar junto com o pessoal da seleção do estado do Rio Grande do Norte e minha primeira competição foi no mesmo ano, em 93, e me destaquei nessa competição. Mas no começo era muito difícil porque eu não tinha condições financeira para me locomover pros treinamentos, meus irmão tinha que levá eu no quadro da bicicleta, mas graças a Deus eu consegui superar tudo isso aí com apoio do meu irmão juntamente com a minha mãe, da minha esposa que na época, eu, com 17 anos, já era casado e graças a Deus eu devo isso a ela, a minha mãe, aos meus irmãos. Infelizmente os amigos, quando a gente sofre qualquer tipo de acidente, e para eles, eles acham que a gente fica incapaz, infelizmente eles te isolam. E hoje os amigos que eu tenho realmente são pessoas com deficiência, são pessoas alegres, determinadas que se superam a cada momento e isso para mim é o que vale.

PESQUISADORA: Interessante que você deu a entender que com o seu acidente eles se afastaram. Você hoje, com todo seu sucesso, você soube distinguir amigos que viriam por conta do seu sucesso ou porque era seu amigo mesmo?

A10: Hoje realmente eu digo se eu quiser, assim, realmente amigos, amigos, eu possa considerar que eu tenho dois, mas muitas vezes pelo fato de a gente conseguir desempenhar bem o nosso papel e ter bom resultados, muitos amigos que dizem ser amigos procuram a gente mais pelo interesse, mas infelizmente, graças a Deus, assim, dá realmente para distinguir quem é amigo, quem é colega e, mas assim, da época, realmente, que eu sofri meu acidente eu só posso contar realmente com dois. Infelizmente tinha muitos amigos mas quando eu falo assim, aqueles que vão realmente, é porque acham que nós não somos capazes de viver uma vida como eu vivia antes. Infelizmente não dá para mim jogar futebol como eu jogava antes, mas, assim, tem alguma coisa que a gente consegue fazer tanto quanto bem como uma pessoa dita normal.

PESQUISADORA: Eu quero falar um pouquinho agora da tua história, né, o atleta ouro hoje, o seu sucesso nós conhecemos mas eu queria que você voltasse um pouquinho no seu passado, na sua infância. Você brincava? Sua relação com os amigos e a família; você tinha namoradinha? Um pouco da sua infância, eu queria que você falasse um pouquinho do seu histórico, faz um histórico assim pra mim.

A10: Então, eu sou de uma família humilde, uma família de 10 irmãos. Nasci no interior do Rio Grande do Norte, Santa Cruz, e si mudamos para Natal que é capital do Rio Grande do Norte se eu não me engano com 1 ano de idade, mas sempre foi muito difícil porque minha mãe trabalhava, meu pai também era do interior e foi muito difícil. Minha mãe tinha que trabalhar, deixar a gente em casa, 6 homens e 4 mulheres, mas graças a Deus, assim, sempre minha mãe, meu pai sempre fez tudo que pôde por nós e eu quis também começar a trabalhar muito cedo, comecei a trabalhar com 15 anos de idade já na construção civil, mas ...

PESQUISADORA: Você trabalhava numa feira, né, também?

A10: Isso, antes mesmo de trabalhar na construção civil, numa firma, eu já trabalhava na feira já, vendendo laranja, vendendo bombril, vendendo pastel. Comecei a trabalhá muito cedo já para ajudar minha mãe, para ajudar meu pai e graças a Deus eu fui sempre uma pessoa esforçada, conseguia correr atrás e aos 15 anos de idade, quando eu comecei a trabalhar na construção nessa firma para mim era tudo legal sabe, era tudo bom, eu não esperava nunca que ia acontecer isso comigo. Dois anos depois que eu comecei a trabalhar nesse emprego cai de cima de um galpão, até o momento não sabia o que estava acontecendo comigo, mas a partir de quando eu comecei a perceber que eu tinha ficado paraplégico eu comecei a pensar que tinha que dar a volta por cima porque Deus escreve certo por linhas tortas e nós conseguimos superar aí, conseguimos superar e hoje eu tô aí um atleta de alto nível, com apoio, com grandes patrocinadores. Então, assim, não tenho o que reclamar da vida de maneira nenhuma, no começo não foi fácil dos meus 17 anos aos meus 20 anos foi a ...

PESQUISADORA: Você freqüentava a escola nessa época do acidente? Antes sim?

A10: Eu quando sofri o acidente tinha 17 anos e estava fazendo a quinta série do primeiro grau. Então isso foi em 1990, o preconceito existe, mas acho que o preconceito partiu mais da minha cabeça porque eu não me aceitava como uma pessoa com deficiência. Eu tinha

vergonha das pessoas olharem pra mim e sentir pena porque eu acho que a pessoa não tem que sentir pena de ninguém porque nós somos iguais tirando o físico e se nós temos limitações, todo mundo tem, mas infelizmente eu sentia que as pessoas olhavam para mim com olhar de pena e eu passei 5 anos pra depois voltar a estudar novamente. Isso foi em 90, eu voltei a estudar em 95, aí conclui a quinta série, sexta, sétima, oitava, terminei o segundo grau, com muitas dificuldades, mas é isso aí quando eu realmente cai na real que eu tinha que sobreviver que não tinha que me esconder do resto do mundo consegui superar e hoje tá fazendo já...

PESQUISADORA: Então antes do acidente você freqüentava a escola normalmente, tinha Educação Física? Você participava? Como era seu lado esportivo antes do acidente?

A10: Ah, antes do acidente eu era uma pessoa normal, né, dita normal, né. *(risos).* Eu fazia atividade física, brincava muito com o pessoal. Eu gostava muito de jogar bola, achava bonito a natação, mas antes do acidente eu não sabia nadá, aprendi a nadar depois que sofri o acidente, mas era um garoto assim normal como qualquer outro, assim, que corria, que brincava, que areava, que brigava, entendeu? Normal, normal mesmo.

PESQUISADORA: É, a Educação Física que você teve na sua escola, que você fazia, praticava, enfim, antes do acidente, você acha que de alguma forma ela contribuiu pra tua vida profissional hoje, o teu sucesso ou não?

A10: Eu acho que não, sabe. Tinha Educação Física no colégio mas eu era sempre liberado porque eu estudava muito e eu tinha que trabalhar durante o dia e em escola pública realmente ninguém é praticamente obrigado a participar da Educação Física e comigo não era diferente não. Quer dizer, eu acho que praticamente eu nem participei das aulas de Educação Física, mas pelo conhecimento que eu tinha na época, a Educação Física de colégio público é muito fraca, hoje é totalmente diferente as pessoas estão mais incutidas com a Educação Física não é à toa que vou ser um futuro educador e quero passar para as pessoas que através do esporte a pessoa pode ser um grande ser humano.

PESQUISADORA: Você disse que, é, você então começou a fazer a natação pra reabilitação? Então você, o desporto entrou primeiramente por reabilitação na sua vida? Qual foi o momento que você decidiu que queria praticar o desporto adaptado? Em que momento da sua vida?

A10: Assim, eu realmente não escolhi ser atleta, tudo começou assim porque na época já existia muito atleta de renome a nível local, nacional e até internacional no meu estado e quando eu sofri o acidente, o interessante é que eu fazia fisioterapia. A fisioterapeuta falou para mim desse pessoal e eu já tinha visto antes na televisão e ela falou para mim que ia conseguir uma vaga para mim, para mim conseguir fazer natação, ela perguntô se eu sabia nadá, e eu não sabia nadar com a técnica que tem a natação na piscina, sabia nadar porque eu nadava em praia mas não tinha técnica, e essa fisioterapeuta... Naquela época era época de carnaval e minha fisioterapeuta falou: “A10, eu vou conseguir uma vaga para você, vou falar com o dono da academia”. E eu fiquei ansioso, cheguei em casa, falei pro pessoal que ia nadar e ela foi pro carnaval, voltou e parece que tinha esquecido. Eu cheguei pra ela: “E aí, a senhora conseguiu a vaga para mim?” “Ah, tá tudo lotado, não dá para conseguir não”.

Aquilo foi uma tristeza para mim porque eu já tava empolgado já para nadar junto com o pessoal. Também aí, certa vez, eu ia passando e o dono da academia me parou e me perguntou se eu tinha interesse em fazer parte do grupo, em fazer reeducação. Eu falei que tinha e comecei na terça e na quinta-feira nesta academia e comecei a me destacar junto às outras pessoas que estavam começando. Aí comecei, teve essa competição onde eu me destaquei aí eu comecei a treinar junto com a delegação e aí surgiu A10 aí, com bons resultados, mas isso se deve graças a Deus, a grande força de vontade que eu tive porque nada cai do céu a não ser que você corra atrás, Deus tá sempre ao lado das pessoas então você tem que correr atrás e ter muita força de vontade e comigo não foi diferente.

PESQUISADORA: Quando você entrou para seleção brasileira?

A10: É eu comecei...

PESQUISADORA: Você lembra como é que foi, quem que te chamou? Onde você tava? Quem te deu a notícia ? Enfim ...

A10: Foi engraçado porque quando eu comecei a nadar em 1993 eu vinha de competição pelo campeonato brasileiro de equipe. Eu comecei neste mesmo ano em abril e no mês de dezembro eu já fui convocado para participar do campeonato brasileiro em Recife, e nessa primeira competição eu fiquei numa categoria, que até então eu não entendia como é que funcionava o esporte para pessoas com deficiência e eu fiquei na categoria F5. E nessa categoria eu consegui, na primeira competição, oito medalhas sendo que, dessas oito medalhas, foram sete de ouro e uma de prata. E eu fiquei assim realmente radiante com o resultado, radiante com as pessoas que competiam comigo, porque cada olhar, cada gesto, realmente pra mim me motivava cada vez mais a viver. E no ano seguinte, em 94, eu participei de um regional, me dei bem novamente, aí mais uma vez participei de outro campeonato brasileiro em São Paulo. Chegando em São Paulo, o pessoal já sabia assim de mim, na classificatória já tava já, não famoso, mas as pessoas diziam: "Apareceu um atleta bom aí". E na época tinha um atleta que era da seleção e não era da minha categoria. Então chegando, a classificadora me classificou na categoria F6 e eu fui nadar contra esse rapaz que era da seleção e era uma prova de 200m e eu de ponta a ponta ganhei e quando eu terminei que eu bati na chegada, a classificadora falou para mim que eu subi de classe mais uma vez, pra F7, aí eu passei a não entender porque eu cheguei nesta competição como F5, aí fui classificado para F6, aí quando eu ganhei essa classificadora me põe pra F7. Aí, para mim, me entristeceu só porque eu ganhei de um atleta da seleção brasileira eu tinha que subir de classe? Aí pronto, terminou essa competição, eu consegui um resultado para mim satisfatório porque eu consegui na minha terceira competição com 11 medalhas, 5 de ouro, 5 de prata e uma de bronze e terminou a competição eu fui para minha cidade natal e tava decidido a não nadar mais porque eu achei que tinha havido injustiça para mim, né. Cheguei até a parar por duas semanas quando meu técnico chegou na minha casa e disse: "A10, você foi convocado para a seleção brasileira para representar o Brasil no campeonato mundial na Ilha de Malta". Aí eu cheguei para ele e perguntei: "Em qual categoria: F5, F6 ou F7?". E ele não soube me responder. Então para mim foi uma sensação muito grande, voltei a treinar novamente e neste mesmo ano, no finalzinho do ano, eu fui representar o Brasil na Ilha de Malta e chegando lá eu fui reclassificado internacionalmente e fiquei na categoria F6 e consegui um resultado para mim satisfatório, ganhando no meu primeiro

campeonato mundial, campeonato a nível de paraolimpíada, consegui medalha de bronze e fiquei animadíssimo e dei continuidade e graças a Deus eu tô até hoje.

PESQUISADORA: O que representou a medalha de ouro nos jogos paraolímpicos de Atenas na sua vida? O que modificou no campo social, no campo afetivo, no campo financeiro, no familiar, houve alguma mudança? O que representou?

A10: Olha só, todas as medalhas para mim são importantíssimas e graças a Deus eu consegui assim galgar gradativamente. Na primeira paraolimpíada, em 96, eu consegui medalha de bronze e na segunda, em Sydney, eu fiz a façanha de conseguir 4 medalhas, 3 de prata e 1 de bronze e na última, que eu participei em Atenas eu consegui a medalha de ouro no revezamento de 4x50 medley e medalha de prata no revezamento 4x50 livre. Então para mim foi tudo de bom porque a partir dessa medalha que eu realmente, eu passei a viver exclusivamente da natação, com patrocínio, com respeito da sociedade, as pessoas passaram a olhar para os atletas paraolímpicos, não só para mim, não só para mim porque muitos atletas conseguiram medalha de ouro, ouro, prata e bronze e então passaram a perceber que as pessoas com deficiência são capazes de representar uma grande nação e fazer bonito tanto quanto os atletas olímpicos. E graças a Deus a gente só tem que agradecer realmente ao apoio, a grandes empresas principalmente as loterias Caixa que está investindo alto no esporte paraolímpico, está dando visibilidade ao esporte paraolímpico, então a tendência de cada vez mais o esporte paraolímpico se torne um esporte de alto rendimento e que as pessoas passem a valorizar mais o esporte e não olhem as pessoas, os atletas paraolímpicos ou os atletas que não são paraolímpicos com outros olhos, como pessoas que realmente são determinadas que treinam diariamente, que deixam muitas vezes de fazer várias coisas para treinar e representar o seu país.

PESQUISADORA: A partir da sua medalha de ouro de Atenas que você começou a receber o patrocínio das loterias Caixa? E antes como que era a questão do apoio financeiro?

A10: Eu acho que realmente começou a melhorar as condições financeiras para o atletas paraolímpicos depois da lei Piva, 2001, que os atletas que conseguiram resultados em Sydney tinham 3 valores específicos era ouro, prata e bronze. Cada caso tinha um valor diferenciado, mas realmente, melhorou realmente bastante depois de Atenas que a loterias Caixa entrou e começou a patrocinar atletas individualmente com valor até melhor e começou a valorizar e começou a colocar realmente os atletas na mídia. E não é a toa que hoje o esporte paraolímpico, cada competição que a gente vá, seja campeonato regional, seja campeonato nacional tá surgindo novos atletas, tá havendo uma mudança cada vez mais de novos atletas e assim vai. E em relação à família, a minha família, assim, eu sou o orgulho da família mesmo sendo uma pessoa com deficiência e minha mãe, meu pai, meus irmãos então, quer dizer, eu sou realmente o espelho da família e isso desperta realmente a muita força de vontade que eu tive, a superação que eu tive e porque não a minha deficiência. Quer dizer, hoje realmente eu sou feliz em ser deficiente porque se eu pudesse escolher entre a vida que eu vivia antes e vida que eu vivo hoje, eu tô muito feliz com a vida que eu vivo hoje porque tudo que eu consegui foi através da deficiência. Eu consegui conhecer vários países, eu consegui estudar, a falar inglês, hoje em dia eu não preciso que ninguém fale por mim, então realmente eu sou um atleta hoje que ...

PESQUISADORA: Então para você as coisas foram abertas, as possibilidades, oportunidades?

A10: Então, as oportunidades aparecem, agora só que elas aparecem para quem corre atrás e graças a Deus eu tenho corrido atrás. Apesar, hoje, do nível estar muito difícil, eu vou para minha quarta paraolimpíada em Pequim mas eu sei que eu tô levando na bagagem 3 paraolimpíadas com sete medalhas paraolímpicas. Então realmente hoje eu sou respeitado, mas essa oportunidade realmente está sendo dada pelas pessoas que acreditam nas pessoas com deficiência e acreditam no esporte paraolímpico no Brasil.

PESQUISADORA: Você realmente tem a profissão de atleta e desde que você entrou na seleção, através dos seus jogos, você acabou recebendo sempre um patrocínio ou você precisou...Por exemplo, eu já entrevistei alguns atletas que antes da medalha de Atenas eles trabalhavam e treinavam, com a medalha de Atenas eles passaram a ter o bolsa-atleta, você chegou antes a precisar trabalhar e treinar?

A10: Não, antes eu não precisei trabalhar não, mas eu passei muita dificuldade no começo da minha trajetória e hoje eu posso contar com o apoio das loterias Caixa, posso contar com o apoio do governo do meu estado, o governo do estado, posso contar também com a empresa que me patrocina, mas no começo era realmente muito difícil, muito, muito difícil como é difícil para as pessoas que estão iniciando hoje, mas é um difícil que pode se tornar fácil, basta correr atrás e treinar. Acho que o resultado vem de um bom treinamento, se espelhar nos atletas que temos aí na federação paraolímpica.

PESQUISADORA: Quanto tempo você está nessa modalidade, na natação? Quanto tempo?

A10: Eu comecei em 93, estamos agora em 2008, então fazem 15 anos, 15 anos. Mas eu comecei em 98, mas eu tive a audácia de não querer mudar de esporte mas como eu tinha a oportunidade de fazer duas modalidades eu fiz halterofilismo também. Eu sou um cara assim, um pouco forte, e achei que ia me dar bem. Realmente eu me dei bem, mas não era minha praia. Depois também inventei de fazer kart adaptado, mas infelizmente não fui a frente, o kart adaptado pra pessoa com deficiência é um esporte muito caro, mas o meu habitat natural realmente é a água, é a piscina, mas é isso aí, tenho trazido bons resultados e cada vez mais bem e trazendo resultado aí para o Brasil.

PESQUISADORA: Eu queria saber um pouco, porque normalmente, eu fiz natação, né, quando era menor. Mas treino é treino, levanta todo dia, faz chuva, faz sol tá treinando. Eu queria que você contasse como é o seu treinamento, sua rotina?

A10: Olha, antes em 93, 94 até mesmo ... eu já treinei mais, mas hoje com a minha experiência eu consigo treinar mais com qualidade do que quantidade, mas eu treino todos os dias, hoje eu estou treinando sozinho, sem técnico. O esporte natação é um esporte muito solitário depende somente do atleta, mas graças a Deus eu tenho aí, sabe, mesmo treinando sozinho, eu tenho, eu participei, tive agora no campeonato na Alemanha e consegui fazê uma boa marca.

PESQUISADORA: É opção sua, né, não ter técnico porque quantos técnicos não gostariam de...?

A10: Realmente é uma opção minha. Eu estou à procura de uma pessoa que realmente tenha afinidade, que a gente consiga assim ter as mesmas idéias porque não é fácil, não é fácil. Ano passado eu treinei com uma pessoa, também uma pessoa assim, foi muito legal eu consegui boas marcas com ele, mas infelizmente não deu para prosseguir porque ele passou em um concurso da prefeitura local, infelizmente ele teve que me deixar, mas eu tô aí na procura aí mas graças a Deus ...

PESQUISADORA: Você quando teve esse técnico, você chegou a ter outros profissionais que participavam, que chegaram a participar algumas vezes do seu treino? Por exemplo, nutricionista, enfim.

A10: Nós, atletas da seleção brasileira, nós temos uma grande estrutura, temos pessoas na área de saúde como na parte de nutrição, na parte de biomecânica e sempre que eu preciso de algum tipo de trabalho, o trabalho de psicologia que a gente tem, mas graças a Deus eu dificilmente eu procuro esse tipo de melhoria para mim assim, mas graças a Deus a equipe paraolímpica hoje está bem estruturada e indo bem.

PESQUISADORA: Você, no caso, então como você falou, né, os fatores que facilitam para você o treino, então você tem todos porque você não tem problema de transporte, você não tem, porque alguns atletas ainda tem problemas de transporte, adaptação do local, material de treinamento, alimentação. Você não, digamos assim, tem toda essa estrutura?

A10: Hoje graças a Deus eu sou uma pessoa privilegiada, mas assim voltando a 14 anos atrás quando eu comecei era realmente muito difícil. Como eu falei anteriormente eu pra ir treinar meu irmão tinha que me levar na bicicleta, no quadro da bicicleta, eu me lembro muito bem, até meu irmão mais novo, minha mãe ficava "Não, ele não pode porque daqui a pouco vai ficá doente também". Tava sempre reclamando, mas graças a Deus eu consegui comprar um carrinho com uma indenização do meu antigo trabalho e comprei um fusquinha, meu primeiro carro foi um fusquinha, fiz uma adaptação rústica mas assim com o carro se torna mais independente e não tem nada melhor que você se tornar uma pessoa independente sem precisar de ninguém, sem aborrecer ninguém para onde você quer ir você vai e em relação assim a estrutura, graças a Deus, o nosso estado oferece para gente. Lá nós temos 4 piscinas olímpicas onde eu e os representantes conseguimos treinar, temos o Sesi clube que é completamente adaptado para pessoas com deficiência. Então graças a Deus eu não tenho o que reclamar não, hoje eu tenho meu carro que não é mais um Fusca hoje, graças a Deus, eu consegui mudar pra um Eco esporte e hoje eu não tenho nada o que reclamar não. Nós temos também o apoio da mídia, a mídia local que é muito forte.

PESQUISADORA: A estrutura que você alcançou hoje foi fruto do seu trabalho, dos seus resultados, né, foi uma estrutura conseguida através de 4 paraolimpíadas?

A10: Pois é, 3 olimpíadas, né vou para quarta agora, né, e realmente, graças a Deus, a estrutura que não só eu, mas que a nossa cidade tem é porque tem pessoas que realmente valorizam o esporte, valorizam as pessoas com deficiência e graças a Deus estamos aí

sempre indo para competições e sempre conseguindo bons resultados. Então conseqüentemente é o mínimo que o governo poderia fazer pelas pessoas com deficiência, tirar essas pessoas de casa e praticar esporte que é sempre melhor para auto-estima de todo mundo seja ela uma pessoa com deficiência ou não.

PESQUISADORA: Você falou em mídia, era o próximo ponto, como você vê a mídia no esporte adaptado principalmente depois dos jogos de Atenas 2004?

A10: É, assim, infelizmente a mídia ela sente dificuldade de acompanhar o esporte paraolímpico, assim, principalmente a natação porque tem várias categorias e muitos repórteres ainda não tem conhecimento realmente de como funciona o esporte para pessoas com deficiência mas, assim, tem melhorado bastante. Eu costumo dizer que o esporte paraolímpico cresceu mais depois de Sydney, depois de Sydney realmente e antes a gente ia para competição e as pessoas não tinham conhecimento que nós íamos para competição só viam quando a medalha chegava mas não tinham conhecimento, mas hoje com o apoio do governo e de grandes empresas como a Caixa Econômica e as loterias Caixa que está investindo alto no esporte paraolímpico através da mídia. Então hoje antes da competição a gente faz matéria, faz matéria ao vivo, as pessoas até ligam pra a gente, hoje a gente não precisa mais ligar para a mídia pra o pessoal fazer matéria com a gente. Então isso é bastante gratificante, a gente faz uma reportagem quando chega, sai a reportagem, então a tendência é cada vez mais a mídia cada vez mais apóie e graças a Deus tem melhorado bastante assim realmente o apoio da mídia. Eu espero que agora em Pequim não seja diferente, espero que as grandes emissoras cubram o esporte paraolímpico não é porque eu seja uma pessoa com deficiência, um atleta paraolímpico, mas é tão emocionante quanto os jogos olímpicos, a paraolimpíada.

PESQUISADORA: Em razão do seu sucesso você já pensou em algum projeto social ou em algum grupo de discussão em relação ao deficiente?

A10: Eu sempre que posso e que tenho conhecimento de alguma pessoa, que de algum jovem que sofreu algum acidente e se tornou uma pessoa com deficiência eu me interesso em visitar essa pessoa e passar a experiência já vivida por mim pra ajudar essas pessoas. Recentemente agora eu tive com um rapazinho novo que sofreu um tiro e ficou deficiente e eu fui lá dar uma força porque é a experiência de vida e incentiva a praticar esporte, tudinho. E hoje eu participo de um clube que na maneira do possível o que puder ajudar a pessoa com deficiência a gente ajuda e incentivar, dar apoio, dar força e até mesmo na delegação essa garotada que está chegando aí e dizer como realmente é, e apoiar sabe assim estou sempre a disposição do meu estado, da minha cidade e fazer com que as pessoas com deficiência saia de casa, mostre a sua cara e que procure o esporte também como eu e outros atletas paraolímpicos descobrimos como tipo de ajuda.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A10: É, hoje a principal coisa é procurar uma entidade que trabalhe com a pessoa com deficiência e procurar assim uma modalidade que realmente se destaque de acordo com o tipo de dificuldade da pessoa. Existem várias ONGs, vários clubes, associações que podem ajudar essa pessoa com deficiência, realmente, a ter uma maior motivação pela vida, né, tem várias modalidades aí, de preferência que seja a natação, que é a minha, mas assim pode ser qualquer outra modalidade basquete, halterofilismo, tênis de mesa então tem um grande leque aí, basta essas pessoas terem muita força de vontade e corrê atrás.

PESQUISADORA: Você se sente realizado? Tem mais algum sonho? Quer algo mais?

A10: Eu, graças a Deus, sou bastante realizado. A última realização que eu consegui foi a dois anos atrás já que eu casei muito novo, com 17 anos, mas infelizmente não tive a oportunidade de ser pai biologicamente, mas eu tenho uma filha do coração que para mim é como se fosse biológica. Acho que o importante, pai não é aquele que faz e sim aquele que educa e foi o último sonho que eu consegui realizar foi a minha filha Gabriela.

PESQUISADORA: Ah, espera aí, eu não posso perder nada, o último sonho foi sua filha?

A10: O último sonho foi realmente nossa filhota, Gabriela, que eu me emocionei bastante quando graças a Deus eu consegui levar ela para assistir os jogos para-panamericanos do Rio, tanto ela quanto minha esposa. Então hoje eu sou bastante feliz, não tenho mais nada assim, sonho eu acho que todo mundo tem, mas graças a Deus eu consegui realizar todos os meus sonhos e se Deus quiser agora, para mim realmente, eu digo isso de coração, se eu tiver de ir para Pequim que eu vá, mas o que eu conseguir para mim eu tô satisfeito porque eu sou realmente uma pessoa realizada completamente e quero que ela se sinta tão amada quanto uma filha biológica porque ela uma filha do coração que eu amo muito.

PESQUISADORA: Olha, é incrível, né. É como você falou, eu poderia ter tido filhos mas eu também não tive porque meu marido tem 3 filhos e a guarda deles e eu acabei ficando com ele e cuidando dos 3. Parabéns!

A10: E eu acho assim que Deus foi tão bom para mim que mandou ela para nós justamente no dia do meu aniversário quando eu completei 33 anos ligaram do, do ...

PESQUISADORA: Fórum.

A10: Fórum, dizendo que tinha uma criança lá se eu queria ir lá ver e quando eu cheguei lá no orfanato ...

PESQUISADORA: Amor à primeira vista.

A10: E quando eu cheguei no orfanato, sem dúvida, quando eu olhei, eu e minha mulher, eu falei “pega essa aí”. Então não tem realmente assim coisa melhor hoje, ela é o xodó da família, ela é realmente amada e é uma filhota mesmo, realmente filha do coração e eu assim falo para ela que dela que eu jamais vou esconder dela que ela é uma filha adotiva e que eu vou dar para ela o que meus pais não conseguiram dar para mim, não na parte de

amor, assim, condições, que infelizmente minha mãe e meu pai não tinham e hoje graças a Deus através do esporte eu tenho e eu vou dar para ela e ela vai ser bastante feliz.

PESQUISADORA: Vai ser não, já é, com um pai e uma mãe que eu imagino! Você vai se aposentar? Uma projeção, quer fazer ou deixar mais para frente?

A10: Assim aposentado eu já sou que eu sofri o acidente, né, mas eu não gosto muito de pensar como atleta não, mas infelizmente vai chegar uma hora que vai ter que parar porque o esporte é de alto rendimento, é de alto nível, e para mim assim como eu estou acostumado assim tanto a ganhar que vai chegar uma hora para mim, assim, que não vai ser legal. Sabe assim começar a perder, a perder, então realmente eu vou ter que parar, mas eu não quero parar de conviver com pessoas com deficiência. Sou professor de Educação Física e pretendo realmente dar continuidade e ficar velhinho trabalhando com pessoas deficientes, pessoas com deficiência não como atleta, mas esses atletas que eu iria trabalhar pudessem se espelhar em mim.

PESQUISADORA: Você quer fazer algum comentário?

A10: Eu só gostaria assim de dizer para as pessoas com deficiência que procure firme e forte realmente o verdadeiro sentido da vida como eu encontrei e saia de casa, mostre a cara, mostre que você é capaz, mostre que mesmo com a deficiência você é capaz de viver como uma pessoa dita normal e quem não é diferente? Então assim tem que realmente sair de casa estudar, trabalhar e mostrar que é capaz, mostrar para sociedade que a pessoa com deficiência tem tanto direito quanto uma pessoa não deficiente.

Entrevista
A11

PESQUISADORA: Idade?

A11: 26.

PESQUISADORA: Ah, falei que você era o mais novo! Você é o mais novo! Ocupações suas hoje?

A11: Hoje eu treino e estou fazendo ensino superior de Educação Física.

PESQUISADORA: Lá em Recife?

A11: Isso.

PESQUISADORA: Então vai ser meu colega de trabalho?

A11: É, vou sim.

PESQUISADORA: Então você está no ensino superior?

A11: Estou.

PESQUISADORA: Conta para mim um pouquinho como foi o histórico, um pouquinho, da tua deficiência, o que aconteceu, como é que...

A11: Uhum. Bom, é o termo que dizem é amputação congênita porque eu já nasci deficiente, mas o certo mesmo seria má formação porque não foi uma amputação foi uma má formação dos meus dois membros inferiores, minhas pernas e minha mão.

PESQUISADORA: Tá.

A11: E a causa não se tem.

PESQUISADORA: Ah, não se tem?

A11: Não disseram. Pode ter sido remédios, stress da minha mãe, mas nunca...

PESQUISADORA: Uma causa específica não tem, né?

A11: Não.

PESQUISADORA: Bom, sobre o atleta ouro a gente acessa na internet vê tudo, né! Medalha! Mas a minha intenção é saber, eu queria saber da tua infância, como é que foi?

Você brincava? Com quem? De quê? Tinha os amigos? Como é que era tua família, tinha namoradinha? Como é que foi tua infância?

A11: Bom, minha infância foi boa, eu considero boa, porque eu tive mais 2 irmãos e sempre fui tratado como uma pessoa normal, nunca tive diferença. Sempre que era para levar castigo eu levava, quando era para levar bronca eu levava, quando era para fazer alguma coisa eu fazia. E assim, a gente sempre bagunçava junto. Minha mãe até disse que dos 3 eu era o mais danado e assim foi super normal, sempre brincando muito. Por viajar muito a gente não tinha muitos amigos, amigo da gente sempre foi meu irmão e minha irmã e a gente sempre foi muito unido, a gente sempre preservava essa amizade todo tempo e acho que foi isso.

PESQUISADORA: São mais velhos que você?

A11: Não, eu sou o mais velho.

PESQUISADORA: Você é o mais velho?

A11: Eu sou o mais velho e eu tinha até a função de cuidar dos dois. Pra não aliviá recebia dos meus pais no mesmo nível, eu sempre fui tratado. E acho que foi super importante, foi assim, nunca teve aquela idéia de me guardar, que vai sofrer, que os outros meninos vão, nunca, e acho que quando eu fui criança meus amigos me entendiam mais do que agora, mais velho, eles às vezes nem perguntavam porque aí quando eu via, pedia para fazer alguma coisa eu não conseguia, depois que eu notava: "Ah, não, não consigo". Muitas vezes eu esquecia que eu era deficiente e foi legal assim sempre pratiquei muito esporte, sempre joguei bola, sempre a gente ia pro clube e ficava o dia todo na piscina, praticava voleibol, basquete, tudo que tinha direito. Sempre foi, na escola também.

PESQUISADORA: É isso que eu ia perguntar para você. É, como era, né, a Educação Física na escola? Você se lembra, né, se você participava das aulas, se você participava porque você sempre se sentiu a vontade, tinha o estímulo do professor, como é que foi essa vida da Educação Física na escola?

A11: Eu, muitas vezes tive que brigar para participar das aulas porque muitas vezes " Ah, não, A11, você tá dispensado". E muitas vezes eu reclamava com o meu pai e muitas vezes ele tinha que ir na diretoria para dizer que eu queria, e eu queria participar mesmo, mesmo que eu não conseguisse fazer todos os movimentos, fizesse perfeito, eu queria estar lá integrado com o pessoal e sempre foi essa luta. Sempre fiz questão de fazer Educação Física.

PESQUISADORA: E o que você tinha de atividade lá, você tinha esporte?

A11: Tinha, era mais esporte.

PESQUISADORA: Era mais esporte. Chegou a fazer algum esporte específico que você gostou mais? Ou aprendia de tudo um pouco?

A11: Eu sempre gostei de esporte, mas eu tinha assim mais facilidade no futebol, voleibol que eu sou terrível no basquete, muito horrível, eu gosto mas não jogo bem. E assim, as brincadeiras eu também participava: queimada, roubava bandeira, pique-pega, pique-esconde, todas as brincadeiras.

PESQUISADORA: Acho interessante também porque você quer participar mas o professor, acho, fica inseguro, né, pelo menos naquele tempo ficava.

A11: Muitas vezes "ah, A11, tu faz um relatório da aula". É muito chato fazer relatório, eu pensava "eu não quero fazer relatório".

PESQUISADORA: "Eu quero fazer aula".

A11: Isso. "O senhor dá toda aula, faz o que tem que fazer e o que eu não conseguir eu vô chegá pro senhor e vou falar 'eu não consigo fazer isso'. E assim foi até na natação o começo foi assim. Eu comecei pelo colégio, tinha escolinha depois da aula e eu tinha que ficar esperando minha irmã que fazia balé para voltar junto. Aí o professor falou: "Olha, eu nunca trabalhei com deficiente físico e eu não sei o que trabalhar contigo". E eu falei até brincando com ele que faz qualquer coisa como todo normal que eu vou fazer e eu falei para ele "Oh, me põe dentro da água que eu vou tentar chegar do outro lado eu só peço um favor, se eu tiver morrendo afogado me tira" e foi assim.

PESQUISADORA: Foi nesse momento que o desporto adaptado entrou na sua vida?

A11: Exato.

PESQUISADORA: Foi quando você esperava as aulas de balé da sua irmã?

A11: Eu comecei a, eu sempre praticava mais por recreação, né, nunca como atividade física regular. Sempre tava brincando, sempre gostei de participar, de brincar, mas nunca levava a sério, nunca tinha um treino nunca tinha... e assim no começo foi bem fácil de adaptar, foi a escolinha mesmo. Eu comecei, nem sabia que existia, é, esporte adaptado, não tinha idéia, não era as minhas pretensões de chegar.

PESQUISADORA: Como é que você descobriu e seguiu este processo?

A11: Foi depois, acho que de uns 6 ou 7 meses, eu já tava praticando e eu comecei a querer competir e eu levava muita desvantagem do pessoal, eu participava das competições internas do colégio mas por mais força que eu fazia não consegui ganhar e pode falar que participar é importante, mas o bom é ganhar. E aí eu ficava "Ah, eu quero participar, como é que, como é que vou participar?". E assim meio nessa pesquisa de saber se tinha, como é que era, eu vi uma reportagem em 96 do pessoal se preparando para paraolimpíada de Atlanta e aquilo foi como uma luz para mim. Eu vi o pessoal fazendo natação, atletismo, e eu sai gritando pela casa "Pai, mãe, oh é isso que eu quero, é isso que eu quero". Aí já sabia que tinha e que tinha um nível internacional que era bem estruturado e meu pai que trabalhava em um colégio, em um outro colégio, o colégio militar de Recife perguntou para os professores de Educação Física se conhecia alguma associação, como é que fazia, e um

deles participava de competições e ele me indicou, ele indicou uma associação e de lá eu comecei a praticar, a competir, né, porque praticar eu já praticava, a competir. No primeiro ano eu já fui pro pernambucano, já ganhei, o pessoal já ficou de olho, outras associações já queriam me tirar de lá, já peguei o índice pro regional e no primeiro regional eu ganhei medalha no regional, consegui índice, fui para o brasileiro e ainda consegui medalha no primeiro ano de participação. Aí eu vi que tinha jeito pra coisa e continuei. Depois lá eu quis mais, sai da escolinha lá, que eu queria ir para uma equipe, fui para equipe de um clube grande lá e quis sempre mais e mais.

PESQUISADORA: Quando é que você soube realmente que estava na seleção? Quem te contou e como é que foi? "Olha, você tá na seleção e tal", como é que foi isso?

A11: Olhe, demorou um pouquinho, pra seleção levou uns 4 anos para entrar. Porque não é fácil, o pessoal pensa que é fácil que é só treinar um pouquinho e chega na seleção. Desde o começo o pessoal falou: "A11, tu tem jeito, tua técnica é muito boa, você é muito bom nadador, você tem jeito pra coisa. Trabalhe que um dia você vai chegar lá". Mas eu só esperei 4 anos, em 99 que eu soube por outros, o pessoal me ligando que eu tinha sido convocado pro mundial na Nova Zelândia.

PESQUISADORA: E quem que te ligou? Você lembra?

A11: O Ivanildo.

PESQUISADORA: Ah, o Ivanildo aquele atleta?

A11: É, o Ivanildo Vasconcelos.

PESQUISADORA: Isso, o Ivanildo Vasconcelos.

A11: Aí de lá foi mundial, mundial de novo, aí já fui convocado para o parapan, aí do parapan eu queria ir para olimpíada, ai já fui.

PESQUISADORA: Você acha que a Educação Física que você teve na escola contribuiu pra o seu sucesso esportivo? Você acha que influenciou alguma coisa?

A11: Acho que sim, eu conheci o esporte, conheci os benefícios que ela traz, de gostar de fazer movimentos, de participar. Acho que foi importante, acho que a gente só sabe quando a gente faz. Eu acho que foi fundamental, com certeza.

PESQUISADORA: Que bom! Que bom! Eu queria perguntar para você dessa trajetória sua toda, você disse que seu pai brigava para você fazer Educação Física, mas em algum momento da sua vida você se sentiu discriminado?

A11: Muitas vezes sim, quando o professor falava "Não, A11, faz um relatório" ou então "Hoje vai ser tal exercício".

PESQUISADORA: E você, como é que você reagia a isso?

A11: Com raiva, ficava com muita raiva que eu não gostava de fazer relatório, eu gostava de praticar esporte sempre gostei e, de não poder participar, às vezes, as pessoas me botavam para ajudar a apitar e eu não sabia direito apitar então acabava não fazendo nada e até nos jogos internos também todo mundo "Ah, não sei o que, A11, o fulaninho vai fazê o que, fulaninho vai para o basquete", aí eu levantava "E eu? Eu também quero participar". E aí era aquela briga, "Ah, porque você não pode não sei o que". Não, eu tô estudando, eu acho que eu sou capaz, mesmo para ficar no banco eu quero participar. Aí eu sempre tive que brigar.

PESQUISADORA: Você que brigava, né?

A11: Isso, teve até na escola que tinha um aluno deficiente e ele aceitava tudo isso, ele não brigava e ele era uma pessoa muito fechada e depois que ele soube que eu tava fazendo Educação Física, ele soube, acabou que a gente ficamos muito amigos e ele começou a brigar, assim. Até o jeito dele mudou, ele ficou mais extrovertido então mudou a pessoa dele, sentiu mais auto-confiança, ele era muito acanhado e aí ele viu que podia e toda vez ele falava: "Ah, A11, você que fez eu mudar". Pena que eu perdi a amizade mas foi legal.

PESQUISADORA: Oh, A11, na sua modalidade atual, porque você escolheu a natação?

A11: Eu sempre fui rápido em piscina, sempre que chegava no clube ficava o dia todo na piscina ficava com as mãos toda enrugada de tanto tempo que ficava na piscina. Eu sempre gostei de água e eu não sei se eu gosto mais, eu gosto muito de futebol, mas eu via que futebol não tinha muito como desenvolver e eu fui para natação que eu sempre gostei. Até quando eu comecei eu tinha muitos amigos que faziam a natação e eu gostava de acompanhar gostava de ver eles treinando, sempre gostei e eu acho que foi por esse gosto que eu comecei a treinar.

PESQUISADORA: Falando em treinar, como é que é o treinamento atualmente? Sua rotina de atleta? Você treina todos os dias? Você tem a orientação de quais profissionais? O que é que facilita o seu treino? O que é que dificulta o seu treino? Eu queria saber do seu treino hoje.

A11: Bom eu treino de segunda a sábado dependendo da época de treino, de alta e de baixa. Quando eu tô de alta que a quantidade é maior, a gente dobra três vezes ao dia o treino é de, tem duração de 3 a 4 horas, no principal a dobra é 2 horas, tenho também musculação e faço 4 vezes por semana e os profissionais seriam meu técnico, fisioterapeuta que é em períodos certos, quando eu tô machucado, quando eu tô machucado com dor, e o professor da academia e ainda tem o nutricionista e o psicólogo também.

PESQUISADORA: Tem algum fator que dificulta seu treino?

A11: Acho que, é, as mesmas dificuldades de um atleta normal. É, treino tem dia que treino é bom e não, é chato treinar. Às vezes as condições econômicas também, não está bem em casa, às vezes não tem dinheiro para a passagem. São essas aí as dificuldades encontradas.

PESQUISADORA: Ah, tá. Você, com a sua medalha em Atenas, que é o sonho de todo atleta, né, ganhar numa paraolimpíada, deve ser uma sensação indescritível! É, o que você acha que mudou? O que representou na sua vida, na parte social, na parte afetiva, no campo financeiro, no campo familiar, namorada, enfim, amigos, o que mudou na sua vida?

A11: Bom, mudou mais em questão de reconhecimento para um medalhista de ouro. Acho que as coisas, assim, facilitam, é o grande objetivo do atleta medalha de ouro, e é bom tão bom tá dentro quanto tá fora, que eu falo, é bom pra gente, pro ego da gente, pro psicológico da gente e também para questões de patrocínio, eles já vêem com outros olhos. É, o técnico fica feliz porque conseguiu atingir o objetivo, a família fica feliz porque ganha e na questão dos amigos assim sempre tem aqueles aproveitadores, mas se souber, é, lidar com isso, vai bem.

PESQUISADORA: Saber lidar quem é teu amigo e quem não é?

A11 Exato. Acho que no começo quando eu era muito jovem, eu tinha muito problema, tinha muitos amigos, assim, eu confiava muito neles e que só eram amigos para, "Olha, A11, medalhista" e com o tempo, com jeito e com as coisas, acabei aprendendo a saber a lidar, a saber quem são realmente meus amigos e aqueles aproveitadores.

PESQUISADORA: Muito interessante. É, eu queria te perguntar já que você falou, né, vamos então depois eu volto. No apoio, atualmente você recebe apoio financeiro?

A11: Sim, do governo do estado de Pernambuco.

PESQUISADORA: E há quanto tempo você tem esse apoio? Desde Atenas, depois, como é que é?

A11: Desde Sydney.

PESQUISADORA: Desde Sydney?

A11: Isso, desde Sydney que eles tem um projeto de ajudar todos os atletas.

PESQUISADORA: É o mesmo apoio financeiro lá do governo?

A11: Isso.

PESQUISADORA: E antes disso, desde que você entrou no desporto adaptado profissional você teve esse apoio?

A11: Não, não porque antes, quando a gente mais precisa, não tinha apoio, não tinha ninguém.

PESQUISADORA: No começo?

A11: No começo. Aqui no Brasil é o contrário, a pessoa tem que ganhar dinheiro com nado para depois receber e o atleta se esgota.

PESQUISADORA: A medida que você foi participando, que você foi ganhando o patrocínio?

A11: Isso, isso, no começo foi mais "paitrocínio", né, meus pais que me ajudavam, ajudando nas passagens e tudo mais.

PESQUISADORA: Você tem alguma dificuldade hoje, é uma dificuldade de antes que você não tem mais hoje? Devido aos jogos de Atenas, alguma coisa que te favoreceu? Uma dificuldade que você tinha e hoje você não tem mais?

A11: Eu acho que não foi de Atenas, acho que foi de antes. Assim, eu acho que o esporte me ajudou a confiar mais em mim, eu era uma pessoa muito tímida. Na adolescência eu fui sempre, eu era mascarado, não falava muito, não me expressava muito, e com esporte, com os campeonatos, até mesmo pra dar entrevista, eu acabei aprendendo e me soltando melhor. Eu acho que o esporte me ajudou muito, acho que desde o parapan de 99. E assim, foi gradualmente, fui melhorando, Sydney melhorei muito, Atenas, Sydney fui muito novo, com 18, e já em Atenas eu soube aproveitar mais, eu já soube a me soltar mais, a curtir mais a competição.

PESQUISADORA: Que bom, hein! Me fala como que você vê a mídia no esporte adaptado? Principalmente depois dos jogos Atenas que teve um *boom* muito grande, como você vê a mídia no esporte adaptado?

A11: Tô vendo com bons olhos porque muitas vezes a gente ia pros campeonatos e muita gente, como eu mesmo, não sabia do esporte adaptado e desde Atenas, quando a gente teve a transmissão, teve essa repercussão enorme que teve aqui no Brasil ajudou muito porque a gente ficava lá e a gente não tinha idéia de como tava acontecendo, a gente não acreditava lá em Atenas. "Ah, A11 você saiu no jornal nacional", e eu não acreditava e quando a gente voltou, chegou no aeroporto de São Paulo tinha uma multidão de repórter, né, a gente até se assustou. Os primeiros que saiam assim voltava tudo correndo "Nossa tem muita gente". E desde Atenas acho que mudou muito, mudou cento e oitenta graus, completamente. E acho que os próprios atletas, as confederações não tava preparada pra isso não, esse salto tão grande como foi, mas acabou sendo bom porque veio mais investimentos, patrocínios. Uma coisa que a gente não tinha é campeonatos regulares, a gente não tinha um calendário fixo. A gente, muitos anos, passou sem ter um brasileiro e acho que isso ajudou, a gente tem certeza que em cada ano vai ter uma competição e isso é muito importante.

PESQUISADORA: É, quantas melhorias então, né?

A11: Uhum, com certeza.

PESQUISADORA: Com teu sucesso, né, que você tem hoje, você já pensou em algum tipo de projeto social ou grupo de discussão sobre a pessoa nesse estado especial?

A11: Já, já pensei sim, mas são tantas coisas que eu tenho que administrar hoje que eu até tenho uma idéia superficial, mas detalhe assim de como fazer isso eu não tenho ainda. Mas tenho planos para o futuro de poder apoiar e desenvolver o esporte adaptado principalmente a base que acho que o de alto nível já está bem desenvolvido, falta muito a base, o desenvolvimento da base acho que tá muito capenga, os clubes, as associações tá muito é bagunçado.

PESQUISADORA: Acha que o alto rendimento tá organizado com patrocínio, o que está faltando é o trabalho de base, então?

A11: Exato, com os jovens...

PESQUISADORA: Até mesmo para você formar esse pessoal que vai chegar para eles terem um caminho?

A11: Claro.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A11: Bom, primeiro conhecer o esporte, conhecer como fazer, depois aprender, eu ensinaria o esporte, como a trabalhar, mas sempre aos poucos. Acho que um trabalho sistemático e mesmo tem que ver se ia gostá ou não do esporte para depois começar a levar a sério.

PESQUISADORA: Então, você acha que eu primeiro precisava saber sobre os esportes?

A11: Isso, conhecer o esporte adaptado, saber o que a pessoa é capaz.

PESQUISADORA: Como é o nome dessa...

A11: Boa pergunta, são poucos lugares. Acho que um bom instrumento é esse do alto rendimento, de se espelhar nos atletas que estão bem e mostrar com objetivo, com meta, chegar ali junto com ele. Eu sempre, no início, eu sempre focava isso. Eu via a equipe da seleção brasileira e eu falava para mim mesmo “eu quero estar lá um dia junto com eles”.

PESQUISADORA: E chegou!

A11: É.

PESQUISADORA: Bom, nós já falamos do seu apoio financeiro, que você recebe hoje, né?

A11: Uhum.

PESQUISADORA: Antes até de você ir a Sydney, você não recebia, era "paitrocínio"?

A11: É, é.

PESQUISADORA: Você se sente realizado? Quer alguma coisa a mais, tem sonho, tem algum plano?

A11: Na parte esportiva?

PESQUISADORA: É.

A11: Bom, eu ainda tenho, eu sonho ainda com uma medalha de ouro numa prova individual. A medalha que eu tenho foi no revezamento e eu tenho esse grande sonho, assim, de ganhar a medalha no individual, de ouro.

PESQUISADORA: E vai conseguir, com certeza. Você pensa em se aposentar?

A11: Não.

PESQUISADORA: Ainda não, né? Você ainda é jovem.

A11: Depois de Londres, em 2012, eu penso.

PESQUISADORA: Projeção na sua vida, qual a projeção na sua vida?

A11: Primeiro, agora imediata, é me classificar para Pequim que eu espero ir para Pequim e depois de estar lá em Pequim de ganhar uma medalha e futuramente melhorar. Acho que eu tenho muito pra dar ainda, tenho muito o que desenvolver e esse ímpeto que eu tenho, a força, o gás que me dá a certeza que eu posso melhorar. Eu acho que talvez pra Pequim eu não consiga ainda uma medalha de ouro individual mas para Londres quem sabe eu consiga.

PESQUISADORA: É, outra coisa que eu ia perguntar, é, você continua cursando ou você trancou a faculdade?

A11: Continuo cursando.

PESQUISADORA: Ah, continua cursando?

A11: Tá a maior bagunça lá, porque é difícil conciliar viagens, treinos. A gente voltou agora a 15 dias de Berlin e vai para outra agora.

PESQUISADORA: Ah, é verdade.

A11: Ah, é difícil.

PESQUISADORA: Gostou de Berlin?

A11: Gostei, muito bom. É uma cidade muito diferente assim, eu gosto muito de história e lá tem cicatrizes da guerra, a parte social é muito dividida, assim, a parte ex-comunista, capitalista, é muito interessante, eu gostei muito.

PESQUISADORA: Que contribuição você, como atleta, quer fazer para a sociedade, para o ser humano e para o esporte? Como atleta?

A11: Como atleta, bom é aquele negócio do espelho, de espelhá, espero que os atletas que estão começando que tão na metade do caminho que espelhem em mim e que tentem, que tenham como objetivo de tá com a gente, de tá melhor que a gente, que tem sempre melhorar. Acho que eu tenho que passar isso para as pessoas, tentar sempre correr atrás do objetivo e conquistá. Eu tento mostrar o esporte não só na questão do esporte com a pessoa atleta mas no dia-a-dia da pessoa, de mostrar que as pessoas são capazes, de acreditar nelas, e de se trabalhar, e se esforçar, consegue o que quer e eu acho que é isso, até para o Brasil mesmo, de estar lá mostrando para os outros que o Brasil é capaz de ganhar, que o Brasil é um país forte e acho que nosso pensamento é esse, passar isso para a sociedade brasileira que a gente é capaz de mudar e de melhorar.

PESQUISADORA: É, você quer fazer algum comentário, gostaria de comentar alguma coisa?

A11: Não, é, eu gostaria de agradecer.

PESQUISADORA: Eu que agradeço, é um privilégio.

A11: Achei o trabalho muito importante porque são poucos materiais do esporte adaptado, eu vejo isso, tô vendo agora que a gente tem uma cadeira de esporte adaptado e eu vejo a professora lá com muitas coisas assim defasadas de 95, de 96 e muitas vezes ela recorre a mim e eu acho de suma importância esse trabalho.

PESQUISADORA: Ah, que bom, eu que fico honrada de chegar tão perto de uma pessoa tão importante que a gente vê na televisão, assim, é tão gostoso, eu é que fico.

A11: Imagina.

Entrevista
A12

PESQUISADORA: Idade?

A12: 42 anos.

PESQUISADORA: Ocupações?

A12: Eu sou funcionário público há 10 anos, tô à disposição lá na prefeitura, lá em Natal e tô a disposição pra nadá. E atleta, né, que é uma coisa que eu acho prazerosa. Minha vida, eu vim pra isso realmente. Eu gosto muito do esporte, o esporte tem me dado tudo na vida.

PESQUISADORA: Eu queria que você contasse um pouco dos aspectos, a gente, eu li tudo, né, da seqüela de poliomielite, eu queria que você contasse um pouquinho da história da tua deficiência.

A12: A minha deficiência eu adquiri aos 9 meses. Eu tive pólio, eu sô do interior do Rio Grande do Norte, em Canguaçu. Eu acho que na época, não, na época mesmo era muito difícil, né, a questão da vacinação das pessoas de origem humilde e as coisas eram muito difíceis na época, enfim. Eu acho que até hoje tem pais que eles não acreditam que a vacina seja eficaz e não vacinam os filhos. Enfim, eu, na época acho que passei dificuldade mesmo, a gente somos em 8 lá em casa, eu sou o mais novo, e assim, eu tive dificuldade de passá de ano em ano, assim. Eu morava num lugarejo chamado Acauã, e era difícil o acesso ao posto de saúde, tinha que se desloca bastante, era longe da cidade. Aí era onde, com 9 meses, e não foi nada fácil pros meus pais, realmente sofreram muito. Eu, desde 74, fiz um procedimento cirúrgico, até umas semanas atrás tava no médico, tive um rompimento de manguito rotador, e eu tava voltando mas a cirurgia não foi tão, o objetivo não foi alcançado da cirurgia, tive outros problemas no procedimento, tive um, foi um erro médico, enfim. Aí eu falando pra eles das dificuldades que teve do problema. E eu me considero uma pessoa vencedora realmente pelas dificuldades. Aí voltando a 74, fiz a cirurgia, foi difícil, aí eu contando pro médico as dificuldades do procedimento cirúrgico, colocaram nas pernas um saco de areia, tive problema de anestesia, acho que eu tinha uns 8 anos, não me lembro muito bem, e tive problema de anestesia, mas até entrei em coma, e, mas enfim, aí tirô as pernas, voltei pro interior. Aí, essa cirurgia aconteceu em Natal lá num hospital chamado Hospital das Clínicas, hoje é conhecido como Hospital ... Eu voltei, mais ou menos com uns 2, 3 anos já tinha voltado pra lá. Eu não andava, eu me arrastava com o joelho e as mãos no chão e aquilo pra mim, eu queria mais, algo mais. Acho que a vida pra mim, a gente nasce pra ser, acho que o ser humano basicamente nasce pra ter condições pra ser, e eu queria mais. E, em 80, vim mora em Natal. Minha mãe morava na capital pra gente ter umas condições melhores, né. Aí vim, em 80, e comecei a, no ano seguinte, fui estudá num colégio lá próximo a minha residência, e a diretora se sensibilizou-se com o meu problema, né, perguntou se eu chegava a andá, e aí naquele tempo não existia cadeira de rodas eu ia de carro de mão pra sala de aula, chegava lá, e ela me reuniu com a minha família e perguntou se eu queria fazer uma cirurgia, eu falei: “Claro! Meu sonho é andá, é voltá andá, né!” Eu mudei, mas eu queria, era importante. Eu faço umas brincadeiras aí em competições, eu sou e faço uso de canadense, eu não sou cadeirante, é porque pra mim, assim, é mais confortável, entendeu? Sim, aí ela propôs a idéia, a gente concordô, meus pais concordaram, eu também concordei e fomos procurá um médico que tivesse coragem, que fosse fazê a cirurgia. Encontramos um médico e chegamos, eu me lembro como se fosse hoje, eu cheguei me arrastando assim e ele perguntô pra mim se eu queria andá, e eu: “Claro, é um sonho”. “E o bacana é que eu tenho 70% de fazê você andá”. “Você pode fazer isso?” “Eu posso, tô aqui pra isso”. Aí esse procedimento, mais eu menos um mês de procedimento cirúrgico de praxe. E a cirurgia aconteceu, dessa vez foi diferente o procedimento, foi com corte. Eu achei meio arcaico aquele modelo de 74, mas evolui, né, a

medicina tá sempre evoluindo, né, e aconteceu a cirurgia, isso foi em 81, e fiz a cirurgia nessa perna esquerda, e nesse período Natal teve um blackout, quando chegô lá, arrebentou-se uma barragem e aí Natal ficô as escuras e foi aquela coisa meio complicada e o médico mandô eu vir pra casa me recuperá em casa e quando voltasse a energia eu voltava. Aí, nesse período pegô infecção na perna, voltei antes do período determinado. Cheguei lá, abriu, foi a maior loucura, a perna toda arrebentada, muita secreção, aí deu, quis desisti dessa cirurgia, aí foi recuperando, curativo, e perguntô se eu topava e eu "Claro, claro que eu quero! Vâmo continuá!". E graças a Deus não teve problema nenhum nessa outra e o legal desse pós-operatório que tava a recuperação muito rápida, pesquisadora, muito rápida mesmo. Acho que é aquela questão da força de vontade. Eu recebi um tutor, né, a gente chama de tutor, uns aparelho de celular aquela coisa toda. Hoje em dia eu não preciso fazer uso daquilo. Aí hoje tenho uma órtese, terminando a cirurgia eu queria fazê a cirurgia no pé, porque meu pé é torto, quando ponho a órtese ele fica torto. Eu sei que foi muito sofrido, a gente sofria muito, foram 11 cirurgias, é dolorido, é muito complicado. Eu sei hoje em dia eu tô satisfeito, tive que tira a articulação do pé, né, aí eu só sei que aí faz fisioterapia, a perna ficava estirada, fico com gesso, não dava pra fazer aquela movimentação, segura, fica estirada, aquele sofrimento na fisioterapia, com choro, chorando e ao mesmo tempo tendo que fazer, e aquela vontade, e foi muito rápida aquela recuperação, muito rápida mesmo. Realmente, eu voltei a andá, nesse período eu acho que eu tinha, eu tava com 16 anos, 17 anos. A outra cirurgia foi uma coisa meia, eu falo 3 anos, mas eu acho que não, foi até menos, assim, de andá mesmo com os tutores, aqueles aparelhos. Eu acho que foi menos, mas de fato essa foi assim, as cirurgias que a gente tem, a fisioterapia eu tinha uma coisa assim dentro de 2 meses já tava andando sem, a hora que chegô os aparelhos comecei a andá, cai bastante, a andada fraca, né, um monte de anos sem andá, você meio que fraquinha mesmo, na realidade as pernas são fracas. Hoje eu ando por equilíbrio, equilíbrio psicológico. Quando eu tô andando eu tô pensando, quando anda você não pensa, a sua passada você faz involuntariamente, e igual tapinha, cê não manda nele. No meu caso eu falo andar psicológico porque toda hora que eu boto o pé, o próximo passo eu tô calculando. Isso se chama andar psicológico. Aí eu sei que foi muito rápido essa coisa de recuperação, da recuperação dessa cirurgia, aí eu usei o aparelho e em pouco tempo aquilo não tinha necessidade, aquilo pra mim não tinha necessidade, aí foi que foi, foi e depois foi muito rápida a questão da, do andar mesmo, né, andava só, fazia fisioterapia, a recuperação no meu caso você tem um pico, depois você estabiliza e não tem muito o que fazer. Meu problema foi pólio, né, não tem muito o que fazê não, você tem a recuperação e depois tem que fazer a manutenção, e foi isso que eu fiz. E depois entra a parte do esporte, né, sempre gostei muito. Na realidade, por incrível que pareça eu não comecei na natação, comecei no basquete, que eu acho que é até um esporte complicado porque é um esporte que depende de vários fatores, não só você ser talentoso, mas de toda a equipe. Eu joguei com o Oscar num time lá de Natal, ele foi um grande atleta de basquete mas nunca chegô a ser um campeão olímpico. A equipe do Brasil, ele nunca levô a ser campeão, mas porque ele não só dependia dele, mas de todo um conjunto. É um talento, realmente ele é uma pessoa talentosa, um atleta talentoso, não teve esse gostinho, né. Aí enfim, comecei e vi como era difícil a questão da logística, do transporte, basquete é um esporte complicado, mas é complicado, você precisa de espaço, de boas cadeiras, entrosamento, inclusive eu cheguei até a competir um regional lá em Recife, foi um barato, aquele regional foi coisa de maluco. A gente não tinha forma física, a preparação era gente nova, e aí era nosso primeiro regional, e eu me lembro que eu atacava, e ia pro ataque, mas não conseguia

voltar, a condição física mesmo. Eu sei que foi um regional complicado, teve problemas de alimentação na época, mas foi muito bacana a experiência. E o incrível é que como esporte basquete, como a equipe precisava de atleta pra montá uma de natação, eu fui pela natação também. Acho que nadava, ia nadá era 50 livre e 200 livre uma coisa assim. Foi uma coisa bem, uma experiência fantástica, meu primeiro evento e sempre fica a lembrança bem marcante. E de lá pra cá as coisas foram acontecendo a questão física foi melhorando.

PESQUISADORA: Foi nesse ponto exatamente que começou o desporto adaptado na sua vida?

A12: É, basicamente nesse período mesmo, mas depois eu vi que o basquete não era, como eu posso dizê, o basquete não ia dar muita coisa pra mim não. Lá no interior, Acauã, eu já nadava, mesmo com meus problemas físicos eu já nadava cachorrinho, eu morava em frente a uma lagoa e já nadava. Não tinha técnica como hoje tenho, o nado técnico, mas tinha um negocinho básico, aquela coisa de gostá da água, né, porque andava quase todo dia, a maioria dos meus banhos era na própria lagoa. Ah, aí, poxa, eu acho que basquete não dá porque é complicado, a gente não tem material, não tem gente que puxe a associação, não tem recursos e eu acho que vô partí que nem um amigo meu, Leo Digemis, que está aí, é um dos percussores lá em Natal, do esporte, foi um dos primeiros atletas a despontá, né, ele e Giomiro na realidade. Acho que é a 5ª paraolimpíada dele. Ele é medalhado, ele medalho em Sydney, bronze, um grande atleta, um grande atleta. Aí sim eu comecei a discutí, sempre gostei, aí comecei na água, competi regionais, brasileiros e as coisas pra mim por incrível que pareça, sempre foram muito tarde, muito tarde. Muito tarde as coisas vieram pra mim. Fui pra seleção com 17 anos, entrei na seleção tarde também, que era um desejo. Mas as coisas, tudo tem seu tempo, né! Há tempo pra tudo, a Bíblia fala isso, né! A seleção, eu entrei...

PESQUISADORA: Exatamente quando você entrou na seleção? Quando que foi, quem falou com você?

A12: A seleção eu entrei em 97, um evento que houve em Stockmandeville, competição para novos, que hoje em dia não é mais na Inglaterra, Stockmandeville é um local onde começou todo o desporto e foi lá que eu fui classificado, na realidade, na época, não era S5, era S6, foi classificado internacionalmente e qualifica você pra competí internacionalmente. É importante essa questão da classificação internacional pro atleta, porque a classificação internacional é muito complicada, o atleta fica meio que perturbado, traz muitos problemas porque é muito subjetiva. Justamente no meu caso, que tenho pólio, o pólio lá pra fora, no primeiro mundo, na Europa, não existe pólio, quase não existe. Alguns casos que tem, um ou outro, mas não tem, eles ficam confusos, os classificadores. Porque só tem lesado medular, amputado, enfim, a vitória é uma particularidade na natação, eles me chamam de bodyline, estou entre S5 e S6, e fica aquela coisa meio complicada. E fui pra Stock, fui classificado e acho que foi um ouro e uma prata lá. Foi bem favorável pra mim essa questão da primeira internacional, foi uma participação boa, a questão é que pesa realmente, o emocional abala, o atleta sente mesmo, porque o lado emocional é muito importante numa competição. Acho que de lá pra cá eu não sai mais da seleção, a gente foi sempre convocado, para quando acontece eu sempre tô indo. Eu tive um quarto agora que eu fui pra África do Sul, o último que teve eu tive esse problema cirúrgico, e tava prestes a desistir,

que eu achava que não dava, a cirurgia em si teve um problema no procedimento, de modo que essa cirurgia é feita e você fica meio que, ele dá um esticamento no braço pra fazê o procedimento, como é que chama é o que faz agora. Eu tava no quarto ele aviso pra mim que eu tive um problema, eu tive pólio nessa parte do braço direito, mas foi pouco, mas eu não senti nada. Daí enfim, não foi legal a cirurgia, de lá pra cá a recuperação era pra ser bem mais rápida, tem uma atleta aqui, a Sueli, que fez cirurgia recente também, já tá bem, de rompimento também, eu achava que ia até desisti. Eu fui pra África, dexo só fala pra você que eu não falei ainda, é que eu sou vice-presidente do comitê paraolímpico também.

PESQUISADORA: Eu li, eu li.

A12: Eu não gosto nem de falá porque não me fascina muito, a questão de cargo. O negócio é lá em Brasília assim, a questão de política é muito, é tão ruim que a princípio eu não aceitei. Depois ficaram me ligando "ahh, não sei o que lá" falaram que é legal pro movimento, pra nossa associação, eu tá, o que tão me oferecendo é legal, tá bom eu aceitei. Mas é muito estressante, a associação não dá mais prazer, não parece, mas é engraçado ser presidente e ser atleta. As pessoas, eu tô mais pra cá mesmo, pra natação. Sim, aí eu fiz a cirurgia, fui pra África, e antes disso, de ir pra África, eu fiz uma coisa, que eu acho interessante frisar, eu fiz uma prova chamado CSA, quis fazê, o médico chegô e "Que o senhor não precisa, o senhor não tem idade", que eu tinha que fazê, eu vô fazê. Eu queria fazer o toque pra ver se eu tinha a questão da próstata, mas não tinha, vamô faze o CSA, né. Ele pediu uma biópsia e essa biópsia não deu tempo de eu mostrar pra ele antes de eu ir. Nós dois não tínhamos recuperado ainda a pastinha. Cheguei lá, tinha o Dr Roberto Vital, o diretor médico, mostramô o exame a ele, ele "quando senhor chega a Natal" – nós iríamos voltar na segunda-feira da África- "o senhor tem que ir ao médico urgente". Eu só achei bonito o nome, um desses trem, é carcinoma. Ai eu, até então não sabia que, aí eu sei que cheguei em Natal tinha um médico que queria me operá. E eu nem bem me recuperei já vô entra em outra. Aí ele me recomendô em fazê a cirurgia de próstata. Hoje em dia eu sou cirurgiado, graças a Deus me recuperei muito rápido, tô bem melhor do que o negócio do ombro, e nesse período eu pensei, agora vai tudo água abaixo, eu nunca mais vô. É difícil você ser cirurgiado e já tava com problema, e já fazia quase dois anos que eu não tava treinando bem, e passei mais 8 meses sem treiná por causa do ombro, tava prestes a desistir. Mas tinha algo mais, alguma coisa dentro de mim que eu dizia que eu devia continuá, aquela força, quando você perde você fica meio distimulado, não é? Fica meio cabisbaixo. Aí, a cirurgia foi uma coisa muito interessante, a cirurgia eu descobri, isso foi em 2006, é 2006, voltei da África, descobri dia 12 de dezembro, e dia 22 o médico já quis a cirurgia. Aí, aquele procedimento novo, aquele de cirúrgico, eu já tinha feito outro, pouco recente, mas daí vamô fazê logo outro exame pra ver como você tá, né. Daí deu tudo ok, aí, na véspera da cirurgia tive uma conversa com a anestesista, que é uma das pessoas mais importantes do procedimento, ela que controla seus batimentos, sua respiração, e é uma pessoa que fica bastante no ato cirúrgico, quando eu falava da cirurgia eu tossia, e eu falei da minha vida, ela falo "nossa, você tem uma história tão bonita, porque você não faz uma coleta de sêmen pra ...". Falei da minha vida mesmo, particular, tive um relacionamento muito conturbado, fiquei 7 anos sofrendo com uma pessoa, que tinha tido um filho que não tinha sido meu, e tinha feito galinhagem, e ao mesmo tempo, nesse momento eu tava com outra pessoa, essa pessoa que eu tô hoje, a Daniele, que é minha esposa hoje. Ela falô o seguinte: "a cirurgia vai tá suspensa", ela achava que era uma gripe, tava tossindo assim

uma entrando uma gripe, o certo é você tá 100% pra cirurgia, eu ia ficá entubado, acho que é recomendação, né. Aí ela "vamô suspendê, vô liga pro médico pra gente estendê, por enquanto você não melhorá disso aí". No fundo, no fundo era psicológico *(risos).* Uma coisa natural, né, eu falava já tinha acabado de sai de uma e essa questão da próstata é uma coisa delicada, eu acho que, eu até brinco com isso, essa visita devia ter sido durmindo *(risos).* Acho que, uma coisa que eu quero registrá, é que a gente homem é muito bobo, a gente devia ser igual vocês mulheres, tem que se cuidar. Eu agradeço a Deus, por ser tão bondoso como é pra mim, que ele me deu a sensibilidade, a sensibilidade de eu descobrir isso a tempo, quer dizer, tudo que é descoberto precocemente se torna mais fácil, e eu com 6 meses eu tava no para-pan. O médico me proibiu de treiná, porque não poderia passar mal, como era uma cirurgia aberta no abdômen eu pudia ter um inchaço de hérnia, a questão do músculo. Então, eu ia pra piscina e ficá só com o braço, só pra não perdê a forma física, na realidade eu já tava mais ou menos entrando em forma, né. Aí suspenderam a cirurgia e eu fiz o procedimento pra descobrí o que era, e um tanto de médico pra assoprá o que, e eles: "Cara, você não tem nada, seu problema é psicológico mesmo". Aí sim, depois passou-se dezembro, foi suspensa, e em janeiro a gente remarcô, sim aí eu fiz a coleta, o espermograma deu ok e fiz a coleta. E aí a minha esposa: "Vamô fazê o seguinte, vamô suspendê a medicação", isso em dezembro, né. Aí deu que nasceu esse nenezinho lindo.

PESQUISADORA: Ai, que belezinha! Deixa eu ver!

A12: É um benção de Deus que Deus me proporcionou isso. Uma coisa que só Deus! E essas coisas que você quer, é muito difícil, Pesquisadora. É muito difícil. Essas fotos aqui são lá da Alemanha. Dexo vê aqui, aqui ele.

PESQUISADORA: Ai, que lindo!

A12: Tem mais foto aqui, eu com ele aqui. Inclusive eu não imaginei, eu coloquei o nome dele de A12 Junior. *(PESQUISADORA: Que lindo!)*. Uma saúde! Semana passada agora, domingo lá na minha casa... um menino extraordinário ele.

PESQUISADORA: Lindo, lindo, lindo! Olha que cara de fofo!

A12: Aí, sim, aí ela ficô grávida! Eu não acreditei, quando eu vi, meu Deus do céu, que coisa maravilhosa! O procedimento é através da inseminação, né! É porque eu não tinha certeza se ia dar certo na primeira tentativa, né. E aí apareceu o minino. Essa semana ainda eu tava lembrando que tá lá guardado o cancelamento, a menina não ligô pra mim, eu tenho que ir lá. Aí nasceu o menino e foi coisa de Deus mesmo, eu sou um privilegiado realmente. Eu tive um problema muito sério com relacionamento, foi uma coisa assim meio que desesperadora. E você ser pai depois disso é complicado. E é engraçado que mais uma vez é Deus na minha vida me protegendo. E faltando 8 dias, pro aniversário da minina eu fiz DNA, aí descobri, fiquei ruim da cabeça, fiquei com raiva de criança, mas é engraçado, tudo se supera, supera, acho que tudo passa, né!

PESQUISADORA: E A12, como que foi a tua infância? Você brincava? Brincava do que? Você foi a escola?

A12: É engraçado, eu fui a escola mas era meio precário meus estudos. Como eu falei pra você, eu sai lá do interior e não estudava porque era difícil, meus irmãos não estudavam. Mas por eu ser deficiente físico tinha só ônibus à noite pro pessoal mais adiantado, e eu não...fui fazê minha escolarização aqui, lá em Natal, foi muito difícil, foi meio tardia, isso é uma pena porque hoje o A12 Junior vai ter.

PESQUISADORA: Educação Física, então, na escola?

A12: Não, não, nem existia em escolas regulares. Foi difícil realmente.

PESQUISADORA: Mas você, assim, por exemplo, tinha os amigos, brincava?

A12: Tinha, brincava de bola, eu nadava na lagoa. *(PESQUISADORA: E na rua?).* Eu era goleiro. Mas foi difícil pela questão da própria deficiência, fica difícil pra você, né! A família grande, é carente mesmo. Porque hoje em dia eu tenho uma vida boa, tenho uma casa boa, o esporte me deu isso, moro na praia. Tudo que eu quero, Pesquisadora, eu consigo, né! Dentro do possível, é engraçado, tem um livro ai chamado "O segredo", *(PESQUISADORA: O segredo, eu li.).* Aquele livro eu já fazia uso daquilo sem saber. Eu uso muito bem ele nas minhas coisas. Agora por exemplo eu tô achando enorme ir pra Pequim, eu não tô entre os, como nas duas edições anteriores, eu tava bem mais posicionado. Eu era recordista, eu, Adriano, Clodoaldo e Luis, a gente era recordistas e ficávamos numa posição satisfatória. Mas eu fico vendo aqui umas coisas, hoje mesmo eu tirei umas medidas, mas eu sei que hoje eu não sou mais um atleta competitivo muito forte, assim, individualmente, mas quando se junta um grupo fica forte. Eu acho legal essa questão minha, quando se junta o grupo fica forte. Eu gosto, é muito legal essa questão da coletividade, eu gosto! Se a pessoa não sabe convivê, e eu acho legal essa questão. E eu provavelmente sou peça fundamental no revezamento, sem a minha pessoa não funciona, não vai existí. Eu acho que individualmente também eu tenho chances, mas eu tenho que encaixar, mas sinceramente, eu vô falá pra você, eu não tô satisfeito com meus tempos. Agora mesmo, hoje pela manhã não fui bem, esperava mais, acho que foi devido o cansaço físico, ontem cheguei um pouco tarde. Era umas 2 horas, né! Aí tem essa questão do cansaço, atrapalha um pouco. Mas eu acredito que a gente vá a Pequim novamente, vá fazê bonito, uma vez indo certamente eu vô trazê medalha e a medalha vai vim. Voltando a questão dos estudos, eu comecei tarde realmente, a questão das dificuldades, né, família carente.

PESQUISADORA: Você já sofreu algum tipo de preconceito?

A12: Essa questão do preconceito, isso é muito relativa. É muito relativa essa história do preconceito. Eu vô até contá uma historinha pra você. Quando voltamos de Sydney a gente fomos com prata, eu, Clodoaldo fomos prata em Sydney. Na época o Vanucci e a Feiticeira, aquela Feiticeira da Bandeirantes, ela tava no auge, e a gente chegamos e coincidiu o período, foi em outubro, e lá em Natal no comecinho de dezembro. A gente fomos homenageados, o Vanucci tinha um bloco chamado "Alô você". Aí ele a convidou e ela foi lá, ela tava no auge, foi lá pra aparece, né. E a gente fomos convidados e é engraçado as coisas, como é essa questão de fama, né, eu vejo de certa maneira assim, eu acho até

engraçado isso. Aí a gente se dirigiu ao carro da banda e tava eu, Clodoaldo, Tecio, Gemis, fomos homenageados, e as meninas tudo loucas, aquela coisa louca, e "Meninas, tenha calma que daqui a pouco a gente vai tá aí embaixo". As pessoas vêem a questão da coisa, você falô preconceito é isso mesmo, depende muito do posicionamento que você tá. Um caso bem engraçado, eu acho bobagem dele, é Roberto Carlos. Roberto Carlos é deficiente físico, mas quase ninguém comenta que ele é deficiente físico. Ele também, ele mesmo não se assume, ele usa uma prótese, ele tem uma prótese, mas ele é deficiente físico mas devido a questão dele do talento, essa questão da deficiência é, não aparece, mas é uma questão de bem isso mesmo. É uma questão da deficiência mesmo, não sei se você vai concordá, acho que a deficiência é a pobreza, aquele que tudo é difícil pra você, acho que se você tem oportunidade, acho que fica mais fácil. Eu acredito que eu já sofri, eu acho que já, eu faço de conta que não, é que o ser humano é preconceituoso mesmo. É preconceituoso, é vaidoso, é tudo isso sabe *(PESQUISADORA: É verdade!).* Eu vejo, eu agora eu tô vendo, eu tô num cargo importante, as pessoas me apresentam como presidente em evento, e eu não tenho quase porra nenhuma, desculpa a expressão, na verdade assim, eu não ligo pra essas coisas. Ah, você é vice-presidente, mas e daí?

PESQUISADORA: Ah, você, em relação à mídia assim, você acha que essa coisa de você ter o cargo lá, tem alguns amigos mais assim...

A12: É porque o pessoal, na questão de política, é muito estômago que tem que ter, sabe? Apesar que eu não tô muito envolvido, eu noto que tem muita palminha nas costas, você dá aqui, recebe ali, a política é assim mesmo. Alguns amigos vem reclama comigo, "ah, que você trabalha assim, eu não sô assim, eu não gosto de fazer assim, eu não gosto de fazer esse tipo de coisa". Isso é uma coisa que vem natural, né, isso é do ser humano, a política é do ser humano. Eu sô muito assim. Ontem eu tava vindo no avião pra cá, veio um deputado lá do governo e outro amigo meu, um cara muito cheio de coisa. Mas política é assim mesmo, eles são assim, são muito por conveniência mesmo, sabe. Eu não contava, não me fascina, tão pouco, mas é fascinante realmente. É porque o poder, ele abre muitas portas, o ser humano gosta de ser paparicado, sabe, de ser, é do próprio ser humano, eu vejo isso. Então agora, mais do que nunca, né. Depois que eu entrei eu vejo que as pessoas gostam de poder, é por isso que ninguém quer deixar. O Lula, ele queria trabalhar mais 4 anos, porque é maravilhoso, é fascinante! Você vê, a gente fomos pra Atenas, fomos homenageados, dia 7 de setembro, no desfile lá no distrito, lá em Brasília. Passamos uma semana lá na academia. A gente ficô uma semana lá e fomos homenageados pela presidência. Ele entrando em carro aberto, vê como é gostoso, essa questão da presidência, eu perto do presidente. Tem uns camarada lá que é senador, mas senador, deputado, mas pra que isso gente, não precisa. Eu acho, Pesquisadora, que o máximo que você pode passar num cargo é dois mandato, estourando já tá bom. Porque a partir disso aí já se torna interesse próprio. Mas se perceber muito, tem alguém que vai fazer a diferença, enfim, é isso, eu acho que não tem. E quando você fala de preconceito, com relação ao que que você fala, sua pergunta.

PESQUISADORA: Não, não, eu pergunto pelo seguinte, se alguns atletas que eu converso, né, não que tenha sofrido preconceito de outras pessoas em relação a ele, mas ele em si, em relação de se sentir diferente em dados momentos, por isso que eu estava te perguntando.

A12: Eu acho que o esporte, pra mim, melhorô muito essa questão da minha qualidade de vida, do próprio corpo mesmo, melhorô muito. Eu já sô mais um pouco fechado e já tenho a tendência de ser um pouco maluquinho, mas ele veio a melhorar o esporte. Eu acho que não só a mim, mas como a gente tem uma equipe forte, abre muitas portas pra outros atletas. Eu vejo lá em Natal, muita gente hoje na rua, esses cadeirantes. O esporte é bacana, o esporte dá essa questão da responsabilidade, ele abre, é bacana o esporte. Eu tenho um atleta novo aí agora que ele jamais ficaria na fila de alguém, ele tem as perninhas finas, ele fala que não tem isso, mas o preconceito vai existir, é natural, é do ser humano.

PESQUISADORA: Quando vocês foram homenageados em Atenas, você acha que a medalha de ouro, que é lógico todo atleta quer ouro, é o auge, você acha que ela mudou alguma coisa na tua vida? No lado, sei lá, social, afetivo, financeiro? Você acha que teve uma mudança antes e depois de Atenas na sua vida?

A12: Sim, sim, mudô. Atenas foi um grande feito, não só meu, de ter essa medalha de ouro. É uma coisa que eu sempre busquei, né. Que o atleta quer, né, não basta só competir. Chega uma hora que não só você mas as pessoas em volta de você, os familiares, os amigos, eles querem isso, é difícil essa questão. É um evento grandioso e você. Eu depois de Atenas tive esses problemas de saúde, eu tive, na realidade, e até naturalmente pela idade, 34 anos é muita coisa, já tô com 42, eu tava com 38, a cirurgia humana é eterna, você sente realmente. E devido a esse problema eu tive uma queda de rendimento, mas não mudou. Eu acho que foi bacana pra mim financeiramente sim, mudou, foi legal, foi legal, o status...

PESQUISADORA: Você teve patrocínio antes e depois de Atenas, como é que foi o patrocínio?

A12: A gente, eu tive o patrocínio das loterias Caixa.

PESQUISADORA: Sempre teve?

A12: Não, não, em 2000 a gente recebeu uma bolsa do comitê, dava um prêmio aos medalhados, que o comitê estipulou lá.

PESQUISADORA: Isso foi antes de Atenas?

A12: É, em Sydney.

PESQUISADORA: Ah, em Sydney.

A12: Acho que no ano seguinte, em 2001, o comitê fez uma, o procedimento que o governo não vai fazê, e não faz. Até porque existe hoje a bolsa-atleta, a gente ganha um valor, 1800 reais, foi legal isso. E depois de Atenas eu fiquei com o patrocínio das loterias Caixa, e perdi, devido o problema físico e não quero mais também não. Eu acho que era muito melhor o bolsa-atleta, a Caixa é muito show business, muita coisa, entrevista, é não sei o que, não gosto mais dessa coisa, é muito pessoal mesmo. Eu não acho que isso aí é querer pouco, não.

PESQUISADORA: Por enquanto você ainda tem o da Caixa? Não?

A12: Não, não, eu tenho a bolsa-atleta.

PESQUISADORA: Ah, tá, você já teve.

A12: É, eu perdi por causa do rendimento, por causa do rendimento. E acho que agora quando eu voltar eles vão me incluí, porque eu vô trazê medalha e o bolsa-atleta é uma coisa mais, é porque todo ano muda, é um ano daí tem a questão de renovação, o bolsa-atleta é mais tranqüilo, tem um monte de gente, e eu não tô mais pra querê aparecê não, quem tinha que aparecê já apareceu, esporte espetacular ao vivo, quebra de recorde, tá bom. Acho que eu tô satisfeito, em termos de medalha tá legal, até pra pessoa ser feliz não precisa muita coisa não. A felicidade ela é bem básica, igual isso aqui, ó! Enquanto está tudo bem, é o estado de espírito, você tá...Agora por exemplo tô num momento feliz de tá com você relatando um pouco da minha vida, eu não tenho que ficá, porque você vai arrumá, vai dá uma ajeitada, então a gente tá num assunto, pula pra outro, mas pode pergunta mais.

PESQUISADORA: Queria saber do seu treino hoje lá em Natal, como é que é o seu treino? Treinamento todo dia? Mudou muito do que era antes? Que fatores que te estimulam no treino, que fatores que são negativos no seu treino, conta um pouco do teu treino.

A12: Meu treino, eu mudei o técnico, como eu falei pra você os problemas das cirurgias e eu tava prestes a desistir, e voltei a nadar mesmo no regional, em Natal, esse ano. Se eu não fizesse, se eu não nadasse, tivesse fora de forma, que eu quase morri quando sai da piscina na última prova que fiz, não ia pra seleção. Eu tava na forma física bem e eu percebi que se eu não me ranqueasse eu não iria participar de Pequim. E agora pra participar você tem que tá ranqueado, né. Eu tive que fazê, tive que treiná e nadá sem treino nenhum, sem muita forma física mesmo. Aí eu fui, tive que comê a boca, como diz meu técnico, voltei na coragem mesmo, voltei agora. Eu tava com o técnico, mas como a equipe é muito grande, eu precisava de um acompanhamento mais exclusivo, né, eu tô agora com um personal trainer, é o China, o André. Ele é paulista, uma pessoa competente, ele já foi técnico da equipe, né, então por problemas financeiros, a confederação não pode pagá o que ele pediu e ele se afastou. E hoje ele tá comigo, tô pagando a ele pra me treiná, porque eu precisava de uma coisa mais exclusiva. E o treino mudou realmente devido a esse ombro, tem que ser um treino diferenciado, é porque eu tenho um problema nesse ombro que chama de biomecânica. Eu quando forço muito ele fica, tem aquele atrito com os ossos fica batendo o úmero no, esqueci o nome agora, e o meu nado é costa e daí fica um batendo no outro, se choca, e se fica fazendo todo dia costa ele vai inflamá e tem problema. Tá um pouco diferenciado o treino, mas não tá o ideal, o desejado pra um atleta de velocidade, explosivo, de explosão, prova curta, eu tem que tá treinando sempre forte, muito forte pra tá. Eles chamam de atleta velocista. Eu fiz até uma média boa assim. Eu não sei se eu vô chegá a Pequim 100% o desejado, mas eu quero tá 98.

PESQUISADORA: Treina todo dia?

A12: Tem que ser todo dia. Mas é prazeroso.

PESQUISADORA: Quantas horas você treina?

A12: 3 horas, 3 horas e 30. Às vezes o corpo não tá querendo, você não tá. Mas tem que fazê, né. Mas no fundo, no fundo é prazeroso. A gente, às vezes, no fim de semana quando eu descanso o corpo começa a pedir pra entrá na água mesmo.

PESQUISADORA: Tem algum outro profissional que participa do seu treino ou por enquanto é só o atleta? Por exemplo, nutricionista, fisioterapeuta, você chegou a ter?

A12: Eu faço, eu tenho um acompanhamento com fisioterapia. Eu faço a fisioterapia, eu faço a manutenção, né. A manutenção tem que ter, porque eu tenho que ter esse cuidados senão ia complicá viu. Eu jamais vou pensar em ter problemas de novo, porque o treino muda um pouco e daí não é legal, é bom você tá 100%. A nutricionista, eu vô na nutricionista, mas eu não consigo seguí o que ela manda, eu acho que tem que comer muito, o horário você come de 7, depois de 9, toma um lanche, aí depois não sei o que, o almoço que é o de praxe, eu almoço bem e um lanche a tarde, as 6hs. Aí eu não consigo encaixar isso aí, eu tenho dificuldade com nutricionista. Eu prefiro encaixar melhor, não que eu tô aí quase final de carreira, eu acho que provavelmente vai ser minha última paraolimpíada como atleta, eu acho que vou ser agora observador, eu espero que eu vá e certamente tudo vai acontecê, vai dar certo, aí eu vâmo esperá que dê tudo certo.

PESQUISADORA: Nós já falamos porque você escolheu a natação, né. É, tem uma coisa que eu queria perguntar, como você vê a mídia no esporte adaptado, principalmente depois de Atenas?

A12: Ah, mudo. Mudo muito. Hoje em dia nós chamamos de diferença de público, mas mudo muito. Hoje em dia as pessoas já sabem. Começô em Sydney, Sydney foi bem, teve uma coisinha assim, outra ali, mas em Atenas. Mas em Atenas foi quando explodiu mesmo, foi louco, acho que o Brasil foi o segundo ou primeiro, uma coisa assim, em termos de cobertura. Foi muito, muito bacana. E hoje a gente é conhecido, eu acho que um dos grandes causador disso aí, o como é que chamamos, o responsável, foi o Clodoaldo. Ele foi o responsável por essa questão, acho que foi 7 medalhas que ele ganhô? Ele, quer dizer, foi muito bacana essa questão da, ele foi o que ofuscô meu ouro, mas foi bom pro movimento, foi maravilhoso. Porque eu fui ouro, mas as pessoas, o ser humano é assim, quer coisas extraordinárias, né. O repórter vai procura um ouro? Vai procura o que ganhô 5, tem um cara lá, aquele lá é o cara. A questão da mídia foi muito, a cobertura em jornais, pra você ter uma idéia eu fiz uma reportagem minha, eu tenho 400 e poucas páginas, eu capturei da internet, só do meu nome. Eu tava olhando tem não sei quantas mil reportagens de Clodoaldo, Clodoaldo, Clodoaldo, sabe? Eu acho que a mídia o pessoal vê hoje, agora pra Pequim vai ser extraordinário, vai a Globo, vai o SBT, vai a Bandeirantes.

PESQUISADORA: Tudo pro paraolímpico?

A12: Pro paraolímpico. O André foi descoberto agora, depois de Atenas. O Daniel, o mais rápido que tem agora, o Felipe, lá de João Pessoa, descobriu através da mídia. Isso não é só pro deficiente competí mas sinceramente, você não precisa ser deficiente pra ser atleta,

você tem obrigação de ser atleta. Eu tenho um amigo que todo deficiente que ele vê na rua ele pede pra ser atleta. Não, cara, não é assim, não é porque você é deficiente que você é atleta não. Tem gente que não tem aptidão. Mas independente disso, em relação à mídia, do status que tem filhos que não são atletas mas podem fazer isso, você pode não ser atleta mas pode ser um bom aluno, um bom profissional em qualquer área. Então, sair de casa, procurar uns rumos diferentes. Isso é bom pras pessoas verem o deficiente é coitadinho? Não, a gente não precisa disso não. Eu também já conversei com gente ruim, com gente boa, deficiente, gente que não tem caráter, é do ser humano. Não é porque é deficiente que vai ser, é assim mesmo, não tem bicho de 7 cabeças não. E tem que divulgá, tá divulgando, no outro tava vendo o telejornal aqui em Uberlândia, eu tava vendo que hoje e amanhã que tá acontecendo. Eu acho legal, eu acho muito legal, os outros tão sabendo o que tá acontecendo, eu acho interessante. É complicado você ver o deficiente sem braço, sem os dois braços, a força da superação é incrível. Porque o ser humano não nasceu pra nadar, Pesquisadora, é uma adaptação do ser humano, quem nasceu pá nadá foi peixe. Apesar que quando tava lá dentro da barriguinha tava cheio d'agua mas não, a proposta dela não era essa, nadá, né. Mas é fabulosa a questão da superação, se eu pudesse assistí cê ficava boquiaberta. É muita coisa louca, eu fiquei agora impressionado no para-pan, um atleta dos EUA, eu nunca vi nada igual. Ele é daqui do abdome pra cima, ele não tem nada pra baixo. É incrível, eu fiquei bestinha, ele lá no encerramento começô a dançá. Dançando você se assustava com o cara, era incrível. A questão da alegria, isso é bacana. Espaço existe só que não só pra pessoa portadora de deficiência, mas pra todo mundo. Eu vejo muita gente carente, o Clodoaldo, mesmo foi carente, ainda mora no mesmo bairro. Tem muita gente carente que hoje em dia. Essa semana a gente tava reunido, sábado passado, a gente passa a CEDESP que fica lá no CAIC, que é uma instituição do governo, aquela frota dos jogador de futebol, tudo com carro. Mas peraí, deficiente também tem carro, Clodoaldo tem, eu tenho, Eduardo tem, através disso, da possibilidade mesmo. Acho que quando a gente tem uma oportunidade, não só deficiente, mas quer um quando tem uma orientação, tem esperança o país. No geral mesmo, preocupação mesmo com a qualidade de vida melhor, é um país maravilhoso, que eu conheci um monte de país, o Brasil tem tudo pra ser, é um povo legal, povo digno mesmo, mas umas manias, a cultura mesmo, né. Fala em cultura, eu vô volta em 97, na minha primeira viagem, eu, matuto mesmo que ainda sou, na volta pro aeroporto de Londres, eu peguei uma revistinha lá no refeitório, e trouxe, a viagem demorada, o avião atrasado, vôo internacional, o avião saiu um pouco mais cedo, a gente foi ficando, o povo fazendo um gesto, loucura aquilo, ficamô com um baita de um carão com o pessoal lá de apoio. Depois disso, Pesquisadora, nunca mais eu faço esse tipo de coisa, esse gesto, é cultura mesmo, a questão de hábito mesmo. Acho que no Brasil tem tudo, as coisas dá pra melhorá, vai melhorá, e é muito lento o processo, né, de cultura. Então maravilhoso é, mas ainda tem muito que melhorá. Eu estive agora na Alemanha, esses dias atrás e eu sinceramente não gostei deles, um povo frio, fechado. Mas o Brasil tem que fazer um esforço, tem que querê ajuda.

PESQUISADORA: Você pensa em um projeto social ou discute, no caso você está, a questão da pessoa portadora de deficiência?

A12: Eu penso em fazê, mas depende de recurso, depende de negócio pra ajudá os deficientes mesmo, não de esporte, mas mais pra qualificá-lo, assim, lá em Natal. Mas tá só na cabeça ainda, não pus no papel, mas eu penso. Mas é muito difícil, as coisas só

acontecem com recurso e pra tá pedindo, pedindo, é complicado isso. Eu penso sim, como eu falei pra você, eu provavelmente, provavelmente vai ser minha última como atleta, e eu não sei o que fazê, eu acho difícil pára, porque pára é tão difícil, é esquisito, todo mundo...

PESQUISADORA: É isso que eu ia perguntar, você se aposenta? Pensa em se aposentar?

A12: Parar eu acho que não pode parar por causa de qualidade de vida. Eu vejo lá, que é um pouco minha praia, eu vejo segunda, quarta e sexta, as pessoas caminhando a beira mar, pessoal de terceira idade. Poxa, não fez quando era mais jovem e hoje tá buscando uma coisa que perdeu, mas nunca é tarde, né! Talvez assim melhora, porque tão na terceira idade, mas tão caminhando pra ter uma vida mais saudável. E hoje eu não posso, eu como deficiente eu não quero pará porque não é interessante pra mim, pára fica difícil. Acho que fica deprimido mesmo. Eu vô continuando, só que seleção não sei, né! A seleção é muito forte, porque o esporte e o alto rendimento é muito sofrido. A gente fala que esporte é saúde, depende de como você faz ele. Já o de alto rendimento não, eu tiro por mim que tô com um ombro, então é muito sofrido, exige muito, você chega no seu limiar máximo, no pico. Às vezes chega em casa cansado, chego em casa olho pro minino, pra esposa e vô assisti televisão assim e puft!, eu apago. Mas é prazeroso, tem o lado bom, mas é assim, na vida se você quer, tem um objetivo, tem que buscá-lo.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A12: Em relação a?

PESQUISADORA: Ao esporte. Vamos supor, eu quero fazer esporte, só que eu não preciso percorrer todo aquele caminho que você percorreu, né, de toda aquela dificuldade que você passou. Que você diria, que pudesse encurtar o caminho pra que eu pudesse fazer esporte, o que você sugeriria pra mim?

A12: Primeiro, você tem que gostá do esporte, porque você tem que gostar, na verdade é um saco mesmo, e se não gosta, todo dia você tem que fazer aquele mesma coisa repetitivo. E hoje em dia as coisas tão bem mais fácil, os recursos, o governo do presidente Lula foi um governo que teve seus problemas nunca vai ter um perfeito, mas ele pro esporte foi legal, essa questão da bolsa é uma coisa maravilhosa pro atleta, né. E se você tiver talento, se tiver talento, força de vontade, vá em busca do seu sonho que, que na realidade eu não vô pegá, as coisas que eu ia disse que eu tô no final de carreira, mas quem tá chegando agora vai ficá numa boa realmente. Tá mais fácil, hoje em dia tá mais fácil. Se você tiver talento, força de vontade, as coisas tá acontecendo aí, pega um patrocínio, o menino ganhô e vai tirá o lugar de um cara lá que desde 98 tá na seleção, mas ele veio pra substituí ele, tá melhor que ele, enfim vai quem é o melhor, né. E, começa e vai ganhá o patrocínio, e é isso, não tem muito, se você quer, tem vontade, é o sonho e treiná. Tem que treiná, pra ter resultado tem que treiná, não é nada, eu costumo dizê que nada cai de helicóptero não mesmo. Eu acho que não tem segredo, as coisas se você tiver talento é só seguir em frente.

PESQUISADORA: Você se sente realizado? Tem mais algum sonho? Quer algo mais?

A12: O ser humano sempre quer né. Sempre quer. O ser humano, você tem que ter isso, se você não tem, você não pode ficar sem alguma coisa. É difícil fala isso agora, se eu quero algo mais, se o sentimento, tem que ter senão fica difícil. Eu vô volta um poco atrás da minha parte íntima, quando eu me separei da outra mulher lá, das outras pessoas que tava com a criança, eu queria morrer assim, fiquei um poco deprimido, né. Aí eu queria fazê um teste, porque eu queria morrer, mas eu não queria não, no fundo, no fundo, não. Eu fui, eu queria sair daqui na realidade, aí eu fui morrê, Eu fui pra uma vista belíssima lá em Natal, você não conhece Natal, né? *(PESQUISADORA: Infelizmente não)*. Eu quero que você vá e fique lá na minha casa, sem pagá hospedagem. A minha casa é uma casa confortável, a beira mar. Sim, aí eu fui lá, cheguei lá, era umas 2 horas da tarde, aí lá vista pra praia dos artistas, praia do forte, aí eu fui lá, daí fiquei pensando "mas não é isso que eu quero". A vida não tá boa, eu sempre torço pra auto-estima, sempre tá agradecendo a Deus por tá vivo, "oh, meu Deus do céu, mas não é isso". Mas eu vô fazê o seguinte, eu falei pra moça: "Venha cá". "Eu vô ali pega uma dipitu e volto". E depois morre *(risos).* Depois voltei, Pesquisadora, peguei o carro, foi, foi sério, pode rir *(risos)*, peguei o carro e fui embora, tô até hoje, então acho que não é isso não. A questão de querer mais, né. Eu quero, sabe o que eu acho que tá faltando? Eu tô, eu não deveria falá isso, mas eu vô falá. Eu tô com uma pessoa muito boa, que me trata bem, mas é, vamos dizer, falta eu morrê de amores! Mas daí você vai me perguntá, "mas porque tá?" Antes quando uma pessoa amava, sofria! E hoje, eu acho até que eu gosto dela, porque quando o ser humano tá bem, ele não percebe às vezes, né. Apesar que eu tenho sensibilidade, quando eu tô feliz eu, no momento eu me acho muito feliz, assim, aquela sensação de felicidade, de tá vivo, uma coisa maravilhosa. Mas em relação a ela, eu acho que viro um costume. Aí eu tô com ela porque é uma pessoa companheira, uma pessoa que cuida do bebê, uma bela mãe, mas eu acho, não sei, eu precisava, não sei...Eu queria viver apaixonado, mas paixão. Aí hoje eu encontrei um ponto de equilíbrio, porque quando eu gosto me dói muito, e isso não é legal. Tem que ter uma, como é que chama, um equilíbrio, entre a razão, aí você fica vulnerável, pessoa fica, sei lá, eu tô descobrindo agora o que não é legal, mas é eu tinha uma necessidade disso, é legal, é, mas é essencial o gostar, né. Mas eu tô feliz, tô com um belo filho que é uma coisa legal, eu não tô sofrendo, assim pode me pergunta "era melhor antes ou agora?". Eu não tinha nada, quando eu chegava, quando eu voltei de Atenas eu peguei uma grana legal de patrocínio, e em 2005 eu perdi uns reais lá e essa pessoa não dava nada, construí uma casa, mas eu preciso de uma pessoa que me ajude também, sabe! Senão você se ferra. E ela é uma pessoa boa, é eu não sei, eu sou feliz por várias coisas, mas tem muita coisa pra fazê ainda. Eu queria viver mais intenso, viajar mais, porque eu acho tão legal isso. Pega as coisas, tá viajando, eu quero isso. Mas eu tô feliz, muito feliz mesmo. Não tenho muito do que reclamar não. Não sou uma pessoa triste, todos me querem bem, em geral a turma. As duas coisas, financeiramente bem, se eu estabilizá assim tô feliz, não tem muito. Eu quero, quando meu filho crescê eu quero dá uma qualidade de vida a ele bem melhor da que eu tive, vai ter estudos bons, vai se formá.

PESQUISADORA: Você teve o apoio da sua família, né!

A12: É, a família é fundamental. Mamãe, papai, dona Inês, seu Darci, pessoas maravilhosas, meus irmãos. É família, família, mas é um pessoal meio calado, acho que pela própria criação deles, eu vejo meus pais, descobri isso depois que eu ganhei a medalha em Atenas, em Sydney, quando eu fui pra paraolimpíada, a preocupação dela comigo. Eu não sabia, aquela festa enorme lá em casa. Você viaja e nos bastidores as pessoas ficam naquela agitação, aí quando cheguei em casa que descobri que eu era tão...Aí hoje em dia vô viajá e fica preocupado, mas eu tô trabalhando pra conquistá a vaga, né. Mas é bacana, eu acho que família é tudo realmente. É muito bacana.

PESQUISADORA: Qual a contribuição que você, como atleta, quer fazer, quer deixar pra sociedade, para o ser humano, para o esporte, você como atleta, o que você quer deixar?

A12: A contribuição é que a vida vale a pena que é maravilhosa, sem ela não teria vivido. E a contribuição é que o esporte pra mim e pra quem se interessa pelo caminho dele, vai trazê saúde, caráter, você vai sentir mais, é, uma pessoa mais amigável, mais humana, e eu quero que alguém se espelhá assim e diga. Eu tava vendo lá em casa essa semana, tem um monte de coisas legais, que eu falei, de Atenas, tem uns atletas, umas fotos, falei em nome dos atletas lá, em frente ao presidente Lula, e é uma coisa bem legal, acho que meu filho vai olha e fala: "Pô, meu pai com o presidente, recebendo uma encomenda, pô esse cara foi legal". Recebi a encomenda do para-pan do comendador. Até brinco que com a minha esposa, eu quero que no mínimo ele seja comendador, meu filho, isso é um orgulho, o estado reconhece você como alguém que fez alguma coisa pelo estado. Eu acho que eu já tô deixando um legado realmente. E eu não percebo, as coisas vão acontecendo e você vê que muita gente gostaria de tá na posição que eu tô hoje de atleta, quem não quer, todo atleta que começa quer chegar na seleção. Isso é um privilégio, acho que por enquanto tô deixando pra eles que fui um atleta esforçado, né, com postura e educação, como todo ser humano tem, e eu quero fazê mais alguma coisa quando pára, e vô deixa alguma coisa preparada, porque hoje eu sou muito preocupado com o futuro, até a minha esposa, o pessoal lá em casa fala que eu não guardo nada, deixo as coisas. É porque é muito complicado porque quando você pensa no futuro você deixa, e como Deus é muito bondoso pra mim, e é mesmo, vô vivendo as coisas simples mesmo, não tem muita tanta, nada de extraordinário não. Eu quero viver assim com saúde, já tô com saúde, assim, ter uma vida boa, viu! Espero que as pessoas olhem e pensem "esse A12 foi uma grande pessoa, um grande atleta, a vida dele, as medalhas dele", as homenagens, com Lula, não homenageô só uma bandeirinha do Brasil, me homenageo com uma condecoração, e essas coisas são importantes. Acho muito importante. Mas vai da pessoa mesmo, aquilo que falamos da vaidade. É igual você tá fazendo seu curso pra entrá pra, é, conhecimento é uma coisa maravilhosa o conhecimento, é uma das grandes coisas que leva com você e você dexa sempre uma parte, porque leva, mas dexa também, que é legal dexa pras pessoas isso. Eu acho que o ser humano devia ser bem mais melhor mesmo, bem melhor, mais humano mesmo, a vida fica mais fácil, você é mais acessível, mais compreensivo, e ninguém é mais que ninguém, o ser humano é tudo igual mesmo. Às vezes uns tem mais conhecimento mas querem fazê as coisas, a negada quer se achar que é o bicho e a vida, o que importa é a pessoa. Voltando um pouquinho a questão do cargo, eu fui presidente da associação da faderb, já fui, e a menina, a atendente lá do comitê, "A12, como é que é lá na Faderb? Quem manda não é o comitê?" Falei, não, lá é diferente, é só chega lá e sabe que cê faz o que? Você chega lá o presidente tá arrancando mato, o presidente nunca sentô na cadeira de

presidente, eu sempre fiquei no balcão assim, eu sempre fiquei desse lado aqui, cê acredita? Eu não quero. Então é isso mesmo, não me passe tal coisa. É porque político gosta muito.

PESQUISADORA: Te convidaram pra ser o presidente?

A12: Eu recebi um convite que eu não aceitei do Vital, mas eu falei " Ô, Vital eu não tenho conhecimento técnico pra ser presidente financeiro administrativo". Mas enfim a missão é difícil, né, é porque é um cargo muito complexo o comitê paraolímpico, né, é uma coisa muito grande, né, eu muito grande mesmo, e é difícil realmente. Mas ainda eu acho esquisito de ficá, eu não gosto de ficá sei lá, eu não dexa fascinado não. Tá terminando agora o mandato, né, o período, em fevereiro de 2009, e eu podia ser mais efetivo, mas devido a paixão pelo esporte eu sou um pouco ausente. Eu vô mais pra reunião de diretoria, eu falo pra você era pra eu tá em Brasília, morando lá em Brasília, pago pelo comitê, no bem bom, mas não...

PESQUISADORA: Tem algum comentário, alguma coisa que você queria me falar.

A12: Não, eu queria falá pras pessoas que tem que ter sonhos, sonho é uma coisa que tem que tá sempre em mente, tem que tá, ser positivo com as coisas, e lutá pra conquistá, né, que nunca desisti, né, e que o importante é ser feliz, e eu acho que a felicidade é muito simples e eu acho que as pessoas é só querer mas não precisa de muita coisa pra ser feliz. Eu acho que não é nada de riqueza, é legal ter um poder aquisitivo, ele te proporciona isso, né, mas se você tem o suficiente pra viver bem acho que você vive feliz, acho que a felicidade não é muito glamour, mas tudo acaba, né! Dá pra ver a vida que é uma benção de Deus, mas ela vai acaba. Acho que você tem que passar pela vida com essa coisa de amar o próximo, de não ter maldade mesmo, assim a gente não pode inventá muita coisa não. Estressa muito não conseguí não. Acho que tem que ter conversa, falando baixinho as coisas acontecem, não tem muito mistério não. Então tô feliz, não tem muita, tem simplicidade. E eu queria agradecê pela oportunidade...

PESQUISADORA: Eu que agradeço.

A12: Essa simpatia, eu queria contribuir no seu trabalho pra lhe ajudá.

Entrevista
A13

PESQUISADORA: É, estudou comigo no colegial. Deixo ver se tá gravando aqui, o número é muito pequeno, eu enxergo só de longe. Eu tenho um óculos de longe e um de perto *(risos).* É, idade, A13.

A13: 27.

PESQUISADORA: Ocupações?

A13: Atualmente só tô nadando, só.

PESQUISADORA: Grau de escolaridade?

A13: Superior completo.

PESQUISADORA: Você fez Relações Públicas, né! Eu li. Que delícia, hein!

A13: Ah, é gostoso, eu gostei!

PESQUISADORA: Eu imagino. Onde você estudou aqui Relações?

A13: Estudei na PUC.

PESQUISADORA: Ai, que delícia! É um curso muito bom de se fazer, né!

A13: Ah, é que eu achei um curso bem legal, assim, pra mim, porque todo mundo falava "Porque você não faz Educação Física?", mas o campo de trabalho pra mim em Educação Física ia ser muito difícil, né! Não por mim, mas pelo preconceito das pessoas, aí eu falei: "Ah, vô partí pra uma área mais, assim, Humanas", porque publicidade também tem muita coisa visual, tem que fazer cartazes, aí pensei Jornalismo, mas sinceramente pra mim, aí pensei Relações Públicas dá pra fazer umas coisas mais institucionais, é uma coisa mais tranqüila.

PESQUISADORA: Fez muito bem! Com relação a sua deficiência queria saber um pouco sobre o histórico dela.

A13: Então, na verdade eu nasci prematura, de 6 meses e meio, aí eu fiquei na encubadora, né. Assim, vamos dizer assim, antigamente as pessoas falavam "Ah, erro médico. Ah, foi erro médico". Mas assim, hoje já se tem estudos que eu tenho a chamada retinoplatia da prematuridade. Hoje se tem estudos que falam que o oxigênio ele ajuda, afeta a deficiência, por nascer prematura, ter falta de oxigênio, a retina ela acaba não conseguindo ser formada inteira, fica tipo uma pele, como se fosse uma cicatriz, uma queimadura, e assim, hoje em dia já tem campanhas, né, pra tudo.

PESQUISADORA: Chama retino…

A13: Retinopatia da prematuridade.

PESQUISADORA: Retinopatia da prematuridade, eu não conhecia.

A13: Porque até os três meses de vida, assim, 3 meses já nascido, se for tratada ela pode ser amenizada muito! Mas quando minha mãe descobriu já tinha o que, quase 4 meses, né. E também, na época não...

PESQUISADORA: Mas é interessante o que você falou, o meu irmão é mais velho que você, tenho certeza absoluta, né. E na época dele foi, segundo o que disseram foi a cesária pré-marcada foi prematura, e daí ele teve a anoxia. Mas o médico mesmo não disse, minha mãe só veio identificar, ela, uns 4 ou 5 meses depois porque ela percebia que ele era indiferente.

A13: É mais meu caso também foi assim, porque a minha mãe ia me amamentar e ela me olhava, assim, meu olho era diferente. No começo minha tia falava, sei lá, coisa da sua cabeça, e como eu tinha um primo com a mesma idade que eu, minha tia foi me amamentar, e minha tia percebeu, falou "é, realmente é diferente".

PESQUISADORA: O Marcelo é mais velho que você?

A13: É mais velho.

PESQUISADORA: E é principalmente as mães que tiveram filho antes, né, sente que algo, não sei, diz que minha mãe dizia que ela entrava e saia do quarto e o meu irmão, ele era indiferente a entrada e saída dela, né. Mas no fim, eu acho que são presentes que Deus traz pra vida da gente. Então, agora vamos falar um pouquinho do teu histórico. Assim, essa atleta de ouro que eu vi hoje na piscina, quando eu ver você na televisão posso dizer que já vi de perto, a gente conhece, sabe de todas tuas medalhas, do teu passado. Mas eu queria saber assim, da tua infância, se você brincava, com quem, do que. A relação com os amigos, a sua família, enfim eu queria um pouco da tua infância.

A13: É, na verdade eu tive uma infância, vamos dizer assim, praticamente normal. Fora algumas coisas que tiveram que adaptar, mas a minha família aceitou bem, graças a Deus, eu tive muita sorte, né. Meu irmão mais novo, como ele já cresceu comigo assim, nasceu, conviveu comigo desde pequeno, então ele, tudo que ele ia fazer ele me levava junto, eu falo junto porque eu tenho muitos primos, né. Eu vivia no meio dos meninos, andava de bicicleta com eles, nos lugares que eu não conhecia, então pra mim foi bem tranqüilo assim. Na escola eu sempre tive amigos, assim, não tantos amigos, mas eu sempre tive alguém que sempre falava comigo e tal, brincava comigo, tava me ajudando. Em relação a natação também, as crianças também tiveram uma receptividade muito grande que até eu, assim, não imaginava que ia ser assim, né. Imagina, jogar queimada, me chamavam pra jogar queimada, "Não vem, a gente fica de mão dada, vamô lá". Eu tinha 9, 10 anos e queria participar, e foi uma coisa assim que poucas pessoas têm oportunidade. Porque as famílias de muitas pessoas praticamente esconde o deficiente, sei lá, não deixa brincá porque tem

medo. É que uma professora da minha mãe um dia falou assim "Você tem que deixar sua filha brincá, você não tem que ficar olhando, porque se você ficar olhando, você passa medo!". Aí depois disso minha mãe deixava eu lá, ia fazer as coisas dela e...*(risos)*

PESQUISADORA: Que delícia, né! Tá certo! E você lembra o que você mais gostava de brincar na sua infância?

A13: Eu gostava muito de andar de bicicleta, né, como meu tio tinha uma chácara então eu conhecia a chácara inteira, e eu adorava andar de bicicleta. Nossa, bicicleta pra mim, é que hoje não dá mais, né.

PESQUISADORA: Agora com esse tempo corrido, né, A13!

A13: É, eu adorava andar de bicicleta.

PESQUISADORA: Você se lembra na sua infância, algum momento você acha que você sofreu algum tipo de discriminação?

A13: Olha, eu não lembro assim, sabe, sinceramente. É que eu não sei se por eu estar sempre com meu irmão mais novo, porque na escola o meu irmão mais novo era muito ligado assim, então tudo ele procurava, era até engraçado. A gente sempre tava junto, acho que eu nunca percebi assim. Tanto é que, pode ter tido em algum momento, mas nada...

PESQUISADORA: Vocês são 3 irmãos?

A13: Somos em 4.

PESQUISADORA: 4?

A13: É. Tem uma irmã que é mais velha que eu. É o Marcelo, minha irmã, eu e meu irmão mais novo.

PESQUISADORA: Ah, tá. E você falou pra mim que freqüentou a escola, né! A escola que você freqüentou, A13, desde então ela era regular ou foi especial?

A13: Então, eu fui alfabetizada na Pró-visão primeiro, né, até os 7 anos. Junto com a Pró-visão, entrei com o que, 3 anos e meio, eu estudava no maternal, escola normal, no Catatau, aqui de Campinas.

PESQUISADORA: Catatau, eu lembro!

A13: Eu estudava lá e na época a Pró-visão funcionava numa sala do colégio batista, e quando eu entrei no pré, já não tinha mais no Catatau, o colégio batista abriu espaço pros deficientes que tavam, que freqüentavam o Pró-visão pra poder estudar lá. Então eu estudava em classe normal, tinha acompanhamento da professora, né, da professora de braille, e foi assim.

PESQUISADORA: E você tinha aula de Educação Física?

A13: Tinha, né!

PESQUISADORA: Como era, você participava?

A13: É o que eu falo, a iniciativa nunca era dos professores, eram dos alunos. Era tudo bem engraçado assim, que eu, o pessoal acha engraçado, mas é verdade, porque se fosse pelo professor ficava sentada lá, sem fazer nada, meus próprios amigos que me chamavam pra participar da aula.

PESQUISADORA: E aí você ia com tudo?

A13: Eu ia.

PESQUISADORA: Então você só participou graças aos seus amigos que te chamavam *(risos)*. Porque o infeliz do professor! Você sabe, tem um atleta que eu entrevistei, mas eu não posso falar, ele falou a mesma coisa "olha, se dependesse da Educação Física"...

A13: Vixi, a gente tava perdido!

PESQUISADORA: Seria a minha próxima pergunta, você acha que a Educação Física contribuiu para o seu sucesso esportivo atual de alguma forma?

FABIANA: Olha, pra te falar a verdade, pra mim não, né *(risos).*

PESQUISADORA: Tá certo! Eu já imaginei! Ai, A13, você é muito tranquila. É engraçada mesmo! Em que momento da sua vida você decidiu que queria praticar o desporto adaptado?

A13: Então, na verdade eu comecei porque a Pró-visão tinha uma parceria com a academia Catarina de Campinas.

PESQUISADORA: E eu já dei aula lá.

A13: E eles abriram espaço pra Pró-visão levar os alunos.

PESQUISADORA: Será que você não foi minha aluna não?

A13: Que ano você deu aula lá?

PESQUISADORA: Foi no começo da faculdade, 1988.

A13: Acho que eu entrei lá, comecei...

PESQUISADORA: Olha que você passou por mim!! Mas eu trabalhava com os bebês, na época, você não era bebê.

A13: Eu comecei com 7 anos, eu acho que eu fiquei lá até 88, mas...

PESQUISADORA: Eu fui fazer estágio lá, estava entrando na faculdade, e eu fiz um curso, inclusive, pela Pró-visão. Eu trabalhava com os bebês de 8 meses, muito fofos por sinal! E aí você decidiu praticar?

A13: Então, como abriu esse espaço, minha mãe falou "Vô leva, né, pra aprender a nadar, sei lá, ajudar na coordenação motora". Eu fiz bastante coisa que me ajudou bastante, né. Até chegar a atleta que eu sou hoje. Porque além de nadar eu fiz aula de dança rítmica, eu fiz aula de piano, de flauta, então são coisas assim que me ajudaram pra meu desenvolvimento, né.

PESQUISADORA: Nossa! Mais algum outro esporte antes da natação?

A13: Não.

PESQUISADORA: Você foi com 3 anos pra natação, né, na Pró-visão?

A13: Aí, sim, eu aprendi os 4 estilos, meus irmãos nadavam. Primeiro eu fui pro Guarani, eu fiquei um ano no Guarani, 89. Aí, minha irmã começou a ter alergia, teve que mudar de clube. Aí, eles vieram aqui pro Tênis, aí que eu comecei a nadar, assim, porque na época era uma coisa muito difícil aceitar um deficiente numa escolinha, né. Eu tive essa sorte deles aceitarem.

PESQUISADORA: Você sabe em que ano, mais ou menos, foi isso, A13, que vocês vieram aqui pro Tênis?

A13: Em 90.

PESQUISADORA: Em 90, tá!

A13: Aí, até o que, até 92 eu nem sabia que existia esporte pra deficiente. Não sabia mesmo. Aí, a gente conheceu o Neno, né.

PESQUISADORA: Ah, eu lembro, o Neno!

A13: Conheci o Neno, ele falo "Ah, vai ter uma competição brasileira aí na UNICAMP", falou pra minha mãe, "Você não quer levar sua filha?". Minha mãe fico pensando...

PESQUISADORA: Você lembra que ano foi isso?

A13: Foi acho que 92, não sei direito, 92 ou 93.

PESQUISADORA: Olha, eu me formei em 91. Mas eu voltava porque eu fui monitora da Bil, do Gavião, do Paulinho e do Zé Luiz, da disciplina, e eu ajudava a organizar os

campeonatos lá. O Neno eu já conhecia de lá, de projeto da UNICAMP. Aí ele chamou e você foi?

A13: Aí chamou, eu fui lá, eu fui assim, quer dizer, meio sem entender nada, não sabia que tinha classificação, não sabia nada. Fui lá, aí que eu comecei, né. Como eu acabei ganhando as provas que eu nadei, que eu também nem, aí eu comecei. Só que assim, o que contribuiu muito pra mim mesmo foi eu treiná com uma equipe normal, que eu acho que isso foi muito importante pra mim, porque na época o desporto pra deficiente não tinha quase competições, né. Eu participava em competições normais, às vezes eu chegava em último, mas pra mim o que importava era tá junto com o pessoal, então era uma coisa assim que me animô a ir pra frente, porque senão eu acho que não ia não.

PESQUISADORA: E quando você entrou na seleção brasileira, você se lembra quem te chamou, como é que foi a notícia?

A13: Então, eu ganhei esse brasileiro, na verdade, né. Aí, ai não sei.

PESQUISADORA: Brasileiro lá na UNICAMP?

A13: Lá na UNICAMP. Aí não sei como é que, sei lá, acho que o pessoal ficou sabendo, aí acabou sendo divulgado, aí acabei participando de mais competições, aí as convocações foram vindo, né.

PESQUISADORA: Aí te chamaram?

A13: Aí, me chamaram. Participei do meu primeiro panamericano em 95, né. Aí comecei a participá da seleção.

PESQUISADORA: Olha só!

A13: Até que a minha paraolimpíada de 96 eu fui assim, foi meio difícil, falaram assim, um mês antes, tava tendo um competição lá no Rio falaram assim: "Você vai". "Ah, é que legal, tá bom, brigada!" *(risos).*

PESQUISADORA: Bom, também, né! A medalha de ouro em Atenas 2004, eu peguei Atenas 2004 porque é, por enquanto foi o *boom*, de tudo, né! 2004, assim, em termos de divulgação do esporte, de medalhas, enfim. Pra você, o que representou a medalha, modificou alguma coisa no campo social, no afetivo, no financeiro, no familiar?

A13: Ó, é claro que no financeiro acabou ajudando um pouquinho porque, infelizmente, no Brasil, a gente tem que dá resultado pra gente conseguí alguma coisa, né. Senão eu não teria conseguido o patrocínio que eu tenho hoje, mas assim, é que na verdade eu sempre sou muito assim, eu participo das provas, eu tenho meus resultados, mas o que vale pra mim é eu estar bem comigo mesma. Tipo, eu ganhei aquela medalha, pra mim, eu penso assim, de todo o esforço que eu fiz pra chegá, todo o esforço das pessoas que me ajudaram a chegar até lá, então pra mim é mais esse significado do que tanto social, é, mídia, pra mim...

PESQUISADORA: Satisfação pessoal que você tem, não é?

A13: É uma coisa bem assim pra mim.

PESQUISADORA: Ah, isso é muito bom mesmo. Bom, você escolheu a modalidade, no fim, porque a natação? Você chegou essa conclusão porque você queria? Você começou aos 3 anos mas porque você gostava?

A13: Então, na verdade as coisas foram acontecendo, né. Foi uma coisa até engraçada porque quando eu participei do meu primeiro panamericano, eu nem imaginava em participá de uma paraolimpíada. Eu treinava porque era uma coisa gostosa, eu me sentia bem no ambiente que eu tava, e aí as coisas foram acontecendo, resultados foram vindo, aí eu acabei ficando, né!

PESQUISADORA: E como, hein! Olha, hoje eu vi um pedacinho do que, eu imagino, que seja o seu dia, a sua rotina de treinamento. O tempo que eu fiz natação no Guarani, a piscina era gelada, o Zé Pedro mandava ficar correndo em volta da piscina pra aquecer. Então eu me lembro, né, natação, todo dia, a mesma rotina, é um esporte solitário, às vezes, né. Eu queria, como é a rotina da A13 de treinamento? Basicamente, quantos dias da semana, quantas horas, o local, a orientação de profissionais, quem te ajuda?

A13: Então, na verdade, assim, normalmente segunda a sábado, na parte da manhã que é o horário do meu treino, né. Das 8h as 11h, mais ou menos, e duas vezes por semana que faço musculação após o treino. Assim, de treinamento mesmo é essa a minha rotina, né. Depois a gente tem outras coisas pra fazer, é mas é o horário assim, pode falar o que for, aquilo eu não mudo, nem...

PESQUISADORA: Por nada!

A13: Por nada, por nada! E assim, tem o acompanhamento, pra mim assim, tem o acompanhamento de nutricionista, né, por causa de suplemento.

PESQUISADORA: Não conta do chocolate, tá!

A13: *(risos).* Mas de vez em quando pode, de vez em quando não tem problema não. Mas assim, suplemento, principalmente suplemento que atleta precisa muito, né. Porque comida, graças a Deus, eu sempre fui tranqüila assim, nunca exagerei nas coisas.

PESQUISADORA: Eu vi que na piscina você tá sempre tomando um líquido.

A13: É, eu sempre tomo malto, né! Tomo malto.

PESQUISADORA: Isso faz parte de orientação do nutricionista?

A13: É, isso é um suplemento, né, pro organismo não perder carboidrato.

PESQUISADORA: Ah, tá!

A13: Senão ele começa, ao invés de ele pegá carboidrato que ele precisa, ele começa a tirá do músculo, tira de gordura que não é pra tirá.

PESQUISADORA: Você tem assim, poderia considerar, quais elementos poderiam ser facilitadores do seu treino? Por exemplo, transporte, adaptação, apoio da família, materiais, alimentação, ou fatores que dificultam seu treino.

A13: Ah, hoje, graças a Deus, assim, eu já tenho uma estrutura boa, né. Assim, minha família sempre me apoiô. Hoje eu tenho patrocínio da Speedo, né, que me fornece material. Então hoje, graças a Deus, eu tenho uma estrutura que eu não tenho o que reclamar. Claro que, assim, tecnologia de outro país poderia facilitar muito, né, que no Brasil ainda é um pouco amador o esporte, né. No Brasil tem que ir na raça, porque pessoal dos EUA, Austrália, tem toda aquela tecnologia, filma, isso e aquilo. Musculação específica, a nossa é normal, mas assim...

PESQUISADORA: Na raça, né, A13. E quando você falou de apoio, eu queria entrar um pouco, antes de terminar o assunto. Hoje você falou que tem o apoio financeiro da Speedo?

A13: Não, eu tenho as Loterias Caixa, né, que é o patrocínio, patrocínio financeiro, e a Speedo que é o material esportivo.

PESQUISADORA: Desde quando você tem esses patrocínios?

A13: Das loterias Caixa desde 2005, a Speedo não sei se é 2006 ou 2007.

PESQUISADORA: E antes da Caixa, você teve algum apoio, A13?

A13: Então, na verdade, assim, eu tive, não sei se foi 99 ou 2000, 6 meses de patrocínio do Vasco, mas também não deu certo. Tive também patrocínio do Correio, mas também largaram mão. Aí eu fiquei, o que me sustentou os 4 anos de 2001 até 2004 foi o prêmio medalha que o comitê deu na época pra gente. Foi o prêmio que me sustentou e aí em 2005 eu consegui o patrocínio.

PESQUISADORA: Da medalha que você recebeu em ...

A13: 2000.

PESQUISADORA: Ah, tá! É um prêmio que você recebeu por 4 anos?

A13: É, então, na verdade foi um sistema que eles fizeram lá, que eu nem lembro direito como é que funcionava, né. Por exemplo, em 2004, deram tudo de uma vez.

PESQUISADORA: Ah, então em 2000 eles parcelaram.

A13: É, foi mais ou menos assim. Aí deram pra sustentá os atletas até 2004.

PESQUISADORA: Aí em 2004 vocês receberam tudo de uma vez?

A13: Aí foi tudo de uma vez.

PESQUISADORA: Eu soube que parece que não vai ter esse ano.

A13: É, esse ano infelizmente não vai ter.

PESQUISADORA: Eu fiquei horrorizada!

A13: A gente também ficô.

PESQUISADORA: Eu fiquei horrorizada! Comentei com o meu marido e ele falou " Não tem jeito, o Brasil tem umas coisas que é o fim da picada, né!"

A13: Eu também fiquei bem decepcionada, mas infelizmente o comitê tem pouco apoio, né, a gente tem que entender o lado deles também, que a delegação tá muito grande. Mas é o que eu falo, dinheiro, claro que dinheiro é bom, ajuda, mas quando a gente tá lá, numa paraolimpíada...

PESQUISADORA: Não tem dinheiro que pague, né!

A13: Não, não tem.

PESQUISADORA: Deve ser emocionante mesmo. E o apoio familiar? Eu percebo, seu irmão o técnico, como foi o apoio da sua família na sua trajetória?

A13: Então, na verdade, até 2004, eu treinava com treinadores daqui, né, sempre também, o legal, que eu falo pra todo mundo, desde o professor da escolinha até minha última treinadora, eles nunca tinham trabalhado com deficientes. E eles, tipo, aceitaram esse desafio pra trabalhá com deficiente, que é uma coisa que, quem que vai fazer isso?

PESQUISADORA: Normalmente as pessoas acham "ai, tem que ter talento", não é isso?

A13: Tanto é que meu professor de musculação também foi assim, ele falô "Nossa, quando você chegou aqui a primeira semana eu "e agora o que vou fazer?" Mas vamos lá!" Então isso que foi legal. Então meu irmão começô a me treiná, aí eu comecei a mudar meus horários também, e mas assim, minha família, é que meus irmãos nadavam, né!

PESQUISADORA: Pai sempre apoiando, né!

A13: Então, tava sempre lá no meio, como todo mundo nadava, então todo mundo comentava as coisas, é bem legal, bacana!

PESQUISADORA: Isso daí a gente percebe, né, que a família foi muito importante na constituição da sua carreira.

A13: Ah, sim, a família, é o que eu falo, a família é o alicerce, né. Se a família não apoia, como você vai contra a família a vida inteira, né? Não tem como não.

PESQUISADORA: Não tem como, é verdade. Como você vê a mídia no esporte adaptado, principalmente depois de Atenas 2004?

A13: Olha, melhorô bastante. Antigamente o comitê que tinha que ir atrás da mídia, né. Hoje a mídia já vai atrás dos atletas. É claro que ainda é um pouco ruim porque ainda dão muita, muito destaque só pros atletas que ganham medalha de ouro, né. Que eu acho que isso é errado. Eu acho que você tando numa paraolimpíada, não importa se você ganhô medalha ou se você não ganho medalha, é uma coisa importante, né, que ainda precisa ser mudado na cabeça do brasileiro.

PESQUISADORA: Exatamente. Você sabe que quando eu tive que selecionar, eu tive que reduzir, porque se eu fosse pegar todos os medalhistas de Atenas eu tava perdida *(risos).* Mas isso que você falou é uma grande verdade mesmo.

A13: Mas é, porque, a gente fala assim, eu sentia muito, assim, porque medalha de ouro todo mundo vem em cima, mas as pessoas que não tão nem aí pra você quando você ganha, vai lá. Agora a pessoa que sei lá, pega um 8º lugar o pessoal nem dá bola, nem, deixa a pessoa lá largada.

PESQUISADORA: Aliás, falando em amigos, como é que você, como é que você lida hoje, né, porque você é muito assediada, né, A13, onde você vai, os teus verdadeiros amigos, aqueles que só vem... como é que você lida com isso?

A13: É, a gente tem que saber distinguir, quem são os verdadeiros amigos e quem se aproxima só pelo interesse.

PESQUISADORA: Naquele momento, né.

A13: É, é uma coisa assim que, realmente, eu não sei explicar pra você, mas tem como a gente saber. É uma coisa, a maneira, porque, por exemplo, um exemplo tá, uma pessoa que nunca fala com você, aí de repente você ganha uma medalha aí a pessoa vem, começa a falá com você, a conversa, aí você fala "Meu Deus, então tá, né!". Então, assim, a gente sabe quem são os verdadeiros amigos, a gente sabe pelos momentos que a gente passa, que não são fáceis, os verdadeiros amigos vem, conversam com você, te ajudam quando você mais precisa. Agora as outras pessoas...

PESQUISADORA: Vem oportunamente! Através do seu sucesso, A13, você pensa, talvez mais pra frente ou em algum momento, em algum projeto social ou grupo sobre a questão da pessoa com deficiência?

A13: Olha, eu não sei ainda, porque eu falo que as coisas ainda no Brasil são muito complicadas.

PESQUISADORA: Porque você tem um nome muito forte, né, A13!

A13: O problema é assim, nome a gente tem, só que assim, é, muitas pessoas usam muito nossos nomes, né. Então pra você fazer um projeto social, pra você fazer uma coisa tem que pensar muito bem porque muitas vezes o retorno pode não vir pra você, vem pra outras pessoas. Então você fala assim "Peraí, eu construí uma vida, tentei fazer alguma coisa pra sociedade, e no fim outra pessoa que levou tudo". Então é uma coisa assim, que a gente tem que pensar muito bem, é uma coisa que tem que ter uma estrutura de vida muito boa. Não é nosso caso, né! Mas assim, é legal sim, eu acho muito bacana, mas tem que se pensar muito!

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A13: Ah, eu falo assim, primeiro a pessoas tem que achar uma coisa que ela gosta, né, primeiro de tudo. E outra, ela tem que encontrar um lugar que a pessoa tá disposta a ajudar também. Porque não adianta falá pra ela vai lá em tal lugar mas se as pessoas não tão nem aí pra ela, aí ela vai desanimar mais ainda. E assim, outra coisa é ela ter um objetivo, uma vontade, né, são as coisas principais. Porque, realmente, viver do esporte não é fácil, existem momentos difíceis e se a pessoa não querer realmente, é, ter um objetivo, uma meta, a pessoa não consegue.

PESQUISADORA: É. Você, claro, tá indo pra Pequim, mas você se sente realizada, tem algum sonho, quer algo mais?

A13: Ah, eu falo que atleta sempre quer melhorar o tempo, né, não tem jeito, mas eu me sinto realizada sim, porque todos os títulos que um atleta gostaria de conseguir, eu consegui, desde ser campeã brasileira até recordista mundial. Então é uma coisa assim que os olímpicos, sinceramente, é que ainda não se dá valor no Brasil, pra nós paraolímpicos. Mas os olímpicos, é muito difícil eles conseguirem o que a gente conseguiu, que eu consegui, nem se fala, todos os títulos.

PESQUISADORA: Eu creio que em relação a títulos, hoje você é uma das melhores nadadoras mundiais, não é, A13?

A13: É, é que eu falo assim cada um tem um momento na sua história, né. Na minha época, em 2000, quando eu ganhei minha primeira medalha, eu fui a primeira nadadora do Brasil a ganhar uma medalha de ouro. Aí aconteceu, em 2004, o Clodoaldo apareceu, ele ganhou muitas medalhas, então é assim, cada um tem um momento na sua história, que é uma coisa assim, querendo ou não, fica marcado e ninguém mais apaga.

PESQUISADORA: Mas é que o seu ele é uma constante, né, você vê, eu quero dizer assim, você conquistou todos os títulos que um atleta sonha, né! Você vai se aposentar? Como é que é isso, ou não?

A13: É uma coisa que a gente não sabe, né, tudo vai depender de tudo como vai ficar depois das paraolimpíadas, é uma coisa que realmente a gente não sabe como é que vai ser, como é que vai ficar patrocínio. Tem muitas coisas que a gente precisa ver como é que vai ficar.

PESQUISADORA: Projeção da sua vida?

A13: Projeção da minha vida?

PESQUISADORA: Qual é sua projeção? Pequim sim, mas...

A13: Ah, eu como todo mundo, tenho o sonho de casar, formá uma família. Tenho um sonho também de trabalhar com outras coisas, em outras áreas, né. Acho que é isso, né.

PESQUISADORA: Que contribuição que a A13, enquanto atleta, quer fazer para a sociedade, para o ser humano e para o esporte?

A13: Ah, na verdade, assim, o que eu sempre tento passar pras pessoas é que as pessoas, hoje em dia, elas desistem muito fácil das coisas, né. Não só os deficientes, como as pessoas normais também. Quando encontra um obstáculo eles, tipo, batem nesse obstáculo e não querem mais saber. E é muito pelo contrário, as pessoas são muito capazes de fazer muito mais do que elas imaginam se elas correrem atrás, né.

PESQUISADORA: A13, você quer fazer algum comentário pra encerrar?

A13: Ah, não sei, que comentário?

PESQUISADORA: Ah, falar, que tá aberto pro que você quiser comentar, alguma coisa, o que quiser, tá aberta a palavra.

A13: Ah, não sei assim, você já pergunto tanta coisa *(risos).*

PESQUISADORA: Então, tá bom, tá cansada, parece que tá com fome!

A13: Não, tranqüilo, a gente traz barrinha, traz bolacha, traz um monte de coisa.

PESQUISADORA: Então, tá bom!

Entrevista
A14

PESQUISADORA: Idade?

A14: 27 anos.

PESQUISADORA: Ocupações?

A14: Atualmente eu estou me dedicando integralmente ao esporte, a faculdade tá trancada, então em ano de paraolimpíada eu tô...

PESQUISADORA: Você está cursando que curso?

A14: Ciências Biológicas.

PESQUISADORA: Ah, é verdade, você gosta de Biologia, eu li mesmo, é verdade. Ciências Biológicas, que interessante, né!!! Porque a maioria que eu tenho entrevistado, os atletas, acabam indo pra Educação Física. Sabe que eu entrei em Biologia uma vez!

A14: Entrô?

PESQUISADORA: É, mas acabei não fazendo porque eu queria fazer Educação Física, mas eu tinha um faro naquela época já de trabalhá com engenharia genética.

A14: Engenharia genética?

PESQUISADORA: Na época era tudo! Conta pra mim então, eu queria saber o aspecto relacionado a sua deficiência, a história um pouquinho dela, né!

A14: A minha é congênita, né. Desde que eu nasci já foi se agravando, foi evoluindo.

PESQUISADORA: Quando você nasceu, você já tava com quanto de miopia? Porque eu li que você nasceu com alto grau de miopia, né.

A14: Não sei se era 6 ou 7 graus.

PESQUISADORA: Ah, tá!

A14: O mesmo que a minha filha teve. A minha filha já nasceu com 5 graus já de miopia.

PESQUISADORA: E aí você nasceu com a miopia e ela foi...

A14: Foi se agravando. Na infância, eu sou de família humilde. Minha mãe, fui criado praticamente só pela minha mãe, empregada doméstica, né, ela se separou do meu pai. E ela sempre teve muita dificuldade, pois aconteceu comigo e com meu irmão. E meu irmão

era mais novo, era muito difícil fazer óculos, acompanhá a evolução, né. Demorava muito tempo, daí quando quebrava a dificuldade era grande pra fazê um óculos novo. Mas foi, a parte inicial foi bem difícil, lidá com isso.

PESQUISADORA: Tua infância, com isso você brincava, tinha amigos?

A14: Tinha amigos, brincava, sempre procurava jogá, mas tinha aquela discriminação por causa de usar óculos. *(PESQUISADORA: Chamava de quatro olho, né!).* Cresci escutando essas piadas *(risos).* Aí pra jogá era sempre o último a ser escolhido, apesar de jogar melhor que outros, mas sempre tive amigos assim, sempre tive uma vida ativa, desde a infância, vida social legal.

PESQUISADORA: Você acha que essa discriminação aí era uma discriminação como qualquer outra criança que tivesse usando óculos?

A14: É, "ele usa óculos, ele não enxerga bem, ele não vai ter a facilidade pra fazer o que a gente faz".

PESQUISADORA:: E como você reagia, você se lembra?

A14: Ah, eu tentava sempre ficá no grupo, né! Às vezes ficava um pouco pra baixo, mas lutava, nunca desisti assim de nada, sempre fui, sempre tentava me inserí naquele meio. Mesmo com crítica tava sempre ali no meio. E assim eu fui garantindo meu espaço pra jogá.

PESQUISADORA: Você freqüentou a escola? Como é que era, você se lembra? Tinha aula de Educação Física? Você participava?

A14: Participava.

PESQUISADORA: Mas porque você queria ou era o professor que ...

A14: Era ensino fundamental, né, no início a gente é obrigado a ficá lá, então, mas quando eu era criança eu sempre gostei de fazer Educação Física, sempre gostei de praticar.

PESQUISADORA: Na escola você nunca teve problemas em fazer Educação Física? Você participou normalmente?

A14: Na escola não. Eu sempre participei da Educação Física.

PESQUISADORA: Você acha que a Educação Física na escola teve alguma contribuição pro seu sucesso esportivo hoje?

A14: Com certeza porque a minha iniciação no esporte foi através da Educação Física escolar.

PESQUISADORA: Ah, tá, então você teve esporte na escola? Você teve uma boa Educação Física?

A14: Com certeza, eu sou 100% atleta fruto dessa Educação Física escolar.

PESQUISADORA: Que bom, você sabe que é o primeiro entrevistado que fala isso? É o primeiro que fala.

A14: Foi o professor que me incentivou, o professor da 8ª série. Ele, na época eu jogava futebol, da velocidade que eu tinha em relação aos meus colegas era bem maior, né. Então ele sugeriu que eu jogasse futebol. O professor sempre foi o incentivador, ele que me sugeriu procurá um professor de atletismo e ...eu tinha facilidade com o futebol também, mas não pudia freqüentá o clube por causa da visão. Então o atletismo...

PESQUISADORA: Não podia?

A14: Não.

PESQUISADORA: No clube eles não permitiam?

A14: Não permitiam. Depois fui treiná atletismo, eu ganhei lentes de contato, mas não pudia.

PESQUISADORA: E você praticou já outros esportes?

A14: Só atletismo e futebol.

PESQUISADORA: Mas acabou ficando mesmo no atletismo. Em que momento você decidiu que queria praticar o desporto adaptado?

A14: Eu já tava praticando o atletismo convencional há 2 anos, não, um ano. Comecei em 96, com 15 pra 16 anos, e em 97, um professor que trabalhava com atletas cegos e de baixa visão na mesma pista onde eu treinava, ele falô do alto grau e da deficiência que eu tinha. E me perguntou, né, se eu não queria participar de provas paraolímpicas, de baixa visão, porque na época não era conhecido, 97. Aí, ele falô dos problemas, das competições a mais, "Não, não me importo". Aí ele me filiou, mas eu não participava de associação, não tinha recursos, deu uma parada, aí, aconteceu de eu não começa ainda no desporto. Daí em 99, uma outra professora que trabalhava também com cegos em Porto Alegre, a Fabiana Smenstorm, ela era professora na escola de 2º grau onde eu ganhei minha bolsa, e os professores de Educação Física comentaram com ela que tinha atleta e que eu tinha um grau alto de deficiência visual. Ela se interessou, ela viu meus resultados e prontamente ela já me procurou pra fazer uma seletiva pros jogos para-panamericanos que iam acontecê na cidade do México.

PESQUISADORA: Foi aí que você entrou pra seleção brasileira? Foi nesse momento que você entrou pra seleção?

A14: Fomos pra uma seletiva em Paulínia e lá foi formada a seleção brasileira.

PESQUISADORA: Paulínia, ali do lado da UNICAMP. Aliás eu até ia lá fazer algumas entrevistas e acabei não fazendo. E quem que te deu a notícia, que falou que você estava na seleção, que você estava convocado? Como é que foi?

A14: Isso aí foi a professora Lia Raffman, ela que fez tudo, ela que ligava, corria com a documentação. Ela que me levou pra competição. Então no início foi tudo ela, que me deu a notícia que eu tava convocado depois da seletiva.

PESQUISADORA: E por exemplo, pra você a medalha de ouro nos jogos paraolímpicos de Atenas, teve alguma mudança no campo social, no afetivo, financeiro, familiar? Se tinha menos amigos passou a ter mais, enfim, o que que mudou na sua vida?

A14: A visibilidade aumentô, o reconhecimento, teve uma maior repercussão do que em Sydney, eu recebi um aumento financeiro e deu maior tranqüilidade pra mim trabalhar. Eu acho que é isso.

PESQUISADORA: Você tinha, desde que você entrou, você sempre teve algum tipo de patrocínio, de apoio financeiro, ou foi a partir de Atenas? Como é que foi esse apoio financeiro no esporte?

A14: No início eu tinha ajuda do meu primeiro técnico, o Rubem Oliveira, comecei a trabalhá no atletismo com ele. Ele cuidava, trabalhô muito com um grupo de jovens e ele que arranjava dinheiro pra gente viajá, alimentação, se a gente precisasse de alguma coisa, sapatilha. Meu primeiro incentivo foi como atleta ainda juvenil, pelo estado do Rio Grande do Sul que eu era juvenil, fui um dos melhores convencionais a nível nacional, tive uma bolsa estudantil pelo estado. Aí, depois em 99, quando eu tava saindo do juvenil, entrando no adulto, começando a carreira paraolímpica, veio posteriormente a paraolimpíada de Sydney, a gente...no Rio de Janeiro, e depois do comitê paraolímpico incentivô.

PESQUISADORA: E hoje é a Caixa.

A14: É a Caixa.

PESQUISADORA: Quanto tempo você está nessa modalidade?

A14: 12 anos.

PESQUISADORA: Também vou perguntar pra você: comente um pouquinho, sobre o seu treinamento, o estilo do dia-a-dia do atleta. O que facilitou, hoje, a sua vida de atleta, o que você tem hoje no treino que antes você não tinha?

A14: Hoje eu treino num centro de treinamento de velocidade, é considerado um centro de excelência em velocidade, em Presidente Prudente. É o melhor cenário técnico de velocidade do país, tem um grupo formado na sua totalidade por velocista, o que dá um incentivo maior, treina com velocistas renomados, medalhistas olímpicos, medalhistas

mundiais, panamericanos. Tem esse apoio dos atletas que eu sempre vi como ídolos, colegas de treino e toda a estrutura, né, que engloba nosso treinamento, né. Médicos, fisioterapeuta, acompanhamento nutricional.

PESQUISADORA: Há quanto tempo você tem esse treinamento todo estruturado? Sempre foi assim ou não?

A14: Não.

PESQUISADORA: Foi mais ou menos a partir de quanto, você se lembra, que melhorou?

A14: Em 2000 eu me transferi pra Universidade Luterana do Brasil e comecei a treiná com Pedro Henrique de Camargo Toledo, o Pedrão. Foi treinador do João do Pulo. Foi um marco eu tive no atletismo, a passagem do atletismo estudantil pra um atletismo de competição, mais sério. Então foi entre 99 e 2000, que eu dei preferência pra ele. Aí a partir daí eu fiquei 5 anos com o treinador Pedrão, no final de 2003 pra 2004 pra preparação pra Atenas eu me transferi pra Presidente Prudente. Desde então eu treino com Jaime Leo Ferreira.

PESQUISADORA: Alguma vez você teve alguma dificuldade de treinamento, de material, de equipamento, transporte, alimentação?

A14: No início da carreira foi bem difícil. Até a paraolimpíada de Sydney, foi onde começô a melhorá toda a minha estrutura, quando comecei a treiná fora, foram 4 anos.

PESQUISADORA: De Sydney, você teve qual apoio depois em Sydney?

A14: Teve .... e comitê paraolímpico.

PESQUISADORA: Entendi. Você atualmente também tem outros profissionais que participam do teu treino? Do treinamento?

A14: Tem fisioterapeuta.

PESQUISADORA: Fisioterapeuta?

A14: : Fisioterapeuta, participa diretamente.

PESQUISADORA: Nutricionista tem algum?

A14: Não, eu fui numa nutricionista que acompanhava diretamente o grupo, daí ela, trabalhava diretamente com a equipe.

PESQUISADORA: Como você vê a mídia no esporte adaptado principalmente depois dos jogos de Atenas de 2004?

A14: Hoje, tudo foi resultado de um esforço muito grande do comitê paraolímpico brasileiro. Eles levaram uma equipe de jornalistas de emissoras e paga pra eles irem, pra eles mostrarem o que é as paraolimpíadas. Como o Brasil tava se comportando nas paraolimpíadas, pra mostrá pro povo brasileiro como os atletas e uma paraolimpíada. Hoje já é uma realidade, hoje já tem a procura da imprensa, não precisa ficá, já tá o espaço na mídia. A gente tem um espaço bem maior, a visibilidade aumentou, muito em relação ao que se tinha no passado. Então a credibilidade veio bem legal, na tv brasileira, ainda não é o ideal, né. Com as conquistas a gente vai ganhando nosso espaço.

PESQUISADORA: Em razão do teu sucesso hoje, né, você já pensou em algum projeto social ou participa de algum grupo de discussão em relação ao deficiente?

A14: Não, eu sou convidado, mas eu penso, eu penso no futuro não só trabalha um projeto pra crianças deficientes, mas com crianças carentes, crianças excluídas da sociedade. Quero mostrá que através da educação, seguramente, ou usa a educação pra crianças carentes, e possivelmente trabalha com o esporte também, né, com essa prática.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A14: Hoje é outra realidade mesmo, então como eu faço, às vezes alguns atletas me procuram, o pessoal que tem ...procura manter essa prática, sempre incentivando, né. Eu sempre falava pros atletas, inclusive quando eu comecei lá em Presidente Prudente, tinham poucos atletas deficientes na pista. Hoje tem lá tem 11 atletas com paralisia cerebral, amputados, cadeirantes, na pista. Cresceu demais. Então eu vejo uma contribuição minha lá em Presidente Prudente.

PESQUISADORA: Como que sempre foi o apoio da sua família, seus amigos, na sua trajetória, na sua vida?

A14: A família sempre me apoiou, belíssima carreira. Ela vinha com desconfiança porque eu precisava trabalhá pra ajudá em casa, aí ela viu que eu já tava conseguindo bolsa numa escola particular, e ela deixava, né, mas ela achava que tinha que continuá tentando conseguí um trabalho. Tinha certeza que eu ia conseguí um trabalho. Aí depois começô a ter um retorno e eu a ajudá em casa, sempre foi com família e amigos...

PESQUISADORA: Amigos, você tem algum que chegou depois com o teu sucesso? “Ah, eu sou amigo dele”, viu que você tava diferenciado?

A14: Ah sim, teve uns diferenciados...(*risos)*.

PESQUISADORA: Sempre tem, né!

A14: É, um tapinha nas costas.

PESQUISADORA: Aparece, né, quando o sucesso vem?

A14: É.

PESQUISADORA: Você se sente realizado, quer algo mais? Tem algum sonho?

A14: Ah, eu consegui muitas vitórias, mas no esporte você nunca fica satisfeito. Eu quero sempre mais, né! Sou grato a tudo que eu tenho mas eu pratico uma prova que você tem que só buscando o seu limite, sempre quebrando, é a superação, e é continuá treinado pra melhorá, melhorá cada dia que passa.

PESQUISADORA: Você pensa em se aposentar?

A14: Quem sabe daqui uns 15 anos *(risos).* Enquanto eu tiver força pra treiná!

PESQUISADORA: Projeção na vida?

A14: Concluindo o curso...

PESQUISADORA: Curso de Biologia lá em Presidente Prudente?

A14: Se eu puder trabalhá na área, pretendo prestá concurso, ou leciona que eu gosto também, trabalhá na sala de aula. Aí eu penso também em trabalhá com a Biologia também. Só que se num momento apareceu um projeto no esporte, aí eu vô aceitá muito bem.

PESQUISADORA: Qual a contribuição que você, enquanto atleta, quer trazer pra sociedade, para o ser humano, para o esporte?

A14: É mostra que todo mundo pode fazer o que eu faço, todos que tiverem um objetivo na vida, lutar pra conquistar.

PESQUISADORA: Você tinha alguma dificuldade antes de Atenas que hoje você não tem mais?

A14: Algumas coisas, tática de treinamento, que a gente vai melhorando com o passar do tempo.

PESQUISADORA: Você preferia o que você tinha antes de Atenas que você não tem mais? Alguma coisa assim que você não tinha, assim, por exemplo, “ah, eu não tinha..”, alguma dificuldade, por exemplo, eu não tinha antes transporte pra treinar, hoje eu tenho.

A14: Entendi. Recursos, material pra treinamento, antes de Atenas era bem difícil a gente, sempre tinha que comprá, tinha que ir atrás. Tinha o patrocínio, mas era com material esportivo.

PESQUISADORA: Transporte você nunca teve problema?

A14: Não, pegava ônibus, 3 ônibus.

PESQUISADORA: Mas nada que então...

A14: Não.

PESQUISADORA: Você quer fazer algum comentário? Deixar a sua palavra, a sua mensagem?

A14: Acho que é o que eu coloquei ali atrás, sempre buscar essas, sempre busca o objetivo, traça uma meta e corre atrás.

PESQUISADORA: Tá namorando? Casou?

A14: Eu tô, já tenho dois filhos.

PESQUISADORA: Dois filhos? *(risos).*

A14: Tenho outra namorada também.

PESQUISADORA: Então tá bom.

Entrevista
A15

PESQUISADORA: Idade?

A15: 36 anos.

PESQUISADORA: Ocupação? Qual a sua profissão?

A15: Desde os 26 anos eu trabalho na Justiça Federal, ..., eu sou atleta paraolímpico desde 98 e tô até hoje, e pretendo ficá até que eu cumprí meus objetivos, é que eu possa alcançá minhas metas.

PESQUISADORA: A15, qual é, até que ano você estudou? Qual seu grau de escolaridade?

A15: Eu tô, no momento agora, nesse semestre eu transferi, mas eu comecei a faculdade, mas nesse primeiro semestre de 2008 tive que trancá por causa dos treinos e fica muito puxado pra mim, só que eu vô volta ano que vem. Mas enquanto isso eu tô com a matrícula trancada. Tô cursando Educação Física.

PESQUISADORA: Ah, companheiro! É, conta um pouco pra mim os aspectos relacionados a sua deficiência, um pouquinho da história da sua deficiência.

A15: É, aos 17 anos de idade, morando em Redenção do Burguês, cidade do Piauí, interior, eu sofri um acidente, trabalhador de roça, produtor rural, né, e foi uma fatalidade que realmente eu não esperava na vida, mas aconteceu. Então a gente tentando sobreviver por esse interior aí, por esse nordeste, sudeste, mas aos poucos fui superando. Família pobre também, pobre, a gente com luta, no dia-a-dia, aí a gente...Nesse acidente que aconteceu comigo, deixou de uma pessoa ser incapaz, né. Com muita força pra me recuperá, tempo depois que eu sofri o acidente demorô um tempo pra me adaptá, né, mas a gente foi levando as coisas, pra o que ia acontecê futuramente. Aí, então, aconteceu em 87, faz bastante tempo já, tava com 20 anos, né, 21 anos, e ao longo do tempo eu fui me virando. Porque a pessoa doente, depois de um acidente fazer uma amputação, ninguém questionô também, eu gosto do cara assim, mas a gente foi levando. Aí, a pouco tempo também tentei terminá os estudos mas não tive condição, aí parei um bom tempo, aí em 91 fui embora pra Brasília. ...ai fui pro meu pai, ele ficava aqui, ia pra outro lugar, com medo dos meus irmãos, aquela coisa. Aí viemô embora pra Brasília em 91. Então em Brasília, cheguei lá, minha irmã já morava lá, cheguei lá também pouco tempo não tinha conhecimento da vida, do interior sai da sua cidade, né, é um poco diferente mas como minha irmã já tava lá, né, me explicava como que era, pra ir pra lá, aí passei 2 anos, 91 e em 93 consegui meu primeiro emprego na vida, aí ninguém sabe como que é a vida, fui pra lá pra começá o futebol. Aí comecei a trabalhá, tava com 25 anos, depois em 98 fiz concurso, me tornei funcionário público, tô aí há 10 anos, fez uma diferença na minha vida! Praticamente eu vivo com dois empregos, tem que terminá a carreira de atleta, né, uma coisa que dura pouco, né! E ao longo do tempo teve muitas barreiras que eu fui encontrando na minha vida, barreira também que até hoje tem problema, até lá muitas barreiras vão ser quebradas, mas algumas delas eu tenho

quebrado, tem pessoas novas com deficiência, como pessoas idosas também, né, no nosso país. Aí nesse longo do tempo eu gostava muito de futebol amador, gostava muito de futebol amador desde pequeno quando eu pudia correr, até os meus 22 anos. Quando foi em 98, eu tava em Brasília, conheci o futebol, conheci algumas pessoas que já lidavam com o esporte adaptado, isso já via desde as paraolímpiadas em 96, 92. Aí jogava de futebol, aquela coisa, e na empresa que eu trabalho o pessoal gostava de fazer atletismo e corrida de rua. Aí vieram correndo, aquela coisa, e me chamaram pra fazer o esporte adaptado, pra pessoas com deficiência, sem braço, sem perna, com amputação, desporto adaptado. Aí, eu conheci o professor Ulisses nessa época, em 98, aí eu fiz um teste com ele e ele falo: "Bora, você tem jeito pra velocista". Fui pra uma corrida de 400 metros, ganhei, daí parece que começô aquela coisa. Daí pra cá, que foi no final de 99, que logo 2000 já era a paraolimpíada, então eu antes de ir pra paraolimpíada eu corri o regional e o nacional, que é como tá acontecendo hoje, pra conseguí o índice pra ir pra paraolimpíada. Aí quando foi em 2000, no ano de 2000, antes de começá a competição, pensei: "corrê a gente corre, mas dentro da corrida o que vale é a técnica". Técnica pra corrê, aquela coisa. Aí, consegui essa vaga pra paraolimpíada de Atenas. Aí, em 99 a gente tinha sido, no para-pan do México, só que não deu pra mim ir também porque eu tive conhecimento logo depois, no final de 99. Mas eu consegui essa vaga e desse tempo pra cá, de 2000, que conheci o professor, deixei o futebol amador de mão, futebol pra profissionalizá também é difícil, complicado, né. Esse lado do futebol você olha pra eles com outros olhos, como que você não servisse pra nada. E daí vim pra cá, até hoje só fui pra Sydney, 2000, ganhei medalha de prata, mandaram pra mim as fotos, foi uma grande conquista.

PESQUISADORA: Quando foi exatamente, quem te deu a notícia: "Olha, você está na seleção brasileira!".

A15: Essa foi uma professora da delegação do centro-oeste, que são cinco regiões, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Brasília, Goiânia, foi a professora Marli que eu digo que, eu tive com ela em Brasília agora, desde 2000 eu nunca mais tinha visto ela, ela é chefe de delegação do Centro-Oeste. A gente foi, corri, tive 3 provas, 100, 200 e 400. Ganhei os 200 e os 400, aí toda a delegação voltô pro hotel no domingo a noite. Daí domingo a noite, no domingo a noite que saia a convocação. Eram 10 vagas, mas praticamente 8 já praticamente completas, então só tinham duas, praticamente os últimos a ganhá ali que iam merecê. Aí, tiveram 2 provas, acho que eu peguei 1º nas duas provas, aí a gente foi pro hotel, foi tomá banho, arrumá as coisas, chegô, foi até meu quarto falá, chegô: "Você sabia que conseguiu a vaga pra Sydney?". "Ah, consegui?" Não tinha nem noção do que que era. A notícia que pessoalmente você recebe, né, mas daí o pessoal começava a falaá, a viajá, aí isso foi mês de junho parece, mais ou menos, tinha um mês e pouco pra, eu tive que ir com a cara e a coragem, mas eu fui. Detalhe em detalhe a gente vai ajeitando muitas coisa. Primeiro, acho que foi uma oportunidade pra mim, entendeu? Talvez eu não poderia bater outra vez na porta, mas a oportunidade não tem data, então eu fui, competi, ganhei essa medalha. Quando eu sai de Brasília ninguém acreditava em mim, o pessoal da empresa lá, mas ganhei, saiu nos jornais, no início dos jogos paraolímpicos que levô os jornalistas, uma coisa que, nossa, a primeira medalha, e foi indo assim. A gente não tinha apoio, família pobre, amigos viam no jornal que tinha ganhado medalha. Quando cheguei realmente foi que, aquela coisa, vou aqui, vou ali, foi uma coisa que pudia não ter vindo e veio e tô até hoje aí. Melhorando um pouquinho, melhorando a performance, trabalhando, e aí foi indo,

fui melhorando, trabalhando em cima do atletismo pra ver como que era as coisa. Aí de uns tempos pra cá, ganhei um dinheirinho com diária lá, e o dinheiro que eu ganhei com um mês, uma semana por exemplo era o dinheiro que você trabalhava dois, três meses. E quando nós retornamos que teve uma parceria com o Banco do Brasil, ficô um ano parece, aí fui juntando dinheiro, atrás dessas medalhas, fui indo, né!

PESQUISADORA: Você já tinha, você já a partir de Atenas pra frente, você recebeu é, como é que foi essa coisa do patrocínio, apoio financeiro nessa tua carreira?

A15: Então, aí quando foi 2002, teve o primeiro mundial depois das paraolimpíadas, aí tava com patrocínio do Banco do Brasil, parece.

PESQUISADORA: Ah, então você já tinha então o patrocínio?

A15: Eu tive a parceria com o Banco do Brasil e passei a receber parece que por medalha.

PESQUISADORA: Você já tava na seleção?

A15: É.

PESQUISADORA: Tá!

A15: Aí foi o mundial e desse mundial, 2002, e daí teve o Para-pan que foi na Argentina. Aí em 2003, quando foi, a loterias já começô em 2003, só que tava patrocinando não individualmente. Foi 2004 que começô a patrocionar individualmente pelas medalhas de ouro, pelas de prata, tem um valor, aquela coisa, e hoje se não fossem as loterias o que seria do esporte paraolímpico e os atletas também? Hoje as loterias dão um patrocínio, se o atleta já tá maduro mesmo, tem um número de atletas que conheço que tem contrato com mídia. Uma coisa melhorô muito essa medalha minha de 2004, a gente hoje tá bem mais estruturado. Aí foi 2004, 2004, acho que 2006 a gente conseguiu o número de vagas, maior agora. Muitos atletas novos surgiram também, a tendência é surgir. A parceria Loterias, a UNIMED, planos de saúde, pagando hotéis, estadia. Agora, chegô 2007, o para-pan é um grande evento também, né, no Rio de Janeiro, muito bom o para-pan, muito boa a qualidade. Quem trabalha de 4 em 4 anos pra chegá a paraolimpíada? Ninguém, só quem ficô no regional, mas o trabalho é de 4 em 4 anos pra disputá um paraolimpíada. Então chegô 2008, tem a equipe que é convocada e daí agora sai mais alguns atletas, vê se sábado ou domingo pra definí se vai todo mundo, se vai dar certo. Então temos esse espaço, esse período de três meses aí pra gente treina forte e o objetivo de 4 em 4 anos aí, 3 anos e pouquinho, faltam 3 meses e tal, 2008 é focar Pequim.

PESQUISADORA: Vamos voltar um pouquinho, eu queria saber um pouco do atleta de ouro, seu sucesso, mas eu queria saber um pouco da sua infância, do seu passado. É, você teve o acidente com que idade?

A15: 17.

PESQUISADORA: 17. Antes disso, como é que era tua infância, você brincava? Você foi a escola? Você tinha Educação Física na escola? Depois do acidente, você foi pra escola? Você tinha Educação Física? Conta um pouco esse antes, né.

A15: Olha a gente, antes eu fui, a partir dos 9 anos que eu comecei a freqüentar a escola. Morava num rio que era aterrado, lá em ..., quando eu retornei pro lado de cá, que era mais próximo, que tinha mais proximidade, tinha uma escola do interior. Aí comecei a entrá, entrei na 1ª série, uma luta. Comecei a escrevê, comecei a lê, que na época que tinha MOBRAL, eu cheguei até a fazê MOBRAL também a noite. Os mais velhos ia estudá de noite, a noite era aquele butijão de gás e tinha um lampião à álcool que ligava e ficava umas 4 horas estudando naquele MOBRAL. E eu era pequeno e lá no meio daquele pessoal, aí fui aprendendo a lê com essa história, até o 3º ano. Na 4ª série foi que eu passei pra cidade, isso foi em 80, acho que foi em 82 ou 83, uma coisa assim foi. Eu tava na 4ª série, tava atrasado, fiz 4ª, 5ª, 6ª, na 6ª série que foi em 87, foi em 88, não em 87, no finalzinho, em dezembro que eu sofri o acidente, que foi na 5ª, daí quando foi em 88, no ano seguinte, eu voltei a estudá, que eu já tinha sofrido acidente. No colégio também não tinha, era na cidade, não tinha pessoas com deficiência, essas coisas.

PESQUISADORA: Aí você não foi na escola por causa disso?

A15: Não, eu fui.

PESQUISADORA: Ah, bom.

A15: Aí, acho que eu fiquei uns dois mês só, aí eu tava com dificuldade pra escrevê.

PESQUISADORA: E a Educação Física nesse tempo, tinha? Você participava?

A15: Educação Física tinha no 1º ano quando, em 87 eu completei um ano na cidade, aí precisava de material pra fazê Educação Física, usá conga essas coisas, não esqueço que eu precisava de quichute. Mais ou menos em outubro, quando eu fui pro interior que eu comprei o tênis. Então, em 87, que eu curti férias que eu sofri esse acidente. Porque eu precisava ajudá a minha vó no trabalho de roça, roçada. Aí eu gostava de ajudá, chegava plantá na roça, aquele sol quente, tinha como colhê nada quando era sol matava tudo, quando não era seca era água demais.

PESQUISADORA: Vixi....

A15: Sobrevivi de tudo quanto é jeito, na pesca, essas coisa de roça, vendia melancia, goiaba. Quando cheguei lá em Moçambique, interior, já acidentado, desde novembro eu tinha, cheguei lá plantava 3 meses pra enchê, quando ele cresce, ele enche, né! Aí a gente chegô lá e minha vô falo que não tinha nada pra comê só tinha arroz e 3 meses pra ter alguma coisa pra comê, né, ficava na água e sal direto e farinha, eu lembro até hoje. Aí passo final de outubro, novembro também passo, aí dezembro sofri o acidente, aí foi uma loucura. Mas depois do acidente, passei 2 semanas no hospital, do acidente pra me levá no hospital, eu tinha roçado 10 hectares de mato, aí "vamo fazê aqui perto de casa mesmo" parei lá perto de casa mesmo, peguei uma foice, quando foi 8 e 30 começô a roça lá,

quando chegô numa moita, num canto assim fechado, tinha roçado uns 5 metros, aí ele mandô fica do outro lado da moita pra puxá e o Seu Manoel do outro lado, né, toda vez que ele trabalhava só me chamava pra trabaia com ele. Daí foi que quando ia puxá um lado tava muito enrolado e do outro lado, daí cê imagine, desceu uma foice como se fosse um pé de banana, e foi em cima do punho, da junta e decepô na hora ali. A sorte é que tinha um senhor lá carregando umas mandioca, daí desse interior pro local era uns 40 minutos pra cidade, e foi sorte que ele tava lá e me levo, numa D10, nessa época. Decepô na hora ali e amarrô, enrolô pano ali, foi que enrolô uma bermuda e uma camiseta como de colégio, ainda pingava sangue também. Aí levô pra cidade, chegô no hospital umas 10hs, chegô lá anestesiô, o médico já viu, costurô, aquela coisa, daí era umas 10 e 30, anestesiô, costurô e eu durmi. Quando acordei era uma 17 e 30hs, só que não tinha mais sangue, tinha decepado o braço mas não tinha mais sangue, fui pro hospital, e depois que eu acordei, que eu tava meio zuado da anestesia foi que eu sentei na cama e comecei a pensa, mas foi uma situação. Daí depois também minha vó já foi no hospital. Mas a gente superô, foi uma luta, passei esse tempo todinho, final de ano, aí outro ano era pra mim cursa a 6ª série, que era 88, passei pouco tempo aí fomô pra Brasília também. Mas fiquei um pouco constrangido, não sabia como lidar, nem os outros.

PESQUISADORA: Você chegou a ter problemas com isso, em questão de discriminação ou você se discriminava, alguma coisa assim?

A15: Não, me senti ali um pouco, sei lá, abatido, aí quando foi, passei pouco tempo também, aí 88, 89, aí voltei pro interior com minha mãe, e logo minha vó também adoeceu, morreu, foi aí que cabô de daná tudo mesmo. Aí foi 88, 89, quando ela morreu aí fui falá com minhas irmãs e fui ter certeza no mês de agosto. No mês de agosto, um ano depois desse acidente, já tinha quase dois anos lá, aí tinha cara aqui de Brasília que tinha gosto daí eu falei: “vô me embora”. Com minha irmã também aí vim tentá uma vida melhor, porque lá não dava mais não.

PESQUISADORA: Aí foi quando exatamente o esporte adaptado entrou na sua vida?

A15: Foi quando eu vim pra Brasília, sai de lá 5 hs da manhã, num carro bom, 5hs da tarde tava em Brasília. Não que eu virei as costas pro meu pai e pra cidade deixei o povo na cidade lá, sofri muito nas mãos dele lá, mas não tenho ódio de ninguém, mas vim atrás de coisa melhor, nunca mais voltei lá também, faz mais de 20 anos.

PESQUISADORA: E seus amigos?

A15: Minha família são meus amigos. Eu fico tranqüilo, igual te falei, na luta, na luta fiz esse concurso e graças a Deus superô um monte de coisas, né. Na família também é uma coisa que conviveu comigo, graças a Deus nunca sofri discriminação nenhuma. No momento que a gente passa por isso acho importante também o apoio da família.

PESQUISADORA: Isso que eu ia te perguntar, e o apoio da sua família na tua vida?

A15: Como eu te falei, como se não tivesse acontecido, mas depois que eu me tornei atleta, aí a gente, só contei um pouco da minha vida, quando tiver mais tempo...

PESQUISADORA: Há quanto tempo você está nessa modalidade que você está fazendo?

A15: Desde 99.

PESQUISADORA: É, rapidinho também, como é teu treinamento, teu dia-a-dia? Todo dia?

A15: Desde 2000 quando eu cheguei que a empresa viu que eu ganhasse a medalha, até hoje graças a Deus eu sou grato por cada dia, e tem meus treinos, né. 3 hs e 30, 4 hs.

PESQUISADORA: Tem alguma dificuldade, por exemplo, baseando em Atenas que antes você tinha pra treinar que hoje você não tem mais?

A15: No início sim. Agora, quer ver, a gente tem uma academia, na faculdade onde a gente treina lá, tem duas academias, freqüento duas vezes por semana, tem a pista de caminhar também, tem uma pista de borracha que fica um pouco distante que fica no outro colégio, tem uma pista também.

PESQUISADORA: E alimentação?

A15: Alimentação tem uma nutricionista que ...

PESQUISADORA: Que acompanha o treino de vocês. Antes não tinha? A partir de Atenas...

A15: Se duvidar, eu tenho, o André também tem.

PESQUISADORA: O tipo de equipamento que vocês usam?

A15: O calçado por exemplo teve melhoramento, o sapato que boto no pé a gente ganha um dinheiro, o material pro atleta tem que te deixar mais tranqüilo.

PESQUISADORA: A15, como é que você vê a mídia no esporte adaptado hoje, principalmente depois dos jogos de Atenas?

A15: Acho muito bom, eu acho que a gente faz muito, os atletas, ...pô, vai fazê turismo pra isso, não o trabalho da diretoria é que fez com que a gente, fez por merecer, ter patrocínio, acho isso...sei que não foi fácil, através dele também que nós temos tudo hoje. Essa diretoria trabalha muito bem.

PESQUISADORA: Antes de 2004, você tinha algum patrocínio?

A15: Não.

PESQUISADORA: Você que se, você trabalhava e treinava? Era com o teu sustento que você sempre viveu?

A15: Eu falei, né, depois que a gente chegô do Rio, que começô a pegá uma bolsa, através de medalha.

PESQUISADORA: Você continuou com seu trabalho? Sem depender da ajuda da Caixa?

A15: É da loteria.

PESQUISADORA: Tá certo. Em razão do teu sucesso hoje, você já pensou em algum projeto social ou você participa de algum grupo que discute questões das pessoas com deficiência?

A15: Se a gente pára e pensa, isso é fácil, desenvolvê um projeto aquela coisa, mas a gente em Brasília, acho que era, quando você tá assim no auge, vê pessoas de um lado, cara novo, aquela coisa, pô quer fazê pra que? Mas tem que vê que falá é fácil, mas tem coisa que tem que planejá, tem tanta burocracia que, então infelizmente, até desiste, né. Mas a gente, tem uns pedaço, lá no lugar que eu moro, como sei que sô professor de Educação Física, que vô, ainda vô ter uma função de ter um projeto com crianças, com jovens, pra fazê alguma coisa lá. Tem um campinho lá que eu compro bola pros moleque jogá bola, assim, tem uns 15 menino lá, eu não tô assim treinando eles, mas eu já indico pra um professor que eu já joguei bola com ele e mando ele. E quanto tem um espaço lá perto de mim, eu vô construí uma arena, tanto pro pessoal novo como o pessoal de idade e o campo de areia. Só que tá difícil porque o projeto da cidade só tá sendo pra quadra de esporte, mas tá na planilha e quem sabe futuramente, que era para construí uma pista de carro na cidade também, não sei porque não construíram, foi a mudança de governo. Mas no momento eu tô mais assim, até o momento que eu tenho dois, três anos correndo, acho que a preocupação é treiná e tá em boa forma pra trazê meus objetivos.

PESQUISADORA: Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A15: Eu diria que, ano 2000, de 2000 pra cá foi a época que eu mais bem sucedido no esporte. Antes dos jogos olímpicos foi muito difícil, mas de 2000 pra cá foi que surgiu patrocínio do ministério, aquela coisa, mas eu diria que, se a gente tem um sonho, tem que lutar por ele porque tá dentro de ti e só tu mesmo bota ele pra fora, tem que mostrá quem é você. Porque assim, acho que nada vem a tona sozinho, tem que ralar, ralar mesmo.

PESQUISADORA: Tem mais algum sonho?

A15: Ah, a gente tem muitos, né, mas acho que o importante é que desde que eu entrei no esporte, mais de 8 anos aí, o caráter da gente, a responsabilidade tão no sonho também, não?

PESQUISADORA: Se sente realizado?

A15: Sinto. Porque graças a Deus, não tenho dinheiro, assim, “ah, tem muito dinheiro”, não, não tenho dinheiro, mas muita saúde, muita força de vontade, algumas coisas que eu consegui foi o esporte paraolímpico na minha vida que trouxe.

PESQUISADORA: Quer fazer algum comentário, gostaria de dizer alguma coisa pra registrar?

A15: Eu acho que pessoas que acreditam na gente mesmo...

PESQUISADORA: Que lição você quer dar, como atleta, pra sociedade, pro esporte, você enquanto atleta? Que você quer deixa pro esporte?

A15: Acho que como eu consegui status necessário acho que qualquer um que tiver força de vontade também consegue. Só ir no esforço, garra, determinação, chega lá. Eu acho que a vida, as empresas, muita coisa, futebol, que encarando com seriedade, profissionalismo, você chega onde quer.

Entrevista
A16

PESQUISADORA: Idade?

A16: Tem que dizê? *(risos).* 19/11, então faz as contas, 19/11/57, hoje em dia não tenho mais vergonha não, tem que superar até isso também.

PESQUISADORA: É verdade. É, ocupações?

A16: Sou funcionária pública, trabalho no departamento estadual de trânsito, por ironia do destino, né, porque no meu caso foi um acidente, 7 anos de idade, e daí eu transferi, né, fiquei aqui como funcionária do departamento estadual de trânsito da cidade de Recife, e a minha ocupação aqui é justamente abrí o trabalho do segmento das pessoas portadoras de deficiência que precisa de laudo, compra e venda, contato com essas pessoas do meu segmento aqui.

PESQUISADORA: Seu grau de escolaridade, A16?

A16: Eu terminei o superior, sou formada em Relações Públicas e Jornalismo.

PESQUISADORA: É, os aspectos relacionados a sua deficiência, um pouco da tua história.

A16: É, eu acho que minha vida, assim, foi, meu problema foi na infância, né, 7 anos de idade, e eu tive as duas pernas amputadas, né, e nesse acidente a pessoa tava embriagada, jogou o carro em cima de mim e da minha amiga de infância. E aos 7 anos de idade, foi no dia do meu aniversário, quando eu perdi as duas pernas, né, fiquei amputada, mas nem por isso eu deixei de lutá. Sempre fui uma criança medonha, é, uma criança assim que tudo, mesmo sem as duas pernas, posso até dizer que fui felizarda e não tive problemas nenhum com inclusão em escola, né, onde realmente a minha família também morava numa cidade do interior, São José do Bel Monte, a 480km da capital, né, de Recife, e nessa cidade, graças a Deus, é, mesmo pequena, acabei que, naquela época, né, que tudo era difícil, as pessoas viam uma cadeira de rodas, um deficiente, aí mas eu aprendi que, com minha família, tudo eu pudia fazê. Então, eu tive um apoio muito grande dos meus pais, dos meus irmãos, mesmo criança, eu pedia uma coisa e minha mãe dizia "Vá buscá, você pode!", entendeu? Então, a minha criação me ajudou a ser hoje a pessoa que eu sou. E o esporte contribuiu. Mas graças a Deus, se o esporte também não tivesse entrado na minha vida, eu hoje agradeceria meu pai, minha mãe, pela força, né, que eu sempre tive na minha casa que, eu tenho o que, 7 irmãos, né, 6 homens e a minha irmã, então sempre fui tratada e hoje eu me sinto assim como se fosse o baluarte da família, né, que tudo é comigo, aquela coisa toda, quando tá dando problema, tudo é pra resolvê, tudo, eu tenho que sempre tá junto com todos eles, né. E quando eu, eu sô a quarta, terceira, né, eu tenho 3 irmãos mais velhos do que eu, não, 2. Tem Silvio, Alexandre e eu, então por eles serem até mais novos do que eu, mas sempre eu tenho o apoio e eles também sempre pedem minha opinião em tudo. Então eu tenho o respeito e o carinho dos meus irmãos e como criança eu convivi com eles e não tive a dificuldade que uma pessoa deficiente passa quando entra numa escola.

PESQUISADORA: Isso que eu ia perguntar, antes do acidente você freqüentava a escola?

A16: Freqüentava, eu acredito que sim. Eu acho até que minha mãe parô até de dizer isso, mas eu acho que sim.

PESQUISADORA: Mas depois você...

A16: Aos 7 anos de idade eu já frequentava, porque eu era baliza, eu brincava na escola, eu era baliza da banda da cidade, eu fazia ginástica na rua, entendeu? Eu era anjo na cidade, na igreja, mesmo com as pernas, depois eu lhe mostro minhas fotos, mas também eu tenho esse lado que eu já participava, né, dessa parte, né, quando era pequena. E na escola, quando meu convívio a minha volta *(RACHEL: Depois do acidente...)*. Foi natural, eu não senti dificuldade. Senti sim, quando vim a enfrentá uma capital, né, depois de já grande, moça, quando vim embora pra Recife, isso foi o que, em 1975, né, quando eu vim enfrentá o vestibular, né, e daí eu senti assim, nas pessoas. Aqui mesmo quando tava na parada do ônibus, quando, eu mesmo enfrentando uma faculdade, meus colegas mesmo viam, as pessoas vinham com esmola pra dar, né. Porque como a gente é deficiente, eles achavam que precisava daquilo. E são coisas assim que você passa, mas eu superei uma capital, enfrentei uma sociedade, posso dizer preconceituosa, isso daí eu soube enfrentá porque a minha família me preparô pra isso.

PESQUISADORA: A sua escola então era a mesma escola de antes do acidente, das pessoas "normais"?

A16: Era a mesma escola, não tive problema nenhum.

PESQUISADORA: E a Educação Física, você participava, você tinha?

A16: Não, Educação Física não.

PESQUISADORA: Não tinha?

A16: Eu acho que naquela época que eu fiz primário, que depois eu fui enfrentá aqui eu fui fazê científico, tinha Educação Física, mas como você é deficiente, eles não se preocupavam de você fazer uma prática esportiva. É quando eu entrei no esporte já foi em 1981, quando eu participei do meu primeiro campeonato brasileiro, em Curitiba, quando eu fazia, é, eu nadava, eu corria 100, 200, 400 e 800m, né, e fazia basquete, halterofilismo, fazia tudo que uma pessoa pudia fazer, entendeu, no esporte. Foi quando, em 1992, 81, que eu participei desse brasileiro que eu trouxe 7 medalhas. É tanto que tem uma coisa que saiu, coisa que me chocou, né, que acho que foi uma alavanca, d'eu tá no esporte até hoje, né, que quando eu participei do meu primeiro campeonato brasileiro, quando eu chego na minha cidade, no aeorporto, tava no jornal: "Atletas trazem 12 medalhas", que sou eu. Eu trouxe 9 medalhas e mais 2 atletas daqui da cidade de Recife. Então são coisas assim, eu sou uma pessoa que adora desafios, dificuldades, quanto mais a coisa é difícil, quanto mais

a coisa for difícil eu abraço com o maior orgulho e fico assim que a vitória fique sempre próxima.

PESQUISADORA: Então, assim, você não teve Educação Física, então você não teve o contato com o esporte na escola?

A16: Não, na escola não.

PESQUISADORA: Então, por dedução a gente entende que a Educação Física não contribuiu pro teu sucesso esportivo?

A16: Não, eu acredito que não. O que mais contribuiu, eu vô te dizê uma coisa, mesmo se eu não fosse deficiente, eu era um atleta, eu acho que é uma coisa nata...

PESQUISADORA: E como você se envolveu com esses esportes todos, A16?

A16: Porque eu estudei em colégio de freira, eu nadava lá, eu corria com as meninas, eu jogava muito tênis de mesa, eu fui campeã brasileira de tênis de mesa 7 anos.

PESQUISADORA: Mas não era então na mesma escola?

A16: Era, então, na minha escola. Aí depois foi que eu me integrei a um professor de Educação Física, quando realmente a gente entrô, ele viu e pegô 3 atletas, professor Brito, ele foi professor aqui do Norte e Nordeste, professor de Educação Física, Severino Brito, que foi meu primeiro técnico, que quando eu comecei a participar de campeonatos. Quer dizer, só se falava São Paulo, Rio de Janeiro.

PESQUISADORA: Mas daí você era estudante da escola?

A16: Eu era estudante na escola.

PESQUISADORA: Ah, então você participava do esporte por você?

A16: Por mim.

PESQUISADORA: Não pelas aulas de Educação Física?

A16: Não pelas aulas de Educação Física.

PESQUISADORA: Ah, então tinham os esportes na escola e você participava?

A16: E eu participava, entendeu? Existia isso daí, então quando veio o esporte pra, quando o Brito trouxe, preparô 3 atletas que foi eu, a Jolene e o Valter, e o Fernando, 4, e quando levô a gente pra esse campeonato. Então foi daí que eu me integrei ao esporte pra deficiente, que naquela época ninguém ouvia fala, ninguém dizia nada.

PESQUISADORA: E nessa turma desses esportes, esse pessoal que freqüentava os esportes sem ser aula de Educação Física, eram pessoas em condições de deficiência ou eram...

A16: Na escola? Não, vamos dizer assim, como o tênis de mesa, tudo que eu pudia competir junto com eles eu competia.

PESQUISADORA: Ah, então você competia, você era única, vamos dizer assim?

A16: Eu era a única.

PESQUISADORA: E você participava dos esportes com os ditos normais, vamos dizer assim. É, porque eu falei, ela não teve Educação Física, que contato foi que ela...

A16: Eu nadava porque, eu gostava de fazer tudo aquilo que uma pessoa normal faz. Eu fui criada numa família que tudo eu pudia fazer. Então o que mais contribuiu aí também foi a minha família, né.

PESQUISADORA: E esse professor que...

A16: O professor de Educação Física tava sempre do meu lado.

PESQUISADORA: Que te ensinou?

A16: Que me ensinô a nadá e tudo o mais. Exatamente. Então eu acho que, às vezes, depende muito a tua criação. É como eu disse a você: se eu não fosse uma pessoa deficiente, eu ia ser uma atleta de qualquer forma. E não ia fugir da minha modalidade, ia ser no atletismo. Porque eu gostava de correr, eu corria, brincava de trisca com as colegas. Até após o meu acidente, eu corria no chão com as crianças, elas tentavam me pega, eu usava luva, nem na cadeira de roda. Mas eu corria como elas corriam normal, eu corria no chão.

PESQUISADORA: Em que momento você pensou assim, eu quero fazer o desporto adaptado?

A16: Olha, foi justamente quando eu participei desse brasileiro e eu fui, né, ganhei as 9 medalhas, da qual, das primeiras competições que eu competi foi o meu primeiro campeonato brasileiro, em 1981, em Curitiba, e da qual eu trouxe 9 medalhas, que ao chegar aqui na minha cidade eu entrei com o esporte, com o que eu fazia na escola, em termos assim, competitivo, né. Isso daí eu sempre gostei, eu sempre fiz na minha vida. Aquele lado de competição. Aí quando eu fui, aí quando eu voltei, eu tinha que estudá, dá continuidade na minha vida, e lutá também pra ter o meu emprego, entendeu? Aí foi quando também comecei a entrá na faculdade e conciliá faculdade e esporte, treinamento e trabalho.

PESQUISADORA: E quando exatamente você entrou pra seleção brasileira?

A16: A seleção brasileira foi, a primeira vez foi…

PESQUISADORA: Você se lembra quem te ligou, quem falou?

A16: Foi em 1986 quando eu participei do para-pan em Caracas, Venezuela. Tanto que foi esse técnico, Severino Brito, que me ensinô tudo. Então, ele ficô como meu técnico, técnico da entidade que na época eu fazia parte. Então, eu fui a primeira vez pra seleção brasileira em 1986. Aí em 90, 86 foi em Porto Rico, meu primeiro panamericano, em 90 eu participei do meu primeiro, segundo panamericano, que foi Caracas, 1990. E em paraolimpída, a primeira que foi em Barcelona, era tanto que eu era pra ter ido em Seul, mas existia aquelas questões políticas, como ainda existe, né, então eu nem fui pra Seul, eu tinha índice, mas naquela época ia quem quisesse, ia quem eles queriam, não era quem tinha índice, quem tinha condições de, até Barcelona também foi assim. E por mim morá também numa região do Nordeste, era muito discriminado, aí você é discriminado por muitas coisas, e até por ser atleta também deficiente daqui, também existe isso. Então eu fui na minha primeira paraolimpída, em Barcelona, tanto que eu fui pra Barcelona com 3 meses de treino, eu só tinha apenas 3 meses, que eu não treinava, assim, direto, entendeu? Eu ia apenas com o meu potencial. E foi lá quando eu bati a primeira vez o meu recorde mundial, 22m e 40, pela primeira vez, o qual eu ostento até hoje. Eu bati em Barcelona, Atlanta e em Atenas, né, na outra paraolimpíada e bati no outro mundial e bati também no para-panmericano em Mar Del Plata. Então, esse meu potencial de, depois de Barcelona, Barcelona foi que me incentivou mais a participá dos campeonatos, porque toda divergência, dificuldade de patrocínio, dificuldade de tudo, porque você tem muitas dificuldades pra chegar onde eu cheguei. Então se fosse pra mim voltar ao que eu passei, eu passaria tudo de novo, mas de uma outra forma, entendeu? Que não fosse tão sacrificado, que eu patinei, eu não permitiria mais isso acontecesse.

PESQUISADORA: E assim, tá numa pergunta que eu faria mais pra frente, mas já que você tocou nesse assunto, para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A16: Olha, que ele tenha uma meta, um objetivo, isso é uma coisa primordial. E o querer, querer é poder! E que as coisas que fossem passando, essa pessoa procurasse superar, mas superar de uma forma digna, com respeito, e até como cidadão. O recado seria esse, que não desistisse do sonho. Se ele realmente quiser optar pela vida esportiva, vale a pena, é muito gostoso, e é muito bom a gente ser reconhecido, mas ser reconhecido com todo respeito. Aqui na minha cidade, você vê no meu trabalho, né, você viu, se você sair na cidade comigo, se você for ao shopping comigo, hoje eu sou muito respeitada na minha cidade. E eu posso até dizer: sou uma pessoa pública, aqui dentro da minha cidade pelo que eu faço, pelo que eu represento, pelo que eu já fiz e quero continuar fazendo pelo menos até daqui 4 anos, depois de encerrar minha carreira. Mas eu vô encerrá a minha carreira, mas eu quero encerra de uma forma bonita, digna, e foi gostoso. Agora, passei por muitas dificuldades! Dificuldades, desafios, e foi onde eu aprendi, com as dificuldades e desafios, que eu aprendi a crescê, a vencê e saber lutar. E isso pra mim foi muito bom! Agora o conselho que eu daria é que nunca desista! E com trancos e barrancos, mas que vá em

frente e que lute pelo que a pessoa quer porque isso daí é uma coisa que o esporte a gente tem uma emoção, a gente tem uma vitória, ela só é aquele momento, a medalha é boa, é muito gostosa, mas até o lado medalha é aquele momento. Depois, com o passar do tempo, ela é importante, mas aquele momento que você passou é muito mais importante do que a medalha, entendeu? A medalha é importante, é como uma conseqüência, no momento você quer conquistar ela, mas depois que você conquista, você vê que aquele momento que você passou, aquela emoção que você vivenciou, ela é muito maior, não tem nem o valor da medalha.

PESQUISADORA: Você praticou muitas modalidades, mas por que você ficou nessa modalidade? Há quanto tempo no atletismo, no caso no arremesso?

A16: Foi justamente quando meu técnico, eu nadava, eu corria 100, 200, 400, 800, e fazia arremesso de peso, disco e dardo, e também fazia halteres, eu acho que eu gostava daquele lado de competir, de marca ponto pra entidade. A gente naquela época tinha aquele lance com a entidade de você pude marca quanto mais pontos, quase como uma gincana. Quanto mais pontos sua entidade passasse melhor seria.

PESQUISADORA: Essa entidade não era ligada a escola? Era uma...

A16: Era uma federação feito Abradecar, não existia Comitê paraolímpico na época, né, não existia nada disso.

PESQUISADORA: Você foi pra lá através do seu técnico, que te levou lá?

A16: Certo, é que ele foi pra entidade, tinha que formá associações, que as associações fossem filiadas, Abradecar acabô filiada ao comitê paraolímpico. O comitê paraolímpico foi criado, foi em 1996, depois da paraolimpíada de Atlanta, né. Em Sydney já foi criado mas não tinha esse poder que eles tem hoje, de conciliá e recebê as verbas da qual o comitê hoje recebe do Ministério do esporte, de patrocinadores e até da lei Agnelo Piva, né. Dessa situação, então, veio de Sydney pra cá. E de Atenas pra cá é que veio mais ainda o reforço e Pequim também veio mais reforço. Então eu acho que esses recursos eles tinham que ser investidos nos atletas, que a peça primordial é o atleta. Não é dirigente, não é nada, é o atleta.

PESQUISADORA: E o seu treinamento, rotina de treinamento, quantos dias?

SUELI: Olha, eu me dedicava muito aos meus treinos, até Pequim eu sempre fui muito fiel ao meu, aos meus treinamentos, porque é uma coisa que me faz bem. Desde quando eu voltei de Pequim que eu não tô treinando, que eu fiquei muito triste das coisas que aconteceram comigo. Eu estou me superando, posso até dizer, relaxando, pra eu poder voltar ao pique, mas eu vou voltar...*(choro).*

PESQUISADORA: Oh, se vai! E eu vou falar: “ah, tive pertinho, andei com ela”. Ó, que chique!

A16: Eu vou voltar!

PESQUISADORA: Tenho certeza! Teve algum profissional que te ajudava nos treinos, ou outros profissionais?

A16: Tem, professor Cláudio, que é uma pessoa amiga e que me acompanhô, me preparô na paraolimpíada de Atenas.

PESQUISADORA: Você tinha uma boa estrutura de treinamento, de alimentação?

A16: Tinha porque eu tinha técnico que me ajudava muito. E eu faço parte também da Universidade Federal de Pernambuco, e lá na UFPE, onde tem um projeto com os deficientes, o projeto justamente, eu fui quem abriu as portas lá dentro da Universidade Federal que hoje, graças a Deus, nós temos várias pessoas que treinam lá, praticam esporte, e hoje eu represento a UFPE, né, a associação desportiva da Universidade Federal. Sou totalmente filiada a ela.

PESQUISADORA: Você lembra de alguma dificuldade, assim, pra treinamento?

A16: Ah, demais até. Tanto que na minha primeira paraolimpíada eu não tinha nem um disco. É muito difícil você sendo uma atleta e no momento você não usar aquela estrutura, aquele material que você participa do campeonato, principalmente no nível duma paraolimpíada. Então, quando eu fui pra paraolimpíada eu fui com disco de ferro até, nunca tinha pegado o disco de madeira, quanto mais no de fibra. E hoje, graças a Deus, eu tenho uma estrutura boa do meu material porque eu tive um patrocinador que me ajudou a ter esse material, a ter o disco oficial, o dardo oficial.

PESQUISADORA: Você acha que a medalha de ouro em Atenas mudou alguma coisa na sua vida, no campo afetivo, social, financeiro?

A16: Mudou.

PESQUISADORA: Então, dentre tantas modalidades, porque você acabou optando por essa?

A16: *(minha irmã mora aí, aí hoje eu vim buscá a minha mãe que ela vai ficá lá em casa....)*

PESQUISADORA: Bom, voltando aqui, e porque você escolheu essa modalidade?

A16: Essa modalidade foi o seguinte, como eu já tinha, eu acho, eu digo assim, que no esporte, às vezes, que você tem que ter um potencial, e como hoje a tecnologia tá dizendo que com exames se na pessoa tem aquele potencial, né, de você se torná um atleta, aí eu acho que isso daí eu acho que eu tenho, e eu seria um atleta mesmo se eu fosse deficiente ou não, e a modalidade eu juntei muito o que eu fazia de criança e as coisas que eu pintava e bordava quando criança. Porque quando eu pudia corrê, eu pulava, fazia ginástica, né, antes do meu acidente, antes do meu 7 anos de idade, eu era barista da banda da minha cidade, do meu colégio, então junto as coisas. Então, a modalidade adequada, eu, o meu

técnico dizia que eu tinha todo o potencial pro atletismo, é tanto que ele disse: "Largue tudo que você gosta de fazer", que era tênis de mesa, era correr, era pega peso, "largue tudo isso e bora se dedicá só ao atletismo". Então, pros 3 meses que eu ia pra paraolimpíada, eu me dediquei, apenas 3 meses de treino, a minha primeira paraolimpíada, Barcelona, aí eu disse "não", aí foi quando foi constatado que no atletismo eu ia melhorá minhas marcas, quer dizer, quanto mais eu treinava mais eu tava melhorando minhas marcas, tanto no peso, disco e dardo. Então foram as três provas que eu poderia participar da paraolimpíada e eu disse não, então eu vô treiná agora só essas. De 92 pra cá foi quando eu me dediquei só a prova de campo que é o arremesso de peso, lançamento de dardo, o resto tudo eu deixei de lado.

PESQUISADORA: Seu sucesso, que é muito grande, né, depois eu vou voltar um pouquinho na mídia, mas antes, eu queria pergunta uma coisa, eu já li, mas assim, de você, um projeto social ou grupo de discussões em relação a, você já falou que no DETRAN você já trabalha com essa questão da pessoa em condição de deficiência, com esse seu sucesso, você pensa em algum projeto social?

A16: Penso, penso. No DETRAN foi assim, eu não trabalhava na gerência médica, eu trabalhava na ouvidoria, e como eu tenho a forma assim de receber bem o usuário, de conversá com o usuário, de convencê o usuário, então as pessoas chegavam na gerência médica muito revoltadas, e tem muito deficiente que usa sua deficiência pra podê conseguí aquilo e dizer eu quero porque eu sou deficiente. Você sabe que existe isso. Então quando eu fui pra lá, faz pouco tempo que eu tô ali, eu acredito que faz um ano e um mês, um ano de dois meses, que eu tô ali naquela gerência médica. Então, quando a gerente me chamou ela disse: "A16, a gente te conhece, sabe da tua história, sabe da tua auto-estima, que você passa pras pessoas, então eu gostaria muito que você viesse trabalhá comigo, porque tanto vai ajudá você, na tua prática esportiva vô deixa você aqui mais livre, tudo, a hora que você quiser sair", que eu não ia ter problema nenhum porque na ouvidoria eu também não tinha, eu era liberada. Se eu tinha um evento pra ir eu era liberada, quer dizer, tudo isso o meu trabalho me ajudou muito nisso daí, pra eu poder conciliar as suas coisas. E foi justamente, eu fui pra lá por causa disso porque eles achavam que na minha condição de atleta, por eles me respeitarem mais, trata melhor, porque tinha muita gente que tratava os funcionários muito péssimo. Chegava um "Ah, porque eu tenho direito", às vezes o deficiente não tinha nem condições de comprá um carro, né, com isenção do IPI, então eu é que entrego os laudos, eu é que informo como ele deve proceder e eu é que ligo pra dizer qual é o dia que eles me liguem pra saber o dia que está pronto, então eu faço esse trabalho de relações públicas na gerência médica, entendeu? Tanto não só do deficiente, mas também das pessoas com câncer de mama, é tanto que quando me viam lá tiravam assim, falavam até pro funcionário "poxa, eu tô com esse problema, eu vejo A16 e minha vida ressurge, eu mudo, porque se ela é assim porque eu não posso ser?". Então foi justamente a causa de eu tá ali, hoje, na gerência médica. Justamente por causa disso. E o meu trabalho social, eu tenho é uma espécie, não é termos assim de ter dinheiro, que é onde eu treino, onde a gente pega pessoas portadoras de deficiência que leva pra Universidade Federal, prepara ele pra uma sociedade, entendeu? E aquelas pessoas, como eu sô do interior, nordestina, né, do sertão mesmo, então tem muitas pessoas deficientes lá que não sai nem de casa, procuro ir a casa deles.

PESQUISADORA: Uma parceria entre você e a Universidade?

A16: Eu não sei se você viu eu falando com dois, eu consigo convencê eles a colocá a prótese, veio dois segunda-feira, eles ficam na minha casa e eu tava contando pra eles a situação da minha casa, você vê, minha mãe tá na casa do meu irmão, cê vai vê a situação que tá lá em casa. Minha irmã mora no Jangue que é mais longe, aí eu deixo ela aqui pra fica mais próxima de mim. Então são situações que eu faço um trabalho, eu ajudo, eu queria poder ter, financeiramente, né, poder ajudar e fazer muito mais daquilo que eu faço.

PESQUISADORA: É um projeto da Universidade que você participa?

A16: Agora é um projeto que não vem dinheiro, nem da Universidade. Isso daí devia ter uma verba, justamente voltada pra isso. Mas lá, pela Universidade, eu vô dizê uma coisa, porque eu tenho um obstáculo na minha casa, com todo esse tempo de treinamento você se apega, entendeu? Então, hoje é por isso que existe essa associação desportiva UFPE porque a gente tentô selecioná atletas que representam a UFPE "normais" e nós deficientes. Mas a gente não recebe uma passagem, a gente não tem ajuda de nada, até o técnico lá eu é quem pago.

PESQUISADORA: A associação é dentro da Federal?

A16: É dentro da Federal. E quem responde é o diretor da UFPE, mas ele não diz nem assim: "eu vô bota aqui um técnico aqui pra trabalhá pra vocês". O técnico é o que tá sempre lá, é ele que é pago por alguns atletas que recebem a bolsa do governo federal e eu que ajudo, entendeu? Esse técnico recebe mensal pra poder dar treinamento aos atletas e, te digo, a gente passô 2 anos sem técnico, e foi isso também que me prejudicô muito.

PESQUISADORA: Ah, quer dizer, então que você tinha um técnico junto...

A16: Tinha, mas daí eu…

PESQUISADORA: Foi depois ou antes de Atenas?

A16: Até Atenas eu tive.

PESQUISADORA: Tinha algum outro profissional, nutricionista?

A16: Não, eu tinha, a nutricionista lá nos acompanha, mas esse trabalho é da Universidade. É, na teoria é teoria, prática que é bom, não existe. Então eu faço tudo por minha conta, como devo fazer, como, eu até engordei, tô muito ocupada, tô começando a fazer minha dieta, quer dizer, quando poderia existir um trabalho totalmente voltado e às vezes fica esquecido, porque o deficiente, deixa pra lá e não precisa fazer. Nem um estagiário da Educação Física nós temos nos ajudando a pegá um implemento, primeiro pra aprendê e dizê: "Poxa, se eu me formá em Educação Física, eu quero trabalhá com pessoas com deficiência".

PESQUISADORA: Deveria ter mais gente participando desses projetos, né!

A16: Exatamente, e não tem. Nós usamos o nome da Universidade, é tanto que eu tô analisando isso...

PESQUISADORA: É você que trabalha nesse projeto, no nome da Federal e quem mais?

A16: Federal dá o nome, é eu e o Luizinho que sustentamô a situação, pra poder ter a prática esportiva, ele é o coordenador, porque eu não podia coordená uma coisa e ser atleta. Então, ele coordena tudo, tudo, tudo, e ele resolve todos os problemas de atleta, mas em termos financeiros a gente não recebe um real.

PESQUISADORA: E falando em financeiro, A16, e atualmente, você recebe apoio financeiro? De onde?

A16: Não, não tenho patrocínio, por incrível que pareça, depois dessa longa história minha, de 5 paraolimpíada, 7 mundiais e 7 para-panamericanos.

PESQUISADORA: Em Atenas você tinha, pra Atenas, antes você já teve?

A16: Barcelona eu ganhei medalha também, Atlanta, merecia, né. Sydney, Pequim que houve as misturas das categorias também, como também houve em Atenas. Mas em Atenas, foi uma mudança que eles fizeram depois de Atenas. Então quando a categoria é misturada, é impossível você trazer medalha, mas o que que eu posso fazer.

PESQUISADORA: Mas antes de você trazer as medalhas, você tinha patrocínio? De onde?

A16: Tinha, eu fui patrocinada pela Caixa, como disse a você que houve essa situação e até isso perturba o psicológico do atleta, você sabe disso. Quando eu fui pra Pequim eu tava sem a Caixa, que eu tive depois da medalha. Porque infelizmente as empresas só querem o atleta prontinho, quando você ganha uma medalha.

PESQUISADORA: Você recebeu, no caso, de Atenas, quando voltou, antes de ir você recebia e quando voltou você chegou a receber por um tempo ou não?

A16: Não, só por um tempo, foi renovando, renovando, depois foi cancelando. Minha mãe chego, bora?

PESQUISADORA: Então, vamos aproveitar que tá a família, como foi a influência, o apoio da família nessa trajetória da A16?

A16: Ah, mãe, fala…Fale mamãe, como a senhora me acha como atleta...

MÃE A16: Como atleta ela é muito boa, né!

PESQUISADORA: A senhora sempre esteve ao lado dela?

MÃE A16: Sempre ao lado dela, dando apoio, né...

IRMÃ A16: A gente acha que ela é uma lutadora, uma vencedora em tudo e sempre a família com ela, não deixa um momento.

PESQUISADORA: É, A16, como você vê a mídia no desporto adaptado depois dos jogos de Atenas?

A16: Olha, Pesquisadora, eu posso falá que depois da paraolimpíada mudô. Hoje nós temos até mais uma condição melhor perante a mídia, mas eu vou te dizer, em 81, quando eu participei do brasileiro, né, quando tinha cartazes e manchete das 12 medalhas, aquilo me chocou, acho que isso que fez eu chegá no esporte e ser a atleta que sou hoje, mas mudou um pouco, mas por que a mídia só vê o deficiente, o atleta portador de deficiência de 4 em 4 anos, numa paraolimpíada? A mídia, o deficiente só aparece de 4 em 4 anos, por um mundial que também é de 4 em 4 anos, numa paraolimpíada ou num para-panamericano. Eu acho que a forma como eles vasculham, né, a vida do atleta "normal", eles também poderiam fazer um trabalho e deixar que nós atletas também pudéssemos tá na mídia sempre e não só pra marcá impacto pra sociedade, né, mostrá a deficiência pra uma sociedade. Tem que mostrá daquilo que a gente é capaz, aquilo que a gente supera. Então tem umas certas coisas que eles escondem muito, que devia ter, assim, o atleta como ícone, como uma coisa boa, pra você poder passar auto-estima praquelas pessoas, e saber que você luta, que você quer uma sociedade mais justa, uma sociedade sem preconceito, né, eu acho que até melhoraria. E a gente vê de várias pessoas da sociedade que hoje eles falam que torcem muito mais pelos atletas paraolímpicos do que os olímpicos e chegam a compará, quando não devia existir comparação. Eu acho que tudo é atleta, a mesma bandeira, o mesmo hino nacional e a gente tem que ser uma coisa, que é ser respeitado. Então é isso daí que eu discordo muito. Você não tem que compará se o atleta olímpico trouxe medalha, se o paraolímpico foi que mais trouxe medalha de ouro, é como aquilo que no início eu te falei, a medalha é uma conseqüência. É tanto que o momento que às vezes o momento que você passa numa paraolimpíada, ele é tão importante, quanto emoções tão diferentes, e a medalha é aquele momento e depois aquela medalha tá guardada. O bom é aquele momento que você tá, é muito bom a gente conquistá a medalha, porque é o que a mídia quer, né, a mídia só quer a medalha, um atleta que não traz a medalha, pra eles ali não interessa, pra eles interessa o atleta que é medalhado, e medalhado ouro, principalmente o nosso país. No nosso país um atleta que traz prata, bronze não tem valor nenhum, só o que traz ouro. E você vê, nos outros países é diferente. A gente vê um atleta lá chorando porque trouxe uma medalha de bronze, né, um atleta se emocionando porque trouxe uma medalha de bronze e o país vibra porque aquele atleta trouxe a medalha de bronze. No nosso país não tem valor, e digo por esse tempo que eu sou atleta, por esse tempo que eu tenho representado o meu país, uma medalha de bronze, uma medalha de prata, pro nosso país não tem valor, e nem pro nosso povo brasileiro. Tem pra nós, atletas, que lutamos pra chegar e ganhar a medalha de prata ou bronze, ou ouro, mas só tem valor ouro. Mas isso eu acho que é educação, eu acho que isso, a mídia contribui pra isso, né. A mídia não fala, digamos, de um atleta que ganha medalha de ouro, o atleta que ganhô a medalha de ouro, o atleta que ganha medalha de prata e bronze pra eles não tem valor. Então é isso que eu quero do meu país diferente, nesse sentido, da mídia poder ver o atleta aí como um lutador, como um herói, até que tire o sétimo, quinto lugar é importante, porque se não fosse os outros, só ganha três. Então a gente não ia fazer uma prova, um campeonato com 3 atletas, são vários atletas. Isso aí tem

que mudar, é a partir de nós, atletas que podemos também rever essa situação pra que a mídia veja que não é a medalha de ouro, entendeu? Infelizmente, isso que acontece, em outros países eles dão valor até quem tira quarto lugar, quinto, sexto, sétimo. Só em ir pra uma paraolimpíada já é uma conquista. Então são coisas assim que a gente precisa educar o nosso povo, e que a mídia veja o atleta a figura maior e não a medalha.

IRMÃ A16: Mas isso daí é o seguinte também, o pessoal que não tem muito, como é que se diz? Não tem muito estudo, eles lerem assim que a tua medalha de prata, então não é importante. Eu acho que a gente não tem muita cultura, aí não dá valor. Mas tem que botar isso, né! Mas você vê que o pessoal que tem muita cultura, eles dão muito valor, eles tão dando valor a você, não a medalha de prata. Agora tem outros que nem liga, que acha que aquilo ali não vale nada, né. Acha que não tem, entendeu?

A16: Mas não tô tirando por mim, entendeu? É geral, é todos.

IRMÃ A16: Mas eu também tô fazendo geral.

A16: Eu falo isso porque eu ganhei uma medalha de bronze na paraolimpíada de Atlanta, bati recorde mundial. Como é que você bate um recorde mundial e ganha uma medalha de bronze? Foi quando eu me senti injustiçada numa competição, certo. Já tive, me incomodô muito, eu sei que eu competi em categorias misturadas mas ainda bati o meu recorde na minha categoria e ganhei a medalha de bronze. Então por mim ter batido o recorde mundial e ter ganhado a medalha de bronze saiu muito na mídia, mas saiu porque eu bati o recorde mundial. Se eu não tivesse batido o recorde mundial, minha medalha de bronze não tinha aparecido. Acho que não tinham nem falado que eu tinha trazido a medalha de bronze, entendeu? É comparando a situação, porque é a realidade. Mas você diz quem bateu o recorde mundial e ganhô medalha de bronze, tem que ser a de ouro! Então são coisas que acontecem nos campeonatos e foi quando eu me senti injustiçada no esporte. Isso aí, hoje, eu tenho pavor a injustiça. Hoje eu jamais faria injustiça com alguém, e eu luto pela injustiça. Eu tenho pavor! Porque eu acho uma falta de respeito. Mas lutei, fui lá e ganhei minha medalha. Mas quando saiu, eu lembro das manchetes dos jornais "Recorde mundial", não, "Atleta paraolímpica bate recorde e ganha medalha de bronze". Aí faz a coisa figurativa, compara, entendeu? Como é bateu recorde mundial e ganhô medalha de bronze? Não sabe botá a situação porque aconteceu de eu ter batido o recorde mundial, porque as categorias foram misturadas, porque lá o campeonato só ofereceu as provas pras várias categorias e juntaram todas elas? Eu ainda posso dizer que pra mim essa medalha de bronze hoje pra mim ela é ouro. No momento não foi, porque eu não queria ir nem pro pódio, e fui. Se você visse a minha cara que eu fui pro pódio em Atlanta 96, mas fui. Fui em respeito a uma bandeira, a um país, mas pela minha vontade eu não iria não, mas fui, fui e vou, entendeu? Fui e vou.

PESQUISADORA: Especificamente de Atenas, A16, você tinha alguma dificuldade antes de Atenas que hoje você não tem mais?

A16: Eu acredito que a dificuldade continua. Eu vô lhe disse que a gente tem poucos profissionais pro nosso segmento, pessoas que acham que nosso esporte ainda é uma brincadeirinha, vamos brincar de competir. Não tá ainda uma coisa voltada pra prepará,

você descobrí um atleta que ganhe medalha, que represente o país, então isso daí ainda tá muito a desejar, entendeu? Então as dificuldades, principalmente de estrutura, uma estrutura adequada, não só de material, mas física, né. A gente vê hoje locais de treinamento, tem uma foto, depois eu passo no seu e-mail pra você vê, em plena chuva parece o Tom competindo num riacho, assim cheio d'água, entendeu? Então, são coisas, e dentro de uma universidade, o que é pior ainda, é vergonhoso. Então, vô dizê a você, eu sei que melhorô, mas pra mim não melhorô nada. Agora melhorô assim, de você saber que existe a condição financeira, mas que não chega pro atleta. Nem uma confederação chega ao ponto de dizê: eu vô dá um disco pra esses atletas, vô dá um material, assim assado, nem procura sabê o que você precisa, sabe que você precisa mas não tem condições de ter um contato, ou dizê eu vô dá pra você podê ter um treinamento, pra você chegar a um mundial, chega a um panamericano. Ou o atleta faz por si só, tem uma condição ou pede aos amigos ou faz uma, pede mesmo, pede uma ajuda, bora contribuí com isso e aquilo. Eu vejo que lá no projeto da UFPE é assim, toda dificuldade, tão fazendo até dardo lá de alumínio porque a gente não tem os dardos oficial pra treiná. Então, onde é que fica a confederação? Onde é que fica o nosso esporte? Fica vergonhoso, então pra mim não mudô nada.

PESQUISADORA: Você se sente realizada? Quer algo mais? Tem algum sonho? Vai se aposentar? Sua projeção de vida.

A16: Olha, sonho eu tenho que é a gente não pode deixar de sonhar. Eu acho que eu vou ter sempre na vida é ter fé, sonhar. Sonhar pra realizar, eu quero sempre tá sonhando, sonhando, como atualmente agora eu tô sonhando em construir, é ter uma casa adequada pra mim, um conforto, né, e lutar, nem que eu passe aí uns 10 anos pra fazer isso, eu vou fazer, sabe. Minha casa do jeito que eu quero, do jeito que eu sonho. E no esporte também sonho, eu quero ir, a minha meta de sonhar é ir pra mais uma paraolimpíada, eu queria muito que fosse aqui no meu país, pra mim fechar com chave de ouro, mas infelizmente eu acho que nosso país tá muito longe de uma olimpíada, de uma paraolimpíada. Primeiro tem que preparar o atleta, dá condições ao atleta, dar estrutura física de você ter um grupo, né, de várias cidades, capitais, de você procurar talentos, porque o nosso país tem muito pouco talento, porque comparando com outros países vai ser muito feio uma olimpíada aqui. Cê vê a China, a China se preparou pra ser campeã. E a China não era, não sobressaia em nada no esporte e você vê, "nós vamos realizar aqui mas nós vamos ganhar", e ganhô. Tanto na olimpíada como na paraolimpíada. Então eu quero que meu país tenha o exemplo da China e avance, né, isso é um dos sonhos meus, que avance e procure dar condição de dar valor ao atleta, de dar um condição de procurar talentos, de ostentar, de sustentar, não é nem ostentar, sustentar o atleta pra que ele possa representar o seu país com dignidade e respeito e não com a situação que a gente passa aqui. Não só o atleta paraolímpico, mas o olímpico passa isso também. Quando a gente ganha uma medalha é que a gente tem que ter valor e até aquele valor e depois nos 4 anos esquece. Então, nós temos pessoas que esquecem do João do Pulo, e tem pessoas que esquecem, falando do atletismo, aquele que hoje é o comentado, que eu sou apaixonada por ele, que foi corredor, que foi medalhista na paraolimpíada de Seul, né, na paraolimpíada de Los Angeles, e de repente cadê? Hoje, as escolas não falam desses atletas. Então, se dos atletas olímpicos eles passam pelo esquecimento, imagine o paraolímpico. Como também nós temos no paraolímpico, que ninguém conhece, aqueles atletas que foram, que já saíram da época de Ádria, como eu, Ádria, o Luiz Cláudio mesmo, ninguém sabe nem quem foi Luiz Cláudio, foi o medalhista

da paraolimpíada de Seul. Então são coisas assim que nosso país precisa acordá e ver a realidade do país pra poder dar valor. Não adianta você ficá na teoria, você tem que usar a prática e mostra esses talentos pra que esse possa ser um país esportivo porque nós também não temos. Nós temos sim o futebol, mas é o ministro se preocupa com o futebol, o ministro tem que se preocupa com o esporte amador, pra poder investí naqueles atletas pra poder estar numa olimpíada. E não pensá no futebol numa Copa de 2014, que em 2014 eles tem dinheiro pra isso, nas federações, tão organizados pra isso, nós não, nós não somos. Então, eu acho que é isso daí é que deixa a gente triste, quando você ouve falá que quando os atletas que conquistam medalha são os esquecidos do nosso país, quando houve um projeto no próprio Lula de dar uma ajuda, uma pensão vitalícia pra uma atleta do futebol, porque já não pensa nos atletas olímpicos e paraolímpicos? Eu faço parte também da Comissão Nacional de Atletas, quando a Hortência e a Paula falaram isso também, e até hoje ficô no papel e ninguém fala mais, e ninguém fala mais. Então são coisas assim que o país não prepara. Eu conheço um atleta que competiu comigo, da Bolívia, Bolívia é o país do petróleo, não é? Essa atleta numa paraolimpíada ela ganhô 2 medalhas de ouro e bateu 2 recordes mundiais, essa atleta olhô pra mim e disse: "A16, eu tô rica! Eu não preciso mais, vou fazer a minha vida, vou ter os meus filhos e não vou mais participar". E não participô mais de olimpíada, de paraolimpíada nenhuma. Uma paraolímpica, numa categoria A, foi a que ganhô a medalha de ouro na F58, na época da paraolimpíada de Atenas. Que eu competi na F58, fui a única atleta da F56 que briguei, briguei e consegui a medalha de bronze na paraolimpíada de Atlanta. Então são coisas assim que deixa você muito triste, de ver a realidade do país, quando você vê pessoas lutar pra 2016 aqui, né, 2016 eu acho que o país não tá em condições de, nem 2020, imagina 2016. Se a gente vai fazer uma festa pra dar, fazer uma festa pra dar a festa pra os que vem de fora, tudo bem. Mas pro nosso país não tem como, não tem como.

PESQUISADORA: Que contribuição você, enquanto atleta, quer fazer para a sociedade, para o ser humano e para o esporte?

A16: Ixi, que pergunta, hein! Ser humano eu quero ser aquela pessoa que eu sempre fui, superei sempre. Lutadora, vencedora e de buscar aquilo que eu quero, que eu almejo, de ter uma meta, de ter um objetivo, isso sempre eu vou buscar, de todas as formas. E isso que eu faço, isso que eu desejo, que eu sonho quero repassar pras pessoas, que me vejam de uma forma como vitoriosa, isso que eu faço que eu desejo fazer, que realmente lute e ter orgulho, né, porque hoje você vê que quase ninguém tem orgulho da sua bandeira, do seu hino, isso me emociona, não te emociona? Eu sou uma pessoa que ao ouvir o meu hino eu me emociono, em qualquer hora, em qualquer estado. Então é isso que eu quero repassar, como ser humano, como atleta. E eu sei que o meu futuro a Deus pertence, quero pedir a ele que me dê a condição de eu poder resolver uma situação, né, porque hoje tudo se gera ao lado da política, hoje, infelizmente, o esporte não vai ficar pra trás. Então eu quero ter uma condição financeira pra eu botar meus projetos, o que eu penso, o que eu almejo, lutá bastante pra que a gente possa ter uma, até uma escola pra prepará esses atleta portadores de deficiência, que às vezes eles desistem por tão pouco. A gente não pode desistir por tão pouco, a gente tem que buscá, buscá, buscá, até que você suba a escada 100 vezes, mas se você sonhô você consegue dizer "Ah, cheguei", custô mais eu consegui, então é isso que eu quero.

PESQUISADORA: Gostaria de fazer algum comentário?

A16: Eu, de novo? Um comentário? Comentário assim, eu posso te dizer a nível nacional, né, porque o que eu vejo é que os nossos dirigentes eles se preocupam, dizem que se preocupam com muito, muitas coisas, mas não se preocupam com o essencial que é o atleta. Só isso!

PESQUISADORA: Muito obrigada!

Entrevista
A17

PESQUISADORA: Eu faço tanto pelo MP3 quanto pelo gravadorzinho e o medo de perder, sabe?

A17: É, eu sei, já penso ter que gravar tudo de novo.

PESQUISADORA: Você sabe que nas entrevistas piloto que eu fiz lá em Campo Grande, eu cheguei a perder a do goleiro lá. Você sabe o goleiro PC, o Marcos, lá de Campo Grande?

A17: Sim.

PESQUISADORA: Eu entrevistei ele ! Pronto, o MP3 tá funcionando.

A17: Como que tu grava no MP3?

PESQUISADORA: Eu gravo...

A17: Ah, porque o meu ele não grava e o da minha filha grava.

PESQUISADORA: Agora o MP4 eu não aprendi a gravar.

A17: Hum, mas eu acho que também grava porque é igual ao da minha filha.

PESQUISADORA: Grava.

A17: E o meu já é mais antigo, o dela já é MP4.

PESQUISADORA: E esse aqui tem inclusive o pendrive.

A17: Isso, só que o meu é mais simples, foi um dos primeiros.

PESQUISADORA: Esse aqui eu aperto esse botãozinho que tem aqui, aí ele liga (*bururu).* Aí eu aperto esse aqui até aparecer no visor leitura, música, aí aparece record, aí eu aperto de novo. Aí, por exemplo, agora ele tá no mic que é o 18, 16, 17, um minuto e dezoito, então eu vou acompanhando porque eu garanto aqui porque não foram todas que eu garanti no começo, né. Eu também apanhei e mesmo assim eu também pego o famoso gravadorzinho.

A17: Mas esse aqui grava bastante também, né ?

PESQUISADORA: Grava, grava. O Clodoaldo foi uma fita inteira.

A17: Ah, com certeza. Não precisa nem falar porque aquele ali.

PESQUISADORA: Foi muito boa a conversa com ele também, viu. Então, e o que eu pretendo com todos esses atletas é que entre vocês, o que há de convergente e divergente nessa trajetória. Porque se hoje vocês estão onde estão qual foi a trajetória que vocês fizeram? Mas eu não vou entrar tanto na questão esportiva, por que? Porque a questão, A17, das medalhas isso a gente tem na mídia, isso vai constar, lógico, mas assim o que se passou por trás de vocês, né? Esse caminho que vocês percorreram. É isso que eu espero. Então é por isso que é a trajetória do desporto adaptado e reflexões. Aí tem aqui, eu, A17, x anos de idade, o RG, voluntariamente concordo em participar no projeto de pesquisa acima mencionado como será detalhado a seguir. É de meu conhecimento que será desenvolvido em caráter de pesquisa científica em objetivo de estudar a construção do desporto adaptado de atletas medalhistas ouro das paraolimpíadas de Atenas 2004. Estou ciente que será aplicado pela Pesquisadora uma entrevista semi-estruturada, que eu vou fazer, né. Não vai haver nenhuma forma de reembolso de dinheiro já que com a participação na pesquisa não terei nenhum gasto, não estão previstos riscos ou desconfortos postas as características desta pesquisa. Os benefícios constituem na divulgação da importância do desporto adaptado na vida da pessoa portadora de necessidades especiais. Li e entendi as informações procedentes bem como é de meu conhecimento que posso desistir de colaborar a qualquer momento sendo que dúvidas futuras que possam ocorrer poderão ser prontamente esclarecidas, bem como o acompanhamento dos resultados obtidos durante a coleta de dados. Autorizo a publicação dos dados coletados somente para fins pertinentes a pesquisa. No entanto, exijo sigilo com a identificação do meu nome. Essa primeira parte que eu estou fazendo com você, como tem o caráter de pesquisa, então uma das questões que a gente fala muito é a do caráter sigiloso quanto a identificação dos nomes. Alguns atletas quando eu entrevistei, eu mandei uma proposta para uma editora, depois de terminar a tese e tudo, se houver interesse de alguns atletas, eu queria fazer um livro. Mas aí um livro, mas é outra conversa, um livro específico de cada atleta, uma biografia mesmo. E aí se você quiser mais para frente fazer um livro da sua vida a gente começa a escrever. Mas aí é outro caso, esse para fim de pesquisa é justamente isso. Através da entrevista semi-estruturada para coletar esses dados que eu vou comparar o que há de divergente e convergente entre os atletas, certo?

A17: Certo.

PESQUISADORA: Sim, obrigada. Quantos anos, A17?

A17: Vou fazer 34 segunda-feira.

PESQUISADORA: Nossa!!Parabéns!

A17: Na verdade esse sofá não é aqui, né? É porque deu vazamento no banheiro aí eles tiveram que arrumar aqui, né? Aí esse rack é aqui, o sofá é lá e o outro ali, aí aqui fica aberto.

PESQUISADORA: Ah tá...

A17: E aí nós trocamos até arrumar, aí nós esperamos para arrumar o gesso.

PESQUISADORA: Bom, você deve ter mão de obra boa porque em Campo Grande é um terror.

A17: Essa casa aqui, tu sabe, né? Condomínio, assim, eles fazem meio...

PESQUISADORA: Às vezes dá problema.

A17: Aí às vezes dá um probleminha ou outro vazamento mais ali, eles arrumaram e tem algumas rachaduras que deu, mas não porque eles fizeram a casa rápido e botaram a massa corrida e não tava tão seco, né, e agora vão ter que ajeitar alguns lugares, as rachaduras.

PESQUISADORA: Custa fazer certo a primeira vez?

A17: Não, imagina, ter que mexer em tudo, cobrir tudo. Aqui arrumô, a próxima é aqui, o pior é ter que tirar tudo. O problema é que a gente não fica muito em casa. Às vezes minha filha fica, mas eu não gosto de deixar só ela.

PESQUISADORA: Que idade tem ela, A17 ?

A17: Ela fez 18 agora.

PESQUISADORA: Qual que é teu RG, A17? Só para fechar aqui.

A17: RG completo.

PESQUISADORA:: Joinville, dia 7, gente tá voando o mês de agosto! Queria um autógrafo seu aqui, A17, nessa linha aqui.

A17: Tu tem um cartão?

PESQUISADORA: Tenho, tenho sim.

A17: Que bom que o vôo não atrasou, né, porque tava chovendo aí eu falei: “acho que vôo dela vai atrasar”.

PESQUISADORA: É, então, eu fiquei preocupada sim.

A17: Atrasar ou ir para Curitiba, se fosse para Curitiba tu não ia conseguir voltar hoje.

PESQUISADORA: Pois é. Aqui o cartão. Pronto. Se fosse realmente para Curitiba.

A 17: É fiquei pensando nisso, de manhã tava uma chuva bem forte aqui. Ontem choveu, deu uns trovãos, menina, fiquei até com medo.

PESQUISADORA: É, tava previsto temporal por cá, né.

A17: Aham, tava. E o Tenório como ele tá? Bem?

PESQUISADORA: Tá bem. Ele tá com, ele estava com um pouco de contratura, ele estava tendo um pouco de contratura, lá no treino dele que eu assisti.

A17: Só isso aqui?

PESQUISADORA: Só, obrigada. Agora vou deixar uma via minha com você, com meu telefone. Aí o que você precisar é só me ligar tá. E ele tá, eu assisti o treino dele. Obrigado! E eu assisti o treino dele e ele tava com um pouco de contratura.

A17: Ah, mas no ombro, no braço?

PESQUISADORA: Eu entendi que era assim, não sei se na coluna.

A17: Ah, porque ele gira muito.

PESQUISADORA: Exatamente. Deixa eu pôr aqui.

A17: Ah, eu machuquei em abril, antes da competição de Curitiba, até eu nem participei. Agora eu tô treinando com medo. Estes dias mais frios, assim, eu boto, assim, uma caneleira de lã, eu boto, começô a me cansar eu já falo para o meu técnico, todo dia eu ligo para ele para dizer como é que eu me senti no treino. Ele fala: "Ó, vamos cuidar para você não se machucar".

PESQUISADORA: Ainda mais quando ...

A17: Ainda mais nesse período, eu começo a treinar os tiros fortes.

PESQUISADORA: Essa é a sua via, A17.

A17: Esse aqui você já me mostrou.

PESQUISADORA: Mas ele tá bem viu, quer dizer não o conhecia, né? Ele é diferente também de foto, né? A gente estranha, né? Assim tinha um rapaz deitado, achei até que fosse ele, mas era um outro atleta que chama Arley.

A17: Arley? Ah, eu não conheci muito ele assim, mais o Tenório mesmo.

PESQUISADORA: Mais ele, nossa, mais ele é muito assim, no começo ele parecia meio que seco, é meio sério, né?

A17: Uhum, é bem o jeito dele mesmo.

PESQUISADORA: Aí começou tudo, né. Aí eu falei: "Olha eu sou a Rachel e etc, etc" e eu não falei com ele, eu falei com a assessora dele.

A17: E ele tá com quem de assessora agora?

PESQUISADORA: No fim já estava. É, como é que ela chama? Camila? Não, não Camila é a... Pêra um pouco, como que é o nome da assessora dele?

A17: A do Clodoaldo é a Gi.

PESQUISADORA: Não, não a do Clodoaldo.

A17: A do Clodoaldo a gente trabalhava junto também. Esse ano que a gente não está trabalhando.

PESQUISADORA: Isso mesmo a do Clodoaldo, eles falaram que era para eu falar direto com você. Como é que ela chama, ela chama, é, será que é Cecília?

A17: Essa eu não conheço não.

PESQUISADORA: Eu acho que é Cecília, eu não cheguei a conhecê-la pessoalmente, a gente só falou. Mas no fim, depois, nossa, ele ficou super falante, conversou bastante .

A17: Ah ele depois que ele se solta ...

PESQUISADORA: Aí foi super bom, super bom. Oh, A17, qual é a sua ocupação?

A17: Eu sou atleta, né, e sou agente motivacional da Tupi que é uma empresa de fundição aqui de Joinville. Como agente motivacional até fui contratada pela minha história, né.

PESQUISADORA: Aqui em Joinville tem muitas empresas?

A17: Tem, mas para conseguir patrocínio aqui, eu não tenho um patrocínio aqui. Os meus patrocínios são de São Paulo, pra você ter idéia. Mandamos para várias empresas curriculum e nada.

PESQUISADORA: E nada.

A17: E esse da Tupi foi uma matéria minha que saiu no jornal e eles viram e me contrataram.

PESQUISADORA: Porque que ela não tá rodando aqui? Parou, tem que ficar de olho aqui.

A17: Não acabou?

PESQUISADORA: Não, eu acabei de colocar. Pronto e esse aqui eu vou olhando, os dois. É, seu grau de escolaridade, A17?

A17: Eu terminei o primeiro grau. Quero voltar, se Deus quiser, isso é uma coisa que eu, uma das coisas que eu me arrependo, assim, porque eu engravidei muito nova, com 13 anos.

PESQUISADORA: 13 anos?

A17: 13 não. 14, não, 15. Quando minha filha nasceu 16 de julho e eu fiz 16 anos dia 11 de agosto e eu fiquei casada até os 21 anos com o pai dela. E é umas das coisas assim que eu acho que errei muito de ter parado os estudos, de ter deixado esse lado assim. Hoje eu me arrependo muito, mas eu quero voltar só não voltei ainda por causa de competições, é muita coisa, né, mas ano que vem como vai ser um ano mais tranqüilo, eu quero voltar e meu sonho é fazer uma faculdade.

PESQUISADORA: Ah! E do que, você já sabe, A17?

A17: Alguma coisa assim que eu continue no esporte, ou fisioterapia, trabalhar com atletas. Educação Física até que eu gostaria, mas eu acho que não enxergando, eu acho uma perda de tempo, né, fazer Educação Física. Ou nutrição eu acho que é legal, cuidando da alimentação, cuidando desse lado também.

PESQUISADORA: É, porque você é nova, né?

A17: É porque tem pessoas bem mais velhas que conseguem terminar os estudos, mas eu, nesse ano que vem, quero ver se eu consigo, né, voltar firme.

PESQUISADORA: É porque você, 33 anos, faz 34 agora segunda, é muito nova, né, nossa, tem mais é que voltar mesmo, ainda mais que você é uma pessoa assim...

A17: Faz muita falta.

PESQUISADORA: É você é muito dada, é importante, né. Eu queria saber um pouco agora da tua história, do aspecto relacionado a sua deficiência. Se foi congênita, se foi adquirida, a causa, enfim.

A17: Eu já nasci com deficiência visual, na minha família tem 4 com deficiência visual, eu e mais 3 irmãos e eu sou mais nova de todos. E minha mãe teve 9 filhos, 4 com deficiência visual e 5 não. Eu tenho retina despigmentada, astigmatismo e seratoconia e quando eu nasci, até os meus 18 anos, eu enxerguei mais ou menos uns 10 a 12% e com 18 anos eu perdi. Foi assim, 8 meses que eu comecei a perder e depois de 8 meses já não conseguia ver mais, só a percepção de claridade, sei quando é dia ou noite. Mas ultimamente eu sinto que até isso está piorando, né. Antes quando tinha uma luz acesa eu via e agora não, às vezes, eu tenho dificuldade para ver dentro de casa se eu estou com a luz acesa ou não. É só assim que eu vejo, né, eu não vejo tudo escuro, isso não, mas não vejo você, não consigo ver seu rosto, infelizmente. Tu quer que ascende a luz?

PESQUISADORA: Não, não, tem a claridade vindo da janela, aliás você tem um quintalzinho, eu já vi que tem um passarinho. Ai, gente, é agradável, aliás a sua casa tem bom astral e você tem bom astral! Nossa, que delícia! Eu vou conversar um pouco com você sobre a questão de histórico, né. A atleta ouro que você é, o sucesso, todas as medalhas de prata, ouro, isso o Brasil todo conhece, o mundo. Mas eu queria saber do teu

passado, eu queria que você contasse assim da tua infância. Você brincava, com quem, do que, a relação com família, com amigos, o namorado, se você já sentiu algumas vezes a discriminação, enfim, eu queria que você contasse da tua infância, né.

A17: Bom, eu vim do interior, né. A minha família morava em Nanuque, no norte de Minas, cidadinha pequena naquela época era menor ainda, né. E eu brincava, assim, normal. Era bem agitada quando era criança, gostava de dessas brincadeiras de interior que na cidade grande tu não vê. Brincava de roda, brincava de pega-pega, tinha aquela brincadeiras, aquela que você segura uma na mão do outro e vai puxando, como é que chama, sabe da corda, sabe? Então eu sempre tive uma infância assim bem agitada.

PESQUISADORA: Brincava na rua?

A17: Brincava na rua, brincava como os vizinhos e minha mãe nunca foi de deixar a gente ficar na casa dos vizinhos, assim, na casa dos outros. Ela nunca gostou e a gente brincava, assim, na rua ou no quintal de casa, mas foi assim a minha infância, foi como uma de criança normal, né, que não tem deficiência. Brincava com a minha irmã, a gente, como eu te falei família simples, então a gente fazia aquelas casinhas de papel cobria com madeira e ia brincar, subia em árvores, mas era saudável, assim, foi bem gostoso. Na minha infância, até os meus 10 anos, eu aproveitei muito, até hoje ...

PESQUISADORA: Você ainda enxergava um pouco ainda, né?

A17: Enxergava, mas eu me machucava muito porque eu tinha mania de correr, não sabia andar, eu tenho cicatriz aqui, né, que eu cai quando eu tinha 4, 5 anos, eu cai na cabeceira da cama assim, tenho aqui no braço que eu desci correndo cai nas rosas. Aqui na perna que rasguei no arame, já furei o pé em prego. Então, assim, eu brincava muito, era bem agitada, a gente brincava de bolinha de gude era bem gostoso, assim. Era uma família simples mas eu curti a minha infância, foi muito gostosa.

PESQUISADORA: Foi muito bem resolvida.

A17: Foi.

PESQUISADORA: Arteira igual o Tenório, o Tenório disse que era muito arteiro, ele falou para mim.

A17: Mas eu sou uma pessoa assim muito, quando eu era criança, eu era muito apegada com a minha mãe, até hoje eu sou uma das filhas que tô longe mas sempre procuro.

PESQUISADORA: Ela continua morando lá em Minas?

A17: Mora em Belo Horizonte. Com 7 anos, ou mais ou menos 7 anos, a minha família se mudou para Belo Horizonte, a minha mãe foi ver se tinha algum recurso para tratamento e foi minha família toda para Belo Horizonte. E lá ela me levou nos médicos, até no hospital Milton Rossi, que é um hospital muito conhecido no Geraldo, mas os médicos sempre diziam a mesma coisa. Na verdade, no começo, eles diziam que era inflamação no fundo do

olho, nem diziam que era retinol, eu fui descobrir depois que eu estava perdendo a visão, mas a minha mãe teve essa preocupação mas infelizmente não teve jeito. Mas o relacionamento, assim, com minha família é muito bom, a minha mãe sempre me apoiou e me apóia até hoje, e minha família tem distância mas tão sempre lá rezando por mim. Os amigos que tenho, assim, eu não sou muito de ficar em turma, né, fico mais na minha, mas as pessoas que eu tenho amizade eu me dou super bem, eu não sou de, quando eu conheço eu vou lá, eu converso mas eu não sou de chegar, ir lá procurar, sabe?

PESQUISADORA: E você sentiu alguma diferença, vamos supor, depois que você começou a ficar famosa daqueles que eram seus verdadeiros amigos, aqueles que, vamos dizer, oportunistas, né, como é que você lida com isso?

A17: Olha, sempre tem aquele que diz, "Aí, eu conheço ela", e às vezes tu nem sabe quem é, "Não, mas eu conheço". E tem aqueles amigos mesmo que nas horas tristes, nas horas alegres, nos momentos bons e ruins, né. E tão sempre apoiando, mas é, mudou muito depois do resultado em Sydney que foi onde minha imagem foi muito divulgada. Atenas logo depois, e hoje eu sou uma pessoa bem conhecida tanto aqui na cidade tanto em qualquer cidade que eu vou, é difícil uma pessoa não conhecer.

PESQUISADORA: Exatamente.

A17: Mas eu gosto, eu acho que é o reconhecimento de um trabalho porque se as pessoas conhecem e admiram é porque respeitam o meu trabalho. Então, eu ponho a dedicação, eu ponho determinação que valeu a pena dos frutos que eu tô colhendo, que eu colhi e estou colhendo até hoje.

PESQUISADORA: Você freqüentou a escola? Como é que era na escola, você se lembra? Por exemplo, alguns pontos: você tinha Educação Física, como elas eram, as atividades, você participava? Como foi a sua vida escolar de forma geral?

A17: Eu freqüentei uns anos o Instituto São Rafael, em Belo Horizonte. E lá era muito gostoso, eu ficava o dia todo no colégio e tinha aula normal e tinha aula de artesanato, tinha aula de tricô.

PESQUISADORA: Era uma escola regular ou era especial?

A17: Instituto especial, escola especial para cegos só para deficientes visuais. E lá tinha aula de Educação Física e eu sempre gostei, eu adorava fazer. Às vezes tinha piscina, às vezes tinha trabalho na quadra, a gente fazia gincana.

PESQUISADORA: Isso foi com que idade que você freqüentou?

A17: Eu não fui tão nova, né, fui mais com 9 ou 10 anos, logo que minha família foi pra Belo Horizonte, porque lá no interior eles não me aceitaram pela minha deficiência porque naquela época...

PESQUISADORA: Então você tentou ir numa escola regular?

A17: Não deixaram, porque tu sabe que a muitos anos atrás não tem o conhecimento que tem hoje.

PESQUISADORA: Você tinha o que 8, 9 anos?

A17: Eu tinha 7 mais não deixaram. Eu estudava com a minha irmã, minhas duas irmãs foram, mas eu eles não deixaram porque não tinha nada adaptado na escola, né. Então eu não fui. Fui começar a estudar depois que fui para Belo Horizonte e tanto que eu nem fiz até a oitava série e depois eu fui fazer no supletivo quando vim para cá e terminei. Porque eu não comecei nova, e como eu te falei, hoje é uma coisa que eu me arrependo muito, né, de não ter, porque também eu era muito novinha e minha família também não tinha, nesse lado assim, a minha mãe não apoiava muito, né, como tem pais que não deixam que os filhos não terminem os estudos, tudo e minha mãe pela a...

PESQUISADORA: A sua filha chegou.

A17: Quer desligar?

PESQUISADORA: Eu só ponho uma pausa aqui. Então, nós estávamos conversando sobre sua época de escola e foi bom porque você foi para o instituto, né, A17?

A17: Isso, aí eu fui para o instituto e lá normal, né.

PESQUISADORA: Aí já é um trabalho especializado, Educação Física.

A17: Isso, Educação Física a gente fazia normal, né.

PESQUISADORA: Você lembra que atividades que o pessoal trabalhava lá?

A17: A gente fazia aqueles saltos de plinto, caia no colchão, é, fazia aquecimento normal de polichinelo, corrida. Às vezes, ela colocava para subir escada e descia, era assim normal não tinha muita adaptação, quando era na piscina ela deixava todo mundo na piscina, ficava a vontade na piscina.

PESQUISADORA: Todos tinham deficiência?

A17: Todos deficientes.

PESQUISADORA: Mas eram cegos?

A17: Cegos.

PESQUISADORA: Ah, tá. A17, por conta dessa Educação Física que você teve, você acha que a Educação Física na escola, no caso, no instituto que você freqüentou, contribuiu, qual a influência que teve essa Educação Física no seu sucesso esportivo de hoje?

A17: Eu acredito que sim, porque as aulas de Educação Física, as brincadeiras que eu fazia quando eu era criança, isso me ajudou muito no esporte, quando eu fui a praticar o esporte. Tanto que quando eu comecei a correr eu fui procurada no instituto. Na época foi o presidente da associação foi no colégio, conversou com a professora de Educação Física e ela indicou alguns alunos que se destacavam, e eu sempre me destacava e eu sempre me destacava nas corridas, eu era escolhida, ganhava dos garotos que ficavam P da vida. E então eu fui escolhida por essa professora para ir praticar o esporte e comecei na associação de Belo Horizonte.

PESQUISADORA: Ah tá, começou lá na associação de Belo Horizonte?

A17: A ADEVIBEL que é a Associação dos deficientes visuais de Belo Horizonte.

PESQUISADORA: Nessa associação você entrou por indicação do instituto?

A17: É, por essa professora, que ele foi no colégio para conversar com ela e se tinham alguns alunos que estavam interessados, e teve outros alunos que foram também, só que eu comecei e já vim me destacando. Na primeira competição que foi em Curitiba já bati o record brasileiro que era 200m.

PESQUISADORA: Esse já era em Belo Horizonte?

A17: Isso, eu já morava em Belo horizonte.

PESQUISADORA: Belo Horizonte já tinha este instituto, então?

A17: Tinha, tem ainda até hoje, é o instituto São Rafael.

PESQUISADORA: Tem ainda até hoje! E a partir daí, da Educação Física, você foi para a associação e lá já começou todo...

A17: Isso, aí começou minha carreira.

PESQUISADORA: Em que momento exatamente da sua vida você decidiu que queria praticar o desporto adaptado?

A17: No começo, para mim, eu não via a importância que alguns anos depois eu fui vendo, né. A importância do esporte na minha vida, o que eu podia conquistar no esporte, né. No começo eu não via isso, como você falou do Luiz Silva. No começo a gente fica meio, assim, até sem entender o que está acontecendo, né, porque veio muito rápido tudo na minha vida. Com 14 anos eu fui para Seul, uma viagem internacional, com 14 anos, e eu não sabia a importância que tinha. Era importante, mas eu, muito novinha, então. E depois quando eu fui para Barcelona, já com mais idade, Atlanta, aí eu fui vendo o que o esporte estava significando na minha vida, o que estava mudando e que eu podia conquistar mais no esporte.

PESQUISADORA: Quando você, você lembra bem quando você entrou para seleção brasileira? Quer dizer, quem te chamou, quem que te deu a notícia, onde você estava, como é que você recebeu?

A17: É a primeira vez que eu fui pra seleção, eu tava com 14 anos, que foi em Seul, primeira paraolimpíadas. Foi a associação, eles entraram em contato, disseram que eu estava convocada. Minha mãe teve que correr, pegar autorização que eu era muito novinha, tirar o passaporte e foi diferente, assim, uma situação diferente. Tanto que minha mãe ficou até com medo de deixar e tudo, mas foi legal assim. A primeira vez estar participando de uma delegação, porque naquela época o esporte paraolímpico não era como é hoje. O reconhecimento, a divulgação que tem hoje. Naquela época não tinha nada disso, a gente viajava e voltava como se tivesse ido numa competição aqui no Brasil. Morava em Minas e é como se tivesse ido em São Paulo e voltado, não tinha divulgação nenhuma, naquela época era assim.

PESQUISADORA: É verdade. Vamos falar agora da sua modalidade atual. A medalha de ouro, vamos pegar específico em Atenas 2004, né. Houve alguma modificação, o que representou no campo social, no campo financeiro, no campo familiar, no afetivo, né?

A17: A medalha de... posso falar um pouco de Sydney?

PESQUISADORA: Lógico, você aqui fala o que você quiser.

A17: Porque Sydney foi uma competição onde tudo deu certo, né. Eu estava muito bem preparada, tanto no lado psicológico quanto no lado físico. Então foi o meu melhor resultado, de toda minha carreira, foi em Sydney, né. Então lá já começou a mudar a minha vida. Quando eu voltei foi uma situação complicada, assim, porque eu voltei com o recorde mundial, medalha de ouro e não tive apoio nenhum. A gente até passou um pouco de dificuldade, morava eu e ela no Rio de Janeiro, e teve fase assim que eu não tinha nem dois reais para poder gastar a mais porque não tinha de onde tirar. Aí veio logo depois o comitê começou aquela lei, a lei Piva e deram uma bolsa para os medalhistas, aí na época foi de 3 mil reais e para mim já mudou completamente, né.

PESQUISADORA: Com o resultado de Sydney?

A17: Isso, mas quase um ano depois.

PESQUISADORA: Antes então você não tinha?

A17: Não, não, o único apoio que eu recebia quando eu fui para o Rio de Janeiro, eu ganhava 100 reais da Sabesp que era uma associação de apoio só que eles me davam casa, ela tinha escola particular, eu tinha tudo e depois nós conseguimos um apoio do bingo lá do Rio que era mais 400 reais. Eu recebia 500 reais e isso aí, depois de Sydney, que eu voltei com todo aquele resultado, eu fiquei um ano e só tinha esses 400 reais e mais um, e eu pagava aluguel.

PESQUISADORA: E essa ajuda que você teve foi decorrente de Seul, desde que você entrou no desporto adaptado?

A17: Eu só fui ter alguma ajuda em dinheiro em 96 quando eu fui para o Rio de Janeiro, de 88 até 96 eu não recebia nada.

PESQUISADORA: Era atleta já da seleção brasileira?

A17: E era atleta e nunca deixei de treinar, de competir por isso, né. Depois que eu fui pegando amor pelo esporte, é uma coisa que eu faço porque eu gosto, porque alguma dificuldade que já passei se eu fosse olhar isso eu já tinha parado. Então de 2001 para cá, aí sim eu fui conseguindo, o lado financeiro foi melhorando, aí veio Atenas, eu consegui a medalha. Eu esperava um resultado melhor em Atenas mas uma semana antes eu tive uma lesão forte na coxa e acabou prejudicando meu resultado. Mas consegui a medalha de ouro e o comitê deu prêmio de medalha em Atenas e foi esse dinheiro que eu fui juntando quando eu vim para cá para poder comprar minha casa, né, aqui em Joinville. E agora a 2 anos, vai para 3 anos que eu consegui um patrocínio com a Mizuno que é material esportivo. Estou a dois anos com a Gol, né, mas isso você vê quantos anos depois, quase 20 anos de carreira para eu poder, não digo para você que eu recebo milhões, não é o que eu gostaria, mas hoje a minha filha, graças a Deus, sempre estudou numa boa escola. Às vezes, ela brinca "ah mãe, meu colégio está atrasado". E eu digo: "não importa mas eu pago", mas o apoio que não tive da minha mãe pela educação que ela teve, né. Então até nem culpo ela por isso, mas uma coisa que eu sempre me preocupei é de dar um bom estudo para minha filha. E agora eu falo, ela está com 18 anos terminando o segundo grau, né, e sempre estudou em bons colégios. Então hoje eu posso dar, eu já tenho a minha casa, eu já tenho meu carro e isso tudo foram frutos do esporte e eu conquistei isso através da minha dedicação e da minha determinação que é como eu te falei, por muitos anos sem ganhar nada.

PESQUISADORA: Foram quantos anos sem receber, foi após Sydney que você recebeu do governo?

A17: Após Sydney foram 3 anos. Hoje essa bolsa que tem do Ministério eu nunca recebi.

PESQUISADORA: A bolsa-atleta?

A17: Isso, porque eu tenho patrocínio e quem tem patrocínio não pode receber essa bolsa.

PESQUISADORA: Você recebia aquela bolsa da...

A17: Do comitê, que na época o comitê paraolímpico é que pagava os atletas.

PESQUISADORA: Como era chamada essa bolsa?

A17: Era bolsa de incentivo aos atletas medalhistas de Sydney e agora em Atenas eles só deram o prêmio de medalhas para os atletas.

PESQUISADORA: Ah, vocês receberam um prêmio de medalha?

A17: Prêmio de medalha e esse ano já disseram que não vai ter.

PESQUISADORA: Não acredito!

A17: Já foi divulgado que não vai ter prêmio de medalha, tá no site do comitê.

PESQUISADORA: Valha-me Deus viu!

A17: Agora você, não que, eu já competi muitos anos, viajei, fui pra mundial e pras olimpíadas sem ganhar um centavo, mas eu acho injusto. Em Atenas teve o prêmio de medalhas que não foi muito mas teve, e agora que o esporte está crescendo, o salto que deu o esporte paraolímpico e os atletas não receberem nada. A diária vai ser bem menos que a diária que nós recebemos em Atenas, menos que a metade. Então eu acho que não poderia acontecer isso, né!

PESQUISADORA: Nesse aspecto ao invés de evoluir regrediu?

A17: Nesse aspecto regrediu e aumentou a quantidade de atletas porque em Atenas foram 93 e agora está indo com 190 e poucos atletas, não me lembro agora. Então cresceu muito, e muitos atletas vão, de repente conseguem medalha, e eles não vão ter e a diária também não vai ser a mesma

PESQUISADORA: Vocês sempre tiveram uma diária que os mantinham nos jogos, é isso?

A17: É uma diária, por exemplo, agora é 50 reais por dia. Então ficava um mês fora. Só que em Atenas eles deram 4 mil reais de diária para todo mundo.

PESQUISADORA: E o que cobre essa diária?

A17: Os patrocínios do comitê e é o comitê paraolímpico que repassa aos atletas, aos dirigentes.

PESQUISADORA: E aí o dinheiro vocês podem gastar da forma que vocês quiserem?

A17: Isso, é um dinheiro que a gente às vezes usa lá, né, às vezes compra lembrancinha.

PESQUISADORA: Um sorvete, né?

A17: Isso, na verdade como eu estava conversando com os outros atletas, a gente acaba que gasta muito, por exemplo, eu tenho a minha filha e eu tenho que deixar o dinheiro para ela, tenho que deixar a compra de um mês para não faltar as coisas. Então a gente tem um gasto muito grande quando faz essas viagens e acaba você tendo um retorno muito pequeno.

PESQUISADORA: E aí você fica sozinha, FILHA DE A17?

A17: Ela fica e às vezes fica com uma amiga nossa que mora aqui pertinho, mas aqui graças a Deus é tranqüilo.

PESQUISADORA: É aqui é tranqüilo, aqui é condomínio não tem problema, né. Ainda bem que você comprou num condomínio, mas já veio por isso, né?

A17: Já vim por isso, eu morava numa outra casa que era um lote imenso, era 390m^2. Uma casa grande só que ela tinha muito medo e eu também tinha muito medo de deixar ela sozinha às vezes, porque não era muito seguro lá, aí eu vim para cá. E aqui não está tudo pronto ainda, você vê que para lá ainda tem muitas casas terminando para entregar e aí eles vão botar, como é que chama, aquela cerca elétrica, vão colocar porteiro.

PESQUISADORA: É, eles colocam também. Ah, então está bom. Porque você escolheu esta modalidade esportiva, porque o atletismo?

A17: Olha, eu nem sei. Quando era criança fazia Educação Física, gostava de correr e foi onde eu comecei e achei que era ali que eu tinha que continuar, né. Tentei natação, mas natação eu tenho medo de piscina funda, até hoje quando eu entro em piscina meia funda eu fico meio com medo. Mas é fiz um pouco de natação, mas não achei muito legal não, não era isso que eu queria, natação, né. Eu já participei de um campeonato brasileiro de goalboal, né. Fiz salto em altura, também no atletismo, não gostei que é prova de campo, né, e me adaptei bem só na corrida mesmo.

PESQUISADORA: E você pratica desde os 14 anos?

A17: Desde os 13 anos.

PESQUISADORA: Ou seja são ...

A17: 21 anos de carreira.

PESQUISADORA: 21 anos de carreira, barbaridade!

A17: Estou indo para sexta paraolimpíada.

PESQUISADORA: Sexta? Não tem esse recorde no país, né, A17? Não tem um atleta no Brasil não, tem?

A17: Tem lá fora, mas no Brasil não tem. Só se for em outras modalidades, que eu saiba não.

PESQUISADORA: Eu também não.

A17: Do pessoal da minha época não tem ninguém não. O Zeca foi a quarta, tem alguns atletas que foram 4, que disputaram a terceira.

PESQUISADORA: Olha, eu me lembro, eu fiz natação, sabe e quando eu, quando eu fazia natação a piscina não era aquecida, era gelada e o professor punha a gente e mandava correr em volta da piscina para esquentar, para poder entrar na água, né, então eu me lembro que tinha dia ...

A17: ... tem um restaurante aqui perto e nós podíamos ir almoçar, né?

PESQUISADORA: Podemos sim,

A17: Aí tu se arruma, filha.

PESQUISADORA: E aí eu, porque treinamento é aquela rotina, né, todo dia, faça chuva, faça sol. Comenta para mim essa rotina, do dia-a-dia enquanto atleta, quantos dias da semana, quantas horas, o local, se você tem orientação de profissionais, outros, né. O que, que facilita no seu treino antes, o que dificultava antes, enfim, seu treino.

A17: Bom, o treino é de segunda a sábado, né. É uma rotina assim que não dá de mudar. Só quando tá muito cansada, às vezes, falta um dia ou outro, mas é tem o profissional que trabalha, tem o meu treinador que é o Nelson Rocha dos Santos que é um atleta pré-olímpico, ele está no Rio de Janeiro, ele me manda os treinamentos e a gente se fala todos os dias e passo essa informação de como é que eu estou me sentindo ainda mais agora nessa reta final tem que ter esse cuidado. Eu treino segunda, quarta e sexta pela manhã na academia e a tarde na pista, né. Tem treino que dá 3 horas na pista e 2 horas na academia, então chega a 5 horas de treinamento. Tem fases do treinamento que dá até mais, que é a fase do treinamento que a gente chama da base, que é um ano, um ano e pouco antes da competição. Agora específico está sendo um treino mais rápido, a gente chega a 5 horas de treinamento. Mas hoje o que dificultava para mim no treinamento é que eu não tinha carro, tinha que ficar dependendo de ônibus e é muito cansativo, morava longe da pista, a gente perdia o ônibus, ficava aqui em Joinville e aqui tem esse problema, dependendo do lugar onde você mora os ônibus são demorados e a gente perdia um ônibus e dependendo do horário só 40 minutos ou 45minutos depois. E hoje não, hoje é mais fácil que hoje eu tenho carro e vou pra Univille que é aqui pertinho, de carro para a faculdade que eu treino lá, é cinco minutinhos daqui lá, que é pertinho, vou para a academia que dá 10 minutos de carro, lá na Tupi, que eu te falei que eu sou funcionária, tenho alimentação, lá eu almoço lá, então hoje é mais facilitado para mim .

PESQUISADORA: Os dias que você não treina, você vai lá na Tupi?

A17: Não, eu almoço...

PESQUISADORA: Na empresa?

A17: Ah sim, na empresa é quando eles precisam, aí eles me chamam. Não vou todos os dias lá, é quando tem algum evento aí eles me chamam, quando tem alguma palestra, alguma coisa, aí eles me chamam.

PESQUISADORA: Ah tá, entendi.

A17: Mas é muito legal o relacionamento que eu tenho com eles lá. E tem a competição dos funcionários da empresa, semana passada a gente competiu, eu ganhei os 400m e fiquei em segundo nos 200m competindo com as meninas que não tem deficiência e foi bem legal. Eles têm um respeito muito grande, assim, comigo e é super legal nessa competição porque vem gente de todo, agora foi o regional e nós temos o brasileiro que vem de vários estados, várias empresas diferentes. Eu fui para Manaus no nacional e o que eu tirei de fotos com o pessoal de outros estados, com o pessoal de outras empresas e é muito legal essa competição e essa integração com os outros funcionários, até da própria Tupi mesmo, é bem interessante.

PESQUISADORA: E além do seu técnico, tem mais alguém, algum profissional?

A17: Tem meu guia, né, que é o Rafael, que corre comigo, são só esses dois. E na academia, porque o Nelsinho manda quando a gente tem, e eu treino com o Rafael na academia, na pista. Às vezes na pista tem alguma dificuldade e ele pega e ajuda, tem uma treinadora lá, tem um senhor também dá uma força para gente. Aí tem na academia também, quando a gente tem alguma dificuldade "ah, o que posso trabalhar aqui?". Tem um personal lá que, assim, dão uma força para gente lá na academia, né.

PESQUISADORA: Tem alguma dificuldade onde você treina?

A17: Não, a única dificuldade que eu tenho aqui em Joinville é a estrutura de treinamento como está hoje, né. Chuva, assim, atrapalha o treino de pista aí nós temos que fazer outro tipo de trabalho na academia ou na rua, né, e isso prejudica um pouco. Mas nós quando temos dias secos, assim, eu acho até uma facilidade pra treiná.

PESQUISADORA: De antes?

A17: Mudo, mudou e a academia é muito boa, tenho bolsa lá, não pago nada lá.

PESQUISADORA: E isso foi tudo uma conquista recente, vamos dizer assim?

A17: A academia já faz 3 anos, é uma academia dentro do shopping, né.

PESQUISADORA: Dentro da sua vida esportiva até que é recente, né?

A17: Sim, sim.

PESQUISADORA: O que é 3 anos perto de 21, né?

A17: Com certeza e não foi assim. Eu fui lá tentar e nada, e eu só consegui essa bolsa porque o meu dentista malha lá e lá é uma academia que tem muitos médicos, muitos empresários assim sabe, mais o pessoal da classe média alta. Então esse meu dentista malha lá, até não é esse de agora, é um outro, e ele conversou com o dono que no mesmo dia já me ligou, falou para eu ir lá. E no começo era bem engraçado, o pessoal não falava comigo ficava meio assustado, admirava também porque malhava assim normal, e pego peso muito

mais que o pessoal que está lá a mais tempo. Agora depois foram acostumando e eu chego lá e todo mundo vem falar comigo, cumprimentam, os rapazes que trabalham lá brincam comigo, é bem, iihh, sacaneio bastante eles. Quando eu tô em um aparelho " puxa isso aí eu não consigo, o Rafael está maltratando você". Aí é bem legal ver o relacionamento que eu tenho com eles, com os funcionários e com os alunos também que malham lá. Eles fazem questão de vir falar quando tem uma competição, eles ficam sabendo, vem, desejam boa sorte, agora que está todo mundo sabendo que nós vamos para Pequim, sempre vem um ou outro ...

PESQUISADORA: É que você conquistou isso porque você é muito carismática. Eu tenho observado e feito entrevistas com todos e você é muito carismática e então às vezes não basta você só ser o atleta porque às vezes só o atleta e pode ir a uma academia e não ter o mesmo relacionamento que você tem.

A17: Como tem atleta que malha lá e não tem.

PESQUISADORA: E essa coisa carismática não é todo mundo que tem não, viu!

A17: Como eu estava te falando do Antônio, ele é secão, daquele jeitão dele, mas é uma pessoa que a gente admira, né.

PESQUISADORA: Demais, demais.

A17: É igual meu técnico, ele é uma pessoa que eu tenho uma admiração e um carinho muito grande. Porque ele foi atleta, foi em olimpíada, foi em Los Angeles, foi em Moscou e ele não mudou, ele é a mesma pessoa de quando era atleta, né, simples, amigo. Essa semana mesmo quando eu fico assim meio desanimada, eu converso com ele e ele me bota lá em cima, sabe. Ele liga: "Oh, minha filha!". Aquele carinho que ele tem, aí eu tô aqui e ele lá e eu treinei quando eu morava no Rio, aí eu treinei com ele. Treinei com o professor Ronco, depois com ele, então o mesmo, a amizade que a gente tinha quando eu morava lá continuô. Tanto que eu vim treinar aqui, treinei com outro técnico, não deu certo e voltei a treinar com ele. E ele não é só um técnico, ele é um amigo muito bacana, sabe. Então, é como você falou carisma é uma coisa que a gente já nasce com isso, não adianta a pessoa querer forçar, ser uma coisa que não é.

PESQUISADORA: E, além disso, se bobear dependendo do cargo que ela ocupa, né, ela fica ainda menos carismática, porque sobe na caixinha de fósforo e já faz discurso.

A17: Fica e eu tava te falando de atletas, né, que os atletas mais antigos tem uma cabeça, os de hoje já tem uma outra completamente diferente, quando eu aqui em Curitiba a gente estava numa competição e veio uns rapazes do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre. Aí falaram "a gente pode tirar uma foto?". Aí eu falei "claro". Aí cheguei, fiquei conversando sorrindo e conversando. Aí um falô "vou ter que falar uma coisa", eu falei já vai me fofocar, "não mas eu vou ter que falar tem sem citar o nome da pessoa quando a pessoa que tava guiando viu que a gente ia pedir para tirar foto, ela disse: ah, vamos sair que já vem logo esse bando para tirar foto".

PESQUISADORA: É, ela, a pessoa, é mulher?

A17: É, é mulher. E aí ele dizendo assim "nossa já tinham me falado de você e agora que eu conheci realmente é o que falaram mesmo". Então medalha de ouro, medalha do que for, isso nunca vai me mudar, as pessoas podem dizer comentários de mim aí, que você sabe que no seu trabalho você tem pessoas que te admiram, que te respeitam, como tem pessoas que querem te detonar.

PESQUISADORA: Sem dúvida

A17: E no esporte é a mesma coisa, eu fico mais feliz em competir com o pessoal do Sesi, fora do Brasil do que competir aqui no Brasil. Eu prefiro competir longe das minhas adversárias aqui do Brasil, não todas, porque tem atletas aqui que eu dou super bem, mas tem umas que eu não me dou bem, que não tem um pingo de respeito pela minha história e, não só pela minha, mas de muitos outros atletas que foi quem começou a construir os frutos que eles estão colhendo hoje.

PESQUISADORA: Exatamente.

FILHA DE A17: E outra coisa são meus amigos. Que onde eu vou eles querem que ela vá junto. Já conquistou meus amigos ela. Tem um até que quando eu não pude ir, meu amigo foi.

A17: O Marcelo. Então, sempre quando eu viajo, eu trago uma coisinha pra eles, um cartão postal, uma lembrancinha. Aí eu fui pra uma viagem, até um evento da gol, né. Aí, minha filha tinha prova, Rafael tava no hospital, aí eu disse: "Filha, vô chama o Marcelo!". Aí, eu liguei "Marcelo, vamos para São Paulo comigo?". Aí ele "Ah, se minha mãe não deixar eu vou assim mesmo". Aí a mãe dele deixou, ficou super contente e a gente se divertiu bastante, no hotel, a gente foi para sauna, para piscina. Ele tem 17 ou 19?

FILHA DE A17: Tem 16.

A17: Esses dias no aniversário dela fomos na pizzaria. Ele é um barato, assim, esse menino, muito legal, é um coleguinha que ela tem que é o que eu mais gosto de sair, ele é bem engraçado.

PESQUISADORA: E falando em Sky, como você vê a mídia no esporte adaptado principalmente depois de Atenas?

A17: Olha, hoje, começou em Sydney, né, a divulgação, mais divulgado em Sydney e depois veio Atenas, que teve um canal só para divulgar as paraolimpíadas. E hoje os jornalistas procuram os atletas, a alguns anos isso não acontecia como eu, o Clodoaldo que já somos mais conhecidos que já temos uma história, os jornalistas procuram e quantas vezes a gente ia para competição e ninguém sabia. Hoje você vê que sempre está saindo alguma coisa "Ah, os atletas paraolímpicos foram para tal competição". Das paraolimpíadas já estão falando e isso a mídia ajuda muito para os atletas, até para os

atletas estarem conseguindo patrocínio. Porque sabe, com a divulgação da mídia, as empresas tem interesse de estar botando sua marca, né, e é assim, só que tem mídia que também ajuda e como também tem que cuidar muito da mídia que tem cuidar o que você fala porque às vezes você fala uma coisa e eles colocam outra, e às vezes tem canal que tu tem uma marca, eles escondem, não deixa aparecer. Tem essas coisas também, não é só o lado bom, né. Mas esse salto que deu da divulgação do esporte paraolímpico foi muito bom, não só para gente que está a mais tempo como para atletas que estão vindo.

PESQUISADORA: Certo, em razão do seu sucesso, você já pensou em algum projeto social, você participa de algum grupo de discussão com relação a pessoa especial?

A17: Eu penso sim, quando eu parar, não agora porque quando o atleta tá em atividade não dá para pensar em muita coisa, eu falo na minha modalidade, né, ou você treina ou você se dedica atrás dos resultados ou você pensa em outras coisas porque não dá. Mas quando eu parar, eu penso sim, viu, eu adoro crianças, eu adoro. Eu vim de uma família simples e adoro ajudar as pessoas, as coisas que eu não tive, eu fico feliz em poder estar ajudando, como ali na pista, tem as crianças e eu fico imaginando quando eu comecei e fico pensando quando eu parar eu quero muito trabalhar em algum projeto com crianças e poder estar ajudando essas crianças a crescer, né, e a melhorar sua qualidade de vida, eu penso nisso tudo.

PESQUISADORA: Como um projeto, né. A17, para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A17: Olha, eu acho que tem muitos atletas hoje, que não são muitos, que tem um patrocínio, que tem um apoio maior, mas você sabe que tem muitos atletas que passam muita dificuldade para treinar. Às vezes não tem nem a passagem para ir, eu acho que essa bolsa que tem, o bolsa-atleta, e às vezes tem atletas que não treinam tanto e conseguem e, às vezes, tem atletas que treinam pouco e não conseguem e muitos desistem de treinar porque tem que trabalhar. Eu acho que para isso tudo mudar, eu não sei, mas eu acredito que isso teria que ter alguns projetos na cidade como infelizmente tem mas não é realidade não é o que eles mostram. Como aqui em Joinville que tem os atletas que às vezes ficam 2, 3 meses sem receber e eles não treinam porque não tem como ir para o treino. Então às vezes a gente perde muitos talentos por falta desse apoio, né. Então, eu acho que para surgir novos atletas não só no esporte paraolímpico como no esporte olímpico teria que a base ter um apoio a mais, não sei se do governo ou de repente das prefeituras, das fundações, mas eu acho que tem muitos talentos que são desperdiçados por essa falta de apoio que os atletas não tem. Aqui em Joinville tem uma garota, que eu até dei um tênis para ela, ela calçava 36 agora ela calça 39, tem 12 ou 13 anos, eu disse "não posso nem te dar tênis mais". Porque eu dei quando era 37, né. A garota, acho que tem 13 e está maior do que eu e está correndo, esses dias correu para 12 e 60, 12 e 70. Então é um talento que eles estão vindo bem devagar com ela para não forçar porque é muito novinha, mas é um talento. É uma garota que se tiver uma boa estrutura, um bom treinamento, dar condições dela treinar, ela vai ser uma grande atleta. E como eu te falei, tem talentos que às vezes não sabem se

vai continuar, se vai chegar ao topo aonde tem condições de chegar ou não. Eu sempre falo que se ela estiver precisando de alguma coisa e eu puder ajudar, aí eu ajudo. Às vezes eu dou roupa, porque lá na pista tem top meu que vai ficando mais usado, essa semana mesmo eu levei uma bolsa já com roupa de treinamento, dei tudo para eles e eles ficam tudo alegre. Esses dias eu dei 2 tênis de presente vai ficando mais usado e não dá, né. E eu tenho um problema sério, fiz duas cirurgias no meu joelho, então quando o tênis vai ficando gasto, eu começo a sentir um pouco, já tenho que trocar, aí eu pego e dou lá na pista. Teve uma menina que chegou para mim e disse " ó, A17, eu competi com o tênis que você deu para mim e eu ganhei a prova". Ela disse assim como se fosse o tênis que eu dei para ela que tivesse dado sorte e ela ganhou a prova por causa do tênis. Então isso para mim é muito gratificante, eu fico muito feliz de poder ajudar. Quando eu posso, no que eu posso, eu dou e falo para técnica dar para aqueles que precisam mais e sempre que eu tiver eu vou trazer e eu dou, o Rafael leva também as roupas. Às vezes a gente leva camisa novinha, né, coisa novinha que não vai usar porque ganha muito, né, você vai num evento ganha um, vai em outro ganha. Então, pra gente não faz falta, né. A gente dá lá na pista e eu fico feliz com isso, de poder estar ajudando.

PESQUISADORA: Você se sente realizada, quer algo mais, tem algum sonho, A17?

A17: Olha, a gente sempre quer mais, né.

PESQUISADORA: Ainda bem, né, senão morre, né!

A17: Acho que eu realizei muito meus sonhos, muitas coisas que eu sonhava ter. Minha casa, eu realizei, ter as minhas coisas assim, mas eu ainda sonho muito. Como eu te falei, nos estudos eu quero terminar meus estudos, no esporte eu ainda quero, assim, ir mais. Eu ainda penso em mudar de prova, eu acho que eu ainda tenho condições de fazer muito ainda pelo Brasil. Eu sei que eu tenho um talento e ainda dá pra competir mais alguns anos e conquistar mais alguns resultados no esporte e eu acho que na vida pessoal é a minha filha aí, está estudando, ver ela formada. E agora também me preocupar em estar conquistando as coisas no lado pessoal porque eu sei que essa vida no esporte vai acabar não vai ser para sempre e aproveitar esse momento que eu estou tendo de patrocínios e estar investindo nas coisas que depois eu posso ter uma vida mais tranqüila quando eu parar. Esses são meus objetivos, meus sonhos, né, espero que eu consiga realizar esses como eu consegui realizar os outros. Até vou te contar uma coisa que eu esqueci de te contar antes, eu quando tinha 13 anos, eu estava lá na minha mãe, né, sentada lá na porta assim brincando, né, aí eu não me lembro o que a gente estava conversando, aí eu brinquei com a minha irmã e disse: "eu ainda vou ser uma atleta conhecida", isso eu tava conversando, aí eu disse a ela: " e eu vou aparecer na globo", porque a gente sempre tem essa coisa da globo, né.

PESQUISADORA: Como diz o Clodovil: poderosa!

A17: E eu disse a ela: "eu vou aparecer em todos os jornais e em tudo, né", brincando assim. E isso depois de entrar para, comecei a competir, em 2000 isso tudo aconteceu. Eu apareci na globo, no Jornal nacional, 2 ou 3 vezes, aqui no Brasil, aquela cena do Gerson me abraçando, né. Então foi assim, eu acho que eu falei com tanta vontade que acontecesse, fiz tudo com tanta determinação, com tanta força de vontade que tudo aconteceu e hoje eu

sou uma atleta que tô sempre aí em jornal, tô sempre aí em revista, já apareci na TV aqui em Joinvillle, semana passada mesmo saiu no jornal, na capa do jornal, uma matéria minha. Então isso para mim foi realmente que eu realizei um sonho, achei que de repente foi uma brincadeira e isso tudo realmente aconteceu na minha vida. É como eu tava vendo um programa que dizendo para gente ter um pensamento positivo, né , que é uma coisa que se você tem pensamentos negativos você atrai coisas negativas e quando você pensa no lado positivo, isso só vai te dar bons fluídos para você poder ter sempre aquela energia positiva e poder realizar o que você sempre tem vontade de realizar e eu digo que isso aconteceu comigo. Não digo para você que é só flores, né, tive meus momentos difíceis tive meus, momentos de angústia, momentos em que eu pensei em desistir, momentos em que eu achei que foi muita injustiça comigo, mas eu não desisti e já teve momentos que eu via que tinha pessoas que queria que eu desistisse que saísse de time, né, mas eu não sai e não vou sair. Só vou parar o esporte quando eu achar que é o momento que eu devo parar, mas enquanto eu tiver vontade e fazendo uma coisa que eu gosto, eu vou estar ali, se Deus quiser, e espero que Deus me dê força, minhas pernas, né, às vezes eu levanto e estou toda dolorida, pareço uma velha, dói as costas, dói o joelho, mas eu acho que ainda vou uns anos ainda, se Deus quiser.

PESQUISADORA: Se Deus quiser mesmo, eu também quero ver. Qual a contribuição que você enquanto atleta quer fazer para a sociedade, para o ser humano e para o esporte?

A17: Olha, estar passando para essas pessoas, principalmente os deficientes, né, que o esporte é saúde, que o esporte é vida e que a gente pode conseguir muitas coisa com o esporte. E mostrar para a sociedade que o portador de deficiência, quando ele quer, ele pode, ele consegue, né. E mostrar que a gente não é esse coitadinho, acho que a gente já tem mostrado bastante, mas a gente vive num país de preconceito a gente sabe que existe muito preconceito e sabe que os atletas é conhecido as pessoas vêem diferente, mas se você não é um atleta sempre passa muito tipo de preconceito, eu acho que isso, eu quero estar passando isso, eu quero que isso mude.

PESQUISADORA: Qual a contribuição que você enquanto atleta quer fazer para a sociedade, para o ser humano e para o esporte?

A17: O esporte, eu acho que já fiz muito, né. O esporte paraolímpico, eu faço parte de isso tudo que está acontecendo hoje, né, pelos meus resultados. Não só eu mas como *(troca de fita)* Então, muitas coisas que mudaram no esporte eu devo aos meus resultados, e de outros atletas também, mas acredito que eu fiz muito e ainda posso estar trazendo, ajudando muito o esporte paraolímpico. Eu acredito que sim, como sou conhecida muitos atletas conhecem a Ádria, conhecem o Clodoaldo, conhecem a Rosinha, conhecem alguns nomes não que tem muitos atletas mais é que tem alguns bem conhecidos, né. Então muitos atletas acabam se espelhando, né, nesses nomes mais conhecidos, então, isso é muito bom. E ajuda a gente como atleta que se sentir bem também podendo ajudar, como ajuda também esses outros atletas muitos que estão dentro de casa e sai de casa porque viu a Ádria, porque viu um atleta na televisão ou com a mesma deficiência dele, né, e acaba vindo. Como muitas pessoas já chego para mim "Eu vi você em casa pela televisão e comecei a praticar o esporte". Então isso é muito bom para gente saber que esta ...

PESQUISADORA: Encorajando, né!

A17: Até muitos pais também que tem seus filhos deficientes e vive com eles escondidos dentro de casa por não ter conhecimento, por não saber que tem muitas coisas que o deficiente pode fazer. Não só no esporte, mas no lado profissional tem muitas coisas que o deficiente pode estar fazendo.

PESQUISADORA: A17, você gostaria de fazer algum comentário, agora a palavra está aberta.

A17: Bom, eu quero agradecer a você, né, por ter me procurado, acho que por a minha história de vida, pela minha história dentro do esporte. E como a gente falou agora pouco, né, as coisas boas que o esporte traz para o atleta, esse conhecimento. Acho que se eu não fosse atleta, você não estaria aqui, não teria essa oportunidade de estar te conhecendo. Então, isso para mim isso é muito importante. Acho que não só para mim, como para minha filha, ver como é um atleta e eu gosto de passar isso para ela, as coisas boas, né, e mostrar para ela, ser uma pessoa honesta, fazer as coisas com honestidade, com vontade, a gente sempre vai para frente, né, e dizer para você que quando precisar de mim pode ficar a vontade e quando quiser vir conhecer Joinville, passear, pode vir.

PESQUISADORA: Ah, eu vou voltar, vou voltar com calma, depois que você voltar de Pequim, aí você me leva para conhecer Joinville .

A17: Tá bom vem sim.

PESQUISADORA: Eu é que agradeço e olha realmente a fama que você tem é o que você é realmente. Uma pessoa extremamente carismática. Olha, não é pra falar não, eu tô encantada. Porque, olha, você tem um carisma ,você me recebeu na sua casa de portas abertas. O acesso com você foi muito tranqüilo, você responde aos telefonemas: “Alô, sim, posso”.

A17: Só não atendia quando estava treinando.

PESQUISADORA: Exatamente. Então, o acesso com você é muito tranqüilo, aqui eu vi a tua casa, a tua vida, teu jeito de ser, a sua filha, e é isso que eu quero é um pouco mostrar no meu trabalho, sabe A17. É essa trajetória de vocês, com a dificuldade, com uma filha, com toda a dificuldade que você teve e o que você tem hoje. E hoje todo mundo vê a A17, o sucesso, na globo, mas o que passou a A17, né, qual foi esse caminho, né, que você estava lá no instituto, que saiu de lá, que a escola não quis te receber até, essa escola hoje deve estar se corroendo, né.

A17: Eu voltei lá em 2000 quando eu voltei de Sydney, eu fui em Nanuque, e andei pela cidade toda. E estou até para voltar para receber o brasão da cidade e não voltei ainda para receber. Mas foi bem interessante, assim, voltar e é tudo diferente, voltei na casa onde a gente morava e eu não esqueci de nada assim. Eu sabia certinho onde era os lugares, tinha tudo assim na mente, né. As casas das pessoas conhecidas, dos parentes até fui na casa de uma tia minha que faleceu no ano passado, de câncer. E ela me deu um doce caseiro que eu

adoro, um doce de coco, e ela fez aquele doce para eu levar para casa. E foi muito legal, eu ainda quero voltar lá quero levar minha filha lá, eu ainda quero voltar lá para ela conhecer também a cidade de onde eu vim e não sei se você já ouviu falar de Namuque?

PESQUISADORA: Não.

A17: É uma cidade que tem 5 mil habitantes, e ela tem uma pedra no meio da cidade, uma pedra imensa e tu pode subir de carro lá em cima e tu vê toda a cidade de lá. Mas é bem interessante essa pedra que tem lá, todo mundo que conhece fala aquela pedra, imensa, imensa mesmo. E tem o rio, o rio Mucuri que passa na cidade também. E na época que a gente tava lá, em 81, eu era pequena e teve uma enchente na cidade porque tinha o rio e enchia muito, alagava toda a cidade. A gente morava mais longe, mas o pessoal que morava próximo era muito triste. Meu pai levou pra gente ver, aquelas casas assim, pessoas perdendo as coisas. Agora não, porque eu acho que o rio, afundaram mais. Mas na época quando tinha aquele mês de muita chuva, sempre dava uma enchente.

PESQUISADORA: Você já se sentiu discriminada, A17

A17: Olha, como eu te falei, né, às vezes tem coisa que a gente tem que fingir que não aconteceu, né. Até semana passada, eu fui ao banco e depois que eu parei pra pensar, né. Na hora eu fiquei tão estressada que eu nem parei pra pensá, e já aconteceu isso duas vezes no banco, uma no Rio de Janeiro e aqui semana passada. Eu fui no banco pagar uma conta, eu e minha filha, e eu tenho o cartão e tô acostumada a fazer sempre na mesma agência, e fui no banco e a mulher falou: "Ah, você tem que ter a sua identidade". Aí eu disse que a identidade estava no carro, tinha ido na universidade e tinha deixado a carteira no carro, e eu disse a ela "Não, mas eu só quero pagar a conta", era só ela passar o cartão, coisa que eu tô cansada de fazer, né. A mulher cismô que eu tinha que ter a identidade, só que ela não falava comigo, ela olhava para minha filha e falava com ela. Aí minha filha disse assim "Pode falar com ela". Aí eu disse assim " Ó, moça me dá meu cartão que eu vou em outra agência e não vou fazer aqui". Aí ela disse "Não, mas não dá, sem ter identidade tu não pode". Eu falei assim: "você acha que é a primeira vez que eu tô entrando num banco? Eu estou cansada de fazer pagamento e movimentação no banco. Faz favor, me dá meu cartão". A mulher me deu, eu sai, aí uma moça me ajudou a fazer no caixa eletrônico. Então aquilo ali foi um pouco de discriminação, de preconceito, assim. Só que essas coisas depois que eu fui parar para pensar, porque na hora eu devia ter chamado a gerente e dizer "olha, está acontecendo isso, isso, isso e você tem que orientar seus funcionários que existe pessoas com deficiência que tem condições de fazer as coisas". Só que depois eu sai e cheguei no outro banco, aí tu vê a coisa da simpatia, né, da pessoa ser simpática. Cheguei no banco e o rapaz "boa tarde, a nossa atleta". Aí dei a conta para ele e ele me atendeu brincando, rapidinho, me atendeu, aí eu sai, aí eu falei tá vendo se a gente fosse se estressar por causa de uma pessoa, porque você encontra uma pessoa mal humorada, mas você encontra várias pessoas que vão te tratar bem. Então, nem vale a pena você ficar se estressando, se preocupando com uma meia dúzia.

PESQUISADORA: Na infância, você lembra de alguma situação assim, como é que você lidava?

A17: Não, porque eu brincava assim normal, então não tinha preconceito. Porque cidade pequena tem aquela coisa assim, eu não gosto muito de interior por causa disso, né, porque eles não tem muito contato com deficiente, né. Então, às vezes, você é olhado meio diferente, né. Hoje que eu não enxergo eu percebo mais, né, antes era criança, mas é, as pessoas ficam assim meio assustadas, né, com o deficiente, nas cidades bem pequenas, né.

PESQUISADORA: É.

A17: Como na cidade grande também tem deficientes que não saem de casa, lembra essa novela que passou América, até eu participei.

PESQUISADORA: Ah, é, vi, é verdade.

A17: Aí tinha aquela garotinha, a Flor, né, que quando ela saia a mãe dela ficava com vergonha, né. Não era maldade da mãe dela, mas para não expor a menina, né, pras pessoas não olharem estranho, pra não expor a garota. E depois ela foi vendo que aquilo tudo não era certo que ela fazia. Aí passô a garotinha, não conhecia o que era uma rosa, não tinha noção do que era altura. Esses dias a gente tava comentando e isso acontece, não só na novela, acontece na vida real da criança. Às vezes, o cego não conhece as coisas, os pais não mostram para deficiente, como tem pais que não tem preocupação de ensinar bem de pequenininho, né.

PESQUISADORA: Olha que delícia viu...

Entrevista
A18

PESQUISADORA: Idade?

A18: 37 anos.

PESQUISADORA: Ocupações?

A18: Instrutor.

PESQUISADORA: Instrutor, é de...

A18: Coordenador de artes marciais.

PESQUISADORA: Ah, tá. Grau de escolaridade?

A18: Segundo completo.

PESQUISADORA: Vamos falar um pouquinho dos aspectos relacionados a sua deficiência, ela é adquirida?

A18: Adquirida.

PESQUISADORA: Você pode contar um pouco da história da aquisição da sua deficiência?

A18: Eu fiquei com deficiência no olho esquerdo com 13 anos brincando com estilingue e a mamona e do olho direito eu fiquei completamente cego por um deslocamento de retina provocado por infecção alérgica.

PESQUISADORA: Estilingue?

A18: Estilingue e a outra de infecção alérgica.

PESQUISADORA: Que você é um atleta ouro, a gente acompanha na mídia. O que eu queria saber um pouquinho, assim, como foi a sua infância. Você brincava, brincava do que, com seus amigos, da relação com amigos, se você tinha namorada enfim conta um pouquinho da tua infância.

A18: A minha infância foi idêntica a de qualquer garoto, tá. Eu brincava muito, era muito arteiro, e meus amigos brincavam muito de bola, caçava muito, saia pro meio do mato para caçar, por isso que eu fiquei com essa deficiência no olho esquerdo, né. Brincando de estilingue no meio do mato acabaram acertando uma mamonada no meu olho e eu acabei ficando deficiente. E era muito arteiro e o judô chegou muito cedo para mim também, chegou aos 7 anos de idade já tava, por intermédio do meu pai, no círculo dos meninos

patrulheiros da onde que iniciei o judô. E aos nove anos de idade, eu comecei a praticar o judô competitivo na Volkswagem Club e comecei a competir. E aos 13 anos sofri a minha primeira deficiência do olho esquerdo, mas não parei, continuei a fazer a prática de judô como competidor regular e no judô regular obtive vários títulos: campeão paulista, campeão regional, campeão brasileiro e outros que eram do judô regular e aos 19 anos me vi obrigado a parar porque eu estava ficando cego da outra vista por um deslocamento de retina provocado por uma infecção alérgica. E fiquei parado um ano e meio e vim a conhecer o desporto paraolímpico, a competir novamente, totalmente cego, no judô regular em 1993. Em 1993, eu conheci um professor chamado Fernando da Cruz que me chamou para estar competindo para ele o brasileiro, no Rio de Janeiro. Dali em diante, eu comecei a competir com os judocas que eram cegos ou deficientes visuais e comecei a obter títulos e, em 1993, eu fui a primeira vez campeão brasileiro pelo segmento paraolímpico. Em 1994, viajamos para o Caribe. Em 1995, viajamos para Colorado Sprint, e em 1996, foi a minha primeira olimpíada em Atlanta, onde eu conseguí uma medalha de ouro para o Brasil, onde só saíram duas medalhas de ouro que foi a do Caco e que foi a minha. E em 2000, eu competindo ainda no judô regular, eu nunca larguei o judô regular, sempre competindo e treinando no judô regular, e 2000 chegô e eu novamente fui para Sydney e consegui a minha segunda medalha de ouro na modalidade judô, categoria médio. 2004 chegou também e novamente eu estava em Atenas e consegui mais uma medalha de ouro na categoria meio pesado, para o Brasil no judô

PESQUISADORA: É verdade que há videntes que tem ciúme de você no judô regular? *(risos).*

A18: Eu acho que o ciúme, né, faz parte do ser humano. Faz parte do ser humano a gente desejar, cê entendeu? Mas eu acho que Deus me deu esse dom de estar em cima do tatame e quando eu estou entre as 4 linhas tô bem tranquilo para estar decidindo as minhas situações com os meus adversários.

PESQUISADORA: Nessa história que você me falou em que momento exatamente, A18, que você entrou para a seleção? Como é que foi isso, quem te chamou, como é que você recebeu a notícia?

A18: Minha primeira ida para a seleção para participar de um campeonato foi em 1993. Foi o professor Fernando da Cruz que me integrou a seleção paraolímpica e daí em diante eu nunca mais sai da seleção paraolímpica desde 1993 eu faço parte da seleção paraolímpica.

PESQUISADORA: Você se lembra do seu tempo na escola como era, você tinha aula de Educação Física?

A18: Não, não tinha não, porque naquele tempo não era obrigatório. Então, eu não tinha muito contato, mas também não gostava de futebol não, porque eu era muito ruim.

PESQUISADORA: E era o que tinha nas aulas?

A18: Era o que tinha e não gostava muito. E era muito arteiro também, um moleque espoleta e quando eu ia jogar bola sempre ou machucava alguém ou alguém me machucava então ...

PESQUISADORA: Então da Educação Física você não teve nenhum contato na escola?

A18: Eu tive aquele contato básico que era bola, mas era o último a ser escolhido, cê entendeu? E eu tive esse contato aí com Educação Física e te falo, como sou atleta, eu não tenho vontade nenhuma de seguir a carreira de Educação Física.

PESQUISADORA: Olha só!

A18: Não tenho vontade nenhuma.

PESQUISADORA: Você acha que o professor poderia ter estimulado um pouco mais ou as atividades poderiam ser um pouco mais, de repente adaptadas ou, né?

A18: Não, porque na época eu não era portador de deficiência total, eu tinha uma visão e com isso supria.

PESQUISADORA: Exato, então quando você participava era por interesse seu?

A18: Por interesse meu. E lógico que, naquela época, faltava muito mais informação. O professor não tanta informação como tem hoje, mas o que a gente vê hoje é que escola não está preparada para receber o portador de deficiência. A escola, a faculdade, muitas vezes, não está preparada, os professores não estão preparados para ensinar portadores de deficiência.

PESQUISADORA: Na escola, você já se sentiu, alguma vez, discriminado?

A18: Na escola não, na escola não, porque eu era sempre o garoto mais forte da classe. Então eu nunca fui, assim, discriminado não, sabe nunca fui. Então as pessoas tinham um pouco de respeito ou medo, não sei, porque eu era muito arteiro, muito levado.

PESQUISADORA: Para você a Educação Física contribuiu ou não para o seu sucesso esportivo?

A18: Não, pra mim não.

PESQUISADORA: Não contribuiu, né?

A18: Não contribuiu.

PESQUISADORA: Outra questão que eu queria entrar na sua modalidade atual é a medalha de ouro em Atenas, pra você, o que representou ou modificou no campo social, no campo financeiro?

A18: No campo social se a gente for ligar com o campo financeiro, né, no campo social não há muita mudança, né. No campo social, você ainda é discriminado todo o tempo, como todo portador de deficiência é. Portador de deficiência, se você tiver com um cego na rua, a pessoa nunca vai se referir a você, ele vai se dirigir a outra pessoa que tiver com você, nunca vai se dirigir ao cego, pode ser quem for. No campo financeiro, lógico que me trousse vários...

PESQUISADORA: Ui não, não se preocupe pode ficar sossegado, vou pegar ele aqui atrás.

A18: Que tombo heim, quebrou?

PESQUISADORA: Não, só vou pôr a pilha dele aqui. Prontinho, pode continuar. Aí você estava falando da rua do tratamento das pessoas.

A18: Eu acho ainda a população, a grande população, ainda quando vê um portador de deficiência na rua, eles não estão acostumados ainda com os portadores de deficiência, né. Vamos colocar que nós somos 180 milhões de pessoas no Brasil e 10 milhões só são acostumados com portadores de deficiência, conviver com o portador de deficiência, saber que ele é capaz. Muitas poucas pessoas sabem do que o portador de deficiência é capaz. Então quando você pega uma pessoa instruída que se dirige a você, mesmo você não olhando nos olhos dessa pessoa, fala com você se torna muito mais fácil de a gente mostrar nossa capacidade, de mostrar quem você é para aquela pessoa te conhecer e começar a te admirar. E hoje no Brasil e no mundo tem poucas pessoas assim ainda, né, de olhar para um portador de deficiência e ver uma qualidade de pessoa como qualquer outra pessoa. A gente sempre fala, se o Silvio Santos hoje perder as pernas, será que ele vai parar de ser o Silvio Santos porque está numa cadeira de roda? Será que um professor acadêmico, o reitor lá da UNICAMP, se ele ficar paraplégico, será que ele perdeu a capacidade de pensar? Muito ser humano vai olhar para ele como coitado, vai afastar do cargo, vai fazer isso, porque não aprendeu a respeitar a situação do outro. A questão do social no Brasil, a história do Brasil é isso, é respeitar o direito do outro. Como eu posso pensar, como eu posso ver meus objetivos saber respeitar isso. Eu acho que quando a gente começar, as crianças, a conviver mais com o portador de deficiência, começar a escola ser preparada para portadores de deficiência, quando eu falo a escola, os professores ser preparados pra portadores de deficiência, ver que o garoto que está lá ele tem que ser cobrado no mesmo nível que o outro garoto que está lá. Aí sim a gente vai ter um nível social melhor para o deficiente, só que isso nunca vai acontecer, nem aqui e nem em lugar nenhum do mundo.

PESQUISADORA: Você sabe que isso que você falou é interessante, porque eu tenho um irmão especial, ele teve anoxia no parto e ficou com uma deficiência mental. Então hoje ele é independente, come sozinho, mas ele nunca será um moço independente totalmente e essa questão que você falou da escola, da convivência e naquele tempo, né, hoje isso está caminhando ainda, né.

A18: Está se arrastando, né?

PESQUISADORA: No tempo dele mais ainda quando ele foi para classe especial era aquela...

A18: Gozação.

PESQUISADORA: Aquela coisa, né, e eu presenciei muito isso principalmente, do preconceito. Só para contar um pouquinho, e quando falam destas questões é que eu acho tudo tão igual que eu não entendo quando as pessoas falam, essa questão do preconceito, né, na minha cabeça é meio...

A18: É porque eu acho que você sofre dentro da sua casa uma situação, né. Uma situação que você tem um irmão portador de deficiência, então você sabe como tratar da situação. E você pode estar aqui comigo e conversando e dizer: "Pô, o A18 é capaz de, ele só não enxerga, ele é capaz de amar, ele é capaz de trabalhar, é capaz de realizar seus atos". Como uma pessoa comum, lógico que eu preciso de alguém para tomar um ônibus quando eu estou de ônibus, eu preciso de alguém para ler para mim um jornal, é lógico, mas esse é o meu limite e você também tem suas necessidades especiais.

PESQUISADORA: Todos nós, né?

A18: Todos nós temos nossas necessidades, mas que pode ser suprida com a ajuda do outro. Se o outro tiver compreensão, um pouquinho, eu acho que dá pra suprir e não ter esse preconceito. Quando eu chego num hotel para me hospedar e quando eu não posso preencher a minha ficha, poxa, o cara fica todo perdido, mas por que que ele fica perdido? Porque não foi preparado para aquele momento, ele não foi preparado. Quando a gente chega num restaurante lá para comer, poucos mestres de cozinha tem capacitação para receber os portadores de deficiência, né, poucos, porque não sabem trabalhar e chega lá o garçom e coloca lá o refrigerante na sua frente e sai e nem fala se tá ali, poxa, eu pedi o negócio e já está lá faz tempo, entendeu?

PESQUISADORA: Olha mas esse tipo de capacitação, isso é um problema não só nessa área, de forma geral eu acho que eles poderiam ser melhores. Pra tudo, até pra gente, vamos supor que, os atendentes são, aí, eu vou falar viu! Mas enfim, ainda sobre a sua modalidade atual, por que o judô? Por que essa modalidade?

A18: Não, meu pai que escolheu essa modalidade pra mim e eu dei prosseguimento porque eu gostei.

PESQUISADORA: Você se identificou?

A18: Eu me identifiquei, né. Me identifiquei com o judô, eu falo pra você hoje que o judô é uma necessidade pra mim, que é meu ganho, meu meio de ganhar a minha vida, cê entendeu? Se tivesse um campeonato lá na vila sei lá das quantas, eu ia só pra ter o prazer de tá lutando ali. Hoje, o esporte pra mim é uma maneira de eu sobreviver, né. É uma maneira de eu ganhar o meu dinheiro e dar um resultado pro meu país. Então, eu não faço, se fosse pra eu ir pra Pequim de graça, eu não iria pra Pequim de graça. Eu sou profissional, dou duro 4 anos pra isso, então alguém tem que, né!

PESQUISADORA: Até mesmo valorizar o teu trabalho.

A18: Exatamente.

PESQUISADORA: Queria que você comentasse como é a rotina, o dia-a-dia do A18, o treinamento. Porque treinamento, eu fiz natação quando pequena, natação e balé. Eu me lembro no meu tempo de natação, todo dia eu ia treiná, de um lado pro outro da piscina, e naquele tempo ainda a piscina era gelada. Então, aquela coisa, às vezes até meio monótono. Seu treinamento, quantos dias, quantas horas, o local, que profissionais estão envolvidos?

A18: Eu treino aqui em São Paulo, eu treino com a seleção A de São Paulo. Eu treino com garotos de 14 a 22 anos, eu acho que eu sou o mais velho do grupo, com 37 anos. Então minha jornada de treinamento é dura porque eu tenho que acompanha a jornada deles.

PESQUISADORA: Ali no Ibirapuera mesmo?

A18: Ali no Ibirapuera. Eu moro ali no Ibirapuera, e quando eu tô ali eu tenho que acompanhar a rotina de treinamento deles. Então, tem dia que eu treino 4 horas, tem dia que eu treino 3, cê entendeu? Três a 4 horas por dia, todo dia. Quando eu não tô afim, eu não vô não *(risos).*

PESQUISADORA: Também, a essa altura, você pode ser dar a esse direito, né?

A18: Eu acho que a parte da história do judô paraolímpico, modestamente, eu escrevi uma parte dela. Então, hoje, eu tô indo pra Pequim sem uma situação de tá assim, "eu tenho que trazer um resultado". Não tenho que trazer resultado nenhum! Cê entendeu? Eu já fiz a minha parte, né, já fiz a minha parte, tô indo pra lá representar o meu país e ponto. O resultado que vir pra mim, tá ótimo! Tô com 37 anos, vô chegá de Pequim fazendo 38 anos, então, eu, a minha história tá escrita, né, no judô paraolímpico. Pra ter um tri-campeão paraolímpico na modalidade de judô vai demorá, no mínimo, 12 anos, e não vai ser essa geração que tá aqui. Vai ter que haver renovação na seleção pra ter um tri-campeão paraolímpico no judô. E isso me deixa orgulhoso porque eu consegui, nas 3 paraolimpíadas, trazer um ouro pro Brasil. Então meu trabalho foi feito.

PESQUISADORA: Onde você treina, atualmente, você tem a participação de outros profissionais?

A18: Olha, eu costumo dizer que eu sou faixa preta de segundo grau, e tive um aprendizado que você não esquece. É que nem você na faculdade, você não esquece. Lógico que eu preciso de profissionais pra dizer "olha, A18, tá ruinzinho aqui". A gente precisa de trocar idéias. Você vê que os meninos tavam fazendo uma coisa e eu tava fazendo outra coisa completamente diferente do meu treinamento, eu não tava acompanhando o treinamento que era específico pra eles. Por que, porque eu já tenho uma vivência dentro do judô que eles não tem. Então eu preciso fazer o que, no momento trabalhar tática de luta, com a pessoa que vai me coordenar que vai ser o Jocinei. E isso a gente tava passando, quando a gente tá prestes a um campeonato desse porte, começá a se entrosar a tática de treinamento com o técnico. E isso eu tava fazendo hoje. Ele tem que tá entrosado comigo, que é o

técnico da seleção, pra mim trazer um bom resultado, quando ele me transmitir as orientações que vem de fora do tatame. Eu tenho que trabalhá com ele.

PESQUISADORA: Hoje você tem, a diferença de quando você iniciou e agora, com relação aos seus treinos, com relação, assim, se você tem hoje elementos que são facilitadores do seu treino, por exemplo, transporte, adaptação, apoio, material, alimentação, né. E fatores que dificultariam seu treino.

A18: Eu sou bem objetivo, tá! Eu sou bem objetivo com o comitê, com o Gavião você pode perguntar, o mais brigão, eu era o mais brigão *(risos).*

PESQUISADORA: Vou encontrar com ele hoje ou amanhã.

A18: Eu era o mais brigão, hoje eu sei lidar com essa situação tranquilamente. E eu falo, é aquilo que eu falei pra você, se fosse pra mim sair da minha casa pra no fim não ganhar nada, eu não saio! Prefiro ficar na minha casa. Como ele ganha, como ele é profissional, eu quero ganhá também, cê entendeu? Então eu acho que adaptação não há nenhuma, nos ginásios que nós temos não há adaptação nenhuma, né. Não há adaptação, há umas rampas de madeira que eles colocam em locais pra dizer que está adaptado *(risos).*

PESQUISADORA: Adorei isso!

A18: Adaptação no ginásio, pra gente não tem estática, não tem nada. E a questão única dessa locomoção toda, se eu não tiver um patrocínio eu não vou ter um transporte, porque o transporte é precário. Se eu não tiver um patrocinador, ele não ver que eu sou merecedor daquilo, eu não vou ter um carro pra poder pagar um motorista pra me trazer pra treinamento. Se eu não tiver um patrocinador, se eu não tiver ligado a um, sua vida esportiva, sua vida dentro do alto rendimento, tá toda ligada a sua situação financeira. Se você não tiver recurso, você não se alimenta bem, né. E quando eu falo recurso eu não falo salário pequeno não. É um salário que você tem que treiná 4 horas por dia, mas tem que dispor lá de 6, 7 mil reais pra gastar no mês.

PESQUISADORA: Você atualmente, você recebe apoio financeiro? De onde é o seu?

A18: Eu tenho Caixa Econômica Federal e o IBDD. Eu sou um dos 18.

PESQUISADORA: IBDD? Que é o IBDD?

A18: Instituto Brasileira de Direitos da Pessoa com Deficiência. Então eu tenho esses 2 patrocinadores que me suprem, cê entendeu?

PESQUISADORA: Você tem há quanto tempo, A18, mais ou menos pra eu saber assim, de patrocínios na sua vida, antes das medalhas, depois das medalhas. Atualmente, melhorou mais?

A18: Com a Caixa eu vou fazer 3 anos que eu estou com a Caixa. Com o IBDD eu tenho uma relação de quase 9 anos.

PESQUISADORA: 9 anos?

A18: E é isso. Esses 2 patrocínios é lógico que deveriam ter outros patrocínios ligados a esses, mas eu também não sou muito de querer ficar de árvore de Natal, todo enfeitado, cê entendeu? Eu acho que eu tenho 2 patrocinadores fortes que me bastam. Eu querer fazer uma viagem ele tá lá pra me ajudar.

PESQUISADORA: Pra te dar as condições, todas.

A18: Pra me dar as condições que eu tenho que ter. Então esses dois patrocinadores são bons pra mim.

PESQUISADORA: Então, você tem há uns 3 anos, quer dizer, quando você foi pra Atenas, você já tinha a Caixa, não? Ou a Caixa veio depois de Atenas?

A18: Depois de Atenas.

PESQUISADORA: Ah, antes você já tinha um há 9 anos.

A18: Que é do IBDD.

PESQUISADORA: Você lembra de algum momento, em relação a apoio, que você chegou a não ter apoio nenhum?

A18: Olha, quando eu voltei de Atlanta eu perdi todos os meus patrocínios, fiquei até 1999 sem nenhum apoio, nenhum apoio mesmo.

PESQUISADORA: Você se lembra que apoio você tinha na época?

A18: Eu tinha Pátria 3 irmãos, Valdir Cartola. Eu tive várias sequências de patrocínio, eu tive uns 3 ou 4 patrocinadores. Só que como eles não viram também resultado das paraolimpíadas, que não foi divulgada as paraolimpíadas, que não trazia resultado, aí foi se acabando.

PESQUISADORA: E falando em divulgação e trazer resultados, como você vê a mídia no esporte adaptado, principalmente depois de Atenas 2004?

A18: Olha, a mídia, eu sou sincero pra te dizer assim, a mídia, se você não leva o conhecimento da mídia, não tem como ela saber também. Eu garanto pra você que não tem ninguém sabendo que a gente tá treinando aqui. Por que? Porque falta comunicação. Comunicação é minha? Não é minha, eu não tenho que ficar ligando pra repórter. Tem que ter uma parte específica lá dentro do comitê paraolímpico que faça essa parte de comunicação, né. Então se eles não sabem, como é que quer tá na mídia? Se eles não pagam o espaço, como é que eles podem por seus atletas na mídia? "Pô, não pode pagar espaço na televisão com dinheiro do governo". Então acha um mecanismo pra pagá, acha um patrocinador que possa se vincular, né. Eu não jogo a carga disso na mídia, não jogo

mesmo porque a mídia tá lá, só que ela precisa também, nem tudo vem de graça, né. Acho que tem que ter uma parte gratuita, acho que tem que ter uma parte gratuita, mas tem que ter uma parte que tem que ter investimento de empresários, do comitê paraolímpico, cê entendeu? Pra divulgar essa situação. O comitê tem que ter um pessoal específico que hoje eu acho que tá tendo, né. O pouquinho que aparece é pelo trabalho competente do cara, o Malafaia, tá fazendo. É muito pouco, é muito pouco, mas antigamente não se tinha nada.

PESQUISADORA: Perto do que tinha já melhorou, né!

A18: Melhorô bastante! Então vamos esperar agora em Pequim o que que vai ser feito disso, né. Se eles vão continuar divulgando a gente, se vai só passar flashes na televisão. Eu acho que vai só passar flash, né, e na Sportv pode passar direto, né.

PESQUISADORA: É, essa de esporte já em Atenas passava 24h.

A18: Passava na Sportv. É porque o nosso produto também é rendável, nosso produto, quando o investidor lá, a parte econômica investe, ela tem um retorno. Ela tem um retorno de exposição de imagem muito grande. A gente foi o país que mais gerou horas de televisão em Atenas. E quando, tá certo que o nosso país ainda é aquelas pessoas que vê hoje e esquece amanhã, o acontecido. Mas muitas pessoas aprenderam a respeitar os portadores de deficiência depois de Atenas. Vê com outros olhos que é capaz, né, de realização, a capacidade de realização do portador de deficiência. Agora, se pega Ádria, vamô pegá a Ádria, vamô pegá o Clodoaldo, e pegá outros ícones que tão aparecendo dentro do esporte, e vamô vê o que eles estão fazendo hoje, né. Clodoaldo hoje só vive do esporte, a Ádria só vive do esporte.

PESQUISADORA: A Ádria conversei com ela ontem, por telefone, por sinal. Eu vou a Joinville, no princípio nós tínhamos marcado Joinville no sábado dia 16 de agosto, porque ela vai dia 20 pra Pequim, mas 16 de agosto eu não sei se eu vou poder, agora ela até pra passa o e-mail pra confirmá. Então ou eu vô dia 16 ou senão eu acho que eu vou adiantá um pouquinho e vô dia 9 de agosto, porque agora nesse final de semana ela tem competição e no dia 2 também. Extremamente simpática, né!

A18: Extremamente. E pra você vê, o tempo que o patrocinador dela dá, dá tempo dela chegar lá 17 dias antes das paraolimpíadas. Eu vô chega lá faltando uma semana e vou ter que me adaptar ao fuso de 12h, em uma semana!

PESQUISADORA: Fora a fumaceira, né!

A18: Fora a fumaceira. E ela, o patrocinador dela dá condições pra ela de chegar antecipado no local, né, e fazer uma adaptação, aclimatização, né, que fala. Totalmente diferenciado do nosso. Se ela vai trazer resultado? Não sei. Isso é conseqüência, do momento de espírito dela dentro da pista, né, do momento que ela tiver. Acontece que o patrocinador dela tá dando todas as condições, o que tem que ser feito por ela tá sendo feito. E isso é bonito do patrocinador enxergar nos seus atletas que patrocinam, não é paternalismo, cê entendeu? Não é uma coisa sem cobrança, né! É uma coisa que há cobrança, que tem que ter a cobrança e tem que ter a cumplicidade dos dois, do

patrocinador e do atleta. E isso é legal! A Ádria cresceu muito, Clodoaldo também, né, as pessoas que estão no desporto paraolímpico há mais tempo, a Ádria pode ser a mais velha que, a Ádria e a Sueli, a Ádria tá vindo desde Seul, Sueli também. Eu venho desde Atlanta trazendo resultado pro Brasil, o que muitas vezes, que nem Sueli Guimarães, Sueli é esquecida, acho que ela não vai pra Pequim, e é uma atleta que sempre trouxe resultado pro Brasil. Então, nós não podemos criar ícones e esquecer nossos ícones. O comitê paraolímpico tem que achar mecanismos de achar os ícones e manter os ícones vivos, você entendeu? Como representação, pra mostrar pra mídia que vale a pena, pra mostrar pra outros portadores de deficiência que vale a pena praticar o desporto paraolímpico. Realmente, que não é inclusão social, o comitê paraolímpico não tem obrigação de fazer inclusão social, muitas vezes a gente fala: o trabalho do comitê paraolímpico é a inclusão social através do esporte. Isso é mentira, não há inclusão social através do esporte do alto rendimento, não há. Você faz Educação Física, não é isso? Você nunca vai ver que nunca há integração social através do esporte de alto rendimento. Esporte de alto rendimento é cobrança 24h, se você me der resultado eu te patrocino, se você não dá você tá fora. Esporte social é quando você tá na base, aí você faz esporte social, que ninguém te cobra nada e você não é obrigado a dar resultado pra ninguém. Se amanhã eu voltar sem resultado de Pequim, se o meu patrocinador, a Caixa Econômica não fala "Eu quero manter o A18", o comitê paraolímpico não vai fazer questão nenhuma de me manter lá. Tô fora do patrocínio, acabou! "Quem ganhou?" "Fulano de tal" "Então sobe ele e desce A18". Você entendeu? Então não é integração social. Isso que pregam por aí que isso que o comitê paraolímpico faz é esporte social, que faz integração social através do esporte, não, não, né. É um trabalho de cobrança onde a gente tem que trazer resultado senão a gente é cobrado. Isso é mentira, não há inclusão social através do esporte do alto rendimento, não há. Você faz Educação Física, não é isso? Você nunca vai ver que nunca há integração social através do esporte de alto rendimento. Esporte de alto rendimento é cobrança 24h, se você me der resultado eu te patrocino, se você não dá você tá fora. Esporte social é quando você tá na base, aí você faz esporte social, que ninguém te cobra nada e você não é obrigado a dar resultado pra ninguém. Ouvindo você, a gente tá comentando do Clodoaldo, e tudo mais, por conta do teu sucesso, você já pensou em algum projeto social?

A18: A gente tem um projeto que desenvolve ali, nós temos ali cerca de 10 portadores de deficiência treinando. No Ibirapuera. Então eu já desenvolvo um projeto social, só que eu não ligo pra isso, sabe. Eu acho que é um trabalho que eu tenho que fazer, né. É um trabalho comum, tem um escritório dentro do ginásio, entendeu? E a gente desenvolve nosso trabalho ali, mas é parte mesmo da circunstância da medalha. Onde que eu trouxe medalha, então eu tenho que trazer pessoas adeptas a minha modalidade, né. Divulgá a minha modalidade, estruturá a minha modalidade do jeito que eu posso fazer. Aquele rapaz que você confundiu comigo é meu aluno.

PESQUISADORA: É, ele tava deitado, eu perguntei, a gente vê na televisão, fotos, mas parece que é diferente! E quando a gente chega, de tão ansiosa, né, aí eu falei "A18?". Ele tava deitado, né, deitado não dá pra saber também *(risos).* Para você chegar onde chegou você teve muitas dificuldades, você já pensou em algo que possa amenizar, cortar um pouco do caminho, das dificuldades de outros atletas que queiram chegar onde você chegou? Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A18: Hoje, dentro do nosso país, dentro do Brasil, como o desporto paraolímpico é muito novo, tô batendo na tecla do desporto paraolímpico, mas a causa da pessoa com deficiência é muito nova no Brasil, é muito nova, tá. Antigamente, o portador de deficiência ficava escondido dentro da casa dele, nem saia. Hoje não tem caminho traçado, uma meta traçando isso, não há, né. Então, eu acho ainda que tem que haver, eu não tenho caminho nenhum pra apontá pra você no momento. Eu acho que tem que haver uma troca de idéias entre representações esportivas, entre dirigentes, pra gente chegá num meio termo. Olha, o desporto paraolímpico tem que caminhar por aqui pra gente não sofrer o que a gente não sofreu no passado. Mas pra isso o que precisa, precisa que os atletas sejam politizados, precisa de trabalho do governo, trabalho dos nosso dirigentes, você entendeu? Porque tem que ser muito mais que profissionais, precisa de estudo. Enquanto isso, você vai comer o mesmo pãozinho, o mesmo, sabe, que eu comi. Vai ter o mesmo sofrimento. Eu garanto pra você que tem vários portadores em Campo Grande lá que nem sabe o que é o desporto paraolímpico, que nem sabe o que é. E isso é o que? Isso é falta de um preparo, e ele quando for iniciar hoje, ele vai ter a mesma dificuldade que eu tive, porque 1993, eu nem sonhava que existia desporto paraolímpico. Eu fui descoberto por acaso, por um professor que tava assistindo um campeonato.

PESQUISADORA: Campeonato que tava...

A18: Do judô regular.

PESQUISADORA: Ah, tá! E tava sendo num clube esse campeonato?

A18: Tava sendo em Registro, um campeonato paulista.

PESQUISADORA: Num clube?

A18: Num clube. Então eu fui descoberto por acaso.

PESQUISADORA: Você se sente realizado? Quer algo mais? Tem algum sonho?

A18: Olha, é que nem eu falo pra você, no esporte se eu tivesse, vamos supor, numa Grécia, eu estaria tranqüilo, hoje eu não poderia nem mais trabalhar, cê entendeu? Porque eu ia ter um salário vitalício, eu estaria muito bem, mas tranqüilo do que, mais pescador assim. Mas hoje eu não me encontro realizado ainda. Eu me encontro preocupante com minha ocupação profissional porque eu sempre me dediquei ao esporte, né, e essa carreira minha tá acabando. A minha carreira tá acabando, eu vou ter que voltar a estudar, vou ter que fazer um curso superior, cê entendeu? Por quê? Porque eu tenho certeza que depois que a minha carreira acabar, onde que eu vou ser aproveitado no judô paraolímpico?

PESQUISADORA: Você tem noção do que você queira fazer de curso superior? Eu sei que Educação Física...*(risos).*

A18: Não vou fazer. Vou fazer Administração, alguma coisa que eu possa realmente trabalhar, porque a Educação Física, pra portador de deficiência, realmente não dá, visual pra mim...

PESQUISADORA: Você sabe que além da Educação Física eu também fiz Pedagogia, né! Você começou a falar e é interessante essa visão, né, porque eu, por exemplo, sempre gostei muito de Educação Física, mas adorei a Pedagogia. Gostei bastante, gostei bastante, achei que complementou bem dentro do que eu queria. Então, Educação Física nem pensar?

A18: Nem pensar. Porque como é que você vai pegar 10 alunos e vai corrigir o último que tá lá no fundo? Fica meio estranho, não é? Fica muito estranho, você vai ter que depender de outra pessoa olhando aquilo. O judô não, até que dá pra você corrigir, você pega um a um, vai no tempo, você vai corrigindo, entendeu? Mas a Educação Física é muito mais profunda do que a arte marcial, né. E a Educação Física pro portador de deficiência visual eu não recomendaria não *(risos).*

PESQUISADORA: Qual a contribuição que você, enquanto atleta, quer fazer para sociedade, para o ser humano e para o esporte?

A18: Olha, para a sociedade em si, que nós somos em 15 milhões de portadores de deficiência no Brasil, eu já tenho contribuído no dia-a-dia, entendeu? E venho contribuindo cada vez mais, né. Pra sociedade de modo geral, eu venho também, acho que dando a minha parcela de contribuição, entendeu? Quando eu pego o filho dela, de uma pessoa que tem um portador de deficiência, trago, vou dando instrução, vou trazendo pra sociedade, engajando ele, aí sim, eu tô engajando ele, fazendo um esporte social, pra depois o alto rendimento, eu já tô contribuindo também, né. E cada dia esse trabalho pode crescer, ou diminuir, por nós não termos o apoio, não temos isso, não temos aquilo outro, mas o trabalho tá aí, né. Muitas vezes eu coloco dinheiro do meu bolso pra prosseguir o trabalho, cê entendeu?

PESQUISADORA: Você tem aluno vidente? Ou...

A18: Tenho. Tenho aluno vidente também.

PESQUISADORA: Mas esse o grupo seu são todos?

A18: São todos, mas eu trabalho mais com deficiência visual.

PESQUISADORA: Deficiência visual.

A18: Visual.

PESQUISADORA: Tem algum portador de deficiência física? Ou só visual e o vidente?

A18: É porque o judô pra cadeirante ele fica muito... não tem como.

PESQUISADORA: Às vezes uma hemiparesia, alguma coisa.

A18: É, não tem como não. Não é nem recomendado clinicamente, a gente tem muito tombo, cê entendeu? Aí é complicado. Aí pode lesionar ainda mais o que ele tem, pode prejudicar muito mais ainda, né. E eu queria ver um mundo melhor sim, um mundo melhor pra esses atletas que tão indo pra Pequim, queria ver todos bem, não queria ver eles dependendo de uma bolsa-atleta, cê entendeu, pra sobreviver. É porque, poxa, o governo tá fazendo uma coisa maravilhosa, que nenhum governo do Brasil fez, de dar uma ajuda de custo, né, de ter essa bolsa-atleta, lindo! Maravilhoso isso! Muito bom mesmo! Nós temos que lembrar que não é o governo que tem que fazer esse papel, não é o governo, não faz parte do governo fazer esse papel não. Faz parte dos nossos empresários reconhecer e fazer o mesmo papel que os olímpicos, cê entendeu? Tirar dos olhos deles o preconceito que há com o paraolímpico. É muitas vezes eu falo também que os jogos paraolímpicos não deveria se chamar *para*olímpicos, porque parece uma coisa paralela, e tudo que é paralelo não fica bem, você colocaria uma peça paralela no seu carro? Sendo que você poderia comprar e patrocinar a original? Então, eu acho que deveria trocar esse nome de paraolímpico, cê entendeu? Porque são coisas que vem ao decorrer de muito tempo, em décadas e décadas de desporto paraolímpico, que eles não se deram conta. Nós não fazemos atividade paralela, nós fazemos a mesma atividade com adaptações. E isso as pessoas não enxergam, não vêem. Quando você chega pra um empresário pra vender um cara na cadeira de rodas, o cara, o empresário coça a cabeça, olha pro lado *(risos).* É verdade, como é que você vai pôr um agasalho da Nike num cara que não tem perna, vai ficar ridículo, não vai? Você acha que a Nike vai querer patrocinar? Não vai, não vai mesmo. Agora se tiver um, eu não sei o nome, como é que chama aqueles caras que desenha roupa lá, designer, que produza pro cadeirante, que é amputado de perna, um design bonitinho, que chega com uma proposta de trabalho, que mostra lá pro empresário "Olha, tá aqui, a gente quer um agasalho dessa forma aqui, nós queremos isso aqui". O cara vai chegar lá com o trabalho pronto, não vai chegar lá pro cara desenhá e fazer alguma coisa pra gente. Aí, há outro interesse, entendeu? A gente tem que ter essas pessoas no nosso meio, tá faltando isso, não é? Quando você chega pra vender o A18 lá, pro Banco do Brasil, vamos supor, pra Petrobrás, pô, vão vincular a força do judô com a força da nossa Petrobrás que é a maior potência, hoje, da América Latina de petróleo, cê entendeu? Vamos chegar com o slogan diferente lá, pro cara não ter que coçar a cabeça, olhar pro lado e jogar o projeto na gaveta e esquecer. O que acontece é isso. É tudo bonitinho na hora, mas depois, cê virô as costas *(risos).* É esquecido o projeto, é esquecido na gaveta.

PESQUISADORA: Muito bom, gostei desse teu paralelo aí. Tem algum comentário que você quer fazer, A18?

A18: Eu acho que não, eu acho assim, da minha forma de pensar, as minhas idéias pra querer mudar, cê entendeu? Mas é uma forma minha de pensar, muitos outros atletas vão divergir das minhas idéias, né! Mas eu não vejo atleta nenhum não tendo discriminação. O cara que fala pra você hoje que ele é contente sendo portador de deficiência visual ou cadeirante, ou que tenha outra, mentira! É mentira! *(risos).* Eu não sou contente, mas também não sou revoltado, cê entendeu? *(risos).* E a questão é melhorar sempre, porque o nosso esporte dá pra melhorar muito e o que se ganha hoje aqui com a Lei Agnelo Piva, com recursos que vem da Caixa Econômica Federal, dá pra fazer um desporto paraolímpico maravilhoso, né. Nós temos a Lei Agnelo Piva, nós temos patrocínio da Caixa Econômica

Federal, nós temos incentivo fiscal, dá pra se fazer um trabalho muito bom no desporto paraolímpico. Eu espero que pessoas possam se juntar, né, uma hora e trocar uma idéia, realmente sobre o desporto paraolímpico, sem querer tomá proveito das situações. Nós falamos muito no passado que havia muito gigolô pra atleta *(risos).* Que mais aparece é isso, né! Um monte de gente querendo explorar a deficiência dos outros pra ganhar dinheiro, né, é o que mais aparece.

PESQUISADORA: Você já pensou, já que a gente está falando, de você liderar alguma coisa desse tipo dentro do comitê paraolímpico?

A18: Olha, no passado, se você abrir o jogo, eu não tenho vergonha não, eu briguei muito com, eu briguei muito com o comitê paraolímpico pra mudar isso. Então eu sou um cara meio mal visto *(risos).*

PESQUISADORA:: Bad boy.

A18: É, não sou um cara bem, bem assim indicado pra tomá uma, eu sou meio revolucionário, né! E eu briguei muito, eu votei contra o nosso presidente, pra tirá ele, enfim. Eu propus que fosse voto aberto pra todo mundo ver quem era quem *(risos).* Eu era meio maluco, né. Mas eu me queimei, eu me queimei porque eu queria, achava que pudia mudar o desporto paraolímpico por outro meio, que achava que não tava certo. Mas as minhas idéias não são as mesmas dos outros, eu não tô contente, eu quero, né, mais. Mas tem gente que se contenta apenas de tá indo pra Pequim. Tem gente que se contenta com a bolsa do Brasil; eu não me contento com isso. Porque eu sei que quando eu voltar de Pequim eu vou ter as minhas contas pra pagar, e aí, quem vai pagar? Enquanto que os nossos dirigentes que vão voltar de lá, vão continuar a vida deles, pagando as contas deles. Então, são coisas que a gente tem que ter muito cuidado. São coisas hoje, que se fosse hoje eu colocaria de outro meio, de outra forma, cê entendeu? Colocaria como sugestão *(risos).* "Queria sugerir isso aqui, ó!". Antigamente não. Antigamente eu batia o pé, batia de frente com dirigente, hoje eu sô mais light, eu não vou fazer isso. Eu era muito rebelde, pode perguntar pro Gavião, eu tive uma mudança muito grande, de Atenas pra cá eu tive uma mudança muito grande sobre comportamento, cê entendeu? Que dia que eu ia tá aqui concentrado, que dia, cara! Então eu procuro respeitar, né, respeitá o espaço, talvez eu invadia também o espaço das pessoas e não observava isso, você entendeu? Hoje não, hoje eu convivo, eles fazem o trabalho deles, eu faço o meu, né, todo mundo convive na maior harmonia possível.

PESQUISADORA:: Tá certo, tá ótimo, não sei se tem mais alguma coisa que você queira dizer.

A18: Eu só acho assim, quando o Brasil tiver consciência que o pouco que vem é muito pra gente. A gente fala assim que 15% da Lei Agnelo Piva não é nada. É muita coisa, o desporto paraolímpico é um ovo, muito pequeno, o desporto olímpico é uma melancia, assim, entendeu? E a gente saber trabalhar essas condições, saber que o trabalho de base tem que ser de clube, que o trabalho de clube tem que passar pela federação, o trabalho da federação tem que passar por uma confederação, o trabalho da confederação tem que chegar no comitê paraolímpico. A última ação é do comitê paraolímpico. Quando a gente

começar a respeitar esse segmento dentro do Brasil, as coisas começam a andar diferente pro desporto paraolímpico, ou senão você vai ver sempre isso aqui, ó, a gente tá passando pra Pequim, os trabalhos começaram tarde, a preparação muito tardia. A gente vai chegar em Londres, vai ser a mesma correria, e vai gerando isso. Enquanto a gente não tiver consciência que a gente não pode queimar etapa, vai ser isso.

PESQUISADORA: É essa trajetória, entende, que eu concordo com você, você definiu muito bem, foi fantástico. E é isso que eu tava procurando com o trabalho, o que a gente tem aí, né. Equipes, medalhistas, ouro, Brasil muito bem representado, mas como é que esses atletas chegaram lá? Como é que chegaram? De onde? Foi de um trabalho de base? De onde foi? Entendeu? Então, era dessa forma, começar a pensar em formas de divulgação, em formas de organização até mesmo pra um esclarecimento pra sociedade e pras autoridades com relação a isso, né, para que mude a forma de pensar e de agir, principalmente.

A18: Forma de, o cara pensa tudo bonitinho, mas quando tá com o dinheiro na mão, faz totalmente diferente.

PESQUISADORA:: Dinheiro e poder, né! São duas questões...

A18: E briga política é, muitas vezes, no meio do desporto paraolímpico, o que mais tem. O que mais tem é briga política. E quem acaba sempre pagando as situações são os atletas. O atleta, a preparação começa tardia, né, a viagem, não tem viagem, cê entendeu? E as coisas vão acontecendo dessa forma e não deveriam acontecer de forma alguma.

PESQUISADORA: A seleção de quem vai pra Pequim saiu recentemente, vamos dizer assim.

A18: Recentemente. Saiu há dois meses atrás.

PESQUISADORA: Recentemente mesmo, vamos combinar, né! Recentemente. Então, tá bom, não vou mais ocupar seu tempo porque eu sei que você tem...

A18: Não, você não ocupou não, foi até bom nosso papo, pensei...

PESQUISADORA: Pensou que fosse mais chato?

A18: É, pensei que ia ser chato, essas coisas.

Entrevista
A19

PESQUISADORA: Primeiramente, muito obrigado pela sua disponibilidade, por vir, viu. Eu sei que vocês tão super ocupados, tá! Sua idade?

A19: 37.

PESQUISADORA: Ocupações?

A19: É, sou professor de Educação Física.

PESQUISADORA: Então, grau de escolaridade, você tem ensino superior, né? É, você não tem nenhuma deficiência, você não tem a ...*(A19:: Não, não, eu sou goleiro da seleção)*. Bem, eu procurei ver um pouquinho da sua vida, né, na internet e eu sei que você é um atleta ouro, né, e como todo atleta ouro, tem o seu sucesso. Eu queria saber um pouco do seu passado, você o atleta, gente, como era a sua infância, se você brincava, do que você brincava. Conta um pouquinho da sua infância pra mim. Porque você não foi deficiente mas como é que foi essa sua relação...

A19: Pra jogá com os deficientes, né, tá. Eu jogo futebol de salão desde os 13 anos de idade. Quer dizê, eu sempre gostei de futebol, né, tanto futebol de campo quanto salão, no colégio quando eu era garoto eu sempre joguei futebol. É, só que antes de se adaptá ao futebol de salão convencional, jogando lá em João Pessoa como é a minha cidade, joguei vários campeonatos na minha cidade pelas equipes de várzea, Cabo Branco, .L. S. Móveis, várias equipes que tinham categorias menores e até o adulto. Cheguei a jogá no Rio Grande do Norte também, joguei no ABC, 2001, e 2002 joguei na AABB e no Rio Grande do Norte fui seleção Rio Grande do Norte, fui campeão do nordeste tudo e depois retornando pra João Pessoa em 2003 pra concluí a faculdade. Eu passei na universidade, tinha trancado pra jogá lá em Natal, aí voltei pra concluí a universidade de Educação Física, universidade UNIPE, Universidade Para a Educação. Aí terminei em 98 e mesmo assim continuei jogando futebol de salão convencional. Em 98, eu tinha jogado em outra equipe lá na Paraíba, que é da Universidade Federal da Paraíba, que chama UFPA, nela tinha o atual treinador da seleção brasileira que é o Tony Pádua, nós jogamos juntos. E ele, eu tava jogando numa equipe do interior lá da Paraíba, da cidade de Areia, e ele me fez o convite pra participá da equipe lá de João Pessoa, APACE, Associação Paraibana de Cegos, isso em 98, né. Como eu tava fazendo universidade, terminando tudo, eu digo: "eu vô vê como é", como eu tava terminando a Educação Física, é mais uma área onde eu posso até chegá a trabalhá, né, meu pensamento foi esse e foi quando eu fui. Aí aceitei o convite, fui pro campeonato brasileiro que foi em Paulínia, lá, no qual fui campeão brasileiro e fui convocado pra seleção brasileira pela primeira vez em 98, joguei pela seleção, fui campeão do mundo e fui eleito o melhor goleiro do mundo, né, em 98. E eu tô desde 98 jogando futebol de cegos, nunca deixei de jogá e só quando for pra pára de jogá que eu paro mesmo.

PESQUISADORA: E você na tua infância, você teve algum contato com deficientes, você tinha na escola, na Educação Física. Você se lembra de alguma coisa nesse sentido?

A19: Não, era, vamô dizê, em 87, 86, 85 era poucas crianças que tinha alguma deficiência ou visual ou física, e eram muito poucos os que faziam o colégio sem ser o adaptado, né! Os colégios não tinham esse trabalho. Hoje a gente já vê que em vários colégios garotos com alguma deficiência fazem também os que não tem nenhuma deficiência.

PESQUISADORA: Da tua experiência, do que você tem vivido, você já presenciou ou sentiu alguma situação de preconceito? Com relação aos deficientes ao seu redor, você enquanto participante deste grupo? Você já presenciou situações de preconceito, discriminação ou isso nunca aconteceu?

A19: Muito pouco. Logo no começo muita gente não sabia que tinha, que o próprio cego jogava futebol de salão, muita gente não sabia, acho que também porque nunca aparecia na televisão, é jornal, nunca ninguém tinha visto isso. Aí, depois quando a gente começô, foi campeão do mundo em 2001, é, no decorrer das competições começô a imprensa a mostra um poco o esporte de cego, né. Antes mesmo da paraolimpíadas de Atenas teve alguns campeonatos. E aqui no Brasil teve o mundial no Rio de Janeiro, em 2002. Eu não estava, tava trabalhando, não deu pra vir. Aí depois disso, até a paraolimpíada mesmo, a imprensa mostrando mais o esporte do deficiente, tem o futebol de salão que é o da gente, de cego, né, de deficiente visual, na natação, atletismo, o pessoal vendo que, é, o pessoal ganha mais medalha do que o pessoal dito sem nenhuma deficiência, o pessoal não sabia que tanto o futebol de cego, o esporte pra deficiente, é trabalhado da mesma forma que é trabalhado pra pessoa que não é deficiente. Com seriedade, com muita força de vontade, com afinco mesmo. E tudo que você vê numa equipe que é profissional nós fazemos na seleção, desde 2004, 2004 não, desde 2003, quando começô, que a gente teve a primeira fase que foi a classificação para a paraolimpíada de Atenas, foi em 2003 na Colômbia, quer dizer, o campeonato foi no mês de dezembro, quando foi no mês de março pra julho, em julho a gente já começô pra se apresentá a treiná, e teve também os testes que foi feito, depois foi na cidade de Recife com professores de lá também. Depois a gente veio pra São Paulo, em 2004, depois da classificação, fizemos um trabalho com o pessoal da universidade lá de São Paulo. Foi um trabalho que a gente fez que o pessoal, fez uns testes com a gente, a galera melhorando, tudo. Desde esse tempo, melhoro muito. Pouca gente da turma da gente tem se machucado, tem sentido contusões. Depois eu tive várias competições que nós participamos, eu acho que um atleta ou outro pode tê saído machucado ou pode ter se contundido no transcorrer dos treinamentos, às vezes, mas muito pouco mesmo. É que eu tive, os testes que a gente fazia lá em São Paulo, teve equipes profissionais que foram fazê e teve atletas nossos que se saiu melhor que atleta profissional, outros esporte que tem seleção brasileira, profissional da seleção brasileira de outros esportes aí sem ser deficiente, tem atleta nosso que se saiu melhor que eles.

PESQUISADORA: Como é que foi o seu primeiro dia na seleção brasileira?

A19: Foi em 1998, né, mês de, acho que foi setembro, antes do mundial. Eu sinceramente, eu joguei o brasileiro, né, a gente foi campeão, quando terminô saiu a convocação na hora. É, quando saiu a convocação eu fiquei muito alegre, né, primeira vez na seleção brasileira e quando eu cheguei, quando eu vi o pessoal, que a gente começô a treiná, tive uma reunião com o presidente, na época era o hoje atual presidente do comitê olímpico brasileiro, Tácio

Neves, é eu vi que o esporte pra cego era coisa séria. Não era como muita gente pensava, lá é uma seleção e não tem esses negócio de porque é deficiente, só bate bola como muita gente pensa *(risos)*. Mas desde que eu tô na seleção eu vejo que o negócio é diferente. E a cada dia tá se chegando a ser mais profissional ainda.

PESQUISADORA: Qual foi a razão fundamental, que você acha, que você decidiu que você ia ser goleiro desse time? Qual foi a maior razão, motivo?

A19: A razão? É, eu jogava salão convencional, é mais difícil agarrá o futebol de cegos do que o futebol convencional, entendeu? É muito mais difícil. Alguém pode achá que não, mas é muito mais difícil, é pra todo mundo chegá lá. Eu já chamei vários colegas meus pra irem treiná comigo há muito tempo, e chegavam, davam um treino e não iam mais, jogavam um, e algumas partidas não iam. E eles viam que a dificuldade é maior. Várias pessoas iam com a gente, falavam vai pro gol, mas hoje tem outros que se eu chamo vai um treino ou outro, mas o futebol de cegos não é fácil não, a gente tem um limite de área, então é mais difícil. E é muito bom estar com esse grupo da gente que eu tô a um tempão já. Você vem aqui, é ótimo, a gente se comunica por msn, telefone, pra sabê como é que tá o outro, às vezes uns tão de férias vão até a Paraíba pra passeá. A gente quando pode vem pra passeá também. A gente faz as amizades, é, aprende muito com eles também porque a gente a cada dia vai aprendendo com os meninos. Eu tô com 37, tem minino hoje que chega aqui na seleção com 16, 17 anos, você vai vê um minino desse a diferença, porque antes quando eu cheguei tinha minino mais retraídos, né, tinha medo de falá as coisa, agora você vê, conversa com a gente mesmo, conversa com treinadô, dá opinião. Antes, quando eu cheguei em 98, tinha minino que não falava, retraído, calado, com medo de falá, com medo do treinador, "Posso fala isso não, cheguei agora aqui na seleção". Hoje não, dá sua opinião aí, conversa sobre tudo, tipo fala com o professor pra vê se ele acha melhor que eu jogue no meio, na frente e tal. Hoje, os minino já tem opinião própria, né, não é como se diz "vai fazê só isso que eu quero". Antes os minino faziam isso, "o treinado mandô fazê isso que ele qué". Hoje não, os mininos sabem o que eles têm que fazê e eles fazem, e outra, melhor eu fazê isso que é melhor pra mim, que eu vô servi melhor a seleção, do que eu fazê do jeito que o treinadô quer. Eles sabem, eles tem opinião própria.

PESQUISADORA: Você ganhou uma medalha de ouro, o auge do esporte. O que representou a medalha de ouro nos jogos paraolímpicos de Atenas, 2004, na sua vida, no social, no afetivo, no financeiro, familiar, profissional, enfim, o que mudou na sua vida, o que representou essa medalha?

A19: Representou muito. Acho que todo atleta quer chegar a ser campeão, acho que todo campeonato que você vai você quer voltá campeão, cê chega,] o limite máximo de um atleta hoje é uma olimpíada. Você chega numa olimpíada e ser campeão mundial, é, você chegô no máximo, né, e chegá na olimpíada ou no campeonato mundial, que a gente foi campeão, é bom pra você, você se sente bem melhor, você vê que o trabalho que você tá fazendo não foi em vão. A família também, porque quando a gente viaja a família fica longe da gente, cobra da gente. Muita gente não sabia da seriedade do nosso esporte, futebol de cegos, pensava que era brincadeira. Quando a gente ia viajá, dizia: "Vô pro Rio, vô pra São Paulo pra treiná". Saí da Paraíba, ir pra longe, o povo dizia: "Eita, vai passeá..." Mas o sujeito era engraçado, ele dizia: "Tu vai pro Rio passa lá na...". Eu digo: "Meu

amigo, eu vô lá pra treiná, num vô pra lá pra passeá não". Muita gente pensa que a gente vai passeá e quando chega, eu levo foto sempre da gente, às vezes a gente filma um pouco, a CBDC filma, eu mostro um, ouço o treinamento da gente. Tudo que o pessoal faz de uma equipe profissional, a gente tá fazendo também, a gente não só bate bola como vocês pensam não, a gente faz trabalho técnico, físico, tático também, as outras partes também, a parte psicológica também se trabalha, uma parte que auxilia muito também, não só a gente que não tem deficiência como os que têm, porque a gente tem que saber lidá com os mininos, do jeito que, eu digo que eles aprendem com a gente, mas acho que é a gente que aprende mais com eles. O esporte é deles, então a gente que tá aprendendo. Você sabe que na convivência, você olha pra ele, pela voz dele, você sabe como é que ele tá, se ele tá bem, se ele não tá, mesma coisa deles com a gente. Quando a gente conversa com eles, eles sabem, eles sabem mesmo, depois chega pra gente que tá no quarto, ele chega e pergunta: "E ae, como é que tá? Mas rapaiz, o que que tá havendo...que não sei o que...". Eles sabem, a cada dia que a gente vai convivendo com eles, a gente vai aprendendo cada vez mais. E pra mim, tá numa olimpíada, representando o nosso país, né, acho que é o máximo, você chega a representá o seu país, e chega no topo é ótimo e agora mais difícil ainda é conseguí se mantê, né, e é a tentativa do bicampeonato. Eu acho que se a gente conseguí o bicampeonato vai ser alegria em dobro e todos nós vamos, é, ficá, pode se dizê, dez vez mais alegre, nossa família também. A gente vai vê que tudo isso que a gente faz, faz até pros minino que tão chegando que não forem com a gente, porque tem um limite restrito de atletas que podem ir, mas tão aí com a gente. A gente pode se dizê, fez uma abertura pra turma mais nova que tá chegando, pros mininos verem que a seriedade é grande, que tá tendo renovação aqui na seleção e tudo e já pra isso, o Brasil não tá pensando só hoje, tá pensando no futuro. E hoje qualquer esporte, se você não pensa, não trabalha pra o futuro, você vai estacioná.

PESQUISADORA: A escolha pelo futebol, o futebol, porque você escolheu essa modalidade, hein?

A19: Desde criança? *(PESQUISADORA: Desde criança)*. Desde criança eu era, nunca gostei de fica em casa, videogame essas coisas, sempre fiz questão de que, sempre era a bola ou até bicicleta, não ficá dentro de casa, sempre futebol. Futebol de campo, futebol de salão ou esporte, já fiz atletismo também, fiz volei, mas sempre futebol tava no meu meio, desde criança.

PESQUISADORA: Na modalidade de cego você pratica desde quando?

A19: Desde 98, e convencional desde os 13 anos de idade, fui pra campeonato brasileiro, paraibano, desde os 13 anos de idade.

PESQUISADORA: Já fui atleta de natação e eu sei, é tudo a mesma coisa, todo dia acorda, treina, faz chuva, faz sol. O treino é entediante? Como é a sua rotina de treinamento? Os dias, as horas, as condições do local, a orientação dos profissionais, se há outros profissionais envolvidos? Que fatores favorecem o seu treinamento? Que fatores dificultam o seu treinamento? As condições das viagens. Queria uma explanação sua nesse sentido.

A19: Da gente, é, a parte, as viagens são boas, os locais que nós treinamos adequados, hoje nós estamos aqui na Amberge, nós treinamos também no Itaú lá em São Paulo, sempre eles levam a gente pros melhores locais possíveis, num local onde você não precise tá saindo de lá pra treiná, você sabe que às vezes você perde muito tempo só em locomoção, sai de um lugar pro outro. E como Rio e São Paulo tudo é longe, mas a gente tá sempre treinando num local que lá mesmo a gente treina, lá mesmo a gente, é a alimentação, tem tudo, tem o aparato da fisioterapia, tem o pessoal que faz os testes com a gente que vem lá da Unicamp, teste com a gente, é, a parte da psicologia também, sempre tá vindo, os profissionais, os psicólogos pra conversarem com a gente, pra dá apoio a gente, né. E eu acho que o local é o melhor possível porque onde nós vamos geralmente tem tudo, tem o hotel, tem a quadra, tem a piscina, pra treiná na piscina, tem os fisioterapeutas, que tem o deficiente visual que também foi com a gente em 2004 pra paraolimpíada lá em Atenas, fisioterapeuta de mão cheia. Eu sô mais velho no grupo já trabalhei com mais de um fisioterapeuta. A cada dia você vai aprendendo mais e vai vendo o trabalho deles também. Os treinadores, se aprimorando cada vez mais. Hoje nós temos, desde o ano passado, o preparador físico, que até tempos atrás era só o Pablo e o Vanderlei. A boa parte também não investe muito nessa parte do atleta, né, o amador, como se diz. Se tivé verba, né, melhora, até o governo Lula melhorô, a bolsa-atleta federal que hoje nós temos *(PESQUISADORA: Você recebe? A forma sua de patrocínio é a bols-atleta?)*. Bolsa-atleta federal, desde 2005, eu recebo bolsa-atleta federal. Eu saí do trabalho, trabalhava na Unimed, saí pra priorizá o para-pan, que foi no Rio, e agora eu não voltei a retorná nem a dá aula nem onde eu trabalhava porque, a gente visando a paraolimpíada, pensamento é ir para a paraolimpíada, entendeu? E hoje eu vivo da bolsa-atleta federal, né, se não fosse ela era meio difícil, a gente ia ter que tá trabalhando mesmo. Eu vejo também os profissionais da gente, treinadores nossos, quando veio o Vanderlei, o Fada, o preparador físico, eles ajudam a gente aí. O Fausto, o fisioterapeuta, todos eles vem, eles não tem o bolsa-atleta, eles vem e tem que deixá uma pessoa pra ocupá o lugar deles, né. Eu li a convocação, na convocação é liberado quem trabalha em federal, municipal e estadual. Eu acho que por você, eu que até poderiam mudar esse modelo, quando você for seguir uma seleção brasileira, não interessa qual o esporte, se é deficiente ou não, qualquer pessoa que for servir a seleção brasileira deveria ser liberado do seu trabalho, tanto particular *(PESQUISADORA: Não atleta....)*. Não, também os profissionais, porque, qualquer um que for seguir a seleção brasileira. Se você tá numa empresa e tem um funcionário da sua empresa que vai servir o seu país que vai num mundial, num sul-americano, eu acho que a empresa deveria abrí, acho que ela não tem noção do que é isso. Entendeu? Enquanto ela acha que ganha dinheiro fazendo as propagandas, às vezes fracas, ela tem um funcionário seu na seleção brasileira representando seu país. Poderia ganhar muito mais do que tá fazendo aquela propaganda que ela paga muito. Eu já tenho noção disso, eu tenho lá uma empresa, eu acho que ele não tinha noção, é tanto que ele, depois teve congresso dela, da empresa, e lá também e eles pagaram a um atleta pra ir pra falá que era o plano de saúde da competição, tá entendendo? Quer dizê, a gente de casa, eles não dão valô, né, dão valô aos de fora. É incrível, mas é sempre assim. Mas com a parte dos profissionais da gente, que trabalham com a gente. *(PESQUISADORA: Vocês treinam todo dia?)*. Todo dia, a gente vem pra cá, chegamos e treinamô segunda, terça, quarta, quinta e no sábado. Quando começa essa fase de competição, termina dezembro, janeiro, começo de fevereiro nós começamos a treiná, 2 vezes por semana, depois passa pra 3, quando chega na seleção é de 4 a 5 vezes por semana. E agora quando tá na seleção, só é treino de manhã e de tarde, geralmente são 6

dias, a gente vai retorná pra casa, vai passá uma semana e depois retorná aqui pro Rio de novo. Mas parece também que vai ser 2 encontros, vai ser assim sempre. E quando a gente retorna pra casa, o assistente, o preparador físico já passa uma seqüência de treinamento pra cada um fazê, na sua cidade. Daí você chega lá, pega o treinador da sua equipe lá, ou vai atrás de um personal trainer e faz o seu acompanhamento que o professor passô pra você fazê aquilo. E ele, quando você retorna, ele, o professor que fez aquele treinamento pra você, ele vai ter que assiná. Eu acho que se você pega um profissional mesmo que seja sério, ele não vai assiná que você fez o treinamento sem ter feito, tá realizando o nome dele junto, né. Porque, de repente, ele pode ser um profissional que, pelo que ele tá fazendo com o atleta, como aqui na seleção eles tão vendo, eles tem tudo anotado, tem atleta aqui que tem tudo anotado desde 2003. Quer dizer, ele vai vê aquilo ali, se ele como profissional fez o correto pra aquele atleta, ele pode chegá um dia a ser chamado pra trabalhá aqui na seleção. Depende dele, né.

PESQUISADORA: Vou pedir pra você falar um pouquinho como você vê a atuação do jornal, da televisão, do rádio, enfim, você acha que o aumento na mídia deve-se ao fato do aumento do número de medalhas nos jogos de 2004? Você acha que houve um aumento da mídia de acordo, como você percebe essa relação da mídia e do desporto adaptado?

A19: É, depois das paraolimpíadas de 2004, realmente quando a gente voltô a gente até pensô que ia ser melhor, depois da competição aquela festa toda, foi recebido pelo presidente e tudo, mas eu posso dizê a você que, é, não melhorô tanto assim, só quando chega mais próximo das competições. A não ser a bolsa-atleta, né, e o dinheiro que o governo repassa pra o comitê, que vem pras federações todas, a parte que é a privada mesmo fica meio difícil. Eu jogo numa equipe lá em João Pessoa que desde 98 a nossa equipe, desde que eu tô em 98, tá na final do campeonato brasileiro, quer dizer, são quase 10 anos, né, sempre tá lá ou é campeão ou é vice, ou é campeão ou é vice e é o que tem o maior número de atletas na seleção e essa equipe não tem um patrocínio. Teve 4 atletas na seleção, campeões olímpicos, e mais o treinador e essa equipe não tem um patrocínio. Quando chega perto de campeonato a gente sai atrás, ou até tira do bolso da gente pra ajudá a um ou outro, da equipe nossa, vamô dizê, a gente treina na seleção, a gente recebe material tudo, a gente ainda tem outro que tá guardado, a gente repassa uma caneleira, a gente repassa um meião pro amigo, tênis, entendeu? Ainda acontece isso e eu dô direto pra minha associação, né. Então acontece isso, eu voltei de 2004, no campeonato brasileiro que foi em Belo Horizonte, eu vô dizê a você, antes de viajá nós só tínhamos um jogo padrão, um padrão só, quer dizê, um material de jogo, entendeu? E com o dinheiro que a gente tinha recebido pra viagem, ajuda de custo do comitê, né, tinha bolsa-atleta ainda, que foi em 2005, eu patrocinei o material a nossa equipe, entendeu? Eu patrocinei o material a nossa equipe. Porque a gente vai viajá, tem o custo da nossa alimentação, e tava faltando um padrão pra gente, e eu fiz tudo, mandei fazê o material tudo e na hora de botá o patrocínio eu botei o nome do consultório do meu pai. Fui atrás de outras pessoas, lojas lá que, lojas de material esportivo, tudo, falei "Aí, vem depois" e isso e aquilo. E você passava no outro dia a mesma coisa, entendeu? Aí eu digo não vô mais atrás de ninguém não. Acho um pouco cansativo, você chegá, batê na porta e eles dizem "não, vem depois, vem depois", aí fica um pouco cansativo. Daí a gente que tá dentro do negócio, oxente, também pode fazê parte da gente às vezes, até mais um poco, porque vai ser bom pra gente. Pra competição tá todo mundo lá arrumadinho, ajeitadinho, a gente merece. Agora o

pessoal do setor privado deveria olhar mais um poco pra isso. A imprensa melhoro muito porque hoje quando a gente chega, o pessoal conhece a gente: "Ah, mas vocês são da seleção!". Rapaiz, vem o pessoal de colégio chama a gente pra dá palestra *(PESQUISADORA: Divulgo mais o desporto adaptado? Eles estão mais abertos?)*. Sim, muito, como tem nos colégios a matéria de Educação Física, geralmente a gente tá dando palestra nesses colégios. Se tivesse mais apoio ainda seria melhor, quando chega mais próximo da paraolimpíada que é depois da olimpíada, o pessoal da olimpíada, vamô vê se eleva mais um poquinho. Porque depois, né, nós fomos campeões e outras equipes da gente for campeão, das paraolimpíadas. O futebol só tem o campeonato brasileiro, que é a CBDC que faz o campeonato, os regionais e o campeonato brasileiro enquanto outros esportes tem, a Caixa Econômica tem o atletismo e a natação, a gente poderia ter não só a Caixa Econômica mas outros bancos também, fazer um campeonato brasileiro de equipes do Brasil, pra fazê.

PESQUISADORA: Veja bem, depois dessa medalha e a fama, mais pessoas passaram a te conhecer, e muitas vezes o acesso até você fica mais difícil. Como você convive com isso ou você não tem esse problema? Como você convive com pessoas, assessores, que gerenciam a sua vida?

A19: Não, eu convivo normalmente, depois que eu fiquei mais experiente, porque enquanto menino passei por muitas equipes profissionais e tudo, a gente sabe que isso é um pouco passageiro, né. É aquele momento e tal. Mas você não deve deixá de levá sua vida do mesmo jeito que você levava, muda um poco seus hábitos de sair, você diminui mais, entendeu? Porque você tá sendo espelho pra outros, né. Então você vai ter que deixá um pouco do que você fazia antes, você vai tem que regra um poco sua vida. Aí outras pessoas, até chegam perto da gente assim meio retraído um poco, tem medo de fala com a gente, "vai ver que como é que vai receber ele, ele é campeão e não sei que, não sei que", pessoal muitas vezes fica pensando assim, mas daí quando começa a conversá com a gente, conversa e tal daí pega e fala: "Rapaiz, mas eu pensei que você era diferente!" Daí eu digo: "Mas por quê?" "Não, porque você é campeão e não sei o que, eu pensei que era um poco diferente..." Cada um tem a sua cabeça, mas não tem nada a vê não. É até bom que a gente vai aumentando os amigos que a gente vai fazendo por aí. Aqui no Brasil a gente vai aumentando o número de amigos.

PESQUISADORA: Você percebe os verdadeiros amigos, os oportunistas, né, do seu sucesso, você consegue distinguir?

A19: Consigo sim. Consigo porque, às vezes, até pelo modo deles virem falá com a gente, a gente já sabe mais ou menos. Quando a gente chegô de Atenas, a gente chegô no dia 31 de setembro, no mês de outubro foi dia de eleição, foi 1 ou 2 de outubro, uma coisa assim, foi 2 dias antes. Chegô na sexta de tardezinha e no sábado pela manhã meu telefone tocô em casa, 7 e meia da manhã. Duas vezes. Uma vez atendi, porque tava durmindo até. Aí, falei, era o cara candidato a vereador. Outro telefonema, outro cara candidato "Rapaiz, que não sei o que, pra você vir..". Eu disse: "Eu vô vê aqui, cheguei agora ainda tô durmindo aqui, cheguei tal", mas no decorrer disso, até um deles, antes da gente viajar pra paraolimpíada, a gente tava lá na ESEFP, Faculdade de Educação Física lá da Paraíba, em João Pessoa, aí um deles tava sempre lá, olha a parte da gente que fazia natação e isso e

aquilo, ele era candidato. Mas nunca chegô pra gente perguntando se a nossa associação tava precisando de alguma coisa, eu falô da associação porque ajudando a associação você tá ajudando a mim, eu faço parte da associação. Eu tô lá junto na associação, na viagem, tudo, a gente vai ajuda, até carro da associação eu já dirigi porque não tinha ninguém, e a gente tá lá dentro, então tudo que você quisê pra associação vai ser pra você também. Eu senti isso, quando a gente chegava ele nunca ajudô a gente. E quando a gente foi campeão, saiu ligando pra gente saí com ele pra comício, pra não sei o que. Eu disse: "Se dé eu passo aí". Mas eu não fui. Eu fui e sai pra outro canto que não tinha nada a vê com política, amigos meus, porque eu tinha chegado de viagem, que antes da viagem já conversavam comigo e tudo, fui me encontrá com meus amigos. A gente sabe, os mininos sabem também quem tá lá do lado da gente. Teve gente que eu nem conhecia, fui na abertura de uns jogos do Sesi, das indústrias lá, eu fui na abertura desses jogos e teve gente que chegô pra mim e disse: "Rapaiz, eu assisti os jogos de vocês, a gente torceu foi muito!". Várias empresas lá que tinha parado, o pessoal todo vinha pra tirá foto com a gente, essa abertura. Essas pessoas é que valem mais, entendeu, não aquelas que querem se aproveitá. O cara vem ligá pra mim um dia antes quer se aproveitá. Ele nunca chegô pra gente pra vim querê ajudá a associação. Então, infelizmente a gente é até chato às vezes do lado deles também, porque como a gente já sabe, a gente não vai perto, de jeito nenhum. Política mesmo, eu não gosto muito de política, e tem muito disso, você vai atrás tudo e você já tá pensando em outra coisa. A gente distingue muito esse pessoal, os que querem se aproveitá da gente.

PESQUISADORA: Em razão do teu sucesso hoje, você já pensou em algum projeto social ou um grupo que discuta as questões do deficiente?

A19: Se eu já pensei? Tem o projeto Segundo Tempo, que é do governo, tem outros projetos que às vezes a gente até pensa em fazê também, tanto no, fora estado e prefeitura, fazê em escolas particulares também. É meu pensamento fazê, ser professor, meu pensamento é esse. E na própria escola tem como se tivesse uma aula, por exemplo, pra se mostra os esportes que tem que deficiente faz. Pra aquelas pessoas, tem muita gente que não sabe, só sabe quando sai na televisão. E alguns colégios sabem que a gente tem o futebol de cegos, que tem nosso treinador, Vanderlei, que é professor de alguns colégios sabem, mas tem outros que "Ah, vocês jogam? Como é?". Não sabem. E como a Educação Física, como é o estudo tá se aprimorando cada vez mais, acho que também tem que ter no colégio uma matéria que os alunos pudessem ver que tem uns esportes para pessoas com alguma deficiência. Seria muito melhor, porque mais pra frente, se por ventura eles possam a ser um educador físico, possam já chegá pra trabalhá junto com pessoas que tem alguma deficiência sem dificuldade, né. Porque muitas pessoas que vão trabalhar com deficiente têm muitas dificuldades, porque nunca trabalhô e fica muito difícil realmente pra quem nunca trabalhô com deficiente.

PESQUISADORA: Falar em dificuldade, tem alguma dificuldade, houve dificuldade, que você tinha antes dos jogos de Atenas 2004, como atleta, né, que hoje você não tem mais?

A19: Não, eu já tô a um certo tempo com o grupo, aí aprendi muito, a gente vai aprendendo, cada vez vai aprendendo mais com eles.

PESQUISADORA: Você se sente realizado, tem mais algum sonho, quer algo mais?

A19: Tenho, a gente não pode pára de sonhá não *(risos).* Agora é a paraolimpíada, né, na paraolimpíada a gente vai vê para frente o que a gente pode fazê pra melhorá até a parte da gente profissional, vamo vê.

PESQUISADORA: Você se aposenta?

A19: Não, agora, agora não. Ainda tá dando pra dá um poco de dor de cabeça pro pessoal dos outros estados.

PESQUISADORA: Qual a contribuição que você, atleta, enquanto atleta, para o mundo, comunidade, enfim, sua contribuição.

A19: Eu acho que é, vamô se dizê o seguinte, fiz muito amigo, a sinceridade e sabê escutá também os meninos, porque você tem que sabe escuta também, não é só chegá e falá. Você tem que sabê escutá também. Tem que sabê escutá, tem que ser amigo, tem que ser sincero.

PESQUISADORA: Se você tivesse que dizer algo pra uma pessoa que quer ser atleta, o que você diria? Que conselhos você daria?

A19: Conselho que eu daria é que se ele quisé realmente ser atleta, ele tem que ter muita vontade. Ter muita vontade e não perder aquele ânimo, o gosto pelo que ele quer fazer. Se você perde o gosto por aquilo que você quer fazê, você tem que desistí. Acho que ele não deve desistí, se a pessoa quisé, tem que ir em frente mesmo, eu sei que vai ter dificuldades, porque sempre tem dificuldades tanto em casa, na família, no trabalho vai ter, mas se a pessoa quiser e tiver perseverança consegue.

PESQUISADORA: Tem alguma coisa que você queira comentar?

A19: Não, só acho que tá sendo muito proveitoso pra gente podê ter você aqui, né, cada vez mais tá aumentando o número de pessoas que tão envolvidos com a gente e você pode vê, tá aumentando cada vez mais, já veio você, veio a diretora lá, e quem sabe mais na frente vá aumentá mais ainda porque é bom as pessoas quererem também saber como é o nosso esporte. Porque aí depois você vai podê passá o que você achava antes e o que você vai acha depois de conversá com a gente, depois de sabe mais do nosso esporte e do grupo da gente e como é feito o futebol de cegos aqui no Brasil.

Entrevista
A20

PESQUISADORA: Posso gravar também, né, A20?

A20: Pode.

PESQUISADORA: Ocupações?

A20: Eu sou professor de Educação Física.

PESQUISADORA: Idade?

A20: 36 anos.

PESQUISADORA: É, bom você não tem a deficiência, né?

A20: Não, não.

PESQUISADORA: É, eu perguntei para os demais e para você também, de forma geral, assim na tua infância como era, você brincava na rua, do que brincava, as atividades que você brincava na rua, na escola, e se você tinha Educação Física na escola, se você tinha esporte na escola e tudo mais.

A20: Tinha, tinha Educação Física e em frente lá de casa tinha uma quadra de um colégio do estado lá, eu sempre gostava de participar, de brincar de bola, de jogar bola. No colégio era mais direcionado mas em frente de casa lá era mais solto, com um colega mesmo da rua, a gente direcionava mais o futebol, eu sempre gostei mais de futebol.

PESQUISADORA: E na sua infância, as brincadeiras eram, de forma geral, na rua e com bola?

A20: Sempre com bola, é. Na rua, na escola, em casa de família com primos, mas mais pra bola.

PESQUISADORA: E as atividades nas aulas suas de Educação Física, tinham esportes?

A20: Tinha, eu na verdade comecei a ser goleiro agarrando no handebol, né, agarrava no handebol na escola com 12 anos, eu acho, já entrando em equipe como modalidade esportiva. Aí depois com uns 13, 14 anos que eu fui pra um clube participar do futsal já. Aí que eu comecei mesmo, mas na escola tinha Educação Física, tinha esporte mas sempre treinava esporte, o desporto já.

PESQUISADORA: Você foi medalha de ouro no jogos *(A20: Foi é.).* Você acha que a Educação Física na escola contribuiu em alguma coisa para esse sucesso esportivo?

A20: Sim, foi aonde iniciou, né, a parte mais direcionada porque o técnico na minha escola lá foi que me acompanhou até os 16 anos mais ou menos. Eu saí da escola mas saí pra um clube mas era o mesmo técnico, mesmo professor, eu não sei se, assim, influenciou que eu tive um técnico que era bem capacitado e me acompanhou até os 16 anos, mas que teve uma influência, teve. Não sei se é por causa do técnico, mas o técnico era o mesmo que foi do clube, depois com o clube aí já foi para as etapas dos campeonatos estaduais já participando das competições.

PESQUISADORA: Em que momento exatamente você entrou para o esporte adaptado, que no caso o futebol, que você resolveu ser o goleiro, em que momento foi isso e por que, né?

A20: Eu sempre participei de esporte convencional, futsal. Joguei em Recife já com a equipe de profissionais lá, mas quando eu passei no vestibular que fui pra universidade, aí tinha um professor lá na área de adaptada que me convidou para participar de uma equipe lá da minha cidade de Campina Grande e eu fui lá no centro e nem conhecia e estranhei, né. Eu joguei sempre convencional, sempre competição de nível, assim, não é que o nível não é... é que eu não conhecia, aí eu dizia: "Agarrá pra cego no futsal?", "É, é, venha aqui", amistoso que teve entre uma equipe de João Pessoa e de Campina. Aí eu fui e por sinal perdi até o jogo e tomei dois gols. Eu ficava brincando "Eu vô levar gol de cego? Não vô levar gol de cego!", eu ficava brincando, mas depois que eu vi, eu achei interessante. Aí depois deste jogo lá na universidade foi muito rápido a minha projeção pra chegar na seleção, foi muito rápido. Depois desses jogos eu vim pro Baruero e passei por Campina, achei interessante vim pro Baruero daí fui convocado, aí dentro de um ano já cheguei na olimpíada, né, na paraolimpíada.

PESQUISADORA: Quem que te chamou para seleção brasileira? Quando você entrou pra seleção brasileira? Como é que você recebeu essa notícia?

A20: Eu entrei em 2003 quando eu vim para o brasileiro no começo do ano. Aí quando terminou o brasileiro teve a convocação, aí foi os técnicos lá, o Empada, o Vanderlei, acho que fiz uma boa apresentação senão, não estava aqui. Fui convocado e daí então fui levando com muita fé e graças a Deus até hoje tô aqui.

PESQUISADORA: Na tua vida, o que representou a medalha de ouro nos jogos paraolímpicos de 2004 no campo social, no afetivo, família, financeiro?

A20: Assim começando de, de, pra mim foi muito, é muito especial, foi muito especial. Eu mesmo falava muito de televisão, acompanhava muito as olimpíadas. Eu não sabia a proporção, mas quando eu cheguei lá era coisa de primeiro mundo, e a gente, e assim pelo trabalho que a gente teve, a luta era muito grande para chegar até lá, com um ano de treino a pressão era muito grande porque podia até perder o meu emprego lá que eu já trabalhava na área por causa daquele jogo, mas deu para conseguir e quando chegou lá só em tá lá já era uma grande coisa. E quando a competição veio a equipe da gente tava muito bem deu tudo certo e conseguimos a medalha de ouro que foi uma coisa assim, uma coisa que, tanto que eu tô aqui hoje, não desisti, né. Eu até pensava "Será que vô parar em Atenas?", "Não vô?", assim são muitas coisas que a gente pensa. Hoje no financeiro, na área financeira não

dá pra viver só da seleção. Hoje tem uma ajuda de custo tem uma bolsa-atleta aí, não dá para viver, não tem como deixar meu trabalho lá.

PESQUISADORA: Quanto tempo você praticou o... *(A20: O adaptado?).* Isso o adaptado?

A20: Vai fazer 5 anos agora.

PESQUISADORA: Desde quando você tem esse apoio financeiro?

A20: Essa bolsa-atleta eu tô ganhando, a gente foi campeão em 2004, eu tô ganhando, começô em 2006 porque eu fui uma segunda remessa, eu fui medalha de ouro, mas saiu um grupo aqui e tem em média 3 atletas recebendo a 2, 3 anos em média recebendo vai fazer 3 anos agora.

PESQUISADORA: Antes você não recebia nenhum apoio?

A20: Não, eu já joguei assim... você tá dizendo como adaptada, né?

PESQUISADORA: Isso, como adaptada.

A20: Não recebi não, nenhum apoio.

PESQUISADORA: E a sua família em relação a isso, por exemplo, seus pais apoiaram? Não estranharam? Amigos, né? Quando você foi entrar no desporto adaptado sem ser deficiente, né, como é que foi isso?

A20: É, no começo, no caso da minha família, o medo era de eu perder o emprego no brasileiro, no caso no campeonato brasileiro, eu nem pedi dispensa.

PESQUISADORA: Você dava aula de Educação Física?

A20: É, eu trabalhava com futsal lá também, num clube lá. Aí quando eu vim para o primeiro brasileiro, ia passar uns 15 dias fora porque nós vinha de ônibus, vinha e voltava da competição, meus pais estranhavam: "Mas, A20, você vai perder o emprego". Acharam meio estranho, eles não conheciam também a prática e eu vim com o coração. E a competição assim, hoje eu vejo o futebol, o futsal adaptado, para mim eu levo muito a sério tanto que eu tô jogando hoje 90% a mais de futebol adaptado que de convencional.

PESQUISADORA: Olha é interessante isso, né?

A20: É.

PESQUISADORA: Olha você acabou tendo uma medalha de ouro e ficando famoso obtendo sucesso e tudo mais. Você, como é que ficou essa relação das pessoas com você, hoje é mais fácil as pessoas chegarem em você? É, você começa a ter mais amigos, você manteve os amigos ou você percebe quando eles são oportunistas?

A20: Acontece, tem alguns, mas a gente tenta, esse pessoal, assim, não é que a gente vai deixar de conviver, né, mas a gente não pode ter muita confiança porque sabe que naquele momento que a gente tá numa alta, tá no auge, o pessoal se aproxima mais. Mas em termo de mídia, eu acho que deixa a desejar ainda, eu acho já melhorou muito essa parte aí, mas eu acho que ainda deixa a desejar. Ainda pelo resultado que teve, não é fácil o cara ser campeão olímpico, ganhar a medalha olímpica, mas na minha cidade mesmo lá em Campina Grande o pessoal já me conhece, a imprensa depois desse, desse, dessa conquista aí melhorou muito a mídia, mas eu acho que ainda deixa a desejar.

PESQUISADORA: Isso que ia perguntar, como você tá vendo a mídia do desporto adaptado, o fator, o papel da mídia em cima disso, com o aumento do número de medalhas aumentou a mídia? Como é que você vê o papel da mídia nessa história?

A20: Tá tendo evolução pra o que a gente tinha antes de ir para Grécia e trazer essa medalha, pelo menos no futebol que eu tô convivendo.

PESQUISADORA: Em termo de estrutura, apoio...

A20: Em tudo. Mas já deu uma melhorada. A gente já vê saindo hoje em mídia nacional, a gente não via, né, mas tá melhorando. Aos poucos, eu acho lento mas tá melhorando, tá melhorando. Melhorou bem mais que a 4 anos atrás, teve esse pan também, né, que abriu muito, que foi um pan dentro do Brasil e a mídia nacional entrou muito forte.

PESQUISADORA: Você acha que a mídia, no caso da adaptada, ela só fica mais concentrada mais na época dos jogos, que ela poderia divulgar mais ou se ela colaborar com a divulgação do desporto?

A20: Sem dúvida mais perto das competições, de eventos grandes, como olimpíadas, como para-pan que foi no Rio. Nesse lado aí deixa a desejar porque quando a gente ganha a medalha de ouro, 2, 3 meses ninguém fala mais, espera mais um título de 4 anos. Então nesse lado eu acho que deixa a desejar.

PESQUISADORA: Fora esse seu trabalho que você faz, né, de goleiro, com esse sucesso que é hoje o desporto adaptado do futebol, você já pensou em algum projeto social ou grupo de discussões em relação ao deficiente?

A20: Já, já trabalhei até lá na minha cidade com ... que eu comecei no grupo ... iniciação treinamento de futsal com iniciação de crianças, mas devido alguns... Tudo tem seus contratempos tem algum pessoal que fecha os olhos, outros... Aí teve alguns problemas dentro da minha instituição lá, aí eu tive que dar um tempo, tive que dar um tempo, não teve como eu continuar este trabalho. Mas eu não entendo porque lá na minha cidade a minha equipe que eu comecei ela, eu tinha vários clubes me chamando por todo o Brasil, clube adaptado de futsal, mas eu não ia, eu ia ficar lá porque foi onde me projetou. Eu ia ficar lá, mas teve alguns problemazinhos pequenos tanto que hoje eu não tô jogando na equipe minha lá, tô jogando numa equipe do Rio aqui, mas esse trabalho lá eu dei um tempo, mas eu penso de aos poucos eu tô voltando lá. Eles viram que não foi culpa minha, eles se precipitaram um pouco, quiseram fazer uma estratégia lá que talvez eles pensaram

que não ia voltar e, eu não voltei, mas hoje eu já estou recuperando esse espaço e eu penso em continuar. Tanto que eu tenho uma vantagem porque essa é minha área, essa parte, né, e eu gosto muito, me identifico muito com eles, são pessoas maravilhosas, pessoas normais só não tem a visão, mas é muito interessante e eu acho que pela pouca experiência que eu já peguei indo pra uma olimpíada e, se Deus quiser, prestes a disputar uma outra vaga pra outra olimpíada, eu tenho muito que contribuir principalmente lá na minha cidade que eu tô morando, contribuir com crianças, com pessoas em iniciação e eu penso em trabalhar nesta área de futsal também.

PESQUISADORA: Qual a sua cidade mesmo?

A20: Campina Grande, Paraíba.

PESQUISADORA: Nossa, muitos de vocês são de Campina Grande, né. Olha a gente sabe que o caminho percorrido por esse pessoal hoje, que tem essa medalha de ouro, não foi fácil. Concretamente: sou deficiente e quero praticar esporte, o que você diria: como você acha que eu deveria iniciar, que caminhos, até chegar ao desporto adaptado?

A20: Assim, eu cheguei assim já com a equipe já montada, né, mas hoje tem muitas escolas inclusivas que tão jogando com o pessoal que é deficiente visual, eles tão jogando, fazem Educação Física junto com o pessoal do convencional, tem esse lado, mas procurar um professor com o desporto que ele se identifique e falar com o professor pra ver se na cidade tem, tem clube que também tem, onde tem uma equipe. Às vezes tem muita gente que perde a visão e pensam que não vai poder fazer nada, "aquele coitadinho", e não tem nada ver isso. Aí tem que procurar e não vão deixar de ter a deficiência, mas com certeza tem como vencer e o esporte é uma maneira muito boa de integração, de superação. Eu conheço vários exemplos de pessoas que depois que chegou no esporte a visão melhorou em tudo, começaram a estudar porque não tinham base e não queriam estudar, e começaram a estudar, e hoje com essa integração do pessoal de todo o Brasil, todo mundo, e estão crescendo. Então o que eu deixo aí pra todos é que procurem algum professor, procurem professor da área de Educação Física, uma pessoa que tenha experiência na cidade e com certeza vai encontrar alguma equipe, algum projeto social que vai se integrar e não vai se arrepender, com certeza vai só crescer.

PESQUISADORA: Você se sente realizado? Tem algum sonho? Quer algo mais?

A20: Assim, a gente não pode dizer que se sente realizado, que não tem mais sonho porque se não, não tem motivo para viver. Tem, com certeza, tem. Eu boto na minha cabeça assim, é lógico que eu queria entrar para minha área aqui que é a associação brasileira de futsal e, assim, o que passou, passou. A gente teve na olimpíada e ganhou o ouro, eu acho que foi muito bom mas a gente não pode viver de passado. Infelizmente no país que a gente vive, a gente não pode viver de passado, se eu for ficar "eu ganhei isso" ou "ganhei isso" o tempo vai passar por cima, as pessoas vão passar por cima e a gente fica parado. Eu mesmo tenho vários sonhos e várias metas aí para conseguir. Uma das primeiras é conseguir essa vaga e estar lá, né, e segundo ser bicampeão olímpico, mas tem várias metas, vários objetivos, mas cada um num passo de cada vez, sem muita pressa, sem atropelar ninguém, mas contando os passos cada vez mais.

PESQUISADORA: Qual a contribuição que você quer, como atleta, deixar para o mundo, mas o mundo enquanto ser humano e pro mundo esportivo?

A20: Assim, quem me conhece na área de adaptada sabe que maravilhoso, que eu não tenho preconceito, é esquisito dizer, mas infelizmente a sociedade tem muito preconceito com eles, que não tenham medo de chegar, de falar, de trocar idéias. Eu, depois que, 4, 5 anos aprendi muito com eles, dô minha contribuição também mas aprendi muito com eles e a visão que eu tinha do ceguinho, do coitadinho, acabou para mim. E hoje, pelo contrário, e vejo como pessoas normais, então a gente aprende muitas coisas e é um exemplo de vida e enquanto as pessoas que se dizem normais, né, reclamam da vida e tenho um exemplo como eles aqui e só sabê. Quem convive mesmo e quem não conhece procure se aproximar de algum para você ver que tem muita coisa a aprender, eles tem muito a dar.

PESQUISADORA: Sei, entendi. Tem alguma coisa que você queira registrar ou comentar?

A20: Eu quero agradecer e quero dizer que estou sempre a disposição aqui e espero que você venha para outros encontros aqui, a gente já com a medalha de ouro do bicampeonato olímpico, aí se Deus quiser a seleção brasileira.

PESQUISADORA: Tá jóia!